



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

POLIANA MACEDO DE SOUSA

**TURISMO RELIGIOSO EM NATIVIDADE-TO:
FESTAS RELIGIOSAS, AGENCIAMENTOS E O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Palmas/TO
2021

POLIANA MACEDO DE SOUSA

**TURISMO RELIGIOSO EM NATIVIDADE - TO: FESTAS RELIGIOSAS,
AGENCIAMENTOS E O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional avaliado para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes

Palmas/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725t Sousa, Poliana Macedo de .

Turismo Religioso em Natividade - TO: festas religiosas, agenciamentos e desenvolvimento local. / Poliana Macedo de Sousa. – Palmas, TO, 2021.

391 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Desenvolvimento Regional, 2021.

Orientador: José Rogério Lopes

1. Desenvolvimento Local. 2. Turismo Religioso. 3. Cultura. 4. Natividade.
I. Título

CDD 338.9

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

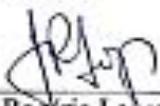
POLIANA MACEDO DE SOUZA

**"TURISMO RELIGIOSO EM NATIVIDADE-TO: FESTAS RELIGIOSAS,
AGENCIAMENTOS E O DESENVOLVIMENTO LOCAL."**

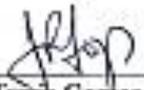
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do
Tocantins para obtenção do título de Doutor.
Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes

Aprovada em 05/11/2021.

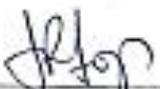
BANCA EXAMINADORA:



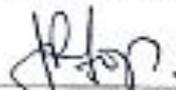
Prof. Dr. José Rogério Lopes (Orientador) – UFT



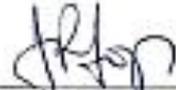
p) Profa. Dra. Tereza Gomes Parente – UFT



Prof. Dr. Alex Pizzio da Silva – UFT



Prof. Dr. Adimilson Renato da Silva – IFTO



Prof. Dr. Frederico Salomé de Oliveira - UFT

*Para meus pais,
que fizeram e fazem o seu melhor,
e para meu filho,
por quem eu faço o meu.*

*No começo eu era só certezas.
No meio eu era só dúvidas.
Agora é o final
e eu só duvido.
(Mario Quintana)*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que fizeram e fazem tanto por seus filhos e netos.

Ao meu orientador pela parceria, confiança e ensinamentos nessa jornada de quase quatro anos.

Ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e conseqüentemente à Universidade Federal do Tocantins pelo apoio nesta etapa acadêmica da minha vida em busca do ensino gratuito, público e de qualidade.

E, especialmente ao meu filho, que dos 5 aos 8 anos de idade foi paciente comigo, entendendo minhas faltas no dia a dia e por compreendendo quando a mamãe não pôde estar presente de modo integral, contudo tivemos nosso tempo de qualidade juntos!

RESUMO

Esta pesquisa pretende investigar nas principais festas religiosas da cidade de Natividade – Tocantins, a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, como se dá a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso, por meio do agenciamento dos atores sociais em torno de uma identidade religiosa que é atribuída à cidade. Utilizou-se, principalmente, enquanto construção basilar sobre cultura e identidade autores como Bajoit (2006) e a teoria gestão relacional de si, atrelada ao *habitus* apresentado por Bourdieu (2009), enquanto modo de vida, que influencia as forças performáticas tratadas por Yúdice (2004). No que tange ao desenvolvimento local, utilizou-se diversos autores que trabalham com o desenvolvimento endógeno e que visualizam a cultura enquanto fator gerador de desenvolvimento para uma comunidade ou região. A pesquisa parte da ontologia de interação sujeito-objeto, com epistemologia construtivista, levando assim, à adoção de uma abordagem fenomenológica e que utilizou métodos de pesquisa de natureza qualitativa, de natureza aplicada, de caráter e objetivos exploratórios, tendo sido utilizadas técnicas de produção de dados como levantamento bibliográfico, aliadas aos registros e análise dos diários de campo com observação participante, aplicação de questionário online para 120 pessoas e entrevistas em profundidade com vinte e três atores sociais que possuem relação com a área do turismo e da cultura em Natividade. Foram também utilizados registros fotográficos e gravações audiovisuais, justapondo narrativas da memória e história às observações registradas e ao material produzido durante a Festa do Divino e a Romaria do Senhor do Bonfim no ano de 2018 e 2019 (de forma presencial) e nos anos de 2020 e 2021 de maneira remota (devido à pandemia do novo coronavírus). Contudo, o material coletado reflete mais de quinze anos de envolvimento da autora com o referido tema. Supõe-se que a identidade religiosa atribuída à cidade de Natividade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas religiosas adquirem centralidade. Com isso, esta tese apresenta sobre os agenciamentos em torno das festas religiosas de Natividade, em que não se tratará de sujeitos ou instituições, mas sim, de reconhecer os projetos desenvolvidos na localidade e quem são os atores que estão envolvidos nesses projetos. A identificação desses agenciamentos em torno do projeto de turismo religioso para a cidade de Natividade é fundamental para entender os processos que ocorreram ou ocorrem no município, uma vez que esses agenciamentos podem ser individuais, em grupos ou por associações. Por fim, as interpretações possibilitaram estabelecer a tese de que existe sim uma lógica de organização dos atores na comunidade de Natividade, de modo que os agenciamentos em torno das festas religiosas, não pretendem afirmar a cidade como um destino para o turismo religioso dentro do Tocantins, mas sim uma autopromoção de atores isolados em si ou agrupados por afinidades familiares. E ainda, que as ações são voltadas para o turismo cultural, turismo de experiência e mais recentemente, o ecoturismo. Ainda não há uma consciência comunitária que o turismo religioso possa ser atrativo. Há uma consciência individualizada e falta, portanto, criar e colocar em prática a rede de atores com projetos e ações.

Palavras-chaves: Turismo Religioso. Desenvolvimento local. Natividade. Tocantins.

ABSTRACT

This research intends to investigate the main religious festivals in the city of Natividade – Tocantins, the Festa do Divino Espírito Santo and the Pilgrimage of Senhor do Bonfim, how the relationship between local development and religious tourism occurs, through the agency of social actors around of a religious identity that is attributed to the city. Authors such as Bajoit (2006) and the relational management theory of the self, linked to the habitus presented by Bourdieu (2009), as a way of life, which influences the performative forces treated by Yúdice (2004), was used mainly as a basic construction on culture and identity. With regard to local development, several authors who work with endogenous development and who see culture as a factor generating development for a community or region were used. The research starts from the ontology of subject-object interaction, with a constructivist epistemology, thus leading to the adoption of a phenomenological approach and using research methods of a qualitative, applied nature, character and exploratory objectives, using production techniques data such as bibliographic survey, combined with records and analysis of field diaries with participant observation, application of an online questionnaire for 120 people and in-depth interviews with twenty-three social actors who are related to the area of tourism and culture in Nativity. Photographic records and audiovisual recordings were also used, juxtaposing narratives of memory and history to the recorded observations and material produced during the Festa do Divino and Senhor do Bonfim Pilgrimage in 2018 and 2019 (in person) and in 2020 and 2021 remotely (due to the new coronavirus pandemic). However, the material collected reflects more than fifteen years of involvement by the author with the aforementioned theme. It is supposed that the religious identity attributed to the city of Natividade demarcates a set of practices and manifestations that can guide a model of local development, in which religious festivals acquire centrality. With that, this thesis presents about the assemblages around the religious festivals of Natividade, in which it will not be about subjects or institutions, but about recognizing the projects developed in the locality and who are the actors that are involved in these projects. The identification of these assemblages around the religious tourism project for the city of Natividade is essential to understand the processes that occurred or occur in the municipality, since these assemblages can be individual, in groups or by associations. Finally, the interpretations made it possible to establish the thesis that there is indeed a logic of organization of actors in the Natividade community, so that the agencies around religious festivals do not intend to affirm the city as a destination for religious tourism within Tocantins, but rather a self-promotion of actors isolated in themselves or grouped by family affinities. And, that the actions are geared towards cultural tourism, experience tourism and, more recently, ecotourism. There is still no community awareness that religious tourism can be attractive. There is an individualized awareness and, therefore, there is a lack of creating and putting into practice the network of actors with projects and actions.

Key-words: Religious Tourism. Local development. Natividade. Tocantins.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Mapa dos limites da Capitania de Goyaz - 1750 (A); "Mapa dos Julgados" 1777-1778 (B). -----	21
Figura 2 - Imagens do Centro Histórico de Natividade/TO -----	23
Figura 3 - Mapa de Localização - Natividade/TO -----	24
Figura 4 - Igrejas de Natividade: Ruínas N. S. Rosário dos Pretos (A), Matriz N. S. da Natividade (B), Igreja de São Benedito (C) e Igreja do Espírito Santo (D). -----	25
Figura 5 - Devotos na missa do Capitão do Mastro (A), Cortejo do Imperador (B), Folião aquecendo o tambor (C), Fiéis na missa do Capitão do Mastro (D), Almoço da Saída das Folias (E) e a Bandeira do Divino (F). -----	32
Figura 6 - Encontro das Folias (A), Descida do Mastro (B); Coroação do Imperador (C); Cortejo do Imperador (D); Chegada do cortejo na Igreja do Divino Espírito Santo (E), Foliões cantando o Bendito no pouso (F) e Esmola Geral (G). -----	34
Figura 7 - Jornal ‘Norte de Goyaz’ dos anos 1800 citando a Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade. -----	37
Figura 8 - Placas de sinalização pedindo atenção aos motoristas e pedestres (A, E); Uma das estações da Via Sacra da Romaria (B); Devoto fazendo o percurso correndo até o Bonfim (C); Fila de carros para entrada no Santuário (D); Romeiros (F, G) e Ponto de apoio do Governo do Tocantins (H). -----	40
Figura 9 -Imagens da Romaria do Senhor do Bom Bonfim ao final da missa campal no dia 15 de agosto. -----	42
Figura 10 - Devotos no interior da Igreja após Missa Campal (A); Vista da igreja rodeada por devotos (B); Altar com a imagem do Senhor do Bonfim, local aonde devotos formam filas para pagar suas promessas (C). -----	42
Figura 11 - "Shopping do Bonfim" e o comércio pelas ruas do Santuário: (A) Barracas com roupas para comercialização; (B) Vendedores ambulantes de terços e fitinhas; (C) Comércio com produtos dispostos no chão para melhor visualização dos clientes. --	44
Figura 12 - (A) Interior da loja de souvenirs do Santuário; (B) Fiéis escolhendo produtos para comprar; (C) Fachada da loja de souvenirs do Santuário que teve apoio do Sebrae e SENAR para instalação. -----	45
Figura 13 - Fluxograma da Metodologia de Pesquisa -----	58
Figura 14 - Entrevista com online, por vídeo chamada, com a presidente da Assegtur, Fernanda Taiã. -----	68
Figura 15 - Entrevista presencial com a presidente de honra da Asccuna, Simone Camelo. ----	68
Figura 16 - Esquema de Mobilização e Desmobilização dos indivíduos nos níveis de implicação. -----	103
Figura 17 - Cultura no desenvolvimento sustentável (A); Cultura para o desenvolvimento sustentável (B) e; Cultura como desenvolvimento sustentável (C). -----	124
Figura 18 - Folheto com os atrativos de Turismo de Experiência e o Turismo Educacional. -	169
Figura 19 - Folders com oferta de passeios em Natividade pela Agência Serra Geral. -----	170
Figura 20 - Loja do biscoito Amor-Perfeito: visitantes e a autora com os proprietários. -----	182
Figura 21 - Loja Divino Artesanato mantida pela prefeitura com produtos de artesãos locais. -----	185
Figura 22 - Produção de lembranças de Natividade com réplicas das igrejas de Natividade. -	185
Figura 23 - Canecas produzidas pelo Grupo Tia Benvinda com imagens de Natividade. -----	186
Figura 24 - Casa de Cultura de Natividade sendo reformada na atual gestão (2021-2024). ---	191

Figura 25 - Imagens utilizadas durante a pesquisa de demanda para as Serras Gerais no PDITS. -----	199
Figura 26 - Volume turístico na região das Serras Gerais. -----	202
Figura 27 - Desenvolvimento turístico das Serras Gerais. -----	203
Figura 28 - Qual sua relação com as festas religiosas de Natividade? -----	215
Figura 29 - O que te marca mais quando participa de alguma dessas festas?-----	215
Figura 30 - Festa do Imperador do Divino Espírito Santo em 2019. -----	243
Figura 31 - Candidato e governador em 2018, Mauro Carlesse comparece à Festa do Divino. -----	245
Figura 32 - Em 2010, governador tampão Carlos Gaguim discursou durante a missa do Imperador. -----	246
Figura 33 - Cobertura da Festa do Divino nos anos de 2000 (A), 2003 (B) e 2010 (C). -----	247
Figura 34 - Cobertura no JTO nos anos de 1998 (A), 2005 (B), 2012 (C) e 2013 (D). -----	248
Figura 35 - Em 2020, festeiros junto com a Asccuna e Igreja fizeram alguns ritos em homenagem ao Divino Espirito Santo. -----	250
Figura 36 - Políticos durante a Romaria do Bonfim nas Eleições Suplementares (A, C, D, F), na Eleição 2014 (E) e Governo atual (B). -----	263
Figura 37 – Capas do Caderno de Cultura na cobertura jornalística da Romaria nos anos de 1998 (A), 1999 (B), 2015 (C) e 2011(D). -----	265
Figura 38 - Cobertura da Romaria além da parte religiosa em 2010 (A) e (B), 2002 (C) e (D). -----	265
Figura 39 - Matéria no Jornal Nacional sobre a Romaria do Senhor do Bonfim em 2019. ----	266
Figura 40 - Folheto da Campanha de Arrecadação de donativos para o Santuário.-----	268
Figura 41 - Comunidade do Bonfim quando não é época de Romaria. -----	269
Figura 42 - Estrutura da comunidade do Bonfim quando não há Romaria. -----	270
Figura 43 - Via dos Romeiros BR-010 que liga Natividade até o Bonfim. -----	270
Figura 44 - Transmissão da Missa do Senhor do Bonfim durante a pandemia. -----	275
Figura 45 - Romaria do Bonfim em 2020 no período da pandemia. -----	275

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação dos atrativos turísticos e religiosos.....	144
Tabela 2 - Prazos estabelecidos no PDITS das Serras Gerais.	201

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Cidade de Origem.....	209
Gráfico 2 - Gênero	210
Gráfico 3 - Estado Civil	210
Gráfico 4 - Renda Média.....	210
Gráfico 5 - Escolaridade	211
Gráfico 6 - Faixa Etária.....	211
Gráfico 7 - Ocupação Profissional	212
Gráfico 8 - Qual meio de comunicação você utiliza no dia a dia para se informar?	212
Gráfico 9 - Participação nas festas.....	213
Gráfico 10 - Quantos dias participam das festas?.....	213
Gráfico 11 - Quantas vezes você participou das festas?.....	214
Gráfico 12 - Quais os principais motivos em participar dessa (as) festa (as)?	214
Gráfico 13 - Festa do Divino: Limpeza	216
Gráfico 14 - Festa do Divino: Energia Elétrica	217
Gráfico 15 - Festa do Divino: Sinal de Internet.....	217
Gráfico 16 - Festa do Divino: Estacionamento.....	218
Gráfico 17 - Festa do Divino: Segurança do local.....	218
Gráfico 18 - Festa do Divino: Área das Missas	218
Gráfico 19 - Festa do Divino: Atendimento ao público visitante	219
Gráfico 20 - Festa do Divino: Público Visitante.....	219
Gráfico 21 - Festa do Divino: Organização	220
Gráfico 22 - Romaria do Bonfim: Limpeza	220
Gráfico 23 - Romaria do Bonfim: Energia Elétrica	221
Gráfico 24 - Romaria do Bonfim: Sinal de Internet	221
Gráfico 25 - Romaria do Bonfim: Estacionamento	222
Gráfico 26 - Romaria do Bonfim: Segurança do local	223
Gráfico 27 - Romaria do Bonfim: Área das Missas.....	223
Gráfico 28 - Romaria do Bonfim: Atendimento ao Visitante.....	224
Gráfico 29 - Romaria do Bonfim: Público visitante	224
Gráfico 30 - Romaria do Bonfim: Organização.....	225
Gráfico 31 - Quando participa das festas, você visita outros locais turísticos de Natividade?.....	226
Gráfico 32 - Depois da parte religiosa da festa, o que costuma fazer?.....	226
Gráfico 33 - Lugares turísticos que visita em Natividade após as festas.....	227
Gráfico 34 - Se alguma empresa oferecesse passeios turísticos pela região, você iria?.....	227
Gráfico 35 - Você comprava alguma lembrancinha para as pessoas que não puderam ir?	228
Gráfico 36 - Em que locais comprava essas lembranças de Natividade?.....	228
Gráfico 37 - Qual lembrança costuma comprar quando vai às festas?	229
Gráfico 38 - Você benzia as lembranças quando as comprava para presentear?.....	229
Gráfico 39 - Natividade pode ser um destino de turismo religioso?.....	229
Gráfico 40 - Quando você vem participar das festas religiosas, onde você fica?.....	230
Gráfico 41 - Qual meio de transporte utiliza para chegar às festas?.....	231
Gráfico 42 - Nos últimos anos, o que achou de melhor na estrutura da Festa do Divino?.....	232
Gráfico 43 - Nos últimos anos, o que achou de melhor na estrutura da Romaria do Bonfim?	232
Gráfico 44 - O que deve melhorar na estrutura da Festa do Divino para os próximos anos?...233	
Gráfico 45 - O que deve melhorar na estrutura da Romaria do Bonfim para os próximos anos?	233

Gráfico 46 – Terminal Rodoviário.....	234
Gráfico 47 - Transporte Intermunicipal	235
Gráfico 48 - Apoio ao Visitante.....	235
Gráfico 49 - Restaurantes.....	236
Gráfico 50 - Posto Médico.....	236
Gráfico 51 - Hospedagem	237
Gráfico 52 - Sinalização turística.....	237

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAV	Associação Brasileira das Agências de Viagens
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACINAT	Associação Comercial e Industrial de Natividade
ACP	Ação Civil Pública
ADETUC	Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa
Anvisa	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
Aprotur	Associação dos Profissionais de Turismo do Estado do Tocantins
Asccuna	Associação Comunitária Cultural de Natividade
ASSEGTUR	Associação de Turismo das Serras Gerais
ATI	Agência de Tecnologia da Informação
ATS	Agência Tocantinense de Saneamento
ATTR	Associação Tocantinense de Turismo Receptivo
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
BPMA	Batalhão de Polícia Militar Ambiental
BPMRED	Batalhão de Polícia Militar Rodoviário e de Divisas
Cadastur	Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CAF	Banco de Desenvolvimento da América Latina
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAT	Centro de Apoio ao Turista
CBM	Corpo de Bombeiros Militar
Ciopaer	Centro Integrado de Operações Aéreas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNC	Confederação Nacional do Comércio
ComBratur	Comissão Brasileira de Turismo
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
Detran	Departamento de Trânsito do Estado
DOE	Diário Oficial do Estado
Embraer	Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A
Embratur	Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo
FAET	Federação de Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins
FAPT	Fundação de Amparo à Pesquisa
FUPPAC	Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICS	Instituto de Ciências Sociais
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDR	Índice de Desenvolvimento Regional
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ISSQN	Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
ITERTINS	Instituto de Terras do Tocantins
Mers	Síndrome Respiratório do Médio Oriente
MPTO	Ministério Público do Tocantins

MTur	Ministério do Turismo
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
Pastur	Pastoral do Turismo
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PDRIS	Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável
PDTIS	Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável
PEC – TO	Política Estadual de Cultura do Tocantins
PGCiamb	Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente
PIB	Produto Interno Bruto
PM	Polícia Militar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPA	Plano Pluri Anual
PPGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
PRF	Polícia Rodoviária Federal
PRODETUR	Programa de Desenvolvimento do Turismo
Sars	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SC-TO	Sistema de Cultura do Tocantins
Sebrae/TO	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Tocantins
SEDEN	Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura do Estado do Tocantins
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senar/TO	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Tocantins
SESC	Serviço Social do Comércio
Setas	Secretaria do Trabalho e da Assistência Social
SNC	Sistema Nacional de Cultura
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPI	Sociedade Portuguesa de Inovação
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
THR	Innovative Tourism Advisors
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UM	Universidade do Minho
UN	United Nations
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

SUMÁRIO	17
1. INTRODUÇÃO.....	19
1.1. Contextualização e caracterização: Natividade - Tocantins e suas festas religiosas.....	20
<i>1.1.1. Festa do Divino Espírito Santo de Natividade – TO</i>	<i>29</i>
<i>1.1.2. Romaria do Senhor do Bonfim.....</i>	<i>35</i>
1.2. Foco, escopo e justificativa da pesquisa	46
1.3. Metodologia da pesquisa e instrumentos de produção de dados.....	52
<i>1.3.1. Adequações metodológicas durante a pandemia de Covid-19.....</i>	<i>61</i>
1.4. Organização da tese	69
2. CULTURA, PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE	73
2.1. Teoria Cultural: hegemonia, tradição e autenticidade.....	74
2.2 Patrimônio e Memória.....	80
2.3 Cultura como recurso: o habitus e as forças performáticas	90
2.4. A identidade e as lógicas de ação social: a religiosidade como prática de identificação.....	98
3. A CULTURA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	111
3.1. Cultura e desenvolvimento: conceitos iniciais	112
3.2. O local como ferramenta para o desenvolvimento regional.....	118
3.3. Cultura no/para/como Desenvolvimento	122
3.4. Cultura e Desenvolvimento: como estão as políticas para a cultura no Tocantins?.....	125
4. TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL	131
4.1. Turismo: origem, conceitos e categorias.....	132
4.2. Turismo Religioso: da peregrinação à atividade econômica.....	138
4.3. Tocantins: sua história e o desenvolvimento regional	147
4.4. Serras Gerais e o turismo em Natividade – TO	152
5. FESTAS RELIGIOSAS, AGENCIAMENTOS E O TURISMO RELIGIOSO	165
5.1. Agenciamentos locais e o turismo em Natividade	168
5.2. Políticas públicas nas Serras Gerais: o que planeja o poder público?.....	194
5.3. Quem vai às festas religiosas de Natividade?	208
<i>5.3.1. Perfil dos participantes.....</i>	<i>209</i>
<i>5.3.2. Participação nas festas religiosas de Natividade.....</i>	<i>213</i>

5.3.3. Avaliação da organização da Festa do Divino Espírito Santo.....	216
5.3.4. Avaliação da organização da Romaria do Senhor do Bonfim	220
5.3.5. Percepção do turismo nas festas religiosas.....	225
5.3.6. Infraestrutura das festas religiosas de Natividade	230
5.3.7. Infraestrutura Turística de Natividade	234
5.4. Devoção, fé e comunidade: a Festa do Divino Espírito Santo.....	241
5.5. Fé, penitência e abandono: a Romaria do Senhor do Bonfim	256
5.6. O turismo religioso é possível?.....	278
6. CONSIDERAÇÕES.....	296
REFERÊNCIAS	300
APÊNDICES	318

1. INTRODUÇÃO

A criação do estado do Tocantins, em 1988, validou um projeto de autonomia que expressava as necessidades econômicas e político-administrativas daquela época, como também trouxe consigo os anseios de outras gerações e seus projetos inconclusos.

Marca essa trajetória, movimentos desde 1821, momento em que em algumas Províncias do Brasil e seus ideais liberais influenciavam os movimentos de independência nacional, passando pelos anos 1940, 1950 e 1960 do século XX, com diversas ações e movimentos nos municípios do então Norte de Goiás. E, por fim, o movimento que inicia em 1984, seguindo até 1988 também do século XX, quando o Tocantins foi desmembrado do estado de Goiás em 5 de outubro de 1988, tendo sua criação e configuração outorgadas por meio da Constituição Federal deste mesmo ano (BRASIL, 1988).

O discurso utilizado para essa separação territorial era de evidenciar as dificuldades socioeconômicas do Norte de Goiás, além de demonstrar que existiam potencialidades que poderiam ser exploradas com o novo estado. “Atribui-se esse contraste regional ao desprezo político-administrativo da representação do poder em Goiás, fator que preponderou e prepondera na construção do discurso autonomista do Tocantins ao longo de sua trajetória” (CAVALCANTE, 2003, p.13).

A ideia de pertencimento ao Norte Goiano e não ao estado de Goiás, reforçou o discurso¹ separatista, em que a diferença regional, a discriminação e o abandono político-administrativos foram assimilados pelos habitantes. Nos jornais da época, nos discursos políticos dentre outros registros destacavam e identificavam toda essa região, que hoje é o Tocantins, como o “Norte Goiano”.

Logo, os traços culturais atribuídos à identidade de ser do Norte Goiano devem ser reconhecidos como traços regionais que convergem para a própria constituição desse estado, que foram repassados de geração para geração, seja pela influência familiar ou pelo próprio processo de colonização dessa região.

O município de Natividade, cidade histórica da região sudeste do Tocantins e distante 218 km da capital, Palmas, também foi cenário desses movimentos para separação do Norte Goiano do estado de Goiás e tantos outros que marcaram a história da região. Cidade interiorana,

¹ Para saber mais sobre a criação do estado do Tocantins ler CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. O discurso autonomista do Tocantins. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

ao pé da Serra da Natividade, que ainda conta com suas ruas de paralelepípedo, casas centenárias preservadas ao longo dos anos, ruínas e igrejas, uma herança da sociedade escravocrata que por ali viveu. Sentar em algum banco da Praça Leopoldo Bulhões no Centro Histórico e escutar apenas o vai e vem das pessoas, os pássaros, o vento nas árvores e se encantar com a sensação de estar onde se parece que o tempo parou. Mas não parou!

1.1. Contextualização e caracterização: Natividade - Tocantins e suas festas religiosas

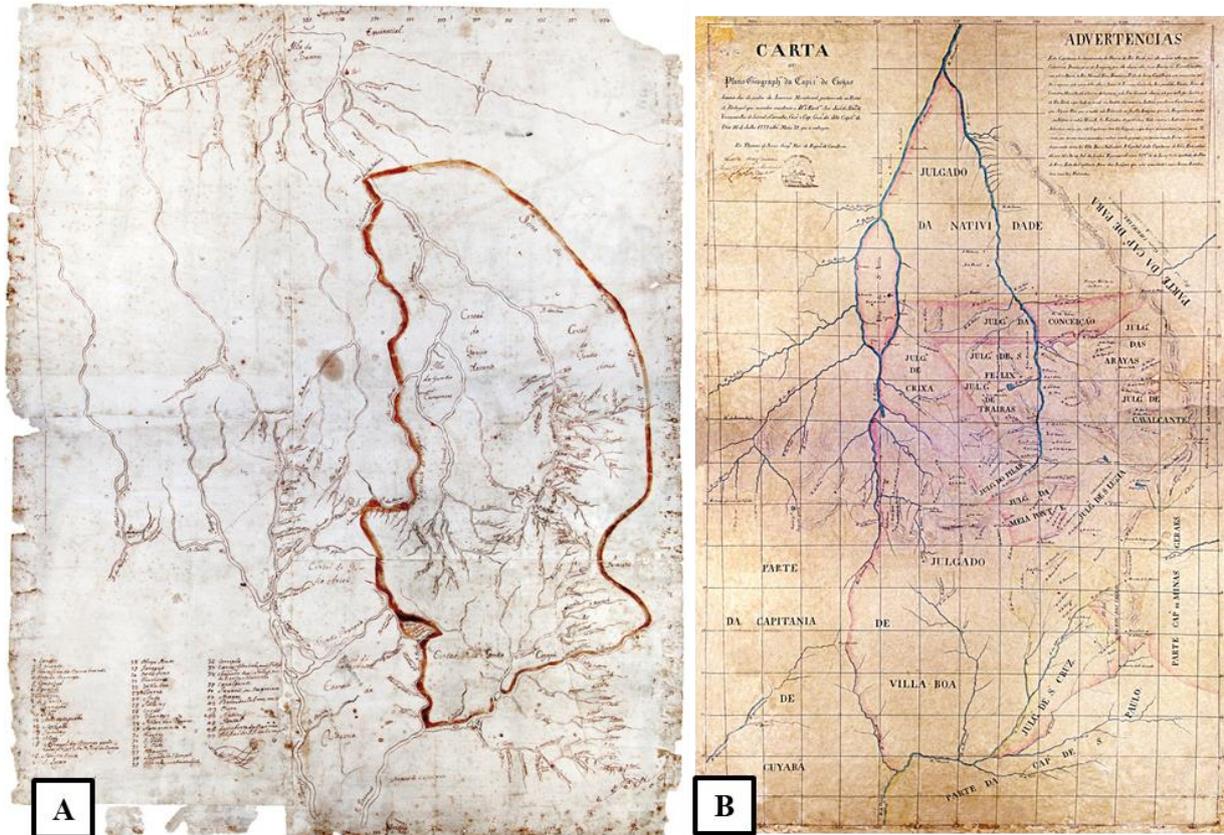
A região de Natividade foi descoberta, segundo a maioria dos historiadores, pelo português Antônio Ferraz de Araújo, que estabeleceu uma mineração de ouro na serra que margeia a cidade, por volta de 1734. Em consequência disto, surgiu o povoado no alto da serra denominado São Luiz, nome em homenagem ao governador da capitania de São Paulo, Dom Luiz de Mascarenhas, que esteve na região em 1740 para organizar as minas.

A capitania de Goiás surgiu com as descobertas de minas de ouro na segunda década do século XVIII. [...] Para a metrópole lusitana, devido as políticas mercantilistas praticadas pelos países europeus neste período, só interessava o cobiçado metal, levando portanto, a tomar medidas no sentido de vedar o surgimento de outro tipo de economia, como a proibição do cultivo da cana-de-açúcar e a implantação de engenhos. [...] As minas de Natividade logo se tornaram as mais importantes do norte da Capitania, o que fez com que o arraial fosse logo elevado à categoria de julgado (PARENTE, 1998, p. 196).

Conforme mapas² da época, Natividade era considerada um dos mais importantes arraiais da região norte e sempre manteve relações comerciais com outras capitanias por meio das Serras Gerais, como também pelos rios Tocantins e Araguaia. Com isso, essas duas vias (serras e rios) foram fechadas pela Coroa portuguesa para evitar os contrabandos, ficando assim, isolada na região.

² Primeiro mapa dos limites da Capitania de Goiás foi elaborado a pedido do Secretário da Capitania, Ângelo dos Santos Cardoso. Para mais informações sobre o contexto político, econômico e social da elaboração deste mapa, o primeiro de “Goiáz”, bem como de outras especificidades sobre ele, consultar o artigo “Primeiros mapas da Capitania de Goiás”, do historiador Wilson Vieira Júnior.

Figura 1– Mapa dos limites da Capitania de Goyaz - 1750 (A); "Mapa dos Julgados" 1777-1778 (B).



Fonte: SILVA; VIEIRA Jr. (2018)

De 1809 a 1815, Natividade foi sede da Comarca do Norte³, sendo residência do Ouvidor. Por Resolução de 1º de fevereiro de 1831, foi elevada à categoria de Vila. Em 1834, possuía 300 casas e ruas guarnecidas de calçadas de laje. Em 22 de julho de 1901, foi criada a Comarca de Natividade, instalada em 23 de dezembro de 1905.

Como arraial, vários acontecimentos importantes marcaram a história da localidade, tais como a divisão da Província de Goyaz em duas comarcas em 1809 (do norte e do sul), sendo Natividade sede da Comarca do Norte, até que se construísse a sede definitiva (vila da Palma, ocorrido em 1815), sob o comando do ouvidor português Joaquim Theotônio Segurado. Posteriormente, entre 1821 e 1823, houve o movimento separatista na região norte da província

³ A construção cartográfica da Carta ou Plano da Capitania de Goyaz de 1778, documento oficial da coroa portuguesa, reunia elementos da paisagem, representava o relevo e as bacias hidrográficas, as construções como intervenção no território e apropriação do espaço, além as estradas que ligavam Goiás a Minas, a Cuiabá e a Salvador. Apresentava uma hierarquia para classificar os povoados conforme sua inserção na economia da mineração: Vila Boa, arraiais com freguesia, arraiais sem freguesia e as aldeias (estas por último, representando onde a sociedade mineira de Goiás enxergava o índio). “A ‘Carta ou Plano Geographico da Capitania de Goyas’ ou, simplesmente, ‘Mapa dos Julgados’, consagrado na historiografia clássica, terminou de ser feita em maio de 1778, pelo Sargento-mor, Tomás de Souza.

de Goiás com a liderança do Theotônio Segurado, em que um governo autônomo foi criado com sede inicialmente em Cavalcante, Arraias e posteriormente em Natividade, que também teve sob comando do ouvidor nativitano, o tenente coronel Pio Pinto de Cerqueira.

Na segunda metade do século XVIII, Natividade entra no processo letárgico de estagnação, como em todas as outras regiões brasileiras produtoras de ouro, em consequência do rareamento do metal e por falta de outro tipo de economia que viria a substituir à atividade mineradora (PARENTE, 1998, p. 197).

Durante o ciclo do ouro, Natividade foi um dos mais importantes núcleos de garimpo na primeira metade do século XXVIII. Há relatos que, em seu apogeu, a mineração chegou a ter cerca de 40 mil escravos, por volta de 1745. “E, a partir de 1770, por mais de 200 anos, o lugar permaneceu em relativa obscuridade, embora a produção de ouro jamais cessasse” (IPHAN, 2006, p. 7).

Grande parte dos autores de livros de memória e viagens descreviam negativamente as terras de Natividade por onde passavam, porém, há também muitos registros positivos como a fartura do lugar e os aspectos religiosos da população. Natividade, apesar de ser um dos principais centros da comarca, sofreu em parte com a falta de informações da Coroa em decorrência da distância (DIAS, 2019, p. 64).

Em 18 de dezembro de 1920, o Governador João Alves de Castro fez aquartelar em Natividade a 4ª Companhia da Força Pública, com o objetivo de defender a região dos conflitos existentes (após o conhecido massacre de São José do Duro⁴ em 1919) e melhorar a arrecadação de impostos aos cofres públicos.

Na manhã de 6 de outubro de 1925, a cidade recebeu a Coluna Prestes⁵, com o seu Estado Maior, composto de Luís Carlos Prestes, Juarez Távora, Cordeiro de Faria, Siqueira Campos, Miguel Costa, João Alberto e os goianos Atanagildo França e Manoel Macedo. Em 1930, deu-se a supressão da Comarca, que posteriormente foi criada sob o Termo e Município do mesmo nome de Natividade.

Conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, o município possui cerca de nove mil habitantes (com população estimada

⁴ Massacre de São José do Duro, também conhecido como Chacina dos Nove ou Barulho do Duro, aconteceu em São José do Duro (GO), hoje Dianópolis (TO), em janeiro de 1919. O conflito estaria relacionado a uma disputa de poder, nos tempos do coronelismo, entre uma oligarquia de Goiás e a família Wolney que tinha a hegemonia de São José do Duro. Na praça da cidade chamada de "Praça da Capelinha dos Nove" onde houve a chacina há uma placa com os nomes dos homens que são tratados como heróis pelos moradores da cidade. Há também uma réplica do tronco onde eles foram torturados e assassinados.

⁵ Foi um movimento organizado por tenentistas que percorreu o Brasil entre 1925 e 1927 combatendo as tropas dos governos de Artur Bernardes e Washington Luís durante a Primeira República. Ao longo de sua trajetória, os membros da Coluna percorreram mais de 25 mil quilômetros em protesto contra os governos vigentes.

em 9.250 habitantes⁶ no ano de 2020), cuja principal atividade econômica é a Administração e Serviços Públicos com 35,57%, seguida pelo setor de Serviços (25,06%) e Indústria (23,52%). A cidade também é conhecida por sua extração do calcário dolomítico⁷ (NEGREIROS NETO, 2015).

Figura 2 - Imagens do Centro Histórico de Natividade/TO



Fonte: Flávio Cavaleira e perfil @natividade (Instagram)

Natividade possui uma extensão territorial de 3.241,672 km², está localizada na região sudeste do estado do Tocantins. Com relação à economia do município, Natividade possui 93% das suas receitas oriundas de fontes externas (TOCANTINS, 2017). E, ainda conforme dados do IBGE (2017), o percentual de população ocupada equivale a 9,5%, o que é equivalente a 883 pessoas, sendo que o salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 1,9 salários mínimos. Outros 43,7% da população possui rendimento nominal mensal per capita de até meio salário.

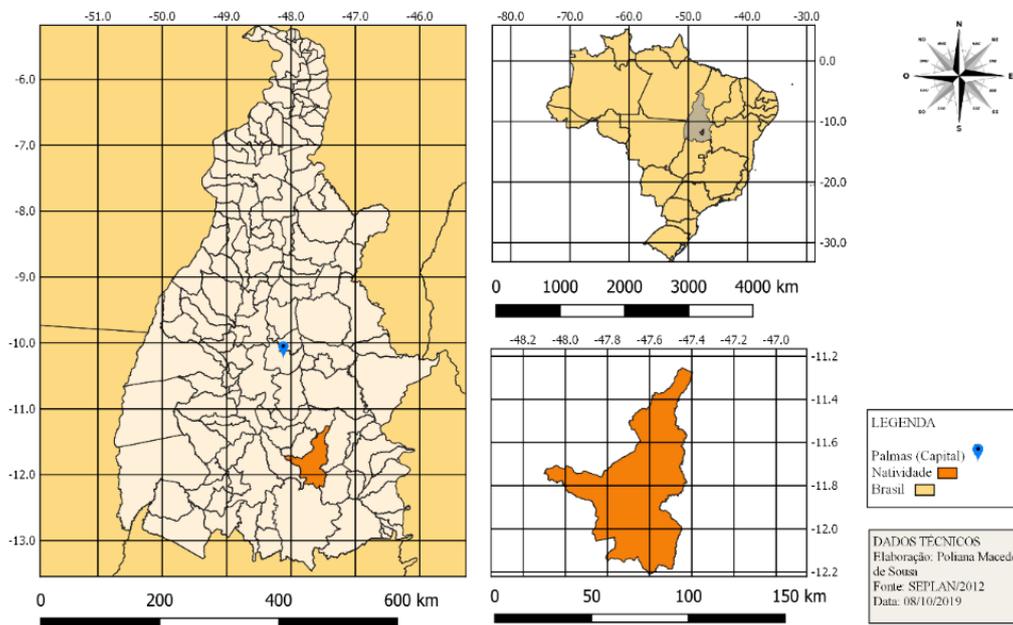
Porém, em Natividade, não há diversidade de agências bancárias, sendo disponível no município apenas a agência do Banco da Amazônia e uma Casa Lotérica. Quando algum morador ou comerciante precisa utilizar serviços bancários deve se deslocar até Porto Nacional

⁶ Ver em <http://cod.ibge.gov.br/D76>

⁷ Mais informações sobre o assunto no trabalho: NEGREIROS NETO, João Vidal de. Caracterização para aproveitamento agrícola de resíduo de calcário. 67f. Tese (Doutorado em Produção Vegetal) - Universidade Federal do Tocantins, Gurupi, 2015.

percorrendo 350 km (ida e volta), Dianópolis 250 km (ida e volta) ou para Gurupi 400 km (ida e volta).

Figura 3 - Mapa de Localização - Natividade/TO



Fonte: Sousa (2019)

A cidade contabiliza 250 imóveis do período colonial, edificações seculares, e mantém preservadas muitas crenças, além de tradições e festas religiosas, de forma que, em 1987, Natividade passa a ser reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Histórico Nacional, inscrita nos Livros do Tombo Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pela Lei 6.292, de novembro de 1975. Cumprindo os efeitos do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, em que foi homologado o tombamento do Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico da cidade de Natividade, então pertencente ao estado de Goiás, pelo Ministério da Cultura, na época comandado pelo Ministro Celso Monteiro Furtado (MESSIAS, 2010).

À organização espacial das cidades coloniais, principalmente àquelas surgidas em consequências da mineração, percebe-se a importância do espaço físico em que a Igreja foi construída. Importância do papel político e social, papel normativo e institucional, que a Igreja exercia nos primórdios da colonização e que perdura até o advento da República com o surgimento do município (PARENTE, 1998, p. 195).

Nas cidades coloniais brasileiras, é partir da Igreja que surgiam as ruas e não ao contrário. Em Natividade têm-se três principais igrejas que foram preservadas e são tombadas como

patrimônio: a Matriz Nossa Senhora da Natividade, a Igreja de São Benedito e a Igreja de Nossa Senhora Rosário dos Pretos⁸.

Natividade é a única cidade de norte do antigo Goiás que ainda conserva um núcleo apreciável de edifícios históricos, mas, o que mais se preservou foi a estrutura das Igrejas, permanecendo suas linhas originais. [...] As Igrejas de Natividade foram construídas em lugares destacados e altos da cidade, dando a impressão que as mesmas estão ali em vigília constante para com toda a cidade e sua população, onde as ruas parecem surgir todas procedentes do largo da Igreja e não o inverso (PARENTE, 1998, p. 198).

Desse histórico cultural e de forte presença da Igreja Católica na comunidade, têm-se que as principais festas religiosas de Natividade são: a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, apesar da comunidade comemorar tantas outras como o Dia de Santos Reis, São Sebastião, Nossa Senhora das Candeias, Dia de São Brás, Terços de São José, Semana Santa, Santo Expedito, São Jorge, São João, São Benedito, São Cosme e Damião, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Natividade, esta última sendo a padroeira do Tocantins.

Figura 4 - Igrejas de Natividade: Ruínas N. S. Rosário dos Pretos (A), Matriz N. S. da Natividade (B), Igreja de São Benedito (C) e Igreja do Espírito Santo (D).



Fonte: Imagens A e D (Autora, 2019) e Imagens B e C (Autora, 2011).

A Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim foram estabelecidas como tradição⁹ no Tocantins. Entende-se que essas festas são diferenciadas na região,

⁸ Retrato fiel da sociedade escravocrata, a edificação foi iniciada pelos negros livres, mas só metade ficou concluída por falta de meios, sobretudo pela diminuição da produção de ouro. Para mais informações ver POHL, Joann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1976.

⁹ Instrução Normativa nº 001/2012 que disciplina os procedimentos para inclusão de eventos culturais no Calendário e Agenda Culturais do Tocantins e dá outras providências. Sendo Eventos Tradicionais: eventos realizados há pelo menos 10 (dez) anos ininterruptos e que faça parte de uma comunidade específica, transmitido de geração à geração e que tenham reconhecimento em nível estadual por parte do Governo do Estado.

caracterizando-se pela sua singularidade, nas quais os ritos e as celebrações são específicos para seus públicos. Mesmo assim, ainda são poucas pesquisas realizadas no Tocantins sobre suas manifestações culturais e religiosas, as quais seriam de suma importância para registro dessas tradições.

Sobre as festas religiosas em Natividade, o que se tem de informação atualmente, resume-se às matérias jornalísticas nos meios de comunicação, inclusive nos oficiais do governo do estado, arquivos na Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), material produzido pelo Iphan, além de trabalhos de conclusão de curso e alguns artigos científicos. Dentre os pesquisadores que trabalham com religiosidade e festas religiosas no Tocantins, pode-se citar Messias (2010), Oliveira (2010), Souza (2012), Sousa (2017), dentre outros.

Atualmente, estão publicados os trabalhos de alguns autores que têm se dedicado às pesquisas sobre assuntos pontuais relacionados às festas religiosas pelo estado do Tocantins, como aponta a revisão de literatura sobre o tema, a partir de palavras-chave como: festas religiosas, turismo e Tocantins. Esse levantamento foi realizado por meio do Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no dia 14 de maio de 2020. Logo, obteve-se um total de 12 trabalhos (três teses e sete dissertações), sendo que dessas pesquisas, sete são sobre manifestações na cidade de Natividade.

Especificamente sobre Natividade e sua religiosidade, tem-se o trabalho pioneiro da autora Noeci Carvalho Messias, a tese *“Religiosidade e Devoção: As Festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO”* defendida em 2010 junto a Universidade Federal de Goiás (UFG) que abordou as experiências cotidianas de devoção da religiosidade popular realizadas anualmente nas duas cidades e ainda observou que embora a origem histórica das festividades do Divino Espírito Santo seja a mesma, os caminhos percorridos pelas duas cidades revelam práticas ritualísticas diversas, embora semelhantes. Muitos dos elementos existentes nos festejos do Divino Espírito Santo de Monte do Carmo não existem em Natividade e vice-versa (MESSIAS, 2010).

Em 2012, foi defendida a dissertação de autoria desta pesquisadora, intitulada *“História, Memória e Religiosidade na Festa do Divino Espírito Santo em Natividade-TO”* no Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente na Universidade Federal do Tocantins (UFT) que relatou o processo de organização da comunidade do município de Natividade, no Tocantins, em torno da realização da Festa do Divino Espírito Santo, além de compreender a sua contribuição na construção da cultural local.

Em 2013, foi publicado outro estudo de autoria de Francisco Phelipe Cunha Paz: a dissertação *“Retalhos de Sabença: Ofícios, saberes e modos de fazer dos Mestres e artífices da construção tradicional em Natividade – Tocantins”* junto ao Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural que buscou identificar e descrever os ofícios, os modos de fazer e as técnicas construtivas da construção tradicional de Natividade – TO, evidenciando a existência de permanências, transformações e perdas nas técnicas e modos de fazer originários dos processos construtivos dos séculos XVIII e XIX.

Já em 2015, a pesquisadora Eloisa Marques Rosa apresentou a dissertação *“A Suça em Natividade: festa, batuque e ancestralidade”* ao Mestrado em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG) em que a Suça de Natividade foi analisada como uma manifestação de “encruzilhada”, na intersecção entre o batuque do negro e a devoção cristã, com ênfase no seu contexto da Festa do Divino Espírito Santo e nos batuques, forjados no bojo da cultura afro-brasileira.

Em 2019, a produção científica sobre Natividade aumentou e contou com a publicação de três dissertações. O autor Wátila Mísla Fernandes Bonfim apresentou a dissertação *“Os filigraneiros de Natividade, Tocantins: patrimônio imaterial, identidade e turismo”* ao Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, em que se objetivou investigar como as joias tradicionais e/ou filigranadas de Natividade marcam a relação da sociedade com o lugar, dinamizando as relações sociais e econômicas das pessoas. A pesquisadora Nayara Lopes Botelho apresentou a dissertação *“Corpo, comunicação e performance em Romana de Natividade”* ao Programa de Mestrado em Comunicação e Sociedade também da Universidade Federal do Tocantins, em que investigou a formação corporal, performativa e os elementos cosmológicos construídos e comunicados por Romana de Natividade, mulher que tornou-se uma referência no estado do Tocantins devido a sua arte, comunidade, espiritualidade, corpo e profecias de um futuro que já está se estabelecendo. E, ainda neste mesmo ano, o jornalista Weberson Ferreira Dias defendeu a dissertação *“O corpo a serviço da fé: representações religiosas na Romaria do Bonfim em Natividade (TO)”* no Programa de Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (UEG) com o objetivo de entender o corpo enquanto parte elementar e essencial das festividades religiosas, no intuito de compreender suas representações e suas funcionalidades no contexto desse culto religioso.

Dentro do cenário da revisão de literatura, surgiram demais pesquisas que tratam do tema religiosidade, porém em outros municípios tocantinenses, sendo duas teses e uma dissertação, a partir da mesma pesquisa no Banco de Dissertações e Teses da Capes.

Em 2017, a dissertação *“Fé e devoção no culto a Nossa Senhora do Rosário e ao Divino Espírito Santo na Festa da Sucupira”* do autor Weverson Cardoso de Jesus, apresentada ao Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), em que a pesquisa destaca o processo de formação e constituição da Festa da Sucupira, com ocorrência na zona rural do município de Dianópolis – TO, como expressão de uma memória coletiva e como representação da religiosidade dos seus partícipes, sujeitos e grupos envolvidos. No mesmo ano, a tese *““Aquela vida véia dali num é a vida daqui””: As Influências da Igreja Católica e as Consequências da Modernidade e Urbanização na Religiosidade dos Antigos Moradores do Povoado Canela, em Palmas-TO”* do pesquisador Frederico Salomé de Oliveira, apresentada ao Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) sobre as realizações culturais e práticas religiosas dos antigos moradores do povoado Canela¹⁰, especialmente durante os festejos ao Divino Espírito Santo, como lugares de memória que se transformam de acordo com as influências da Igreja e imposições da urbanidade, desencadeando novas formas de manifestação da fé e mudanças nas tradições, costumes, valores, modo de vida e identidade da comunidade.

E, em 2019, a tese *“Festas e sociabilidades nos sertões: a rainha Nossa Senhora do Rosário”* da pesquisadora Marinalva do Rêgo Barros Silva, apresentada ao Doutorado Dinter em Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e Universidade Federal do Tocantins (UFT), em que teve o propósito de compreender o contexto no qual a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte do Carmo se insere e os sentidos que lhe são atribuídos pela comunidade local, garantindo sua permanência no transcurso das gerações.

Sendo assim, considerando o escopo restrito deste trabalho, frente ao potencial que a temática apresenta, esta tese centra-se em investigar as principais festas religiosas da cidade de Natividade, neste caso a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, de forma a reconhecer e analisar como se estabelece a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso, por meio do agenciamento de seus atores em torno de uma identidade religiosa e cultural que é atribuída à cidade.

Nesse sentido, este estudo pretende contribuir para a valorização da cultura local e compreender os processos das relações entre os atores sociais na promoção do desenvolvimento local por meio do turismo religioso. Por ser interdisciplinar, a pesquisa busca dialogar com diferentes áreas do conhecimento como: Turismo Religioso, Cultura, Patrimônio e

¹⁰ Comunidade ribeirinha transferida para a cidade de Palmas quando seu território foi submerso para formação da represa da Usina Hidrelétrica de Lajeado, no Tocantins.

Desenvolvimento Regional, além de se desenvolver por intermédio de uma abordagem fenomenológica e por meio da etnografia.

1.1.1. Festa do Divino Espírito Santo de Natividade – TO

Caracterizada como uma festa católica, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir os fiéis em torno da mensagem de Cristo, a festa de Pentecostes dá lugar às manifestações comunitárias de regozijo e alegria em que as pessoas do campo reuniam-se na cidade mais próxima, seguindo em procissão, cantando e dançando em louvor ao Divino Espírito Santo.

A festa israelita para a celebração de Pentecostes¹¹ tem origem remota em cultos pagãos cananeus¹² ligados a terra e à colheita dos cereais que acabaram por se judaizar. Assim, o culto ao Espírito Santo era altamente misterioso, quase esotérico. As suas raízes cristãs, ainda que evidente, misturam-se, porém, com rituais pagãos consubstanciados em que a Igreja “apropriasse dos quadros espacio-temporais e mesmo certas formas de culto pagão e converte esses lugares, tempos e práticas em culto cristão. [...] A herança pagã do culto do Espírito Santo se verifica em diferentes momentos [...] o papel central do ciclo solar”¹³ (MATA, 2000, p. 23-24).

A festa em celebração a Pentecostes ou, como se conhece, Festa do Divino Espírito Santo, teve sua origem em Portugal com expansão do seu culto por toda a Europa Ocidental, durante o século XII, com grande influência fomentadora de ordens religiosas, como os franciscanos; o patrocínio do poder real e, por arrastamento, das classes sociais mais abastadas; o seu caráter caritativo do “bodo aos pobres¹⁴”, o que tinha grande popularidade; cortejos e cerimoniais ricos

¹¹ De acordo com o Novo Testamento da Bíblia Sagrada, marca no calendário cristão, a descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria e os apóstolos e o início da expansão da Igreja no mundo.

¹² Na verdade, as três grandes solenidades do povo da Antiga Aliança eram: a festa das primícias dos campos, a das messes e a das colheitas, no fim do ano agrícola. A primeira, denominada dos Ázimos, tem o cunho, de facto, de uma celebração agrária no Livro dos Números (c. XXVIII) e no Levítico (c. XXIII) a da oferenda dos primeiros frutos, a que veio a associar-se a comemoração da saída do Egipto; a segunda é de acção de graças pelas searas maduras oferecendo-se as primícias colhidas, 50 dias depois de a foice haver começado a cortar os cereais sazonados, chamada Festa das Semanas ou Pentecostes; a terceira, no termo das colheitas, tem o nome de Tabernáculos (MARQUES, 2000, p. 650).

¹³ No calendário eclesiástico cristão os momentos litúrgicos “positivos” andam associados aos dois solstícios: o Natal e o Pentecostes, relacionados respectivamente com os solstícios de Inverno (25 de Dezembro) e de Verão (24 de Junho) (Mata, 2000, p. 23-24).

¹⁴ Dar comida aos pobres.

e suntuosos, com espetáculos impressionantes; e implementação desse culto, preferencialmente em zonas de influência dos grandes centros (ABREU, 1999).

Em Alenquer, região sudoeste de Portugal e distante 50 km de Lisboa, capital daquele país, deu-se a implantação do modelo de “império” e que neste, teve papel de grande significância, em que a Rainha Isabel de Aragão espalhou o culto por todo o país nos séculos XIV e XV e, a partir do continente, chega às ilhas da Madeira e Açores com continuidade até os dias de hoje, além das colônias portuguesas, como o Brasil (LOPES, 2004).

No entanto, tal tradição de que a Rainha Isabel de Aragão é a precursora do culto ao Espírito Santo é contrariada pela existência de documentação mais antiga, que se refere à existência de modelos culturais desta natureza, anteriores e ligados intimamente às confrarias do Espírito Santo e cujos dados, apesar de escassos, parecem (se tomados em termos globais) irrefutáveis (LOPES, 2004).

A festa chegou ao Brasil por meio da colonização dos portugueses. De um modo geral, as festas do Espírito Santo tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. Todavia, as escassas e pouco precisas referências que existem acerca das origens das festas do Divino em terras brasileiras, ainda hoje vivas, nos remetem principalmente para o período compreendido entre o primeiro e o terceiro quartos do século XIX, embora, por exemplo, em Pirenópolis, no estado de Goiás, a mesma parece ter sido introduzida em meados do século XVIII, à semelhança, aliás, de Guaratinguetá, no estado de São Paulo com informações remontando a 1751 (ABREU, 1999).

Das demais cidades pelo país que celebram o Divino Espírito Santo, têm-se a histórica Paraty, no litoral sul do Rio de Janeiro, em que a festa é registrada como patrimônio cultural; em Alta Floresta, no estado de Rondônia, onde a celebração é fluvial; em Minas Gerais, estado de forte tradição religiosa em que são pelo menos 41 municípios realizam essas comemorações somente no mês de maio, destacando Diamantina, São João del-Rei, Sabará e Mariana; além da Festa do Divino da comunidade de Marmelada, no Piauí, e a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, interior de Goiás (BRASIL, 2015d).

As festas foram introduzidas no Brasil com as entradas e bandeiras, conforme apontam alguns autores brasileiros e portugueses. No país, as folias foram precursoras dos populares festejos do Espírito Santo pelo interior do Brasil por se ambientarem geralmente na roça.

Já no Tocantins, as festas vão de janeiro a julho de acordo com as características de cada localidade e são realizadas em várias cidades, especialmente nas regiões sudeste e central do estado, nas cidades de Almas, Santa Rosa, Chapada de Natividade, Peixe, Silvanópolis, Paranã,

Conceição do Tocantins, Palmas, Porto Nacional, Araguacema, Araguaçu, Monte do Carmo e Natividade (MESSIAS, 2010).

A Festa do Divino Espírito Santo de Natividade é considerada uma festa tradicional no Tocantins, caracterizando-se pela sua singularidade, em que alguns personagens, ritos e celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil e, em consequência, para a região central do país. É na década de 80 do século XX que as comemorações em torno da festa do Divino Espírito Santo em Natividade tomam ‘corpo’ (MESSIAS, 2010).

Para Durkheim (2008), os rituais delimitam a relação entre sagrado e o profano, estabelecendo normas referentes ao comportamento quando no momento do sagrado. Logo, em todas as celebrações religiosas existem regras estabelecidas, por meio dos símbolos e ritos, que desempenham a função de mediar a relação do indivíduo e sua divindade.

Em Natividade, a Festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus, em que símbolos como a pomba e a cor vermelha representam, respectivamente, o Divino e o fogo, e estão presentes em toda parte, seja nas bandeiras, decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões.

Segundo Yêda Barbosa (2017), tradicionalmente, a festa é preponderantemente masculina, embora existam papéis reservados às mulheres, principalmente nas atividades de preparação dos festejos, como montagem de altares e enfeites e no preparo de vestimentas e alimentos, restringindo-se aos domínios privados da festa. Dentre os personagens principais que incrementam a Festa do Divino de Natividade, temos a predominância de figuras masculinas, sendo eles: Imperador, Capitão do Mastro, Alferes e Foliões.

A preparação para a festa inicia-se um ano antes, com o sorteio dos festeiros na Missa de Coroação do Imperador, no Dia de Pentecostes. Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não ‘soltar’ alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos sejam eles em dinheiro ou produtos para realização da festa. Tradicionalmente, são três folias que saem na Festa do Divino do Espírito Santo em Natividade: a Folia de Cima, a Folia dos Gerais e a Folia do Outro Lado do Manoel Alves.

Com o passar do ano, as atividades em torno da festa continuam: reuniões para escolha dos Alferes, foliões, locais e roteiros dos pousos, composição de músicas dentre outros. Até a chegada do dia das celebrações solenes como a Saída das Folias, no Domingo de Páscoa da

Semana Santa, os 40 dias de Giro das Folias, a Festa do Capitão do Mastro, a Coroação e Festa do Imperador do Divino Espírito Santo.

Figura 5 - Devotos na missa do Capitão do Mastro (A), Cortejo do Imperador (B), Folião aquecendo o tambor (C), Fiéis na missa do Capitão do Mastro (D), Almoço da Saída das Folias (E) e a Bandeira do Divino (F).



Fontes: Imagens A, B e D (Emerson Silva, 2010) e Imagens C, E e F (Autora, 2010).

Antes, durante e depois da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade e em todo o processo de organização da mesma, demonstra-se que as pessoas envolvidas, cada qual com sua habilidade, trabalham para conseguir realizá-la da melhor maneira possível, com abundância de comida e bebida.

Logo, a festividade é caracterizada por ser uma festa comunitária, solene e repleta de ritos, predominando o dever e a obrigação por parte de todos, seja na preparação das comunidades, nos pousos, no giro das folias e em todos os rituais que a complementam.

Para que um ritual religioso popular cumpra o que se espera dele, é preciso que tudo seja feito observando regras rigorosas de conduta. Todos os momentos são prescritos e neles, todos os gestos individuais e coletivos também. Alguns versos podem ser improvisados, mas os atos que os acompanham não. Cantos, rezas, posturas de corpo, detalhes de trocas entre pessoas – entre foliões, entre foliões e moradores, entre foliões e promesseiros, acompanhantes – necessitam ser, ao longo de cada jornada anual, rigorosamente cumpridos em cada casa, em cada momento de chegar, de pedir, de comer, de agradecer, de abençoar, de partir, para que tudo seja a repetição de um demorado momento de culto coletivo que reinventa uma tradição acreditada, porque se repete todos os anos da mesma maneira. Tudo deve ser feito como sempre foi, para que tudo seja como todos sabem que é e acreditam que deva ser (BRANDÃO, 2010, p. 71).

No início das comemorações da Semana Santa, as celebrações oficiais da festa do Divino Espírito Santo tomam corpo e inicia-se a preparação das folias com a preparação das tropas para saírem em busca de donativos que em troca desses, evangelizam as pessoas no sertão tocantinense. Nesse processo de preparação das tropas que sairão nas folias estão o de conseguir

animais e equipamentos de montaria, além de mantimentos que serão consumidos antes e durante a viagem, como os bolos de arroz e biscoitos caseiros, mais conhecidos como petas.

No Domingo de Páscoa as folias saem para o Giro, porém a preparação e o trabalho dos Despachantes e festeiros já haviam iniciado meses antes. No Sábado de Aleluia, a movimentação em torno da Festa do Divino Espírito Santo cresce e toma conta das ruas. Os foliões são os devotos do Divino, eles percorrem junto com a folia a zona rural, os povoados e cidades circunvizinhas. Eles também são os músicos que compõem, cantam as catiras e as rodas, tocam e dançam aonde quer que cheguem com a bandeira do Divino.

Assim, a festa reproduzia não somente as suas manifestações tradicionais, senão também, uma ordem de relações especializadas entre os atores locais, dispostas em uma hierarquia coletivamente estabelecida e legitimada, na qual a negociação constante entre os atores institucionalizados eclesiais e leigos orientavam as pautas de ação do projeto de promoção do evento, mesmo que tensionados por conflitos constantes (LOPES, 2014, p. 137).

O Giro de quarenta dias termina em uma quinta-feira, dez dias antes da comemoração do Dia de Pentecostes, que é quando acontece o Encontro das Folias na praça da Igreja Matriz, em que assinam o termo de compromisso, fazem as vênias com as bandeiras do Divino e entoam cânticos com muita alegria.

A comunidade comparece em grande número para celebrar esse momento. Homens, mulheres, jovens e crianças se reúnem ao redor do pátio circular construído especialmente para esse momento da Festa. Nem o sol forte desanima os devotos.

Nos dias que antecedem os demais ritos solenes que compõem a Festa do Divino, nesse caso a Esmola Geral, a Festa do Capitão e a Festa do Imperador, os devotos concentram-se nos locais em que as festas serão realizadas para organizar a ornamentação e a alimentação, dentre outros afazeres para os próximos dias de festejo em tributo ao Divino (SOUSA, 2017).

No sábado acontece a Esmola Geral. No período da manhã, as mulheres da comunidade (em sua maioria idosa) organizam a Igreja Matriz para a saída da Esmola Geral que acontece por volta das 15h. Toda a Igreja é enfeitada na cor vermelha e as bandeiras do Divino chegam de diversas localidades, sendo abençoadas pelo pároco. Geralmente são bandeiras de devotos, ex-festeiros, promesseiros, doações e novas bandeiras.

Figura 6 - Encontro das Folias (A), Descida do Mastro (B); Coroação do Imperador (C); Cortejo do Imperador (D); Chegada do cortejo na Igreja do Divino Espírito Santo (E), Foliões cantando o Bendito no pouso (F) e Esmola Geral (G).



Fontes: Imagem A (Flávio Pereira, 2010); Imagens B e C (Emerson Silva, 2011); Imagens D e E (Autora, 2010) e, Imagens F e G (Autora, 2019).

No mesmo dia da Esmola Geral acontece a festa do Capitão do Mastro. Nela, o Capitão é levado da sua casa até a porta da Igreja Matriz, local em que foi realizada a missa em sua

celebração, em cima de um mastro de aproximadamente cinco metros de altura. A comunidade acompanha o mastro até a Praça da Igreja Matriz, ao som de música, dança suça e com velas iluminando o caminho.

Em 2010, ocorreram mudanças na festa do Divino Espírito Santo, sendo o último ano em que a Coroação e Missa Solene do Dia de Pentecostes aconteceram na Igreja Matriz, no Centro Histórico de Natividade. Em 2011, as comemorações foram transferidas para outras igrejas da cidade: a Igreja do Espírito Santo, próxima à entrada de Natividade, recebeu a Missa Solene, e na Igreja São Benedito foi realizada a Coroação do Imperador. Atualmente, a Coroação acontece na casa do Imperador (retorno da tradição, conforme os devotos) e a Missa Solene na Igreja do Espírito Santo.

Todos os “do lugar” compartilham crenças e conhecimentos comuns. Pouca coisa pode ser improvisada, se é porque desigualmente se sabe o que vai acontecer e desigualmente se sabe como proceder que o rito recria o conhecido e, assim, renova a tradição; aquilo que se deve repetir todos os anos como conhecimento, para se consagrar como valor comum. Renova um saber cuja força é ser o mesmo para ser aceito. Repetir-se até vir a ser, mais do que apenas um saber sobre o sagrado, um saber socialmente consagrado (BRANDÃO, 2010, p. 58).

Regidos pelas regras de um código estabelecido durante anos, os devotos e foliões do Divino Espírito Santo acompanham esses ritos do que pode ou se deve fazer, o que não fazer em cada momento e como deve ser feito outros momentos, sendo protagonistas ou apenas coadjuvantes dentro dessa relação (SOUSA, 2017).

É a partir do sorteio dos festeiros pelos Procuradores da Sorte que um novo ciclo se inicia, novas famílias são inseridas nesse contexto e a devoção permanece. Assim, são nesses locais de experiência religiosa que as pessoas aprendem as crenças que sustentam as normas e que codificam a vida em sociedade.

1.1.2. Romaria do Senhor do Bonfim

A história da devoção ao Senhor do Bonfim começa em Setúbal, a 32 km de Lisboa, Portugal, em 1669, quando, segundo uma tradição popular na cidade, uma mulher havia encontrado na areia da praia, entre alguns pedaços de madeira, a imagem do Senhor do Bonfim.

A estatueta, esculpida em madeira, teria sido o único objeto que restou de um navio que provavelmente naufragou (DIAS, 2019; GROETELAARS, 1983; IPHAN/MINC, 2010).

No Brasil, mais precisamente na Bahia, o culto ao Senhor Bom Jesus do Bonfim, nasceu em 1740, com a vinda a Salvador do Capitão de Mar e Guerra, o português Theodósio Rodrigues de Faria, sendo proprietário de três barcos que faziam a rota comercial pela costa da África e membro do comitê de administração.

O capitão, pela grande devoção que tinha ao Senhor do Bonfim, através da imagem que se venera em Setúbal (sua cidade natal), em Portugal, trouxe de Lisboa uma semelhante àquela, medindo 1,06 de altura, e, compondo o conjunto escultórico, um aparelho de prata [...] e, com permissão do Arcebispo Dom José Botelho de Matos, fê-la colocar e expor à adoração dos fiéis (IPHAN/MINC, 2010, p. 8).

Logo, a devoção de Nosso Senhor do Bonfim em Salvador¹⁵ cresceu e a partir daí se começou a festejar. A organização da Festa do Bonfim, ficava a cargo de uma associação leiga formada no ano de 1745 por portugueses, principalmente por navegantes e comerciantes, para render homenagens ao Jesus Crucificado pelas graças alcançadas, seja uma viagem marítima bem sucedida ou uma transação comercial favorável. Atualmente, a festa é organizada pela Igreja.

Além de Salvador, a devoção ao Senhor do Bonfim está presente em diversas outras cidades da Bahia, como também, na região Nordeste do país como nas cidades de Salgado e Laranjeiras, em Sergipe; Olinda, no estado de Pernambuco, Marechal Deodoro no estado de Alagoas, a cidade de Serra da Raiz na Paraíba e em Fortaleza e Cratêus, no estado do Ceará.

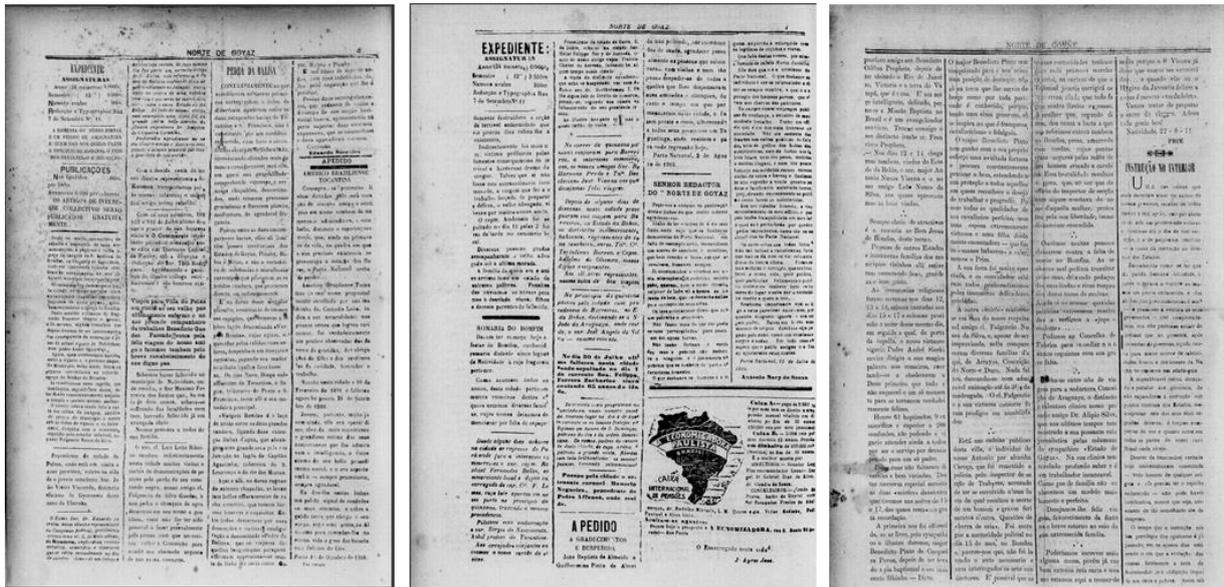
A devoção ao Senhor do Bonfim também aparece em outras regiões do país. No Sudeste, há igrejas e festas nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Na região Centro-oeste os festejos ocorrem em Campo Grande no estado de Mato Grosso do Sul, e em Goiás, nas cidades de Pirenópolis, Grajaú e Silvânia. E, por fim, na região Norte, a devoção e festa ao Senhor do Bonfim é realizada também em Conceição do Araguaia, no Pará.

Não se pode afirmar que a festa se expandiu mecanicamente de Salvador para o conjunto do país. Por outro lado, as dimensões que ela alcançou, em Salvador desde o início até os nossos dias, dão suporte à suposição de que, tendo-se tornado conhecida em diversos pontos do Brasil, estimulou e favoreceu a consolidação de festas com o mesmo nome e com o mesmo alvo de devoção (IPHAN/MINC, 2010, p. 69).

¹⁵ A data da celebração ao Senhor do Bonfim acontecia durante a Páscoa, dia 18 de abril, até que em 1773, o 5º arcebispo de Salvador, Dom Sebastião Monteiro da Vide, instituiu que o evento passaria a acontecer no 2º domingo do mês de janeiro, após a Folia dos Reis. A justificativa para a mudança foi a chuva no tempo da Páscoa, que impedia aos peregrinos de visitar e adorar ao Bonfim na colina sagrada. Mais informações em Groetelaars (1983).

Apesar de não se saber precisar a data determinada da origem da devoção ao Senhor do Bonfim no Tocantins, há registros da existência e movimentação de milhares de pessoas para a Romaria em Natividade que datavam antes de 1883, data na qual “o Bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de Leão fez uma visita pastoral em toda a sua diocese, alcançando também já a Romaria do Senhor do Bonfim e Porto Nacional” (PEDREIRA, 2016, p. 29). Além das menções nos jornais como o Estado de Goyaz e o Norte de Goyaz¹⁶, que publicaram textos referentes à Romaria do Bonfim de Natividade, em 1892 e 1908, respectivamente.

Figura 7 - Jornal ‘Norte de Goyaz’ dos anos 1800 citando a Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 2021.

A Romaria do Senhor do Bonfim acontece na comunidade rural do Bonfim, 23 km do município de Natividade. Realizada entre os dias 6 a 17 do mês de agosto, a Romaria é apontada como uma das festas religiosas mais expressivas do estado do Tocantins, sendo ainda um evento que atrai pessoas de vários outros estados e desenvolve um papel regional relevante no que se tange ao cenário religioso, além de atrair grande atenção da mídia regional. Além de Natividade,

¹⁶ Os jornais estão disponíveis na Hemeroteca Nacional no endereço <http://hemerotecadigital.bn.com>

no Tocantins outros dois municípios também cultuam o Senhor do Bonfim: Araguacema¹⁷ e Fortaleza do Tabocão¹⁸, localizados na região central do estado.

Em Natividade, a Romaria se destaca por reunir milhares de pessoas, peregrinos e comerciantes de diversas localidades, que aproveitam o movimento de pessoas para repassarem seus produtos. É a mistura do sagrado e do profano, simbolizando um ambiente social e econômico de trocas e confirmação de identidade e cultura. No local ainda são realizadas missas no 1º, 3º e 4º domingo de cada mês, em que os fiéis comparecem mensalmente, - alguns levam comida para compartilhar e desfrutar de almoço compartilhado com o padre ao final da missa -, vindos de diferentes cidades do Tocantins como Paranã, Palmas, Porto Nacional, Gurupi, Dianópolis e demais municípios circunvizinhos.

Seguindo os mesmos passos das aparições¹⁹, Souza (2012, p.228) explica que

[...] a procura acentuada pela comunidade de Bonfim por motivos religiosos – movimento que, segundo a Igreja local, data do século 18 -, começa a se desenvolver mediante a uma crença mitológica que ainda hoje é forte. Um vaqueiro teria encontrado, em um ambiente pantanoso, a imagem do Senhor do Bonfim sobre um tronco de madeira e quando a retirava do local e a levava para a igreja de Natividade, ela reaparecia na mesma paragem onde havia sido encontrada. Segundo a crença popular, esse movimento de ida e volta da imagem, impulsionado pela vontade do “Senhor do Bom Fim”, teria ocorrido repetidas vezes.

A construção da igreja onde fica a imagem do Senhor do Bonfim foi iniciada em 1940, sob intermédio do Bispo Dom Alano Maria du Noday, com o lançamento da pedra fundamental. Porém só em 1952, a obra chegou ao ponto de abrigar fiéis, sendo celebrada Missa Solene ainda com o local em construção. A estrutura básica da igreja permanece até hoje, mesmo após algumas reformas e acréscimos, como a construção de uma rampa de acesso de 38 metros em 2018, levando em consideração as pessoas com mobilidade reduzida, os idosos e as pessoas com deficiência que também visitam o Bonfim, possibilitando o acesso desse público à imagem do Senhor do Bonfim. “Em determinados momentos a pequena e acolhedora praça fica literalmente lotada. Era ali mesmo, neste pequeno espaço, que ao longo de dezenas de anos passou a ser

¹⁷ Realizada desde 1932, a romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema, que está distante 290 quilômetros da Capital, Palmas, seguindo pela rodovia TO-342, é realizada de 6 a 15 de agosto, e começou com uma história bem parecida com a de Natividade, em que um morador teria encontrado uma imagem somente com o tronco de Jesus, posteriormente batizada de Jesus do Bonfim.

¹⁸ Em Fortaleza do Tabocão a data do festejo é móvel e começou com a devoção de um morador local que construiu uma capela após alcançar uma graça atribuída ao santo.

¹⁹ Os mitos são recorrentes e obedecem a um padrão composto dos mesmos mitemas [...]. Outro mitema recorrente é o lugar social das pessoas para quem a Virgem ou os santos decidem se mostrar. São sempre pescadores, escravos, indígenas, lenhadores, pastores, ou seja, pessoas marginais aos círculos de poder, gente pobre e carente de recursos materiais (ABUMANSUR, 2018, p. 99).

celebrada a missa campal do dia 15 de agosto e outros dias, devido à grande comemoração de Romeiros” (PEDREIRA, 2016, p. 8).

Em 1998, a Diocese de Porto Nacional constituiu o local como Santuário Diocesano, a Igreja do Senhor do Bonfim, após documentos datados nos Cânones 1230-1234²⁰, cita-se a existência bicentenária da devoção dos fiéis ao Senhor do Bonfim, o crescente número de romeiros da Diocese, de todo o estado do Tocantins e mesmo de outros estados, foi estabelecido que o Reitor do Santuário fosse sempre o Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Natividade, em Natividade. Porém, atualmente essa tratativa não é mais assim e o Reitor atual, padre Leomar Sousa mora em Luzimangues (distrito de Porto Nacional, localizado do outro lado da Ponte Fernando Henrique Cardoso que faz a divisa com a capital Palmas) e atua em algumas cidades assistidas pela Diocese de Porto Nacional.

Em 2017, a área²¹ do povoado do Bonfim recebeu título definitivo sendo repassada para a Mitra Diocesana de Porto Nacional. Na comunidade residem 28 famílias durante o ano. “No período da Romaria esta referência se desfaz e milhares de pessoas fazem com que o pequeno povoado passe de um estágio predominantemente rural para um momentaneamente urbanizado” (DIAS, 2019, p. 83).

O Santuário se destaca pela Igreja e seu largo, espaço dos romeiros e referência das celebrações religiosas, atuando como um elemento organizador da comunidade do Bonfim. As casas da comunidade circundam o Santuário e em sua grande maioria ficam fechadas por quase todo o ano, só sendo reabertas no período da Romaria, seja para hospedagem de amigos ou familiares ou para locação à terceiros. Por seu número de visitantes ser expressivo durante os dias da Romaria, “a maioria das pessoas se instala em acampamentos improvisados e, diga-se de passagem, em condições precárias” (SOUZA, 2012, p. 228).

Chegando ao santuário, o peregrino dispõe-se a pedir ajuda e, em certos casos, perdão, evocando o momento de reconciliação e de vida nova, possibilitados pelas práticas penitenciais. Neste sentido, os santuários exercem uma missão profética, identificando-se na edificação uma motivação de origem sobrenatural (MÓNICO; MACHADO; ALFERES, 2018, p. 206).

O caminho até o Santuário do Bonfim é marcado por estações que representam a Via Sacra, que são os últimos momentos de Jesus Cristo, além de muito sol, cansaço, suor e o silêncio,

²⁰ Esses cânones são citados no livreto comemorativo do Monsenhor Jones Pedreira distribuídos durante a Romaria do Bonfim de 2016.

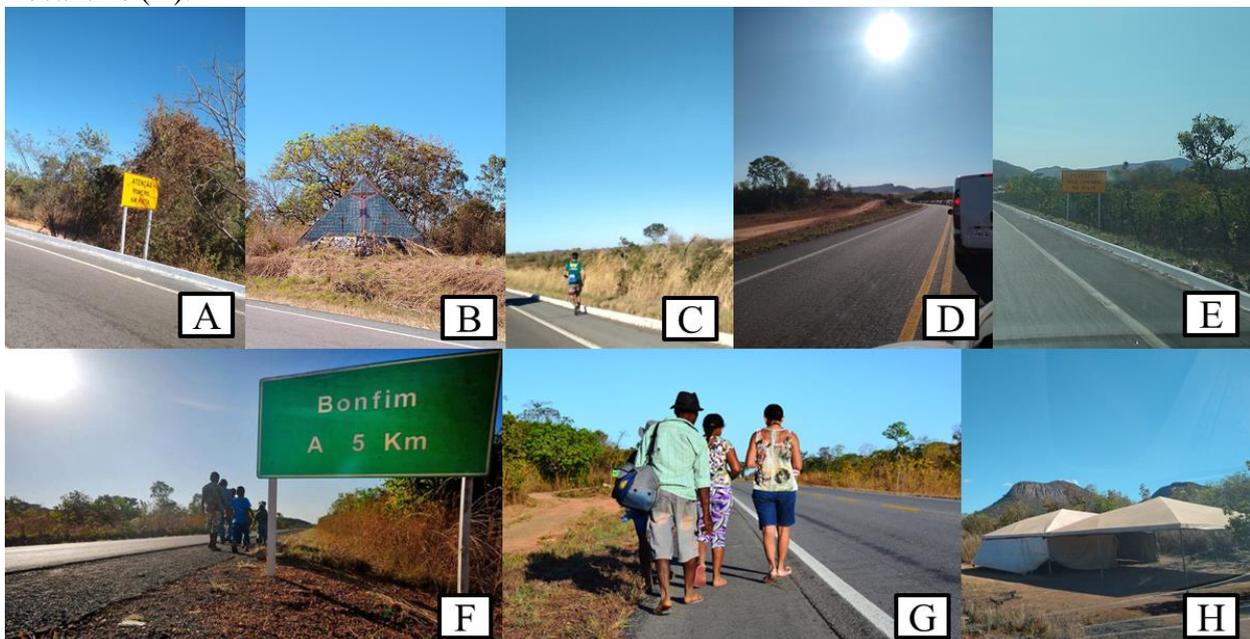
²¹ O processo de titulação tramitava desde 1991 no âmbito do governo do Estado do Tocantins. A titulação do território do povoado do Bonfim foi expedida pelo Instituto de Terras do Tocantins (ITERTINS) e antes era propriedade do casal José Constâncio e Sena e Joana Martins Chaves Sena (DIAS, 2019).

que só é quebrado pelos carros e caminhões que passam na BR-010. O governo do estado e algumas organizações paraestatais oferecem pontos de apoio com água e frutas aos romeiros.

O perfil do peregrino é daquele religioso que deixa sua casa a fim de pagar suas promessas por uma graça alcançada por meio da fé [...] romeiros em idade adulta que vem todos os anos à cidade participar de pelo menos uma das festividades religiosas, onde a viagem representa sua satisfação espiritual, a busca do sagrado e onde são aceitáveis os atos de sacrifícios (SILVA, CAMPOS, 2016, p. 145).

A construção de uma Via dos Romeiros não foi finalizada e as pessoas caminham pelo acostamento da rodovia. Placas de sinalização alertam motoristas e pedestres quanto o perigo de romeiros caminhando na pista ou no acostamento.

Figura 8 - Placas de sinalização pedindo atenção aos motoristas e pedestres (A, E); Uma das estações da Via Sacra da Romaria (B); Devoto fazendo o percurso correndo até o Bonfim (C); Fila de carros para entrada no Santuário (D); Romeiros (F, G) e Ponto de apoio do Governo do Tocantins (H).



Fonte: Figuras A, B, C, D, E e H (Autora, 2019); Figura F (Thiago Sá, 2016); Figura G (Marcelo Prado, 2016).

Todo o caminho é um ritual, sejam em grupos ou sozinhos, cada devoto segue seu caminho de penitência, como explicam Mónico, Machado e Alferes (2018, p. 2015).

Todo o caminho a percorrer integrou-se num ritual que envolveu cognições, emoções e comportamentos específicos, que distinguem a peregrinação de uma outra jornada qualquer. O elemento diferenciador reverteu-se no cumprimento de promessas ou penitências, pela oblação, sacrifício e/ou dor. As agruras da caminhada, muitas vezes incrementadas pela vontade do próprio em tornar a peregrinação mais penitencial, reúnem condições ótimas de análise do efeito da implicação comportamental voluntária, acrescida do predicado sacrificante, na promoção do otimismo pela religiosidade.

O livreto “Romaria do Senhor do Bonfim”, publicado em 2016, pelo monsenhor Jones Pedreira, em comemoração ao Centenário Diocesano de Porto Nacional (1915-2015), reuniu conteúdo não acadêmico sobre a Romaria em forma de relatos pessoais, ex-votos, matérias jornalísticas e documentos oficiais da igreja. Em um desses documentos, Pedreira (2016) cita o relato de viagem do Frei José Maria Audrin, titulado “Entre Sertanejos e Índios do Norte”, no qual consta que na década de 1920, foi realizada a primeira visita do primeiro bispo da Diocese de Porto Nacional, Dom Domingos Carrerot, à Romaria do Bom Jesus do Bonfim.

Terminada a festa de São Domingos, o Bispo atendendo a instantes súplicas, seguiu para a tradicional romaria do Bom Jesus de Bonfim, distante de Porto Nacional trinta e cinco léguas, na freguesia de Natividade. Nesse antigo santuário costumam reunir-se, a 15 de agosto, milhares de romeiros vindos de todo o norte de Goiás, e mesmo dos vizinhos Estados da Bahia e Piauí, afim de cumprirem suas “promessas”, aos pés de uma vetusta imagem de Jesus Crucificado. [...] De Chapada a comitiva episcopal alcançou Natividade, também antigo centro de mineração e agora comarca importante do norte goiano, povoada por distintas famílias, cuja riqueza é constituída por numerosas fazendas de gado e animais. Apesar de certos elementos protestantes e espíritas que aproveitam a ausência de sacerdotes para sua propaganda, a pequena cidade conserva espírito religioso e sabe manifestá-lo pelo respeito e afeto geral aos missionários que a visita. [...] A 14 de agosto Dom Domingos fez sua entrada solene no arraial do Bom Jesus de Bonfim, e lá se deteve em árduos trabalhos, até o dia 18. Era preciso, com efeito, atender a milhares de romeiros vindos em procura de confissões, de batismos, de casamentos e, sobretudo de crisma. [...] Muitos atos de fé e gratidão ao Nosso Senhor pudemos presenciar no devoto santuário; manifestações sinceras é verdade, não destituídas todas, porém de pitoresco, e inédito, e até de ridículo e quase supersticioso (AUDRIN 1947 citado por PEDREIRA, 2016, p. 12-13).

Como forma de organizar os ex-votos e pedidos dos romeiros, a partir de 1986, todos os ex-votos depositados em forma de carta ou fotos, que eram colocados sobre o altar e dentro do cofre aos pés da imagem do Senhor do Bonfim, foram levados e fixados em livros na Diocese. Atualmente existe a Casa dos Milagres onde os devotos depositam seus ex-votos das promessas e milagres alcançados.

Figura 9 -Imagens da Romaria do Senhor do Bom Bonfim ao final da missa campal no dia 15 de agosto.



Fonte: Autora, 2019.

A organização da Romaria em cada época vai tomando aspectos diferentes, as pessoas, os métodos, os mecanismos de trabalhos, isto tudo vai se adequando ao tempo e a boa vontade de todos aqueles que se empenham com o andamento e os serviços.

Figura 10 - Devotos no interior da Igreja após Missa Campal (A); Vista da igreja rodeada por devotos (B); Altar com a imagem do Senhor do Bonfim, local aonde devotos formam filas para pagar suas promessas (C).



Fonte: Autora, 2019.

Dias e Silveira (2003) explicam que no Brasil muitos eventos religiosos envolvem também práticas profanas que auxiliam na sociabilidade entre os participantes como disputas, jogos, brincadeiras e demais.

“Pode misturar-se o religioso, o espiritual e o profano com objetivos essencialmente culturais e de lazer, num mundo moderno mais festivo, mais aberto e mais livre de constrangimentos institucionais” (LEANDRO; LEANDRO; NOGUEIRA, 2019, p. 234). Assim, os eventos religiosos também são pretexto para um acontecimento social, retratando a relação do sagrado e profano, assim como o padre relata logo abaixo.

Quando os romeiros vinham a cavalo, os pousos às margens dos rios e nos brejos eram animados, eram verdadeiras mini romarias, onde todos compartilhavam as comidas, os causos e os tradicionais forrós dos pousos. Hoje, normalmente as pessoas chegam no mesmo dia, porém, os encontros, os causos e as trocas de comidas se dão dentro da própria Romaria, nas barracas, nos cipós, etc. [...] Como é bom poder passear entre as barracas, num contínuo vaivém dos romeiros, no entra e sai das barracas, à procura de amigos, conhecidos e parentes. Divertido ainda é poder circular pelo cipó, sentir o cheiro das comidas nas trempes fumegantes, as panelas e caldeirões de feijão, carne com abóbora, o tradicional arroz sirigado e uma grande variedade de comidas. Animadas ainda, cheias de histórias e causos são as rodadas de café com bolo, normalmente oferecidas para as visitas, todos querem partilhar o pouco do que tem. Dá mesmo para a gente se lembrar do hino da igreja: Sabe Senhor, o que temos é tão pouco para dar, mas este pouco, nós queremos com os irmãos compartilhar. [...] Porque não dizer também, daquele vinhozinho, da branquinha ou mesmo do velho quinado que está guardado na buraca ou escondido atrás da cama, para ser oferecido àqueles mais chegados? Tudo isso é Romaria, é a caminhada do povo de Deus (PEDREIRA, 2016, p. 49).

Atualmente, a missa campal do dia 15 de agosto ocorre debaixo do sol quente e no meio do chão batido. Na época da Romaria, na região é tempo da seca e não há chuva, os ventos fortes levantam poeira e castigam o romeiro. Apesar de haver banheiros públicos construídos, os mesmos não se mantêm limpo para uso, devido ao grande fluxo de pessoas utilizando e poucas pessoas para fazer a limpeza.

Há um verdadeiro comércio instalado no local, principalmente ao redor do Santuário e pelas ruelas que levam até a igreja, sendo muitas vezes impossível de transitar pela quantidade de gente, principalmente no dia 15 de agosto.

Toda a preparação da jornada, os rituais do caminho com o sacrifício físico e espiritual, os motivos que induzem cada um à ação de caminhar, fazem com que seja a estrada a justificar e a conferir sentido ao santuário e não o contrário. O santuário torna-se, assim, não a finalidade da peregrinação, mas o pretexto para a peregrinação (MÓNICO; MACHADO; ALFERES, 2018, p. 206).

No Santuário, onde não é local “sagrado” tem uma barraca de comércio ambulante, os quais pagam taxas (conforme o tamanho da barraca) para estarem ali, no “shopping do Bonfim”, uma alusão que os romeiros fazem aos grandes centros comerciais das cidades. Muitos comerciantes de Natividade abrem filiais no Bonfim, como por exemplo, supermercados, farmácias e barbeiros. O estacionamento também é pago, sendo cobrados R\$ 10,00 por carro, principalmente no dia 15 de agosto, devido o maior fluxo de pessoas no local.

Figura 11 - "Shopping do Bonfim" e o comércio pelas ruas do Santuário: (A) Barracas com roupas para comercialização; (B) Vendedores ambulantes de terços e fitinhas; (C) Comércio com produtos dispostos no chão para melhor visualização dos clientes.



Fonte: Autora, 2019.

No comércio que se estabelece ao redor do Santuário (e porque não dizer, dentro), o romeiro ou visitante encontra de tudo: panelas, roupas, óculos, eletrônicos importados, coador de tecido, chapéu, frutas, verduras, material eletroeletrônico, bijuterias, sandálias, camisetas religiosas, artigos religiosos, remédios caseiros, sorvetes, redes, dentre outros, além de prestação de serviços como barbeiros, mercadinhos, restaurantes de comida caseira entre outros.

Entretenimento também tem no Bonfim: boates, serestas à tarde e à noite e diversos bares. A grande maioria dos comerciantes anuncia que “passa” cartão no débito e crédito, mas não havia até então, sinal de celular na região do Santuário, o que dificultava o pagamento, tendo o comerciante que se deslocar para “encontrar sinal”, geralmente na entrada da comunidade, à beira da BR-010.

Os santuários, de modo geral, são patrimônio cultural e, como tais, susceptíveis de serem transformados em recursos turísticos. Dessa maneira, pode-se gerar um uso turístico incluído na categoria de turismo religioso, situa-se num dos extremos já citados, de uma linha contínua que se estende da peregrinação propriamente dita como atividade exclusivamente religiosa até os limites das

atividades englobadas no conceito de turismo cultural (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 24).

O Santuário também possui uma lojinha oficial em frente à igreja que foi organizada com a ajuda do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), do (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e Federação da Agricultura e Pecuária no Estado do Tocantins (FAET). Toda a renda dos produtos vendidos é voltada para o Santuário e alguns devotos preferem comprar nela, pois segundo eles, “ajuda a igreja”. Na lojinha são vendidos produtos como: fitinhas, terços, escapulários, imagens, livros, camisetas com imagens e imãs de geladeira, chaveiros, crucifixos, canecas e uma infinidade de “lembrancinhas do Bonfim”.

Figura 12 - (A) Interior da loja de souvenirs do Santuário; (B) Fiéis escolhendo produtos para comprar; (C) Fachada da loja de souvenirs do Santuário que teve apoio do Sebrae e SENAR para instalação.



Fonte: Autora, 2019.

A questão religiosa é a principal motivação dessas pessoas no local, mas os romeiros também se interessam por todo o contexto de sociabilidade que a Romaria traz consigo: comércio, festa e reencontros. Outro local de aglomeração de romeiros, dentro do contexto da Romaria do Bonfim é a praia do Rio Manoel Alves.

A maior expressão de lazer dos romeiros em agosto é a ida até o Rio Manoel Alves (Grande). Com o calor intenso de quase 40 graus, muitos romeiros passam as tardes em lazer absoluto. Lá, famílias inteiras montam barracas de camping e também repetem as estruturas dos “cipós”. Às margens do Rio Manoel Alves, geralmente, ficam moradores de Natividade, Chapada de Natividade, Palmas e outros municípios (DIAS, 2019, p. 97).

Com distância média de 3 km do Santuário até o rio, lotações com vans, ônibus (alguns escolares) ou táxi improvisado levam os passageiros pelo preço de R\$ 3,00 cada pessoa até o local. Assim, boates, serestas e churrascos preenchem todo o cenário do Bonfim nos momentos posteriores (muitas vezes simultaneamente) dos rituais sagrados como as missas, batizados, confissões e novenas.

É no Bonfim que as famílias se reúnem, os amigos se reencontram, tem churrasco, tem festa, compram alguma novidade e tem reza. “Durante as festas religiosas tradicionais, o fluxo turístico é gerado tanto por questões religiosas como por outras razões, especialmente no caso daquelas que apresentam significado histórico e cultural relevante e são, muitas vezes, associadas a programas com eventos não religiosos” (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 28).

Em 2019, o Santuário Diocesano do Bonfim, com apoio da Diocese de Porto Nacional, iniciou uma campanha para arrecadar doativos para o Santuário com o objetivo de atender os anseios dos devotos que querem colaborar com a melhoria da estrutura do local e com o bem-estar dos romeiros.

Durante a missa do dia 15 de agosto também é realizada a prestação de contas da Romaria do Senhor do Bonfim do ano anterior. Segundo o reitor do Santuário, Padre Leomar Silva, durante sua fala sobre a prestação de contas da Romaria de 2018, foram arrecadados R\$ 346.125,70 (trezentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e cinco reais e setenta centavos) nos dez dias de festa. Dinheiro este, sendo proveniente das ofertas durante as missas e, principalmente, das locações de espaço para os comerciantes e do estacionamento.

Apesar de todo esse cenário, o clero sempre reforça nas homilias das missas, nas suas falas públicas que a Romaria não é um passeio turístico, não é só festa, mas sim é uma caminhada de fé que não tem seu ponto final no Santuário, mas é ali que os romeiros fortalecem sua fé.

1.2. Foco, escopo e justificativa da pesquisa

Diante do exposto, e para efeito dos estudos empreendidos nesta tese, supõe-se que a identidade religiosa atribuída à cidade de Natividade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas religiosas adquirem centralidade. Com isso, esta tese apresenta sobre os agenciamentos em torno das festas religiosas de Natividade, em que não se tratará de sujeitos ou instituições, mas sim

reconhecer os projetos e quem são os atores que estão envolvidos nesses projetos. A identificação desses agenciamentos em torno do projeto de turismo religioso para a cidade de Natividade é fundamental para entender os processos que ocorreram ou ocorrem no município. Sendo ainda, que esses agenciamentos podem ser individuais, em grupos ou por associações.

Logo, a tese está inscrita na linha de pesquisa “Sociedade, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional”, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), que trabalha com temas relativos às questões sociais, políticas, culturais e ambientais relacionadas às problemáticas regionais rurais e urbanas, considerando os aspectos históricos e suas expressões temporal e espacial. A partir de uma abordagem interdisciplinar, a linha investiga mudanças e impactos nos processos de desenvolvimento regional, causados tanto pelas ações estatais quanto pelo protagonismo dos atores sociais.

De modo a auxiliar na investigação desta pesquisa, foram elaborados dois questionamentos-problemas, expostos a seguir:

1. Como a realização das principais festas religiosas da cidade de Natividade – a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim – as quais representam a religiosidade da população local, podem se tornar referenciais para o desenvolvimento local por meio do turismo religioso?
2. Atribui-se à Natividade e sua comunidade uma identidade de cidade religiosa, devido suas intensas e constantes festas religiosas, tendo como destaque a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim. Porém, a cidade possui perfil para o turismo religioso?

A escolha por Natividade e as suas festas religiosas se dá pelo fato desta pesquisadora ter tido contato com a comunidade desde 2005, a partir do projeto de extensão na graduação em formato de seminário²², em que os acadêmicos ministravam oficinas para os alunos das escolas públicas da comunidade. E, em 2006, quando da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo -, na

²² O Seminário Nacional de Arte, Comunicação e Cidadania foi realizado durante os anos de 2005 a 2014, ininterruptamente. O evento era realizado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), com apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX) e Prefeitura de Natividade, coordenado pelo curso de Comunicação Social da UFT. Buscou, por meio de suas ações, atender ao desenvolvimento sustentável local da região e às trocas culturais e sociais importantes para o desenvolvimento de ações cidadãos dos nativitanos e dos discentes e docentes da universidade. Ver mais em MENESES, Verônica Dantas, TESKE, Wolfgang. **Comunicação, cultura e identidade: folkcomunicação no Tocantins**. Vol 1. – 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

Universidade Federal do Tocantins – UFT, com o trabalho “*Deus da Luz: um olhar dos nativitanos sobre o vídeo-documentário*”.

Após esse período, foram realizadas visitas periódicas à comunidade no decorrer dos anos de 2007, 2009, 2010, 2011 e 2012, devido participação em demais edições do Seminário Nacional de Arte, Comunicação e Cidadania e também devido as pesquisas do mestrado iniciado em 2010 pelo Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente (PGCiamb), com período sanduíche na Universidade do Minho em Braga (Portugal), em dois programas de Mestrado do Instituto de Ciências Sociais – ICS: Mestrado em História e Mestrado em Patrimônio e Turismo Cultural, sob a orientação das professoras Dr. Marina Ertzogue (UFT) e Dr. Marta Lobo (UM). Assim, foi defendida em 2012, a dissertação “*História, Memória e Religiosidade na Festa do Divino Espírito Santo em Natividade – TO*”.

Em 2017, foi publicado o livro “*A Festa do Divino Espírito Santo de Natividade*”, uma reescrita da dissertação para divulgação da pesquisa, história e importância dessa festividade para a comunidade.

Figura 13 Vivência em Natividade - Ministrando oficina em 2005 (A); Aplicando questionários para TCC na graduação em 2007 (B); Durante a Esmola Geral da Festa do Divino em 2011 (C); Visita à loja de biscoito Amor-Perfeito em 2018; Na Romaria do Bonfim em 2018 (E) e 2019; e, em 2020 na comunidade do Bonfim durante o período de distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19 (G).



Fonte: Arquivo Pessoal (2005, 2007, 2011, 2018, 2019 e 2020).

Com isso, e a partir desse histórico de relacionamento acadêmico com a comunidade de Natividade, principalmente durante as festas religiosas, constatou-se a necessidade de investigar a cidade como um destino para o turismo religioso no Tocantins.

Natividade apesar de já ser um destino turístico para o ecoturismo e o turismo cultural, possui pacotes específicos e agências de turismo locais com passeios já predefinidos como: *city tour* pelo centro histórico de Natividade, trilhas até as cachoeiras na Serra e *rafting*²³ no Rio Manoel Alves.

Nesses pacotes, ainda são exploradas suas belezas naturais e os modos de viver local, por meio da produção artesanal dos biscoitos Amor Perfeito²⁴, que foi trabalhado pelos agentes exógenos e seus processos de transformação das comunidades, como exemplo das ações do Sebrae²⁵ na região. Outro exemplo é do Grupo de Suça “Tia Benvinda”, coordenado pela professora da rede pública de ensino de Natividade, Verônica Albuquerque, em que resgata a tradição da dança de Suça, dançada pelos negros africanos escravizados na região no período colonial e ensinada aos jovens da comunidade²⁶.

Nos últimos anos também, a cidade ampliou sua rede hoteleira – passou de dois para cinco estabelecimentos –, que ainda continua modesta, e houve a abertura de mais alguns restaurantes, inclusive no Centro Histórico. E, a partir de 2017, a presença da mídia na cidade, principalmente para a produção de novelas²⁷, programas jornalísticos, filmes²⁸ e um seriado da Netflix²⁹, impulsionou a procura pela cidade que foi mais divulgada nacionalmente (SANTANA JR, 2017; MATOS, 2017). “A cidade conta com algumas pousadinhas simples, alguns poucos

²³ Esporte de aventura que se baseia na prática de descida em corredeiras em equipe utilizando botes infláveis e equipamentos de segurança.

²⁴ A Lei nº 2.185, de 10 de novembro de 2009 reconhece como bem de valor cultural e Patrimônio Histórico do Estado do Tocantins o Biscoito Amor-Perfeito.

²⁵ Em 2009, a partir do Projeto Empreender – Sudeste, o Sebrae/TO prestou consultorias para a família que fabrica o Biscoito Amor Perfeito nas áreas de segurança alimentar para desenvolvimento da tabela nutricional, elaborando Manual de Boas Práticas de Fabricação, criação de logomarca, rótulos para os produtos e oferecidas consultorias de controles gerenciais. Ver <https://bit.ly/2MML9bi>

²⁶ Em 2017, o Grupo de Suça Tia Benvinda foi contemplado com o “Prêmio Culturas Populares” do Ministério da Cultura. O grupo ensaia todas as semanas, recebe turistas para vivenciar o “turismo de experiência” e já se apresentaram em diversos eventos pelo Tocantins. Ver <https://bit.ly/36iiUt3>

²⁷ Novela da Rede Globo, “O Outro Lado do Paraíso” teve sua cidade fictícia inspirada em Natividade. Ver em <https://bit.ly/35qzPrR>

²⁸ As gravações do filme “O Barulho da Noite” foram realizadas em Natividade e região, além de contar com a presença de Foliões do Divino. Ver em <https://bit.ly/2Fr3Ihe>

²⁹ Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão, via streaming, sediada em Los Gatos, Califórnia, e que atualmente possui mais de 100 milhões de assinantes. A série “O Escolhido” é gravada na cidade. Ver em <https://bit.ly/2uhjOaS>

restaurantes (o Casarão é o mais famoso) e uma sorveteria. Às sextas-feiras, uma feirinha movimentada o centro e é o grande ponto de encontro da comunidade” (MOREIRA, 2019).

Em 2019, intensificou-se a realização de fóruns, reuniões e debates para implantar o ecoturismo na região das Serras Gerais, aos moldes do turismo no Jalapão, por meio do Governo do Tocantins, Ministério do Turismo, Sebrae, Universidade Federal do Tocantins entre outros agentes exógenos.

Assim, tem-se com essa pesquisa o intuito de compreender e identificar como o turismo religioso está sendo implantado em Natividade (se está sendo ou será), configurando-se como mais uma alternativa de renda e emprego para a comunidade e promovendo o desenvolvimento local. Logo, é preciso entender por meio dos atores sociais endógenos, em torno de que projetos eles estão envolvidos: ecoturismo, turismo cultural ou turismo religioso?

Os atores estão organizados por meio de uma lógica de compromissos identitários que será abordada nos capítulos seguintes. A problemática da tese também se estende para entender esses projetos, sendo que o maior questionamento é sobre o turismo: quem está organizando, quais são os atores que estão envolvidos e se há disputas nesse contexto, quais são essas disputas e se essas disputas se fazem em torno desses projetos para o turismo religioso ou não.

Enquanto hipótese trabalha-se com três possibilidades, em que:

- a) Para que Natividade seja reconhecida como destino turístico religioso, necessita-se que exista o compromisso de todos os atores envolvidos nesse processo, sendo eles: comunidade, poder público e empresários;
- b) Não havendo elementos locais para impulsionar o desenvolvimento local, a inserção de Natividade em um circuito já estabelecido, seria um elemento impulsionador, como é o caso do projeto de incentivo turístico para a região das Serras Gerais, porém com viés religioso e cultural;
- c) A identidade religiosa atribuída à Natividade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas adquirem centralidade.

Dentro da delimitação do escopo desta pesquisa, pretende-se compreender como ocorre a participação dos atores sociais nos processos de decisão acerca das políticas desenvolvidas para o município, no que tange o desenvolvimento local. Objetivando-se ainda, entender e relatar como as práticas e manifestações religiosas da comunidade podem contribuir para a construção de uma identidade religiosa e influenciar o fomento do turismo religioso na região.

Não se deseja aqui, entregar um modelo de desenvolvimento local, uma “receita pronta”, uma vez que, se defende nesta tese, que o desenvolvimento deve partir da comunidade, da iniciativa e do comprometimento dos atores endógenos para encontrarem o caminho ideal na promoção do turismo religioso, não deixando de lado o apoio dos agentes exógenos na construção desse modelo.

Ainda são poucas as pesquisas realizadas no Tocantins sobre suas manifestações culturais e religiosas, as quais seriam de suma importância para o registro dessas tradições. O que se tem de informação atualmente, resume-se às matérias jornalísticas nos meios de comunicação do estado, principalmente os estatais, alguns trabalhos de conclusão de curso, algumas dissertações e teses, como apresentou-se anteriormente.

A relevância social da pesquisa se dá pelo seu significado histórico e cultural para o estado do Tocantins, em que as festas geram influência direta no reconhecimento de uma identidade cultural para a comunidade de Natividade, além do entendimento sobre o envolvimento e gratidão que todos os fiéis, devotos e romeiros possuem por essas divindades.

A relevância científica ocorre pela importância de se estudar não só a história do Tocantins, da sua gente, das suas manifestações culturais, como a origem dessas celebrações na região, mas, também do ambiente em que a festa é realizada, pois há pouco material em bibliotecas e repositórios que abordem as características históricas e culturais da região, fazendo com que a pesquisa possa servir, posteriormente, como fonte de registros, estudos e pesquisas.

A complexidade da pesquisa se dá em compreender se os atores sociais envolvidos no processo se reconhecem como agentes endógenos capazes de promover o desenvolvimento em sua região, sem depender dos agentes exógenos, como poder público e paraestatal.

Em termos de aplicabilidade, a proposta de desenvolvimento local por meio do turismo religioso é o de identificar as potencialidades locais e sugerir caminhos para que a própria comunidade possa agir em busca desse desenvolvimento. Pretende-se ainda, com esta pesquisa, estimular os atores locais na promoção do turismo religioso e com isso buscar alternativas para a região, que está localizada em uma das áreas mais pobres do Tocantins.

As festas religiosas de Natividade envolvem muitas pessoas, são ricas de significado e de fé. As pessoas são motivadas a estarem no local, independentemente da estrutura ou dos serviços oferecidos durante essa estada, pois quando se fala de religiosidade, adentra-se em um território tão particular e esotérico do ser humano que é a fé.

Independente da complexidade de uma festa religiosa, o indivíduo que se diz religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado

há muito tempo e que, por meio do rito, torna-se presente naquele momento. Para Peter Berger (1969, p. 20), “a realidade empírica da construção humana do mundo é sempre social”, e necessita da sociedade como condição para sua manutenção. O conjunto dessas produções, como cultura, manifesta-se em dois sentidos: sua existência objetiva e exterior à consciência humana e sua capacidade de ser compartilhada, logo, de ser reconhecida coletivamente.

Assim, no tempo sagrado, tempo dos ritos e festas religiosas, o indivíduo quer se aproximar dos modelos divinos e ficar mais próximo de suas divindades, ele simula e recria outro ser, baseado nos mitos, enfim, na história.

Com isso e ressaltando, tem-se como objetivo geral desta tese: investigar nas principais festas religiosas da cidade de Natividade como se dá a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso, por meio do agenciamento de seus atores em torno da identidade religiosa que é atribuída à cidade. E ainda, descrever as principais características de duas das principais festas religiosas da cidade, sendo elas: Festa do Divino Espírito Santo e Romaria do Senhor do Bonfim; analisar o potencial turístico da cidade e se os agenciamentos acerca do turismo em Natividade possibilitam deslocamentos de interesse entre os turistas para a questão religiosa; bem como, analisar a possibilidade dessas festas religiosas passarem de celebrações religiosas, perpassando como recurso econômico, e tornando-se marca de uma identidade local e ainda como fator de desenvolvimento para a região.

1.3. Metodologia da pesquisa e instrumentos de produção de dados

Considera-se que a pesquisa científica é o resultado de quão o pesquisador entende como as coisas são, de que forma o conhecimento é gerado, qual a visão de mundo e qual estratégia foi utilizada para entender ou responder um problema. Dessa relação tem-se a ontologia, a epistemologia, o paradigma de pesquisa e o método.

A posição ontológica que se adota em determinada pesquisa, define a forma como o pesquisador percebe o mundo e os fenômenos (físicos ou sociais), como as coisas são e as duas visões extremas: ontologia realista ou idealista. Porém, existe ainda a ontologia que considera a interação sujeito-objeto.

Nesta pesquisa, trabalha-se com a ontologia que considera a interação sujeito-objeto. “A posição ontológica que adotamos define a forma como percebemos o mundo e os fenômenos

(físicos ou sociais) que estamos investigando, coexistindo duas visões em oposição: uma visão realista e uma visão idealista sobre como as coisas são” (ZANELA SACCOL, 2009, p. 252).

Ainda sobre a ontologia que considera a interação sujeito-objeto, a realidade social é produto de uma construção social, em que é percebida e elaborada de forma coletiva, conforme as percepções que se têm do mundo e que se compartilha em sociedade.

A epistemologia relaciona-se com a forma pela qual se acredita que o conhecimento é gerado. Essa crença está fortemente ligada aos pressupostos ontológicos, existindo três grandes linhas de pensamento epistemológicas que se destacam: o subjetivismo, o objetivismo e o construtivismo.

Na epistemologia construtivista, a criação de significado pressupõe a intencionalidade, isto é, uma consciência que se volta a um objeto, e a partir dessa interação entre o sujeito e o objeto é que se constrói um significado.

Os indivíduos desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, significados dirigidos para alguns objetos ou coisas. Tais significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a buscar a complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em algumas categorias ou ideias. O objetivo da pesquisa é confiar o máximo possível nas visões que os participantes têm da situação a qual está sendo estudada. As questões tornam-se amplas e gerais, para que os participantes possam construir o significado de uma situação caracteristicamente baseada em discussões ou interações com outras pessoas (CRESWELL, 2007, p. 31).

Crotty (1998) citado por Zanela Saccol(2009, p. 253-254) expõe que “um paradigma é a instância filosófica que irá informar o método de pesquisa. Os paradigmas são acima de tudo, visões de mundo, e não métodos de pesquisa específicos”. Ele resulta do que o pesquisador acredita sobre a realidade, sua visão de mundo, de como as coisas são (ontologia) e como o conhecimento é gerado (epistemologia), e ainda, o paradigma deve guiar o método de pesquisa a ser adotado, inclusive definir as técnicas de coleta e de análise dos dados que serão utilizadas pelo pesquisador.

É essencial que haja reflexão sobre a visão de mundo e de construção do conhecimento que embasa uma pesquisa, pois só assim será possível avaliar a qualidade, a consistência e a coerência da estratégia, do processo de pesquisa e da análise dos seus resultados. Isso implica compreender e tornar clara a ontologia, a epistemologia e, conseqüentemente, o paradigma de pesquisa que fundamentam o método de pesquisa utilizado (ZANELA SACCOL, 2009, p. 251).

Com isso, uma pesquisa com base em uma ontologia de interação sujeito-objeto aludirá uma epistemologia construtivista, levando assim, à adoção de uma abordagem de pesquisa, neste

caso, fenomenológico e que utilizará métodos de pesquisa de natureza qualitativa por meio da etnografia.

Por analisar fenômenos, neste caso o desenvolvimento local por meio das festas religiosas de Natividade, a pesquisa possui um viés do paradigma fenomenológico preconizado por Edmund Husserl (1990), que se caracteriza por não ser um método nem indutivo e nem dedutivo. A preocupação é com a descrição direta: a realidade é construída, entendida, compreendida e interpretada socialmente e o sujeito é uma das peças importantes nesse processo de construção do conhecimento (GIL, 1991).

Sobre a fenomenologia, pode-se conceituá-la como “uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico” (HUSSERL, 1990, p. 46).

Husserl (1990) enfatiza em seu trabalho que o sentido do conhecimento fenomenológico apenas conhecimento humano, ligado às formas intelectuais humanas, incapaz de atingir a natureza das próprias coisas, ou seja, as coisas em si.

Entretanto, apesar da palavra “fenômeno” designar o que aparece, ela é usada preferencialmente para designar o próprio aparecer, isto é, o fenômeno da consciência ou, usando o que Husserl considerava uma “expressão grosseiramente psicológica”, o fenômeno subjetivo. Em virtude deste uso ambíguo, a palavra “fenômeno” favorece a formação de equívocos, pois o próprio aparecer torna-se objeto de investigação, ou seja, o próprio sujeito do conhecimento é investigado na sua estrutura de comportamento em virtude da correlação essencial entre seu aparecer e o que aparece. Trata-se, no caso, de uma relação interdependente entre o aparecer e o que aparece, entre o sujeito do conhecimento e o mundo conhecido, entre a consciência que conhece o mundo ou objeto que aparece ou se mostra cognoscível (GALEFFI, 2000, p. 25).

Nesse sentido, a palavra “fenômeno” é para a fenomenologia algo que compreende, simultaneamente, como a relação indissociável entre o sujeito e o mundo, a consciência e seus objetos.

Esta pesquisa tem natureza qualitativa que “envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados” (CRESWELL, 2007, p. 26). Logo, a abordagem qualitativa parte do princípio de compreender e interpretar os fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores. Assim, o pesquisador interage de modo dinâmico com o objeto pesquisado.

O método desta pesquisa é baseado na etnografia que, “graças à imersão do pesquisador no meio pesquisado, reconstitui as visões da base mais variadas do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas e revela sua densidade” (WEBER, 2007, p. 10-11).

Alguns atores assinalam que a etnografia também é conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Para Geertz (2008, p.15), a etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e sim, elaborar uma descrição densa. Assim, “há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”.

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamentos manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. Em etnografia, holisticamente, observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação (MATTOS, 2011, p.51).

A pesquisa também tem caráter exploratório, pois proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. “A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo” (MATTOS, 2011, p. 54).

Com relação à forma de abordagem do problema, a pesquisa estabelece uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, onde o ambiente é natural e o pesquisador é o instrumento-chave para a produção de dados e com a análise intuitiva dos dados. “O estudioso de uma festa deve ficar atento à dinâmica de seus componentes culturais. No decorrer do tempo eles vão se extinguindo e dando lugar a outros. A dinâmica dos componentes pode indicar mudanças da festa ao longo do tempo” (MOURA, 2011, p. 38).

Toda essa construção ontológica, epistemológica e fenomenológica se faz necessária na caracterização da pesquisa, uma vez que ao se estudar uma comunidade, e principalmente as festas religiosas de Natividade, é imperativo dedicar certo tempo para que os estudos sobre a mesma sejam concretizados.

A festa é sempre um acontecimento único, que jamais se repete. Assim, a cada ano a tradição é reinventada, sendo múltiplas as suas versões e sempre necessariamente travestidas daquela que, em princípio, compõe o imaginário coletivo. [...] O ritual pode parecer o mesmo, mas o olhar será de um outro turista procurando sempre novos cenários para seus registros. O 'turista peregrino', por sua vez, também renovou ou fez novos votos. Ele trará em si as marcas de mais um ano de existência em um mundo em permanente transformação e será um novo ator e um novo espectador em uma nova festa (ALVES, 2014, p. 89).

Esse tempo deve ser o mais amplo possível para que a observação e o registro das situações sejam eficazes, pois muitas vezes o pesquisador não pode participar de todas as etapas, algumas mais simples, nas quais poderia com mais facilidade compreender as relações estabelecidas e vivenciadas pelos atores sociais.

Para alcance dos objetivos desta pesquisa foram utilizados, além da revisão bibliográfica e levantamento documental por meio de jornais, folhetos disponibilizados pela comunidade e instituições vinculadas ao objeto de estudo, pesquisas de documentos na internet, matérias jornalísticas e material de divulgação institucional, dois procedimentos metodológicos: entrevista abertas e em profundidade, além da aplicação de questionários. O primeiro procedimento é “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2008, p. 62).

Já quanto ao segundo procedimento, é importante observar que para Novelli (2008, p. 168),

[...] o processo de elaboração do questionário é a compilação dos dados disponíveis sobre o assunto a partir do escopo da pesquisa. Muitas vezes estes dados não estão disponíveis ou não foram ainda coletados, de acordo com o ineditismo do estudo. Nesse caso, a melhor maneira de suprir tal falta é a realização de estudo preliminar sobre o tema a partir do ponto de vista dos entrevistados. Este estudo de característica qualitativa busca apreender o imaginário do público-alvo sobre o tema em questão.

A pesquisa, com base em suas características e natureza, possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a ser investigada, como um processo permanentemente inacabado. Esta pesquisa também teve revisão bibliográfica em literatura especializada sobre o tema. Para Humberto Eco (2007, p. 77), “fazer uma bibliografia significa procurar aquilo de que não se conhece ainda a existência”. E, utilizando-se da pesquisa descritivo-documental, a qual trabalha com dados colhidos da realidade, além de observar, registrar, analisar e correlacionar documentos, fatos ou fenômenos sem manipulá-los, a fim de poder descrever e comparar usos e costumes, tendências e outras características da comunidade de acordo com os fatos relacionados

ao tema que, “embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema” (GIL, 1991, p. 46).

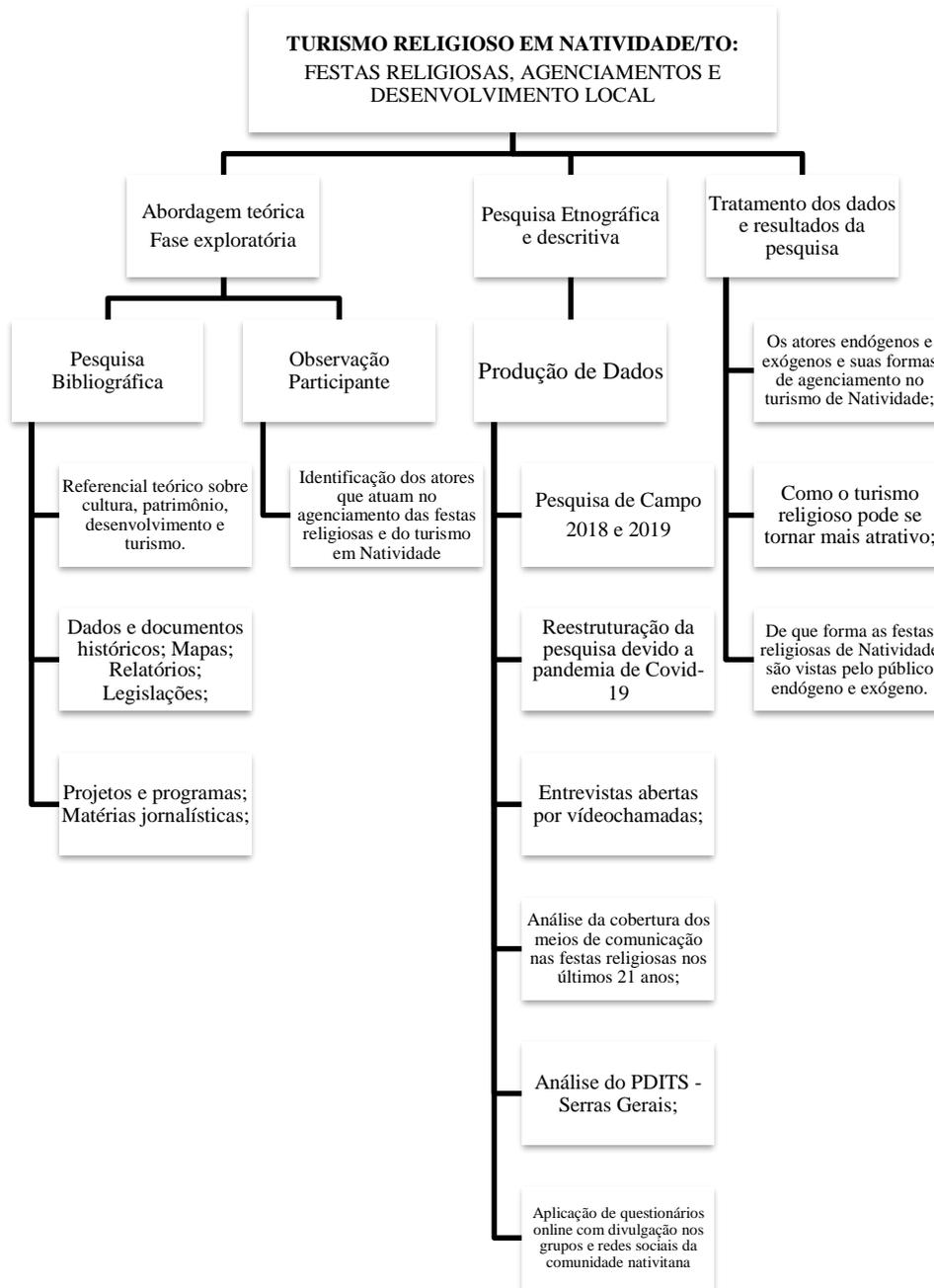
Como método foi utilizado a etnografia, em que se deve ter em mente que

[...] a etnografia não julga, não condena em nome de um ponto de vista “superior”. Ela procura, antes de tudo compreender, aproximando o que está distante, tornando familiar o que é estranho. Agindo assim, torna as coisas, as pessoas e os eventos mais complicados do que parecem. Pelo fato de o etnógrafo limitar-se a um longo trabalho de descrição-interpretação – os dois andam em par – ele põe às claras a complexidade das práticas sociais mais comuns dos pesquisados, aquelas que são de tal forma espontâneas que acabam passando despercebidas, que se acredita serem “naturais”, uma vez que foram naturalizadas pela ordem social como práticas econômicas, alimentares, escolares, culturais, religiosas ou políticas etc (WEBER, 2007, p. 10).

Durante esta pesquisa foram analisadas ainda, as formas de organização dos atores sociais acerca dos agenciamentos nas festas religiosas de Natividade, o modo como ocorrem essas relações na comunidade e entre as associações, a Igreja e o poder público, no decorrer da organização das festividades. Esta análise teve o olhar direcionado para a compreensão dos acontecimentos, por meio das falas dos entrevistados, a partir das 23 entrevistas abertas realizadas por meio de videoconferência nos meses de agosto, setembro e outubro de 2020 e nos meses de março e abril de 2021, além das anotações no Diário de Campo realizadas no ano de 2019.

Assim, com relação ao fluxograma da pesquisa, que se apresenta a seguir, com a abordagem teórica de fase exploratória (pesquisa bibliográfica e observação participante), a pesquisa etnográfica e descritiva com a produção dos dados, e por fim, o tratamento dos dados e resultados da pesquisa.

Figura 13 - Fluxograma da Metodologia de Pesquisa



Fonte: Autora, 2021.

A pesquisa compreendeu também a observação direta das atividades desenvolvidas nas festas, além de entrevistas abertas com alguns participantes dos grupos de visitantes, comerciantes e devotos. Foram entrevistados ainda, os representantes da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), Associação de Turismo das Serras Gerais (Assegtur), Reitoria do Santuário do Senhor do Bonfim, Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC), Sebrae – Dianópolis, Prefeitura de Natividade, Associação dos

Profissionais de Turismo do Estado do Tocantins (Aprotur) e Associação Tocantinense de Turismo Receptivo (ATTR), além de guias turísticos e representantes de agências de turismo do município.

Com isso, ao relatar as principais características da Festa do Divino Espírito Santo e da Romaria do Senhor do Bonfim, além dos agenciamentos dos atores que estão envolvidos nessa área, trabalhar-se-á com as hipóteses anteriormente mencionadas.

Para tanto, foram utilizados diferentes meios como: visitas aos diversos ambientes da cidade durante as celebrações das festas e em épocas fora das festividades, inclusive em horários diferenciados, para observação das atividades cotidianas e dos diferentes usos do espaço; a observação direta e o registro sonoro, fotográfico e, na medida do possível, audiovisual, das atividades realizadas durante as festas nos anos de 2018 e 2019; visitas e conversas informais por meio de aplicativos de trocas de mensagem, redes sociais e pessoalmente com a comunidade, nos anos de 2019, 2020 e 2021, em que se buscou informações para que os pontos de vista dos atores fossem levados em consideração na análise dos dados; foram realizadas ainda, entrevistas abertas, deixando os participantes à vontade para tratarem em maior ou menor extensão das questões de seu interesse; além da consulta aos arquivos, livros, matérias jornalísticas, estudos e documentos históricos da comunidade referentes às festividades pesquisadas.

Para esta pesquisa, os instrumentos de pesquisa de campo como o diário de campo e a observação direta iniciaram nos meses de junho e agosto de 2018, durante a realização da Festa do Imperador do Divino e da Romaria do Senhor do Bonfim daquele ano. Como também conversas com representantes da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), empresários locais e comunidade.

Assim, a pesquisa de campo seguiu até o ano de 2019 na cidade de Natividade e no povoado do Bonfim, locais esses em que ocorrem as festas religiosas que são objetos de pesquisa deste estudo. E também, entre os meses de abril a junho, período da Festa do Divino Espírito Santo além do mês de agosto, a Romaria do Senhor do Bonfim.

Logo, a construção de informações, conceitos e explicações obedeceu a um critério gradual, em que sempre que necessário, a pesquisadora estabeleceu a comunicação contínua com os participantes da pesquisa para obter informações adicionais durante todo o processo de construção da tese.

A pesquisa de campo possui etapas organizadas e elaboradas de forma que permitem um resultado mais próximo da realidade. Trujillo (1982, p.229) citado por Boll e Oliveira (2005, online), afirma que

[...] a pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. A pesquisa de campo propriamente dita não deve ser confundida com a simples coleta de dados; [...] é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado.

Para Weber (2007, p. 37), a pesquisa de campo oferece o acesso a interação face a face, às relações interpessoais e, nela, não se permite observar práticas ou registrar opiniões fora de contextualização. “A observação etnográfica não se assenta sobre universos dos indivíduos, mas, sim, sobre universos de relações”.

Outro instrumento para produção de dados será o diário de campo, que Weber (2009, p. 158-159) expõe que é

[...] no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles.

A entrevista aberta também foi utilizada como instrumento para produção de dados durante a pesquisa, uma vez que, demonstra-se como a mais adequada para coletar dados sobre as histórias pessoais, perspectivas e experiências dos indivíduos, pois não exige uma rigidez de roteiro, por meio da qual se pode explorar amplamente algumas questões, com consentimento³⁰ dos depoentes, além de diálogos com os participantes das festas.

Na pesquisa científica são empregadas várias modalidades de observação, que neste caso, foram definidas quanto às formas de observação: não sistemática (diária) e não estruturada (liberdade de observação); quanto ao número de observadores (individual); e, quanto à participação do observador, optou-se pelo observador como participante (participante artificial), no qual o papel do pesquisador é conhecido (CRESWELL, 2007).

Na observação participante, produz-se dados sobre comportamentos de ocorrência natural em seu contexto habitual. E, dentro da etnografia, são necessários longos períodos de observação, em que autores pontuam entre um a dois anos, preferencialmente. “Este período se faz necessário para que o pesquisador possa entender e validar o significado das ações dos participantes, de

³⁰ Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com todos os entrevistados, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins (UFT). CAAE: 28369420.3.0000.5519

forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam a mesma ação, evento ou situação interpretada” (MATTOS, 2011, p. 51).

Justificando neste caso a metodologia, pois a pesquisadora possui vivência e contato com a comunidade e suas festividades religiosas desde 2005, com maior profundidade a partir de 2010, com a pesquisa sobre a Festa do Divino Espírito Santo, tendo assim contato ativo com atores locais desde então.

Ainda na observação participante, o pesquisador procura estabelecer o significado de um fenômeno, a partir dos pontos de vista dos participantes, observando os comportamentos dos participantes que se engajam em suas atividades. Para Creswell (2007), isso significa identificar o grupo que compartilha uma cultura e estudar como ele desenvolve padrões compartilhados de comportamento no decorrer do tempo.

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (MATTOS, 2011, p. 50).

Portanto, cabe ao pesquisador identificar os diversos grupos em jogo, suas principais motivações e as maneiras pelas quais esses grupos se apresentam e seus entendimentos do local, de modo a compreender e contribuir com mecanismos eficazes para investigar como se dá a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso.

Assim, os dados serão tabulados e analisados, tanto os decorrentes da pesquisa teórica quanto da pesquisa empírica, fornecendo bases para a discussão acerca da validação dos instrumentos e estratégias utilizadas na obtenção dos mesmos.

1.3.1. Adequações metodológicas durante a pandemia de Covid-19

Com relação aos procedimentos metodológicos da pesquisa, em 2020, no decorrer do levantamento dos dados desta tese, o mundo foi devastado pela pandemia do novo coronavírus³¹.

³¹ Os coronavírus são uma grande família viral, conhecidos desde meados de 1960, que causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Alguns coronavírus podem causar doenças graves, como a Sars

Segundo dados do Ministério da Saúde (2020, n.p.), a pandemia do novo coronavírus teve início na China, sendo comunicada oficialmente no dia 31 dezembro de 2019, e vem assolando diferentes países do mundo.

Em um intervalo de apenas um mês, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença constitui uma Emergência de Saúde Pública de importância internacional. No Brasil, em 26 de fevereiro 2020, foi oficialmente registrado o primeiro caso de Covid-19, sendo detectado em São Paulo, naquela época o Sars-CoV-2 e seus efeitos ainda eram em grande parte desconhecidos para pacientes, estudiosos e médicos.

Passados dezoito meses, o Brasil tem mais de 593 mil mortos e de 21,3 milhões de casos de covid-19, e vê seus trágicos números continuarem a crescer - apesar de estarem desacelerando em algumas outras partes do mundo, segundo levantamento do consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de Saúde do país.

No mundo, de acordo com a Johns Hopkins, são mais de 4,55 milhões de mortes e mais de 219 milhões de casos até setembro de 2021. Os países com mais casos são Estados Unidos, Índia, Brasil, Rússia e Reino Unido. Quando falamos em mortes, o ranking muda: EUA, Brasil, México, Índia e Reino Unido (SANAR SAÚDE, 2021).

A vacinação³² iniciou no Brasil, mas em ritmo lento e com pouca cobertura vacinal. O país viveu nos meses de março e abril de 2021, um dos piores momentos da pandemia e especialistas alertam que sem ações de prevenção coletiva, como uso de máscaras, distanciamento social e higiene pessoal, somente a vacina não será capaz de interromper a transmissão.

No Tocantins, até o dia 24 de março de 2021, um ano após o primeiro paciente ser detectado no estado, foram registrados 132.419 casos positivos e 1.806 óbitos. Em 24 de setembro de 2021, os dados totalizam 223 mil casos positivos e 3.757 mortes pela Covid -19. Em Natividade, foram 1.226 casos confirmados e 24 óbitos (G1 TOCANTINS, 2021).

Ainda em 2020, em decorrência do complexo quadro de pandemia da Covid-19 no mundo e em território brasileiro, a presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) emitiu no dia 14 de março a mensagem “Tempos de Esperança e Solidariedade”. No documento, organizado em sete parágrafos, a presidência da CNBB informava que as indicações práticas de

(Síndrome Respiratória Aguda Grave), identificada em 2002 e a Mers (Síndrome Respiratória do Oriente Médio), identificada em 2012.

³² Uma enfermeira de São Paulo foi a primeira pessoa vacinada contra o novo coronavírus no Brasil, no dia 17 de janeiro de 2021, após a aprovação, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), do uso emergencial de dois imunizantes: a Coronavac, do laboratório chinês Sinovac em colaboração com o Instituto Butantan, e o da Astrazeneca/Universidade de Oxford, elaborada em conjunto com a Fundação Oswaldo Cruz.

cuidado estavam sendo emitidas em cada diocese, considerando e respeitando a realidade. A mensagem recomendava atenção e consideração irrestrita às orientações dos especialistas de saúde e autoridades competentes. “Os cuidados com higienização pessoal e do ambiente, bem como evitar aglomerações são regras que precisam ser seguidas por todos, com irrestrita atenção e cuidados, a partir da própria consciência, regida pelo bom senso e pela fraternidade” (IMPrensa CNBB, 2020).

O Ministério da Saúde alertou que a medida de evitar aglomerações incluía missas e cultos, indicando que as igrejas poderiam permanecer abertas para quem quisesse fazer suas orações. Vários estados e municípios formalizaram ações, desde a restrição do número de participantes até o fechamento dos templos e espaços de reuniões religiosas (CUNHA, 2020).

Na região das Serras Gerais, onde está localizada a cidade de Natividade, desde o mês de março de 2020, houve a paralização das atividades ligadas ao turismo devido a pandemia da Covid-19. Com isso, foram suspensas as atividades da cadeia produtiva do turismo que atingiu diretamente cerca de 250 micros e pequenas empreendedores, considerando toda a cadeia produtiva do turismo dos municípios que compõem as Serras Gerais, que promovem a circulação de turistas, o desenvolvimento dos empreendimentos locais, dos condutores, o fortalecimento de pequenos produtores associados, à produção associada e dos de atrativos (MACEDO, 2020).

Pelo país, as tradicionais viagens de romarias foram canceladas, uma forma de estimular os devotos a ficarem em casa e participarem dos ritos através dos meios de comunicação virtual. Antes da pandemia algumas instituições religiosas já utilizavam de forma massiva a tecnologia e os meios de comunicação digitais. Em Natividade esse cenário foi uma novidade para as pessoas que frequentam tanto a festa do Divino Espírito Santo como a Romaria do Senhor do Bonfim, inclusive, a internet só chegou na comunidade do Bonfim porque precisavam transmitir as missas da Romaria.

Vale ressaltar, que há uma lacuna entre o público que frequenta tais festividades e os meios de comunicação utilizados, que muitas vezes, centralizam o acesso em locais específicos a exemplo das redes sociais: Instagram, Twitter e Facebook. Existe essa lacuna, principalmente quando se refere aos grupos de romeiros que residem nas zonas rurais e, por vários motivos, não têm acesso a estes meios de comunicação.

Diante do cenário pandêmico, as festas religiosas de Natividade não foram realizadas em sua normalidade. No caso da Festa do Divino ocorreu apenas uma missa com os festeiros do ano, sem a participação dos fiéis e com transmissão online pela conta no Instagram de um dos devotos.

Dessa forma, a Festa do Divino Espírito Santo de Natividade do ano de 2020 foi suspensa e transferida para 2021. Porém em 2021, como a situação não havia melhorado (muito pelo contrário), a Festa do Divino Espírito Santo foi transferida novamente para 2022, mantendo os mesmos festeiros de 2020. Essa decisão foi tomada após reunião dos festeiros com o pároco e representantes da Asccuna, em que divulgaram no dia 26 de janeiro de 2021, um comunicado via aplicativo de troca de mensagens (WhatsApp³³) para todos os envolvidos.

Em agosto de 2020, as missas da Romaria do Senhor do Bonfim foram transmitidas pelas redes sociais como Instagram, Facebook e canal no Youtube da Paróquia Santo Antônio de Gurupi, que já utilizava esses meios de comunicação no seu dia a dia e conta com uma equipe de comunicação, além de estações de rádio de Porto Nacional. Toda essa estrutura para realização da transmissão foi apoiada pelo Governo do estado e com investimento do próprio Santuário do Bonfim para instalação de internet da empresa OI. Assim, entende-se o fato de toda a estruturação na Romaria, por já se ter passado cinco meses de pandemia e seguindo as orientações dos órgãos de saúde, principalmente com relação a não aglomeração de pessoas.

Portanto, devido às medidas de distanciamento sociais estabelecidas pelos governos (federal, estadual e municipal) e devido à pandemia do novo coronavírus, a metodologia utilizada durante a produção de dados desta pesquisa foi adaptada às novas condições de contato social. O método *snowball* (bola de neve) foi utilizado para a seleção dos entrevistados, a partir da entrevista com um representante da Asccuna, ou seja, um entrevistado indica o próximo.

Coleman (1958) citado por Handcock & Gile (2011) explica que essa técnica auxilia na obtenção de uma amostra de uma população que normalmente não é possibilitado o uso das metodologias tradicionais como, por exemplo, a de amostragem aleatória, que exige o conhecimento de toda a população. Ainda segundo os autores, esse método é mais dirigido e intencional, onde a validade das informações fornecidas por uma amostra selecionada com base no método *snowball* depende da representatividade da amostra inicial.

Com isso, a produção de dados foi baseada em entrevistas remotas por meio de e-mail, aplicativos de envio de mensagens e de videoconferência, como WhatsApp e Google *Meet*, respectivamente, além de disponibilização de questionários online entre os dias 30 de março de 2021 a 15 de abril de 2021, como alternativa encontrada quanto ao impedimento da coleta in loco das respostas, uma vez que não ocorreram as festas.

³³ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

Dividido em sete sessões, o questionário inicia com a concordância do participante assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³⁴ (TCLE), seguindo para as sete sessões seguintes.

A primeira sessão trata sobre o perfil do respondente (nome completo, origem, sexo, estado civil, faixa etária, renda mensal familiar, escolaridade, ocupação e como se informa); a segunda sessão trata sobre a participação nas festas pesquisadas (quantos dias/vezes participaram, principais motivos em participar) com duas perguntas abertas sobre: a) qual a relação do respondente com as festas pesquisadas; b) o que mais marca o respondente ao participar das festas; a terceira e quarta sessão foram sobre a avaliação das duas festas pesquisadas, aplicando quesitos entre “ótimo” a “sem declaração”, nas áreas de limpeza, energia, internet, estacionamento, segurança, área da missa, atendimento ao visitante, público visitante e organização; na quinta sessão, o participante respondeu também sobre o turismo e se visitava outros locais de Natividade quando ia participar das festas, caso a resposta fosse positiva, quais locais seriam esses, além de responder se, se caso uma empresa oferecesse passeios turísticos após as festividades religiosas ele faria o passeio, se compra lembranças da viagem (qual e onde compra), se benze essas lembranças nas missas, se acredita que Natividade possa ser um destino para o turismo religioso e outra pergunta aberta sobre o porquê do participante acreditar na potencialidade do turismo religioso na cidade; na sexta sessão, o respondente analisa a infraestrutura das festas do Divino Espírito Santo e da Romaria do Bonfim, no que se refere ao local onde se hospeda quando participam da festa, qual meio de transporte utiliza para chegar às festas, o que considera que foi melhor nas últimas festividades e o que acredita que possa melhorar na infraestrutura das próximas festas; por fim, na sétima e última sessão, o participante analisava a infraestrutura turística de Natividade aplicando quesitos entre “ótimo” a “sem declaração”, com relação à rodoviária, transporte intermunicipal, hospedagem, restaurantes, posto médico, apoio aos visitantes e sinalização turística.

Ao todo foram respondidos 120 questionários, sendo divulgados nos grupos do aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas da comunidade de Natividade, nos perfis nas redes sociais vinculados à cidade e das festas ora pesquisadas, além de envio por e-mail aos respondentes que assim o solicitavam em contato com a pesquisadora.

Os resultados dos questionários com perguntas objetivas serão apresentados no Capítulo 5 desta tese no formato de gráficos em pizza e barras. Nos resultados das perguntas abertas foi

³⁴ Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins (UFT). CAAE: 28369420.3.0000.5519

utilizado, para melhor visualização das palavras-chave encontradas na análise das respostas dos questionários, imagens em nuvens de palavras, que é um recurso gráfico utilizado para descrever de forma simples os termos mais frequentemente citados pelos visitantes. Assim, as palavras mais frequentes são desenhadas em fontes de tamanho maior, palavras menos frequentes são desenhadas em fontes de tamanho menor. Essas nuvens foram geradas por meio do site www.wordclouds.com, sendo subtraídos os artigos e pronomes das 120 respostas recebidas até o dia 15 de abril de 2021.

Foram realizadas 23 entrevistas abertas nos meses de junho, agosto, setembro e outubro de 2020 e, nos meses de março e abril de 2021, com os representantes da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), Associação de Turismo das Serras Gerais (Assegtur), Reitor do Santuário do Senhor do Bonfim, Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE – Regional de Dianópolis), Prefeitura de Natividade, Associação dos Profissionais de Turismo do Estado do Tocantins (Aprotur), Paróquia de Natividade e Associação Tocantinense de Turismo Receptivo (ATTR) por meio de e-mails, vídeochamadas e mensagens de áudio no aplicativo de troca de mensagens (WhatsApp). E ainda, com alguns representantes da comunidade, como os festeiros da Festa do Divino de 2020, devotos e guias turísticos da cidade.

Do perfil desses entrevistados, têm-se: Maria Antônia Valadares de Souza, natural de Araguacema (TO), 49 anos, geógrafa, Mestre e Doutoranda em Ciências do Ambiente atuando atualmente na Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC) como Superintendente de Operações Turísticas e Projetos Estratégicos; a presidente de honra da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), Simone Camelo de Araújo, economista e nativitana, mais conhecida como Simone de Natividade; A empresária e Diretora de Cultura e Turismo do Município de Natividade (TO), Mônica Rodrigues Lima Malakowsky Bianchi, 25 anos e natural de Macapá (AP); o Padre Marquínlio Rodrigues Silva, pároco de Natividade, 35 anos e natural de Aurora (CE); Ademilson Ferreira Costa com 46 anos de idade, natural de Natividade (TO) e Imperador do Divino nas festas de 2020-2022, além da sua esposa Heryka Simone Lopes Sales, natural de Dianópolis (TO) e Imperatriz do Divino nas festas de 2020-2022.

Ainda dentre os entrevistados: Romeu Belém dos Santos, também natural de Natividade (TO), devoto e Imperador do Divino nas festas de 2019; A devota do Divino Espírito Santo, Dirani Ribeiro de Oliveira Carvalho, 48 anos, natural de Dianópolis (TO); Manoel Salvador Moura, 58 anos, natural de Rio do Sono (TO), residindo em Natividade desde 1983, empresário

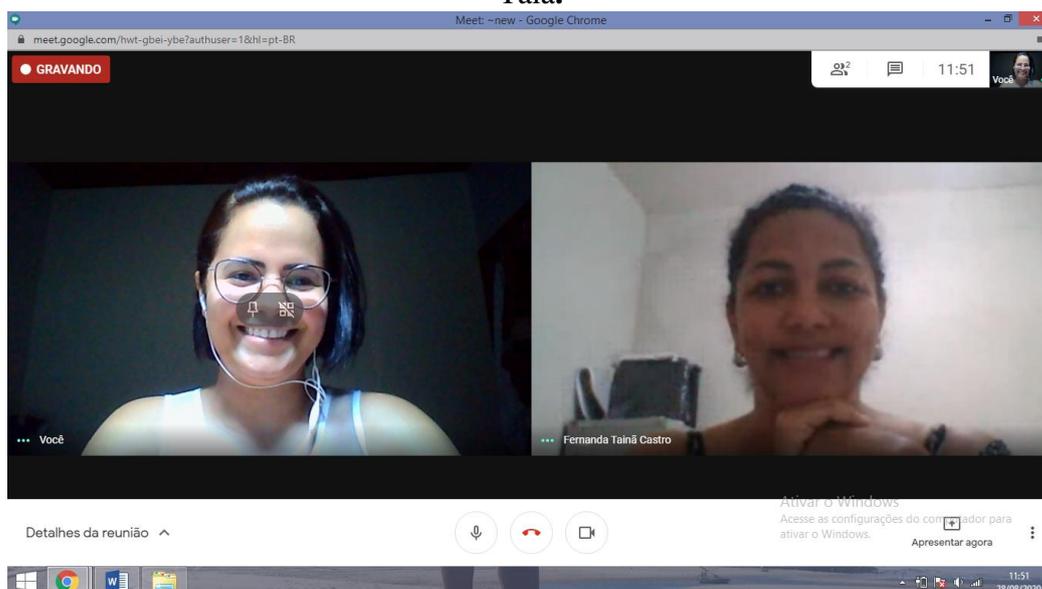
e Presidente da ACINAT – Associação Comercial e Industrial de Natividade (2018-2020); Flávio Pereira de Sousa, mais conhecido na cidade como Flávio Cavaleira, 36 anos de idade, natural de Natividade (TO), fotografo e guia turístico, dono da agência Flávio Cavaleira no município; e, Fernanda Tainã, 37 anos, atuando atualmente como Presidente da Assegtur – Associação de Desenvolvimento do Turismo Sustentável e Produção Associada, natural de Inhumas (GO) e residente em Dianópolis (TO).

Foram entrevistados também, Verônica Tavares de Albuquerque, 40 anos, natural de Nazaré da Mata (PE), mora em Natividade há 12 anos e atua como professora da rede básica de Ensino Fundamental II e como presidente do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) e coordenadora do projeto Grupo de Suça - Tia Benvinda; Alessandra Bacelar, 40 anos, Jornalista e servidora pública estadual que acompanhou o marido na Romaria do Senhor do Bonfim, o qual paga promessas todos os anos; Carmenizia Cardoso da Silva, Guia local e natural de Natividade (TO); Ailton de Paiva Moreira, popularmente conhecido como Darlei Paiva, 36 anos, natural de Natividade (TO) e atua como Procurador da Sorte na Festa do Divino Espírito Santo e foi Capitão do Mastro em 2012.

Ainda dentro do escopo dos entrevistados na metodologia desta pesquisa: Joao Marcelo Sanches, 50 anos, Técnico em Turismo, Guia regional e nacional, e ainda, presidente da Associação dos Profissionais de Turismo (APROTUR); Antônio Louça Cursino, Analista técnico do Sebrae – Dianópolis, gestor do Projeto de Turismo nas Serras Gerais desde o final do ano de 2016 e residente da cidade de Dianópolis (TO); Adalho dos Santos Horta Camelo Filho, 39 anos, natural de Natividade (TO), devoto e Capitão do Mastro em 2019;

Maria do Bonfim P. Nunes Castro, mais conhecida na região como Tia Bonfim, professora aposentada e ministra da Eucaristia do Santuário do Senhor do Bonfim; Padre Leomar Sousa da Silva, Reitor do Santuário do Bonfim e morador do distrito de Luzimangues, da cidade de Porto Nacional (TO) e que faz divisa com Palmas (TO); Fernando Torres, natural de Goiânia (GO), Guia de Turismo e presidente da Associação Tocantinense de Turismo Receptivo (ATTR); Vitória Pinto de Cerqueira, 46 anos, natural de Natividade (TO), possui Curso Técnico em Secretaria Escolar, atua na assessoria e consultoria na área da cultura e agricultura em Chapada da Natividade (TO) e na festa do Divino organiza a Missa do Capitão do Mastro desde 2015; e, por fim, Cejane Pacini Leal Muniz, Arquiteta e Urbanista, Servidora pública no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (TO) e professora universitária.

Figura 14 - Entrevista com online, por vídeo chamada, com a presidente da Assegtur, Fernanda Taiã.



Fonte: Acervo Pessoal

Apenas duas entrevistas foram presenciais na cidade de Natividade, no dia 4 de outubro de 2020, devido à falta de agenda do Reitor do Santuário do Senhor do Bonfim e a presidente da Asccuna. A entrevista que se realizou de forma presencial, após a missa de domingo, reuniu alguns fiéis usando máscaras, porém com pouco ou quase nenhum distanciamento social dentro da igreja, mas havia a disponibilização do álcool em gel na entrada para higienização das mãos. Aproveitando a viagem, foi agendada com a presidente de honra da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna) a outra entrevista presencial e com distanciamento social mínimo exigido na atual conjuntura social.

Figura 15 - Entrevista presencial com a presidente de honra da Asccuna, Simone Camelo.



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Quando da realização de alguma celebração, as mesmas foram restritas aos festeiros, equipe litúrgica, clero e a equipe de comunicação responsável pela transmissão das missas

realizada pelos meios de comunicação e mídias sociais. A comunidade também encaminhou para a pesquisadora fotos e vídeos, por meio do WhatsApp, das celebrações ocorridas neste novo cenário.

Como mencionado acima, nos dois primeiros anos de desenvolvimento desta pesquisa foram estabelecidas visitas constantes, periódicas e dirigidas, como forma de manter parceria com os membros da comunidade, além de estreitar o relacionamento com os demais. Porém, com a pandemia do novo coronavírus, esse contato ficou estabelecido por meios de aplicativos de trocas de mensagens e redes sociais.

Do referencial teórico, utilizou-se pesquisa bibliográfica em livros, artigos nacionais e internacionais, matérias jornalísticas, documentos e resoluções sobre turismo religioso, identidade, cultura, patrimônio, desenvolvimento, dentre outras temáticas, além de informações em sites e documentos disponibilizados online pelos órgãos estatais e de material jornalístico.

Os dados foram descritos e interpretados a partir do material coletado em levantamento documental, entrevistas, registros fotográficos e gravações audiovisuais. Justapondo narrativas da memória e história às observações registradas e ao material produzido durante a Festa do Divino e a Romaria do Senhor do Bonfim no ano de 2018 e 2019 (de forma presencial) e nos anos de 2020 e 2021 de maneira remota (devido à pandemia do novo coronavírus), as interpretações possibilitaram estabelecer a tese de que existe sim uma lógica de organização dos atores na comunidade de Natividade, de modo que os agenciamentos em torno dessas festas religiosas, não pretendem afirmar a cidade como um destino para o turismo religioso dentro do Tocantins, mas sim uma autopromoção de atores isolados em si ou agrupados por afinidades familiares. E ainda, que as ações são voltadas para o turismo cultural, turismo de experiência e mais recentemente, o turismo de aventura/ecoturismo. Ainda não há uma consciência comunitária que o turismo religioso possa ser atrativo. Há uma consciência individualizada e falta, portanto, criar e colocar em prática a rede de atores com projetos e ações.

1.4. Organização da tese

No intuito de facilitar e conectar o leitor ao assunto abordado na tese, a organização da mesma se dá em quatro macro partes, sendo: esta Introdução com a contextualização histórica, geográfica e social do objeto de estudo, incluindo nela ainda, a metodologia aplicada e as

adequações da pesquisa devido à pandemia da Covid-19; na segunda parte, apresenta-se a contextualização teórica com base na interdisciplinaridade requerida pelo assunto em pauta e pela linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins (PPGDR/UFT), com base nas discussões de cultura, patrimônio, memória, desenvolvimento e turismo; na terceira parte desta tese são apresentados os dados coletados e a análise dos mesmos com suporte das principais pesquisas já realizadas sobre o tema em todo país, e que corroboram com o cenário das festas religiosas de Natividade; por fim, a última parte trata das considerações acerca da pesquisa como um todo e incitações para pesquisas futuras nessa conjuntura das festas religiosas e do turismo no pós-pandemia.

Logo, apresentando de maneira pormenorizada, tem-se que no primeiro capítulo teórico, apresenta-se a cultura, os seus conceitos principais e seus desdobramentos a partir das discussões acerca do patrimônio, memória e identidade. Com base nisso, o Capítulo 2 está dividido em quatro partes: sendo a primeira delas sobre a teoria cultural a partir das concepções de Raymond Williams (1979), conceitos de cultura a partir de Renato Ortiz (1986) e Clifford Geertz (2008) enquanto referência metodológica para esta pesquisa e, a relação da cultura e a sua commodificação sob a ótica de Comaroff e Comaroff (2009). Há ainda, na segunda parte, o debate sobre patrimônio (LIMA FILHO, 2015; GONÇALVES, 2015) e memória (HALBWACHS, 1990; LOPES, 2017); seguindo para a terceira parte em que será abordado sobre a cultura como recurso por meio das análises de George Yúdice (2004), sua relação com o *habitus* (BOURDIEU, 2009) e as forças performáticas (YÚDICE, 2004). E, na última parte do segundo capítulo, será apresentada uma discussão acerca da identidade (HALL, 2002; AGIER, 2001;) em que a religiosidade é entendida como prática de identificação (BAJOIT, 2006).

O Capítulo 3 está dividido em quatro partes, iniciando com uma breve apresentação sobre valores culturais e o crescimento econômico, em que os mesmos são associados aos valores religiosos, os quais influenciaram a organização da sociedade e conseqüentemente, o desenvolvimento de suas comunidades (SOUZA; STÜLP, 2008). Na segunda etapa, apresenta-se a concepção de desenvolvimento como liberdade por meio de Amartya Sen (2010), onde o desenvolvimento não pode ser analisado apenas sob o viés restritivo do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e da renda, nem reduzido à capacidade de industrialização e modernização das cidades, mas pelo protagonismo das mesmas (SACHS, 2005). Aborda-se ainda, seguindo esse caminho, que o desenvolvimento surge a partir da centralidade das questões humanas e ambientais, em que há a possibilidade do surgimento de outros modelos de desenvolvimento (LOPES, 2020), principalmente por meio da cultura. Na sequência, apresenta-se que o local é

utilizado como ferramenta do desenvolvimento endógeno (VASQUÉZ BARBERO, 2007; MARTINELLI; JOYAL, 2004; NUNES; KARNOPP, 2015), em que a partir dele a comunidade poderá resolver os desafios que surgirem, com respostas produtivas e adequadas, atendendo às necessidades dos mesmos. Analisa-se ainda, a cultura no desenvolvimento, a cultura para o desenvolvimento e a cultura como desenvolvimento (DESSEIN *et al*, 2015; BURITY, 2007). E, por fim, o capítulo analisa as ações e políticas públicas voltadas para o fomento da cultura no estado do Tocantins (SOUSA; LOPES, 2020).

Já no Capítulo 4, o turismo será abordado a partir do seu surgimento de um modo geral, sobre o turismo religioso e como a questão do turismo vem sendo trabalhada no Tocantins, mais especificamente, nas Serras Gerais e na cidade de Natividade. Dividido em quatro tópicos, pretende-se neste capítulo, apresentar na primeira parte do mesmo, o percurso histórico da área do turismo (SOUSA COLANTUONO, 2015), além das iniciativas pioneiras no mundo e no Brasil (NAKASHIMA; CALVENTE, 2016; CNC, 2005; SANTOS, 2010), como estão divididos os segmentos do turismo e a importância no efeito direto e indireto do turismo na economia de uma localidade (BARBOSA, 2005). No segundo tópico, aborda-se sobre o segmento do turismo religioso, partindo de uma breve apresentação sobre as origens das peregrinações/romarias (SANCHIS, 2006; LEANDRO; LEANDRO; NOGUEIRA, 2019; MÓNICO; MACHADO; ALFERES, 2018), a sua relação com o turismo cultural (RINSCHÉDE, 1992; BRIZOLLA, 2006), as categorizações que ocorrem no turismo religioso (DIAS; SILVEIRA, 2003) e o turismo religioso no Brasil (ABUMANSSUR, 2018). Já no terceiro tópico, aborda-se como o desenvolvimento do Tocantins pode ser vinculado com o turismo, a partir do processo histórico desse desenvolvimento no estado do Tocantins (OLIVEIRA, 2019; PARENTE, 2003), principalmente pelo seu desmembramento do estado de Goiás, por dentre os motivos, mostrarem-se com características sociais, culturais e econômicas díspares (CAVALCANTE, 2003). Entendendo esse processo no estado, pode-se então analisar as políticas e potencialidades da região estudada (PAIVA, 2004) com relação ao turismo de uma forma geral e o turismo religioso. E, no último tópico do Capítulo 4, será abordado sobre a região turística das Serras Gerais no Tocantins, além de apresentar os programas, políticas públicas e projetos que foram e estão sendo desenvolvidos no âmbito do governo estadual e governo federal, por meio da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC).

No Capítulo 5, têm-se a análise dos dados produzidos durante a pesquisa, além do papel dos atores locais e o agenciamento dos mesmos em torno dos projetos que envolvem o turismo religioso e as festas religiosas, correlacionando-os com o referencial teórico, com o intuito de

responder se com a realização da Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim – as quais representam a religiosidade da população local -, podem se tornar referenciais para o desenvolvimento local por meio do turismo religioso. Analisando, em consonância com as hipóteses apresentadas anteriormente, como são os agenciamentos locais por meio dos atores sociais que atuam na cidade, quais são as políticas públicas que foram planejadas para a região de Natividade e a análise desse instrumento conforme os dados levantados; além da apreciação, a partir das respostas dos 120 questionários aplicados de forma online, sobre a estrutura, impressões sobre as festas religiosas e sobre Natividade. Relata-se ainda neste capítulo, como foram realizadas a festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, seus principais ritos e como as celebrações ocorreram em meio à pandemia e por fim, a avaliação dos atores com relação à possibilidade do turismo religioso em Natividade.

E, no capítulo final desta tese, traz-se as considerações desta tese sobre o agenciamento das festas religiosas de Natividade, para a implantação do turismo religioso, e ainda, abre a discussão para pesquisas no pós-pandemia. Em que, o turismo religioso foi considerado, em sentido amplo, como aquele motivado parcial ou exclusivamente por motivos religiosos e a identificação desses agenciamentos em torno do projeto de turismo, neste caso o religioso, para a cidade de Natividade é fundamental para entender os processos que estão ocorrendo no município como foi apresentado na análise dos dados, em que os agenciamentos acontecem sim, sejam eles individuais, em grupos ou por associações.

Logo, os atores estão organizados por meio de uma lógica de compromissos identitários que são os compromissos que eles assumem consigo mesmo e com a comunidade em si. Assim, percebe-se que há uma gama de interesses difusos e sazonais, além de disputas por “exclusividade” em determinadas atividades dentro do município. Além de total dependência de outro ator social, no caso a Asccuna, para dar prosseguimento aos projetos que mantêm Natividade como uma cidade de arquitetura patrimonializada, com festas religiosas que atraem grande público (independentemente da religião), porém são direcionadas a um público muito específico e local. Em tempos pós-pandêmico, já se pode pensar que as relações sociais não serão mais as mesmas ou poderão se acentuar. E, à medida que acontecer a flexibilização da política de isolamento e volta gradual de cultos presenciais, será necessário ter cautela com a reaproximação social e o retorno à normalidade da vida.

2. CULTURA, PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Para compreendermos o processo de como se dá o desenvolvimento local de uma comunidade tendo como ponto de partida a cultura, seus traços históricos, suas memórias e seu patrimônio, faz-se necessário apresentar as teorias e os autores basilares de como foi construída esta tese e como esses conceitos se desdobram no objeto em estudo, neste caso, as festas religiosas da cidade de Natividade – TO e os agenciamentos em torno do turismo religioso promovido pelos atores sociais que orbitam naquela comunidade.

Os dados históricos, socioeconômicos e culturais descritos sobre Natividade, anteriormente, permitem reconhecer que a cidade possui atrativos culturais e religiosos durante quase todo o ano civil, porém, o fato que mantém a economia da cidade ativa é o setor de serviços públicos.

Com base nestes dados, este capítulo está dividido em quatro partes: sendo a primeira delas sobre a teoria cultural (WILLIAMS, 1979), conceitos de cultura (GERTZ, 2008; ORTIZ, 1986) e a sua comodificação (COMAROFF; COMAROFF, 2009), trazendo o debate para a contemporaneidade; na segunda parte, tratar-se-á sobre patrimônio (LIMA FILHO, 2015; GONÇALVES, 2015) e memória (HALBWACHS, 1990; LOPES, 2017); na terceira parte será abordado sobre a cultura como recurso (YÚDICE, 2004) e uma discussão sobre *habitus* (BOURDIEU, 2009) e forças performáticas (YÚDICE, 2004); e, na última parte, apresenta-se a discussão acerca da identidade (HALL, 2002; AGIER, 2001;) em que a religiosidade é entendida como prática de identificação (BAJOIT, 2006).

Sendo assim, com base na teoria cultural de Raymond Williams (1979), um dos principais autores que discutem a cultura dentro da teoria marxista, se apresenta neste capítulo conceitos sobre hegemonia com Antonio Gramsci, reforçando que só se pode entender uma cultura dominante e efetiva a partir do momento em que se entende o processo social e as relações sociais que dela derivam.

Abre-se ainda, uma discussão sobre tradição enquanto herança cultural e adota-se a definição sobre cultura de Clifford Geertz (2008) que, em suma, a define como criadora e recriadora de comportamentos. E, trazendo a discussão para a contemporaneidade, Renato Ortiz (1986) apresenta a cultura, de uma maneira mais estrutural, como algo heterogêneo que não está inserido em um sistema único de significações, em que questiona o papel da memória e da relação de poder no processo de decisão do que seria considerado como patrimônio e do que seria uma identidade autêntica. Assim, antes de ingressar na discussão acerca de patrimônio e memória,

aborda-se sobre conceito de commodificação da cultura e a busca por uma autenticidade da identidade cultural (COMAROFF; COMAROFF, 2009).

Na segunda parte do capítulo será apresentado sobre patrimônio e a busca por uma identidade nacional, além de discussão sobre como é trabalhado o patrimônio no Tocantins e consequentemente, em Natividade. Ressalta-se aspectos da memória coletiva como pilar nesse processo e também sobre o autombamento/autopatrimonialização apresentada por Lopes (2017).

Seguindo a análise sobre cultura, far-se-á uma intersecção entre conceitos de identidade e sua relação com a memória e o patrimônio. Convém salientar, no terceiro tópico, como o catolicismo popular adentrou no campo da cultura e como a cultura passou a ser vista como recurso. Promovendo assim, uma análise entre o que Bourdieu (2009) estabelece como *habitus*, com recorte no que tange à reprodução do modo de vida, o qual recebe influências externas e faz com que os indivíduos mudem sua percepção de como enxergam a vida e suas relações sociais, com o que Yúdice (2004) chama de campo de forças performáticas.

Por fim, no último tópico deste capítulo de abertura teórico, apresenta-se a discussão acerca de uma declaração de identidade (AGIER, 2001) enquanto prática de identificação (BAJOIT, 2006) que parte de uma realidade multicultural e deve ser entendida como uma narrativa que possui como fator principal a memória coletiva para sua formação.

2.1. Teoria Cultural: hegemonia, tradição e autenticidade

A teoria cultural de Raymond Williams (1979) parte das percepções materiais e produtivas da cultura. O teórico se destaca por ser um dos principais autores que debatem a questão da cultura na teoria marxista. O autor afirma que toda abordagem da teoria marxista da cultura deve iniciar considerando os conceitos de base (infraestrutura) e superestrutura, uma metáfora usada pelo marxismo tradicional para explicar, também, a relação entre arte e sociedade. Ele não acredita que a ideia de arte e pensamento sejam reflexos da realidade (como algo separado do homem social), o teórico defende que há uma mediação, uma teoria mais elaborada, que não permite ainda teorizar manifestações culturais como produção.

E, será pelo conceito de hegemonia³⁵ de Antonio Gramsci (1891-1937), que para Williams (1979, p. 111), as práticas culturais deixam realmente de ser superestruturais.

A “hegemonia” é um conceito que inclui imediatamente, e ultrapassa, dois poderosos conceitos anteriores: o de “cultura” como “todo um processo social”, no qual os homens definem e modelam todas as suas vidas, e o de “ideologia”, em qualquer de seus sentidos marxistas, no qual um sistema de significado de valores é a expressão ou projeção de um determinado interesse de classe. A “hegemonia” vai além da “cultura”, como antes a definimos, em sua insistência em relacionar “todo o processo social” como distribuições específicas de poder e influência. Dizer que os “homens” definem e modelam suas vidas só é verdade como abstração.

Para o teórico, a cultura não é reflexo da base econômica. Sendo que a hegemonia não deve ser entendida como mera opinião, pois ela envolve um sistema de significados e valores central, efetivo e dominante, além de ser organizada e vivida, ou seja, um corpo completo de práticas e expectativas.

É um conjunto de significados e valores que, vividos como práticas, parecem se confirmar uns aos outros, constituindo assim o que a maioria das pessoas na sociedade considera ser o sentido da realidade, uma realidade absoluta porque vivida, e é muito difícil, para a maioria das pessoas, ir além dessa realidade em muitos setores de suas vidas. Mas este não é (a não ser no caso de um momento de análise abstrata) em nenhum sentido um sistema estático (WILLIAMS, 2005, p. 217).

Williams (2005) reforça ainda que só se pode entender uma cultura dominante e efetiva, se entender o processo social do qual ela é dependente, neste caso, o processo de incorporação.

Os modos de incorporação têm grande significado social. As instituições educacionais são geralmente os agentes principais na transmissão de uma cultura efetiva e dominante, e esta é, em nossos dias, uma atividade de grande importância, tanto econômica quanto cultural; de fato, é as duas coisas ao mesmo tempo. Além disso, num nível filosófico, no verdadeiro nível da teoria e no nível da história das várias práticas, há um processo que chamo de tradição seletiva: aquilo que, no interior dos termos de uma cultura dominante e efetiva, é sempre transmitido como “a tradição”, “o passado importante”. Mas o principal é sempre a seleção, o modo pelo qual, de um vasto campo de possibilidades do passado e do presente, certos significados e práticas são enfatizados e outros negligenciados e excluídos. Ainda mais importante, alguns desses significados e práticas são reinterpretados, diluídos, ou colocados em formas que apoiam ou ao menos não contradizem outros elementos intrínsecos à cultura dominante e efetiva (WILLIAMS, 2005, p. 217).

³⁵ A noção de hegemonia foi criada no seio da tradição marxista para pensar as diversas configurações sociais que se apresentavam em distintos pontos no tempo e no espaço. Pode-se afirmar que hegemonia é uma dominação consentida, especialmente de uma classe social ou nação sobre seus pares.

Ainda na proposta de Williams (2005), os significados e os valores alternativos, que na negligência foram deixados de lado pela tradição seletiva, em detrimento de outros instituídos, devem ser considerados, pois uma sociedade complexa deve considerar “as opiniões e atitudes alternativas” e até mesmo “alguns sentidos alternativos do mundo que podem ser acomodados e tolerados dentro de uma determinada cultura efetiva dominante” (WILLIAMS, 2005, p. 218).

As relações sociais constituem a cultura, de forma que as mudanças nos modos de produção material e cultural relacionam-se e tornam-se um forte recurso para a promoção da transformação social.

É nas relações sociais que se dá a formação de significados, justificativas, aspirações. Práticas, pensamentos e sentimentos articulam-se para garantir a vitalidade de uma certa ordem social. Há interpretações de acontecimentos que se tornam hegemônicas num complexo processo que não pode ser enfrentado se não se tem em vista a possibilidade de lutar para alterar os sentidos na direção da sociedade. Não é casual que “hegemonia” e o legado gramsciano sejam cruciais para seu materialismo cultural (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2016, p.4).

O processo de ruptura com o que é definido como “tradição” acontece por meio das práticas alternativas, e até mesmo antagônicas, sendo geradas dentro da mesma sociedade. Para Williams (1992), no conceito cultural básico do termo tradição, ele está relacionado com reprodução em ação.

Pois a tradição (“nossa herança cultural”) mostra-se de modo claro como um processo de continuidade deliberada, embora, analiticamente, não se possa demonstrar que alguma tradição seja uma seleção ou re-seleção daqueles elementos significativos recebidos e recuperados do passado que representam uma continuidade não necessária, mas desejada. [...] Esse “desejo” não é abstrato, mas efetivamente definido pelas relações sociais gerais existentes” (WILLIAMS, 1992, p. 184).

Para Stuart Hall (1997), os seres humanos são seres interpretativos e instituidores de sentido, tanto que a ação social é significativa devido aos muitos e variados sistemas de significados que os seres humanos utilizam para codificar, organizar e regular a sua conduta em relação ao outro, que tomando em seu conjunto, constituem as “culturas”. São essas ações, significados que “contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 16).

Hall (1997, p. 22-23) ressalta ainda que “é quase impossível para o cidadão comum ter uma imagem precisa do passado histórico sem tê-lo tematizado, no interior de uma “cultura herdada”, que inclui panoramas e costumes de época”.

Já para Geertz (2008) a cultura é, em parte, controladora do comportamento em sociedade, criando e recriando comportamentos, devido ao seu conteúdo ideológico, algo impossível de não possuir significado.

Assim, para entender a cultura, Geertz (2008, p. 66-67) explica que ela

[...] funciona para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão do mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

Indo além de concepções centradas na constituição da esfera cultural, estrito senso, outras concepções ganharam visibilidade contemporaneamente. Nessa perspectiva, Renato Ortiz (1986, p. 134) explica que a cultura é heterógena e que as manifestações culturais não partilham do mesmo traço comum, bem como não estão inseridas em um sistema único de significações. E mais, o autor reforça que a memória de uma manifestação cultural ou folclórica “existe enquanto tradição, e se encarna no grupo social que a suporta. É através de sucessivas apresentações teatrais que ela é realimentada. [...] a tradição é mantida pelo esforço de celebrações sucessivas”.

E, ainda, com base no ponto de vista estrutural sobre a memória, apresentado por Ortiz (1986), tem-se que a memória, no sentido da sua seletividade, é política. À medida que ela tende a uma orientação que é política, ela terá uma dimensão estratégica. “Seriam as lembranças individuais e coletivas o marco dos limites que possibilitam configurar a importância da narrativa de marcação social³⁶ dos bens, entre sujeitos de um grupo ou sociedade” (LOPES, 2017, p. 92).

Para Lopes (2017, p. 138),

[...] tanto a relativização quanto a inscrição situacional dos padrões e modelos identitários ressignificam as memórias nacional e coletiva, tornando a memória um recurso negociado segundo o campo de possibilidade em que os projetos dos indivíduos e grupos se movem, visando constituir suas coleções em bens coletivos.

Vinculando a perspectiva do patrimônio, analisando a relação cultura-memória, o mesmo atua como “parte integrante da memória social, também o ressaltaria como um campo de conflito simbólico da sociedade, no qual se registra o jogo memória/esquecimento, em geral vencido

³⁶ O termo marcação social é apresentado por K. Woodward (2000) que considera a marcação simbólica o meio pelo qual se dá sentido as práticas e as relações sociais, definindo excluídos e incluídos naquele meio e que é por meio dessa diferenciação social que as classificações da diferença são vividas nas relações sociais.

pelos segmentos sociais dominantes, que podem impor sua memória como a de toda a sociedade” (RODRIGUES, 2011, p. 18).

Para Lopes (2017, p. 137) agenciamentos em torno do que seria memória patrimonial operam modulações³⁷

[...] do caráter essencialista da memória coletiva que, agenciada pelo Estado, busca circunscrever o mito da nação e arbitrar padrões de identidade nacional, regional ou local, em dispositivos institucionais de políticas culturais e públicas. Sobretudo, tais modulações operam sobre esses padrões, primeiro, relativizando-os como modelos históricos para, depois, inscrevê-los situacionalmente em experiências coletivas, e na constituição de arquivos.

Seguindo nessa lógica, Ortiz (1986, p. 8) contribui ainda e expõe que falar em cultura brasileira é falar em relação de poder. O processo de escolha do que seria patrimônio e do que representaria a história de um povo. O autor expõe que “a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. [...] que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado”.

Dessa relação com o Estado e a busca por uma identidade autêntica, existem as práticas de comodificação³⁸ cultural e social atreladas ao turismo e os impactos da globalização que levam à comercialização da cultura e das identidades de diversos grupos étnicos.

Estudos das áreas do turismo, geografia, sociologia e antropologia buscam entender os impactos da comodificação de lugares turísticos associada às ressignificações culturais e espaciais daí derivadas, demonstrando como uma verdadeira indústria vem sendo criada para comercializar os produtos culturais e os valores ligados à autenticidade de certos locais (BECK; CUNHA, 2017, p. 140).

Para Comaroff e Comaroff (2009), a incorporação da identidade e comodificação da cultura em diversos grupos estão se reinventando a partir da reflexividade sobre suas etnicidades e sobre a comercialização dessas culturas. Entendendo que, a comodificação da cultura seria a efetiva entrada na esfera do mercado de domínios da existência humana que anteriormente escapavam dela, como símbolos identitários de uma nação, crenças e práticas religiosas entre

³⁷ Conceito apresenta por Lima Filho (2105) em que as decisões perpassam pelas dimensões históricas, econômicas, políticas, de gênero, de raça, de classe e de identidade social.

³⁸ Comodificação refere-se ao fenômeno contemporâneo em que muitos bens, serviços, ideias e também pessoas – outrora considerados não comerciais – passam a ser transformados em mercadorias vendáveis. O fenômeno em estudo tem origem no entendimento marxista sobre a teoria da *commodity*, que busca entender como a mercadorização da força de trabalho humana se inscreve em um sistema de relações desiguais no mercado de trabalho, instauradas pelo modo de produção capitalista. Na visão contemporânea, a mercadoria expandiu-se de um bem tangível para incluir todos os tipos de ativos intangíveis:

outros. Já por incorporação da identidade seria o processo pelo qual a identidade passa a ser reivindicada pelos grupos étnicos.

[...] vivemos numa época em que a economia política - com este roteiro renovado - é cada vez mais, e abertamente, uma força que faz mundos; [...] O político e o econômico (ou melhor - dadas as prioridades do momento - o econômico e o político) são inseparáveis como nunca antes; são áreas ancoradas igualmente na marca e na lei, em suas materialidades, em seus costumes e em seus procedimentos de significação. [...] a identidade - considerada hoje, de dentro de um produto de mercado - está cada vez mais relacionada às realidades manifestas do consumo de massa (COMAROFF; COMAROFF, 2009, p. 76).

Os autores apresentam ainda que a noção de etnicidade possui um repertório amplo e instável de sinais culturais através dos quais as relações são construídas e comunicadas, em que a etnicidade passa a ser construída e explorada sob influência das ideologias neoliberais e o comércio excede a função de venda de bens e serviços. Assim, a cultura está sendo commodificada, as mercadorias estão se tornando explicitamente culturais.

Quando ativos intangíveis, como a expressão cultural, os lugares, as paisagens, as histórias, as tradições, os rituais e as artes são apropriados por “outros”, colocados em formato de mercadoria – miniaturizados, padronizados e precificados – entende-se que existe uma commodificação da cultura. Nas últimas décadas, observa-se uma intensa reconfiguração espacial de lugares e uma ressignificação identitária de comunidades tradicionais, fatos que alteram as dinâmicas sociais e são tributados a ações de interesse econômico e político (BECK; CUNHA, 2017, p. 140).

Ainda em Comaroff e Comaroff (2009), os autores definem que mesmo em contextos onde a condição econômica requer essa commodificação, a identidade mantém um núcleo que as pessoas não abrem mão. Às vezes essa base identitária até se perde, por várias questões, mas quando ela é reavivada por um projeto econômico, por exemplo, os indivíduos têm a possibilidade de se reconhecer, sendo aquilo que eles representam, e isso ultrapassa a dimensão da motivação econômica na constituição da identidade. Com isso, para os autores, as pessoas do lugar não confundem aquilo que é a cultura delas (a sua identidade) com aquilo que é o show ou o espetáculo (que foi commodificado), elas sabem diferenciar, preservar e valorizar a base da cultura.

Phillip Felfan Xie (2003) citado por Comaroff e Comaroff (2009, p. 22, tradução nossa) expõe que:

[...] (a) “transformar produtos culturais em mercadorias não necessariamente os destroem; (b) “cultura e turismo podem se tornar indissociáveis”; (c) “a transformação da cultura em mercadoria” é muitas vezes um mecanismo positivo na busca da autenticidade”, uma forma de aproximação do “verdadeiro eu” individual e coletivo “apropriando-se do passado”.

Esse é um elemento importante para compreender as dinâmicas econômicas, por mais que haja certa tendência presente na literatura crítica em dizer que a questão econômica do turismo desestrutura essa base identitária ou essa base cultural de uma comunidade por exemplo, Comaroff e Comaroff (2009) revelam que, muitas vezes, a incorporação da identidade e a comodificação da cultura acabam reforçando a base identitária de uma comunidade, ao invés de a desestruturar. E, o indivíduo nesse movimento, acaba se valorizando, fazendo com que ele entenda a importância da cultura e da identidade que ele representa.

2.2 Patrimônio e Memória

Autores têm debatido que, ultimamente, qualquer objeto material, espaço, prática social ou quaisquer tipos de conhecimento podem ser identificados, celebrados ou contestados por grupos sociais como “patrimônio”. E, “do ponto de vista do Estado e de suas políticas, especificamente suas políticas de patrimônio, ‘identificar’ um grupo e seu patrimônio equivale a exercer positivamente sua função enquanto agência do poder” (GONÇALVES, 2015, p. 213).

Com isso, para certos grupos sociais, defender e preservar determinados “patrimônios” é lutar pelo reconhecimento, existência e sua permanência social. É a defesa e preservação de sua cultura, sua identidade.

Assim, é comum que se assuma como um dado que os patrimônios materiais ou imateriais expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais. Um tipo de arquitetura, assim como uma culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, pode ser identificado como “patrimônio cultural” na medida em que é reconhecido por um grupo (e eventualmente pelo Estado) como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua “identidade” (GONÇALVES, 2015, p. 213).

Logo, discutir o patrimônio e sua relação com os conceitos de cultura, autenticidade³⁹ e comodificação apresentados no tópico anterior, é importante para entender o surgimento dos patrimônios culturais, uma categorização ocidental, que ainda no século XIX, serviu para criar referenciais comuns, ou seja,

³⁹ Na contemporaneidade, há uma cultura da autenticidade que está ligada a ideia de autodeterminação, autorrealização e autossatisfação. Porém, há uma ambivalência, em que ao mesmo tempo que surge essa cultura da autenticidade individualista, surge também o seu contraponto: uma autenticidade cultural. Isto é, discute-se se uma cultura é autêntica ou não, enfatizando o aspecto coletivo, sendo discutido nos estudos sobre identidade cultural, nacional, grupal etc (OLIVEIRA, 2016).

[...] unificá-los em torno de pretensos interesses e tradições comuns, resultando na imposição de uma língua nacional, de “costumes nacionais”, de uma história nacional que se sobrepôs às memórias particulares e regionais. [...] o patrimônio passou a ser, assim, uma construção social de extrema importância política [...] a palavra patrimônio indica uma escolha oficial, o que envolve exclusões; também significa algo construído para ser uma representação do passado histórico e cultural de uma sociedade (RODRIGUES, 2011, p. 16).

Lima Filho (2015) explica que o patrimônio está inserido no mito da nação, como também, pode estar fora dele (o não patrimônio) e não reconhecer esse discurso da cultura nacional. O patrimônio pode ansiar ainda, a cidadania cultural por meio de modulações interculturais.

O reverso do patrimônio tem lugar na cidadania patrimonial, potencializando a cidadania insurgente. Essa última possibilidade não tem sido contemplada pelos autores quando escrevem sobre o patrimônio. Ora, a análise do patrimônio distanciada do mito da nação só é capaz se consideramos o conflito ou a insurgência colada também ao conceito de cidadania. Dessa forma, a ação patrimonial movida pelos atores sociais desenha uma escala cuja mensuração vai do mito da nação à sua resistência/negação assumida por atores sociais que politicamente se situam nas margens, nas fraturas e clivagens, ou seja, em direção a uma ideia de anti-mito da nação (LIMA FILHO, 2015, p. 140).

Trazendo a análise das políticas patrimoniais para o ambiente nacional, pode-se afirmar que as discussões no Brasil acerca do patrimônio iniciam a partir do projeto de Mário de Andrade, no começo do século XIX (décadas de 1920 e 1930), e sua noção sobre o patrimônio em que colocava no mesmo nível: a etnografia, o folclore, a cultura popular, a arqueologia e a paisagem. Nas décadas seguintes, o projeto capitaneado por Rodrigo de Melo Franco, primeiro diretor do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN⁴⁰, possuía um viés mais voltado para a preservação e ações relacionadas ao patrimônio material. Ainda na década de 1970, as ações patrimoniais continuaram sob a perspectiva dos arquitetos, pautadas na promoção do tombamento dos centros urbanos históricos (LIMA FILHO, 2009).

Na década de 1980, há uma mudança de perspectiva na política patrimonial brasileira quando Aloísio Magalhães assume o SPHAN. “Prioriza-se uma perspectiva idealista, no sentido de focar o lugar dos sujeitos como atores sociais e patrimoniais” (LIMA FILHO, 2009, p. 614).

Com isso,

[...] a linha do tempo de Rodrigo até Aloísio é diretamente proporcional à abertura política no país, da mesma forma como é proporcional o desconforto pela ausência da valorização da polissemia do patrimônio pelos atores sociais que o constroem e o ressemantizam. A ação patrimonial do Estado brasileiro

⁴⁰ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

(leia-se IPHAN) começa a se configurar por meio de outras ordens: simbólica e política (LIMA FILHO, 2009, p. 616).

Com a Constituição de 1988, há uma nova configuração do SPHAN, e a noção de cultura volta-se para a perspectiva antropológica e inclui os conceitos de bens culturais, de dinâmica cultural e de referência cultural.

Se até os anos 1980 as narrativas estavam voltadas firmemente para a nação, e todo e qualquer bem tombado o era em função de seus vínculos com a história e a identidade nacional, nas últimas décadas, desde então patrimônios associados a diversos grupos e movimentos sociais vêm sendo reivindicados, reconhecidos ou contestados sem que os vínculos com uma “identidade nacional” sejam necessariamente colocados em primeiro plano (GONÇALVES, 2015, p. 219).

Logo, para que fosse definido um patrimônio cultural, por exemplo, dependia-se das ideias/concepções daquele período com relação ‘do que, para quem e porque’ se preservou, sem contar, que o significado e as motivações, para que aquele bem tenha se tornado um patrimônio, poderiam mudar conforme as circunstâncias do futuro.

Se uma determinada concepção de “autenticidade” estava associada à hegemonia e à centralidade do Estado nacional na formulação e implementação de políticas de patrimônio, essa concepção parece alterar-se em função da nova configuração institucional que vem se desenhando a partir das últimas décadas do século XX. Na atualidade, esses discursos parecem evidenciar concepções de “autenticidade” em que a ênfase é colocada não mais exclusivamente numa relação orgânica com o passado nacional, mas na própria possibilidade presente (ou “presentista”) de reprodução social de diversos passados. O patrimônio oscila entre a história nacional e as memórias coletivas (GONÇALVES, 2015, p. 220).

Com essa mudança de visão sobre o que seria patrimônio, Lima Filho (2015) apresenta uma discussão sobre o assunto de forma mais contemporânea, em que os grupos sociais e étnicos estão dotados de poder para definir o que seria patrimônio. Assim, desenvolve o conceito de cidadania patrimonial em que considera

[...] como cidadania patrimonial a capacidade operativa dotada de alto poder de elasticidade de ação social por parte de grupos sociais e étnicos, em suas dimensões coletivas ou individualizadas de construir estratégias de interação (de adesão à resistência/negação) com as políticas patrimoniais tanto o âmbito internacional, nacional ou local, a fim de marcar preponderadamente um campo constitutivo identitário, pelo alinhamento dos iguais ou pela radicalidade da diferença. [...] a ação patrimonial movida pelos atores sociais desenha uma escala cuja mensuração vai do mito da nação à sua resistência/negação assumida por atores sociais que politicamente se situam nas margens, nas fraturas e clivagens, ou seja, em direção a uma ideia de anti-mito da nação (LIMA FILHO, 2015, p. 139).

Entende-se que a partir dessa agência do patrimônio, por meio da cidadania patrimonial, apresentada por Lima Filho (2015), o patrimônio é algo que se faz constantemente, se faz com a tradição, se faz com a valorização que as pessoas dão ao fato de uma festividade ocorrer em um lugar patrimonializado, por exemplo. E que, para o autor, “nos processos patrimoniais de registro de referências culturais os grupos sociais de alguma maneira têm assumido um topo na conjuntura relacional com as políticas do Estado” (LIMA FILHO, 2015, p. 142).

Lima Filho (2015, p. 147) citando Dominique Gallois (2006, p. 72) explica que:

[...] a adequação das medidas de proteção envolve, sempre, complexas negociações. Quem são os agentes responsáveis pelo inventário dessas tradições culturais? Quem tem o poder de escolher entre uma ou outra tradição, entre uma ou outra comunidade? O que se pretende preservar numa tradição: as produções, o registro dessas produções ou seus meios de expressão? Como engajar efetivamente uma comunidade na política de preservação? [...] os procedimentos de ‘conservação’ habitualmente utilizados para a proteção do patrimônio material não são adequados à preservação do patrimônio imaterial, que exige um conjunto muito mais complexo de procedimentos.

Portanto, entende-se que a cidadania patrimonial apresenta o patrimônio como um jogo, em que as políticas patrimoniais brasileiras estão distantes da sociedade, porém em processo de efervescência de refazer culturais, em que demarcam a construção de sujeitos sociais em busca de uma identidade narrativa intercultural, histórica e até mesmo mítica. E, para entrar nessa competição, os sujeitos devem estar dispostos a jogar e serem insurgentes à medida que as peças do jogo começam a ser movidas, sendo elas: o Estado, as políticas patrimoniais, o mercado e as ações do grupo social.

O patrimônio é bom para jogar caso os atores estejam dispostos a jogar. Caso contrário, o patrimônio será refratado pelos grupos sociais. Essa capacidade de refração ou de opção até onde deve seguir o jogo patrimonial é mais uma característica da maleabilidade da cidadania patrimonial. Ou seja, a refração/opção rompe com a passividade da inércia (LIMA FILHO, 2015, p. 143).

Diante desse contexto e voltando esta análise para o estado do Tocantins, o processo de patrimonialização na região que compreende hoje o estado, só teve início no final da década de 1980, com o tombamento do centro histórico de Natividade, localidade deste estudo, que foi reconhecida como patrimônio histórico nacional em 1987 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inscrita nos Livros do Tombo Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico da Lei 6.292, de novembro de 1975. E cumprindo assim, os efeitos do Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, em que também teve homologado o tombamento do seu Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico.

Segundo Santos (2020), no contexto de preservação do patrimônio cultural, o recém-criado estado do Tocantins desenvolveu o projeto “Conhecer para Preservar”, que consistia em um inventário prévio das manifestações culturais e monumentos históricos e arquitetônicos do Tocantins. Porém, o primeiro ato formal de tombamento na esfera estadual foi a Lei n. 431, de 28 de julho de 1992, promulgada pelo então Governador Moisés Nogueira Avelino, que teve foco no patrimônio material e prédios públicos.

Art. 1º. Ficam tombados e integrados ao Patrimônio Histórico e Cultural do Estado do Tocantins, os prédios públicos que sediaram os Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário do primeiro governo do Estado do Tocantins, com sede na cidade de Miracema do Tocantins, sua primeira capital, e em Palmas: - I. Prédio que sediou o Palácio Araguaia - Sede do Poder Executivo: Rua Osvaldo Vasconcelos, s/nº - Miracema do Tocantins; II- prédio que sediou a Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins; Rua Hosana Cavalcante, s/nº - Miracema do Tocantins; III- prédio que sediou o Tribunal de Justiça do Estado do Tocantins: Praça Mariano Cavalcante, S/N - Miracema do Tocantins; IV- prédio que primeiro sediou a Assembleia Legislativa em Palmas; V- prédio que primeiro sediou o Poder Executivo “O Palacinho” em Palmas.

Os bens foram tombados antes da instituição de uma lei de proteção do patrimônio cultural do Tocantins, essa que só foi publicada quase um ano após o tombamento, em 1993. A Lei nº 577, de 24 de agosto de 1993, trata sobre a proteção e preservação do patrimônio histórico e artístico cultural do estado do Tocantins, e especifica que:

Art. 2º. Constituem o patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado do Tocantins, desde que representativos dentro do acervo estadual: I - os bens móveis, em conjunto ou isoladamente, os congregados urbanísticos e os especificados no § 1º. Incisos I a IV, do art. 138 da Constituição Estadual; II - as construções e as obras de arte de notável qualidade estética ou particularmente representativas de determinação época ou estilo; III - os edifícios, monumentos, documentos ou objetos estritamente vinculados a fato memorável da história local ou a pessoa de excepcional notoriedade, que, de alguma forma, tenha contribuído para as artes, a cultura, a criação e a implantação do Estado do Tocantins; IV – os monumentos naturais, paisagens e locais cujo a preservação seja de interesse público por seu especial valor artístico etnológico, folclórico ou turístico; V - as bibliotecas, arquivos e documentos de acentuado valor cultural; VI - as tradições, usos e costumes dos grupos indígenas do Estado; VII - os sítios arqueológicos, ecológicos, espeleológico e paleontológico; VIII- quaisquer outros bens que forem de interesse para a preservação da memória estadual.

Ressalta-se ainda, que na Lei nº 577, de 24 de agosto de 1993, estão excluídos os bens imateriais. E que, passados mais de trinta anos de criação, “o estado do Tocantins não consolidou uma política de preservação e proteção para o patrimônio cultural. Nesse período, ocorreram várias mudanças nas estruturas do órgão de cultura do Estado, alternando entre Secretaria de Cultura e Fundação Cultural” (SANTOS, 2020, p. 17).

Em 2009, dentro do contexto da cidade de Natividade, a Lei Estadual nº 2.185, de 10 de novembro de 2009 reconhece como bem de valor cultural e Patrimônio Histórico do Estado do Tocantins, o Biscoito Amor-Perfeito.

E, um dos órgãos que tem mais atuado em defesa do patrimônio material e imaterial no Tocantins, é o Iphan, órgão do governo federal que atualmente está vinculado ao Ministério do Turismo. “A criação da Superintendência do Iphan em Tocantins data de 2009, mas a instituição atua no Estado desde a década de 1950, quando o território ainda pertencia a Goiás” (IPHAN, 2020, online).

Naquela época, o arquiteto Edgar Jacinto, em visita às cidades nascidas durante o período da mineração, registrou a importância de bens móveis nas igrejas de Monte do Carmo e Paranã, e da arquitetura da Casa de Câmara e Cadeia, em Arraias. A primeira ação de proteção ocorreu em 1987, com o tombamento do patrimônio de Natividade. A partir de 2007, as atividades do Iphan se estenderam aos municípios setecentistas de Porto Nacional, Paranã, Monte do Carmo e Peixe, e também à capital, Palmas. Em 2008, o mapeamento das referências culturais e o tombamento do centro histórico de Porto Nacional consolidaram a política de preservação patrimonial no Estado (IPHAN, 2020, online).

No caso de Natividade, como seu Centro Histórico havia sido tombado e constituía patrimônio nacional, com base nas políticas patrimoniais à época, como se apresentou anteriormente, a cidade recebeu nos anos 2000 o Programa Monumenta. Esse projeto foi executado com recursos da União, de estados e de municípios, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e cooperação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que enquanto se restauravam obras, buscava-se conciliar esta ação com a sustentabilidade dos sítios históricos, motivando seus usos econômico, cultural e social (IPHAN, 2008).

Em Natividade foram restauradas: a Igreja Nossa Senhora de Natividade, Praça do Largo da Matriz, Largo do Rosário, a Praça Leopoldo de Bulhões, a Praça da Bandeira e a Praça da Igreja São Benedito com a recuperação de calçadas e os pavimentos, além da implantação de iluminação pública, mobiliário urbano, drenagem pluvial e novo paisagismo. Foram restauradas também as residências dentro do centro histórico.

Em 2007, projetos de educação patrimonial como “Patrimônio, Identidade e Ação”, buscaram fortalecer a identidade cultural de Natividade por meio da valorização do patrimônio cultural material e imaterial da cidade. Tendo ainda, o projeto “Manual de Conservação Preventiva da Arquitetura Nativitana” teve como objetivo realizar um manual sobre a

manutenção adequada dos sistemas construtivos de forma a prevenir danos e promover palestras educativas para proprietários de imóveis tombados (IPHAN, 2008).

Além do patrimônio material, Natividade também está no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), devido outras ações de proteção do patrimônio imaterial no Tocantins por parte do Iphan, com as ourivesarias - caracterizadas no local como a produção de peças em filigrana portuguesa (BONFIM, 2019).

Convém salientar, a partir desse breve histórico das políticas patrimoniais no Brasil e no estado do Tocantins, que o patrimônio em si, foi estabelecido pelo poder público e houve um momento de investimento por parte do governo federal, apesar da inércia no âmbito estadual, no caso do Tocantins.

Não conseguimos identificar nenhuma ação de preservação e ou proteção do patrimônio cultural, desenvolvidas pelo estado do Tocantins desde o ano de 2013. [...] nos últimos anos o Estado regrediu de forma acelerada em relação às políticas de preservação, proteção e valoração do seu patrimônio cultural. O que antes era uma política instável constitui-se hoje em ausência de políticas voltadas para a cultura em todas as suas vertentes. Essa falta de políticas se traduz na ausência de ações que visam ao fomento, à permanência e ao fortalecimento da identidade cultural do Tocantins (SANTOS, 2020, p. 19).

Natividade, por já ser uma cidade com Centro Histórico tombado na esfera federal, recebe “mais atenção” dentro do bojo das cidades históricas tocantinenses, porém do seu patrimônio imaterial, com destaque para as festas religiosas do Divino Espírito Santo e Romaria do Senhor do Bonfim, não há projetos ou iniciativas de “peso”, a não ser da própria comunidade que se reuniu há 26 anos em forma de associação, criando a Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna) para promover, executar, preservar e lutar pela continuidade dessas manifestações culturais religiosas e que são tradicionais no município.

Logo, em Natividade, as festas não participaram desse processo de patrimonialização. No que tange ao poder estadual, em um ato de tentar “patrimonializar” as festas religiosas de Natividade, em especial a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, é a Instrução Normativa Nº 001/2012 que disciplina os procedimentos para inclusão de eventos culturais no Calendário e Agenda Culturais do Tocantins, em que considera como eventos tradicionais, os que são realizados há pelo menos 10 (dez) anos ininterruptos e que façam parte de uma comunidade específica, transmitido de geração à geração e que tenham reconhecimento em nível estadual por parte do Governo do Estado (TOCANTINS, 2012).

Portanto, a arquitetura da cidade é tombada e patrimonializada (NASCIMENTO, 2020). O Centro Histórico de Natividade é patrimonializado, mas a Festa do Divino Espírito Santo (que

possui seus principais ritos ocorrendo nessas localidades) não é. Sendo assim, tem-se que a paisagem da festa é patrimônio, a festa não.

Yazigi (2001, p. 34) explica que nesse caso,

[...] o fato de a paisagem ser patrimônio cultural, coletivamente percebido com memória e imaginário, não deixa de ser também uma porção do espaço que determina um envelope e um conteúdo de todas as representações paisagísticas desta porção do espaço.

A Festa do Divino Espírito Santo em Natividade, por exemplo, não é patrimônio porque ela terá que passar por um processo para ser patrimonializada, ela não é um patrimônio tombado, não é um patrimônio formal, mas ela se patrimonializa por meio da tradição, se patrimonializa com a reprodução das identidades, com participação dos atores, com a incorporação dos valores, e a festa si autopatrimonializa, fazendo um autotombamento de si.

E como ocorre esse autotombamento das festas em Natividade? Lopes (2014) defende essa ideia com base em sua experiência etnográfica na festa do Círio de Nazaré, que acontece no mês de outubro em Belém (PA), em que, por exemplo, quando os indivíduos fazem as fotos “selfies” na igreja, fotos na procissão e fotos no mercado, nesses momentos, eles fazem o autotombamento, produzindo imagens deles próprios, se patrimonializando com a festa, não tirando fotos em qualquer lugar, mas sim em lugares que são tradicionais da festa. Essa é a forma de resistir e patrimonializar o que não foi reconhecido de maneira “oficial” pelo poder público como patrimônio.

Assim, rituais religiosos afetados pelo uso massificado de tecnologias de registro audiovisuais modificam sua estrutura, ora liberando, ora incorporando fluxos de interações diversas, que comunicam sentidos e ampliam campos de percepção entre os seus participantes. Nesses rituais, a experiência de devotos e romeiros torna-se cada vez mais difusa, mesmo quando seguem os circuitos tradicionais dos eventos que orientam a participação dos mesmos [...] as relações sociais interativas propiciadas pelos usos da tecnologia colocam a memória individual dos participantes desses eventos em suspensão, constituindo repertórios digitais de lembranças (ou coleções) que servem a propósitos diversos, individuais ou coletivos, privados ou públicos (LOPES, 2014, p. 148-149).

E, trazendo essa discussão para o objeto da pesquisa em questão, em Natividade também ocorre esse movimento de autotombamento, tanto na Festa do Divino Espírito Santo como na Romaria do Senhor do Bonfim. As pessoas usando celulares para registrar sua presença naquele local, enviando fotos e vídeos para os familiares ou amigos que não puderam comparecer, fotos nas portas das igrejas, fotos com a bandeira do Divino, foto na Via dos Romeiros ou junto à imagem do Senhor do Bonfim, além de estarem reforçando essa tendência de uma

autopatrimonialização, mostram que patrimonializar significa, inclusive, manter o registro da tradição.

O ato de “se patrimonializar”, autopatrimonializar, autotombamento, é manter o registro daquela tradição, mas isso não quer dizer que não vai mudar algo, significa que os indivíduos estão valorizando os registros daquela tradição.

É nesse movimento de autotombamento que se percebe a modulação dos indivíduos para a questão da cidadania patrimonial, como expõe Lima Filho (2015, p. 144), que a noção de modulação que ele conecta “ao conceito de cidadania patrimonial permite a resposta desse rompimento inercial de acordo com a biografia pessoal/coletiva do(s) ator(es) alvo das políticas patrimoniais”.

Essas perspectivas de autopatrimonialização “se exteriorizam em referentes e arranjos mais sutis, uma vez que os agenciamentos identitários nela operantes não produzem fluxos difusos, mas tendem a se focar em contextos singulares no interior da Festa” (LOPES, 2014, p. 147).

E aqui, importa destacar que, na correlação exposta entre cultura e patrimônio, foram se constituindo lógicas de reprodução social que resultaram em questionamentos sobre sua sustentabilidade. Nessa orientação, a concepção de cultura se articula com outras concepções como desenvolvimento e turismo, que serão abordadas nos próximos capítulos.

Adentrando agora nas discussões acerca da memória e sua relação com patrimônio e cultura, que já foi citado no tópico anterior, em que a memória é seletiva, política e estratégica, em Natividade, um modo de expressão cultural é a realização da Festa do Divino Espírito Santo e da Romaria do Senhor do Bonfim que, conforme Jacques Le Goff (1990), são os “lugares de memória”. Locais esses, onde se cruzam as memórias pessoais e familiares, são ainda lugares materiais ou não materiais, onde se encarnam e cristalizam as memórias de uma nação: seja por meio de uma bandeira, um monumento, uma igreja, uma imagem, um sabor. É por meio da reconstrução dessas memórias que será feita a representação que um povo faz de si mesmo, como um modelo sobre o qual tal memória é construída.

Assim, pode-se afirmar que a memória é construída pelas pessoas e pelos “lugares”, e a identidade é definida por meio de pontos de identificação por intermédio da cultura e história, formada pelo tempo vivido (passado e presente) por determinada sociedade, ou seja, memória e identidade advêm do mesmo ponto de origem e estão inter-relacionadas entre si.

Le Goff (1990) explica que toda memória humana é memória de alguém. Memória de alguém que muda e se transforma. Ao mudar, buscando uma identidade variável, tanto o indivíduo quanto sua memória constroem ‘uma identidade narrativa’.

Para Maurice Halbwachs (1990, p. 86), “toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. [...] o grupo, no momento em que se considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo”.

Com isso, é a partir do conjunto das lembranças essenciais que haverá a formação de uma base comum, em que essas lembranças serão reproduzidas e recordadas pelo grupo ou comunidade em si. Para Lopes (2017, p. 92), “seriam as lembranças individuais e coletivas o marco dos limites que possibilitam configurar a importância da narrativa de marcação social dos bens, entre sujeitos de um grupo ou sociedade”.

Correlacionando memória e patrimônio, Lopes (2017, p.137) explica também que existem agenciamentos que operam modulações da memória coletiva, que é agenciada pelo estado, em que tenta impor padrões de identidade nacional, regional ou local, principalmente quando lança editais e regulamentações (leis, instruções normativas entre outros) voltadas para as políticas públicas culturais. “Sobretudo, tais modulações operam sobre esses padrões, primeiro, relativizando-os como modelos históricos para, depois, inscrevê-los situacionalmente em experiências coletivas, e na constituição de arquivo”.

No caso das políticas patrimoniais no Tocantins, como exposto anteriormente, é considerado patrimônio, para o poder público estadual, em sua maioria: bens imóveis, usos e costumes indígenas e “quaisquer outros bens que forem de interesse para a preservação da memória estadual”. Quais? Quem define o que é memória?

Para Lopes (2017, p. 138),

[...] tanto a relativização quanto a inscrição situacional dos padrões e modelos identitários ressignificam as memórias nacional e coletiva, tornando a memória um recurso negociado segundo o campo de possibilidade em que os projetos dos indivíduos e grupos se movem, visando constituir suas coleções em bens coletivos.

Ainda nesse contexto, Halbwachs (1990, p. 51) ressalta que

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista

muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Em Natividade, a memória dos indivíduos da comunidade, principalmente os mais idosos, é constantemente fonte de pesquisas e estudos, além de publicações e matérias jornalísticas. Ainda para Halbwachs (1990), a memória coletiva deve necessariamente estar vinculada a um grupo social determinado, pois é o grupo que celebra sua reanimação e o mecanismo de conservação do grupo está estreitamente associado à preservação da memória. A memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas.

Essa abordagem abre espaço para a compreensão da memória coletiva como uma estrutura que é criada, recriada durante as práticas discursivas nos momentos em comum divididos pela comunidade, enquanto identidades sociais e individuais são formadas, assim como apresenta Philippe Joutard (1993, p. 526-527) em que,

[...] uma comunidade baseia sua legitimidade e sua identidade na recordação histórica [...] se organiza em torno de um acontecimento fundador, os fatos anteriores ou posteriores sendo assimilados a este ou esquecidos; quando são memorizados, é por analogia, repetição e confirmação do acontecimento fundador.

Essa repetição e confirmação do que foi vivenciado e celebrado por meio da memória, aparece entre as ações promovidas pela Asccuna e seus membros, que acompanham e orientam as festas religiosas de Natividade, seja nos ritos profanos e sagrados (auxiliando inclusive a Igreja na condução dos ritos), nos modos de fazer e ou mesmo na preservação da cultura local.

Esse agenciamento em torno do patrimônio da cidade (material ou imaterial), apesar de não ser figurado como patrimônio em si, consolida a ideia do autotomabamento ou autopatrimonialização que a comunidade faz de suas festas religiosas.

2.3 Cultura como recurso: o *habitus* e as forças performáticas

Com os agenciamentos em torno dos patrimônios e a memória como algo fundamental dentro de uma sociedade, a cultura passou a ser vista como uma área que deve ser investida. Yúdice (2004, p. 11) explica que a cultura é “distribuída nas mais diversas formas, utilizada como atração para o desenvolvimento econômico e turístico, como mola propulsora das indústrias

culturais e como uma fonte inesgotável para novas indústrias que dependem da propriedade intelectual”.

O autor ressalta ainda que a atividade cultural reduz os conflitos sociais e promove o desenvolvimento econômico, sendo esse o único meio de convencer os líderes governamentais e empresariais de que vale a pena apoiar a atividade cultural.

[...] a cultura como recurso é muito mais do que uma mercadoria; ela é o eixo de uma nova estrutura epistêmica na qual a ideologia é aquilo que Foucault denominou como sociedade disciplinar (isto é, a imposição de normas a instituições como a educacional, a médica, a psiquiátrica etc.) são absorvidas por uma racionalidade econômica ou ecológica, de tal forma que o gerenciamento, a conservação, o acesso, a distribuição e o investimento – em “cultura” e seus resultados – tornam-se prioritários (YUDICE, 2004, p. 13).

A cultura como mercadoria é diferente da cultura como recurso, pois há um lastro cultural que sustenta a cultura como recurso, senão viraria apenas mercadoria. A cultura tem o poder de construir relações, memórias e tradições.

No bojo dessas novas articulações envolvendo a cultura, àquelas anteriormente descritas, passaram a ser ressignificadas e singularizadas. Assim, para Lopes e Pereira (2017, p. 49),

[...] os monumentos históricos e patrimoniais das cidades, sejam eles expostos como sítios preservados de edificações, sejam expressos em ruínas e vestígios deixados pelo passado, constituem importantes investimentos a serem feitos para atrair grandes fluxos de turistas interessados nos produtos singulares dos lugares e, por sua vez, estes lugares precisam de avultados investimentos em um espírito de sinergia entre as comunidades locais, os governos e os mercados turísticos, com vista a garantir o seu potencial e contribuir para a sua crescente procura turística, preservando as potencialidades locais e agenciando o desenvolvimento das populações.

E, analisando essas novas articulações ter-se-á a compreensão dos diversos elementos que colaboram com a constituição e trajetória da identidade cultural de uma região, como é o caso da Festa do Divino Espírito Santo e da Romaria do Senhor do Bonfim, em Natividade. Para tanto, deve-se considerar os elementos que permitem a conservação e a atualização dessas festas como os rituais, a memória e a identidade.

Antes de iniciar a discussão sobre rituais e as relações sociais, é importante destacar brevemente como o catolicismo firmou-se como uma das principais religiões do Brasil e se fortaleceu dentro do campo religioso, enquanto catolicismo popular.

Segundo Régis Toledo de Souza (2008), para compreender o catolicismo brasileiro é preciso levar em consideração a diversidade cultural, social e religiosa que permearam a construção do modo de vida do brasileiro. Sabe-se que a

Igreja Católica possui uma posição hegemônica frente às outras religiões, no Brasil, até a metade do século XIX. Posição garantida por quatro séculos de associação com o Estado, mesmo que esta associação tenha passado por momentos de crises. [...] o modelo é o da Igreja Católica Apostólica Romana. Esta é imposta pelos portugueses, embora diferenciada das formas europeias de se pensar a Igreja, pois a que vem para a colônia tinha autonomia simbólica, mas pouca ou quase nenhuma autonomia econômica (SOUZA, 2008, p. 71).

O autor reforça que o Estado colonial foi o tutor da Igreja no Brasil, e que nesse processo, os santos trazidos para o Brasil passaram por uma releitura para o cotidiano daqueles “colonos” e eles se transformam a partir da criação de cruzeiros, oratórios e santuários. Porém, outras denominações religiosas, como a protestante e a espírita, também vieram para o Brasil, principalmente, a partir da chegada da família real portuguesa em 1808⁴¹.

A concepção da sociedade brasileira como sendo composta de uma única expressão religiosa, hegemônica, começa a mover-se para o aparecimento de outras expressões, ou seja, uma identidade religiosa nacional começa a apresentar outras identidades, como forma de atribuição (SOUZA, 2008, p. 79).

Sendo assim, a partir das mudanças sociais (do modelo agrário para o modelo industrial, além da urbanização, como exemplos) houveram também mudanças nas expressões do catolicismo. E com as releituras das práticas do catolicismo pelos seus praticantes, as práticas devocionais populares como as procissões, as festas em devoção a determinado santo, não eram entendidas por parte da Igreja “como formas de devoção produzidas historicamente, e, por não o serem, não possuem também autonomia” (SOUZA, 2008, p. 83).

Assim, essa nova forma de catolicismo iria contra ao Catolicismo Patriarcal até então fruto da relação Igreja-Estado. E, a partir desse cenário, as comunidades não viam a necessidade da presença da Igreja para promover seus cultos e festas religiosas. Sendo algo que se perpetua até em alguns momentos da atualidade, como na Festa do Divino Espírito Santo de Natividade, por exemplo, em que o ritual da Coroação do Imperador do Divino acontece sem a presença do pároco da cidade.

O Catolicismo Popular Tradicional fica à margem, tendo nas práticas da população um distanciamento do poder institucional. Produz-se simbolicamente e materialmente: organiza-se a partir do culto aos santos, de festa a padroeiros e das danças de grupos religiosos. As comunidades se organizam em torno da expressão religiosa sem a necessidade da presença do clero - o santo já está presente. Não se tem a presença dos sacramentos católicos, nem da Bíblia como norteadores de suas práticas religiosas. Os santos ficam nas casas, em especial, nos oratórios, local também das rezas (SOUZA, 2008, p. 89-90).

⁴¹ A vinda da família real para o Brasil, evento também conhecido como transferência da corte portuguesa para o Brasil, foi um acontecimento que se deu na passagem de 1807 e 1808 e foi consequência da invasão de Portugal por tropas francesas durante o período napoleônico. Para evitar de ser capturado pelas tropas de Napoleão, d. João (futuro d. João VI) ordenou a mudança da corte para o Brasil.

Logo, o que era desqualificado por ser popular nos primeiros momentos da formação do catolicismo brasileiro, passa a ter e ser entendido como algo que produz sentido e reforça a religião em si. Com isso, abre-se a discussão sobre campo religioso (BOURDIEU, 2009) que será mais aprofundado no próximo tópico, porém vale ressaltar que

[...] a questão é que, no processo de construção sócio-histórica, essas composições do campo religioso foram ganhando forma, a ponto de, aparentemente, se tornarem autônomas. [...] adquiririam autonomia dentro do campo religioso. Nesse sentido, o catolicismo oficial passa a ter que negociar o seu espaço no campo religioso, tanto externa quanto internamente (SOUZA, 2008, p. 98).

Portanto, para Souza (2008), dentro desse contexto de formação do catolicismo brasileiro, as transformações não aconteceram na mesma forma e com a mesma intensidade, porém podem no decorrer do processo histórico, influenciar o modo de reprodução dos modos de vida e nas estruturas sociais. Assim, diversas formas de religiosidade surgem a partir desses processos, dessas novas relações sociais e dessas novas produções de sentido por meio do catolicismo popular.

E, partindo para uma análise das relações sociais e dos modos de vida em consonância com os ritos promovidos pelo catolicismo popular, como as festas religiosas, Luís Beltrão (1980, p. 61) afirma que

[...] os rituais dizem as coisas tanto quanto as relações sociais (sagradas ou profanas, locais ou nacionais, formais ou informais). Tudo indica que o problema é que, no mundo ritual, as coisas são ditas com mais veemência, com maior coerência e com maior consciência. Os rituais seriam, assim, instrumentos que permitiriam uma maior clareza das mensagens sociais.

Nestor Canclini (2015, p. 164) afirma ainda que todo grupo que quer se diferenciar e afirmar sua identidade faz uso implícito ou místico de códigos de identificação, em que “as cerimônias são acontecimentos que, no fim das contas, só celebram a redundância. Buscam uma maior identificação do público-povo com o capital cultural acumulado, com sua distribuição e usos vigentes”.

As diversas formas sociais que permitem a produção e a circulação de bens simbólico-religiosos, também as identidades e memórias, são provenientes do *habitus* que corrobora que o “senso prático de um determinado campo religioso é ao mesmo tempo nutriente e nutrido por memórias e identidades religiosas que ali são produzidas, entendidas como bens simbólicos em circulação no campo” (HUFF JUNIOR, 2008, p. 61).

Compreende-se que o conceito de *habitus* apresentado por Pierre Bourdieu (2009) não é integralmente convergente, no sentido geral, com o conceito de forças performáticas apresentadas por George Yúdice (2004). Porém, o recorte que será atribuído nesta tese é no sentido do *habitus* enquanto reprodução do modo de vida e a pressão da força performativa (condicionamentos, imposições e pressões do campo e das relações institucionais) nesse *habitus*, levantando o questionamento de como se dá essa relação.

Para Bourdieu (2009), o *habitus* é uma disposição corporal, estruturada em função das dimensões de ação, conduta do indivíduo, em uma determinada lógica cultural, mas ele também é estruturante, ou seja, o *habitus* de uma forma mais simples está condicionado pelo modo de vida das pessoas, mas ao mesmo tempo, ele é estruturante desse modo de vida. Ele reforça e reproduz esse modo de vida e isso quer dizer que, certos aspectos da performance dos sujeitos, de usar a cultura como recurso, estão condicionados também pelo fato que essa cultura vem se reproduzindo na proporção dos hábitos dos indivíduos.

Sendo assim, a performatividade emerge como uma prática social. Com isso, entende-se que, em contextos onde o *habitus* é reproduzido de uma forma mais rígida, e que os indivíduos tendem a serem condicionados pelo *habitus*, pelo modo de vida que levam, torna-se mais difícil extrair a ideia de recurso a partir da cultura, porque o *habitus* e a cultura condicionam o próprio modo de ser daquele indivíduo.

A perspectiva do *habitus* é importante, pois ela sugere a necessidade de reconhecer comportamentos e atitudes recursivos a produção das festas. Essa recursividade, que é característica do *habitus*, promove um padrão de reprodução que acaba configurando circuitos de especialidades e legitimidades dos atores envolvidos.

Sendo assim, o que interessa nessa marcação é que os atores marcam atributos desses circuitos, em que ora legitimados, ora como referências especializadas, dão contornos de autenticidade, sobretudo quando vinculados às tradições locais reconhecidas. Logo, os atores para se legitimarem, deixam marcas dos seus atributos.

Exemplificando essa concepção, quando o *habitus*, por força de influências externas (leia-se forças performáticas) altera o modo de vida das pessoas, ele passa a ser flexível. Assim como em Natividade, quando iniciarem a implantação de políticas públicas, investimentos públicos e privados no ecoturismo e a inserção da cidade em roteiros da região das Serras Gerais, poderá alterar o *habitus* da comunidade. Já na Romaria do Bonfim, há uma tendência em não alterar o *habitus*, uma vez que se tem o discurso da comunidade eclesiástica de que não precisam de grande infraestrutura, por ser uma romaria “rural”, mas em contrapartida, há outros setores que

querem uma infraestrutura adequada no local para maior atratividade de pessoas. Outro exemplo é na Festa do Divino Espírito Santo, em que há a proposta da fixação das festividades do Divino em um só espaço (galpão do Divino), no Centro Histórico da cidade, em uma área próxima ao antigo cemitério, em que seriam armazenados os utensílios, arreios, panelas, decoração e demais itens que dão suporte ao evento, com a possibilidade da realização dos principais ritos (Festa do Capitão do Mastro e Festa da Coroação Imperador) nesse mesmo local.

Nos três exemplos acima, percebe-se que as pessoas entendem o *habitus* como algo que deve ser preservado, mas também se estabelece uma comparação com os valores modernos que são introduzidos pelas forças performáticas.

O que conecta sujeito e sociedade são as forças performativas que os operam, para 'arrear' ou fazer convergir as muitas diferenças ou interpretações que constituem e singularizam o sujeito, e, por outro lado, para rearticular um maior ordenamento do social. Tanto os indivíduos quanto as sociedades são campos de força que constelam a multiplicidade (YÚDICE, 2004, p. 54).

Logo, quando os indivíduos começam a mudar sua ideia do que é segurança, do que é diversão, do que é rua e até mesmo do que é a festa, e ainda passam a vivenciar o mundo moderno, urbano e contemporâneo impulsionado pelos meios de comunicação, novos meios de transporte, dentre outras “modernidades”, foi-se criando um campo de forças performativas, em que a vida virou uma performance, alterando o *habitus*, transformando como eles visualizam aquele modo de vida, seja ele de maneira mais rígida ou não.

Auxiliados pela ampla difusão das tecnologias de informação e de informática, os atores culturais locais desenvolvem uma economia das experiências, no seio da qual encenam ou desempenham as normas sociais e exteriorizam suas críticas a elas. Porém, tais movimentos mostram também como as comunidades locais apropriam-se dos seus processos culturais na forma de direitos autorais e formatam produtos globais provendo-os de conteúdo local (LOPES, 2009, p. 333).

Em Natividade, a própria atratividade do lugar vem fazendo com que os comerciantes mudem por conta própria seus estabelecimentos, de forma que fiquem mais atrativos aos turistas e se integrem à paisagem local, neste caso, o Centro Histórico que é tombado como patrimônio arquitetônico. Como exemplo desses estabelecimentos, tem-se a sede e a fábrica dos Biscoitos Amor Perfeito, a sorveteria Frutos do Cerrado e dois restaurantes (Casarão e Bistrô).

Desse processo de alteração do *habitus* a partir das forças performativas, surgem os sujeitos performativos subversivos (YÚDICE, 2004) que é o papel ativo do sujeito na constituição da sua cultura.

Atuando na contramão dos produtos gerenciados pela hegemonia cultural, como apropriação que esferas autônomas operam sobre diferenças instáveis, emergem

sujeitos performativos subversivos que, para além da negociação da agência cultural, fazem de sua performatividade o foco de estratégias e cálculos de interesses em jogo na invocação da cultura como recurso, produzindo valor. [...] Essa performatividade subversiva pressupõe enfatizar o papel ativo do sujeito em seu próprio processo de constituição, complementando-o com a apropriação que o “autor” (na concepção bakhtiniana) elabora sobre “outras vozes e perspectivas” que encontra em sua cultura (LOPES, 2009, p. 334).

Dentro dessa perspectiva, tem-se em Natividade uma percepção promovida por esses sujeitos, em que há uma formação de circuitos na cidade e que refletem nas festas religiosas do local. Podendo assim, considerar esses circuitos como os percursos/caminhos caracterizados pela formação de atores especialistas que vão demarcando os espaços culturais da cidade, das festividades em si, e entre esses espaços um circuito vai se formando, como já acontece com as agências de turismo, ao oferecer pacotes com programação definida em Natividade, especialmente por meio do turismo cultural e turismo de experiência, que serão abordados nos próximos capítulos.

Assim,

rituais, práticas estéticas do dia-a-dia, tais como canções, lendas populares, culinária, costumes e outras práticas simbólicas também são mobilizados como recursos para o turismo e para a promoção das indústrias do patrimônio (YUDICE, p. 11).

Lopes (2009, p. 334) destaca que

[...] essas experiências de sujeitos, grupos e culturas que vivem os processos de fragmentação espaço-temporal contemporâneos, decorrentes das interpretações rivais à alteridade das normas globais, devem ser estudados como núcleos de vida cultural transbordando em novos arranjos sociais, negociados com a imposição de modelos normativos, entre os atores endógenos e exógenos aos grupos em questão, que operam as transformações sociais contemporâneas. E essas negociações podem se relativizar no interior da própria convivência social, ou se reproduzir em intramodelos conflitivos e concorrenciais, como campos problemáticos ativos.

Nesses novos arranjos, como o estabelecimento de um circuito turístico em Natividade, uma vez que pelo ‘boca a boca’, todos que mencionarem que vão até Natividade já recebem uma indicação de ir a lugares X, Y ou Z. E, fazendo com que essas indicações que auxiliem na constituição de campos especializados em atividades ou performances.

Na cidade, são exemplos desses locais: Dona Naninha e o tio Dozinho⁴² com a produção do biscoito Amor Perfeito, os licores de jenipapo nas lojinhas e restaurante, a Dona Romana⁴³, as joias de filigrana e os mestres de ourivesaria⁴⁴, a Suça⁴⁵ e o Grupo de Dança Tia Benvinda dentre outros atrativos que são o motivo da visitação, que tanto pode ser por causa das pessoas, mas também pelo lugar onde ela mora que se tornou também uma atração. Então, aquilo que começou com o indivíduo, em torno do que ele fazia, criou materialidade no território e se tornou marca do lugar, ou seja, o atrativo inicia com o que a pessoa faz e depois se torna o que é feito no lugar.

Portanto, os atores sociais “estabelecem estratégias e ativismos que buscam superar as normas totalizadoras, fundamentando-se no uso da cultura como recurso, o que gera possibilidades de interpretação de suas próprias necessidades” (LOPES, 2009, p. 335). E, será no interior desse campo de forças performáticas que os atores descontroem um modelo hegemônico e seguem agenciando sua autonomia e legitimidade, trazendo significação aos seus discursos e atos.

Vincular cultura, tradição e memória coletiva na construção de uma identidade local que represente as características de uma comunidade, seria basicamente, nesta pesquisa, correlacionar o caráter religioso das festas de Natividade com as articulações que a cultura local foi tramando com outras esferas sociais, de forma a expressar as possibilidades de desenvolvimento que daí se afirmam, para que a comunidade possa então definir se o que os atores agenciam tem vínculo com as festas, para poder pensar o turismo religioso, por exemplo.

Retomando a ideia de Y zigi (2001) sobre lugar, o autor explica que as coisas que os indivíduos fazem definem o que é o território. A alma do lugar seria feita de homens com coisas.

Alma é o que fica de melhor de um lugar e que por isso transcende o tempo -, mas não existe sem um corpo. [...] alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos “desalmado”. [...] há alma quando há paixão correspondida das gentes com o lugar (YAZIGI, 2001, p. 24).

⁴² Dona Naninha é o apelido carinhoso dado a dona Ana Benedita Cerqueira e Silva, de 82 anos, dona da receita t pica de um biscoito caseiro. O casal e os filhos estão à frente da produção do biscoito Amor-Perfeito há mais de 60 anos em Natividade.

⁴³ Considerada uma Xamã do Cerrado, Dona Romana estabelece estágios de comunicação com seres e objetos tangíveis e intangíveis. Ela é uma referência no estado do Tocantins devido a sua arte, comunidade, espiritualidade, corpo e profecias de um futuro que já vem se estabelecendo (BOTELHO, 2019).

⁴⁴ A cidade conta com a tradição de se confeccionar joias em ouro e prata, pelas mãos dos mestres-ourives locais que acontece há várias gerações, permanecendo viva, sendo o modo de fazer repassado a aprendizes em três oficinas artesanais (BONFIM, 2019).

⁴⁵ A Suça   uma performance negra que envolve dança, canto e percussão de tambores entre outros instrumentos e acontece na região de colonização mineradora, no centro e sudeste do Tocantins e norte de Goiás (ROSA, 2015)

Logo, questiona-se se as coisas que as pessoas estão fazendo, do ponto de vista desse agenciamento inicial (de um provável circuito turístico em Natividade), definem o que é o turismo naquele lugar? E, será que esse agenciamento tem vínculo com as festas, para pensar o turismo religioso, por exemplo? Qual o papel desses atores nas festas? Os atores investem realmente nas festas religiosas?

Contudo, é fato que “a reconstrução do lugar entra no difícil dilema de escolher entre cair na mesmice da globalização ou de buscar caminho condizente com o diálogo, com raízes territoriais e culturais” (YÁZIGI, 2001, p. 19). É a partir desses questionamentos que será abordado no próximo tópico sobre a identidade como prática de identificação por parte dos atores sociais.

2.4. A identidade e as lógicas de ação social: a religiosidade como prática de identificação

Com base na perspectiva dos estudos culturais latino-americanos e britânicos, pode-se afirmar que a construção de uma identidade parte de uma realidade multicultural que deve ser compreendida como narrativa e que tem a memória coletiva como fator primordial nessa formação.

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (CANCLINI, 2015, p. 190).

No entanto, Ortiz (1986, p.8) vai além e expõe que “toda uma identidade é uma construção simbólica (ao meu ver necessária) [...] não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”.

Dentro dessa perspectiva, Mauss (1974) citado por Setton (2009), apresenta o conceito de fato social total em que analisa que, em certos casos, a totalidade da sociedade e das suas instituições se revelam a partir dessas construções sendo ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos e estéticos.

Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (SETTON, 2009, p. 296).

Portanto, correlaciona-se o conceito de fato de social (Mauss, 2003) com o *habitus* (Bourdieu, 2009), o que subsidia a análise dessa construção em suas dimensões econômica, moral, estética e política, que conseqüentemente formam um modo de vida, conforme citado no tópico anterior. Setton (2009) acrescenta à esta análise que o espaço plural de múltiplas referências identitárias é fruto do processo de socialização das formações atuais.

Ou seja, a contemporaneidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências que mescle as influências familiar, escolar e midiática (entre outras), um sistema de esquemas coerente, no entanto híbrido e fragmentado. Embora se saiba que, no contexto atual, cada uma das instâncias formadoras desenvolve campos específicos de atuação, lógicas e valores éticos e morais distintos, considera-se ainda que são os próprios indivíduos quem tecem as redes de sentido que os unificam em suas experiências de socialização (SETTON, 2009, p. 297).

Dentro dessa discussão de construção identitária, tem-se Bajoit (2006) que ajuda a compreender as lógicas de correspondência entre as pessoas, entre as práticas e o compromisso que vai se afirmando na constituição de um projeto coletivo, por exemplo. Com isso, entende-se que na medida em que se identifica a prática dos indivíduos, surgem as práticas de identificação, em que um reconhece o outro, inclusive com distinção dessa atuação nas dimensões econômica, moral, estética e política. E, à medida que essas práticas servem para as pessoas se situarem identitariamente, os indivíduos começam a constituir compromissos. Assim, Bajoit (2006) apresenta que esses compromissos acontecem por permutas conflituais e permutas não conflituais que serão debatidas a seguir.

Para Bajoit (2006), os indivíduos tentam gerir as tensões existenciais vividas dentro das suas identidades coletivas, uma vez que nem todos adotam a mesma lógica do sujeito.

Eles não construirão todos as mesmas identidades comprometidas, não assumirão todos os mesmos compromissos identitários consigo mesmos e, conseqüentemente, não se comprometerão todos nas mesmas lógicas de ação. [...] cada um transforma as identidades coletivas, nas quais participa, em lógicas de ação. É por isso que os atores não são o simples reflexo do seu "habitus", o simples efeito das identidades coletivas que adquirem ao praticar as relações sociais; é por isso que os indivíduos que participam na mesma identidade coletiva podem comprometer-se em lógicas de ação diferentes, enquanto que

indivíduos que participam em identidades coletivas diferentes podem comprometer-se na mesma lógica de ação (BAJOIT, 2006, p. 234).

Na construção desse indivíduo enquanto ator social, o autor ainda explica que a sociedade pode ser definida, como um conjunto de indivíduos,

[...] “de “eus” sempre já constituídos, mas também em processo de contínua reconstituição. Cada um assumiu perante si mesmo compromissos identitários: tem uma certa “ideia” daquilo que é e do que queria vir a ser e daquilo que acredita dever fazer para isso. Para realizar esses compromissos, cada indivíduo precisa dos outros – deve entrar em relações sociais com eles, participar em permutas e em laços sociais. Logo, cada um entra em lógicas de ação com os outros para realizar a sua identidade pessoal graças a, apesar de, com, contra, e entre eles (BAJOIT, 2006, p. 235).

O indivíduo só consegue resolver suas tensões existenciais a partir do momento que ele muda sua posição dentro do campo de relações no qual está inserido, passando pelas lógicas de ação do indivíduo sobre os demais. E esse é o trabalho por meio do qual cada um transforma as identidades coletivas, das quais participa, em lógicas de ação. Com isso, a identidade coletiva se tornou estratégica, pois as condutas não são inteiramente determinadas pelas suas condições materiais de existência. E, para essa construção do ator social, o indivíduo passa pelas lógicas do compromisso, da permuta, da solidariedade, da ação coletiva e da mobilização social.

O compromisso é a tradução da identidade comprometida em lógicas de ação sobre os outros. Levando em consideração a “ideia” que ele tem daquilo que é e quer vir a ser, e das possibilidades que lhe abrem ou lhe fecham os laços que ele tem com os outros nos diferentes campos relacionais, o indivíduo reconstrói constantemente os seus “projetos” de vida (BAJOIT, 2006, p. 236).

A teoria da gestão relacional de si tem como ideia central o compromisso identitário do indivíduo consigo mesmo ou de identidade comprometida, na qual cada “eu” tenta agir sobre os outros para poder realizar os compromissos que ele tem consigo mesmo. Esse agir acontece nas relações de permuta, sendo elas solidárias ou de ações coletivas.

Bajoit (2006) explica que cada indivíduo, segundo as lógicas de permuta, constrói laços com os outros. E essa construção de laços é complexa, como qualquer relação humana, a qual não se pretende aprofundar neste trabalho.

São quatro lógicas de permuta social, “ele pode procurar cooperar (permuta complementar), combater (permuta conflitual), competir (permuta competitiva) ou romper com a relação (permuta contraditória)” (BAJOIT, 2006, p. 237). As permutas podem ainda ser definidas pela natureza das finalidades e pela sua estratégia relacional.

No campo das finalidades, o teórico explica que algumas permutas têm finalidade inclusiva, e outras, exclusiva.

Certas permutas têm uma finalidade inclusiva: cada actor só pode atingir a sua finalidade, satisfazer as suas expectativas, com a cooperação do outro. Isto é evidente na **permuta complementar**, quanto maiores forem as competências e a vontade de cooperar nas partes interessadas, melhor as finalidades serão atingidas por todos. Quando este tipo de permuta se deteriora por uma outra razão, dá lugar a uma **permuta conflitual**. [...] Assim, para atingir as suas finalidades, mesmo quando as suas expectativas são dissensionais, os adversários necessitam de cooperação recíproca [...]. Outras permutas têm, pelo contrário, uma finalidade exclusiva: um actor não pode atingir sua finalidade a não ser que impeça o outro de atingir a sua. É o caso das **permutas competitivas**. [...]. Mas é mais ainda o caso das **permutas contraditórias**, nas quais cada parte tem interesse em suprimir a outra, ou pelo menos, a relação com ele. [...] as finalidades estão entre si numa relação de exclusão: para cada actor individual ou coletivo em relação, o outro é um concorrente (na permuta competitiva) ou um inimigo (na permuta contraditória), que é preciso impedir, tanto quanto possível, de chegar a todos ou parte dos seus fins (BAJOIT, 2006, p. 238) (grifo nosso).

Na estratégia relacional das permutas, Bajoit (2006) apresenta ainda que existem as permutas consensuais, em que cada ator procura obter qualquer coisa do outro por meio da persuasão, e as permutas dimensionais, em que cada ator procede antes por meio da coerção.

“As permutas complementares e competitivas são consensuais” (BAJOIT, 2006, p. 39). No caso das permutas complementares, o ator entende que ao cumprir o seu papel, cada um contribuirá para atingir com eficácia, simultaneamente, os seus objetivos e os objetivos em comum. Já nas permutas competitivas, o teórico explica que os concorrentes procuram melhorar suas performances, apesar de rivalizarem entre si, para conseguirem modificar sua posição nessa relação de forças.

As permutas dimensionais, no campo da estratégia relacional da teoria aqui apresentada, são representadas pelas permutas conflituais e contraditórias. Lembrando que o conflito surge da relação discordante dentro da permuta complementar. Nas permutas conflituais, “o ator que inicia o conflito pensa que a sua posição na divisão do trabalho não lhe permite, ou já não lhe permite, atingir toda ou parte das suas finalidades. Ele procura, através do conflito, reestabelecer um melhor domínio sobre elas” (BAJOIT, 2006, p. 239). E, nas permutas contraditórias, “a contradição é uma competição na qual os atores já não respeitam as regras do jogo: eles procuram quebrar o jogo, destruir a relação, fugir ou fazer fugir o outro” (BAJOIT, p. 239).

Para o autor, as quatro lógicas estão sempre presentes simultaneamente em doses variadas, de acordo com as circunstâncias, em que qualquer ator vai procurar melhorar sua posição em relação às permutas, com o objetivo de alcançar seus compromissos identitários consigo mesmo. Como por exemplo, correlacionando essas lógicas de permuta com os indivíduos que atuam dentro de projetos em comunidades que estão voltados para o desenvolvimento

endógeno, ou seja, colocar o projeto à prova na comunidade, e analisar como isso vai definir o compromisso identitário de cada ator junto aquele projeto.

Ainda na construção do ator social, tem-se as lógicas de solidariedade, em que os indivíduos que escolhem as mesmas lógicas de permuta “têm muitas vezes (mas nem sempre) tendência a reconhecerem-se reciprocamente na ação, e a construir laços de solidariedade entre si [...] eles são solidários porque precisam um dos outros para realizar os seus compromissos identitários” (BAJOIT, 2006, p. 22).

Para o autor, existem duas lógicas dentro da solidariedade: a reciprocidade e a gregariedade. Na reciprocidade, cada um possui alguma coisa que é útil para o outro e esse tipo de solidariedade pode ser afetiva (evidente compromisso subjetivo forte) ou contratual (segue a lógica material, instrumental e mais objetiva). Já na lógica da gregariedade, a solidariedade é o resultado do que qualquer indivíduo necessita, mas quando está junta, essa “qualquer coisa que falta” deixa de existir. Na gregariedade há a solidariedade fusional (união de qualidades que sozinhos os indivíduos não teriam) e a solidariedade serial (quanto mais indivíduos agregados a força do grupo aumenta) (BAJOIT, 2006).

Com isso, a maior parte dos grupos sociais reais (a família, o partido, a igreja, o sindicato, o grupo profissional, os cidadãos, a classe social) baseia-se na combinação de várias formas de solidariedade. E exemplifica dizendo que, “a multidão assenta, sobretudo numa solidariedade serial; a comunidade religiosa ou política, numa solidariedade fusional; um grupo de pressão, na solidariedade contratual; uma família, na solidariedade afetiva” (BAJOIT, 2006, p. 244).

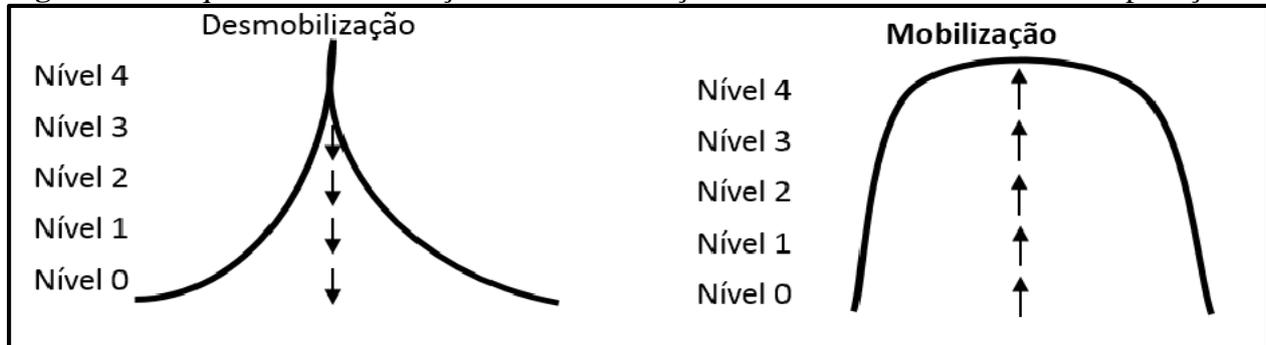
Assim como na permuta, as lógicas de solidariedade não dependem só do compromisso identitário dos indivíduos, como também da socialização desses mesmos. “Uma das condições indispensáveis à formação da solidariedade é a socialização dos indivíduos: que eles ocupem a mesma posição na relação, que participem na mesma identidade coletiva” (BAJOIT, 2006, p. 244).

A ação coletiva leva à mobilização social e para que uma ação coletiva seja forte, faz-se imperativo ter um adversário, ter conflitos não negociáveis, e ainda, que cada um dos indivíduos esteja incitado a adotar por si mesmo os traços socioculturais que tem em comum com os outros. Logo, são três os componentes da ação coletiva: “a formação de uma solidariedade organizada (nós, os...), a constituição de um adversário ou inimigo (“contra eles, os...), e a explicitação dos objetivos da ação (“em nome de...”)” (BAJOIT, 2006, p. 247).

A mobilização, vai além de uma simples adesão a uma das formas de solidariedade, ela é produto da ação social e pressupõe uma organização dos indivíduos envolvidos nela. Bajoit

(2006) nivela o compromisso desses indivíduos, em que a mobilização social aumenta quando os indivíduos sobem nos níveis de comprometimento identitário.

Figura 16 - Esquema de Mobilização e Desmobilização dos indivíduos nos níveis de implicação.



Fonte: Adaptado de Bajoit (2006).

No quadro acima, e tomando como exemplo a implantação de algum projeto em determinada comunidade, tem-se o esquema da desmobilização e da mobilização: o Nível 0 é o local onde estão todos os indiferentes com a proposta e também, os atores que acreditam que o projeto é uma boa alternativa, pois gerará emprego; no Nível 1 estão os atores que se opuseram ao projeto e não estão dispostos a contribuir com outra ação; já no Nível 2 estão os contestatários, são os atores que estão dispostos a debater sobre o projeto e participar das reuniões para entender o processo; no Nível 3, tem-se o que Bajoit (2006) intitula como “organização da resistência”, são os atores que investem no projeto e na organização do mesmo; por fim, no Nível 4 estão os dirigentes e líderes do projeto em si.

Para que uma ação social dure no tempo é preciso que tenha uma organização, isto é, de dirigentes, de recursos e de tradições. Dentro da lógica da mudança, temos diversos atores e neles estão os convictos, os resignados, os existentes e os protestadores. “Daí, a questão: quando (em que condições) e como (segundo que processos) os indivíduos são levados a solidarizar-se entre si para entrar em conflito e/ou em contradição com outros, a fim de fazer valer certos desafios?” (BAJOIT, 2006, p. 245).

Com base nesta discussão de como os compromissos ocorrem, entende-se que identidade é construção, identificação e processo de compartilhamento de vivências. Canclini (2015) reforça que as identidades são definidas a partir de pontos de identificação por meio da cultura e memória, em que é formada por meio do tempo vivido (passado e presente) por determinada sociedade e, além disso, essas identidades estão em constante construção e reconstrução dentro do ambiente temporal e influenciadas pela memória individual e coletiva de uma comunidade.

Todavia, Michel Agier (2001) complementa esse pensamento sobre a problemática da identidade cultural e afirma que os processos identitários não existem sem um contexto específico. O autor acredita em declaração de identidade, em que “toda identidade, ou melhor, toda declaração de identidade, tanto individual quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato” (AGIER, 2001, p. 10).

Agier (2001) ressalta que a pesquisa que envolve discussões sobre identidade não deve apenas observar os contextos, como também dar conta da incorporação desses contextos dos objetos de estudo.

A atenção principal do observador deve se colocar antes sobre as interações e as situações reais nas quais os atores se engajam, do que nas representações formuladas **a priori** das culturas, tradições ou figuras ancestrais em nome das quais se supõe que eles agem. É a partir dos contextos e das questões em jogo nas situações de interação que a memória é solicitada seletivamente (AGIER, 2001, p. 12).

O processo de criação cultural é rodeado de tensões, em que se coloca de um lado os imaginários sociais, suas sociabilidades e memórias e do outro lado as técnicas, imagens e discursos globalizados que “por sua vez, circulam praticamente sem obstáculos, despojados de todo enraizamento histórico” (AGIER, 2001, p. 19). Esses elementos estão soltos e misturam-se, interconectam-se no meio desse processo de criação cultural.

O autor alerta e questiona: “qual é o processo que faz a cultura em seu contexto, quando esse contexto está praticamente por toda parte (e com apenas algumas nuances de intensidade), definindo-se enquanto local globalizado?” (AGIER, 2001, p. 20).

Uma ação que favorece a dinâmica cultural é o paradoxo permanente da relação entre identidade e cultura. “A identidade de um momento será, talvez, mais tarde esquecida, quando outros contextos e outras relações prevalecerão, mas a cultura do lugar onde isso ocorre atualmente, esta, terá sido transformada, ‘trabalhada’ profundamente” (AGIER, 2001, p. 23).

Em Natividade, entende-se que será a partir do compromisso dos indivíduos, a partir das suas práticas de identificação, e dessa declaração de identidade, que as festas religiosas caracterizam o município e podem ser elementos que vinculam a religiosidade à identidade local.

Agier (2001) explica ainda que se espera que a cultura recrie os fundamentos de uma comunidade e que uma acompanha a outra e transforma a relação de força entre identidade e cultura.

No campo, [...] encontra-se muito mais frequentemente diante de culturas identitárias em fabricação do que perante identidades culturais totalmente prontas, as quais ele teria apenas que descrever e inventariar. A cultura

declarativa torna-se o argumento da declaração de identidade, que é a forma de existência social da identidade. Com o fim das “grandes narrativas”, nosso mundo encontra-se em uma fase de criatividade intensa de múltiplas buscas identitárias e, simultaneamente, de novas culturas declarativas de identidade (AGIER, 2001, p. 23).

Para entender essa declaração de identidade, principalmente na dimensão religiosa, da qual Natividade integra, faz-se necessário entender como é definida a religião, o campo religioso e sua relação com o homem. Assim, e a partir de Clifford Geertz (2008, p. 67), define-se religião como

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecerem singularmente realistas.

Com isso, a religião atua na estruturação da percepção e do pensamento do mundo social. Para tal, Bourdieu (2009) explica que a Igreja usa do controle dos meios de produção, reprodução e distribuição dos bens de salvação, instituindo a figura do sacerdote como autoridade de função, onde ele tem a igreja como instituição que dá a sua representação e a sua representatividade.

Os homens foram obrigados a formar noção do que é religião, bem antes da ciência das religiões terem a chance de instituir suas comparações metódicas. As necessidades da existência obrigam a todos, crentes ou incrédulos, a representar de alguma maneira as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais temos sempre julgamentos a fazer e que devemos considerar no nosso comportamento (DURKHEIM, 2008, p. 53).

Formada essa noção de religião, criou-se a necessidade de representar algo em que se acredita, surgindo daí um paradoxo para os homens sobre o sagrado e o profano. Desse paradoxo, Emile Durkheim (2008) acrescenta que no sagrado foram erguidas as crenças, os ritos e os símbolos que conduziram consciências na formação de uma comunidade moral, sendo distinções dos fenômenos profanos que renovariam e manteriam o sagrado, com o intuito de coordenação e submissão de certas práticas pela sociedade.

Já Halbwachs (1990) explica que a religião é manifestada sob formas simbólicas que se desenrolam e se aproximam no espaço para que sobreviva.

Quando entra numa igreja, num cemitério, num lugar sagrado, o cristão sabe que vai encontrar lá um estado de espírito do qual já teve experiência, e com outros fiéis, vai reconstruir, ao mesmo tempo, além de uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, aquelas mesmas que foram formadas e mantidas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar (HALBWACHS, 1990, p. 155).

Sobre as concepções do homem religioso e sua relação com o sagrado e o profano, Mircea Eliade (1975) expõe que existem também as proibições que aparecem durante as cerimônias, dentre elas jogos, danças e músicas, o que acaba por acontecer fora dos espaços sagrados, onde homens e mulheres vivem o tempo profano, após suas atividades voltadas para suas divindades. Por mais que o homem seja orientado (e tem que ser) durante os ritos, o profano vem de encontro ao sagrado.

A revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer, sem uma orientação prévia – e toda a orientação implica a aquisição de um ponto fixo. [...] para a experiência profana o espaço é homogêneo e neutro: nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa (ELIADE, 1975, p. 36).

Independentemente da complexidade de uma festa religiosa, o homem religioso sente a necessidade de participar do tempo sagrado, pois é um acontecimento que foi originado há muito tempo e que, por meio do rito, torna-se presente naquele momento.

Porque os lugares participam da estabilidade das coisas materiais e é baseando-se neles, encerrando-se em seus limites e sujeitando nossa atitude à sua disposição, que o pensamento coletivo do grupo dos crentes tem maior oportunidade de se eternizar e de durar: esta é realmente a condição da memória (HALBWACHS, 1990, p. 159).

Os participantes “saem do seu tempo histórico – quer dizer, do tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e intrapessoais – e reúnem-se ao tempo primordial que é sempre o mesmo, que pertence à eternidade” (ELIADE, 1975, p. 101 -102). O autor acrescenta ainda, que se o homem religioso sente essa necessidade de reproduzir os mesmos gestos exemplares de suas divindades é porque deseja e se esforça por viver muito perto do que considera que sejam as atitudes corretas, as “exemplificadas” por suas divindades.

Essa repetição fiel dos modelos divinos tem um resultado duplo: I) por um lado, imitando os deuses, o homem mantém-se no sagrado e, por consequência, na realidade; II) por outro lado, graças à reatualização ininterrupta dos gestos divinos exemplares, o mundo é santificado. O comportamento religioso dos homens contribui para manter a santidade do mundo (ELIADE, 1975, p. 111).

Em suma, o homem religioso quer ser diferente do que ele é no plano da sua existência profana, ou seja, no mundo “real”. E, no tempo sagrado, tempo dos ritos e festas religiosas, ele quer se aproximar dos modelos divinos e ficar mais próximo de suas divindades, ele simula e recria outro ser baseado nos mitos, enfim, na história (SOUSA, 2017).

Assim como explica Durkheim (2008), em que as representações coletivas passam a ser vistas como resultado de uma “consciência coletiva”, na qual pode-se observar que existe a

transgressão das normas sociais, a coesão do grupo social e a produção de um estado de efervescência coletiva.

E também Canclini (2015, p. 220-221), ao afirmar que os fenômenos tradicionais, culturais e aqui expostos, religiosos, são processos estabelecidos a partir da coletividade, em que

[...] os fenômenos culturais folk ou tradicionais são hoje, produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações.

Desses processos entre campo, religiosidade, reprodução dos ritos sagrados e profanos, Farias (2005) vai além do tradicional sobre processos híbridos e trata as festas, neste caso, as festas religiosas, como o “casamento” da cultura com a economia em que, ao adquirirem relevância social e cultural, também surgem como alternativa para o desenvolvimento socioeconômico e a modernização local e regional. E ainda,

[...] as festas-espetáculo populares brasileiras compreendem acontecimentos que compõem agora um circuito de eventos-espetáculo cosmopolitas. Situações definidas em razão do forte apelo mercantil das atividades neles desenvolvidas, as quais estão voltadas para a prestação de serviços de diversão e turismo e se situam nos canais dos fluxos das redes midiáticas, pelos quais símbolos são insumos e mercadorias, a um só tempo. Neste âmbito estão amalgamadas expressão e produção culturais; profissionalismo e brincadeira (FARIAS, 2005, p. 655-656).

Os locais religiosos, além de receberem seus devotos, provocam o surgimento de uma demanda cultural, de pessoas que participarão por sua história e cultura. “Da mesma forma ocorre com os eventos, que se incorporam à cultura local, tornando-se parte da tradição cultural, fonte de identidade de determinada comunidade. Desse modo, há uma forte identificação entre turismo religioso e cultural, sendo o primeiro, na realidade, integrado a este último” (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 15).

É no surgimento dessas demandas culturais e religiosas que Lopes (2012, p. 361) ressalta que

[...] o reconhecimento das múltiplas manifestações que compõem as festas religiosas faz emergir identidades residuais ou instituintes que demarcam campos internos e territórios de tensão ritual expressivos, que produzem negociações do caráter tradicional da festa com os registros da alma do lugar (YÁZIGI, 2001), em constante processo de mudança.

Já como campo religioso, entende-se, a partir de Pierre Bourdieu (2004) como o confronto, a tomada de posição, a luta, a tensão e o poder. O campo é formado por agentes (indivíduos ou instituições) que criam espaços que existem devido às relações que nele são

estabelecidas. “É um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23). O campo é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes, é o que determina o que esses agentes podem ou não fazer, é o lugar que os agentes ocupam em determinada estrutura que indicará as tomadas de decisão.

Ao estabelecer as definições de campo religioso, Bourdieu (2009) apresenta a gênese e a estrutura do mesmo, como questões de dominação usando estruturas adaptáveis e trata o campo religioso a partir da experiência vivida. Para tanto, o autor assume as ideias de Weber acerca da religião e explica que “a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a ‘legitimação’ do poder dos ‘dominantes’ e para a ‘domesticação dos dominados’” (BOURDIEU, 2009, p. 32).

Bourdieu (2009) acrescenta ainda, que a religião impõe um sistema de representações sociais, além de práticas em que a estrutura é fundamentada na divisão política.

A religião está predisposta a assumir uma função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, que só poderá cumprir na medida em que possa suprir uma função lógica e gnosiológica consistente em reforçar material ou simbólica, possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe (BOURDIEU, 2009, p. 46).

Sobre a construção do campo religioso, Bourdieu (2009) apresenta ser a oposição entre manipulação legítima do sagrado (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria). Neste caso, sendo a manipulação profana como objetiva (religião dominada) ou intencional (a magia como anti-religião ou religião invertida).

A constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo), destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 2009, p. 39).

O autor explica ainda, que no âmbito de uma mesma formação social, as oposições que surgirem entre religião/magia ou sagrado/profano mostram a oposição que existe de competência religiosa, que são ligadas à distribuição do capital cultural, social ou econômico. E mais, a Igreja surge, para Bourdieu (2009), como uma instituição com áreas de competência, funções, regras, entre outros, fazendo com que, nesse processo de formação do campo religioso, produtores, divulgadores e receptores dos bens simbólicos religiosos fossem mais distantes sócio, econômico e culturalmente. Com isso, haverá uma amplitude, além de diversas interpretações dos significados que isso pudesse ocasionar, gerando conflitos conceituais no campo religioso.

Souza (2008) também discute a ideia de campo religioso e ressalta que a mesma traz em si os usos e as apropriações de práticas ou símbolos, que estabelece um posicionamento dentro do campo. E, que nesse campo é necessário entender o jogo de interesses envolvidos nessa produção.

O campo é um espaço de trocas simbólicas em que se procura o reconhecimento, não só por parte dos fiéis, mas também por outras denominações religiosas do campo, ou seja, o campo religioso é um espaço de permanentes trocas de produções e usos simbólicos e materiais, pelos personagens que dele fazem parte (SOUZA, 2008, p. 97).

Quando se trata das festas religiosas em Natividade, têm-se atores definidos e reconhecidos pela comunidade e pelas instituições no que tange à organização das mesmas.

O fato é que há constantemente a produção de relações de poder que, no primeiro momento, podem apontar para a busca da hegemonia dentro do campo religioso. Mas, a partir do momento em que esses novos atores são reconhecidos no e pelo próprio campo, tendem a diminuir a busca por essa hegemonia. O espaço já está garantido, resta agora a sua manutenção. [...] por trás da discussão que envolve a cultura popular, catolicismo popular ou religiosidade popular, existem pessoas que interpretam todas as transformações sociais ou religiosas, e, ao fazerem isso, produzem sentidos que podem ou não ser coletivizados (SOUZA, 2008, p. 96).

No momento que o campo religioso se organiza, a partir das formas de participação dos indivíduos envolvidos nele, surgem compromissos, em que os atores são reconhecidos dentro desse campo e produzindo suas ofertas no mesmo.

Assim, as festas religiosas permitem a construção dessa memória coletiva e também acabam influenciando diretamente a história do local no qual se realizam. E, no caso de Natividade, será por meio das características dessas festas religiosas (Festa do Divino Espírito Santo e Romaria do Senhor do Bonfim), da tradição, dos bens patrimoniais e memória de seus devotos e demais atores sociais que se encontrará um caminho para analisar como se dá a relação entre desenvolvimento local e a construção/declaração de uma identidade cultural por meio da religiosidade.

Para Hagen (1974, p. 30), o processo de mudança é demorado, tanto na lógica quanto na realidade histórica, e expõe que, “a mudança econômica implica em mudança social”. Com base nesse pressuposto, entende-se que o processo de mudança inicia no indivíduo e nos compromissos que ele assume consigo mesmo e com o meio em que vive, como explica Bajoit (2006) em sua teoria da gestão relacional de si, com a relação do indivíduo perpassando pelas lógicas do compromisso, da permuta, da solidariedade, da ação coletiva e da mobilização social.

Os indivíduos se comprometem nas lógicas de ação social para realizar a sua identidade pessoal entre os outros e que, a identidade que ele tem de si mesmo é dinâmica e está em constante evolução e readaptação. Os compromissos que o indivíduo assume para consigo mesmo e, portanto, a “ideia” ou a “imagem” que ele tem da sua identidade, nunca são completamente (in) conscientes nem (in) voluntárias (BAJOIT, 2006).

Grosso modo, a identidade coletiva é sempre o compromisso do indivíduo com a comunidade. É aquele compromisso que possibilita ver o grau de envolvimento dele no que o coletivo se define. Com isso, em Natividade, convém-se questionar, analisando a partir dos projetos que estão sendo desenvolvidos na cidade, quais compromissos identitários das pessoas, dos atores ali envolvidos? Nas festas religiosas da cidade, neste caso a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, qual o compromisso desses atores com elas? Esses atores entendem as festas como algo que constitui a identidade local? Qual é o grau de envolvimento? Esses atores agenciam e investem na festa?

As lógicas de ação social interagem com o desenvolvimento endógeno na medida que, para que as ações que promovam o desenvolvimento local possam “dar certo”, o indivíduo tem que estar/ser comprometido identitariamente com aquele local, região ou cidade.

Portanto, é a partir das lógicas de ação social que o indivíduo construiu, das lógicas de permuta e de mobilização social, que essas ações poderão ser implementadas. Como também da ação dos atores organizados para a promoção das potencialidades do lugar, para enfim, buscar-se uma estratégia de desenvolvimento local.

3. A CULTURA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Neste capítulo abordar-se-á como a cultura pode ser considerada fator de desenvolvimento, a partir de discussões contemporâneas sobre a cultura no, para e como desenvolvimento, chegando até a questão do local enquanto ferramenta para desenvolvimento endógeno, bem como são trabalhadas as políticas públicas para a cultura e o desenvolvimento no estado do Tocantins.

Dividido em quatro partes, este capítulo inicia apresentando de uma forma breve argumentos envolvendo os valores culturais e o crescimento econômico, estando os mesmos associados aos valores religiosos que também influenciaram a organização da sociedade e consequentemente, o desenvolvimento de suas comunidades (SOUZA, STÜLP, 2008).

Porém, na atualidade, autores debatem que o cenário que se tem buscado é: a implantação de políticas públicas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico, por meio do desenvolvimento endógeno, em que há a interação de todos os atores envolvidos no processo. Assim, todas as vozes são ouvidas e participam do processo de desenvolvimento da sua comunidade.

O primeiro tópico traz a concepção de desenvolvimento como liberdade (SEN, 2010) em que o desenvolvimento não pode ser analisado apenas sob o viés restritivo do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e da renda, nem reduzido à capacidade de industrialização e modernização das cidades, mas pelo protagonismo das mesmas (SACHS, 2005). Sendo necessário abandonar a ideia de que a industrialização é o mesmo que desenvolvimento (ARRIGHI, 1997), mas sim, a partir da centralidade das questões humanas e ambientais que haverá a possibilidade do surgimento de outros modelos de desenvolvimento (LOPES, 2020), principalmente por meio da cultura.

Já no segundo tópico deste capítulo, será abordada a utilização do local como ferramenta do desenvolvimento endógeno (VASQUÉZ BARBERO, 2007; MARTINELLI, JOYAL, 2004; NUNES, KARNOPP, 2015), em que a partir dele, a comunidade poderá resolver os desafios que surgirem, com respostas produtivas e adequadas, atendendo às necessidades dos mesmos.

No terceiro tópico, abordam-se as formas de integrar a cultura dentro da discussão do desenvolvimento, revelando os três papéis da mesma, atuando junto com os demais pilares do desenvolvimento: ecológico, social e econômico. Sendo analisada a cultura no desenvolvimento, a cultura para o desenvolvimento e a cultura como desenvolvimento (DESSEIN *ET AL*, 2015).

Por fim, no último tópico faz-se uma análise das ações voltadas para o fomento da cultura do estado do Tocantins (SOUSA; LOPES, 2020), colocando em discussão a relação entre desenvolvimento/cultura e o modelo de desenvolvimento que vem sendo posto (imposto?) por meio das políticas públicas sobre as comunidades.

3.1. Cultura e desenvolvimento: conceitos iniciais

Valores culturais e crescimento econômico estão associados, assim como os valores religiosos também possuem implicações econômicas. Com isso, e considerando a industrialização como a principal válvula motora do desenvolvimento econômico, Max Weber (1994) citado por Souza e Stülpe (2008) argumenta que os países de religião protestante se desenvolveram primeiro em detrimento aos de tradição católica, que permaneceram até meados da década de 1950 sem estarem completamente industrializados. Ainda segundo o pensamento protestante, as atividades religiosas estão associadas às atividades profissionais e à organização social em comunidade, visando o desenvolvimento (SOUSA; STÜLPE, 2008).

Gomes (2002) citado por Souza e Stülpe (2008, p. 89-90) apresenta que no “cristianismo, em geral, o amor é o valor fundamental”. Já no protestantismo, “o cristão deve manifestar o amor pela autopreservação e cuidados pessoais; em relação ao semelhante, deve ser manifestado por meio do trabalho em benefício da comunidade”.

Com a Revolução Industrial, os elementos-chave do crescimento e do desenvolvimento econômico foram o empresariado e a classe média. “A transformação do sistema econômico e social foi forjada pelas religiões dominantes. As crenças religiosas moldaram o desenvolvimento econômico das diferentes nações, embora não tenham sido suficientes para desviar os empreendedores emergentes de seus propósitos de busca de lucro” (SOUSA; STÜLPE, 2008, p. 91-92).

Para Everett Hagen (1974, p. 38), “a ética protestante pode ser um resultado não de doutrinas religiosas, mas de um esforço de grupos subordinados para alcançar satisfação através da atividade econômica e racionalizar esta atividade em doutrina religiosa”.

Contudo, esse favorecimento do desenvolvimento capitalista por meio da ética protestante não tem mais tanta importância atualmente e a influência das crenças religiosas sobre a área econômica e suas decisões não é tão forte como foi nos séculos passados.

Isso se explica pelo aumento dos interesses particulares, os quais ficam acima até mesmo da ética, e pelo repúdio da religião como base moral. Portanto, está faltando o equilíbrio entre base moral e busca do progresso material. De um lado, toda nação necessita do fortalecimento de um espírito coletivo (que poderíamos chamar de “alma”), o idealismo nacional, o objetivo comum; de outro, é preciso estabelecer limites para o individualismo, um freio moral, demarcando-se o que é certo e o que é errado, tendo sempre em mente o bem comum e o fortalecimento do coletivo (SOUZA; STÜLP, 2008, p. 94-95).

Schumpeter (1982) citado por Oliveira (2016) afirma em sua teoria que o crescimento econômico ocorreria quando as atividades econômicas acontecessem de forma normal, por meio de um fluxo de equilíbrio em que se produziria para obter lucros. Já o desenvolvimento, na perspectiva do mesmo teórico, só aconteceria quando os atores, nesse caso os empresários, buscassem obter lucros e satisfazer as necessidades dos consumidores, por meio das inovações tecnológicas.

No entanto, o processo de desenvolvimento econômico utilizado até então, apesar de ser o objetivo comum de todo país, não poderá ser mais eficaz devido o contexto no qual se vive atualmente. O cenário que se apresenta, e que se tem buscado, é o da implementação de políticas públicas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico, por meio do desenvolvimento regional em que há a interação de todos os atores envolvidos no processo. Todas as pessoas são ouvidas e participam.

Desenvolvimento é pluralidade e deve passar por integrações adaptativas para o regional, além de estar relacionado com a melhora de um determinado local, da vida dos indivíduos e o fortalecimento de suas liberdades. O termo desenvolvimento surge como uma percepção da modernidade, baseada nas concepções da lógica ocidental e sua doutrina positivista do progresso e da coesão social. E, após a Segunda Guerra Mundial, o termo desenvolvimento é atrelado ao crescimento econômico, se torna um parâmetro comparativo entre países, surgindo também o termo subdesenvolvimento (LOPES, 2020).

Amartya Sen (2010) argumenta que o desenvolvimento não pode ser analisado apenas sob o viés restritivo do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e da renda. Segundo sua teoria, o desenvolvimento deve ser tratado como liberdade, o êxito de uma sociedade deve ser avaliado com base nas liberdades substantivas de que os indivíduos desfrutam.

Assim, a liberdade é um fator determinante e surge da iniciativa individual e da eficácia social. A liberdade como desenvolvimento é a eliminação de privações de escolhas e a conquista de oportunidades sociais e individuais, para que as pessoas possam exercer sua condição de agente. Logo, os indivíduos são vistos como agentes ativos de mudança e não passivos receptores de benefícios das instituições.

A partir da perspectiva destes autores, entende-se que o crescimento econômico é importante, porém não se utiliza só ele para determinar o nível de desenvolvimento de uma comunidade. O que faz com que a dimensão cultural seja pouco analisada pelos autores que trabalham questões sobre desenvolvimento.

Sachs (2005) expõe que a ideia de desenvolvimento⁴⁶ não deve ser reduzida apenas às obras de infraestrutura (saneamento, estradas, habitação, dentre outros) nem por meio da capacidade de industrialização ou de modernização das cidades, mas do protagonismo e do significado que essas comunidades conferem a estas intervenções.

Assim,

[...] para caracterizar e avaliar o desenvolvimento torna-se necessário usar uma bateria de indicadores além da taxa do crescimento do PIB. Não é legítimo falar em desenvolvimento se, concomitantemente com o crescimento econômico, ocorrem deteriorações com respeito ao emprego, à pobreza e às desigualdades sociais. Da mesma maneira um crescimento baseado na apropriação predatória dos recursos naturais e caracterizado por altos níveis de emissão poluente não se enquadra no conceito de desenvolvimento (SACHS, 2005, p. 154).

Ainda para o autor, o conceito de desenvolvimento deve ser caracterizado como (socialmente) incluyente, sustentável (ambientalmente) e sustentado (economicamente). Para Sachs (2005, p. 159), “o potencial de desenvolvimento de um país depende, em primeira instância, da sua capacidade de se pensar; em segunda, da sua habilidade de colocar em obra o projeto; e, só em última instância, do grau de desenvolvimento do seu aparelho produtivo”.

Arrighi (1997, p. 209) também reforça que “é necessário abandonar o postulado de que industrialização é o equivalente de desenvolvimento”. Para o autor, há uma distribuição desigual, que contribui para a formação e reprodução de uma estrutura assimétrica entre as regiões: o núcleo orgânico-periferia⁴⁷, em que os núcleos orgânicos possuem capacidade de inovação, as regiões semiperiféricas com a capacidade de apropriação da inovação e a periferia, com a incapacidade tanto de inovar ou de se apropriar da inovação.

Muitos países em desenvolvimento, devido ao imperialismo e à cosmologia capitalista, foram levados a acreditar que o que é bom para os países desenvolvidos deve ser bom também para os países subdesenvolvidos [...] Este processo, que caracteriza a concepção de desenvolvimento como um modelo que é “oferecido”, senão mesmo imposto através de processos de mudança social (HAGEN, 1967), obscureceu a visão substancial do desenvolvimento “como um processo de expansão das liberdades reais de que as pessoas gozam” (SEN, 2000, p. 17) (LOPES, 2020, p. 50) (tradução nossa).

⁴⁶ Para compreender a evolução da ideia do desenvolvimento nos últimos 60 anos, passando depois à análise dos vários sentidos da cultura, um termo por excelência polissêmico, ver o texto de Sachs (2005).

⁴⁷ Para uma discussão aprofundada sobre distribuição desigual, uma assimetria nas regiões entre núcleos orgânicos, semiperiféricas e periferias ver ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Seguindo essa perspectiva, são os indicadores culturais que poderão problematizar o índice de desenvolvimento regional. É a partir da centralidade das questões humanas e ambientais que há a possibilidade do surgimento de outros modelos de desenvolvimento. E, é na criação e recriação desses novos modelos que se encontram outros caminhos e propostas para a promoção da inclusão social, da valorização de bens culturais e ambientais, além do bem-estar econômico.

Compreender o processo hegemônico de desenvolvimento em seu caráter transformador, atualizando-se e inscrevendo-se em práticas culturais localizadas, apreendidas em suas amplitudes finitas, mas significativas. Isso envolve circunscrever os marcos da transformação do processo hegemônico de desenvolvimento, primeiro, e na sequência para inscrever as práticas culturais localizadas nesse processo, na análise situacional (LOPES, 2020. p. 51) (tradução nossa).

A cultura passa a ser percebida como matriz dinâmica dos sentimentos e percepções comunitárias, em que os atores passam a solicitar subsídios para a preservação de suas expressões culturais e assim, a diversidade cultural passa a ser reconhecida como estratégia do desenvolvimento.

É, provavelmente, partir da década de 1980, que há uma ruptura no que se entende por cultura e que essa passa a ser reconhecida como fator indispensável para o aprimoramento humano, a coesão social, a diminuição das desigualdades e o progresso educacional, por intermédio de iniciativas de grandes organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Banco Mundial, o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) dentre outros.

“Todos entenderam que a cultura deveria integrar seus projetos de inclusão social em todos os países; em particular, os menos desenvolvidos, principalmente por objetivar contar com as populações locais como agentes ativos, elementos atuantes nas ações concretas em favor de seu próprio desenvolvimento” (CARVALHO; NÓBREGA, 2012, p. 129).

Em 1999, em Paris, o Fórum “Desenvolvimento e Cultura”, organizado pelo BIRD, trará novos significados a essas duas expressões. A Cultura passa a ser percebida como uma matriz dinâmica das formas de ser, estar, se relacionar e perceber o mundo. Desse modo, desenvolver não significa construir ou produzir obras de infra-estrutura das comunidades (saneamento, estradas, habitação, urbanização etc), mas significa, sobretudo, refletir sobre as reações e intervenções das pessoas atingidas por estes benefícios, observando os impactos desses projetos no desenvolvimento humano das diversas comunidades (LEITÃO, 2007, p. 27).

James Wolfensohn, ex-presidente do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento⁴⁸ (BIRD), no período de 1995 a 2005, interpretou o que seria o princípio básico do desenvolvimento por meio da cultura, em que há um respeito pelas raízes locais sem impedir as mudanças, as quais representam o desenvolvimento. Assim, Wolfensohn expôs que “temos que respeitar as raízes das pessoas em seu próprio contexto social. Temos que proteger a herança do passado. Mas também temos que estimular e promover a cultura viva em todas as suas múltiplas formas” (CARVALHO; NÓBREGA, 2012, p. 133).

No Brasil, nos anos de 1950-1960, os debates acerca dessa aproximação entre desenvolvimento e cultura já aconteciam, porém foram interrompidos pelo Golpe Militar de 1964. Na época,

[...] surge uma primeira aproximação entre a concepção de cultura, políticas culturais e concepções de desenvolvimento, que seriam objeto de acaloradas discussões e importantes teorizações elaboradas a partir do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) para a definição de um projeto de sociedade para o Brasil (ORTIZ, 1985). Tais debates enfatizaram uma concepção de cultura de identidade patrimonial, geralmente orientada para a preservação do passado, e uma concepção de criação de ativos culturais dinâmicos, organizados e politicamente orientados para a valorização da pluralidade cultural (LOPES, 2020. p. 52) (tradução nossa).

Assim como foi apresentado no capítulo anterior, na discussão sobre a concepção da identidade nacional, no período da ditadura militar essa concepção de cultura foi baseada pela “associação com a política de segurança nacional, norteadas por uma lógica de desenvolvimento ordenado do país” (LOPES, 2020. p. 52). Com isso, o estado assumia o papel de manter a memória nacional se tornando o criador e sustentáculo da identidade nacional brasileira a partir das ações do IPHAN.

Lopes (2020) acrescenta que o modelo nacional de desenvolvimento tecnológico foi surgindo a partir da área de Segurança Nacional⁴⁹, e seus arranjos permaneceram hegemônicos no país, até a emergência dos movimentos e ações coletivas que expressavam a defesa da democracia.

[...] a partir dessas expressões, pluralidade e diversidade passam a compor os discursos e manifestações dos atores sociais que reivindicam suas próprias políticas culturais, atingindo o período Constituinte e o ciclo contemporâneo inaugurado pela Constituição, cuja ênfase estava pautada nos processos de

⁴⁸ O Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) é uma instituição financeira internacional que oferece empréstimos a países em desenvolvimento de renda média. O BIRD é a primeira das cinco instituições que integram o Grupo Banco Mundial e está sediada em Washington, D.C., Estados Unidos da América.

⁴⁹ Lopes (2020) exemplifica essa relação citando em seu trabalho, a cidade de São José dos Campos, no Vale do Paraíba, estado de São Paulo, com a implantação de estatais como CTA, ITA, INPE e Embraer, reforçando uma concepção de polos de concentração (Perroux, 1974) em regiões metropolitanas, implantada desde a abertura do mercado nacional até a instalação de empresas multinacionais, desde o governo de Juscelino Kubitschek.

reivindicação baseada no direito a ter direitos (LOPES, 2020, p. 55)(tradução nossa).

Mais recentemente, a partir da Convenção da Diversidade das Expressões Culturais realizado em 2005 (UNESCO, 2007), dez anos após a realização da Agenda 2030⁵⁰ para o Desenvolvimento Sustentável (UN, 2015) até o Encontro do G20⁵¹ (PR Newswire, 2020), a cultura e a diversidade cultural aparecem no centro do desenvolvimento sustentável.

Entende-se que há a necessidade de incorporar a cultura como elemento estratégico das políticas de desenvolvimento, além de reconhecer a necessidade de adotar medidas para proteger a diversidade e enfatizar a importância da cultura para a coesão social, uma vez que, na Agenda 2030, o termo cultura aparece em 13 eixos temáticos. O Brasil ratificou em 2007 o texto da Convenção da Unesco sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, por meio do Decreto Legislativo 485/2006⁵².

Na reunião do G20, o grupo dos vinte países mais ricos do mundo, que foi realizada de maneira virtual nos dias 20 e 21 de novembro de 2020 por conta da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), com o tema "A ascensão da economia cultural: um novo paradigma", os ministros da cultura e funcionários de organizações internacionais discutiram a preservação do patrimônio, o desenvolvimento sustentável e a cultura como catalisadores do crescimento econômico (PR NEWSWIRE, 2020). Assim, se reconhece o potencial da contribuição em todo o espectro das políticas públicas para construir sociedades e economias mais sustentáveis, além de que reconhecer que as atividades, bens e serviços culturais possuem natureza econômica e cultural.

Resgatando o pensamento de Yúdice (2004), tratado no capítulo anterior, e sua visão da "cultura como recurso", em que os atrativos artístico-culturais são reconhecidos como investimento, em suas mais diferentes manifestações, e que podem ser empregados no

⁵⁰ A Agenda 2030 é um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade. Todos os países e todas as partes interessadas, atuando em parceria colaborativa, se comprometeram a implementar a Agenda 2030, pactuada pelo Brasil e outros 192 países que integram a Organização das Nações Unidas (ONU). Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas estimulam a ação até o ano de 2030 em áreas de importância crucial para a humanidade e para o planeta.

⁵¹ A primeira reunião de líderes do G20 ocorreu em novembro de 2008, em Washington, nos Estados Unidos. A presidência do G20 é rotativa entre os países membros a cada ano. Os integrantes do G20 são a Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, República da Coreia, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos e União Europeia. Ao longo do ano, representantes dos países se reúnem para discutir questões financeiras e socioeconômicas. Juntos, os integrantes do G20 representam cerca de 80% da produção econômica mundial, dois terços da população global e três quartos do comércio internacional.

⁵² Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005.

desenvolvimento econômico de uma localidade, ao discutir cultura no desenvolvimento, os diferentes tipos de expressões culturais são empregados como instrumentos para o desenvolvimento e bens econômicos de alto valor (CARVALHO; NÓBREGA, 2012).

Leitão (2007) destaca que toda essa rede de processos que envolvem a cultura e o desenvolvimento é envolta da existência de interesses, instituições, agências e atores dos mais diversificados campos sociais.

Essas redes, sobre as quais se constroem as relações entre Cultura e Desenvolvimento, possuem especial complexidade no Brasil, país onde a fusão do arcaico e do moderno invalidam categorias sociológicas tradicionais. É o caso da categoria “campo” de Pierre Bourdieu, a qual busca definir áreas de interesse profissional. No Brasil, os “campos” se sobrepõem, os indivíduos alternam papéis, vivem e convivem em diversas “constelações” que se territorializam e se desterritorializam, ao sabor de interesses, valores, crenças, hábitos e éticas. Ao tratarmos historicamente o desenvolvimento a partir de uma matriz econômica, subestimamos os papéis da cultura, enquanto espaço da produção de mitos, símbolos e metáforas, capaz de produzir novas categorias que, por sua vez, desempenhassem um papel estratégico para a própria ressignificação do Desenvolvimento (LEITÃO, 2007, p. 26).

Portanto, os modelos econômicos devem ser renovados e estabilizados. Uma vez que a diversidade cultural constitui um componente intrínseco da nossa sociedade, as políticas públicas devem envolver as múltiplas identidades culturais das nossas comunidades e promover o reconhecimento e o respeito da diversidade cultural e seus respectivos direitos.

3.2. O local como ferramenta para o desenvolvimento regional

É no final dos anos de 1980 e início da década de 1990 que surge uma nova visão sobre o desenvolvimento regional, diferentemente do que vinha se aplicando no Brasil na década de 1970. As dimensões sociais, econômicas e ambientais tomam frente na discussão sobre desenvolvimento e a implementação de políticas públicas.

Nesse cenário, têm-se o

[...] realinhamento dos instrumentos de promoção do desenvolvimento regional, caracterizado, entre outros fatores, pela incorporação da dimensão institucional como forma de promover um maior envolvimento dos agentes regionais na elaboração de políticas públicas, e um maior aproveitamento de elementos endógenos dos territórios como pivôs de processos sustentáveis de desenvolvimento (GALVANESE; FAVARETO, 2014, p. 74).

Considerado uma resposta ao modelo fordista de produção em massa, esse novo paradigma, ou seja, esse novo modelo de desenvolvimento pode ser definido como um desenvolvimento realizado de baixo para cima, endógeno, que parte das potencialidades socioeconômicas do próprio local, ao invés de seguir o modelo de desenvolvimento imposto de cima para baixo, ou seja, aquele imposto pelo poder do estado. São os atores locais que desempenham o papel central em sua definição, execução e controle (MARTINELLI; JOYAL, 2004; NUNES; KARNOPP, 2015).

Ignacy Sachs (1986) citado por Oliveira (2016, p. 61) reforça que “o desenvolvimento endógeno tem um papel de mobilizar a imaginação social e as forças da sociedade independente do desenvolvimento em nível nacional, sendo que é o local do ponto de partida para o desenvolvimento das sociedades”.

Assim, sendo o local, ponto de partida para o desenvolvimento endógeno, é a partir dele que a comunidade poderá resolver os desafios que surgirem, com respostas produtivas e adequadas, atendendo às necessidades dos mesmos. Segundo Vázquez Barquero (2007), a teoria do desenvolvimento endógeno identifica um caminho para o desenvolvimento autossustentado.

A teoria do desenvolvimento endógeno e os modelos de crescimento endógeno aceitam que existem diferentes caminhos de crescimento das economias de acordo com os recursos disponíveis e a capacidade de economia e investimento, que os rendimentos dos fatores podem estar aumentando, que o progresso tecnológico é endógeno nos processos de crescimento e existe espaço para políticas de desenvolvimento industrial e regional (VÁZQUEZ BARQUERO, 2007, p. 186-187)(tradução nossa).

Na perspectiva do desenvolvimento regional, os atores locais organizam-se formando redes, em suas formas mais avançadas, “que servem de instrumentos para conhecer e entender a dinâmica do sistema produtivo e das instituições, bem como para conjugar iniciativas e executar as ações que compõem a estratégia de desenvolvimento local” (NUNES; KARNOPP, 2015, p. 209).

Em Natividade, essas redes estão vinculadas à Igreja na realização dos ritos sagrados das festas religiosas e também à Asccuna, que reúne a comunidade e demais atores sociais (empresários, instituições não estatais e poder público) em torno da organização, promoção, divulgação e transmissão de saberes que envolvem a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim.

Nessa relação, tem-se de um lado a região ou a comunidade em si, que já está organizada em torno do seu potencial de desenvolvimento e, do outro lado, o poder público que precisa criar

condições para o desenvolvimento por meio das políticas públicas, como apontado no tópico anterior.

Nunes e Karnopp (2015) acrescentam em sua análise sobre os atores locais e as redes que se formam nesse processo de desenvolvimento endógeno, que as estruturas familiares e as tradições locais, bem como a estrutura e os valores sociais e culturais e as regras da população, favorecem a dinâmica do modelo de industrialização.

Esta forma de estrutura contribui com os recursos humanos e financeiros, facilitando as relações trabalhistas e sociais, favorecendo as trocas de bens e serviços, formais e informais, e a difusão da informação e o conhecimento pela rede de empresas e de organizações locais, e os processos de industrialização endógena, que estão firmemente enraizados no território (NUNES; KARNOPP, 2015, p. 210).

É a partir da criação de um entorno econômico e institucional que se proporciona às empresas locais recursos, serviços e redes de cooperação entre os atores. O condicionamento dos processos de desenvolvimento surge em razão da utilização produtiva do potencial do desenvolvimento daquela localidade, da estrutura social e cultural, da estrutura familiar, inclusive dos valores morais, o que influenciará facilitando ou dificultando a dinâmica do desenvolvimento local.

Quando se aplica o conceito de desenvolvimento endógeno ao panorama regional de desenvolvimento, surge a possibilidade de identificar as possíveis razões para explicar por que certas regiões crescem segundo ritmos e estilos diferentes, sem obedecer a mudanças tecnológicas exógenas, ou a outros fatores produtivos, como a estruturação do trabalho (MARTINELLI; JOYAL, 2004, p. 68).

Vásquez Barquero (2007, p. 184) explica que “as iniciativas de desenvolvimento local podem ser consideradas como respostas dos atores públicos e privados aos problemas e desafios colocados pela integração dos mercados hoje”. Assim como reforça Buarque (2002) citado por Nunes e Karnopp (2015, p. 213), que “o desenvolvimento local depende da capacidade de os atores e a sociedade local estruturarem-se e mobilizarem-se, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural, para definir e explorar suas prioridades e especificidades”.

Sachs (2002) batiza esses atores como *stakeholders* e afirma que o desenvolvimento com base na comunidade, desencadeia um processo de negociação entre eles por meio de facilitadores, que nesse caso seriam os cientistas/pesquisadores, associações, agentes econômicos públicos e privados. Assim, o poder público não é mais o provedor do desenvolvimento, mas sim, o articulador. Os atores locais também não são mais sujeitos passivos, e sim, sujeitos ativos no processo do desenvolvimento local.

Assim, o Estado precisa apenas intervir no sentido de buscar conhecer as potencialidades das regiões, considerando que cada região apresenta características diferentes, buscando, inclusive, políticas para as regiões mais atrasadas, com o intuito de minimizar as diferenças regionais, procurando fazer com que ocorra o efeito multiplicador entre as regiões (OLIVEIRA, 2016, p. 61).

Para que aconteça o desenvolvimento endógeno, se faz necessário que haja a cooperação entre os atores sociais, com o aproveitamento dos sistemas tradicionais de gestão de recursos, organização dos processos participativos no que tange a identificação das necessidades locais e o investimento nas potencialidades da região. Entende-se que no caso do poder público, já não é mais possível que haja uma única estratégia de desenvolvimento, em termos de políticas públicas, para que seja aplicada em todas as regiões de um território.

A ideia de comunidade também está relacionada com o desenvolvimento local. É por ele que se reforçam as comunidades, dando dinamicidade à região por meio das potencialidades do lugar e por meio da união de diversos fatores, entre eles: os atores, a cultura, os recursos e as instituições.

Para Martinelli e Joyal (2004), efetivar o processo de desenvolvimento endógeno requer que o grau de educação da população seja suficiente para que as pessoas possam tomar iniciativas, assumir as responsabilidades e ainda, empreender em novos negócios.

Os autores expõem ainda que

[...] a decisão do poder local e dos diferentes níveis de governo, conduzindo as suas comunidades de maneira sóbria e equilibrada, num mundo em constante mutação, é outra variável relevante, levando às mudanças necessárias, porém com a participação ativa da sociedade. Por outro lado, tem-se também a capacidade de atração de novos investimentos externos, tão necessários para complementar o desenvolvimento das potencialidades locais (MARTINELLI; JOYAL, 2004, p. 54).

Nesse processo do desenvolvimento, que é dependente de muitas variáveis como: a industrialização, o progresso tecnológico, a modernização social e as disposições sociais e econômicas, Oliveira (2016, p. 61) reforça que

[...] para que aconteça o desenvolvimento endógeno é necessário que ocorra a cooperação entre os agentes sociais, mesmo em um ambiente competitivo, que é típico do sistema econômico baseado na globalização, além de investimentos no conhecimento das potencialidades locais, em pesquisa, desenvolvimento, inovação, conhecimento e capital social.

Dessa cooperação entre os agentes sociais, têm-se a teoria relacional de si e as lógicas de permuta (BAJOIT, 2006). Porém, mesmo com essa cooperação entre os atores sociais, Yúdice

(2004, p. 33-34) pondera que existem dificuldades metodológicas para o desenvolvimento de indicadores para a cultura, uma vez que

[...] o conceito é cunhado segundo indicadores econômicos, que possibilitam aos economistas a determinação da “saúde” econômica e a previsão dos tipos de intervenções que a fortalecerão. Evidentemente, existem diferentes abordagens para se precisar indicadores, dependendo de que critérios são apresentados: econômicos (quantos empregos serão produzidos), profissionais (seriam as instituições artísticas hegemônicas viáveis?), ou referentes à justiça social (os valores e preferências culturais dos residentes da comunidade serão compreendidos e honrados quando os recursos forem destinados ao apoio cultural?). [...] as instituições culturais e financiadores estão cada vez mais voltados para a medida da utilidade, pois não há outra legitimação aceita para o investimento social.

Subsidiada nas ideias de Yúdice (2004), já apresentadas ao longo desta tese, acredita-se que existem sim possibilidades para a cultura ser entendida e trabalhada como ferramenta para o desenvolvimento local, a partir do momento que as políticas e as ações existam e possam ser implementadas e executadas.

Deste modo, os autores defendem que se tem buscado políticas públicas voltadas à promoção do desenvolvimento econômico, com base direcionada para o desenvolvimento regional, e com a interação de todos os agentes envolvidos no processo: comunidade, poder público, entidades privadas, paraestatais e demais.

3.3. Cultura no/para/como Desenvolvimento

Na atualidade, diversos pesquisadores têm debatido formas de integrar a cultura dentro da discussão do desenvolvimento. Joanildo Burity (2007, p. 53) expõe que a “cultura sempre remete a um lugar (quer seja o local por oposição ao estranho, ao externo, quer seja o lugar como o lugar da comunidade), ou o dessa valorização da cultura para cumprir um papel no processo de desenvolvimento”. E, nesse processo de entender a cultura e o desenvolvimento, há que se descobrir um lugar para a cultura que não seja apenas como estratégias de desenvolvimento econômico, reflexo de uma lógica que já se espalhou por diversas partes do mundo: a da hegemonia assumida pelo discurso neoliberal em que a mola propulsora do desenvolvimento de um lugar se dá apenas por meio da economia.

A partir disso, Burity (2009) explica que só se descobre o peso da cultura na economia quando são identificados projetos e atividades culturais que possam ser incorporados como ‘peças no tabuleiro’ das estratégias de desenvolvimento econômico, a exemplo da indústria do turismo, que passa a procurar lugares, comunidades, eventos e pessoas que possam atrair mais turistas para o local.

Para o autor,

[...] há um vínculo entre cultura e desenvolvimento, que recomenda uma série de estratégias diferenciadas e sempre caso a caso de elaboração e implementação de projetos de desenvolvimento sem cair na mera legitimação de processos hegemônicos mais amplos nos quais esse reconhecimento do vínculo entre cultura e desenvolvimento é um reconhecimento instrumental que está a serviço de uma outra ótica, ou de uma outra lógica (BURITY, 2009, p. 62).

Com base nisso e trazendo de debate para o desenvolvimento sustentável, tem-se os estudos da COST Action IS1007 Investigating Cultural Sustainability⁵³, uma rede de pesquisa europeia focada em uma perspectiva multidisciplinar no relacionamento entre cultura e desenvolvimento sustentável, em que, se a cultura não for explicitada, debatida e discutida explicitamente dentro do campo da sustentabilidade, ela não tem poder na tomada de decisão.

Cultura e desenvolvimento são conceitos amplos que cobrem diferentes esferas da vida, assim, entender e tentar definir os papéis da cultura no desenvolvimento permite que se abram questionamentos sobre o que seria essa relação, como ela está conexa a vários tipos de desenvolvimento e como ela vive com diversas interpretações de sustentabilidade.

Dentro dessa perspectiva, os estudos da *COST Action IS1007 Investigating Cultural Sustainability* revelam os três papéis da cultura atuando junto com os demais pilares do desenvolvimento: ecológico, social e econômico.

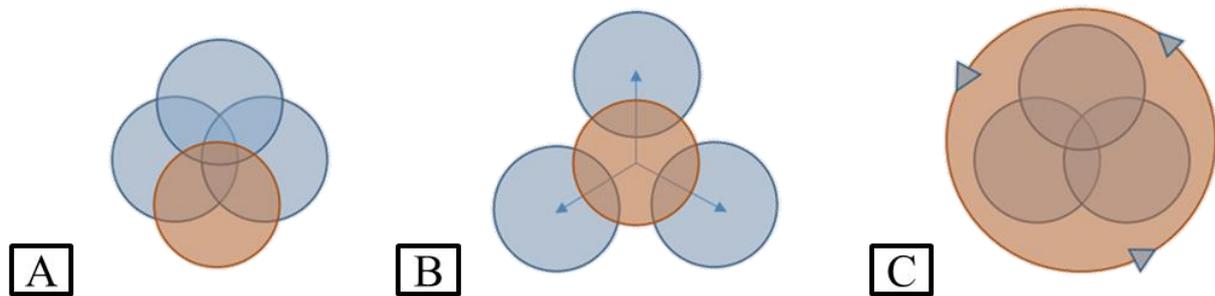
A cultura **no** desenvolvimento sustentável é considerada como apoio. Nesse caso, a cultura é adicionada como um quarto pilar, com um papel de dimensão independente e autônoma ao lado dos outros. Já a cultura **para** o desenvolvimento possui o papel de mediar e conectar os três pilares, atuando como motor dos processos de sustentabilidade. A cultura **como** base para o desenvolvimento sustentável assume sua forma evolutiva, holística e papel transformador,

⁵³ Os resultados do trabalho e a publicação do documento “*Culture in, for and as Sustainable Development: Conclusions from the COST Action IS1007 Investigating Cultural Sustainability*” foram compartilhados e discutidos em uma conferência ‘*Culture(s) in Sustainable Futures: theories, policies, practices*’ realizada em Helsinque de 6 a 8 de maio de 2015.

fornecendo um novo paradigma para a questão do desenvolvimento sustentável (DESSEIN ET AL, 2015).

Dessein *et al* (2015, p. 20, tradução nossa) demonstram, nos diagramas a seguir, a relação dessas três funções definidas para a sustentabilidade da cultura, do desenvolvimento e entre si. “Eles não são mutuamente exclusivos, mas representam maneiras diferentes de pensar e organizar valores, significados e normas estrategicamente e ecleticamente em relação às discussões sobre desenvolvimento sustentável”.

Figura 17 - Cultura no desenvolvimento sustentável (A); Cultura para o desenvolvimento sustentável (B) e; Cultura como desenvolvimento sustentável (C).



Fonte: Adaptado de Dessein *et al* (2015)

Na Figura 17, o diagrama A representa a cultura no desenvolvimento sustentável e é considerada uma dimensão separada e independente das outras dimensões do desenvolvimento (como um quarto pilar). Logo, essa percepção tem como foco a proteção dos ativos culturais, reduzindo a cultura aos setores artísticos e culturais. Essa visão desconecta a cultura de outros temas sociais e planetários.

Já no diagrama B da Figura 17, a cultura **para** o desenvolvimento sustentável é considerada como mediadora e facilitadora e tem como tarefa precípua: traduzir conflitos e demandas entre os diversos grupos sociais, seus valores e formas de viver. A partir dessa percepção de desenvolvimento dos povos e nações, agregando aos mesmos, um significado social e humano.

E, no diagrama C, a cultura **como** desenvolvimento sustentável é considerada, segundo os autores, a princípio, como criadora das condições de sustentabilidade para o desenvolvimento no planeta. Muito mais processo do que produto, a cultura é aprendizagem, matriz de transformação e fundamento para a construção de novas epistemologias, outros modos de pensar, de ser e de agir no mundo.

Comparando os diagramas, percebe-se que a complexidade do modelo aumenta a partir de cada análise. No primeiro diagrama (4º pilar) há uma ênfase ecológica, e seguindo do segundo até o terceiro diagrama, e graças ao poder integrador da cultura, percebe-se a relação de aspectos

culturais, sociais e ecológicos, e em sua dinâmica geral, uma maior abertura e diversidade. Nesse contexto, as políticas públicas de cultura devem comprometer-se cada vez mais com a governança territorial, capaz de fazer dos indivíduos os protagonistas do seu próprio desenvolvimento.

Como exposto, dependendo das circunstâncias e objetivos, a partir das três maneiras de usar a cultura de forma sustentável, o desenvolvimento será relevante em contextos particulares, sejam eles teóricos, políticos ou práticos. As três funções não devem necessariamente ser vistas na sequência apresentada pelos autores. Sendo que elas ainda não formam necessariamente um caminho evolutivo, no entanto, dentro das três funções no quadro apresentado, pode-se observar tendências, trajetórias e dinâmicas gradientes (DESSEIN ET AL, 2015). Assim, esta estrutura pode funcionar como uma primeira tentativa sistemática de analisar o papel da cultura no desenvolvimento sustentável.

Quando se trata em desenvolvimento, não se trata aqui de uma lógica geral, mas sim de modelos estabelecidos ao longo dos anos. E, trazendo a discussão para o objeto desta pesquisa, é preciso em primeiro lugar compreender o modelo nessa relação cultura e desenvolvimento e, se esse modelo, abrange todo o território tocantinense de maneira geral ou se ele está concentrado em localizações específicas, uma vez que isso diz respeito à maneira como se pode pensar o tipo de turismo que se desenvolve ou que pode se desenvolver em Natividade.

Para Barreto (2007, p. 11), os que detêm poder de decisão nas esferas governamentais, em sua maioria, acreditam que o turismo são viagens, propaganda e pacotes turísticos. “O turismo não tem um tronco principal para se virar e se expandir. É um entrelaçamento em que circulam múltiplos atores, que se relacionam em diversos graus de dependência”.

Logo, surgem questionamentos como: qual o modelo de desenvolvimento que está em processo na região onde Natividade está inserida? E, qual é o modelo e de que maneira esse modelo estabelece então as lógicas processuais que foram abordadas no capítulo anterior?

3.4. Cultura e Desenvolvimento: como estão as políticas para a cultura no Tocantins?

A análise da relação entre desenvolvimento e cultura não pode ser mecanicista e nem unilateral, ou seja, as correspondências não são diretas. O modelo de desenvolvimento industrial estabelece canais e mecanismos de influência e mediação.

Com exposto anteriormente, sabe-se que o desenvolvimento não pode ser analisado apenas sob o viés do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e da renda, o qual é restritivo, muito menos ser comparado com a modernização dos grandes centros, uma vez que é urgente focar as questões do desenvolvimento a partir da centralidade das questões humanas e ambientais. Logo, será por meio dessas questões que outros modelos de desenvolvimento poderão surgir, com destaque para a cultura e o local.

A própria ideia de desenvolvimento parte desse pressuposto, porque ela se coloca sobre os lugares e se coloca sobre as comunidades. Logo, esses canais, os mecanismos e essas influências tendem a ser influências recíprocas, o que se pode reconhecer na realização das festas religiosas, seja em forma de índices, sinais ou vestígios dessas atuações, de forma material ou de forma simbólica.

Assim, cada localidade expressava contextualmente um sistema de valores, condutas e simbologias próprias e apropriadas aos limites (entendidos como fronteiras) das relações configuradas na convivência comunitária. Situada numa perspectiva localista, a cultura geralmente não é percebida como tal pelos dos lugares, devido aos valores em jogo na própria convivência em que os sujeitos estão imersos (LOPES, 2005, p. 202).

A mídia também exerce influência nessa relação da cultura e o desenvolvimento, a partir do momento em que define como pauta o assunto que será apresentado a partir dos seus critérios de noticiabilidade⁵⁴. E dentro dessa influência do que é cultura e como ela atua no desenvolvimento de uma região, o Jornal do Tocantins, periódico impresso tocantinense que iniciou suas publicações em 18 de maio de 1975 e com sua última edição impressa até 2018, realizou o papel de “baú de memórias” das festas religiosas de Natividade, principalmente a Festa do Divino e a Romaria do Senhor do Bonfim. Em algumas edições, refletindo e cobrando estrutura nas localidades, em outras destacando a importância das festividades para a promoção e preservação da cultura local. Atualmente o jornal segue o formato online.

Lopes (2005) explica que com o crescente desenvolvimento da tecnologia de informação, as manifestações culturais tradicionais e populares de uma região transformaram-se em espetáculos e performances. Assim,

[...] entram em cena, então, os meios de comunicação, como *espaço* de produção e difusão da cultura de massa, cultura esta que delimitou os parâmetros da modernidade projetada a partir da industrialização e enquadrou, classificou e hierarquizou as manifestações e produtos culturais existentes na

⁵⁴ A seleção e hierarquização de acontecimentos suscetíveis a se tornarem notícia seguem fazendo parte do rol das principais funções dos jornalistas. Os valores-notícia e os critérios de noticiabilidade funcionam conjuntamente em todo o processo de produção e difusão das notícias, além da hierarquização do produto. Para mais detalhamento sobre o assunto ver SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Letras Contemporâneas, 2005.

região, em comparação com as manifestações e produtos que passaram a ser acessados pela mesma (LOPES, 2005, p. 212).

Em 2016, o Jornal do Tocantins passa por adequações com a limitação de páginas, reformulação do formato e reestruturação do periódico. As festas de Natividade foram perdendo espaço na cobertura geral e a editoria de Cultura e Arte sobreviveu com apenas uma página.

[...] vivendo sob a égide da mundialização da cultura, que afeta a região, passamos a reconhecer as manifestações culturais por rótulos e embalagens, novos processos de identificação, em detrimento dos traços característicos das tradições locais. As atividades culturais tornam-se datadas e fragmentadas em calendários institucionais, ajustando-se aos horários do homem contemporâneo (LOPES, 2005, p. 217).

Carvalho e Nóbrega (2012, p. 139) explicam que os efeitos do enfrentamento do sistema para a difusão e sobrevivência das produções culturais locais ficam de lado nessa nova era da informação. “Quem deixa de ver uma telenovela da Globo para assistir a uma produção musical ou teatral local se tais produtos não forem famosos, fazerem parte dos circuitos das indústrias culturais?”

Assim, e após a análise sobre a cultura alinhada ao desenvolvimento e trazendo a questão para o objeto dessa tese, questiona-se: o modelo de desenvolvimento em Natividade, ele é ofertado ou imposto? Entende-se que “os modelos de industrialização vividos pela sociedade ocidental possibilitam compreender que as mudanças impostas pelos mesmos são processuais, como também o foi, e é, o próprio desenvolvimento industrial de nossa sociedade” (LOPES, 2005, p. 193).

Logo, esse tipo de influência chega a um lugar, mesmo que a materialidade daquilo que a mídia divulga não tenha chegado. Se a mídia divulga as festas religiosas de Natividade como potenciais destinos de turismo religioso, por exemplo, as pessoas do lugar passam a se ver dentro dessa realidade e investem naquela área. Ou seja, a simbologia do que é um destino de turismo religioso poderia mudar os hábitos e os costumes das pessoas, mudando inclusive as características hegemônicas da cultura.

Para Yúdice (2004, p. 31) citando fala de James D. Wolfensohn (Banco Mundial, 1999), presidente do Banco Mundial, explica que

[...] existem dimensões de desenvolvimento da cultura. A cultura material e expressiva é um recurso subvalorizado nos países em desenvolvimento. Ela pode gerar renda através do turismo, do artesanato, e outros empreendimentos culturais. [...] O patrimônio gera valor. Parte de nosso desafio mútuo é analisar os retornos locais e nacionais dos investimentos que restauram e extraem valor do patrimônio cultural – não importando se a expressão é construída ou natural, tais como a música indígena, o teatro, as artes.

Quando se caracteriza a cultura como instrumento para o desenvolvimento, os indivíduos daquela comunidade passam a reconhecer que algumas características são comuns àquela cultura e eles passam também a entender que certos aspectos são tradicionais, passam a ver com a comunidade e como é a comunidade.

Os hábitos e os modos de vida vão se alterando, o efeito dessas influências (comunicação, principalmente) traz outras mudanças como a internet, a telefonia celular e outras mudanças acabam se tornando residuais. Assim, atividades e manifestações que, por força dessas influências externas, faz com que as pessoas do local passem a desvalorizar a sua cultura, vão se tornando residuais, sendo deixadas de lado. Porém, aquilo que esses atores ainda consideram mais importante da sua cultura eles mantem, e isso, grosso modo, que vem se tornar a tradição local.

Com isso, há uma carga de valor, os indivíduos costumam conflitar com essas influências externas, mas logo as mudanças são impostas e elas criam tensões crescentes e a maior parte dessas mudanças que são impostas, elas são mudanças tecnológicas. Hagen (1974, p. 29) explica que “de tempos em tempos, em consequência disto, novas técnicas serão descobertas. Algumas talvez não sejam adotadas porque sua adoção implicaria alterações conflitantes com atitudes e valores vigentes, mas outras o serão”.

Porém, quando não há mudança? Ou quando se estrutura as políticas para o desenvolvimento a partir da cultura e não são executadas?

Independente da pandemia, e não é objetivo desta tese se aprofundar neste debate, no Tocantins, de acordo com a Lei nº 3.252, de 31 de julho de 2017, publicada no Diário Oficial nº 4.922 que trata sobre o Sistema de Cultura do Tocantins (SC/TO), o estado reforça seu papel de consolidar a cultura como importante vetor do desenvolvimento sustentável, e mais:

Art. 4º. A cultura é um importante vetor de desenvolvimento humano, social e econômico, devendo ser tratada como uma área estratégica para o desenvolvimento sustentável e para a promoção da paz no Estado do Tocantins.

Art. 5º. É responsabilidade do estado do Tocantins, com a participação da sociedade, planejar e fomentar políticas públicas relativas à área de cultura, destinadas a assegurar a preservação e promover a valorização do patrimônio cultural material e imaterial tocaninense e estabelecer condições para o desenvolvimento da economia da cultura e fruição da arte e das linguagens artísticas em geral, considerando, em primeiro plano, o interesse público e o respeito à diversidade cultural.

Em que pese tais diretrizes de implementação de órgãos e dispositivos institucionais, até o momento não existe uma Secretaria de Cultura na estrutura de governo do estado do Tocantins. As ações da área estão vinculadas à Agência de Desenvolvimento do Turismo, Cultura e

Economia Criativa (ADETUC), na Superintendência de Desenvolvimento da Cultura, com duas gerências, sendo: a Gerência de Acervos e Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural e a Gerência de Fomento e Promoção da Cultura.

Das ações voltadas para políticas públicas de cultura, tem-se o Calendário Cultural do Tocantins, que é atualizado a cada ano e disponibilizado para download em formato pdf. Esse Calendário Cultural foi criado pela Lei nº 1.525/2004 e regulamentado pelo Decreto nº 4.357 de 25 de julho de 2011, e é um instrumento de divulgação das Manifestações Culturais e Tradicionais do Estado. O Calendário foi subdividido em duas estruturas básicas: Calendário de Eventos Tradicionais e Agenda Cultural.

Em 2018, um ano após a aprovação da Lei que rege o Sistema de Cultura do estado do Tocantins, nenhum edital foi proposto para financiamento de projetos, como recomendado no próprio Plano Estadual de Cultura (PEC/TO). Até então, o cenário permanece o mesmo e os únicos editais públicos lançados após a implementação do PEC/TO são para participação de artesãos em eventos.

Percebe-se que existe certa complexidade em avaliar uma política pública no campo da cultura, pois não existe uma relação direta de causa e efeito entre os interesses e propósitos que fundam o planejamento dessa política e sua efetivação (SOUSA; LOPES, 2020).

Immergut (2009, p. 184) expõe que as “decisões políticas surgem de combinações altamente complexas de fatores que incluem tanto características sistemáticas de regimes políticos como ‘acidentes da luta pelo poder’”. Porém, as ações públicas têm que evidenciar minimamente coerência entre o que se afirmam buscar e as ações postas em prática, e essa correlação está ausente no Tocantins, a partir das informações disponibilizadas pelo próprio poder público.

Analisando tal correlação, Hall e Taylor (2003, p. 217) explicam que as instituições são estruturadas como outras já existentes, uma vez que “os processos pelos quais os atores que criam novas instituições tomam de ‘empréstimo’ elementos dos modelos de instituição existentes. Essa abordagem dá útil relevo ao fato de que o mundo institucional existente circunscreve a gama de criações possíveis”. Portanto, o desafio que se apresenta, no estado, é transformar esse complexo de ações em políticas que possam estabelecer alguma garantia de continuidade nas próximas décadas.

Como a maior parte das metas do PEC/TO finda em 2025, não há mudanças significativas para o cenário das políticas públicas de cultura no Tocantins, principalmente após a aprovação do Sistema de Cultura. Um fator para não haver mudanças seria a falta de estrutura e empenho

do governo do estado em seguir o Sistema Nacional de Cultura (SNC) implantado em 2011, aprovando o Sistema Estadual tardiamente, em 2017, e que ainda não foi devidamente implantado no Tocantins. As datas estabelecidas no Plano Estadual de Cultura (PEC/TO) estão defasadas com relação a aprovação da lei em si.

Embora o atual cenário político de recessão, pandemia e cortes nas mais diversas pastas do governo federal produzam efeitos de contingenciamento também nas ações públicas dos estados, pode-se afirmar que, por terem sido aprovadas tão tardiamente em âmbito estadual, as políticas públicas de cultura no Tocantins encontram-se no “papel”. E, considerando os prazos de implantação do PEC/TO, estabelecidos até 2025, pode-se questionar se haverá tempo de recuperar o planejamento das ações da área, após anos de inércia. Essa postura de postergação das ações acaba dificultando a elaboração de políticas culturais, pois a ausência de estruturas, dispositivos institucionais e recursos afeta a gestão das políticas e fragiliza o setor da cultura no estado do Tocantins (RODRIGUES, 2016).

Em suas discussões, Calabre (2007) ressalta que a função da elaboração de políticas públicas na área de cultura deve ser a de garantir plenas condições de desenvolvimento da mesma, uma vez que o estado não deve ser um produtor de cultura, mas pode e deve ter a função de democratizar as áreas de produção, distribuição e consumo, pois cultura é fator de desenvolvimento.

Seguindo essa concepção, e analisando o percurso das políticas públicas de cultura no Tocantins até então, percebe-se que não se investiu em uma política de cultura de fato, mas em ações isoladas. E atualmente, por mais que se tenha aprovado o Sistema de Cultura do Tocantins (SIC/TO) e, junto com ele, o Plano Estadual de Cultura (PEC/TO), se todas as metas e ações ficarem apenas no papel não alcançarão a efetividade apropriada para se configurarem como uma política pública de cultura, nem sequer a legitimidade necessária para garantirem continuidade, frente à alternância de governos e seus gestores.

Por fim, a partir dessa reflexão sobre a relação convergente ou conflitante que contêm as diversas perspectivas culturais que conformam a sociedade brasileira e no Tocantins, com relação aos padrões de desenvolvimento dominantes, a questão principal para o momento é adaptar-se à transformação digital, o que é uma tendência preexistente que se acelerou devido à pandemia da Covid-19, constitui uma prioridade fundamental para as políticas culturais e das formas de entender a cultura e o desenvolvimento.

4. TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Entende-se que desenvolvimento regional é um conceito que se opera a partir das análises de fatores sociais e econômicos de uma região, incluindo diversos fatores que conforme forem empregados podem reduzir ou acelerar as desigualdades. Assim, como se compreende também que o desenvolvimento regional não ocorre em toda parte ao mesmo tempo e de forma homogênea, e que o setor público tem o papel-chave de promover e estimular as novas formas de trabalho e produção.

Neste capítulo será abordado sobre a relação do turismo com o desenvolvimento local, sendo este um fenômeno social da globalização (ABUMANSUR, 2018) e que pode ser um instrumento para o desenvolvimento (SAARINEN, 2016).

É por meio do desenvolvimento local e com a atuação dos atores sociais que haverá o estímulo ao crescimento econômico, com a criação de empregos e a melhora na qualidade de vida de uma comunidade. O desenvolvimento endógeno, como abordado no capítulo anterior, deve ser entendido como um processo em que se priorizam as potencialidades locais, “seja os de recursos humanos, os institucionais, os físicos e os de empreendedorismo, para procurar atingir as metas desejadas e estabelecidas no âmbito do planejamento estratégico da região” (MARTINELLI, JOYAL, 2004, p. 68).

Dividido em quatro tópicos, pretende-se neste capítulo, apresentar no primeiro tópico o percurso histórico da área do turismo (SOUSA COLANTUONO, 2015), além das iniciativas pioneiras no mundo e no Brasil (NAKASHIMA; CALVENTE, 2016; CNC, 2005; SANTOS, 2010), seus segmentos (BRASIL, 2006) e sua importância no efeito direto e indireto na economia de uma localidade (BARBOSA, 2005). No segundo tópico, adentra-se no segmento do turismo religioso, partindo das origens das peregrinações/romarias (SANCHIS, 2006; LEANDRO; LEANDRO; NOGUEIRA, 2019; MÓNICO; MACHADO; ALFERES, 2018), a sua relação com o turismo cultural (RINSCHÉDE, 1992; BRIZOLLA, 2006), as categorizações que incidem sobre o terreno do turismo religioso (DIAS; SILVEIRA, 2003) e o turismo religioso no Brasil (ABUMANSUR, 2018).

No terceiro tópico, explica-se o processo histórico e de desenvolvimento no estado do Tocantins (OLIVEIRA, 2019; PARENTE, 2003), principalmente pelo seu desmembramento do estado de Goiás, por dentre os motivos, mostrar-se com características sociais, culturais e econômicas díspares (CAVALCANTE, 2003), para então poder apresentar as políticas e

potencialidades da região estudada (PAIVA, 2004) com relação ao turismo de forma geral e o turismo religioso.

O quarto tópico deste capítulo aborda aspectos da região das Serras Gerais no Tocantins, além de apresentar os programas, políticas públicas e projetos desenvolvidos no âmbito do governo estadual e governo federal, por meio da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC). Como estão divididas as regiões turísticas do estado, a categorização das cidades da região estudada, a atuação de órgãos como o Sebrae, a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e associações locais, além de apresentar como está a área do turismo no município de Natividade.

4.1. Turismo: origem, conceitos e categorias

Em escala global, o turismo é um fenômeno amplo e crescente com uma gama de impactos socioculturais, econômicos, ecológicos e políticos. O turismo é frequentemente utilizado como instrumento para o desenvolvimento econômico. “Embora tenha uma infinidade de elementos e dimensões, o turismo como atividade é frequentemente visto – às vezes apenas – através de uma lente econômica” (SAARINEN, 2016, p.1).

De fato, a ênfase econômica é uma perspectiva relevante sobre o turismo como indústria em ambientes regionais. Mesmo nesse contexto, no entanto, o nexo de desenvolvimento do turismo (regional) não é necessariamente visto como direto; em vez disso, é considerado como envolvendo um conjunto complexo de interligações e não interligações, inclusões e exclusões, continuidades e quebras. Assim, mesmo de uma perspectiva econômica, o turismo nem sempre é “apenas uma economia”, mas também uma forma de governar localidades com implicações nos meios de subsistência locais, modos de vida, redes sócio-políticas, cultura, biopolítica, acesso a recursos e meio ambiente, e assim por diante (SAARINEN, 2016, p. 1).

Sabe-se que turismo é um fenômeno social do século XX e parte dos processos modernos da globalização. Para Abumanssur (2018, p. 94), a democratização das viagens resultou em uma grande oferta de produtos turísticos envolvendo muitos indivíduos. “O turismo de massa não significa apenas a quantidade de gente envolvida em viagens. O volume de pessoas em trânsito impõe aos agentes turísticos a necessidade de dar a esse contingente um tratamento padrão, nivelado, homogêneo e indiferenciado”.

Dias e Silveira (2003) expõem que a atividade turística envolve o movimento de pessoas, que se deslocam de um local para outro, e esse deslocamento, bem como a permanência das

pessoas que estão longe do seu local de origem ou local de moradia, ocasionam alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais.

O turismo tem o objetivo de prestar uma série de serviços a pessoas que intencionam aproveitar o tempo livre para viajar, que são chamadas de turistas ou excursionistas, que fazem dele uma necessidade essencial para a qualidade de vida (SANTOS, 2010).

Para a Organização Mundial de Turismo (OMT), “[...] o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (OMT, 2001, p. 38).

Para tanto, é necessário entender a origem dessa atividade no mundo e no Brasil, para que se possa adentrar na dinâmica do turismo enquanto fator de desenvolvimento e posteriormente no turismo religioso.

Ao se entender a etimologia da palavra turismo, tem-se que a mesma deriva do termo inglês *tourism* que, por sua vez, tem origem na palavra francesa *tourisme*. “O termo provém do substantivo latino *tornus* (volta) ou do verbo *tornare* (voltar). Inicialmente, significava “movimento circular” e, com o tempo, passou a ser entendido como viagem de recreio, excursão” (SOUSA COLANTUONO, 2015, p. 32).

É difícil definir com precisão o início das atividades do turismo no mundo como um todo. Alguns pesquisadores acreditam que havia um turismo rudimentar praticado por povos primitivos ainda na pré-história.

Existem ainda, registros arqueológicos na Caverna de Madasin, nos Pirineus, identificaram que seus habitantes, há 13.000 anos, viajavam até o mar e retornavam. [...] Alguns estudiosos atribuem ainda um dos marcos iniciais do turismo na Antiguidade à viagem da rainha de Sabá, que no século X a.C. deixou seu palácio a sudoeste da Arábia para fazer uma visita ao Rei Salomão, em Jerusalém. Mas foi na Grécia Antiga que o Turismo começou a tomar forma como atividade econômica. Por volta do século VII a.C., os eventos desportivos realizados a cada quatro anos na cidade-estado de Olímpia atraíam não apenas atletas como também espectadores (CNC, 2005, p 7).

Outra questão abordada pelos autores é que a expansão do Império Romano, além de estimular o intercâmbio comercial, favoreceu também às viagens de entretenimento, devido os espetáculos circenses, teatros, lugares termais e locais de lutas com os gladiadores que se oferecia em Roma. “É importante ressaltar que o desenvolvimento das obras viárias (estradas, pontes, viadutos e outras) pelos romanos permitiu deslocamentos cada vez mais longos pelos viajantes europeus” (SOUSA COLANTUONO, 2015, p. 33).

Destacam-se ainda, dentro desses marcos históricos do início do turismo enquanto atividade,

[...] as peregrinações religiosas realizadas pelos romeiros à Roma a partir do século VI; pelos muçumanos com destino à Jerusalém e à cidade de Meca no século VII e pelos cristãos em direção à tumba de Santiago de Compostela, descoberta no século IX, na Espanha; todas elas levaram às primeiras formas de excursões registradas; as Cruzadas, ocorridas entre os séculos XI e XIV, que, pelo lado religioso, visavam à expulsão dos muçumanos de Jerusalém e, pelo lado econômico, objetivavam não só a expansão de terras e riquezas pelos cavaleiros e senhores feudais, bem como a ampliação dos mercados pelos comerciantes; o Renascentismo que floresceu na Europa entre os séculos XIV e XVI, a fim de promover uma intensa produção artística e científica, o que estimulou a nobreza masculina e o clero a realizarem viagens educativas e culturais para acumularem conhecimentos, aprenderem idiomas e curtirem aventuras; a expansão comercial europeia e a disseminação do uso da bússola, entre os séculos XVI e XIX, que promoveram, por um lado, as viagens de negócios e, por outro lado, o Grand Tour, ou seja, uma modalidade de viagem que combinava lazer e instrução, difundindo-se entre a elite britânica e, posteriormente, entre a elite europeia (SOUSA COLANTUONO, 2015, p. 33-34).

Considerado o pai do turismo moderno por alguns autores, Thomas Cook organizou a primeira viagem coletiva da história do turismo internacional, em 1841, ao andar 15 milhas e transportar 578 pessoas, de Loughborough a Leicester, na Inglaterra, para participarem de um congresso contra o alcoolismo. Em 1845, ele fundou em parceria com o seu filho James, a agência Thomas Cook & Son e escreveu um livro profissional sobre viagens para o uso dos turistas titulado: *Handbook of the trip*. Thomas Cook introduziu o conceito de viagem organizada (CNC, 2005; SANTOS, 2010).

Outros autores consideram como pioneiro, Bernardo de Abreu, fundador da Agência Abreu em Portugal, em 1840, em que comercializava passagens de trem e de navio, inclusive para a América do Sul. Nesta mesma época em que surgia a Agência de Viagens *Thomas Cook & Son*, surgiu também nos Estados Unidos, a *American Express Company*, fundada por Henry Wells (NAKASHIMA; CALVENTE, 2016).

No Brasil, considera-se que o desenvolvimento do turismo foi motivado pela abertura dos portos às nações amigas em 1808, com a chegada da família real ao país. A falta de hospedagem e restaurantes na então Colônia não era um grande problema, “apesar de pouquíssimos e de suas precárias condições, os albergues existentes atendiam aos eventuais visitantes de outras capitâneas que não tinham prestígio, recomendações ou amigos na cidade” (CNC, 2005, p. 18).

Porém, com o aumento da entrada de visitantes no Brasil, “novas hospedarias foram construídas, restaurantes se tornaram mais apresentáveis, novas rotas de trem foram estabelecidas

e novos costumes foram assimilados, entre eles, banhar-se em águas termais ou salgadas e recorrer-se aos locais de veraneio, a fim de se evitar a proliferação de doenças” (SOUSA COLANTUONO, 2015, p. 35).

Assim, o período colonial brasileiro é marcado pela necessidade de povoar o país, principalmente o litoral, com o objetivo de se evitar invasões estrangeiras, além de explorar o interior do país, em busca de ouro e de metais preciosos, por meio das expedições bandeirantes.

Se, nas mais diversas regiões do mundo, o desenvolvimento da atividade turística passou a se relacionar ao aparecimento das estâncias termais e dos jogos de azar, no Brasil, esse cenário não foi diferente. Cidades como Petrópolis (RJ), Caxambu (MG), Poços de Caldas (MG), Campos do Jordão (SP), Caldas da Imperatriz (SC) e Santo Amaro (SC) passam a hospedar turistas, e em 1907, a cidade do Rio de Janeiro foi pioneira ao receber uma excursão internacional organizada pela agência *Thomas Cook & Son*.

A partir desse momento, passaram a ser ofertados no país incentivos fiscais para a construção de hotéis no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, e nos anos 1930, os estímulos governamentais também contribuíram para o desenvolvimento da hotelaria e do cassinismo⁵⁵ em estâncias termais (SOUSA COLANTUONO, 2015, p. 36).

Um conjunto de iniciativas e incentivos contribuiu para o desenvolvimento e profissionalização da área do turismo no Brasil, principalmente pelos incentivos fiscais para a construção de hotéis e de cassinos em estâncias termais, o desenvolvimento da aviação comercial brasileira, a criação de diversas instituições ligadas ao turismo, como o Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Confederação Nacional do Comércio (CNC), Associação Brasileira das Agências de Viagens (ABAV), a Comissão Brasileira de Turismo (COMBRATUR), a concepção do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) em 1966, a fim de formular, coordenar e executar a Política Nacional do Turismo dentre outras, além da regulamentação da Lei Geral do Turismo em 2008.

Com isso, o turismo, a partir da ideia de desenvolvimento, apresenta-se como uma possibilidade para a tomada de consciência, dos turistas e das pessoas do lugar, como agentes sociais, em que os saberes, as formas de pensar e de sentir, os modos de fazer sejam valorizados por um novo modo de fazer e pensar o mesmo.

⁵⁵ Por meio do Decreto-Lei nº 9.215 de 30 de abril de 1946, pelo General Eurico Gaspar Dutra, e apesar do crescimento do número de cassinos no país, todos os estabelecimentos (casas, centros, cassinos e termas) que mantinham os jogos de azar foram fechados, porque eram considerados nocivos à moral e aos bons costumes do povo brasileiro.

Desse modo, a atividade turística pode atingir as perspectivas de quatro agentes econômicos de formas diferentes, ou seja: o turista busca satisfazer as suas necessidades e desejos por meio de novas experiências com o turismo, enquanto os prestadores de serviços almejam a obtenção do lucro financeiro com esse ramo de atividade. Por sua vez, a comunidade onde se localiza o destino turístico visa à geração de empregos e à promoção do intercâmbio cultural, ao passo que os agentes do governo consideram o turismo como um setor que gera riqueza e desenvolvimento para a região que o compreende (FERREIRA, 2007).

O turismo inclui serviços e produtos criados para satisfazer as necessidades dos turistas, que compreende tanto a viagem até o destino como as atividades realizadas durante a estada. Dias e Silveira (2003, p. 7) expõem que a atividade turística envolve o movimento constante de pessoas, se deslocando de um lugar para o outro e que esses deslocamentos e permanências, “provocam profundas alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais que podem apresentar aspectos positivos e negativos”.

Dentro do turismo, de maneira geral, existem os segmentos que são uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta, das características e variáveis da demanda. De acordo com o documento “Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais”, publicado pelo Ministério do Turismo em 2006, são considerados segmentos do referido setor: Turismo Social, Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Esportes, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo Rural e Turismo de Saúde (BRASIL, 2006).

O turismo tem efeito direto e indireto na economia de uma localidade ou região e que beneficia ainda os setores ligados indiretamente ao fenômeno turístico. Na região, qualquer município pode se beneficiar do turismo, mesmo não tendo a presença do turista no município. E essa relação se dá por meio do fornecimento de bens de consumo, como por exemplo, artesanato, alimentos, mão de obra, dentre outros (BARBOSA, 2005).

Turismo enquanto possibilidade de desenvolvimento, pela via do fortalecimento das identidades locais, da participação ativa da comunidade local, da preservação da diversidade cultural e ambiental. O eixo que alicerça a reflexão pauta-se no fomento do Turismo a partir do diálogo entre poder público, agentes locais e a comunidade, estimulando processos endógenos, dinamizando a economia local, nunca perdendo de vista seu propósito: a busca pela emancipação e dignidade humana (PIMENTA; PEREIRA, 2017, p. 12).

Dentre as condições indispensáveis para que haja o desenvolvimento do turismo em uma localidade, com a divulgação de seus elementos culturais e simbólicos, deve-se entender que é pelo “respeito às singularidades inerentes a cada região e a participação da comunidade enquanto

agente de primeira ordem no desenvolvimento da atividade” (PIMENTA; PEREIRA, 2017, p. 13) que haverá essa mudança.

Para Augustín Talavera (2003), o turismo é constituído como um sistema que engloba vários processos de interação e diversos agentes como a população local, turistas, trabalhadores estrangeiros, empresas, macroempresas e microempresas, sem contar com a gama de lugares carregados de significados e simbolizações.

Dentro desses processos de interação promovidos pelo turismo, atores como o poder público, associações e demais, buscam como forma de preservar a cultura local, promover o turismo e reforçar um discurso em que

[...] os bens naturais e/ou culturais que dão coesão e grandeza a um imaginário do passado e da tradição, esses lugares, foram resgatados, preservados e guardados desde então, não tanto por sua funcionalidade para as populações locais, mas pelo mero monumentalismo/conservacionismo, embora para esse fim seus usos devam ser limitados, seus estilos adornados e suas histórias recriadas (TALAVERA, 2003, p.33) (tradução nossa).

Ao analisar o turismo, deve-se entender ainda dois aspectos primordiais: o interesse dos turistas e o interesse do local que recebe os turistas. “O relacionamento entre essas duas partes produz resultados que levam o local visitado ao desenvolvimento econômico, à medida que a localidade se organiza e dinamiza o setor turístico” (BARBOSA, 2005, p. 108).

Uma vez que, assim como explicam Dias e Silveira (2003), “não importando o motivo pelo qual foi realizada a viagem, o turismo inclui serviços e produtos criados para satisfazer as necessidades dos turistas” (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 13).

Independente da motivação da viagem é necessária à existência de equipamentos turísticos porque só os recursos naturais são insuficientes para garantir a permanência dos viajantes no destino, como aqueles que viabilizem o deslocamento e assegurem a permanência, por exemplo: hotéis, restaurantes, agências, táxi, meios de telecomunicação dentre outros. São necessários que sejam gerados produtos e serviços para atender as expectativas e as necessidades exigidas pelo setor do turismo.

O turismo, desde esta perspectiva de desenvolvimento, apresenta-se como uma possibilidade para a tomada de consciência, dos turistas e autóctones, como agentes sociais. [...] O desafio atual está na ressignificação, em um novo pensar sobre o desenvolvimento, o lugar e o turismo. Novos modelos de desenvolvimento serão adotados e os aspectos culturais, como forma de ser, sentir e de viver de um povo no mundo, serão um dos eixos do desenvolvimento, pensado para o ser humano, seja este um turista ou autóctone. O turismo, desde este paradigma é, portanto, uma atividade estimuladora de experiências e vivências das capacidades humanas (BRASILEIRO, 2012, p. 95).

Assim, por ser um produto da sociedade capitalista (RODRIGUES, 2011), a atividade turística se desenvolveu principalmente para o consumo de bens culturais.

Barbosa (2005, p. 108) expõe que é necessário que haja interesse dos turistas e da comunidade do lugar, pois

[...] o primeiro procura regiões que oferecem atividades que ocupem seu tempo livre e que atendam a seus interesses. O segundo visa atrair os turistas para ocupar o tempo livre dos mesmos por meio das atrações que já possui ou que pode criar. O relacionamento entre essas duas partes produz resultados que levam o local visitado ao desenvolvimento econômico, à medida que a localidade se organiza e dinamiza o setor turístico.

Dentro dessa discussão sobre o consumo de bens culturais, tem-se o turismo religioso, que é algo contemporâneo e está relacionado com as peregrinações para centros religiosos. À medida que essas localidades começarem a ser divulgadas pelos meios de comunicação, ganharam mais força e atratividade, embora esses roteiros aos centros religiosos se associem, primeiramente, ao turismo cultural, como será apresentado no tópico a seguir.

4.2. Turismo Religioso: da peregrinação à atividade econômica

Peregrinar é um ato antigo da espécie humana, uma vez que as religiões antigas já organizavam ritos nos locais das suas divindades, fazendo com que as pessoas se deslocassem para tal. A peregrinação pode ser considerada como romaria (SANCHIS, 2006), uma vez que, desde os ritos pagãos na Antiguidade, com os povos egípcios, romanos, celtas e gregos, que a peregrinação⁵⁶ esteve presente nessas culturas em certas épocas, principalmente nos solstícios de inverno e de verão.

No Antigo Egito, o templo de Osíris atraía muitos peregrinos aí chegados através do Nilo. Na Grécia Antiga, uma festa em honra de Zeus é celebrada de 4 em 4 anos desde o século VIII a.C. [...] No cristianismo, no século III desenvolveram-se as peregrinações aos locais da paixão de Cristo [...]. Após a aprovação oficial do Cristianismo (Édito de Milão, 313), a igreja organiza vários tipos de peregrinação à Terra Santa, em função das respectivas motivações. [...] Na Idade Média, crescem as peregrinações, a canonização de

⁵⁶ A história das peregrinações foi, também, favorecida pelo recurso às termas sobretudo em virtude das curas que lhe estavam associadas e pelas antigas rotas comerciais, aliás, as mais antigas formas de migração turística e econômica. Ver mais em LEANDRO, Maria Engrácia, LEANDRO, Ana Sofia da Silva, NOGUEIRA, Fernanda. Peregrinações de ontem e de hoje. Entre crenças, turismo religioso e economia. **Misericórdia de Braga**, n. ° 15, dezembro 2019, pp. 231-272.

santos e criam-se vários centros de peregrinação em torno dos locais que lhes são dedicados (LEANDRO; LEANDRO; NOGUEIRA, 2019, p. 237).

Com o crescimento das peregrinações possibilitou-se uma infraestrutura de estradas, abrigos e pontes por onde esses peregrinos passavam, inclusive, essas deslocações de indivíduos e até mesmo grupos favoreciam as trocas de dinheiro, trocas culturais e de bens.

Em Portugal, no século VII, há um nascimento das romarias portuguesas que

[...] nos mostram um povo que se desloca em direção a montes, a florestas, a rochedos, a fontes – ou às capelas já ali construídas – venerar as relíquias ou as imagens dos santos, que no seu imaginário podem muito bem confundir-se com os seres míticos – deuses ou encantados – (“demônios”, dirá o bispo) que as religiões antigas, celta ou romana, lhe tinham ensinado a cultuar. Reproduzindo até para os santos cristãos os gestos do culto tradicional (SANCHIS, 2006, p. 87).

Logo, “em termos gerais, todas as peregrinações se direcionam a um santuário ou a um lugar consagrado pela religião oficial ou pela religiosidade popular. Para os peregrinos, independentemente da configuração material e arquitetônica, identifica o fim da jornada” (MÓNICO; MACHADO; ALFERES; 2018, p. 205).

Com a globalização, o turismo religioso se tornou um produto comercial e fazer parte das estratégias do mercado turístico em si, porém bem diferente de como foi no passado.

Aumentando a circulação de pessoas, bens, ideias, imagens e dinheiro entre vários circuitos, mediados por instituições de índole religiosa e laicas, abre-se identicamente o leque das aspirações e a vontade de conhecer de perto o desconhecido próximo ou longínquo, favorecido pela facilidade e rapidez dos meios de transporte e por uma mais livre circulação (LEANDRO; LEANDRO; NOGUEIRA, 2019, p. 235).

Trazendo a discussão para a contemporaneidade, Abumanssur (2018, p. 94) acredita que só se tornou possível tratar as peregrinações ou romarias como turismo religioso quando há o surgimento da classe de trabalhadores e o direito ao lazer, que foi sendo conquistado ao longo dos anos. “Essa conquista veio crescendo desde a segunda metade do século XIX, até que, no final do século XX, acreditava-se que estávamos assistindo ao surgimento de uma sociedade de lazer, com menos trabalho e mais tempo de ócio”.

Grosso modo, durante o século XX, numa perspectiva peregrina, observam-se três grandes fases: um maior impacto das peregrinações durante a primeira metade deste século; diminuição deste embate até cerca de 1980; posteriormente, uma revivescência deste movimento, integrando agora, muitos elementos novos mais conformes com a modernidade religiosa em curso. Denota-se, assim, uma importante renovação das peregrinações, a que se juntam as caminhadas a pé tanto a nível individual como grupal (LEANDRO; LEANDRO; NOGUEIRA, 2019, p. 241).

A partir dos anos 2000, ou seja, nas duas últimas décadas, há um crescimento dos estudos sobre peregrinações relacionadas ao turismo. Sendo que, essas peregrinações adquiriram um estilo mais moderno envolvendo questões não só culturais, como políticas, sociais e econômicas.

Na década de 1970, convencionou-se chamar essas peregrinações de “turismo religioso”. Naquela época, MacCannel (1973) acreditava que tanto o turista como peregrino buscavam algo diferente e algo mais fidedigno, enquanto Nelson Graburn (1983) já caracterizava o turismo como um ritual com processos paralelos, tanto na peregrinação já formalizada quanto no turismo em si, o autor afirmava que esses rituais poderiam ser decodificados como jornadas sagradas.

Apesar de existir um embate entre correntes distintas de autores, seja no cenário internacional como no nacional, no qual acreditam que peregrinação e romaria estão sendo confundidas com o turismo religioso, ou seja, não são turismo religioso, nesta tese, segue-se a corrente que sim: o turismo religioso é aquele em que as pessoas se deslocam por motivações religiosas das quais estão compreendidas as romarias, as peregrinações e a visitação aos espaços sagrados, festas religiosas, espetáculos e demais atividades religiosas.

A relação entre cultura e turismo é indissociável. Com isso, o turismo religioso surge a partir de um segmento do turismo cultural, que está relacionado à motivação do turista em vivenciar o patrimônio histórico e cultural de um lugar, além de vivenciar determinados eventos culturais, preservando esses bens.

Vivenciar implica, essencialmente, em duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se ao conhecimento, aqui entendido como a busca em aprender e entender o objeto da visitação; a segunda corresponde a experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do objeto de visitação (BRIZOLLA, 2006, p. 14).

Logo, o turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (BRASIL, 2006).

A motivação primordial, em se tratando dos elementos que contribuem para o turismo religioso, é por razões religiosas. Contudo, o turismo religioso é um subsegmento do turismo cultural e “as viagens são, em regra, multifuncionais, mesmo quando o fator religioso domina. Como tal, as motivações de ordem religiosa não o impedem de desenvolver durante a viagem outras atividades de consumo turístico” (ALVES, 2014, p. 78).

Dentro do turismo cultural, a utilização turística dos bens culturais implica na sua valorização e promoção, bem como a manutenção de sua dinâmica e permanência no tempo. Os deslocamentos para fins religiosos, místicos ou esotéricos, são entendidos como recortes no

âmbito do turismo cultural e podem constituir outros segmentos para fins específicos: turismo cívico, turismo religioso, turismo místico e esotérico e turismo étnico (BRIZOLLA, 2006).

Gisbert Rinschede (1992, p. 652) explica que, atualmente, o turismo religioso está intimamente ligado ao turismo cultural e de férias. Geralmente, para quem participa de viagens e peregrinações organizadas, há um dia planejado na programação, para que os peregrinos também possam fazer excursões pela área ao redor da festa, santuário ou local de visitação religiosa.

O desenvolvimento das práticas religiosas é um importante fator na determinação de locais com potencial turístico. Nesse sentido, o Brasil, onde a fé católica é predominante, possui um número bastante significativo de locais religiosos que atraem viajantes de todo tipo: peregrinos, romeiros, pessoas atraídas pela cultura do espaço religioso, etc. (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 15).

Para diversos autores, a prática do turismo religioso não pode ser balizada apenas como o ato de viajar, mas sim, por todo um complexo de valores e crenças inerentes de cada indivíduo (TERZIDOUA; SCARLES; SAUNDERS, 2018; PRAZERES; CARVALHO, 2015), sem contar com os locais onde ocorrem as festividades religiosas, que são também patrimônios e têm se transformado em elemento de atração turística (FORGA; VALIENTE, 2018; BARBOSA, 2005), e ainda, as transformações dessas manifestações religiosas e alteração dos modos de vivência da fé (PRAZERES; CARVALHO, 2015; LOPES, 2014).

A crescente e diversificada mobilidade contemporânea das pessoas em busca de lugares apazíveis para descanso e diversão, para conhecimento e auto-conhecimento, e mesmo trabalho, está longe daqueles deslocamentos turísticos iniciais em busca de idealizações idílicas ou utópicas (LOPES; PEREIRA, 2017, p. 48).

Associadas às transformações ocorridas na segunda metade do século XX, com a melhoria das estradas de rodagem e a popularização dos automóveis, as viagens aos santuários passaram a ser vistas como excursões religiosas. O caráter secular dessas atividades esvaziou o poder organizacional das entidades eclesiais oficiais, possibilitando que empresas turísticas ocupassem essa função nas viagens, restringindo a ação Pastoral da Igreja no espaço dos santuários. Com isso, as antigas peregrinações e romarias se transformaram em turismo religioso. E a diferença fundamental entre as peregrinações ou romarias e turismo religioso, segundo Steil (2003), está no grau de imersão e externalidade que cada uma dessas atividades pode proporcionar. As peregrinações e romarias caracterizam-se por uma imersão no sagrado, e o turismo religioso caracteriza-se por uma externalidade do olhar (MAIO, 2004, p.55).

Giumbelli (2018, p. 32, tradução nossa) aponta que existem diferentes entendimentos que incidem sobre a ideia de turismo religioso, em que

[...] a dimensão religiosa é acompanhada por elementos ecológicos e culturais, formando um conjunto enquadrado pela ideia de turismo, para a qual o argumento econômico é fundamental. [...] Embora as referências oficiais sobre “turismo religioso” se enderecem quase sempre a sítios e eventos católicos, ele é apresentado como uma modalidade do “turismo cultural”.

O turismo religioso é uma viagem em que a fé é o motivo principal, mas que pode traduzir motivos culturais em conhecer outras manifestações religiosas (DIAS; SILVEIRA, 2003).

Diante das transformações que, em muitos casos, tornaram difícil separar o que é religioso e o que é turístico no plano dos destinos, das tecnologias de deslocamento, das motivações, somos tentados a desistir de produzir distinções. Por outro lado, é fácil constatar como essas categorias – religião e turismo – são parte dos discursos de agentes que experienciam ou buscam interferir nas características de destinos, deslocamentos e motivações. Parece então que a tarefa está em estabelecer uma perspectiva a partir da qual essas categorias – e outras – em suas relações variadas são produzidas e agenciadas (GIUMBELLI, 2018, p. 28)(tradução nossa).

Para Lopes e Pereira (2017, p. 49), “os diferentes destinos turísticos não se distinguem somente pelos serviços e estruturas de lazer que proporcionam, senão que o fazem pela diferenciação que projetam de uma paisagem turística, como um lugar singular a ser habitado”.

Esse ganho de escala do turismo religioso é coisa recente no desenvolvimento do mercado turístico nacional. Até o início dos anos 2000, não havia agência de viagens especializada nesse nicho comercial. As poucas agências que vendiam pacotes com formatação religiosa tinham como destino, quase que exclusivamente, a Terra Santa ou Roma. O grau de especialização das agências surge à medida que pastores e outros líderes religiosos percebem que os membros de suas igrejas são clientes potenciais com perspectivas de bom retorno financeiro para si e para agências (ABUMANSUR, 2018, p. 95).

Ainda nesse sentido, Abumanssur (2018, p. 95) critica o mercado especializado quando se trata de pacotes de turismo religioso para os destinos nacionais, o qual ainda é carente de investimentos.

O turismo religioso interno é considerado turismo de pobre, pois é muito comum que as caravanas e romarias sejam organizadas de forma espontânea pelos próprios romeiros ou pelas paróquias. Nesse sentido, muitas das peregrinações e romarias que acontecem no Brasil só não são turismo religioso por falta de interesse econômico dos operadores do mercado turístico.

O turismo brasileiro apresenta, a cada ano, números mais expressivos em relação ao segmento religioso. O turismo religioso movimentou um número cada vez maior de peregrinos pelo país. No ano de 2019, estima-se que 20 milhões de brasileiros tenham viajado no Brasil motivados pela fé, movimentando cerca de R\$ 15 bilhões na economia brasileira, aquecendo atividades do comércio e serviços com a geração de emprego e renda. Ainda de acordo com

Ministério do Turismo (BRASIL, 2015c), o calendário nacional de eventos conta com 513 festas religiosas cadastradas no site do órgão.

No Brasil, os grandes santuários surgiram em torno da devoção popular e foram sendo assumidos pelas congregações religiosas a partir do século XIX.

Aparecida é reconhecida como centro devocional principalmente no Centro-Sul do Brasil. Sua influência é mais forte no triângulo São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, porém, nas demais regiões, esse santuário disputa com outros a hegemonia sobre as almas dos devotos: Bom Jesus da Lapa, Nossa Senhora da Conceição da Praia ou o Senhor do Bonfim, na Bahia; Padre Cícero, no Nordeste; e, no Norte, a Nossa Senhora de Nazaré, em Belém. A geografia religiosa do Brasil não coincide com a geografia política e econômica (ABUMANSUR, 2018, 101).

A Igreja Católica por meio da Pastoral do Turismo (Pastur)⁵⁷, organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e criada desde 1969, desenvolve ações e parcerias diretamente com os atores do setor turístico nacional. A Pastur forma grupos de turismo religioso, motivando as visitas aos santuários com intuito de promover o desenvolvimento do turismo religioso nos diversos locais de romaria. Nessa conjuntura, destaca-se o uso da mídia na divulgação de roteiros, seja na forma de ações publicitárias ou redes sociais de grande alcance e repercussão.

Entretanto, na maior parte das localidades, a infraestrutura para receber os visitantes ainda é precária e não atende as necessidades dos turistas. Nos locais onde existem santuários ou ocorrem manifestações religiosas há pouca compreensão do potencial econômico de visitas periódicas. “Os romeiros não se põem em marcha em resposta aos apelos feitos pelos guardiões do Santuário. Eles obedecem, antes, ao calendário das devoções de seus locais de origem. Os maiores números de romeiros ocorrem à Aparecida em maio, outubro e dezembro” (ABUMANSUR, 2018, p. 101). Assim como ocorre em Natividade, nosso objeto de estudo, no qual os romeiros e devotos se deslocam até a cidade nos momentos de devoção e conforme o calendário do mesmo.

Com relação ao aspecto organizacional, autores tentam organizar o turismo religioso subdividindo-o em três tipos, sendo: romaria, peregrinação e penitência.

[...] por romaria entende-se o deslocamento de livre vontade a lugares sagrados e sem pretensões de recompensas materiais ou espirituais; a peregrinação compreende os deslocamentos a lugares sagrados objetivando o pagamento de promessas anteriormente feitas a espíritos bem-aventurados e, por último, a penitência, ou a viagem de reparação, que compreende os deslocamentos a

⁵⁷ Ação pastoral da Igreja no Brasil ou simplesmente pastoral é a ação da Igreja Católica no mundo ou o conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão de continuar a ação de Jesus Cristo junto a diferentes grupos e realidades.

lugares sagrados, cujo objetivo é redimir-se dos seus pecados em uma viagem de arrependimento (JALUSKA; JUNQUEIRA, 2012, p. 340).

Stausberg (2011) citado por Giumbelli (2018) expõe que as categorizações que incidem sobre o terreno do turismo religioso são complexas. Não é a estrutura turística que determinará o modo como os viajantes se identificam, porque em alguns casos, o indivíduo não quer se identificar como peregrino, mesmo que esteja fazendo o papel de um, e em outros casos, os viajantes se auto titulam peregrinos pela motivação da viagem, mas não fazem a peregrinação.

Apesar de o turista ser considerado o “grande estrangeiro, porque ele não faz parte do mesmo ciclo de motivações que mobiliza o peregrino e a comunidade” (ALVES, 2014, p. 86),

[...] o turista religioso, este apresenta semelhanças com os peregrinos, pois ambos compartilham uma crença religiosa e gastam a maior parte do tempo no espaço religioso objeto da visitação. Por outro lado, parecem-se mais com os verdadeiros turistas, sendo a motivação religiosa um pretexto para a realização da viagem, aproveitando-a para visitar outros lugares de interesse cultural e recreativo (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 23).

Dias e Silveira (2003, p. 29) expõem que são utilizados seis atributos para classificar os atrativos turísticos e religiosos, podendo ser analisados para verificar a área de destino, o objetivo final e a motivação da viagem.

Tabela 1 - Classificação dos atrativos turísticos e religiosos.

Santuários de peregrinação	Locais de valor espiritual e com datas devocionais especiais;
Espaços religiosos	Locais com grande significado histórico-cultural, que podem ser considerados como atrações turístico-religiosas;
Encontros e celebrações	Seminários, eventos de caráter religioso;
Festas e Comemorações em dias específicos	Com eventos dedicados a determinados símbolos de fé, calendários litúrgicos ou manifestações de devoção popular;
Espectáculos artísticos de cunho religioso	Como encenação de eventos religiosos;
Roteiros de Fé	Caminhadas de significado espiritual, pré-organizadas em um itinerário turístico- religioso.

Fonte: Adaptado de DIAS; SILVEIRA (2003).

O turismo religioso também pode ser diferenciado de acordo com os critérios de tempo de permanência: de curto prazo (sem pernoite) ou de longo prazo (com pernoite de pelo menos um dia). O turismo religioso de curta duração é caracterizado por distâncias curtas e o “objetivo desse turismo é ir a um centro religioso com área de captação local, regional ou suprarregional (locais de peregrinação) ou participar de uma celebração religiosa, uma conferência religiosa ou uma reunião da igreja” (RINSCHÉDE, 1992, p. 57).

Já o turismo religioso de longo prazo envolve visitas aos centros religiosos ou santuários religiosos por vários dias ou semanas. Não se limita apenas à visitação de locais de peregrinação, como também inclui a visita de outros centros religiosos (RINSCHÉDE, 1992).

Giumbelli (2018, p. 26) ressalta que “o religioso já não é suficiente ou pertinente para estipular o destino de uma peregrinação. [...] As noções de sagrado e de espiritual precisariam ser adotadas para dar conta dessas transformações”. Essa categorização é apresentada pelo autor como uma ideia de “turistificação” que é apreendida como recurso.

E ainda,

[...] lugares religiosos que são transformados – com ou sem a colaboração de autoridades religiosas – em destinações turísticas. Museus dedicados à religião ou mantidos por instituições religiosas são cotejados por parques temáticos nos quais a religião torna-se o foco. Espetáculos cujo tema é a religião fazem parte da programação cultural de algumas cidades. Há muitos exemplos de como turismo e peregrinação podem se misturar, como no caso de pessoas que viajam de volta a seus locais de origem (*diaspora tourism*) (GIUMBELLI, 2018, p. 25)(tradução nossa).

Timothy e Olsen (2006) citados por Giumbelli (2018), questionam a pertinência das motivações como critério para distinguir o peregrino do turista.

Muitas pessoas viajam para uma variedade cada vez maior de locais sagrados [...] porque têm interesse educacional em aprender mais sobre a história de um local ou entender uma fé religiosa específica e sua cultura e crenças, em vez de serem motivadas apenas pela busca de prazeres ou crescimento espiritual. [...] Assim, falamos de tipos de turistas e não se uma motivação é mais importante que outra na definição de um turista. Desta perspectiva, então, um "peregrino" é um turista (turista religioso) motivado por fatores espirituais ou religiosos (GIUMBELLI, 2018, p. 26) (tradução nossa).

Assim como esclarece Steil (2003) citado por Alves (2014, p. 87), em que não se pode demarcar uma linha divisória entre turistas e peregrinos, uma vez que, dada a complexidade do fenômeno, existe "uma miscelânea de atos religiosos e turísticos praticados pela mesma pessoa, de modo que se toma muito difícil saber se estamos diante de um turista ou de um romeiro”.

Condicionar a compreensão do fenômeno do turismo religioso ao entendimento da motivação das viagens é reduzi-lo excessivamente. As motivações se transformam durante e, principalmente, depois da viagem, não se configurando como estáticas, mas advindas da função de estímulos externos, que se diversificam e se misturam às multiplicidades das experiências. É nessa temporalidade que os estudos do turismo religioso devem se adentrar, vendo-os como fenômeno de interação (ALVES, 2014, p. 88).

O turismo religioso também se destaca na área econômica, uma vez que os peregrinos e turistas consomem bens e serviços. E ainda, faz com que surjam atividades paralelas às atividades religiosas, como comércio ambulante e outros atrativos de diversão. Rinschede (1992) comenta

que o desenvolvimento econômico das cidades que são destinos de peregrinos está ligado ao crescimento do fluxo de turistas atraídos pela religiosidade. “Para as necessidades dos peregrinos, vários ramos econômicos se estabelecem, como em todos os locais turísticos, além das diversas instalações religiosas” (RINSCHÉDE, 1992, p.64).

O centro religioso geralmente está em um local aberto onde os peregrinos podiam se reunir e, com isso, vários outros estabelecimentos vão se instalando ao redor desse centro. Esses estabelecimentos cercam o lugar sagrado que, inicialmente, estavam livres de atividades comerciais. São exemplos: mosteiros, hospitais, lojas de *souvenirs*, agências de viagens, estacionamentos e demais.

Para Millán, Pérez e Martínez (2016) existe a necessidade de traçar planos estratégicos eficazes para promover a atividade turística em destinos religiosos, resultando no desenvolvimento econômico das regiões. E que o desenvolvimento e o interesse dos meios de comunicação em lugares ou eventos religiosos, bem como o papel dinâmico e coordenado das diferentes autoridades, tanto seculares como eclesiásticas, tem um peso importante nesse caráter do desenvolvimento do turismo.

Animados pelo mercado de consumo, seja de bens materiais ou imateriais, os peregrinos e os turistas se encontram num mesmo espaço em que o lazer, cada vez mais integrado com os meios de comunicação, os tornam consumidores a serem explorados por um mercado turístico em desenvolvimento. O momento da festa é o da geração de emprego e renda, da sustentação do local, do ritual religioso, do discurso político e também do grupo de forró, da comida, das compras de produtos religiosos e artesanais, dos shows com bandas regionais e da dança. Os comerciantes da cidade voltam-se para a organização do evento, assim como outras instituições também o fazem, contando com a participação da comunidade. Por sua vez, as empresas turísticas procuram investir em propagandas, incentivar e associar as viagens com as datas dos espetáculos (ALVES, 2014, p. 88-89).

Logo, muitos agentes interagem formando um campo concorrencial, a partir das lógicas de permutas (Bajoit, 2006) que foram apresentadas no Capítulo 2 desta tese, e que envolvem os prestadores de serviço, transporte, hospedagem e tantas outras atividades que fazem parte da cadeia do turismo, além de órgãos públicos e o terceiro setor.

Para Barreto (2007, p. 9), “o fenômeno turístico atinge, de alguma forma, também aqueles que não o praticam. O que em economia se denomina "efeito multiplicador do turismo", que consiste em um modelo teórico de distribuição da renda turística de um país entre os diferentes setores de sua economia”.

Em Natividade, cidade localizada na região turística das Serras Gerais no Tocantins, por sua cultura e patrimônio pode oferecer/atrair desenvolvimento local por meio do turismo

religioso, tanto para a região e para quem participa de suas festividades. A cidade possui duas grandes festas religiosas que envolvem e reúnem peregrinos/romeiros, comunidade e turistas, como vem se apresentando ao longo deste trabalho.

Assim como acontece em Natividade, Rinschede (1992, p. 61) explica que

O turismo religioso está vinculado a uma certa sazonalidade, mesmo quando alguns locais religiosos podem ser visitados durante todo o ano. Fatores influentes importantes são cerimônias religiosas e dias de comemoração, bem como a localização climática do local de peregrinação e o calendário de trabalho da população rural. Cerimônias religiosas e dias de comemoração certamente desempenham um papel importante, se não o papel decisivo na ênfase sazonal do turismo de peregrinação.

A partir desses apontamentos iniciais acerca do turismo e seu papel como vetor do desenvolvimento local, analisa-se a seguir, como o estado do Tocantins vislumbra o turismo em seu território e como, por meio das políticas de regionalização do Ministério do Turismo, tem atuado até então.

4.3. Tocantins: sua história e o desenvolvimento regional

Antes de adentrar na questão do turismo de uma forma geral e do turismo religioso no Tocantins é necessário que, a partir das discussões acerca de desenvolvimento regional, desenvolvimento endógeno e as lógicas de ação social, entenda-se o processo histórico e de desenvolvimento no estado, principalmente pelo seu desmembramento do estado de Goiás, por dentre os motivos, apresentar características sociais, culturais e econômicas díspares, para então poder identificar as potencialidades dessa região.

O início da ocupação do norte de Goiás se deu exclusivamente pela descoberta de minas de ouro no século XVIII, sendo o primeiro passo para o processo de formação econômica e do povoamento da região. Devido essa exploração, a região foi aos poucos inserida no contexto da economia colonial brasileira, só que o grande vazio territorial, a dificuldade de abastecimento e a grande mobilidade para disposição de mão-de-obra na extração do ouro, fez com que essa atividade logo entrasse em decadência. Concomitantemente, desenvolvia-se a lavoura de subsistência e a pecuária extensiva (OLIVEIRA, 2019).

Palacín e Moraes (1989) citado por Oliveira (2019, p. 71) afirmam que a descoberta de ouro em Goiás impulsionou o povoamento da região

[...] três zonas distintas no seu imenso território: uma no centro-sul, com arraiais a caminho de São Paulo ou nas suas proximidades (Vila Boa); a segunda na “região do Tocantins”, no alto Tocantins, considerada a região de maior densidade mineira; e, por fim, a terceira zona, o verdadeiro norte da capitania (estado do Tocantins), abrangendo extensa região entre o rio Tocantins e o sertão da Bahia (Arraias, São Félix, Cavalcante, Natividade e Porto Real).

As discussões sobre a separação entre o sul e o norte de Goiás são antigas e do período colonial, sendo essa separação distinguida pelas lutas políticas acerca de um ideal de desenvolvimento. O Tocantins só foi desmembrado do estado de Goiás em 5 de outubro de 1988, por meio da Assembleia Constituinte, no artigo 13, que tratou das disposições transitórias da Constituição Federal e criou o estado do Tocantins, sendo assim, um dos mais novos estados brasileiros, instalado em 1º de janeiro de 1989.

O novo estado passou a integrar a região Norte, bem como a Amazônia Legal⁵⁸. O Tocantins possui área de 277.423,630 km², participa com 7% em relação à área da região Norte (3.869.637) e 3,3% do território nacional; a capital do estado é Palmas. Limita-se ao norte com o Maranhão e o Pará; ao sul com Goiás; ao leste com o Maranhão, o Piauí e a Bahia; e ao oeste com o Pará e o Mato Grosso. O estado possui 139 municípios (IBGE, 2010).

O Tocantins possui duas mesorregiões: Ocidental e Oriental, além de oito microrregiões conforme a divisão do estado adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo elas: Araguaína, Bico do Papagaio, Gurupi, Miracema do Tocantins, Rio Formoso, Dianópolis, Jalapão e Porto Nacional. No Censo Demográfico do IBGE em 2010, a população do Tocantins foi contabilizada em 1.383.445 habitantes, sendo que a estimativa para 2020 seria de 1.590.248 mil pessoas.

Ainda com base no Censo Demográfico do IBGE (2010), a densidade demográfica é de 4,98 hab./km² e a composição demográfica é 79% urbana e 31% rural. O rendimento médio real habitual do trabalho principal das pessoas (14 anos ou mais de idade), ocupadas na semana de referência em trabalhos formais, é de R\$ 2.210,00. Com relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Tocantins apresenta o valor de 0,699, estando na 14ª posição em comparação com os outros estados do Brasil.

Para o pesquisador Nilton Oliveira (2019, p. 8), a divisão territorial que ocorreu no norte de Goiás foi produto da ampliação espacial das atividades econômicas. “Este novo território,

⁵⁸ Território criado pela lei 1.806 de 06 de janeiro de 1953, com o objetivo de promover e planejar o desenvolvimento da região Norte do país por meio de incentivos fiscais. A Amazônia Legal inclui os estados do Amazonas, Roraima, Rondônia, Pará, Amapá, Acre, Tocantins, Mato Grosso e parte significativa do Maranhão.

Tocantins, se formou e se expandiu seguindo o modo de produção capitalista de exploração, o que refletiu diretamente nos movimentos migratórios de capitais e de pessoas”.

Já Parente (2003) acredita que a região norte de Goiás, hoje o Tocantins, é resultado histórico particular do processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, bem como da expansão da fronteira agrícola na Amazônia, que não é um espaço isolado, como também parte integrante e interdependente da economia capitalista.

As atividades econômicas no então norte de Goiás tiveram maior impulso a partir das décadas de 1950 e 1960, principalmente com a construção de grandes rodovias federais, entre elas a Belém-Brasília (BR 153) que corta o estado de Norte a Sul.

E, é nesse período também, que ocorreu a construção de Brasília. O conjunto de investimentos na infraestrutura da região “motivou o avanço da fronteira agrícola, alterou a estrutura socioeconômica da região e impôs novas relações com o Sudeste, integrando assim, o norte de Goiás ao centro hegemônico – São Paulo” (OLIVEIRA, 2019, p. 8).

Com a criação do Tocantins, poucas transformações socioeconômicas ocorreram na década de 1990, pois o estado ainda estava se consolidando, principalmente com relação aos investimentos em infraestrutura básica e instalação dos seus poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, assim como no restante do estado, contudo com menor intensidade do que na recém-criada capital, Palmas.

A criação do estado do Tocantins, em 1988, validou um projeto de autonomia que expressava as necessidades econômicas e político-administrativas daquela época, como também trouxe consigo os anseios de outras gerações e seus projetos inconclusos.

Marca essa trajetória, os movimentos separatistas desde 1821, momento em que, em algumas Províncias do Brasil os ideais liberais influenciavam os movimentos de independência nacional, passando pelos anos 1940, 1950 e 1960 do século XX, com diversas ações e movimentos nos municípios do então Norte de Goiás. E com isso, o movimento que inicia em 1984 e segue até 1988, quando o Tocantins foi desmembrado do estado de Goiás em 5 de outubro de 1988, tendo sua criação e configuração outorgadas por meio da Constituição Federal.

O discurso utilizado para essa separação territorial era de evidenciar as dificuldades socioeconômicas do Norte de Goiás, além de mostrar que existiam potencialidades que poderiam ser exploradas com o novo Estado. “Atribui-se esse contraste regional ao desprezo político-administrativo da representação do poder em Goiás, fator que preponderou e prepondera na construção do discurso autonomista do Tocantins ao longo de sua trajetória” (CAVALCANTE, 2003, p.13).

A ideia de pertencimento ao Norte Goiano e não ao Estado de Goiás, reforçou o discurso⁵⁹ separatista, em que a diferença regional, a discriminação e o abandono político-administrativos foram assimilados pelos habitantes. Jornais da época, discursos políticos dentre outros destacavam e nomeavam toda essa região como o “Norte Goiano”.

Logo, os traços culturais atribuídos à identidade de ser do Norte Goiano devem ser reconhecidos como traços regionais que convergem para a própria constituição desse estado, que foram repassados de geração para geração, seja pela influência familiar ou pelo próprio processo de colonização dessa região.

Nesse processo de instalação do estado e seus instrumentos, no decorrer das décadas de 1990 e 2000, foi por meio da ação estatal que ocorreram novos investimentos, como ferrovia, hidrelétrica e suporte financeiro à instalação do estado do Tocantins, além de investimentos no setor do agronegócio e a sua colaboração para inserção do estado no mercado nacional e internacional.

É a partir do período de 2000 a 2010, que quase todos os setores de atividades no Tocantins aumentaram sua participação na economia, refletindo em uma maior urbanização do estado. A população teve crescimento médio de 22,5% nesse período, e em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) foi o estado que mais cresceu no acumulado entre 2002 e 2010, com 74,2% em termos absolutos (IBGE, 2012).

Porém, há de se mencionar que as atividades se concentraram espacial e setorialmente em apenas três cidades: Palmas, Araguaína e Gurupi. Em 2010, administração pública, comércio e serviço representaram 80% do total de empregos gerados no Tocantins. Esses setores juntos somavam quase 75% do PIB do estado (OLIVEIRA, 2019, p. 155).

O desenvolvimento no Tocantins, em suas primeiras décadas enquanto novo estado foi (e ainda é) mais intenso nas cidades às margens da BR-153, principalmente aquelas que centralizam diversas atividades aglomerativas, pessoas e negócios na base de polo diversificado, como é o caso de Araguaína, Colinas do Tocantins, Paraíso do Tocantins, Guaraí e Gurupi. Apesar de não estar às margens da BR-153, Palmas entra nesse desenvolvimento por ser capital do estado e ter atraído pessoas, negócios e investimentos.

Oliveira (2019) explica que o cenário que se tem hoje é um transbordamento dessas atividades aglomerativas para cidades mais próximas dos polos regionais de base econômica e redução dos municípios considerados retardatários, conforme demonstrou o Índice de

⁵⁹ Para saber mais sobre a criação do estado do Tocantins ler CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. O discurso autonomista do Tocantins. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

Desenvolvimento Regional (IDR) no período de 2000 a 2010. E, com relação a concentração dos melhores IDR, “estão concentrados no corredor da BR-153 (Belém-Brasília), onde acontece a dinâmica econômica. Os municípios polos acabam irradiando o processo de desenvolvimento para os municípios intermediários, estes, por sua vez, para os retardatários” (OLIVEIRA; PIFFER; STRASSBURG, 2019, p. 15).

O Índice de Desenvolvimento Regional (IDR) do estado do Tocantins foi construído a partir dos indicadores sociais e econômicos e representa o grau de desenvolvimento dos municípios tocantinenses. O IDR é classificado em três categorias que representam o estágio de desenvolvimento dos municípios, sendo eles: Municípios Polos - IDR de 1,0 a 0,1 - apresentam uma dinâmica na sua base produtiva com potencial de crescimento e de consumo; os Municípios Intermediários - IDR de 0,099 a 0,050 -, apresentam uma estrutura econômica e social em crescimento, não obstante sua dinâmica seja inferior à dos municípios polos, pois conseguem atrair recursos e renda dos municípios retardatários; e, Municípios Retardatários - IDR abaixo de 0,050 -, não apresentaram nenhuma capacidade de implementar um processo de crescimento e desenvolvimento econômico, uma vez que não conseguem reter ou atrair recursos de forma a assegurar as condições mínimas de um processo de desenvolvimento regional.

A partir de 2010, ainda segundo Oliveira, Piffer e Strassburg (2019), verificou-se uma melhora sensível do IDR dos municípios no Tocantins. Os municípios considerados polos passaram a ser 16 em todo o estado, os municípios intermediários contabilizam 82, correspondendo a 59% do total do Estado. Já os classificados como retardatários contabilizam 41 municípios.

Alguns municípios no Tocantins ainda não descobriram o caminho para o seu processo de desenvolvimento, como é o caso das regiões do Bico do Papagaio, do Jalapão e da microrregião de Dianópolis.

Trazendo o foco para a região sudeste do Tocantins e de acordo com Oliveira e Piffer (2016), as principais atividades econômicas são prestação de serviços, comércio, construção civil, criação de gado e o cultivo de soja ou milho. Na região sudeste, destaca-se o município de Dianópolis como polo, o único entre os 20 municípios que compõem essa microrregião. Os municípios intermediários, que são aqueles que apresentam uma estrutura econômica e social em crescimento, inferior à do município polo, entretanto conseguem atrair recursos e renda dos municípios menos desenvolvidos, são Arraias, Taguatinga, Natividade, Almas, Combinado, Novo Alegre, Pindorama do Tocantins e Conceição do Tocantins.

No entanto, como identificar o potencial de uma região? Para identificar as potencialidades de uma região é necessário identificar os setores que, ao estarem mobilizados, geram o maior benefício por unidade de custo, dividido em três posições: em primeiro lugar, capacidade da região em dar início e sustentar os processos de autonomia material e bem-estar crescentes dos agentes produtivos locais e de seus dependentes; em segundo lugar, os recursos que existem (naturais, infraestrutura, capital humano, capital social dentre outros) se encontram subutilizados ou mal utilizados e apresentam custos de oportunidade nulo ou reduzido; e, por fim, em terceira posição, “determinação de ‘potencial regional’ diz respeito à especificidade da divisão regional do trabalho vis-à-vis à divisão internacional do trabalho” (PAIVA, 2004).

Paiva (2004) acrescenta que a especialização regional é uma indicação basilar do potencial de uma região e o poder público tem o papel indutor de fomentar o setor produtivo, o comércio e os serviços. E que, as instituições e as organizações devem atuar em conjunto na elaboração de planos estratégicos para as regiões, profissionalizando os agentes públicos, investindo em qualificação e em educação.

Existem níveis de planejamento que vão desde políticas gerais, com diretrizes para um território específico (geralmente uma nação), até projetos específicos. Essas políticas gerais devem ser da responsabilidade de órgãos públicos do governo que considerem tanto os interesses dos empresários turísticos e das comunidades de acolhimento (naturalização incluída) e os cofres públicos, quanto o bem-estar dos próprios turistas (BARRETTO, 2007, p. 13).

Com isso, o poder público vem buscando alternativas para a região sudeste do Tocantins por meio das suas potencialidades naturais, históricas e culturais, voltando suas estratégias quase que exclusivamente para o turismo cultural e o ecoturismo com apoio de paraestatais.

4.4. Serras Gerais e o turismo em Natividade – TO

O Tocantins possui em seu território, atrativos naturais como cachoeiras, rios, desertos e serras, o que tem despertado o interesse de turistas ao passar dos anos, principalmente após a divulgação massiva na mídia das belezas naturais, que passou a instigar a população a vir conhecer o estado.

Entre os anos de 2018 e 2019, devido o processo político que passou o estado do Tocantins, com a cassação do Governador Marcelo Miranda, a eleição suplementar para um novo governador (com sete meses de mandato), e ainda, a reeleição do suplementar, no caso o

Governador Mauro Carlesse, fez com que as políticas públicas e ações estratégicas para diversas áreas estivessem em *stand-by*.

Em 2019, a então Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, Turismo e Cultura do Estado do Tocantins (SEDEN) foi desmembrada em quatro autarquias por setor, sendo elas: Agência de Tecnologia da Informação (ATI); Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC); Agência de Fomento; e Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPT).

Já em fevereiro de 2021, período após eleições municipais e a retomada da economia, por boa parte dos governantes, devido os protocolos sanitários da pandemia de Covid-19, o Governador Mauro Carlesse realiza mais uma reforma no seu quadro de gestores. Na Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC), Tom Lyra deixou o cargo de presidente e a função passou a ser ocupada pelo ex-prefeito da cidade de Pedro Afonso, Jairo Soares Mariano, que liderava também a Associação Tocantinense de Municípios até o fim de 2020.

Com essas constantes mudança de gestão, o desenvolvimento dos setores de turismo, cultura e a economia criativa ficaram sob responsabilidade da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC). No que tange ao turismo, em seu site institucional, a ADETUC reforça as características naturais do Tocantins como atrativos para o turismo.

O Tocantins reúne atrativos para todos os segmentos turísticos: uma natureza com rios, cachoeiras, lagos, praias, serras, cânions, cavernas, grande diversidade de fauna e flora; rica cultura com influência ainda preservada de povos tradicionais; culinária que valoriza produtos locais e a tradição dos povos que aqui se desenvolveram; arquitetura antiga e moderna; artesanato que destaca culturas ancestrais; e as festividades e tradições influenciadas pela fé do seu povo (ADETUC, 2019).

E mais,

No centro do planalto central e banhado, em toda sua extensão, pelos rios Araguaia e Tocantins, o Estado abriga ambientes naturais de grande importância socioambiental, como a Ilha do Bananal, maior ilha fluvial do mundo; o Jalapão, conhecido como o “deserto das águas” por abrigar ambiente típico de savana, mas com grande riqueza hídrica; e o Cantão, que é o maior ecótono do planeta. Ainda, Palmas, a mais nova capital do País, possui uma arquitetura moderna e é considerada a cidade das oportunidades e da qualidade de vida. Embora o Cerrado seja a vegetação predominante, é possível encontrar ainda áreas de Floresta Amazônica e áreas com característica pantaneira (ADETUC, 2019).

São as características naturais ou as modificadas (no caso de Palmas, a capital) que são divulgadas como as principais potencialidades do Tocantins como atrações turísticas.

Sobre as ações do Ministério do Turismo e o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, o objetivo é descentralizar e regionalizar as políticas públicas buscando resultados socioeconômicos do território.

Desse modo, o Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil consiste em uma estratégia geopolítica de compartimentar espaços para trabalhá-los em porções menores, com o alcance de objetivos em curto, médio e longo prazo. Pensar em uma região implica identificar processos que possibilitem reativar pequenas economias, dinamizar a comunidade local, mediante o aproveitamento de seus recursos, estimular e diversificar o crescimento econômico, e melhorar a qualidade de vida das populações residentes, tal qual os pressupostos do desenvolvimento social e humano destacados anteriormente (OLIVEIRA, 2016, p. 92).

O Ministério do Turismo (MTur) adotou uma nova metodologia para categorizar os municípios brasileiros⁶⁰. A partir de quatro variáveis de desempenho econômico: número de empregos, de estabelecimentos formais no setor de hospedagem, estimativas de fluxo de turistas domésticos e internacionais, categorizando assim os 3.345 municípios do Mapa do Turismo Brasileiro de A até E (BRASIL, 2015a).

Ainda segundo informações do Ministério do Turismo, a categorização é um instrumento previsto como uma estratégia de implementação do Programa de Regionalização do Turismo e permite tomar decisões mais acertadas e implementar políticas que respeitem as peculiaridades dos municípios brasileiros.

A partir desse programa de regionalização, no Tocantins, sete regiões turísticas foram identificadas de acordo com suas características geográficas e de atrações turísticas. As regiões foram definidas em Serras e Lago, que inclui a capital, Palmas; Encantos do Jalapão; Praias e Lagos do Cantão; Bico do Papagaio; Ilha do Bananal; Serras Gerais e Vale dos Grandes Rios.

Segundo informações do site da ADETUC (2019), a formação de regiões turísticas, pela integração de municípios, mostrou-se a melhor forma de incluir no processo de desenvolvimento os municípios que ficavam à margem da implementação de políticas públicas. Por meio do desenvolvimento regional, esses municípios poderiam se beneficiar de alguma forma da atividade turística.

⁶⁰ Pela Portaria nº 144, de 27 de agosto de 2015, que estabelece a categorização dos municípios pertencentes às regiões turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro.

Existem dois programas de incentivo ao desenvolvimento do turismo no Tocantins: o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) e o Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável (PDRIS).

O PRODETUR, criado pelo Governo Federal no âmbito do Ministério do Turismo, busca organizar intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, por meio de ações voltadas para o planejamento de regiões turísticas, com vistas à obtenção de crédito de financiamento externo. Nele, a prioridade será dotar de infraestrutura e de equipamentos as regiões turísticas, neste caso, só nos polos de Palmas, Jalapão e Cantão para promover a qualificação na prestação dos serviços turísticos, apoiar a produção associada ao turismo, estruturar a oferta e dar qualidade aos produtos além de, fomentar projetos de base comunitária e aumentar a geração de renda das comunidades locais com mínimos impactos ambientais.

Ainda pelo PRODETUR, foram autorizados US\$ 120 milhões, sendo US\$ 72 milhões financiados pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF) e US\$ 48 milhões de contrapartida do Governo do Estado do Tocantins.

Já o Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável (PDRIS) beneficia 72 municípios contribuindo para a melhoria da competitividade e integração regional, promovendo a inclusão social e a sustentabilidade ambiental. Fomenta ainda, a eficácia do transporte rodoviário e dos serviços públicos em apoio ao desenvolvimento integrado e territorialmente equilibrado do Estado.

O Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável (PDRIS) dispõe de US\$ 300 milhões de financiamento do Banco Mundial e US\$ 75 milhões de contrapartida do Governo do Estado. Pelo Programa, já foram elaborados projetos de turismo de base comunitária no Polo do Jalapão e de Arvorismo no Polo do Cantão, além de outras ações em tramitação como a elaboração de Política Estadual de Turismo, Elaboração de Plano de Desenvolvimento Integrado e Sustentável e Planos de marketing nos demais polos turísticos do Estado.

No Plano Plurianual (PPA)⁶¹ de 2020 a 2023, publicado no Diário Oficial do Estado do Tocantins (DOE) nº 5.789, no dia 16 de fevereiro de 2020, o PPA tem a pretensão de aumentar o fluxo turístico da região das Serras Gerais na taxa de 6% no ano de 2021, 8% em 2022 e 12% no ano de 2023.

⁶¹ O PPA 2020-2023 é instrumento de planejamento governamental que estabelece as diretrizes, os objetivos e as metas da administração pública estadual para as despesas de capital, custeio e outros delas decorrentes, e para as relativas aos programas de duração continuada.

Em 2019, após as turbulências políticas ocorridas no Tocantins, iniciou-se a elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS), que é o instrumento de planejamento do turismo em uma área geográfica selecionada, que tem por objetivo principal orientar o crescimento do setor em bases sustentáveis em curto, médio e longo prazo, estabelecendo as bases para a definição de ações, as prioridades e a tomada de decisão (ADETUC, 2019).

O PDITS é o instrumento técnico de gestão, coordenação e condução das decisões da política turística e de apoio ao setor privado, de modo a dirigir seus investimentos e melhorar a capacidade empresarial e o acesso ao mercado turístico.

Assim, o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) foi criado pelo Governo Federal no âmbito do Ministério do Turismo e busca organizar intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, por meio de ações voltadas para o planejamento de regiões turísticas, no âmbito do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR), com vistas à obtenção de crédito de financiamento externo.

Considerando-se os múltiplos agentes públicos e privados no desenvolvimento das atividades turísticas, e ainda o necessário envolvimento de grupos sociais, os PDITS devem orientar as autoridades governamentais quanto aos ajustes no marco legal e institucional necessários para facilitar o pleno desenvolvimento do turismo nas áreas prioritárias e quanto aos investimentos que devem ser efetivados, além de oferecer informações específicas para promover investimentos da iniciativa privada em empreendimentos e produtos turísticos que aproveitem os atrativos dessas áreas e de conscientizar as comunidades locais sobre o papel do turismo como indutor do desenvolvimento econômico, gerador de novas oportunidades de trabalho e emprego e melhoria da qualidade de vida.

Por intermédio desse plano, a ADETUC atua junto aos agentes públicos, privados e grupos sociais no desenvolvimento das atividades turísticas. Na teoria, o PDITS deve orientar o poder público com relação a regulação da atividade e quanto às políticas públicas para o setor nessas regiões, para facilitar o pleno desenvolvimento do turismo nas áreas estabelecidas como prioritárias (ADETUC, 2019).

O PDITS das Serras Gerais foi iniciado em outubro de 2017, em conjunto com os planos das regiões turísticas da Ilha do Bananal, Bico do Papagaio e Vale dos Grandes Rios (OLIVEIRA, 2017) e finalizado em agosto de 2019. O documento foi disponibilizado pela Superintendência de Turismo da Adetuc para esta tese, porém o mesmo plano ainda não foi disponibilizado ou publicado nas páginas do órgão ou mesmo no Diário Oficial do Estado. O

consórcio que realizou o trabalho foi formado pelas empresas Sociedade Portuguesa de Inovação (SPI), THR Innovative Tourism Advisors, Oikos, com filial em Palmas, e a T4 Consultoria.

Outro programa, paralelo aos realizados por iniciativa do governo do Tocantins, é o Investe Turismo, que também pretende identificar oportunidades de negócios, políticas públicas e outras ferramentas oferecidas pelo programa para potencializar o desenvolvimento da atividade turística local. No estado, a rota é dividida em duas regiões turísticas: Encantos do Jalapão, que compreende as cidades de Mateiros, Ponte Alta do Tocantins e São Félix do Tocantins; e Serras e Lagos, que contempla a capital, Palmas. O Programa Investe Turismo é resultado de uma parceria do Sebrae Nacional, Ministério do Turismo e Embratur e prevê investimentos de cerca de R\$ 200 milhões em todo o país (ASN/TO, 2019).

Percebe-se que os principais programas de investimento do Tocantins e demais instituições para o turismo, sejam eles com ou sem financiamento estrangeiro ou federal estão direcionados prioritariamente, para as regiões de Palmas, Jalapão e Cantão. E as demais regiões? Quando serão lembradas pelas políticas de desenvolvimento?

Dentro da categorização dos municípios pelo Ministério do Turismo, o Tocantins possui 42 cidades agrupadas nas categorias de A até E. Palmas, assim como todas as capitais brasileiras, ficou na categoria A, que representa os municípios com maior fluxo turístico e maior número de empregos e estabelecimentos no setor de hospedagem. Outros cinco municípios do estado foram inseridos nessa categorização, sendo que Araguaína está na categoria B e as cidades de Dianópolis, Gurupi, Paraíso do Tocantins e Porto Nacional na categoria C. As demais 36 cidades foram categorizadas como D e E. O conjunto de municípios dos grupos D e E reúnem características de apoio às cidades geradoras de fluxo turístico. Muitas vezes são aquelas que fornecem mão-de-obra ou insumos necessários para atendimento aos turistas (BRASIL, 2019).

As Serras Gerais, uma das sete regiões turísticas do Tocantins, conforme o Programa de Regionalização do Turismo do Ministério do Turismo está localizada entre os municípios de Aurora do Tocantins e Taguatinga, que fazem parte da maior cadeia de serras do Brasil e, além das maravilhas naturais, guardam tradições, arquitetura colonial, história e cultura como as Cavalhadas, a Romaria do Senhor do Bonfim e a Festa do Divino Espírito Santo, entre outras festas folclóricas e religiosas herdadas do colonialismo e da era do ciclo do ouro, como em Natividade (TURISMO TOCANTINS, 2019).

Em toda a região, o ecoturismo é propiciado por uma profusão de rios, canyons, cachoeiras e cavernas como em Dianópolis, município que também guarda tradições ancestrais dos povos quilombolas. Outro município da região é Peixe, que de maio a outubro oferece praias de água doce à margem do rio Tocantins. Em meio a fauna, a flora e outras belezas naturais, o visitante pode apreciar

também os centros históricos de Natividade, Dianópolis e Arraias, que em suas ruas estreitas e muros de pedra construídos por escravos guardam memórias da história do Tocantins (TURISMO TOCANTINS, 2019).

Com isso, a região das Serras Gerais está localizada no sudeste do Tocantins e é formada por 22 municípios, em que a concentração das atividades turísticas ocorre em 9 cidades, sendo elas: Almas, Arraias, Aurora do Tocantins, Dianópolis, Lavandeira, Natividade, Pindorama, Rio da Conceição e Taguatinga. Os municípios que estão na região das Serras Gerais estão classificados, em sua maioria, na categoria D, sendo eles: Almas, Arraias, Pindorama, Rio da Conceição, Taguatinga. A cidade de Aurora do Tocantins está classificada como E. Natividade, está na categoria D (BRASIL, 2015b).

No Portal do Governo do Tocantins, sitiado no endereço <http://turismo.to.gov.br>, que tem como objetivo divulgar os atrativos turísticos no estado, as categorizações estão subdivididas nas áreas de Artesanato e Cultura, Ecoturismo e Aventura, Negócios e Eventos, Gastronomia de Negócios, Sol e Praia, Esporte e Náutica e Pesca Esportiva. Não há categorização para visitação voltada ao Turismo Religioso, característica essa que é pouco mencionada nos materiais promocionais do turismo no Tocantins. Outro espaço que há divulgação das festas religiosas de Natividade é na Rodoviária de Palmas, com banners nas colunas em que estão os boxes dos ônibus. No aeroporto da capital, apenas fotos do Jalapão e Palmas.

Como Natividade está na região das Serras Gerais e, no próprio Portal do governo do Tocantins é apresentada como a cidade que se destaca pela sua charmosa arquitetura colonial, festas religiosas, folclore e gastronomia, porém não há um aprofundamento e destaque para as festas religiosas realizadas no município. A cidade está presente nos pacotes turísticos das agências de viagens, bem como possui legislação própria sobre a regulamentação da atividade turística com a Lei do Voucher Único⁶².

Nos roteiros das agências, disponibilizados em sites na internet, Natividade integra os pacotes como vivência cultural por meio da capoeira, dança suça, confecção de biscoitos amor-perfeito, além de passeio pelo Centro Histórico. Não há diferença no roteiro na época das festas religiosas da cidade.

Como inserir o turismo religioso nesse projeto de desenvolvimento do turismo para a região de Natividade? Seria este o momento de ampliar o olhar do turista, não só para o ecoturismo ou turismo cultural, como também para o turismo religioso?

⁶² Decreto-Lei 064 de 21 de dezembro de 2016 - Lei do Voucher Único em Natividade que regulamenta os passeios turísticos da cidade por meio dos passaportes de visitação.

Em abril de 2019, a ADETUC realizou um seminário com os representantes dos municípios que integram a região das Serras Gerais, com o tema “Serras Gerais: caminhos a serem percorridos”. Foram apresentadas as demandas dos municípios e a apresentação do portfólio da região. A reunião também serviu para elaboração de um inventário de toda a estrutura turística dos municípios de Arraias, Almas, Aurora, Dianópolis, Lavandeira, Rio da Conceição, Natividade e Taguatinga (MACHADO, 2019).

Na pauta, também serão discutidos assuntos relacionados ao diagnóstico da infraestrutura considerando acesso, comunicação (telefonia e internet), Centro de Apoio ao Turista (CAT), secretaria municipal e seu aporte técnico e estrutural, modelo de governança, saneamento, segurança; atualizar a promoção do Estado incluindo Serras Gerais no site, folheteria, vídeos e todos os demais veículos de distribuição da imagem do turismo de Tocantins; viabilização da presença das Serras Gerais nas feiras contando com crachás de expositores para que possam ter acesso a rodadas de negócios e outras articulações; valorizar a imagem das Serras Gerais nas plotagens de stands promocionais; fomentar os registros no Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur); apoiar o fortalecimento do fórum regional e a participação da região no fórum estadual; sinalização turística, dentre outros (MACHADO, 2019).

Outro evento que abordou também o potencial turístico da região das Serras Gerais e envolveu as entidades públicas, foi realizado em Dianópolis, no mês de junho de 2019, promovido pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) por meio do Programa UFT Social, que foi lançado em 2018 e visa aproximar a universidade e suas soluções para os municípios, de modo a fomentar o potencial de cada um e também atender demandas básicas nas áreas de saúde, formação de professores, saneamento básico, implantação de planta genérica de valores e plano diretor (LIMA, 2019).

Em setembro de 2019, o SEBRAE Tocantins, com apoio do Governo do Tocantins, Ministério do Turismo, Prefeitura de Natividade, Associação Tocantinense de Turismo Receptivo (ATTR) e Associação de Turismo das Serras Gerais (Assegtur), realizou em Natividade o Fórum “Efeitos do Turismo no Desenvolvimento Regional - Serras Gerais”, com o objetivo de debater o turismo pela ótica do desenvolvimento regional, do associativismo, do cooperativismo e das oportunidades de crédito e financiamentos.

No evento, a Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC) apresentou os projetos da pasta voltados ao fomento da pesca esportiva e do turismo de observação de aves. Especialmente sobre as Serras Gerais, foi enfatizada a acessibilidade da região, porém os projetos precisavam oferecer sustentabilidade social, ambiental e econômica. Já o Ministério do Turismo expôs que a região tem que se estruturar, qualificar e divulgar os

destinos para que o próprio povo seja beneficiado com qualidade de vida e geração de renda (FONTES, 2019).

Nesse mesmo evento ainda, o SEBRAE expôs que a região tem todas as condições de crescer por intermédio do turismo, que é o setor da economia que mais vai se desenvolver nos próximos anos e que os produtos estão formatados, agora era preciso comercializar. Os produtos apresentados pelo Sebrae como “formatados” em Natividade são o Biscoito Amor-Perfeito e o Grupo de Suça Tia Benvida. No entanto, não se discutiu sobre o turismo religioso.

Para a cidade de Natividade, além dos atrativos naturais como cachoeiras, cavernas e rios, há o turismo cultural, devido à preservação da sua arquitetura colonial, tombada como patrimônio, e ainda o turismo de experiência por meio do projeto Vida de Natividade⁶³, adotado pela fábrica de biscoitos Tia Naninha e pelo grupo de dança de Suça Tia Benvida.

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural como exposto no tópico anterior. Para Dias e Silveira (2003, p. 17), “devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região”.

Seria então, por meio do turismo religioso, que os atores que agenciam o patrimônio e o turismo poderiam encontrar alternativas para tornar Natividade não apenas um destino de ecoturismo e turismo cultural, como também um destino religioso? Ou ainda, a religião tem força de atração para se unir aos agenciamentos patrimoniais e turísticos ou ela somente os replica?

Assim, cabe questionar se esse fluxo de turistas é na verdade de peregrinos/romeiros, crentes convictos ou simplesmente mais alguns consumidores de um produto turístico aberto a um novo consumidor de espaços e lugares com um significado para além do mero lazer (MILLÁN; PÉREZ; MARTÍNEZ, 2016, p. 86) (tradução nossa).

Pensar o turismo apenas sob o aspecto econômico e comercial pode levar a um empobrecimento, por ser este compreendido como um fenômeno mais complexo do que simples negócio ou produto, já que este envolve tanto as pessoas que realizam as viagens quanto as que recebem os viajantes e, portanto, o encontro entre diferentes culturas, sendo vivenciado dentro de contextos históricos, políticos e sociais (SOUZA, 2010).

Embora ainda muitos consideram que as motivações religiosas não têm nada de turístico, quando comparadas com outros propósitos de viagens, na realidade, o viajante pode ter um envolvimento grande com o sagrado, mas continua a necessitar de descanso, alimentar-se e desfrutar de momentos de calma e

⁶³ Vida de Natividade é um roteiro turístico de vivência, em que, o turista visita pontos históricos e culturais da cidade, e em alguns lugares há interação com os costumes locais: danças, culinária etc.

relaxamento, pois sua condição humana assim o exige. E, ao provocar essa demanda, usufrui dos mesmos equipamentos necessários para o atendimento do viajante que o faz com fins culturais, por exemplo (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 15).

Em Natividade, as festas movimentam a economia local (muitas vezes na informalidade), o turismo e toda uma cadeia de serviços que acaba por reunir diversas pessoas nos dias que as antecedem, como por exemplo, nas comemorações do dia do Senhor do Bonfim, que reúne milhares de visitantes que utilizam hotéis, pousadas, restaurantes e comércio local de forma geral.

Esse conjunto de atividades econômicas sustentado pelo que convencionamos denominar indústria do turismo, só existe de forma significativa em função da atividade turística. Desse modo, o conjunto de locais e atividades religiosas – santuários, eventos, caminhadas, romarias etc. que provoca o deslocamento de pessoas, quando estas permanecem no local mais de 24 horas, deve ser considerado como atrativo turístico e o fenômeno deve ser considerado como tipo particular de turismo, o religioso (DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 15).

Irving et al (2005), citado por Lopes e Pereira (2017, p. 58) explicam que

[...] a efetiva participação das comunidades locais no processo de planejamento e gestão da atividade turística parece, portanto, essencial, pois a população local é conhecedora e vivencia a sua realidade imediata, sendo capaz de identificar problemas e necessidades, avaliar alternativas, desenvolver estratégias para proteção e/ou valorização do patrimônio natural e cultural e buscar soluções para os problemas identificados, sugerindo caminhos que levem à melhoria da qualidade de vida, ao fortalecimento da cultura local e ao bem-estar social.

Para o desenvolvimento do turismo religioso em Natividade, a atuação de diversas entidades e ações direcionadas como o estado com as políticas públicas, os órgãos não governamentais com treinamentos e cursos, a associação com a mobilização da comunidade e a iniciativa privada com o investimento são necessários, como é apontado por Moreira e Porta (2008, online), em que o “desenvolvimento da economia da cultura exige mecanismos diversificados de fomento, diferentes da política de fomento via leis de incentivo fiscal”.

Correlacionando as ações necessárias por parte dos atores sociais para o desenvolvimento do turismo religioso, e retomando a teoria da ação social apresentada por Guy Bajoit (2006), em que o indivíduo assume compromissos para consigo mesmo e

[...] a “ideia” que ele tem de si mesmo não é imutável, mas dinâmica, em constante evolução, em readaptação permanente. [...] aqueles que ocupam a mesma posição numa relação social participam da mesma identidade coletiva (BAJOIT, 2006, p. 233).

Partindo dessas motivações, as ações desenvolvidas por diversos atores contribuem para o fomento do turismo religioso em Natividade, principalmente por parte da comunidade local, que pode desenvolver ações e projetos por meio de suas associações, que além de cuidar do

patrimônio e cultura local, são locais de preservação, disseminação de informação, construção da história e memória do lugar.

Um dos principais atores nesse processo em Natividade é a Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna)⁶⁴, que possui uma forte atuação na organização das festas tradicionais de Natividade e na preservação de manifestações folclóricas (música, dança e teatro), além de ser uma referência como fonte de informações sobre o município. Outra ação da Asccuna é a confecção do Calendário de Eventos⁶⁵ de Natividade, uma referência para turistas, pesquisadores, imprensa, órgãos e entidades, enquanto divulgadora de informações sobre a cidade e suas manifestações culturais na internet.

Em agosto de 2014, uma iniciativa por parte do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) no Tocantins resultou em um “Diagnóstico da Romaria do Senhor do Bonfim”, que tinha como objetivo fomentar o turismo religioso no município de Natividade, por meio de uma ação educativa voltada ao setor comercial da cidade. Na época, foram realizados cursos, oficinas, palestras e consultorias especificamente para sanar as necessidades encontradas nessa análise, visando aprimorar e impulsionar o setor turístico na região (FAET RURAL, 2014).

Sabe-se que as festas religiosas em Natividade promovem uma grande concentração de pessoas que se organizam todos os anos para manter essas tradições, fazendo com que essas festividades se tornem uma característica local, ou seja, reforçando e/ou reconhecendo ali uma identidade do lugar.

Para esse diagnóstico da Romaria do Senhor do Bonfim, uma das maiores festas religiosas do Tocantins, como apresentado anteriormente nesta tese, foram entrevistadas 345 pessoas para identificar o perfil de turistas e 105 comerciantes para diagnóstico do perfil de pequenos negócios. Dados do relatório mostram que, na Romaria do Bonfim, que acontece na primeira quinzena de agosto, a maioria dos romeiros são turistas (52%), vem acompanhados de suas famílias (60%), se desloca em veículo próprio (57%), pernoita na cidade (63%) entre 2 e 4 dias,

⁶⁴ A Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna) foi criada em 1992 com o objetivo de colaborar com a preservação do patrimônio cultural de Natividade, por meio da implantação de projetos e ações. Presidida atualmente pela sua fundadora, a economista Simone Camelo de Araújo, que também é especialista em Cooperativismo, a Asccuna possui dentre essas ações e projetos: a compilação de dados sobre o município em uma apostila que é utilizada nas bibliotecas e pelos professores em salas de aula das escolas do município, além de acervo bibliográfico sobre o município disponibilizado ao público na biblioteca municipal e na sede da entidade; implantação de projetos de resgate e preservação de técnicas tradicionais na comunidade como trabalhos manuais (vagonite, hardanger e ponto de cruz), confecção de joias artesanais em ouro e prata (criação e manutenção da Ourivesaria Mestre Juvenal), confecção de bolos, biscoitos e licores típicos, confecção de tambores da suça, entre outros.

⁶⁵ Calendário disponível no site <http://joiasdenatividade.com.br>.

se hospeda em casa de amigos ou parentes (37%) ou em acampamentos (34%), apenas 7% ficam hospedados em hotéis ou pousadas.

Sobre a motivação da viagem, 37% relataram que estariam pagando promessa e, desses, 74% receberam um milagre. A principal reclamação do público no perfil de turistas estava relacionada à infraestrutura da festa, sendo que 50% dos entrevistados consideram os banheiros e a limpeza do evento como ruins.

Além dos festejos religiosos, a romaria reúne comerciantes de diversas partes do país que aproveitam a concentração de fiéis para vender roupas, sapatos, artesanatos, artigos religiosos e alimentos. Outro dado relevante desse relatório, acerca do turismo religioso para a Romaria do Senhor do Bonfim, é que 49% dos comerciantes não residem no Tocantins e 51% dos entrevistados não compram suas mercadorias no estado, o que gera preocupação quanto à movimentação da economia. Os comerciantes também se queixaram quanto à infraestrutura da festa, como as acomodações, limpeza e banheiros, porém a principal queixa (80%) é quanto às taxas que são pagas para utilização do espaço da Romaria para o comércio que variam de R\$ 30,00 a R\$ 800,00.

A avaliação da infraestrutura básica e turística de Natividade, na visão dos turistas e excursionistas, na comunidade do Bonfim, foi que o meio de hospedagem no local está entre regular e ruim (67%), os restaurantes disponíveis estão entre regular e ruim (75%), o posto médico disponível está regular para 42% dos entrevistados e o transporte intermunicipal até o local da festa está entre regular e ruim para 62% dos visitantes. A recomendação final do diagnóstico foi “seguir o modelo de Trindade (GO)” (SEBRAE, 2013).

Por esse diagnóstico, nota-se que a região e suas festas atraem pessoas e movimentam a economia local, mas não há estrutura adequada e satisfatória, nem para os turistas e nem para os comerciantes que ali estão. Algumas políticas pensadas nos últimos três anos por parte do governo do estado para o turismo na região das Serras Gerais, não incluem a Romaria do Bonfim (sequer é citada), como é o caso do PDITS que será analisado no próximo capítulo.

E, em Natividade não há como seguir um modelo e apenas aplicá-lo, como se fosse a solução para o desenvolvimento da região e para o fomento do turismo religioso. E, que

[...] animados pelo mercado de consumo, seja de bens materiais ou imateriais, os peregrinos e os turistas se encontram num mesmo espaço em que o lazer, cada vez mais integrado com os meios de comunicação, os tornam consumidores a serem explorados por um mercado turístico em desenvolvimento. O momento da festa é o da geração de emprego e renda, da sustentação do local, do ritual religioso, do discurso político e também do grupo de forró, da comida, das compras de produtos religiosos e artesanais, dos shows com bandas regionais e da dança. Os comerciantes da cidade voltam-se para a

organização do evento, assim como outras instituições também o fazem, contando com a participação da comunidade. Por sua vez, as empresas turísticas procuram investir em propagandas, incentivar e associar as viagens com as datas dos espetáculos (ALVES, 2014, p. 88-89).

Todos que participam das festas religiosas atuam como atores sociais, seja por motivos religiosos ou não, compartilhando as decisões e estabelecendo as relações sociais necessárias para o desenvolvimento local.

No próximo capítulo serão analisadas, conforme exposto na metodologia desta pesquisa, as entrevistas com os atores sociais que agenciam o turismo na cidade e as festas religiosas, os questionários aplicados para a comunidade interna e externa de Natividade, dos visitantes da Festa do Divino Espírito Santo e da Romaria do Bonfim, além de confrontar os dados coletados a partir dos planos, projetos e políticas que já foram estabelecidos pelos atores exógenos, principalmente o governo do Tocantins.

5. FESTAS RELIGIOSAS, AGENCIAMENTOS E O TURISMO RELIGIOSO

Como já exposto, esta tese tem como objetivo investigar as principais festas religiosas da cidade de Natividade, neste caso a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, de forma a reconhecer e analisar como se estabelece a relação entre desenvolvimento local e turismo religioso, por meio do agenciamento de seus atores em torno de uma identidade religiosa e cultural que é atribuída à cidade.

As festas religiosas na cidade promovem uma grande concentração de pessoas que se organizam todos os anos para manter essas tradições, fazendo com que essas festividades se tornem uma característica local, ou seja, reforçando e/ou reconhecendo ali uma identidade do lugar.

Entende-se que Natividade segue esse modelo de expressão cultural por meio de suas festas populares e vive em torno de suas principais festividades religiosas durante seis meses do ano, de forma sequencial a partir de março e/ou abril, iniciando com a festa do Divino Espírito Santo e, logo depois, em agosto, com a Romaria do Senhor do Bonfim. Nos últimos anos, esses eventos contam com apoio da Igreja e do poder público em ações pontuais como segurança.

Como problema desta tese, questiona-se como a realização da Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim – as quais são representativas da religiosidade da população católica local –, podem se tornar referenciais para o desenvolvimento local por meio do turismo religioso?

Neste capítulo, pretende-se analisar os dados coletados na pesquisa correlacionando-os com o referencial teórico, com o intuito de responder o questionamento supracitado e referendar (ou não) as hipóteses levantadas no início deste trabalho, sendo elas: a) para que Natividade seja reconhecida como destino turístico religioso, necessita-se que exista o compromisso de todos os atores envolvidos nesse processo, sendo eles: comunidade, poder público e empresários; b) não havendo elementos locais para impulsionar o desenvolvimento local, a inserção de Natividade em um circuito já estabelecido, seria um elemento impulsionador, como é o caso do projeto de incentivo turístico para a região das Serras Gerais, porém com viés religioso e cultural; e, c) a identidade religiosa atribuída à Natividade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas adquirem centralidade.

Logo, este capítulo está subdividido em seis partes: 1) análise dos agenciamentos locais por meio dos atores sociais que atuam na cidade; 2) as políticas públicas que foram planejadas

para a região de Natividade e a análise desse instrumento conforme os dados levantados; 3) a análise, a partir das respostas dos 120 questionários aplicados de forma online, sobre a estrutura, impressões sobre as festas religiosas e sobre Natividade; 4) relata como está sendo a festa do Divino Espírito Santo, seus principais ritos e como as celebrações ocorreram em meio à pandemia; 5) análise também da Romaria do Senhor do Bonfim, suas características, estrutura e público também com a incidência da pandemia; e, 6) a avaliação dos atores sociais com relação à possibilidade do turismo religioso em Natividade.

As festas religiosas de Natividade envolvem muitas pessoas, são ricas de significado e de fé. As pessoas são motivadas a estarem no local, independentemente da estrutura e/ serviços oferecidos durante essa estada, pois quando se fala de religiosidade, adentra-se em um território tão particular e misterioso do ser humano que é a fé.

Com isso, Raymond Williams (1979) reforça que só se pode entender uma cultura dominante e efetiva, a partir do momento em que se entende o processo social e as relações sociais que dela derivam. Em Natividade, os atores estão organizados por meio de uma lógica de compromissos identitários (BAJOIT, 2006), que se faz necessária para entender os projetos que estão sendo trabalhados na cidade, sendo o maior questionamento sobre o turismo religioso: Quem está organizando? Quais são os atores que estão envolvidos? Há disputas nesse contexto? Quais são essas disputas? Essas disputas se fazem em torno desses projetos para o turismo religioso ou não?

Ainda lembrando Bajoit (2006), os indivíduos tentam gerir as tensões existenciais vividas dentro das suas identidades coletivas, uma vez que nem todos adotam a mesma lógica do sujeito, nem todos possuem o mesmo compromisso com determinado projeto e nem todos se comprometerão nas mesmas lógicas identitárias necessárias para o desenvolvimento da cidade.

Será a partir desses questionamentos que serão analisados os dados desta tese e ainda, compreender como ocorre a participação dos atores sociais nos processos de decisão acerca das políticas desenvolvidas para o município, no que tange o desenvolvimento local, e o agenciamento desses atores acerca dos projetos que estão sendo estabelecidos na área do turismo em Natividade.

Sobre esses compromissos, a Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), vêm atuando desde a década de 1990, sob a iniciativa da economista e nativitana, Simone Camelo Araújo em parceria com a comunidade. Em entrevista ao Jornal do Tocantins, na comemoração dos 25 anos da Associação, Simone Camelo de Araújo explica sua motivação à frente da organização e destaca que a Asccuna sempre está em busca da história e da cultura de Natividade,

e que a Associação realizou nos últimos anos o resgate de projetos que dão identidade para a comunidade, que também abraça a causa e é beneficiada com geração de renda e a preservação das memórias e das tradições (SOARES, 2017).

Percebi que Natividade precisava ter uma entidade, e que várias pessoas faziam ações, e que ter uma instituição seria um respaldo junto às políticas públicas. [...] Logo que criamos, cobramos a presença de um escritório do Iphan no Tocantins e chamamos o órgão para Natividade por ser, na época, a única cidade tombada no Estado. Foi feita então a parceria e funcionaram juntos a sede da associação e do Iphan. [...]. Mas o processo de resgate, manutenção e transmissão desse saber histórico não é algo fácil. Natividade tem uma característica que torna difícil e fácil ao mesmo tempo. Tudo é cultura, tudo é patrimônio. Você lidar com um festejo não é algo comum, existe todo um rito que deve ser seguido. É uma responsabilidade muito grande para a entidade e temos procurado levar o reconhecimento da comunidade (SOARES, 2017).

Essa constante busca de objetivação de propósitos, exposta na motivação da fundadora da Associação, guarda uma correlação com a construção da identidade. Nessa construção, segundo Bajoit (2006)

[...] os compromissos que o indivíduo assume para consigo mesmo, e, portanto, a “ideia” ou a “imagem” que ele tem da sua identidade, nunca são completamente (in)conscientes nem (in)voluntárias. [...] a “ideia” que ele tem de si mesmo não é imutável, mas dinâmica, em constante evolução, em readaptação permanente. [...] aqueles que ocupam a mesma posição numa relação social participam da mesma identidade coletiva (BAJOIT, 2006, p.233).

Para Bajoit (2006, p. 235), a própria construção da identidade projeta compromissos e planos de ação que estabelecem quadros de interação, nos quais permutas e vínculos modelam as lógicas de ação. Porém, nem todos os atores que estão vivenciando essas lógicas e com projetos na cidade, atuam dessa forma, como será analisado neste capítulo.

Acredita-se que será por meio das festas religiosas de Natividade que o turismo religioso encontrará seu caminho, porém, só a partir das ações dos atores envolvidos (externos e locais), da visibilidade dos seus atrativos e da regulação para a construção de um modelo de desenvolvimento local. “A sociedade é altamente beneficiada com a geração de empregos tanto nas empresas que atendem diretamente os turistas, quanto nas demais empresas associadas à cadeia produtiva do turismo” (BARRETTO, 2007, p. 15).

Para tanto, precisa-se entender o turismo religioso e suas características, para então conseguir orientar um modelo de desenvolvimento local, com base nas ações de todos os atores sociais, para que no final as festas religiosas de Natividade possam ser a centralidade desse modelo de desenvolvimento.

As escolhas dos critérios de sistematização dos dados ocorreram dentro de um conjunto de detalhes, informações repassadas, diálogos, análise dos comportamentos, dos espaços, dos posicionamentos pessoais e enquanto representantes de instituições, além de comunicações que auxiliaram para que se pudesse entender e compreender os agenciamentos em torno das festas religiosas e conseqüentemente o desenvolvimento do turismo religioso para Natividade.

Para Barreto (2007, p. 10), “analisados segundo o modelo econômico, os componentes do turismo são, por um lado, os turistas, os consumidores que constituem a demanda; de outro, os criadores dos atrativos turísticos e o próprio atrativo que compõe, junto com os prestadores de serviço, a oferta”. E, pensando nesse turismo, analisa-se agora sobre como está o turismo na cidade de Natividade e quem são as pessoas e empresas que tomam frente desse setor e como tem ocorrido o agenciamento dele.

5.1. Agenciamentos locais e o turismo em Natividade

O turismo tem efeito direto e indireto na economia de uma localidade ou região, que beneficia ainda os setores ligados indiretamente ao fenômeno turístico. E, analisando os agenciamentos em torno das festas religiosas de Natividade, sendo que não se tratará de sujeitos ou instituições, mas sim reconhecer os projetos e quem são os atores que estão envolvidos nesses projetos. Além da identificação desses agenciamentos em torno do projeto de turismo religioso, para a cidade de Natividade, é fundamental para entender os processos que ocorreram ou ocorrem no município. Sendo ainda, que esses agenciamentos podem ser individuais, em grupos ou por associações.

O intuito de compreender e identificar como o turismo religioso está sendo implantado em Natividade, configurando-se como mais uma alternativa de renda e emprego para a comunidade e forma de promover o desenvolvimento local, com isso, pretende-se compreender em torno de quais projetos os atores sociais endógenos estão envolvidos.

Com os agenciamentos em torno dos patrimônios e a memória como algo fundamental dentro de uma sociedade, a cultura passou a ser vista como uma área que deve ser investida. Como expôs George Yúdice (2004), a cultura como mercadoria é diferente da cultura como recurso, pois é a partir da vivência e do histórico cultural que se sustenta a cultura como recurso, senão ela torna-se apenas mercadoria. A cultura tem o poder de construir relações, memórias e

tradições, assim como afirma Clifford Geertz (2008) que a cultura é criadora e recriadora de comportamentos.

Para entender os agenciamentos, precisa-se compreender como está sendo trabalhado o turismo pelos atores sociais e principais, como estão sendo trabalhados os projetos em torno desse turismo em Natividade. Segundo o fotógrafo e guia de turismo regional, nacional e América do Sul, Flávio Pereira de Sousa, mais conhecido como Flávio Cavalera, que atua há mais de 10 anos na cidade nesse setor:

Natividade sempre teve um fluxo de turismo razoável, mas a maior parte de turistas são estudantes de universidade, escola particular e estadual que visita à cidade, as outras restantes são de agências de turismo que passam bastante por aqui para ir para o Jalapão, e acabam passando por Natividade, seja por causa de restaurante, hotel ou para fazer algum atrativo (SOUSA, 2021, informação verbal)⁶⁶.

De acordo com o folheto abaixo que foi distribuído pelo SEBRAE com os passeios turísticos da região das Serras Gerais, em Natividade operam três agências, que estão autorizadas a realizarem o roteiro de Turismo de Experiência na cidade, são elas: Agência Paraíso, Agência Serra Geral e Cavalera Turismo. Ainda nesse produto de divulgação dos atrativos da cidade, há o destaque para a fábrica de biscoitos Amor-Perfeito e o passeio Vida de Natividade, ambos produtos formatados como turismo de experiência.

Figura 18 - Folheto com os atrativos de Turismo de Experiência e o Turismo Educacional.



Fonte: Sebrae, 2018.

⁶⁶ Entrevista concedida por SOUSA, Flávio Pereira de. **Entrevista IX**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2021. 1 arquivo .mp3 (18 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta tese.

Pelo Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur)⁶⁷, a partir de 2019 foram cadastrados mais guias e agências que atendem na cidade, porém apenas duas agências retornaram o contato e concederam entrevista formal sobre o turismo na cidade. Segundo o proprietário e guia da Agência Leão do Cerrado, Jorge Suarte, em conversa informal pelo WhatsApp, atualmente em Natividade atuam três agências e são três guias de turismo: a Agência Serra Geral, a Agência Leão do Serrado e a Nativas Tour, e que alguns guias estão cadastrados, mas não atuam mais, porém continuam cadastrados no Portal.

A Agência Serra Geral é a mais antiga de Natividade ofertando passeios turísticos na cidade e região, inclusive com boa divulgação na cidade, principalmente na distribuição de panfletos com os atrativos nos mais diversos estabelecimentos do município, porém não constava mais no cadastro do governo federal. Uma das possibilidades é que como o cadastro tem prazo de validade, é necessário a sua atualização, provavelmente os prestadores não renovaram esses cadastros junto ao Ministério do Turismo. A Agência Serra Geral não retornou as cinco tentativas de entrevista sobre o seu trabalho na cidade.

Figura 19 - Folders com oferta de passeios em Natividade pela Agência Serra Geral.



Fonte: Agência Serra Geral, 2018.

Logo, os dados apresentados pelo sistema Cadastur não refletem com exatidão a realidade do local. Em Natividade existem muitas empresas que não se encontram registradas no Cadastur. Uma das possibilidades do reduzido interesse dos empresários locais do setor turístico na sua inscrição naquele cadastro pode ser derivada do pouco conhecimento relativo às vantagens de que estes poderiam usufruir se estivessem inscritos.

⁶⁷ O Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur), do Ministério do Turismo, é o cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor turístico.

Hoje, em Natividade, encontram-se registrados no Cadastur apenas cinco das sete unidades hoteleiras existentes. No total, a cidade possui 125 unidades habitacionais e 265 leitos:

- Vereda's Hotel: com 28 unidades habitacionais e 72 leitos
- Hotel Nova Esperança: com 19 unidades habitacionais e 25 leitos
- Pousada do Cesar: com 14 unidades habitacionais e 30 leitos
- Hotel July: com 13 unidades habitacionais e 16 leitos
- Pousada dos Sertões: com 14 unidades habitacionais e 30 leitos
- Hotel Serra Geral: com 24 unidades habitacionais e 56 leitos
- Pousada das Nações: com 13 unidades habitacionais e 36 leitos

Em pesquisa realizada no dia 9 de abril de 2021, no site do Cadastur, Natividade possuía cadastrados: o Amor Perfeito Tia Naninha na atividade de Restaurante, Agroenergia como prestador da atividade de empreendimento de lazer, o prestador Flávio Cavaleira como único guia de turismo e quatro agências de turismo: Flávio Cavaleira Turismo e Fotografia, Haine Maranhão, Leão do Cerrado Ecoturismo e Nativas Tour.

O valor médio dos passeios em Natividade custa entre R\$ 150,00 a R\$ 200,00 por pessoa, dependendo do passeio na cidade e a variação de dias. Sobre o potencial da cidade para o turismo, Flávio explica que:

Natividade ela tem um potencial turístico muito grande e um dos mais procurados ali é a parte do Centro Histórico, onde tem seus casarões em estilo colonial da época dos bandeirantes, da pecuária, do ouro e isso chama muita atenção dos turistas. E além dos casarões, tem as praças que não são históricas, mas fazem parte do conjunto arquitetônico e chamam muita atenção as igrejas, com diferentes tipos de estruturas e fachadas. As ruínas da Igreja N. S. Rosário dos Pretos é o cartão postal de Natividade e do estado, assim como a Igreja São Benedito, a Matriz que faz parte do Centro Histórico, o Amor perfeito da Tia Naninha, que é o mais famoso, que os turistas procuram bastante. Além do Centro Histórico, os casarões, o detalhe interessante são as janelas e treliças diferentes e o detalhe das fachadas, detalhamentos das informações e casas coladas umas nas outras. A gente tem também a Dona Romana, que é uma parte mística que é bem procurada, uma das mais procuradas de Natividade, onde os turistas visitam. As trilhas na cidade antiga de São Luiz e as cachoeiras do Paraíso, que também são bem procuradas, além das trilhas na Serra de Natividade, a caminho ali dos Poções e o Poço dos Moinhos, esses locais os turistas procuram bastante porque é natureza, é lugar mais tranquilo. A cidade de São Luiz foi onde começou a primeira cidade, tem ruínas e a cidade é toda rodeada com águas, a Serra de Natividade e a Serra dos Olhos D'agua. Então, procuram bastante essas localidades. O valor médio é R\$ 150,00 a R\$ 200,00

por pessoa e depende do passeio na cidade e a variação de dias (SOUSA, 2021, informação verbal)⁶⁸.

Ainda analisando o estado atual do turismo de uma forma geral em Natividade, em 2016, foi implantando o voucher único em Natividade por meio do Decreto-Lei 064 de 21/12/2006, que dispôs também sobre a regulamentação da atividade turística na cidade. Com esse dispositivo legal, também foram regulamentados os passeios turísticos da cidade, por meio de passaportes de visitação.

O voucher único é de uso obrigatório dos turistas nos locais de visitação da cidade e são emitidos gratuitamente pela Secretaria Municipal de Finanças de Natividade. O preenchimento do voucher é de responsabilidade das agências de turismo e servem ainda como um instrumento que dará maior precisão sobre o fluxo de turistas nos atrativos do município, que deve ainda especificar o valor cobrado por atração, traslado, o valor da diária do guia e os serviços da agência.

Este documento garante então a prestação de um serviço direto ao turista, cuja venda pode ter sido intermediada por agência e/ou operadora, pressupondo que cada membro integrante da rede de prestação de serviços, honrará seu compromisso implícito. A experiência funciona no município de Bonito (MS)⁶⁹ desde 1995 e ajuda a gerir a atividade turística do município com utilização obrigatória na visitação dos atrativos turísticos. Assim, o estabelecimento do Voucher único no turismo de Bonito estimulou a formação de uma rede, na medida em que todos os prestadores de serviços turísticos sejam de hotelaria, agenciamento, transporte, guias e donos de atrativos vincularam seus trabalhos ao fluxo de turistas obtidos a partir da emissão deste.

Assim, a institucionalização do voucher único, por parte do poder público municipal, na busca de uma tarefa de organizar a atividade turística, catalisou de maneira geral, o sentimento coletivo de bem utilizar os seus recursos naturais, estabelecendo padrões exploratórios de atrativos – capacidade de carga estimada para a frequência de turistas a serem observados pelo trade, estabeleceu a justiça fiscal – tributando todos os atores da atividade, agregando todo o desempenho da atividade turística na emissão deste documento (VIEIRA, 2013, p. 16).

⁶⁸ Entrevista concedida por SOUSA, Flávio Pereira de. **Entrevista IX**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2021. 1 arquivo .mp3 (18 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta tese.

⁶⁹ Por iniciativa própria um empresário natural de Bonito (MS), Antônio Carlos Silveira Soares (Tó) um dos pioneiros do turismo, desenhou e criou o modelo do “Voucher único” utilizado até 15 de janeiro de 2003. O modelo do Voucher Único atual foi implantado a partir de 15 de janeiro de 2003, impresso pela Prefeitura Municipal, sendo distribuído e controlado pela Central do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza – Central do ISSQN. A entrega de Voucher também, como era anteriormente, está condicionada a entrega dos anteriores preenchidos, bem como o devido recolhimento do ISS devido (VIEIRA, 2013).

Em Natividade, pelo que foi estabelecido em lei, os proprietários dos atrativos são obrigados a exigir o voucher único, que se torna o documento arrecadador de ISSQN, no valor de 4% seja do atrativo turístico, do agenciamento receptivo local e/ou do condutor de turismo local. Os residentes ou nativos de Natividade são isentos de pagar o voucher único.

Outro ponto da Lei do Voucher Único é a obrigatoriedade de que as agências de turismo receptivo deverão ser instaladas para a atividade fim em Natividade e que essas agências devem fornecer, por meio do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), informações estatísticas do fluxo turístico decorrentes do preenchimento do voucher único.

Percebe-se que há uma rixa no trade turístico local, pela disputa de acesso aos pontos turísticos e recolhimento do voucher estabelecido pelo município. Para o então presidente da Associação Tocantinense de Turismo Receptivo (ATTR) e proprietário da agência Livre Expedições de Palmas (TO), Fernando Torres, não concorda com a cobrança de voucher único em Natividade. Para ele, o município não tem gestão na área do turismo e uma das agências locais impede o crescimento do turismo no local.

O turismo em Natividade tem em uma péssima gestão municipal sua maior dificuldade para o crescimento, comparado com outros atrativos na região, Natividade recebe um número muito pequeno. [...] Natividade não vai pra frente pelos ‘zóio’ grande da Fulana⁷⁰. Lá é difícil justamente por essa pessoa dona do hotel, dona de um restaurante, ela quer monopolizar tudo. Eu mesmo deixei de ir com escola pra lá por isso. Ela retalhou a dona Naninha do biscoito. Triste a situação. Era dona da única agência que tinha lá. [...] Eu mesmo, a gente faz turismo educacional nas escolas, para sair de Palmas, a gente faz o seguro de viagem, daí eu saía daqui com as crianças para passar um dia e ela me cobrava na faixa de R\$ 35 por aluno lá, que seria mais um seguro durante o dia lá e o guia, para você ter uma ideia. [...] e hoje Natividade tá morrendo, principalmente com as empresas de Palmas por causa desse posicionamento dela a frente dessa gestão municipal de querer monopolizar as coisas e quando eu fui com as crianças, ela queria que eu tomasse café no restaurante dela, almoçasse com ela e fizesse tudo com ela. [...] A gente tem um grande problema porque a gente é guia regional do estado, então quando a gente ia, ela queria cobrar que a gente contratasse um guia, um guia não, um condutor, né? E fora às vezes que discutia com ela, pois tá errado, a gente é guia regional, é guia do estado e a gente fez o curso para Natividade também, e não tem lógica a gente chegar aqui e contratar um condutor. E ela falava que aqui se vocês quiserem entrar na igreja vão ter que me contratar porque senão ela vai ficar fechada. E tá tudo bem, a gente visitava por fora. E acabou perdendo um monte de espaço por isso, a maioria das empresas acabou tirando Natividade do roteiro por causa dela, por causa dessa postura dela (TORRES, 2020, informação verbal)⁷¹.

⁷⁰ Retiramos o nome da pessoa mencionada.

⁷¹ Entrevista concedida por TORRES, Fernando. **Entrevista XXI**. [set. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 arquivo .mp3 (3 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice V desta tese.

Porém, os atores ligados ao agenciamento do turismo na cidade apoiam o voucher único e reforçam que esse instrumento auxilia o município na arrecadação. Para Verônica Tavares de Albuquerque, professora da rede básica de Ensino Fundamental II, atual presidente do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) e coordenadora do projeto Grupo de Suça - Tia Benvinda, a Lei do Voucher Único valoriza a classe que trabalha com o turismo na cidade.

Pra mim o voucher único ele veio para somar, para dar oportunidade para as pessoas capacitadas na cidade, para valorizar as pessoas que buscam e precisam de oportunidade na cidade. A lei do voucher único não exclui ninguém de fora, mas ela valoriza as pessoas da cidade, o guia de turismo ele pode vir de fora, mas ele chega na cidade e precisa ter e contratar também o condutor local, que é estudado e capacitado, que teve formações para falar com propriedade sobre a cidade. As agências de turismo também são capacitadas, então é toda uma cadeia, eu acho muito importante isso, além de ter o seguro de vida para os turistas, além de ter o imposto arrecadado para a prefeitura que vai fazer a manutenção dos atrativos turísticos e tudo isso tá ali ó, pra somar, né? (ALBUQUERQUE, 2021, informação verbal)⁷².

Ainda para a presidente do COMTUR, falta melhor divulgação do que seja o Voucher e sua importância para proteção dos profissionais que trabalham com turismo e ainda, visa o crescimento e enriquecimento das regiões que utilizaram o voucher.

Precisa se ter uma divulgação melhor da lei do voucher único, precisa ter uma explanação e um entendimento melhor sobre ela, para que ela de fato seja vista por tantas outras de fora como algo positivo. Tanto é que Natividade foi uma das primeiras cidades a implantar o voucher único no estado do Tocantins e hoje já temos outras cidades implantando isso aqui, principalmente aqui nas Serras Gerais, eu já estou sabendo que tem outras cidades que também estão colocando o voucher único. E, em vários lugares do Brasil que tem essa lei, o turismo só cresceu, só favoreceu, só enriqueceu a cidade e a região (ALBUQUERQUE, 2021, informação verbal)⁷³.

Para a presidente de honra da Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), Simone Camelo de Araújo, a lei do voucher precisa de algumas adequações, pois foi publicada de modo muito rápido e sem o debate necessário. A lei foi publicada no final da gestão do então prefeito Albany Nunes Cerqueira (2013-2016) e não houve um trabalho de divulgação e conscientização para implantação da mesma.

Olha, essa questão do Voucher na época, eu alertei algumas questões. Por exemplo, é importante que tenha pessoas, porque se tivesse com políticas públicas, como te falei, se tivessem todos participando, a cidade estava muito mais preparada para implantar a Lei do Voucher Único. Mas a gestão passada,

⁷² Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. **Entrevista XI**. [mar. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta tese.

⁷³ Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. **Entrevista XI**. [mar. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta tese.

no final da gestão passada, foi implantada a lei, mas a gestão seguinte não deu continuidade. Então o quê que acontece? Antes para o funcionamento do Voucher Único, precisa da participação efetiva do poder público junto com os empresários. Informação, de ter o museu abrindo, de ter instalando os outros espaços que estavam previstos, de ter o Centro de Apoio ao Turista. Então assim, isso não foi feito. Então, o quê que acontece, se você chega, tem o Voucher, aí tem que ter uma empresa local, aí a empresa local só tem uma, o poder público diz que não ‘vai’ abrir o museu e aí para você visitar tinha que ficar com a chave, entendeu? Para levar a pessoa no final de semana tinha que ficar com a chave para poder abrir. A empresa que tinha que tomar conta. Então, o poder público não assumiu. Aí, na área cultural, essa gestão foi um retrocesso enorme, não acompanhou a evolução que a gente tava. E eu sempre falo: o cavalo passou arreado um bocado de vez. Passou arreado, várias vezes e perdeu a oportunidade. [...] Então assim, teria que ter mais empresas, teria que ter mais pessoas treinadas, para poder funcionar direitinho. Para que vá o dinheiro para o Fundo, para que tenha aplicação no Fundo, para que tenha um Conselho atuante. O quê que aconteceu com o poder público? Eles paralisaram os Conselhos. Então, nós estamos em uma briga danada. Tá inerte (ARAÚJO, 2020, informação verbal)⁷⁴.

Percebe-se que a lei do voucher único foi publicada, implantada, porém pouco divulgada e difundida dentro do trade turístico de Natividade. Para Flávio Cavallera, a Lei do Voucher Único foi positiva para os guias da cidade, pois vai proporcionar renda para as pessoas do município, arrecadar, preservar o patrimônio e até certo controle do turismo no local.

Foi a melhor coisa que aconteceu para a cidade porque isso assegurou tanto para agências, guias, atrativos na cidade com informações corretas, porque chegavam na cidade condutores e agências de fora e apresentavam Natividade de qualquer jeito e de qualquer forma, com outras histórias que não eram verdadeiras e não tinham fundamento. E, com o voucher, não só além de assegurar essas informações, ele dá um respaldo maior para quem mora na cidade, igual guia e agência ali ele vai desenvolver uma renda maior para a cidade, porque a agência que vinha de fora não contratava guia e com a lei do voucher, minha opinião é que foi a melhor coisa que aconteceu porque obrigatoriamente agências, grupos de escolas, pesquisadores teriam que ter uma agência, um guia, formando um pacote, nesse pacote fechando com seguro obrigatório, com acesso aos atrativos e isso foi muito bom porque tava um turismo descontrolado e iam de qualquer jeito, eles falavam de Natividade de qualquer forma. E a utilização desse voucher foi uma proposta que foi desenvolvida com toda a sociedade local, dono de comércio, restaurantes, guias, agências para também controlar o acesso ao Centro Histórico e com a gente, guia, no Centro Histórico com até 20 pessoas, nas trilhas são até 10 pessoas e também desenvolver o seguro que a gente não fazia e os pacotes são fechados com as agências. Tem muitas coisas a melhorar, mas isso com a lei do voucher fortaleceu muito a economia local, a mão de obra, os serviços e fortaleceu também as informações turísticas porque a pessoa de Natividade, ela passa as informações certas e concretas e a lei do voucher também é uma parte que o poder público toma conta, esse dinheiro ele volta para a cidade para investir em placas, sinalização, acesso e também uma forma de organizar a atividade

⁷⁴ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

turística, capacidade de carga, estimativa de quantos turistas e frequência de turistas em cada atrativo. Então, isso foi muito bom (SOUSA, 2021, informação verbal)⁷⁵.

Quando o local é utilizado como ferramenta do desenvolvimento endógeno, assunto exposto nos capítulos anteriores por Vasquez Barbero (2007), Martinelli e Joyal (2004) e Nunes e Karnopp (2015) em que a comunidade poderá resolver os desafios que surgirem, com respostas produtivas e adequada, atendendo às necessidades dos mesmos. Tem-se que as ações desenvolvidas por diversos atores são fundamentais para o fomento do turismo, inclusive para o religioso em Natividade e, principalmente, pela comunidade local.

Neste caso, Natividade tem se destacado com as associações, como é o caso da já citada Associação Comunitária Cultural de Natividade (Asccuna), que desenvolve ações e projetos relacionados ao patrimônio e cultura locais, como base de informação e de construção da história e memória do lugar; a Associação de Desenvolvimento do Turismo Sustentável e Produção Associada (Assegtur), que com um ano de fundação, tem organizado o trade turístico nos municípios que integram a região das Serras Gerais, incluindo Natividade; e, a Associação Comercial e Industrial de Natividade (ACINAT) que retomou suas atividades e tem defendido os interesses dos comerciantes locais.

Fernanda Tainã, presidente da Associação de Desenvolvimento do Turismo Sustentável e Produção Associada (Assegtur) e uma das sócias na Agência Seriema Turismo, explica que a associação iniciou a partir dos Comitês de Turismo de cada cidade da região das Serras Gerais e que vem cobrando do poder público, mais atuação com políticas públicas para a região.

A gente começou com comitês, quando o Sebrae começou os projetos, ele criou comitês de turismo em cada cidade. Esses comitês evoluíram para conselho municipal e aí nós viramos Conselho Municipal de Turismo e daí, desses conselhos, é que surgiu a Assegtur (CASTRO, 2020, informação verbal)⁷⁶.

Pela ACINAT, Manoel Salvador, presidente da associação e proprietário de uma farmácia em Natividade, explicou que a associação ficou sem representação por mais de dez anos e em 2018, retomaram as atividades com ele na presidência para o mandato de dois anos. Devido a pandemia, Manoel continuava à frente da Associação Comercial e Industrial de Natividade até

⁷⁵ Entrevista concedida por SOUSA, Flávio Pereira de. **Entrevista IX**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2021. 1 arquivo .mp3 (18 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta tese.

⁷⁶ Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

que pudessem ser realizadas novas eleições, mas afirma que tem cobrado do poder público de todas as esferas mais investimentos e manutenção na cidade.

A associação comercial sempre cobra do poder público e das autoridades essa questão. Uma cidade turística não pode pecar nesse aspecto: limpeza, iluminação e segurança. Na questão de segurança, nós estávamos para perder a delegacia, fizemos uma contribuição de todos os membros e conseguimos que fizessemos que funcionasse a delegacia, mudou de prédio, reformou o prédio. Foi uma ação da associação para que nós não perdêssemos a delegacia. E esses três pontos são fundamentais: a iluminação, a segurança e a limpeza. Não adianta o turista chegar aqui e ser assaltado. Não adianta o turista chegar aqui e achar a cidade cheia de lixo, não adianta o turista chegar aqui e achar a cidade escura. Então, nós temos bons atrativos, Natividade tem um povo acolhedor, nós precisamos desse turismo, nós temos uma cidade diferenciada das outras cidades que traz esse turista para cá e temos que aproveitar esse potencial. E o poder público é o carro-chefe disso aí. A parte empresarial tem feito por onde, porque nós temos bons hotéis, bons restaurantes, boas farmácias, bons postos de gasolina. E outra coisa que atrai boa parte do comércio é que aqui é tranquilo, mas a questão do poder público tá um pouco a desejar para a melhoria da cidade. E isso a gente tem questionado e é assim, um trabalho de toda a sociedade, é a cobrança. E com certeza o turismo precisa passar por essas coisas aí: a segurança, uma iluminação boa, uma boa hotelaria e uma boa gastronomia (MOURA, 2020, informação verbal)⁷⁷.

Com relação à segurança na cidade, uma Ação Civil Pública (ACP) proposta pela Promotoria de Justiça de Natividade, iniciando o trâmite na Justiça em 2016, em que relatava a ineficiência dos serviços da delegacia em razão da falta de estrutura de pessoal e física. Segundo a ação, a população estava desamparada inclusive quanto aos registros de ocorrência, e as diligências policiais requeridas pelo Ministério Público do Tocantins (MPTO) estavam comprometidas, o que ocasionava, muitas vezes, a revogação da prisão preventiva de réu devido ao excesso de prazo para a conclusão de inquéritos policiais.

Em junho de 2021, a Justiça julgou procedente o pedido de cumprimento de sentença requerido pelo Ministério Público do Tocantins e determinou que, no prazo de 30 dias, o estado do Tocantins promovesse a lotação de escrivães de polícia, agentes de polícia, delegado titular e delegado substituto, bem como disponibilizasse mobiliário e equipamentos suficientes e adequados para a Delegacia de Polícia de Natividade (PRIMEIRA PÁGINA, 2021).

Após reuniões realizadas com a comunidade e toda a rede de atores que envolviam o turismo na região das Serras Gerais, principalmente, a partir das capacitações ofertadas pelo Sebrae e as consultorias do órgão em alguns comércios de Natividade, além de toda a divulgação

⁷⁷ Entrevista concedida por MOURA, Manoel Salvador. **Entrevista VIII**. [set. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (32 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta tese.

na mídia, a cidade começou a mudar o cenário e receber muitas visitas para uso do pacote/roteiro “Vida de Natividade”.

Nós em Natividade, nós percebemos um turismo muito vindo de Brasília – Alto Paraíso, Natividade – Jalapão, aqui tava servindo, as pessoas vinham e acabavam dormindo aqui. Chegava final de tarde [...] e um monte de carros, daqueles assim, carros traçados, jipes, motos. Então assim, Natividade tava no auge. Isso em 2019, no ano passado. Tava assim, crescendo. Com isso, foi criado dentro desse das Serras Gerais, um roteiro chamado Vida de Natividade [...] Então, Natividade representa a cidade histórica, que tem o patrimônio arquitetônico para mostrar, nas demais, os atrativos são de ecoturismo. Natividade se viu um lugar onde a pessoa chega, vai ficar um final de tarde, caminhar, dormir por aqui, para ir para outros atrativos da região. Relaxa, vai fazer uma caminhada, vai comer um biscoito, vai tomar uma cerveja na praça, entendeu? Então, Natividade tem uma estrutura e isso estava decolando, crescendo. Quando veio a pandemia foi um susto porque a gente, nós fizemos um roteiro e aí entrou vários parceiros, entra o Sebrae e há todo um movimento de pessoas ligadas a área de turismo, tem a questão do restaurante, a questão do hotel (ARAÚJO, 2020, informação verbal)⁷⁸.

Antes da pandemia, o turismo vinha crescendo na região e de acordo com o Técnico em Turismo, guia regional e nacional, além de presidente da Associação dos Profissionais de Turismo (APROTUR), João Marcelo Sanches, na questão do ecoturismo, a região das Serras Gerais será bastante procurada e já está sendo, apesar de haver pouca divulgação.

Eu tive lá recentemente fazendo um levantamento dos atrativos locais lá para começar a operar lá e na realidade, as Serras Gerais hoje vai ser o novo destino do turismo de aventura, de natureza do estado do Tocantins. E olha só, os ambientalistas, os amantes da natureza, cada vez mais eles querem visitar lugares inexplorados. Ali em Goiás, na Chapada dos Veadeiros, já é um lugar bem (inaudível) e tem o Jalapão. O refúgio agora vai ser Serras Gerais. Hoje Serras Gerais tá mais caro que o Jalapão, inclusive vários famosos estão vindo visitar a gente. [...] Lá nas Serras Gerais, agora era para tá o *boom*, mais aí veio esse problema da pandemia (SANCHES, 2020, informação verbal)⁷⁹.

Com relação ao turismo religioso, para João Marcelo, ele sempre esteve presente em Natividade, mas precisa de melhorias, principalmente na parte da infraestrutura.

Na realidade, eu considero Natividade, que é o berço cultural do nosso estado, e o único destino de turismo religioso forte no nosso estado. [...] Antes faltava estrutura de hotel, mas já deu uma melhorada. E eu acredito que tenha até outros projetos para melhorar mais. Temos hotel lá, a comida é boa, a história é boa, é do século passado, traz e muitos devoto. Então, Natividade é a cidade do turismo religioso no estado (SANCHES, 2020, informação verbal)⁸⁰.

⁷⁸ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

⁷⁹ Entrevista concedida por SANCHES, João Marcelo. **Entrevista XVI**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 arquivo .mp3 (27 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice Q desta tese.

⁸⁰ Entrevista concedida por SANCHES, João Marcelo. **Entrevista XVI**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 arquivo .mp3 (27 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice Q desta tese.

De acordo com o Analista Técnico do Sebrae/Dianópolis e Gestor do Projeto de Turismo nas Serras Gerais desde o final do ano de 2016, Antônio Louça Cursino, que é da região, natural de Paranã e há 13 anos trabalha na instituição, Natividade foi um dos primeiros municípios da região da Serras Gerais que recebeu o incentivo do Sebrae por meio de projetos e consultorias para o desenvolvimento do turismo na região, seja ele cultural, histórico ou religioso.

Natividade é um dos municípios que a gente iniciou o desenvolvimento do turismo lá há mais tempo. Por si só a cidade já tinha um movimento turístico com relação à questão histórico e cultural, cultura e religioso também envolve aí nesse processo. [...] É o nome do produto. E tem também a capoeira! Aí o turista tem a oportunidade, ele começa a assistir a suça, mas ele não só assiste, ele participa um pouquinho, ele aprende a tocar o tambor, ele aprende ali dançar. Da mesma forma, a capoeira também, jogada a capoeira com ele no meio da rua ali e ele participa. Tem a visitação ao museu, que é a antiga cadeia, e tem a visitação de todo o Centro Histórico, mostrando a questão das casas coloniais e a visitação na Igreja, nas Ruínas. E na verdade, a suça, dentro do produto Vida de Natividade, ela é dançada dentro das Ruínas lá. E é bem legal todo esse procedimento. E, comidas típicas, e é feita lá uma vivência lá dentro da Tia Naninha, a gente também produziu com eles lá, uma oportunidade do turista vivenciar a manipulação do Amor-perfeito. Então, no turismo de experiência, o turista vai lá, ajuda a amassar o bolo, vê as fornalhas e como é feito tudo e depois ele vai tomar um café, o café colonial. E tem todo esse trabalho aí (CURSINO, 2020, informação verbal)⁸¹.

A partir das ações provocadas pelo turismo, como a regulação dos atrativos e incentivos aos atores, há esse agenciamento da cultura em prol de um desenvolvimento local por meio turismo religioso e também do cultural/histórico. Com isso, o estabelecimento do roteiro Vida de Natividade foi um ganho para o município e para as pessoas que trabalham com o turismo.

Fernanda Taiã, presidente da Assegtur, ressalta o trabalho do Sebrae e da Universidade Federal do Tocantins (UFT) na região. E destaca que

Olha, o Sebrae... Não existiria nada disso aqui que estamos falando se não fosse o Sebrae. O Sebrae foi o grande incentivador desde o começo e depois as pessoas abraçaram a causa. Aí essa corda ficou mais firme, mais resistente. A UFT recentemente tem feito um trabalho espetacular, a UFT de Arraias [...] que tem dado um apoio muito grande em relação a documentação, estruturação e até nessa parte de mediação entre as pessoas para fortalecimento do trade, porque nós somos nove municípios, e aí é complicado de você manter esse dialogo nos nove municípios, então a gente precisa de bastante ajuda (CASTRO, 2020, informação verbal)⁸².

⁸¹ Entrevista concedida por CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese.

⁸² Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

Para a presidente da Asccuna, Simone Camelo, os projetos em torno da cidade fizeram com que algumas pessoas despertassem para essa renda que pode ser obtida pelo turismo.

Agora é o seguinte, o que a gente percebe é que a economia criativa de Natividade, ela cresceu bastante, com as atividades com o turismo, o quê, por exemplo? Vamos pegar o exemplo das máscaras, a pessoa que faz a bandeira do Divino, que faz os bordados, bordados fazendo nas máscaras. Aqui na cidade, tava o povo usando a do Divino. Daí, eu tenho várias. As pessoas, o quê ela faz, estão vestindo a cidade. Então assim, a confecção de produtos mostrando essa devoção ao Senhor do Bonfim, isso tudo fez com que crescesse, por exemplo, os meninos da suça, confeccionando tamborzinho e eles estavam vendendo isso. Aí, você tem que criar esses caminhos para criar renda. Certo? Você dá essa opção, o turismo faz isso, faz com que aquela pessoa que participe, ela faça algum produto que vai ser atrativo e as pessoas comprem. Você percebeu a variedade que tem de produtos: camisetas, pano de prato? (ARAÚJO, 2020, informação verbal)⁸³.

Percebe-se que a partir dos projetos para turismo em Natividade, e principalmente, o turismo de experiência com a formatação do roteiro “Vida de Natividade”, a comunidade que ainda não participava, começa a se interessar e encontrar maneiras de entrar nesse nicho turístico.

A segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda. E é a partir da oferta, que a segmentação define tipos de turismo cuja identidade pode ser conferida pela existência de atividades, práticas e tradições, como é o caso de Natividade.

Segundo Brizolla (2006, p. 3), os produtos e roteiros turísticos, de modo geral, são definidos com base na oferta e na demanda, de forma que possa caracterizar segmentos ou tipos de turismo específicos. Logo, são essas características que os segmentos ofertam que determinam o roteiro e dão base para que sejam estruturados os produtos.

A gente compreende que o potencial aqui do Sudeste, aqui é muito seca essa região aqui, chove pouco, porém tem muita água que brota do solo, além do agronegócio também que é algo que mantém a economia nessa região. Então vamos dizer assim, que o enfoque econômico aqui da região é o agro e a gente compreendeu que essa pegada do turismo também seria algo legal aqui (CURSINO, 2020, informação verbal)⁸⁴.

⁸³ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

⁸⁴ Entrevista concedida por CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese.

Do roteiro “Vida de Natividade”, Simone Camelo foi contratada pelo Sebrae para fazer a capacitação dos condutores e dos guias locais. O curso já foi ministrado para três turmas e de acordo com o gestor do projeto, Antônio Cursino, o mesmo curso já estava em fase de estruturação para ser ministrado para todos os professores de Natividade. “Um curso da história verídica de Natividade, porque cada um acaba contando para o outro, aí tem muito causo, tem muita coisa que não existe” (CURSINO, 2020, informação verbal)⁸⁵.

Simone explica também, que com o início dos trabalhos no trade turístico em Natividade e a venda dos pacotes Vida de Natividade, a cidade ficou movimentada e as pessoas envolvidas com os projetos.

Então esse roteiro, Vida de Natividade, eu fiz a capacitação dos condutores, aí já contratada pelo Sebrae, para fazer. E eu já tenho até um roteiro descritivo. Então Natividade tava assim. E nós temos essa capacidade de ter mais um dia a mais aqui, de ficar para dormir em Natividade, para continuar o roteiro e e isso estava envolvendo os meninos, os jovens da capoeira, os jovens da suça, que foi criado um grupo de Sucia, que saiu de dentro da escola, foi criado que é o Grupo de Suça Tia Benvinda, que estava mais disponível que o outro grupo, que era um pessoal mais de idade, um trabalhando e outro morando na zona rural, tinha mais dificuldade. Então, com a criação desse grupo novo, que nós da Associação apadrinhamos também, incentivando essa questão do jovem tá repassando o saber. Então assim, foi muito importante isso, aí veio a pandemia e cortou e aí a gente ficou com esse sentimento do levantar do voo e ter que quietar (ARAÚJO, 2020, informação verbal)⁸⁶.

Para entender o roteiro, durante a produção de dados foi realizada uma caminhada simulando o percurso que os turistas fazem pelo Centro Histórico. Logo, o visitante que vem do sul e segue as placas indicativas chega ao local e já encontra com as Ruínas da Igreja de N. S. Rosário dos Pretos, avista a loja Divino Artesanato, logo na esquina para entrada no Largo da Matriz N.S. da Natividade, a igreja em si e logo abaixo, com sua fachada colonial em vermelho e branco, a loja de biscoitos Amor-Perfeito.

Quem já visita Natividade, já sabe o roteiro a seguir, como também é instruído nos locais que param para comer ou fotografar: “onde devem ir mais, para conhecer mais”. Um dos locais mais procurados e conhecidos de Natividade é a loja do biscoito Amor-Perfeito que é patrimônio do estado e bastante conhecido no Tocantins e região, fazendo com que, quem passe ou avise que vai até Natividade, seja o encarregado de trazer alguns pacotes dessa iguaria.

⁸⁵ Entrevista concedida por CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese.

⁸⁶ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

Durante as festas religiosas do município de Natividade eles enchem os olhos e alegram o paladar. O biscoito amor perfeito é conhecido por derreter na boca e atrai consumidores de toda a região. É preciso leite de coco, polvilho, manteiga de leite, açúcar e as boleiras de Natividade. O segredo da massa e o ponto do formato desse biscoito é um conhecimento raro. O tempo de produção é muito longo, as mulheres que o produzem são poucas. Com o objetivo de profissionalizar essas boleiras, estimulando-as a olhar essa tradição como fonte geradora de renda, o Sebrae no Estado, por meio do Projeto 'Empreender – Sudeste', desenvolveu uma ação para dar consultorias a esse público (LOPES, 2009).

A fábrica participou em 2009 do Projeto 'Empreender – Sudeste', com cursos e consultoria do Sebrae na área de segurança alimentar para desenvolvimento da tabela nutricional, elaboração do manual de boas práticas de fabricação, criação de logomarca, rótulos para os produtos e oferecidas consultorias de controles gerenciais.

Antes disso, algo mais “rudimentar” desse nicho de turismo vendido pelo Sebrae já era realizado pelos proprietários no local. Em 2005, na época dos Seminários promovidos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), não se pagava para ter acesso à cozinha, as fomalhas e até mesmo petiscar alguns biscoitos que haviam “passado do ponto” ou que acabavam de sair do forno. Hoje, essa sensação de intimidade com o local é paga. Toda aquela atenção fazia com que se levasse pelo menos um ou dois pacotes para casa, algo em torno de R\$ 5,00 (cinco reais) cada pacote. Alguns estudantes, na sua grande maioria, não levavam os produtos, apenas a experiência e muitas fotos. Na época, questionados sobre essa sensação de “chegar, comer e não comprar”, os proprietários diziam que “era assim mesmo”.

Figura 20 - Loja do biscoito Amor-Perfeito: visitantes e a autora com os proprietários.



Fonte: Autora (2019)

Com isso, saindo da loja do biscoito Amor-Perfeito, o turista segue pelo Centro Histórico, que vai se expandindo logo atrás da Igreja Matriz, com suas casas coladas umas nas outras, cada

qual com sua característica, além de praças silenciosas e com bancos que convidam para sentar e admirar o som dos pássaros, o balanço do vento nas árvores e admirar a vista da Serra.

Seguindo pelas calçadas, passa-se pelo Museu da cidade que era a antiga cadeia pública, chegando ao restaurante Casarão e por ali almoçando. No mais, o cenário é convidativo para muitas fotos. Caso alongue mais o passeio, o visitante ainda passa pela igreja de São Benedito e nas casas de ourivesarias no seu entorno, onde podem encontrar algum ourives fabricando uma peça de ouro em filigrana.

Antes não tinham essas apresentações culturais da suça e ela foi desenvolvida para esse projeto. Então, são mais pessoas ganhando dinheiro. Tudo foi o Sebrae, esse projeto. E quando eu falo nós, é o Sebrae, a comunidade, são os comitês. Porque em cada cidade foi criado um comitê de turismo e aí nós trabalhávamos todos juntos. Daí os consultores do Sebrae vieram e falaram que “olha, isso aqui tem potencial”. Nós fomos aprendendo e tudo que acontecia na outra cidade, nós estávamos acompanhando de perto e participando de todo o processo, tanto é que hoje, nós temos a expertise de até formatar produtos. E já são 6 anos que o projeto existe (Vida de Natividade) e a gente tá aprendendo e fazendo formações e cursos, são muitas horas de trabalho. E aí formatou o grupo da suça, Tia Benvinda, que quem coordena é a professora Verônica, muito bom o trabalho deles, que já se desdobrou para o artesanato também, além do grupo de apresentação cultural, eles também fazem artesanato. E, por exemplo, o Amor Perfeito, eles tinham uma forma de receber o turista lá, mas depois que foi formatado o produto mesmo, as agências conseguem levar lá o turista e tem uma outra recepção, agora tem o café colonial, tem tudo o que o turista pode fazer, o que não pode, tem toda uma formatação. O ourives também, sempre recebeu visitação, mas hoje eles foram capacitados para receber o turista e como fazer, tem toda essa questão (CASTRO, 2020, informação verbal)⁸⁷.

De quem chega pelo norte, já encontra a Igreja Espírito Santo à esquerda e avenida dupla que leva até o Centro Histórico, o prédio da prefeitura e suas ruas de bloquetes hexagonais. Placas indicativas que é um lugar histórico e turístico começam nessa região. Logo atrás da prefeitura fica o Largo da Igreja São Benedito, geralmente os micro-ônibus que fazem as linhas intermunicipais passam na frente dessa igreja. Dali, o visitante faz o roteiro inverso e finaliza sua visita nas Ruínas ou no Largo da Igreja Matriz.

Da primeira impressão que se tem da cidade é que Natividade é bastante parada e quieta, principalmente o Centro Histórico. O som dos pássaros e vez ou outra a passagem de um carro ou pedestre, quebra o silêncio do lugar. No período da noite, o lugar é mais movimentado, principalmente na Praça Leopoldo Bulhões, onde estão o restaurante Casarão, o restaurante Bistrô e a sorveteria da franquía Frutos do Cerrado.

⁸⁷ Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

Essa representação dos modos de vida correlaciona com o que Bourdieu (2009) estabelece como *habitus*, com recorte no que tange à reprodução do modo de vida, o qual recebe influências externas e faz com que os indivíduos mudem sua percepção de como enxergam a vida e suas relações sociais, com o que Yúdice (2004) chama de campo de forças performáticas. Logo, a comunidade demonstra a sua cultura, declara a sua identidade (AGIER, 2001), enquanto prática de identificação (BAJOIT, 2006).

Os atores sociais “estabelecem estratégias e ativismos que buscam superar as normas totalizadoras, fundamentando-se no uso da cultura como recurso, o que gera possibilidades de interpretação de suas próprias necessidades” (LOPES, 2009, p. 335). E, será no interior desse campo de forças performáticas que os atores descontroem um modelo hegemônico e seguem agenciando sua autonomia e legitimidade, trazendo significação aos seus discursos e atos.

Eu vejo um crescimento eficiente do turismo aqui na cidade, quando eu cheguei aqui aquele Centro Histórico sempre foi muito lindo, mas ele era pouco utilizado, hoje você chega naquele centro e você tem opções da culinária nativitana para você está participando, tem o aconchego dos espaços dos casarões, hoje você consegue entrar em um casarão e consegue conhecer a estrutura e fazer uma boa refeição nesses lugares. Então, começou a ser bastante utilizado esses espaços históricos para receber a população que vem de fora, as festas cada vez mais encantadoras e sim, eu não conhecia nada do tipo e pra mim a cada ano se renova e fica mais bonito, mais glamoroso, eu não sei me expressar em palavras a beleza que é esses festejos. Sou muito suspeita para falar sobre isso (ALBUQUERQUE, 2021, informação verbal)⁸⁸.

Durante as visitas de campo realizadas nos meses junho, agosto e dezembro de 2019, além de outubro de 2020, conversando com os comerciantes, percebe-se uma inquietação e desânimo com a prefeitura, uma vez que aos finais de semana, quando se dá o maior fluxo de visitantes, o Museu e a loja de artesanatos ficam fechados, pois como são servidores públicos que ficam no local, os mesmos não trabalham aos finais de semana. E, durante a pesquisa de campo, encontrava-se muitas pessoas que perguntavam pela loja e onde poderiam comprar alguma lembrança do lugar.

⁸⁸ Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. **Entrevista XI**. [mar. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta tese.

Figura 21 - Loja Divino Artesanato mantida pela prefeitura com produtos de artesãos locais.



Fonte: Prefeitura de Natividade (2020); Autora (2019).

Com isso, tanto a loja de biscoitos Amor-Perfeito e o restaurante Casarão, além da loja de conveniência do Posto de Combustível que fica às margens beira da BR-010 dentro do perímetro urbano de Natividade, começaram a vender “lembrancinhas” como imagens do Divino Espírito Santo, biscoitos, licores artesanais, enxoval de cozinha com dizeres bordados “Lembrança de Natividade-TO” e imagem das Ruínas de N.S. Rosário dos Pretos, biojoias com capim dourado, crochês e imagens de santos.

Figura 22 - Produção de lembranças de Natividade com réplicas das igrejas de Natividade.



Fonte: @tiabenvinda (Instagram)

Além das miniaturas das igrejas históricas da cidade esculpidas em casca de cajazeiras pelos alunos do projeto Grupo de Suça Tia Benvinda. Essas miniaturas também fazem alusão à dança Suça, o objeto de trabalho do grupo que integra o roteiro Vida de Natividade que é ofertado pelas agências de turismo da cidade. O Grupo também começou a produzir canecas, porta canetas e ímãs de geladeira para a venda nos restaurantes e pontos turísticos de Natividade.

Figura 23 - Canecas produzidas pelo Grupo Tia Benvida com imagens de Natividade.



Fonte: Verônica Albuquerque (2021)

A partir desse contexto e trazendo para a discussão sobre turismo religioso, percebe-se que há um reforço da imagem do Divino Espírito Santo e do patrimônio da cidade, como acontece com as igrejas. O turismo gira em torno do patrimônio cultural que a cidade possui como as igrejas e a festa do Divino Espírito Santo.

Na época da Romaria do Senhor do Bonfim, o movimento é diferente, as pessoas se hospedam e utilizam os serviços do trade turístico de Natividade, mas também não deixam de visitar a cidade e seus locais históricos. O que traz para a discussão os estudos de Comaroff e Comaroff (2009) sobre conceito de comodificação da cultura e a busca por uma autenticidade da identidade cultural, em que a incorporação da identidade e comodificação da cultura faz com que diversos grupos se reinventem a partir da reflexividade sobre suas etnicidades e sobre a comercialização dessas.

A menção ao perfil religioso da cidade está nos monumentos, nas miniaturas esculpidas e vendidas no comércio, no artesanato local, no nome da loja de artesanato, nas fitas do Senhor do Bonfim de Natividade ou na camiseta que leva a imagem do santo.

Quando ativos intangíveis, como a expressão cultural, os lugares, as paisagens, as histórias, as tradições, os rituais e as artes são apropriados por “outros”, colocados em formato de mercadoria – miniaturizados, padronizados e precificados – entende-se que existe uma comodificação da cultura. Nas últimas décadas, observa-se uma intensa reconfiguração espacial de lugares e uma ressignificação identitária de comunidades tradicionais, fatos que alteram as dinâmicas sociais e são tributados a ações de interesse econômico e político (BECK; CUNHA, 2017, p. 140).

Integrando os projetos de vivência cultural em Natividade, agenciados e formatados a partir da consultoria do Sebrae, como o grupo Tia Benvinda, que dança Suça junto aos visitantes, Verônica, coordenadora do projeto explica que

[...] em Natividade, o turismo, os atrativos estão prontos para receber, infelizmente por causa da pandemia não tem conseguido desenvolver, mas para você ter ideia, esse turismo de experiência é uma coisa muito linda, é uma imersão, é a pessoa chegar e sentir a vida do povo simples daqui, conhecer a culinária, conhecer a cultura, colocar a mão na massa mesmo, sabe? Você vai ali no amor perfeito da Tia Naninha e você pega a massa e molda o biscoito, coloca no forno artesanal e em seguida você experimenta o que você mesmo fez, é viver para sentir na pele a experiência daquilo ali. Você vem para uma roda de capoeira, e vai lá fazer o gingado, da forma mais simples possível, mas você faz o gingado, você dança uma suça, você roda uma saia, você faz um batuque (ALBUQUERQUE, 2021, informação verbal)⁸⁹.

Toda essa experiência do roteiro pode despertar o turista para retornar à cidade nos momentos das festas religiosas ou indicar a experiência para um amigo, colega e familiar.

Para os habitantes nativos de regiões situadas fora do circuito turístico de massa, a cultura significa uma ligação aos costumes ancestrais [...] Para os turistas, esta cultura comodificada é vendida em pacotes turísticos, a partir do valor ligado à autenticidade: o turista é convencido a “comprar” e vivenciar as emoções tradicionais dos povos nativos (BECK; CUNHA, 2017, p. 140).

Apesar de todo esse roteiro e investimento no turismo de experiência, Natividade não possui Centro de Atendimento ao Turista (CAT) e também não possui inventário turístico. O Centro de Apoio ao Turista possui área (próxima a Igreja do Espírito Santo), projeto e recurso, porém ainda não saiu do papel. A ex-assessora de Cultura da Prefeitura de Natividade, Vitória Pinto de Cerqueira, informou que todos os Conselhos também estiveram paralisados e sem se reunir. “A cultura ficou aí uns 5 a 6 anos, cinco anos praticamente parado. Quatro anos ela estacionou mesmo. O Conselho Municipal não funcionou, o Conselho Municipal de Cultura e foram várias coisas que não deu andamento nesses últimos quatro anos” (CERQUEIRA, 2021, informação verbal)⁹⁰.

Essa falta de políticas públicas voltadas para o turismo desmotiva os que vivem no lugar, pode ser sentida nas conversas informais com donos dos restaurantes na cidade, artesãos e demais comerciantes que vivem do turismo em Natividade.

⁸⁹ Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. **Entrevista XI**. [mar. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta tese.

⁹⁰ Entrevista concedida por CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese.

Para Hagen (1974, p. 30), o processo de mudança é demorado, tanto na lógica quanto na realidade histórica e que, entende-se que o processo de mudança inicia no indivíduo e nos compromissos que ele assume consigo mesmo e com o meio em que vive. O que nos remete, mais uma vez, aos estudos de Bajoit (2006) e as lógicas de ação.

O diálogo com Bajoit (2006) e Camaroff e Camaroff (2009) auxiliam no entendimento de aspectos mais atualizados das tradições, em certos momentos, adaptadas à modernização. Porém, em alguns desses momentos há os atores que seguram a tradição para que ela não se atualize.

Com relação a atuação do poder público, na cidade não havia até 2020, uma Secretaria de Turismo. Esta foi implantada na gestão atual, como uma Diretoria de Cultura e Turismo. Essa situação não é diferente de outros lugares, como apresentou Pimenta (2014) sobre o município de Piranguçu (MG) em que analisou as estratégias populares de geração de renda, por meio de grupos de artesãos presentes nas cidades de Maria da Fé, Piranguçu e Alfenas, todas localizadas no sul de Minas Gerais, e que deixava desestimulados os associados, pois não havia incentivo à formação de uma rede de turismo relacionando artesanato local. Para o autor, e o que reforça essa ideia para o caso de Natividade, é que “é importante que se pense na possibilidade de construção de canais de comunicação entre poder público e setor privado, também, para fomentar diálogo com esses movimentos organizados, na perspectiva de constituir caminhos para geração de políticas públicas inclusivas” (PIMENTA, 2014, n. p).

Durante a pesquisa de campo e nas diversas visitas à cidade, bem como nas entrevistas dos atores sociais de Natividade e região, o fato que chamou atenção é que a Prefeitura Municipal não “existe” no campo da cultura e do turismo. Há um hiato de ações que os entrevistados relatam, e não só da gestão passada (2017-2020), como também da gestão anterior (2013-2016).

Um exemplo é que ainda durante a pesquisa de campo, antes da pandemia, no dia 15 de agosto de 2019, a sensação de andar no Centro Histórico de Natividade, era de andar com medo e no escuro. O único local do Centro Histórico que estava iluminado e transparecia segurança era na Praça Leopoldo Bulhões, no restaurante Casarão. Antes disso, no dia 9 de junho de 2019, um Domingo de Pentecostes, acontecia a Festa do Imperador do Divino, muitas pessoas de outras cidades estavam no local, não havia nenhum atrativo turístico público (Museu e Loja de Artesanato) aberto. Os únicos locais em que o turista conseguia comer, comprar algo e descansar eram o restaurante Casarão e a loja de biscoitos Amor-Perfeito.

A partir das reclamações das associações e comunidade, a gestão atual da Prefeitura Municipal de Natividade está contratando, por meio de edital, uma empresa que preste assessoria

e consultoria na área de patrimônio, cultura e meio ambiente. Segundo a Diretora de Cultura e Turismo, Mônica Bianchi⁹¹, dentre os 31 pontos que atuará, o vencedor do edital deverá: realizar oficinas, acompanhar o Programa Monumenta e no Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (FUPPAC); Disponibilizar o Calendário Anual Cultural de Natividade contextualizado e com registro fotográfico; Participar de reuniões técnicas com instituições governamentais e paraestatais. E ainda, assessorar na recuperação da Sinalização Histórica nos espaços e imóveis públicos revitalizados pelo Programa Monumenta, com textualização e definições de tipos; Assessorar nas atividades do Museu Histórico de Natividade e em celebrações municipais; Criar e auxiliar a secretaria municipal no cadastro de artistas, artesãos e outras pessoas envolvidas com a área cultural e de turismo em Natividade; Colaborar com a reorganização dos Conselhos Municipais de Turismo, do Meio Ambiente e do Conselho Curador do FUPPAC; Viabilizar/articular apoio municipal aos projetos das maiores festividades do município (Reis, Divino, São João, Romaria Senhor do Bonfim, Padroeira N. Sra. da Natividade, N. Sra. da Conceição); Participar das discussões/elaboração de projetos na área de cultura, turismo, meio ambiente e de economia criativa; além do atendimento a jornalistas e imprensa em geral em assuntos que tratam da história e cultura de Natividade.

Ou seja, contratarão uma empresa para fazer o trabalho de uma Secretaria de Cultura.

No momento em que assumi a Secretaria de Cultura e Turismo, não encontrei nada em relação a pasta, nada foi entregue. Não obtive quaisquer informações sobre tal pasta, não obtive informações necessárias para dar continuidade aos trabalhos, tampouco existia um computador com informações. O turismo em Natividade estava totalmente parado, sem ações para à população local e turística. Nossa principal dificuldade é em relação ao cumprimento da Lei do Voucher. Tendo em vista a não aceitação por alguns empresários e guias/condutores. Enfatizar a Lei do Voucher, para que todos os empresários do ramo turístico cumpram com seu dever, para que o Município consiga angariar mais recursos e reinvestir no crescimento contínuo do Turismo; Criar um site próprio para o Turismo, onde o turista encontrará todas as informações necessárias sobre os meios de hospedagens, restaurantes, bares, atrativos, entretenimento, meio de locomoção, entre outros; Criar a Casa do Artesão, será uma loja onde o turista poderá comprar lembranças e artesanatos locais; Incentivar os proprietários de atrativos que ainda não são utilizados para o Turismo, para que eles iniciem no ramo e ajudem a desenvolver o Município; E, futuramente, buscar sempre a participação do SEBRAE, um importante aliado para o crescimento Turístico Nativitano (BIANCHI, 2021, informação verbal)⁹².

⁹¹ Entrevista concedida por BIANCHI, Mônica Rodrigues Lima Malakowsky. **Entrevista II**. [mar. 2021] Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

⁹² Entrevista concedida por BIANCHI, Mônica Rodrigues Lima Malakowsky. **Entrevista II**. [mar. 2021] Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta tese.

Tentou-se entrevistar o Secretário de Cultura da gestão 2017-2020, mas em nenhum dos números de telefone conseguiu-se êxito. Porém, em entrevista realizada no dia 10 de abril de 2021, a ex-assessora de cultura na gestão passada (2017/2020) da Prefeitura Municipal, Vitória Pinto de Cerqueira, explicou que entrou na pasta da Cultura em meados de 2019, permanecendo 14 meses no cargo, que apresentou para a então prefeita Martinha Rodrigues, um projeto de revitalização da Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira, local que funciona também a Biblioteca Municipal Mestre Zacarias Nunes. Esse mesmo projeto já tinha sido apresentado na gestão municipal 2013-2016.

Então na gestão de 2009-2015, eu apresentei um projeto, mas ele não interessou muito. E eu guardei para mim, quando foi em 2019, eu conversei com a prefeita, porque ali ficou abandonado quase cinco anos, já estava abandonado o prédio e aí eu conversei com ela, se ela poderia me dar essa oportunidade de estar revitalizando, dando vida a essa casa, a esse prédio que estava abandonado. E foi onde ela me colocou lá, aceitou a ideia e me colocou como assessora de cultura, mas o meu objetivo era só fazer a revitalização da Casa Amália. E mediante isso foi que eu entrei para a pasta de cultura de Natividade (CERQUEIRA, 2021, informação verbal)⁹³.

Uma das poucas ações durante quatro anos de gestão foi a revitalização da Casa de Cultura que está em fase de finalização, com previsão para término no primeiro semestre de 2021. Na época, sem colaboradores para auxiliar na reforma e limpeza do local, Vitória firmou parceria com a Cadeia Municipal.

E durante esses cinco meses eu também tive que fazer a limpeza do ambiente, que estava realmente muito deteriorado com cupins e a gente, e assim, na Casa de Cultura era eu e eu mesma, não tinha auxiliar de serviços gerais e isso foi muito difícil. Aí eu consegui ajuda com uma parceria com os reeducandos da cadeia pública do município para fazer essa limpeza pesada. E durante esses cinco meses, nós fizemos isso (CERQUEIRA, 2021, informação verbal)⁹⁴.

Segundo Vitória, o Secretário de Cultura não residia em Natividade e a área da cultura ficou estagnada. “De 2017 até 2020, o que avançou foi a questão de turismo no município porque os próprios comerciantes tocavam só, mas há muito tempo, a gente tem dificuldade com os gestores municipais com apoio para a cultura, principalmente para os prédios municipais” (CERQUEIRA, 2021, informação verbal)⁹⁵.

⁹³ Entrevista concedida por CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese.

⁹⁴ Entrevista concedida por CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese.

⁹⁵ Entrevista concedida por CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese.

Figura 24 - Casa de Cultura de Natividade sendo reformada na atual gestão (2021-2024).



Fonte: Secretaria de Cultura de Natividade (2021)

A atual Diretora de Cultura e Turismo também não é de Natividade. Segundo Vitória Cerqueira, ex-assessora de cultura, ela se sente cobrada pela comunidade por ter feito parte da gestão anterior, mas ela se defende e diz que só estava responsável por um produto: a Casa de Cultura.

Só que assim, uma coisa que eu fico chateada, eu falei pra ele, falei para Simone e falo pra você, é que eu não concordo com o Secretário de Cultura ser de outra cidade, não concordo. Porque a cultura nossa tem uma raiz, e a raiz vem de muito tempo, não é só chegar, pesquisar, é sentir e ter amor. E na nossa cidade, tem muitas pessoas que podem estar à frente da cultura, né? Porque um Secretário de Cultura, ele precisa pelo menos conhecer as pessoas daqui e não conhece. Na gestão passada tive grande dificuldade com essa pessoa também, que veio para ser Secretário de Cultura, que veio de lá [...] E eu tive grande dificuldade, por isso que não foi concluída a revitalização da Casa de Cultura, porque ele queria fazer de um jeito e eu sabia que aquilo não era assim. Até então, ele foi embora e até hoje poucas pessoas sabem que ele passou por lá. Então era eu que as pessoas sabem que estive lá, mas ninguém sabia que eu estava lá só por um produto, né? E acham que era pelo todo (CERQUEIRA, 2021, informação verbal)⁹⁶.

Essa rixa entre o gestor da cultura, ser ou não ser de Natividade, é notória nas entrevistas realizadas durante a produção de dados. Muitos pontuam que com a nova gestão a área da cultura pode melhorar. Ainda sobre a gestão da cultura no município, em conversas informais e entrevistas, os empresários e a comunidade como um todo, reclamavam de como a cidade estava abandonada com relação à manutenção dos espaços turísticos.

⁹⁶ Entrevista concedida por CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese.

Com isso, é necessário que políticas sejam implantadas como incentivo tanto pelo poder público municipal ou estadual, e que escutem a comunidade, para que nenhum projeto surja e seja implantado “de cima para baixo”, uma vez que, no turismo há a interação de múltiplos atores, que se relacionam em diversos graus de interdependência.

Para Carmenizia Cardoso da Silva, guia local em Natividade, é preciso conhecer para pertencer e valorizar. A guia nasceu e cresceu em Natividade, mas passou muitos anos fora da cidade e depois que retornou começou a trabalhar com o turismo.

E, a gente vê de certa forma a cidade evoluindo, mas eu percebo que ela vem evoluindo não pelo investimento dos gestores, percebo que ela evolui pelo espírito empreendedor que o nativitano tem, sabe?. A maioria das pessoas que eu vejo que se deram bem aqui, foram pessoas que conseguiram abrir um negócio e conseguiram prosperar. A gente tem muito desse espírito empreendedor em Natividade, você anda nas casas, antigamente a maioria das mulheres de baixa renda, elas sempre iam trabalhar de empregada doméstica, e hoje em dia não, a gente tem visto esse quadro mudar. Existem pessoas que dizem que é por causa de Bolsa Família ou isso aqui, mas não é, existem muitas pessoas que são empreendedoras. Tem muita mulher que tá fazendo salgado, fazendo doce, fazendo bolo, tá vendendo lingerie, que faz uma unha, que faz uma sobancelha, que faz um monte de coisa. Então assim, isso melhora a situação da pessoa tanto econômica como social. Sem falar que, essa mulher que consegue despertar esse espírito empreendedor, ela acaba tendo mais tempo para sua família, mais tempo para os filhos, melhora a vida como um todo (SILVA, 2021, informação verbal)⁹⁷.

Os atores sociais envolvidos no processo se reconhecem como agentes endógenos capazes de promover o desenvolvimento em sua região, sem depender dos agentes exógenos, como poder público e paraestatal. Fora essa questão de não haver políticas públicas, Natividade enfrenta, na visão desses atores sociais endógenos e exógenos, uma dificuldade com o perfil da comunidade em relação ao turismo.

Tudo que se faz na cidade do interior, a comunidade é mais acomodada e tudo espera pelo prefeito. Espera muito pelo gestor municipal. Porque se fosse em outra cidade, as pessoas mesmos, a comunidade alavanca esse turismo. Já que nós vamos falar a realidade do nosso município: o gestor, o padre, o bispo tudo isso contribuiu e todos ganham. Então, o que falta é isso, falta as pessoas pensarem em rede, as pessoas se juntar. Aqui o turismo está bom, mas precisa melhorar muito ainda. Porque a cidade, nós temos praças, temos recursos para isso e não foi feito porque? Porque o gestor não teve esse olhar, não despertou para isso. Quando o turismo alavancar bastante, o gestor pode perceber o seguinte, que o fluxo de pessoas que vai depender do dinheiro municipal, vai ser menos. Então, o que falta é isso. E também, a comunidade despertar pelo potencial que o município nosso tem e dar valor no que nós temos! Poucas

⁹⁷ Entrevista concedida por SILVA, Carmenizia Cardoso da. **Entrevista XIII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (6 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice N desta tese. 2021.

pessoas são valor, se você chegar, poucas pessoas sabem muito sobre Natividade. Poucas! (CERQUEIRA, 2021, informação verbal)⁹⁸.

Percebe-se que existe uma lógica de organização dos atores na comunidade de Natividade, em que há os agenciamentos em torno das festas religiosas, porém esses mesmos atores não pretendem, por enquanto, afirmar a cidade como um destino para o turismo religioso dentro do Tocantins. Há, na cidade, uma autopromoção de atores isolados ou agrupados por afinidades familiares. E ainda, que as ações são voltadas para o turismo cultural, turismo de vivência e mais recentemente, o turismo de aventura/ecoturismo.

Outro ponto que se observa nas falas dos entrevistados é que ainda não há uma consciência comunitária que o turismo, de uma forma geral e também o turismo religioso, possam ser um atrativo na cidade e gerar renda. Há uma consciência individualizada e falta, portanto, criar e colocar em prática a rede de atores com projetos e ações.

Tem a questão dos hábitos, né? Que é bem difícil você alterar hábitos, porque é o seguinte, o dia a dia você tem a vivência e não tá clara essa questão turística, então hoje a gente tem o restaurante que tem uma visão turística, que é o Casarão. [...] não é só a classe empresarial, têm que ter políticas públicas. Então, é aí que faz falta do poder público aqui em Natividade, assumir a questão turística como primordial. Aí eu acho que tem que tá junto de poder, de discutir, de tá junto com a associação comercial, estabelecer normas. Porque a nossa vida não vai ser mais voltar ao normal, então eu acho que tá no momento de sentar e que já passou do momento, de pensar nisso, nesse novo normal, para que se possa trabalhar de uma forma (ARAÚJO, 2020, informação verbal)⁹⁹.

O gestor do Projeto de Turismo nas Serras Gerais do Sebrae/Dianópolis, Antônio Cursino, ressalta a mesma dificuldade apontada por Simone Camelo, que os próprios comerciantes ou aspirantes à comerciantes não se veem como empresários que fomentam o turismo e que por vezes, a comunidade em si, não quer turista na cidade.

Essa é uma dificuldade que a gente sempre enfrenta lá. E qual a dificuldade que a gente enfrenta em relação ao turismo e a produção associada aqui para a região nossa, porque o empresário ali, o artesão, principalmente o artesão, porque é um dos segmentos que a gente tem mais dificuldade com eles, porque eles não se veem como empresários. Ele faz um negócio por *hobbie*, ele gosta de manipular alguma coisa, gosta de fazer o crochê, gosta de fazer o artesanato, mas ele faz porque ele gosta. São poucos deles que vê aquilo ali como uma fonte de geração de renda, e a maioria deles têm outras fontes de geração de renda, que é a principal geração de renda dele. E ele faz o artesanato por *hobbie*. Então, para ele, no dia do festejo, ele quer aproveitar o festejo na cidade em vez de aproveitar a oportunidade para gerar emprego e renda. E o Sebrae tem feito

⁹⁸ Entrevista concedida por CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese.

⁹⁹ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

muito esforço para mostrar para eles, que eles podem viver só disso e mais além, eles podem enriquecer com isso. É tanto que nós fizemos várias missões com eles, e temos uma previsão e queremos fazer uma específica só de turismo religioso, mas já fizemos missão com eles para Pirenópolis (GO), para alguns conhecerem a realidade de Pirenópolis, como você vivencia o turismo lá, a questão da gastronomia, do artesanato, pra onde você vai, você compra. Em qualquer lugar que você passa, tem folder, tem informação, sabe quem vende, você pode comprar em qualquer horário, tudo aberto. E lá em Natividade, a gente tem tentado fazer isso, mas a comunidade em si, são poucos que veem como um negócio mesmo. E mesmo assim, evoluiu muito (CURSINO, 2020, informação verbal)¹⁰⁰.

O desenvolvimento deve partir da comunidade, da iniciativa e do comprometimento dos atores endógenos para encontrarem o caminho ideal na promoção do turismo religioso, não deixando de lado o apoio dos agentes exógenos na construção desse modelo.

Para que se possa entender como estão sendo pensadas as políticas públicas para o turismo na região das Serras Gerais e conseqüentemente, para Natividade, o próximo tópico aborda o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) para a região. Apesar de não ter força de lei, o plano serve como base para implantação de projetos a curto, médio e longo prazo. Ressalta-se que o plano, no que tange o turismo cultural, não traz novidades e omite alguns eventos de relevância em Natividade.

5.2. Políticas públicas nas Serras Gerais: o que planeja o poder público?

O cenário que se tem buscado é a implantação de políticas públicas direcionadas à promoção do desenvolvimento econômico, por meio do desenvolvimento endógeno, em que há a interação de todos os atores envolvidos no processo. Assim, todas as vozes são ouvidas e participam do processo de desenvolvimento da sua comunidade.

A atuação do Sebrae/Dianópolis nos últimos anos da região foi de grande importância para a capacitação da população local para o turismo, incluindo a instituição de guias turísticos, criação de agências e operadoras turísticas para trabalharem na região das Serras Gerais, colaborando junto com os Comitês Municipais dos 9 municípios na elaboração dos planos

¹⁰⁰ Entrevista concedida por CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese.

municipais de turismo para estruturar e planejar a atividade turística na região, além de ajudar na elaboração de produtos turísticos a partir dos atrativos locais.

A Universidade Federal do Tocantins em Arraias oferta o Curso Tecnólogo em Turismo Patrimonial e Socioambiental na região, que tem como princípio a formação humana, o desenvolvimento sustentável numa perspectiva que harmoniza o imperativo do crescimento econômico com a promoção de equidade social e a preservação do patrimônio natural, garantindo assim que as necessidades das atuais gerações sejam atendidas sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras.

Muitas pessoas vão embora da região porque não tem renda extra, não tem oportunidade de emprego. A região sudeste é conhecida como corredor da miséria e o estado foi criado, desenvolveu ali para o Norte, centro norte, e nós ficamos longe das rodovias, não temos indústrias, não temos grandes empreendimentos, e aí quem é empregado da prefeitura ou do estado ou tem um comércio vai sobrevivendo e quem não tem vai minguando. E aí, eu já vi várias famílias indo embora para poder conseguir oportunidade de estudar os filhos, de conseguir alimentar melhor suas famílias. A hora que a população local perceber que a conservação, entende? Dá dinheiro, eles vão poder ganhar dinheiro aqui e não vão precisar ir embora. É vendendo artesanato, é vendendo a farinha de mandioca, é frango caipira, na visitação dos atrativos. O turista não vem lá de São Paulo para ouvir som automotivo, para ir em balneário, não é esse o objetivo (CASTRO, 2020, informação verbal)¹⁰¹.

Com base nessas ações e atividades independentes da própria comunidade na região e especificamente em Natividade, o poder público estadual por meio dos seus órgãos, neste caso a ADETUC, contratou as empresas: SPI - Sociedade Portuguesa de Inovação, THR - Assessores em Turismo, Hotelaria e Recreação, OIKOS - Pesquisa Aplicada LTDA e T4 - Consultoria em Turismo (Consórcio SPI, THR, OIKOS, T4) para serviços de consultoria para Revisão da Política Estadual e Elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) de quatro Regiões Prioritárias: Serras Gerais, Peixe, Vale dos Grandes Rios e Bico do Papagaio.

Assim, o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) foi elaborado de acordo com os incentivos do Ministério do Turismo e com base no Plano Nacional de Desenvolvimento Turístico, o PDITS propõe desenvolver o turismo com sustentabilidade em Regiões Turísticas prioritárias no estado do Tocantins.

O PDITS estabelece as bases para a definição de ações, as prioridades e a tomada de decisão por parte de agentes públicos e privados. Este se torna, por isso, no instrumento técnico de eleição para a gestão, coordenação e condução das decisões de política pública. Ao melhorar

¹⁰¹ Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

a capacidade empresarial, direcionar os investimentos e o acesso ao mercado turístico, o PDITS contribui de forma decisiva e substancial para o desenvolvimento do setor turístico.

O Plano tem o objetivo de orientar o crescimento e o desenvolvimento do turismo sustentável na região das Serras Gerais ao promover ações de menor impacto socioambiental, ampliar o papel do turismo na economia local e promover a melhoria da qualidade dos serviços.

Maria Antônia Valadares de Souza, Superintendente de Operações Turísticas e Projetos Estratégicos Perguntas da Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa (ADETUC), explicou que o PDITS vai

[...] oferecer subsídios sobre o potencial e as estratégias para o desenvolvimento do turismo da região [...] não necessita de publicação. O PDITS é um documento norteador para, a partir, dele tanto os municípios quanto o estado investirem na política pública da região Serras Gerais. É um documento que dá uma linha orientativa e por isso não é uma lei. [...] O turismo de aventura e o ecoturismo são os dois segmentos de maior procura/demanda pelos turistas (SOUZA, 2020, informação verbal)¹⁰².

Sobre a elaboração do PDITS, a superintendente explica que

A metodologia em si foi contratada uma empresa especializada através de recursos do Banco Mundial que financia alguns projetos do governo do Estado. A metodologia foi participativa com várias oficinas e reuniões tanto com os municípios da região com também com os conselhos de turismo e as empresas do setor. [...] O segmento turístico ele é mais identificado pelas pesquisas de demanda turística, ou seja, quanto se pergunta para alguém que mora em São Paulo, por exemplo porque ela viria para Tocantins? As respostas teria que aparecer de forma significativa que seria o turismo religioso (SOUZA, 2020, informação verbal)¹⁰³.

Com base nos dados apresentados no plano os segmentos mais interessantes, na opinião dos visitantes atuais são cinco: turismo gastronômico, turismo de sol e praia, turismo de natureza, turismo de aventura e ecoturismo. Dentre esses, destacam-se os segmentos de natureza e ecoturismo que sintetizam bem a atual oferta turística da região e despertam o interesse de 73,9% e 78,4% dos visitantes, respectivamente. Os segmentos considerados de baixo potencial foram o turismo rural, o turismo religioso, o turismo étnico, o turismo de pesca e o turismo de estudos.

Para a devida impulsão desses cinco segmentos menos potenciais será necessário identificar nichos de mercado, isto é, delinear os perfis de consumidores que potencialmente se

¹⁰² Entrevista concedida por SOUZA, Maria Antônia Valadares de. **Entrevista I**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

¹⁰³ Entrevista concedida por SOUZA, Maria Antônia Valadares de. **Entrevista I**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

interessariam por tais segmentos. O Plano apresenta que a maior parte dos visitantes (80%) conhece outras cidades e regiões do estado do Tocantins, por isso é provável que tenham sido capazes de identificar nas fotografias destinos turísticos visitados anteriormente, passando a julgá-los não só pelas imagens que viram, mas também de acordo com suas próprias experiências de viagem.

Dentre os locais turísticos mencionados, o Jalapão aparece muito à frente de todos os outros, tendo sido indicado por 50,6% dos visitantes. Os demais locais foram lembrados por 10% ou menos dos entrevistados.

Apesar do grande potencial turístico existente na região das Serras Gerais, o fluxo de turistas ainda é pequeno e de abrangência regional. Os visitantes, em sua maioria, residem no próprio Tocantins ou nos estados vizinhos, como Goiás e Bahia. A permanência média na região das Serras Gerais é de 1,6.

Ainda de acordo com o PDITS, a simplicidade e pouca diversidade dos estabelecimentos de hotelaria e alimentação não motivam os visitantes, que também se incomodam com a precariedade das estradas que dão acesso aos atrativos. Por outro lado, os visitantes reconhecem e se encantam com a beleza cênica e singularidade dos atrativos naturais e histórico-culturais existentes na região, afirmando seu desejo de retornar ao destino no futuro.

A **religiosidade** é igualmente uma marca da região, na qual se destacam os municípios de Taguatinga e Natividade. Os cortejos, corridas de cavaleiros e a cavallhada, assim como uma representação da batalha medieval entre cristãos e mouros são característicos em Taguatinga. A “Festa do Divino” em Natividade é um ritual com forte influência portuguesa e do período escravocrata, incluindo cantos, louvação e a missa solene dos Romeiros. As festas religiosas são um importante ponto de atração turística nas Serras Gerais, atraindo todos os dias milhares de turistas à região. De ressaltar a **vertente mística** na região, através do Labirinto Místico da líder espiritual Dona Romana. Este santuário inclui diversas figuras humanas, pássaros gigantes, portais e seres cósmicos esculpidos em pedra como mensageiros do mundo espiritual (PDITS, 2019, p.5) (grifo nosso).

Um detalhe nessa parte do plano é que citam a Missa dos Romeiros, uma programação da Romaria do Senhor do Bonfim, como evento vinculado à Festa do Divino Espírito Santo em Natividade.

A definição da estratégia teve como base a etapa de diagnóstico do PDITS, e pretende guiar as seguintes etapas do projeto, no sentido de estabelecer as prioridades para o desenvolvimento turístico das Serras Gerais, quer em nível de localização, de segmentos de investimento, promoção prioritária e de estruturação de uma estratégia para as cinco

componentes que guiam todo o PDITS, como Produto Turístico, Comercialização, Fortalecimento Institucional, Infraestrutura e Serviços, e Gestão Ambiental.

O PDITS apresenta ainda, uma pesquisa de demanda atual para as Serras Gerais e a demanda potencial do estado do Tocantins. No que tange a pesquisa de demanda atual, das pessoas que já visitaram a região das Serras Gerais, a maior parte dos turistas era oriunda de cidades do próprio estado do Tocantins (59,9%), com forte presença também de visitantes dos Estados que fazem fronteira com a porção sudoeste do Tocantins, ou seja, Bahia, Goiás e Distrito Federal, que representaram 31,9% dos visitantes. Apenas 7,1% dos visitantes tiveram origem nas regiões sul e sudeste do Brasil, sendo os estados de Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina os únicos representados na amostra. “Para 54,7% dos visitantes, essa havia sido sua primeira viagem às Serras Gerais. Os demais 45,3% já conheciam a região, mas apenas 19,2% costumam frequentar o local com regularidade, ou seja, uma ou mais vezes ao ano” (PDITS, 2019, p. 58).

Ainda na demanda atual, 99,4% organizaram suas viagens por conta própria, utilizando informações dadas por amigos e parentes em 76% dos casos. Apenas 10% dos turistas colheram informações na internet e 8% viram informes na TV ou no rádio. Guias turísticos impressos e revistas especializadas foram consultados por 6% dos visitantes apenas. A maioria dos visitantes (54,7%) trabalham como assalariados em organizações públicas ou privadas e 27,9% são empresários ou profissionais liberais. Já os estudantes representaram 9,9% dos visitantes.

Para o estudo de demanda potencial do Tocantins, foram definidos para produção de dados primários, locais com grande fluxo de turistas/visitantes que possuem o perfil desejável para a pesquisa: interesse e disposição para viajar, proximidade do polo receptor e capacidade financeira para viagens domésticas.

A pesquisa apresentada no PDITS foi realizada entre 2017 e 2019, coletando 817 amostras nos aeroportos de Brasília (DF), Guarulhos - São Paulo (SP), Fortaleza (CE) e Belo Horizonte (MG). Do perfil desses respondentes, que foram base para elaboração do PDITS das Serras Gerais, tem-se que 31,6% viajam acompanhados do esposo(a), namorado (a) ou companheiro (a); 15% viajam no mês de julho e 28% no mês de dezembro; 73% organizam a viagem por conta própria; utilizam como fontes de informação, sites de reserva (30,2%), amigos/parentes (26,8%) e agências de viagem (17,1%); 63% possuem nível superior de escolaridade; da faixa etária, tem-se 36,4% entre 26 a 25 anos e 32,5% de 36 a 50 anos; a renda dos entrevistados era de R\$ 3.748,01 a R\$ 9.370,00; segurança, acessibilidade digital (telefone e internet) e atrativo de lazer estruturado, além de boas referências da localidade estão entre os itens mais mencionados no perfil quando da escolha de um destino. “Dentre os entrevistados,

37% tem seu domicílio na região Sudeste (SP, MG e RJ, ES), maior polo emissor de turistas no Brasil. Vale ressaltar que visitantes dos estados limítrofes de Tocantins também foram identificados na pesquisa com destaque para BA, DF, MT e GO” (PDITS, 2019, p. 77).

Na metodologia da pesquisa de demanda potencial foram utilizados cartões com imagens dos segmentos turísticos e atividades que já existem e são oferecidas no Tocantins, porém sem revelar a identidade do destino sobre o qual a pesquisa tratava. Foram apresentadas fotos dos segmentos de ecoturismo, sol e praia, aventura, pesca, étnico, observação de aves, religioso e contemplação. Vale ressaltar que utilizaram a imagem das Ruínas da Igreja N.S. Rosário dos Pretos de Natividade como representante do segmento religioso.

De acordo com as respostas obtidas, os segmentos com maior atratividade para o público pesquisado são: sol e praia, ecoturismo, turismo de contemplação e turismo de aventura.

Figura 25 - Imagens utilizadas durante a pesquisa de demanda para as Serras Gerais no PDITS.

Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável
Proposta Final do PDITS para as Serras Gerais



Figura 47. Imagens do Cartão 1 – utilizado na pesquisa

Fonte: PDITS, 2019

“Lembrando que 79% dos entrevistados ainda não conheciam nenhum município ou região do estado do Tocantins, esses foram questionados a respeito das razões que os mantinham afastados desse destino turístico” (PDITS, 2019, p. 103). Assim, a maioria dos entrevistados (42,7%) informou que não o fez por falta de oportunidade e 24,9% revelou que não possuía interesse em visitar o destino.

Ainda, 47,1% só ouviu falar do Jalapão, 21,3% nunca ouviu falar de nenhuma região turística do Tocantins e 8,1% já tinham ouvido falar da região das Serras Gerais. “A maioria dos entrevistados (58%) já ouviu falar do destino, porém o número de indivíduos que não ouviu falar

do estado de Tocantins é muito alto” (PDITS, 2019, p 104). Cerca de 20% dos entrevistados que nunca visitaram o estado, o desconhecimento do destino e falta de informação/divulgação são os principais fatores de não o terem visitado ainda.

Percebe-se que das duas pesquisas (atual e potencial) para definirem as políticas que serão implantadas nas Serras Gerais, alguns dados básicos chamam a atenção, principalmente com relação ao perfil de renda, escolaridade e faixa etária dos turistas. No caso da faixa etária, há dois grupos: 26 a 35 anos e o grupo de pessoas de 36 a 50 anos. Na demanda atual, a faixa etária de 26 a 34 anos corresponde a 31,6% e de 35 a 50 anos é de 27,2%. Na demanda potencial, a pesquisa apresenta que 36,4% dos entrevistados possuem 26 a 35 anos e 32,5% na faixa de 36 a 50 anos.

No caso da renda na demanda atual, no PDITS, no valor de R\$ 3.800 a 9.500 equivalem a 65,8% e 47,3% na demanda potencial. A maior diferença é no grau de escolaridade, em que na demanda atual, o percentual de nível superior e com pós corresponde a 39,5% e na demanda potencial 63%. “O perfil jovem e o baixo nível de instrução da maioria dos visitantes justificam o perfil de renda também mais baixo” (PDITS, 2019, p. 54). Porém, grosso modo, não há uma grande diferença entre a demanda dos turistas que já visitam a região com os potenciais turistas. Necessita-se de divulgação dos destinos e olhar voltado para demais nichos, como o turismo religioso e cultural, uma vez que até a forma de “informar” na pesquisa sobre o turismo religioso, nosso objeto de estudo, é deturpada uma vez que esse turismo é feito por pessoas, nas relações sociais e não com a imagem das Ruínas da Igreja de N.S. Rosário dos Pretos, patrimônio arquitetônico e histórico de Natividade.

Outro ponto importante que aparece no PDITS é que “corroborar o fato de que a imagem do estado está extremamente atrelada **apenas** à imagem do Jalapão, região apontada por muitos entrevistados ao serem questionados sobre o que ouviram falar do destino turístico” (PDITS, 2019, p. 108) (grifo nosso).

De acordo com o Plano, Natividade está na área de prioridade no desenvolvimento do turismo. “No caso de Natividade, é o destino na melhor situação de toda a região, o que exige mais inovação de produtos e experiências no destino, além de melhorias em suas instalações turísticas” (PDITS, 2019, p. 238).

Desenvolvimento prioritário: Turismo Cultural, Turismo Étnico e Turismo Religioso. O Turismo Cultural, embora conte com alta competição de outras regiões do Brasil, nas Serras Gerais adquire características de interesse para a demanda e de alto valor para a oferta, fazendo com que a oferta seja estruturalmente distinta na região. Este tipo de turismo deve ser desenvolvido prioritariamente, para agregar valor ao turismo das Serras Gerais e de todo o estado do Tocantins. O Turismo Religioso deve ser desenvolvido a partir do

Turismo Cultural, como complemento que agrega elementos culturais aos destinos. O mesmo para o Turismo Étnico, resgatando uma agenda de atividades tradicionais, comunitárias e religiosas que agreguem valor à parte cultural das Serras Gerais (PDITS, 2019, p. 243).

A estratégia de trabalho e investimento nos destinos e produtos selecionados divide-se em dois grandes momentos dentro do PDITS: curto prazo que levará de 2 até 3 anos e o médio/longo prazos com período previsto de 3 anos até 8 anos.

Tabela 2 - Prazos estabelecidos no PDITS das Serras Gerais.

Curto	Médio	Longo
Ordenar, desenvolver e promover os segmentos turísticos das Serras Gerais em conjunto com as atividades do SEBRAE na região: ecoturismo, turismo de aventura, cultural e religioso;	Aumentar o fluxo de turistas, o tempo de permanência e gasto médios dos turistas nas Serras Gerais;	Fomentar a geração de emprego e renda por meio do estímulo às atividades de turismo sustentável reduzindo disparidades sociais e econômicas, promovendo a inclusão social e a distribuição de renda;
Identificar as necessidades de infraestrutura de serviços e equipamentos das Serras Gerais;	Impulsionar a prática do turismo sustentável, promovendo e incentivando a adoção de modelos de menor impacto socioambiental;	Estimular a melhoria da gestão municipal para o turismo;
Estruturar ações e instrumentos para a promoção, divulgação e comercialização das potencialidades turísticas das Serras Gerais;	Incentivar a participação da comunidade indígena, rural e quilombola na prestação de serviços turísticos, numa lógica de preservação da sua identidade e do seu ecossistema;	
Estruturar projetos e ações que facilitem a captação de recursos e investimentos para as atividades turísticas das Serras Gerais;	Estimular a preservação da identidade cultural das comunidades e populações tradicionais envolvidas com a atividade turística;	

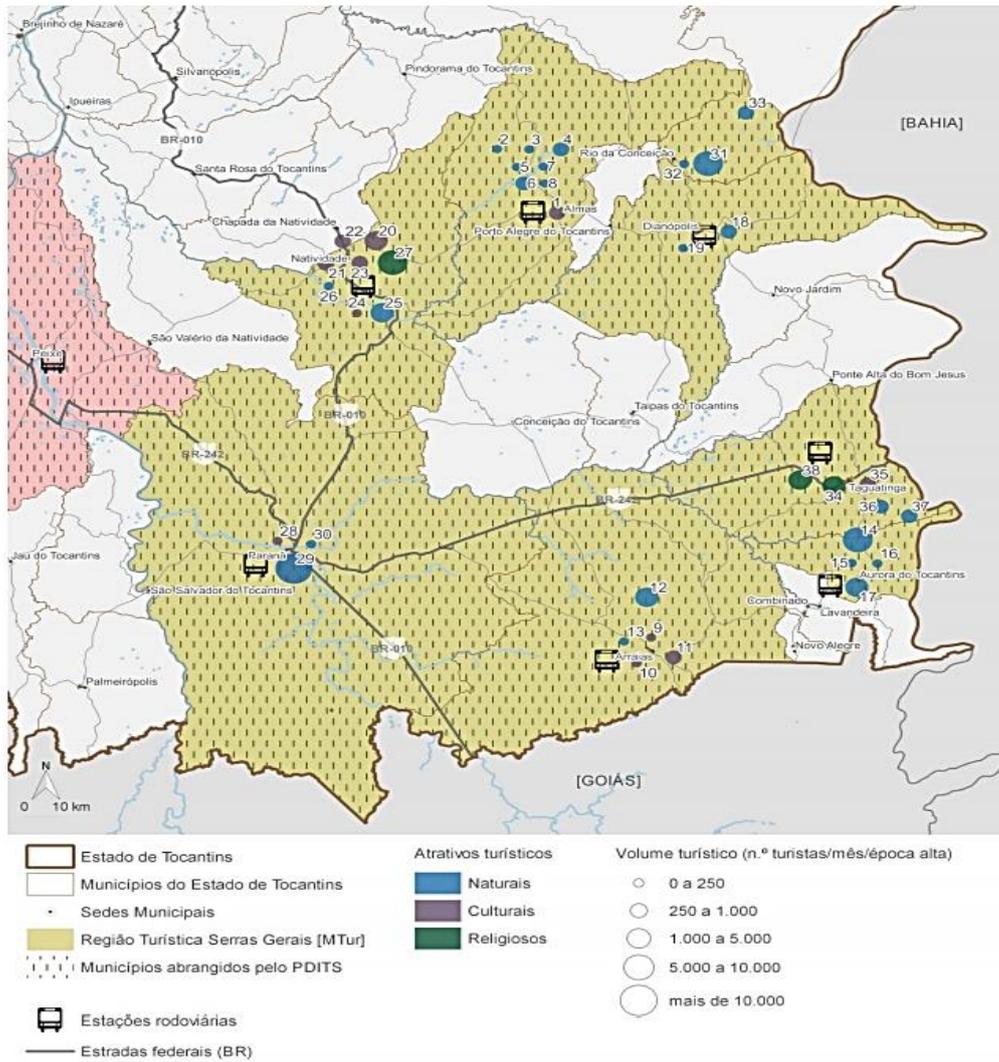
Fonte: PDITS, 2019

O Plano também analisou o volume turístico na região das Serras Gerais e a cidade de Natividade apresenta maior volume no quesito de atrativos “Religiosos” do que nos atrativos “Culturais”. O volume turístico analisa a quantidade de turistas, o mês e a época de alta temporada.

O levantamento do PDITS aponta que no atrativo religioso 27 (Festa do Divino Espírito Santo de Natividade) o volume é de 5 a 10 mil pessoas. No atrativo cultural 20 (fábrica de biscoito Amor Perfeito) o volume turístico é de 1 a 5 mil pessoas, nos atrativos 21, 22 e 23, sendo respectivamente: pacote turístico/produto Vida de Natividade, Filigranas e *tour* histórico correspondem com um volume turístico de 250 a 1.000 pessoas. E, no atrativo 24, Trilha do Ouro, o volume de visitantes ficou entre 0 a 250 pessoas. Dos atrativos naturais, a Cachoeira

Paraíso (25) configurou com volume turístico de 1.000 a 5.000 pessoas, e os Poções (26) com média de 0 a 250 pessoas na média do volume turístico.

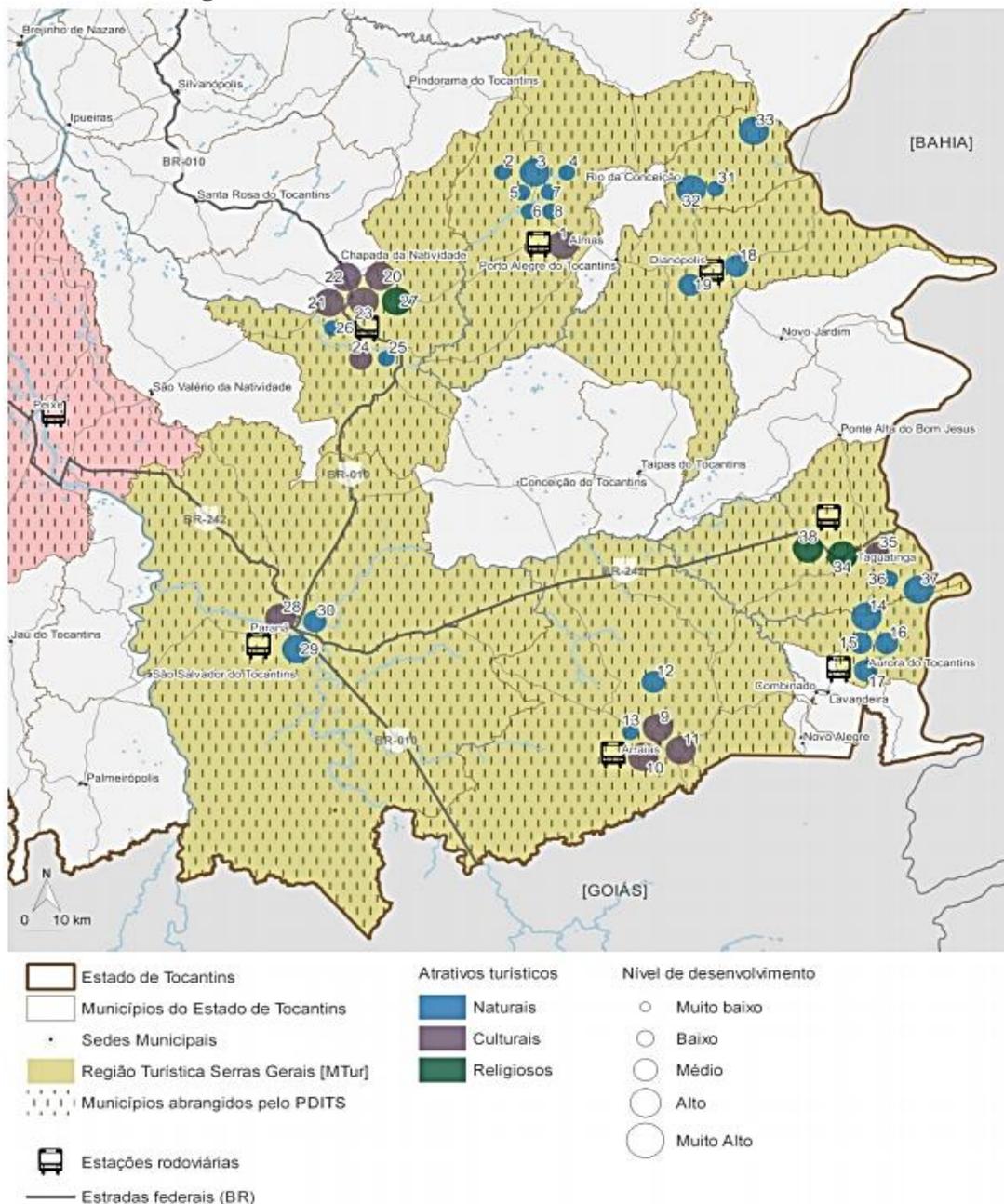
Figura 26 - Volume turístico na região das Serras Gerais.



Fonte: Consórcio SPI/THR/OIKOS/T4 (PDITS, 2019).

A partir dos mapas disponibilizados no PDITS, percebe-se que Natividade é uma cidade com desenvolvimento turístico na área cultural e natural, com mais destaque para o cultural, e pouco para o religioso. Porém, seu volume turístico maior é na esfera religiosa.

Figura 27 - Desenvolvimento turístico das Serras Gerais.



Fonte: Consórcio SPI/THR/OIKOS/T4 (PDITS, 2019).

De acordo com o mapa acima, que consta no Plano e apresenta o potencial para o desenvolvimento turístico, percebe-se que em Natividade as tipologias de turismo são: cultural, natural e religioso. Dos atrativos turísticos culturais da cidade, o PDITS apresenta:

- No item 20, a fábrica de biscoito Amor Perfeito (Tia Naninha) com índice 3 de volume turístico e índice 4 na classificação de acordo com o desenvolvimento turístico;

- No item 21, o produto Vida de Natividade (dança suça, *city tour* e café colonial) com índice de volume turístico 2 e índice 4 na classificação de acordo com o desenvolvimento turístico;
- No item 22, aparece o atrativo cultural Filigrana também com índice de volume turístico 2 e índice 4 na classificação de acordo com o desenvolvimento turístico;
- No item 23, o Tour histórico na cidade também com índice de volume turístico 2 e índice 4 de acordo com o desenvolvimento turístico; e,
- No item 24, a Trilha do Ouro com índice de volume turístico 1 e 3 como índice do desenvolvimento turístico.

Na categoria de atrativos naturais em Natividade foram catalogados dois produtos, no item 25, a Cachoeira do Paraíso com índice 3 de volume turístico e 2 na parte de desenvolvimento turístico, e no item 26, os Poções com índice de volume turístico 1 e 2 na classificação de acordo com o desenvolvimento turístico.

Nos atrativos religiosos para a região das Serras Gerais, aparecem: a Festa do Divino Espírito Santo e o Labirinto Místico da Dona Romana, ambos em Natividade, e os Festejos de Nossa Senhora d'Abadia, no município de Taguatinga. Na avaliação do PDITS, a Festa do Divino Espírito Santo (27) aparece com índice de volume turístico 4 e o desenvolvimento turístico também com 4. O Labirinto Místico da Dona Romana aparece no PDITS como pertencendo à cidade de Taguatinga, porém o mesmo está localizado em Natividade. O Labirinto possui volume turístico de 3 e desenvolvimento turístico com índice 4.

Sobre a justificativa para inclusão da Festa do Divino Espírito Santo nos atrativos religiosos no plano,

Os custos para sua realização estão cada vez mais altos e atualmente existe uma dificuldade para obter financiamento. Considerando sua relevância para o estado é fundamental garantir no futuro que existem parcerias que apoiem de forma sustentada e significativa a realização da Festa do Divino Espírito Santo. Tratando-se de um dos maiores eventos do Tocantins, atraindo um fluxo turístico considerável, é essencial a obtenção de apoio financeiro para garantir a continuidade da realização do evento (PDITS, 2019, p. 116).

Sobre o Labirinto Místico, o plano faz a seguinte justificativa:

É um local de caráter espiritual e que representa o universo holístico da líder espiritual Dona Romana, do Centro Bom Jesus de Nazaré. Este local é representativo do turismo místico de Natividade que, segundo a Dona Romana, faz a ligação com “guias superiores” através das diversas figuras construídas no local pela própria, e cujo propósito é salvar a humanidade a um futuro de grandes transformações. Visitantes de todo o país visitam o labirinto místico em busca de orientação espiritual (PDITS, 2019, p. 117).

Porém, enquanto atrativo turístico do PDITS, a Romaria do Senhor do Bonfim, localizada na comunidade do Bonfim, município de Natividade que movimenta centenas de milhares de romeiros, todos os anos, no mês de agosto sequer aparece na relação dos 38 atrativos turísticos mais relevantes das Serras Gerais. Por que a Romaria não aparece no Plano que será o instrumento basilar para a implantação das políticas públicas em curto, médio e longo prazo no turismo das Serras Gerais?

Apesar de nunca ter ido às festas religiosas de Natividade (informação verbal)¹⁰⁴, a superintendente da ADETUC, Maria Antônia, acredita que Natividade possa ser destino de turismo religioso, pois “tem potencial para isso”, mas falta “maior divulgação focada no evento”. Sobre a influência de que o ecoturismo possa incentivar o turismo religioso ou vice-versa, ela explica que “são bem diferentes. Os públicos não buscam os mesmos objetivos, portanto não tem influência um no outro”, porém o PDITS incentiva esse tipo de estratégia.

Após esta seção estará completo o diagnóstico estratégico que servirá de base para as próximas etapas do PDITS, nomeadamente a estruturação da estratégia e dos planos de ação [...] A identificação dos segmentos principais e complementares, e de quais os atrativos que compõem cada segmento é fundamental para o correto direcionamento de recursos no planejamento do setor, a médio e longo prazo. Por outro lado, a construção da imagem turística da região das Serras Gerais será baseada necessariamente nos segmentos turísticos com maior potencial distintivo desta região. A partir da análise realizada no presente diagnóstico estratégico são considerados como principais segmentos das Serras Gerais o “Ecoturismo” e “Turismo de Aventura”. Como segmentos complementares a região apresenta o “Turismo Cultural”, “Turismo Religioso” e “Sol e Praia” (PDITS, 2019, p. 202).

É fato que o governo do Tocantins tem investido para promoção do turismo em Natividade, mas são ações pontuais como aponta a superintendente. “De uma forma geral e também em atividades específicas para o turismo religioso. O governo faria isso (ajudar nas festas) esse ano se não fosse a pandemia do novo coronavírus. [...] Seria a gente fazer material promocional, divulgação do evento, ajudar o povo lá a organizar o evento de forma melhor, esse tipo de coisa” (SOUZA, 2020, informação verbal)¹⁰⁵.

Para Fernanda Taiã, presidente da Assegtur e proprietária de agência de turismo na região, toda essa política definida no PDTIS para as Serras Gerais:

¹⁰⁴ Entrevista concedida por SOUZA, Maria Antônia Valadares de. **Entrevista I**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

¹⁰⁵ Entrevista concedida por SOUZA, Maria Antônia Valadares de. **Entrevista I**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

Tá só no papel. Teve uma reunião em Palmas, que eu questionei o quê que vai ser efetivamente, seria feito nas Serras Gerais? Aí enrolaram, e não sei o que, e diziam “tá lá no plano, tá lá no plano”, mas não soubera dizer. E, muitas coisas que fazem para poderem cumprir metas, no papel, mas que efetivamente não chega. A nossa associação é nova e agora já virou uma instância de governança e o nosso próximo objetivo é esse: nos aproximar mais do estado, conseguir com que chegue alguma coisa aqui efetivamente, pois a luta é muito grande (CASTRO, 2020, informação verbal)¹⁰⁶.

Assim, independente da pandemia, nunca houve ação do poder público com relação à região das Serras Gerais, a não ser em época eleitoral (que será demonstrado nos próximos tópicos) e nas festas religiosas, como a Romaria do Senhor do Bonfim (que sequer foi citada no plano) e a Festa do Divino Espírito Santo. Fernanda Taiã reforça ainda que a Assegtur se tornou a primeira instância de governança e que a associação começou de um jeito atípico de outras regiões, em que geralmente as regiões “estouram”, recebem uma demanda muito grande e aí eles vão organizar para poder lidar com essa demanda. Os membros da Assegtur fizeram missões técnicas junto com o Sebrae, fizeram cursos de adequação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), sobre a capacidade de carga em cada atrativo, o quanto pode comportar de pessoas naquele atrativo.

As políticas públicas nas Serras Gerais elas não existem ainda, pode ter algum documento por aí perdido que fala alguma coisa bonita, mas especificamente não tem nada sendo aplicado pelo estado aqui. Nesse momento, nós fomos a primeira instância de governança, reconhecida no estado, nosso documento está lá no jurídico do estado para ser analisado e formatado para ser usado como modelo para outras instâncias que vão vir. E o que a gente percebe é que tudo foi voltado para o Jalapão e Ilha do Bananal, e é isso que a gente tá lutando, para que olhem para as Serras Gerais, que reconheçam o valor e que estendam essa política para cá. Nós precisamos de sinalização. Um turista chega no aeroporto, ele não sabe que existe Serras Gerais, não tem nenhuma foto das Serras Gerais lá para ele ver, tudo é voltado para o Jalapão. E, a gente se sente muito esquecido, deixado de lado aqui, mas quem não chora não mama. E é por isso que a gente tá correndo atrás desse reconhecimento para poder essas políticas chegarem aqui. Lá fora as pessoas não sabem o que é o Tocantins, elas sabem o que é Jalapão (CASTRO, 2020, informação verbal)¹⁰⁷.

O presidente da ACINAT, Manoel Salvador, ressalta que não tem políticas públicas e nem infraestrutura básica ou apoio do poder público em áreas como saúde e educação, principalmente a educação superior.

¹⁰⁶ Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. 2020. [ago.2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020.1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

¹⁰⁷ Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. 2020. [ago.2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020.1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

E isso a gente tem debatido, pois nós não temos um hospital estadual, o município não suporta atender a demanda, aí inclui os municípios vizinhos que precisam do hospital de Natividade e que naturalmente não suporta. E precisa de uma participação do Estado, urgentemente, a questão da saúde e como na questão também na segurança, melhorar mais a segurança, trazendo segurança para as pessoas investirem mais. [...] Outra questão que a gente vem batendo, uma faculdade para nosso município aqui. Falam que é o berço cultural, que tem uma história muito bonita, precisava pelo menos ter um curso universitário aqui porque as pessoas que não tem condição de sair, pudessem estudar aqui, né? E isso poderia ajudar os jovens aqui. Tudo longe. E aqui uma faculdade beneficiaria os jovens das cidades vizinhas, como São Valério, Chapada, Almas e Conceição (MOURA, 2020, informação verbal)¹⁰⁸.

Apesar da Universidade Federal do Tocantins (UFT) ter cursos de Turismo, Direito, Pedagogia e Matemática no campus de Arraias, a cidade fica distante 190 km de Natividade, o que inviabiliza a saída dos jovens para estudar, pois a maior parte das famílias não possuem condição financeira para tal. A guia de turismo, Carmenizia Cardoso, também pontua a falta de investimento na educação superior no município.

Eu vejo Natividade como uma cidade ainda bastante oligarquista e carrancuda, os filhos dos ricos quando terminam o fundamental ou metade do Médio já vão embora, já tem oportunidade de sair, de estudar. Agora, de uns 10 a 15 anos para cá, a gente observa que já tem voltado muita gente e nós já temos serviços que antes não tínhamos, como especialista em odontologia, fisioterapeuta, várias áreas que nós não tínhamos e hoje nós temos, essa questão de serviço, aquilo e aquilo outro. Só que para população de baixa renda, ainda existe esse obstáculo, porque as pessoas que não tem condições, não tem como mandar seus filhos para fora para estudar. Hoje, eu me vejo nessa situação com uma filha de 15 anos dentro de casa, e eu ainda não consegui fazer um curso superior, e daqui cinco anos ela vai precisar ingressar no curso superior. Então a gente fica com todas essas questões. Hoje aqui, nós temos um polo do IFTO, desde o ano passado já vinha acontecendo os cursos, mas agora vai ter esse polo para fazer EAD também. [...] Sempre quando há as campanhas eleitorais, eles pontuam coisas, por exemplo, nós temos aqui cursos profissionalizantes, mas temos técnico em agropecuária, inclusive eu fiz técnico em agropecuária e pensei: “poxa, é a oportunidade que eu tenho”, e técnico em agronegócios, só que é no IFTO. E no Colégio Agropecuário tem técnico em agropecuária e três ou quatro cursos que não me engano. Mas veja: se você se forma em técnico em agropecuária, é necessário principalmente sair daqui da região, e tem muita gente que já conseguiu sim se estabilizar, profissionalmente e financeiramente, fazendo esses cursos, mas saindo de Natividade (SILVA, 2021, informação verbal)¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Entrevista concedida por MOURA, Manoel Salvador. **Entrevista VIII**. [set. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (32 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta tese.

¹⁰⁹ Entrevista concedida por SILVA, Carmenizia Cardoso da. **Entrevista XIII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (6 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice N desta tese. 2021

Uma cidade com carências e pouca previsão ou incentivo para investimentos no local, por meio das políticas públicas, é um dos termos mais mencionados entre os entrevistados. Porém, segundo o PDITS, a estratégia definida para a região se dará a partir de cinco áreas de atuação: produtos turísticos, comercialização, fortalecimento institucional, infraestrutura e serviços básicos, além de gestão ambiental. O dimensionamento do investimento total no PDITS das Serras Gerais será de R\$ 168.400.000,00 (cento e sessenta e oito milhões e quatrocentos mil reais). Lembrando que, o prazo para a maior parte das etapas é de 3 anos até 8 anos e ainda não se começou a implantar devido a pandemia.

5.3. Quem vai às festas religiosas de Natividade?

Rinschede (1992, p. 61) explica que o turismo religioso está vinculado a certa sazonalidade, mesmo quando alguns locais religiosos podem ser visitados durante todo o ano. Fatores influentes importantes são cerimônias religiosas e dias de comemoração, bem como a localização climática do local de peregrinação e o calendário de trabalho da população rural. Cerimônias religiosas e dias de comemoração certamente desempenham um papel importante, se não o papel decisivo na ênfase sazonal do turismo de peregrinação.

Pensar o turismo apenas sob o aspecto econômico e comercial pode levar a um empobrecimento, por ser este compreendido como um fenômeno mais complexo do que simples negócio ou produto, já que este envolve tanto as pessoas que realizam as viagens quanto as que recebem os viajantes e, portanto, o encontro entre diferentes culturas, sendo vivenciados dentro de contextos históricos, políticos e sociais (SOUZA, 2010).

Assim, para traçar o perfil do visitante das festas religiosas de Natividade, foi utilizada a produção de dados por meio de questionários online aplicados entre os dias 30 de março de 2021 a 15 de abril de 2021, como alternativa encontrada quanto ao impedimento da coleta in loco das respostas, uma vez que não ocorreram as festas do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim no ano de 2020.

Ao todo foram respondidos 120 questionários, cujo link para participação foi divulgado nos grupos do WhatsApp da comunidade de Natividade, nos perfis nas redes sociais vinculados à cidade e as festas ora pesquisadas, além de envio por e-mail aos respondentes que solicitavam em contato com a pesquisadora.

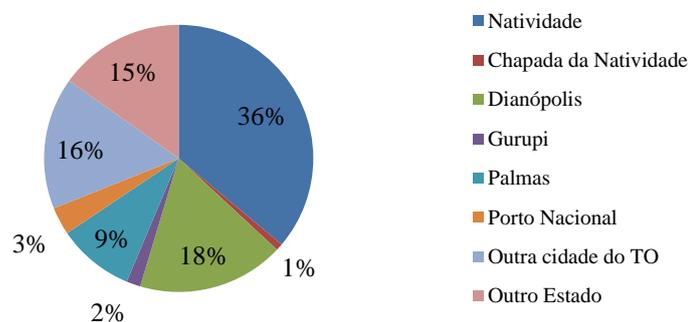
Nas perguntas abertas foi utilizado, para melhor visualização das palavras-chave encontradas na análise das respostas dos questionários, imagens em nuvens de palavras, que é um recurso gráfico utilizado para descrever de forma simples os termos mais frequentemente citados pelos visitantes: palavras mais frequentes são desenhadas em fontes de tamanho maior, palavras menos frequentes são desenhadas em fontes de tamanho menor. Essas nuvens foram geradas por meio do site www.wordclouds.com, sendo subtraídos os artigos e pronomes das 120 respostas recebidas até o dia 15 de abril de 2021.

Dividido em sete sessões, o questionário inicia com a concordância do participante assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo para as sessões seguintes. A primeira sessão estabeleceu o perfil do respondente (nome completo, origem, sexo, estado civil, faixa etária, renda mensal familiar, escolaridade, ocupação e como se informa).

5.3.1. Perfil dos participantes

Do perfil dos respondentes e iniciando na sessão socioeconômica, tem-se que da cidade de origem dos participantes da pesquisa: 36% são de Natividade, 18% de Dianópolis, 16% de outra cidade tocantinense não mencionada no questionário, 15% de outro estado e 9% da capital, Palmas. Percebe-se que a partir das respostas dos questionários, têm-se um perfil mais local, de pessoas de Natividade, com abrangência nas cidades circunvizinhas. Há pouca presença de pessoas de regiões mais distantes e demais estados da federação.

Gráfico 1 - Cidade de Origem



Sobre gênero, 63% dos respondentes se identificam com o gênero feminino e 37% com gênero masculino. Ainda do perfil socioeconômico, tem-se que 49% são casados ou em união estável, 42% são solteiros, 6% divorciados e 3% se definiram como “outros”. Há predominância,

dentro do universo de respondentes de mulheres e pessoas casadas, porém, o quantitativo de pessoas solteiras que frequentam a festa chama a atenção, uma vez que essas festividades podem integrar e influenciar a vivência nuclear de uma família.

Gráfico 2 - Gênero

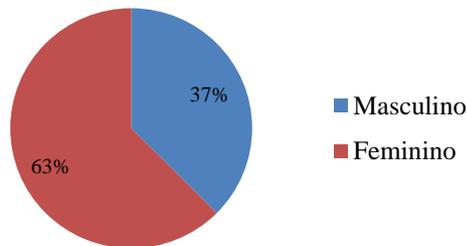
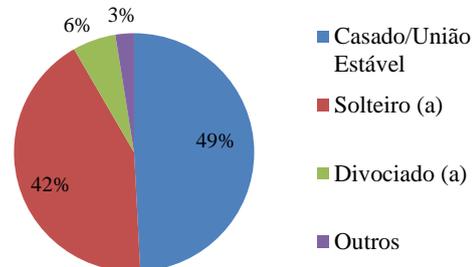


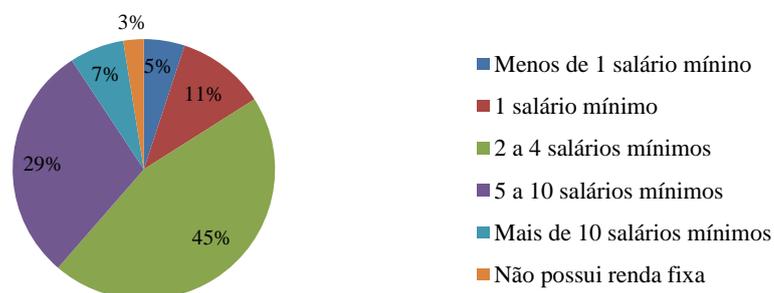
Gráfico 3 - Estado Civil



Com base no salário mínimo vigente¹¹⁰ no ano de 2021, 45% dos respondentes confirmou receber entre 2 a 4 salários mínimos por mês, outros 29% recebem cerca de 5 a 10 salários mínimos, 11% recebem apenas um salário mínimo mensalmente, 7% dos respondentes recebem mais de 10 salários mínimos por mês, 5% recebem menos que um salário mínimo e 3 % não possuem uma renda fixa.

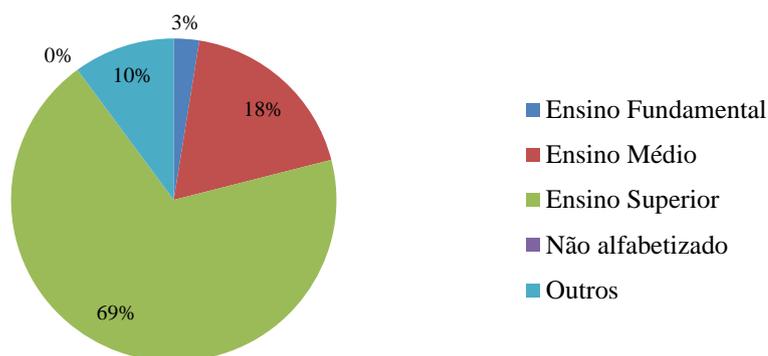
Sobre o grau de escolaridade, o questionário demonstrou que 69% dos que responderam o questionário e frequentam as festas religiosas de Natividade possuem nível superior, 18% possuem o Ensino Médio, 3% Ensino Fundamental e 10% marcaram outros, porém não especificaram. Não houve marcação para “Não alfabetizado”. Há aqui uma lacuna da pesquisa, pois a mesma, por ter sido apenas online, exclui pessoas não alfabetizadas e de classes menos favorecidas e com acesso às tecnologias da informação e comunicação.

Gráfico 4 - Renda Média



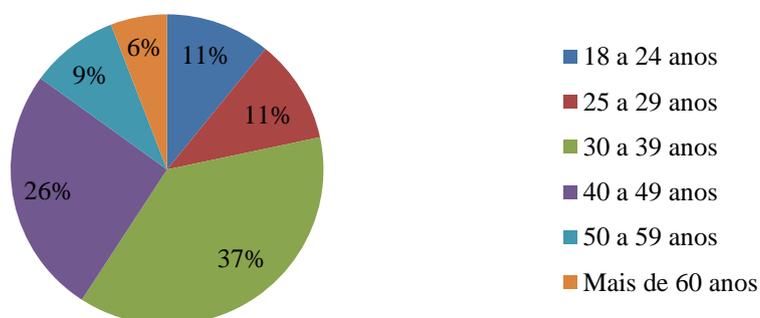
¹¹⁰ Pela legislação, o presidente da República é obrigado a publicar uma medida provisória até o último dia do ano com o valor do piso para o ano seguinte. Em 2021, o salário mínimo está em R\$ 1.100 (um mil e cem reais).

Gráfico 5 - Escolaridade



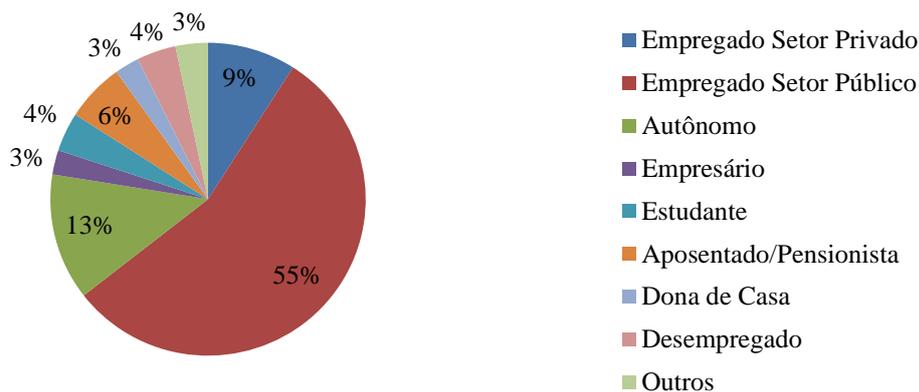
A faixa etária dos respondentes foi de 37% para as pessoas com 30 a 39 anos, 26% com as pessoas em idade entre 40 a 49 anos, 11% dos 25 aos 29 anos, como também 11% da faixa etária dos 18 aos 24 anos, 9% de respondentes com idade entre 50 a 59 anos e 6% para as pessoas com mais de 60 anos de idade. Neste gráfico também se percebe a lacuna da pesquisa, uma vez que, a maior parte da comunidade idosa que frequenta as festas religiosas de Natividade, geralmente não possuem familiaridade com as novas tecnologias.

Gráfico 6 - Faixa Etária



Com relação a ocupação profissional, 55% das pessoas que responderam o questionário são empregados públicos, 13% autônomos, 9% são empregados do setor privado, 6% pessoas são aposentados/pensionistas, 4% donas de casa, 4% desempregadas, 3% informaram como ocupação “outros” e com 3% pessoas em cada ocupação profissional estão empresários e estudantes.

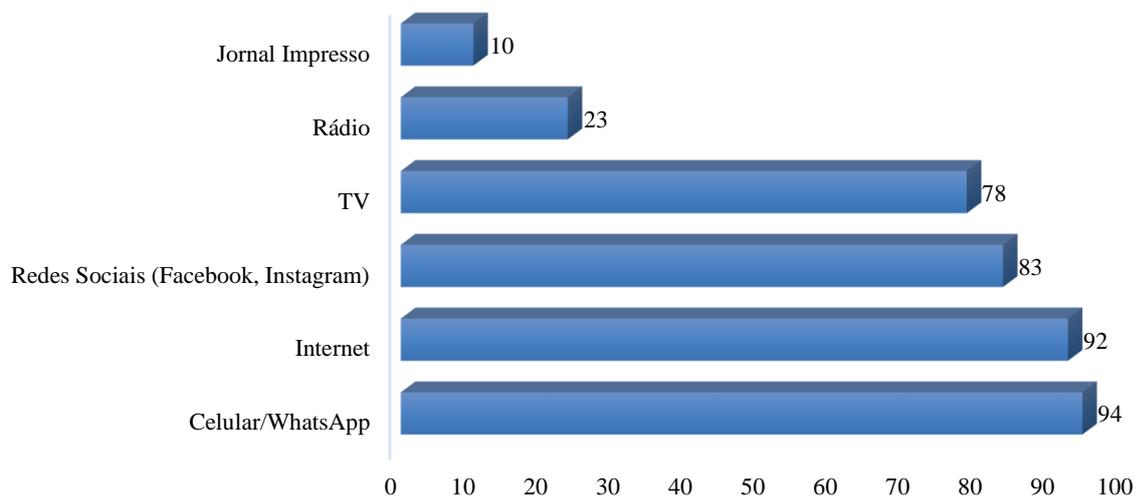
Gráfico 7 - Ocupação Profissional



Com isso, no gráfico acima sobre “Ocupação Profissional”, e reforçando a análise de que há essa lacuna na pesquisa, principalmente devido o acesso às tecnologias da informação e comunicação, que a maior parte dos respondentes são servidores públicos. Outra perspectiva seria que pelo perfil do próprio estado do Tocantins, a classe de servidores públicos também é demasiadamente alta, principalmente nas cidades do interior.

Na primeira sessão do questionário, também se perguntou qual era o meio de comunicação que o participante utilizava no dia a dia para se informar.

Gráfico 8 - Qual meio de comunicação você utiliza no dia a dia para se informar?



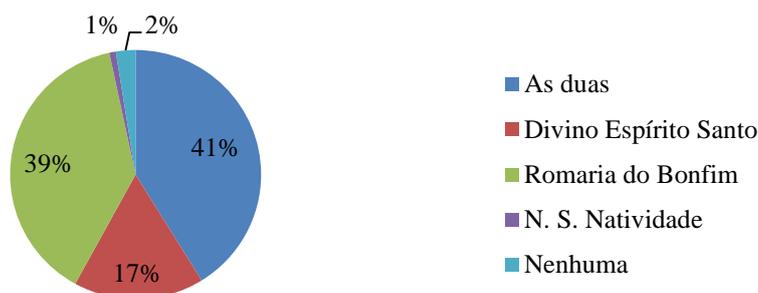
Nesta pergunta, o entrevistado poderia marcar mais de uma opção e com isso, 94 pessoas se informam por aplicativo de mensagens (WhatsApp), 92 pela internet, 83 por meio das redes sociais como Instagram e Facebook, 78 se informam pela televisão, 24 no rádio e 10 por meio de jornal impresso.

5.3.2. Participação nas festas religiosas de Natividade

Na segunda sessão do questionário foi abordado sobre a participação nas festas pesquisadas (quantos dias/vezes participaram e principais motivos em participar), com duas perguntas abertas sobre: a) qual a relação do respondente com as festas pesquisadas; e, b) o que mais marcava o respondente ao participar das festas.

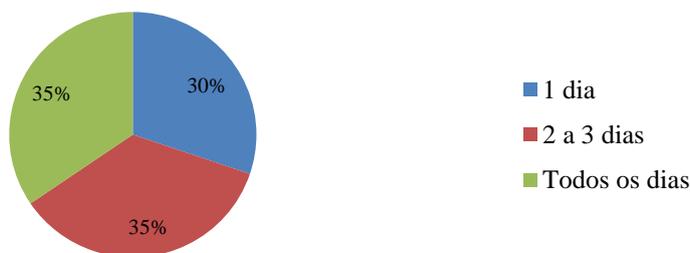
Na pergunta sobre quais festas o respondente participava, 41% respondeu que já participou tanto da Festa do Divino Espírito Santo quanto da Romaria do Senhor do Bonfim, 39% participa apenas da Romaria do Senhor do Bonfim, 17% participa da Festa do Divino Espírito Santo, 1% citou a Festa da Padroeira do Tocantins, Festa de Nossa Senhora da Natividade e 2% não vai nem na Festa do Divino Espírito Santo e nem na Romaria do Senhor do Bonfim.

Gráfico 9 - Participação nas festas



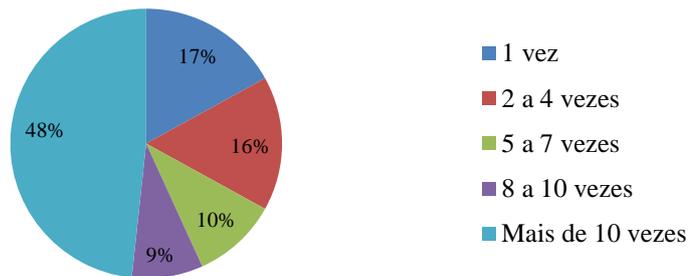
Tanto a Festa do Divino Espírito Santo como a Romaria do Senhor do Bonfim são festividades que ocorrem por dias seguidos em Natividade. Sobre a quantidade de dias que frequenta nas festas, as respostas foram quase equânimes, sendo: 35% todos os dias, 35% de 2 a 3 dias e 30% dos respondentes só vão um dia nas festas.

Gráfico 10 - Quantos dias participam das festas?



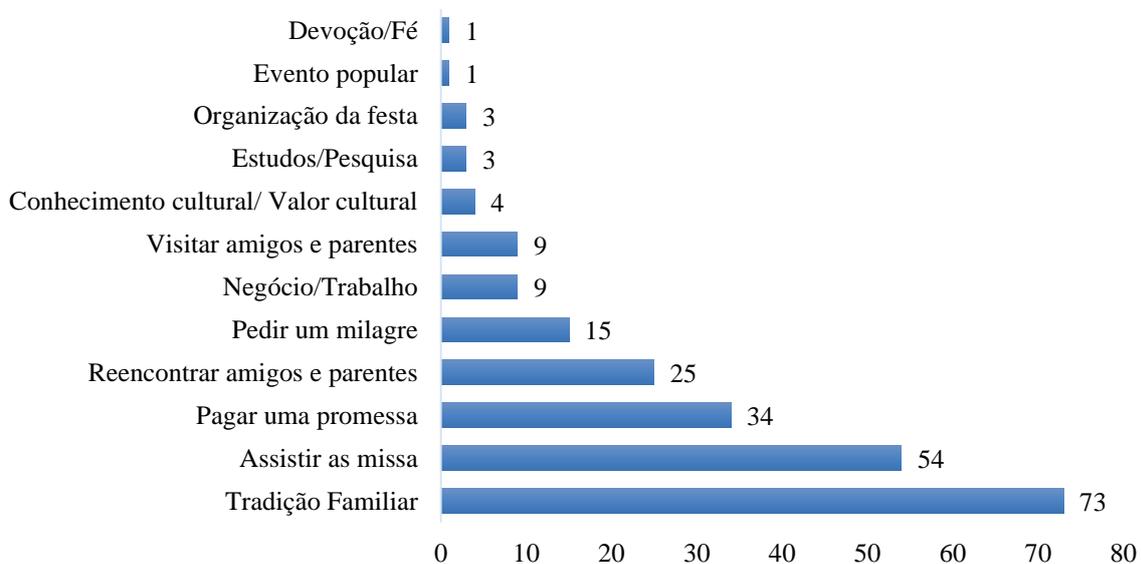
Da quantidade de vezes que já frequentou as festas, 48% já participou mais de 10 vezes das mesmas, 17% foi apenas uma vez, 16% participou de 2 a 4 vezes, 10% de 5 a 7 vezes e 9% participou de 8 a 10 vezes das festas pesquisadas nesta tese. Ou seja, 83% dos respondentes da pesquisa já foram mais de duas vezes nessas festividades, sendo que 57% acima de oito vezes. Com isso, tem-se que o público pesquisado conhece as festividades às quais analisou.

Gráfico 11 - Quantas vezes você participou das festas?



Com relação aos principais motivos dos participantes da pesquisa em participar das festas religiosas de Natividade, neste caso a Festa do Divino Espírito Santo e na Romaria do Senhor Bonfim, 73 pessoas responderam que devido à tradição familiar, 54 para assistir as missas, 34 para pagar promessas, 34 visitar ou reencontrar parentes e amigos, 15 para pedir um milagre, 9 para tratar de negócios ou a trabalho, 4 como conhecimento cultural e estudos, além das demais no que tange à organização da festa, evento popular, fé no Divino, tradição da região e conhecer a festa. Nesta pergunta, os participantes poderiam marcar mais de uma ação.

Gráfico 12 - Quais os principais motivos em participar dessa (as) festa (as)?



Ainda nessa sessão, foram realizadas duas perguntas abertas sobre a relação dos entrevistados com as festas religiosas de Natividade e o que mais os havia marcado quando participava das mesmas. Para melhor visualização das respostas-padrão dos participantes foi elaborado uma nuvem de palavras a partir do site www.wordclouds.com, como citado anteriormente.

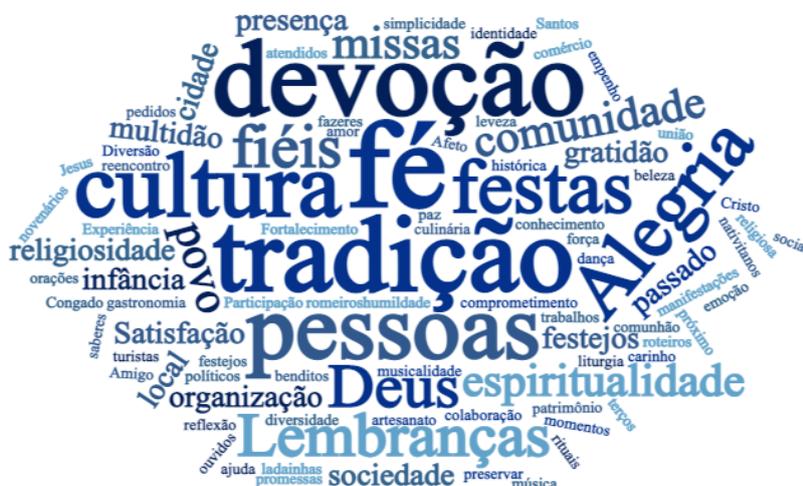
Figura 28 - Qual sua relação com as festas religiosas de Natividade?



Analisando a primeira nuvem de palavras (Figura 26), que trata sobre a relação com as festas em Natividade, percebe-se que ela traz uma dimensão marcada por termos evidentes e em equilíbrio de proporcionalidade com os termos menos evidentes.

Na segunda pergunta aberta, perguntou-se aos respondentes o que mais os marcava ao participar das festas. As palavras que mais apareciam nas respostas foram as seguintes:

Figura 29 - O que te marca mais quando participa de alguma dessas festas?



Apesar da segunda nuvem (Figura 27) expressar os termos que expressam o que marca os indivíduos na participação, os quais estão em evidência, são em menor número, mas os termos em menor evidência são bem mais diversificados, com expressões como cidade, culinária, afeto, dentre outras, o que nas descrições dos entrevistados e as análises posteriores repercutirão essa diversidade de expressões, em arranjos discursivos.

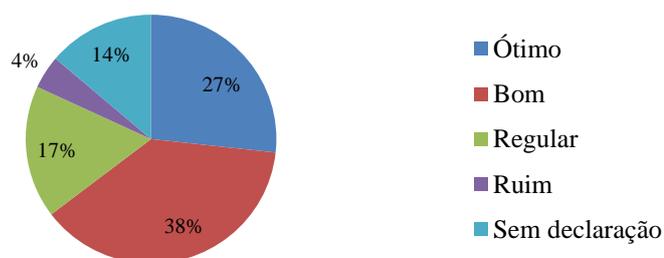
A terceira e quarta sessão foram sobre a avaliação das duas festas pesquisadas, aplicando quesitos entre “ótimo” a “sem declaração”, nas áreas de limpeza, energia, internet, estacionamento, segurança, área da missa, atendimento ao visitante, público visitante e organização como será apresentado a seguir.

5.3.3. Avaliação da organização da Festa do Divino Espírito Santo

Com base nas últimas festas do Divino Espírito Santo realizadas em Natividade e das quais já tinham participado, os participantes da pesquisa avaliaram a infraestrutura básica da mesma, que é oferecida pela comunidade e que a cada ano é organizada por festeiros (Imperador e Capitão do Mastro) diferentes.

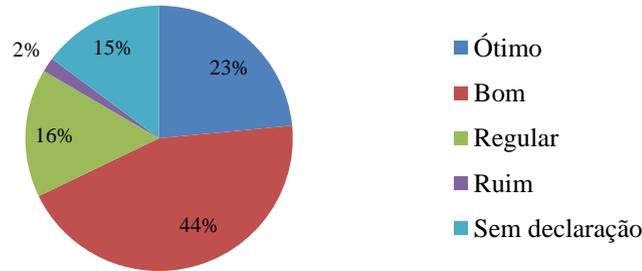
Com relação à limpeza do espaço de realização das festas do Divino realizadas até 2019, 38% dos participantes consideravam-na como “Bom”, 27% como “Ótimo” e 17% sendo “Regular”. Apenas 4% dos respondentes responderam que a limpeza nas festas era “Ruim”, ou seja, se somados os resultados de ótimo e bom, representam 65% dos respondentes, o que denota que para as pessoas que responderam o questionário, a limpeza nas edições das festividades do Divino Espírito Santo em Natividade é satisfatória. E realmente, é algo que se nota, quando da realização das pesquisas de campo ao longo dos anos de interação da pesquisadora com a comunidade e essa festa em específico.

Gráfico 13 - Festa do Divino: Limpeza



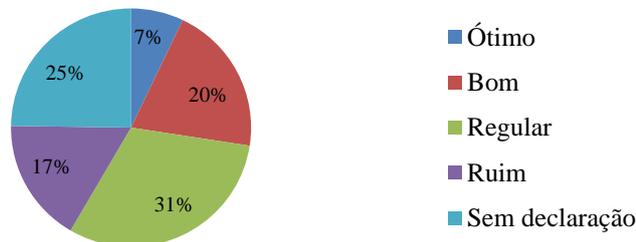
Já com relação a distribuição de energia elétrica no local da festa: 44% considera “Bom”, 23% como “Ótimo”, 16% sendo “Regular” e 2% como ruim. A energia distribuída também é bem avaliada pelos participantes, por ser uma festividade que possui seus principais ritos religiosos e profanos sendo realizados na cidade de Natividade.

Gráfico 14 - Festa do Divino: Energia Elétrica



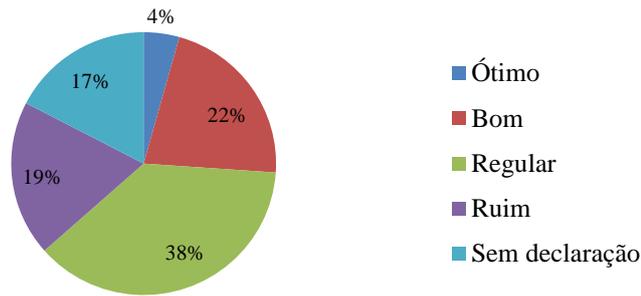
No que se trata sobre o sinal de internet nos locais das festas do Divino Espírito Santo, a avaliação desse quesito recebeu 31% como “Regular”, 20% classificado como “Bom” e 17% considerado “Ruim”. Apesar do sinal ser instável em alguns pontos de Natividade, esse é outro quesito que reforça o fato da festa e seus principais ritos serem realizados na cidade.

Gráfico 15 - Festa do Divino: Sinal de Internet



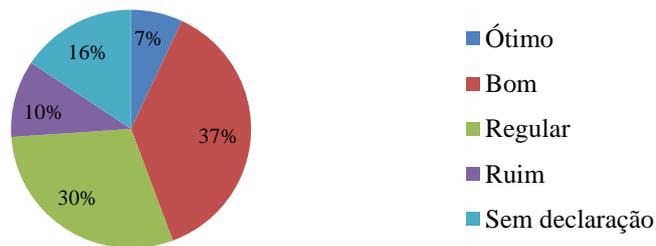
O estacionamento também foi considerado como “Regular” para 38% dos respondentes, 22% como “Bom”, 19% classificam como “Ruim” e 4% consideram como “Ruim”. Assim, vale ressaltar que as festas principais do Divino acontecem na zona urbana de Natividade, facilitando o acesso a esses serviços para quem as visita. Algumas respostas possuem porcentagem para “Nada a declarar” pelo fato de terem participado só da Romaria do Senhor do Bonfim, por exemplo.

Gráfico 16 - Festa do Divino: Estacionamento



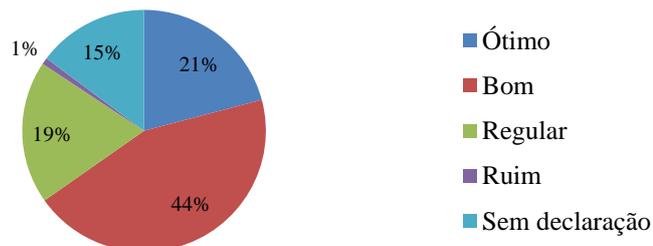
Outros quesitos avaliados foram segurança do local e a área das missas/festas. Com relação à segurança, 37% consideram “Bom”, 30% como “Regular”, 10% avaliaram como “Ruim” e 7% como “Ótimo”. Contudo, na última Festa do Divino Espírito Santo observou-se a presença de seguranças particulares, algo que não havia nas edições de 2010, por exemplo. Pode-se considerar uma preocupação com o bem-estar de todos os participantes, além de proteção e uma certa coação com a presença desses profissionais.

Gráfico 17 - Festa do Divino: Segurança do local



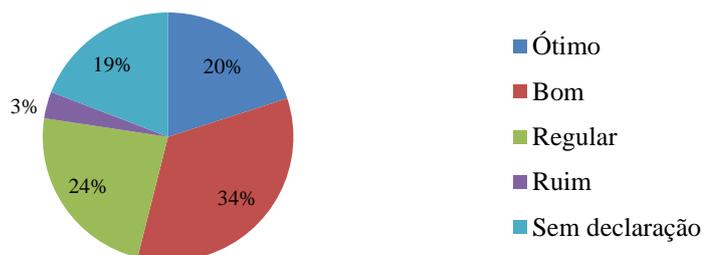
Sobre a área de realização das missas, neste caso para a festa do Divino Espírito Santo, em que as mesmas são realizadas na Igreja do Espírito Santo e demais igrejas da cidade. Com isso, já possuem estrutura, apesar do espaço já ser pequeno para a quantidade de devotos, foliões e turistas que participam da festividade. A partir disso, 44% consideram o local das missas como “Bom”, 21% sendo “Ótimo”, 19% como “Regular” e 1% dos respondentes como “Ruim”.

Gráfico 18 - Festa do Divino: Área das Missas



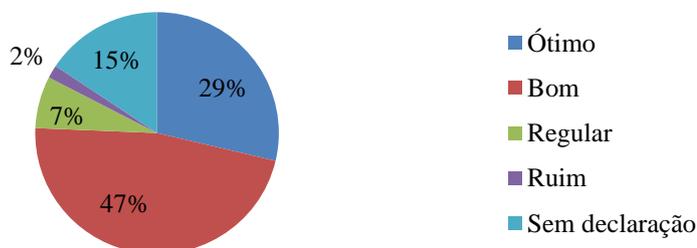
Sobre o atendimento ao público visitante, 34% considera “Bom”, 24% como “Regular”, 20% sendo “Ótimo” e 3% avaliaram como “Ruim”. Na Festa do Divino, por ter um perfil mais familiar, percebe-se essa receptividade mais intensa, uma vez que todos do lugar recebem os visitantes de maneira convidativa e acolhedora.

Gráfico 19 – Festa do Divino: Atendimento ao público visitante



E, quando avaliam o público visitante na festa do Divino, no Gráfico 20 tem-se que 47% dos participantes avalia como “Bom”, 29% sendo “Ótimo”, 7% “Regular e 2% como um público “Ruim”. Muitas pessoas da região, inclusive familiares dos festeiros e da própria comunidade, se deslocam para Natividade com intuito de participar das festas solenes do Divino Espírito Santo. É um movimento intenso.

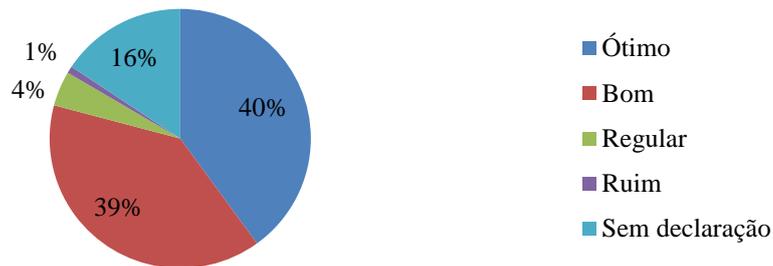
Gráfico 20 - Festa do Divino: Público Visitante



A festa do Divino em Natividade é caracterizada por ser uma festa comunitária, solene e repleta de ritos, predominando o dever e a obrigação por parte de todos, seja na preparação das comunidades, nos pousos, no giro das folias e em todos os rituais que a complementam.

Assim, 40% dos respondentes do questionário consideram a organização da festa como “Ótimo”, 39% como “Bom”, 4% sendo “Regular” e 1% “Ruim”. Com isso, se ao reunir as porcentagens de “Ótimo” e “Bom”, tem-se 79% de análise positiva com relação à organização da festa conforme aponta o Gráfico 21.

Gráfico 21 - Festa do Divino: Organização



Porém, se forem cruzados os dados de “Regular” e “Ruim”, nos quesitos estacionamento (57%), sinal de internet (48%) e segurança no local (40%) é algo que a comunidade deve analisar para próximas edições.

5.3.4. Avaliação da organização da Romaria do Senhor do Bonfim

Sobre a Romaria do Bonfim, os participantes da pesquisa também pontuaram suas impressões acerca das últimas vezes que compareceram ao local analisando: limpeza, energia, internet, estacionamento, segurança, área da missa, atendimento ao visitante, público visitante e organização.

Dos 120 participantes da pesquisa, 30% consideraram a limpeza do Santuário do Bonfim como “Bom”, 33% como “Regular”, 17% identificaram “Ruim”, 9% não declararam e apenas 11% consideram a limpeza no local como “Ótimo”.

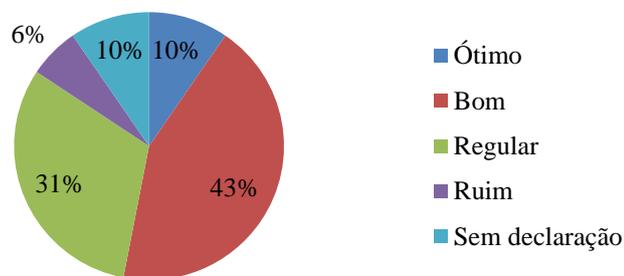
Gráfico 22 - Romaria do Bonfim: Limpeza



Com isso, somando as porcentagens de Ruim e Regular, tem-se que 50% das pessoas que responderam à pesquisa, não consideram a limpeza no Santuário, na época da Romaria, adequada para tal. O percentual de “Ótimo” e “Bom” somam-se 41%, ou seja, índice menor que a avaliação negativa, em que se somados “Regular” e “Ruim” obtêm-se 50% das avaliações.

Já com relação à disponibilização de energia elétrica no local, 43% dos respondentes acredita ser “Bom”, 31% consideram “Regular”, 10% não declararam resposta, 10% também consideram a distribuição de eletricidade como “Ótimo” e 6% avaliaram como “Ruim”. Durante as pesquisas de campo, observou-se que há pontos para distribuição de energia seja para os barraqueiros/comerciantes, como para as pessoas que se instalam no local durante os 10 dias de Romaria.

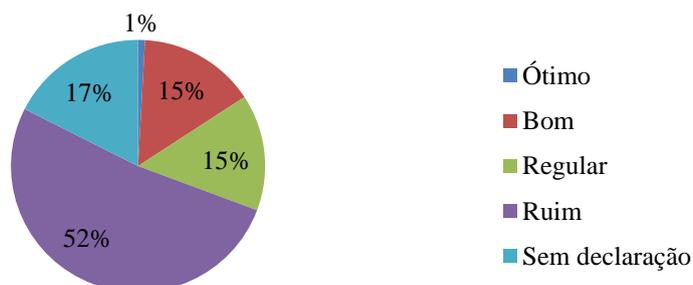
Gráfico 23 - Romaria do Bonfim: Energia Elétrica



Foi perguntado também com relação ao sinal de internet e o estacionamento. É necessário salientar que no local, o sinal de celular funcionava muito mal em alguns pontos e em outros sequer havia sinal disponível.

Dessa forma e conforme demonstra o gráfico abaixo, 52% consideram “Ruim” o sinal de internet, 17% não declararam sua resposta, 15% apontaram que a internet é “Regular”, outros 15% avaliaram como “Boa” e 1% dos entrevistados acredita que a internet no Santuário do Senhor do Bonfim é “Ótimo”. O percentual de “Ruim” e “Regular” se somados alcança 67% dos entrevistados.

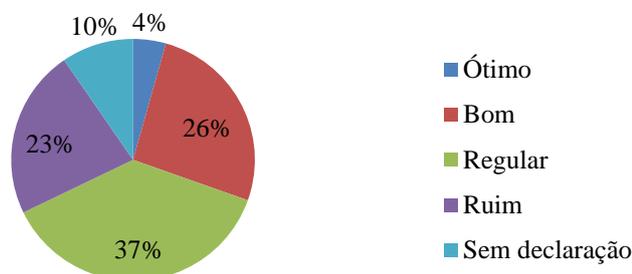
Gráfico 24 - Romaria do Bonfim: Sinal de Internet



Em 2020, devido a pandemia, foi instalada uma antena na comunidade do Bonfim, da empresa OI, para que as missas da Romaria fossem transmitidas pela internet. Com isso, o sinal de internet chega até o local com eficiência.

Com relação ao estacionamento do local, que é pago o valor de R\$ 10,00 por carro, como foi descrito no início desta tese, 37% consideram “Regular”, para 26% é um local “Bom”, 23% dos respondentes acredita que é “Ruim”, 10% não declararam e 4% avaliam como “Ótimo”. O local é na entrada do Santuário, a vegetação é retirada por tratores enviados pelo Governo do estado para limpeza da área, ou seja, o barro vermelho fica exposto e se torna poeira pela ação do vento da época.

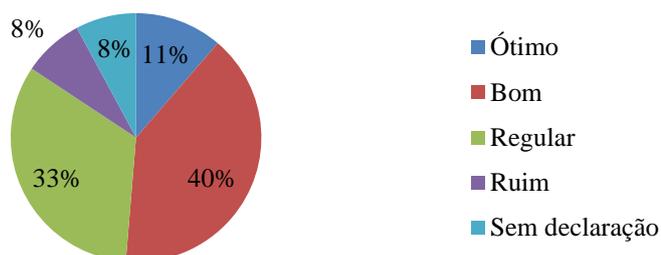
Gráfico 25 - Romaria do Bonfim: Estacionamento



No local ainda, alguns fiscais controlam a entrada e a saída do local, mas só até determinado momento, principalmente enquanto há a programação religiosa no período da manhã. A poeira é intensa, as poucas árvores que sobraram em pé logo são ocupadas e cercadas pelos carros ou ônibus de excursão, o tempo é seco na época da Romaria e com o vento levantando areia no corpo de quem chega ao local, além do sol forte que complementa a sensação de calor e deserto. Ao unir os dados de “Regular” e “Ruim”, tem-se que 60% das pessoas que responderam o questionário e são frequentadoras do Santuário do Bonfim não avaliam positivamente o local para o estacionamento.

Com relação à segurança durante a Romaria do Senhor do Bonfim: 40% dos respondentes consideram como “Bom”, 33% como “Regular”, 11% relataram como “Ótimo” e com 8% cada, ficaram “Ruim” e “Sem declaração”. A presença da Polícia Militar é constante e frequente no controle do trânsito e no patrulhamento pelas ruas da comunidade, com polícias em bicicletas.

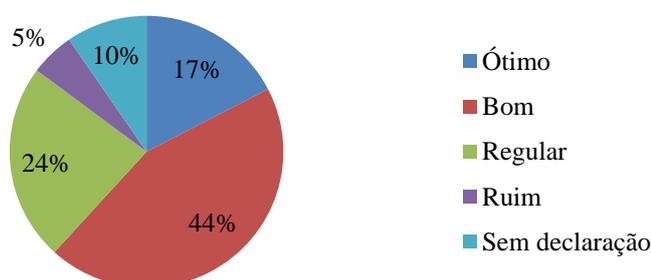
Gráfico 26 - Romaria do Bonfim: Segurança do local



Perguntou-se também sobre a opinião com relação à área das missas, tanto a no campo aberto, como na igreja do Santuário. Com isso, 44% consideram como “Bom”, 24% avaliam o local das missas como “Regular”, 17% “Ótimo”, 10% não declararam e 5% como sendo “Ruim”.

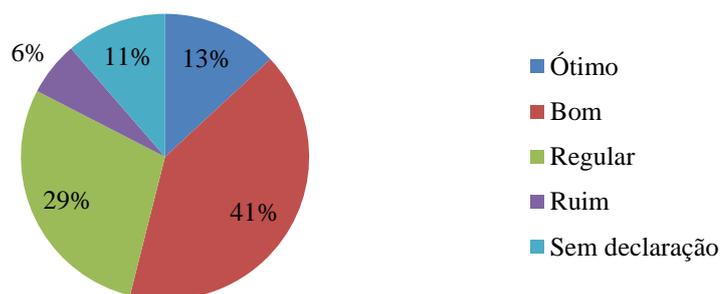
Apesar dos respondentes considerarem o local das missas como “Bom”, a igreja do Santuário comporta cerca de 200 pessoas e quando das missas na época da Romaria, as mesmas acontecem no meio do campo aberto, com algumas tendas para fazer sombra para os romeiros, sol forte e muita poeira. Não há local para sentar e as pessoas levam seus próprios assentos.

Gráfico 27 - Romaria do Bonfim: Área das Missas



Já com relação ao atendimento ao visitante, os respondentes assinalaram que no que tange ao atendimento: 41% consideram “Bom”, 29% como “Regular”, 13% analisam o atendimento ao visitante como “Ótimo”, 6% avaliam como “Ruim” e 11% não declararam suas respostas. É fato que no Bonfim, quem vai sozinho ou em um grupo que nunca foi no local, não se sente acolhido e sequer consegue lugar para comer ou dormir. O visitante fica à mercê de hospedagem, transporte e alimentação em Natividade. É como perambular por entre a multidão e não encontrar um canto.

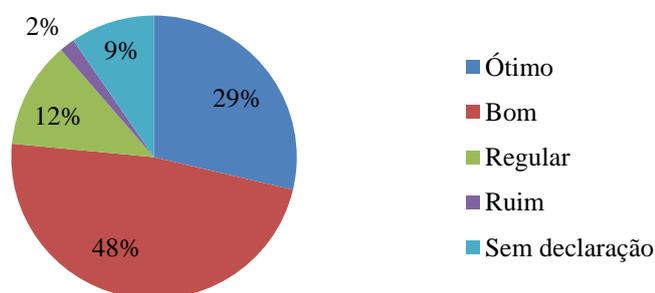
Gráfico 28 - Romaria do Bonfim: Atendimento ao Visitante



Já com relação ao público que visita o Santuário e conseqüentemente participa da Romaria, a maior parte dos participantes da pesquisa consideram como sendo “Bom” (48%), seguido por 29% que avaliam como “Ótimo”, 12% analisam como “Regular” e apenas 2% ponderam ser “Ruim” o público que participa da Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade.

O público que visita a Romaria nos dez dias de festividades em honra ao Senhor do Bonfim chega facilmente às centenas de milhares, principalmente no da 15 de agosto e nos finais de semana.

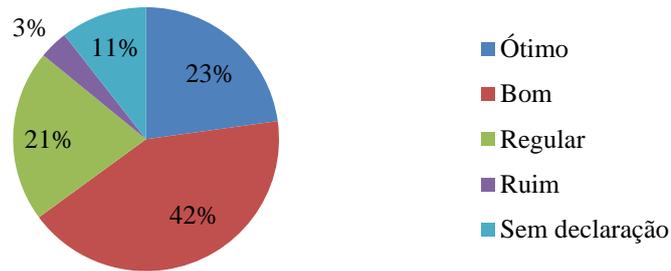
Gráfico 29 - Romaria do Bonfim: Público visitante



E, finalizando a sessão de avaliação da estrutura da Romaria do Senhor do Bonfim, foi questionado sobre a organização da Romaria como um todo. Logo, 42% avaliaram como “Bom”, 23% como “Ótimo”, 21% consideram a organização como “Regular”, 11% não declararam e 3% analisam a organização da Romaria como “Ruim”.

Apesar do local não possuir uma infraestrutura básica para receber quem o visita como restaurantes com local mais limpo, fresco e arejado, banheiros em bom estado de conservação de limpeza e demais pontos abordados, das 120 pessoas que responderam o questionário, 51 responderam que a organização é “Boa”.

Gráfico 30 - Romaria do Bonfim: Organização

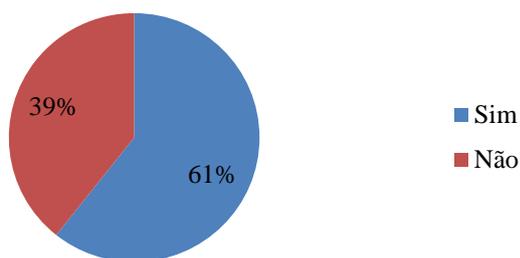


Analisando o gráfico final e cruzando os dados das avaliações dos itens anteriores, se somados as menções “Regular” e “Ruim” nos quesitos Segurança (41%), Estacionamento (60%), Internet (67%) e Limpeza (50%), a estrutura básica da Romaria não condiz com os 42% que a consideram como “Bom”. Ou seja, na visão macro doromeiro e de quem frequenta, a festa é boa como um todo, mas se analisada em seus pormenores, deixa a desejar com relação a sua infraestrutura básica. Contudo, analisando os quesitos “Bom” e “Ótimo” com relação à organização da Romaria, tem-se 65% de aprovação dos frequentadores.

5.3.5. Percepção do turismo nas festas religiosas

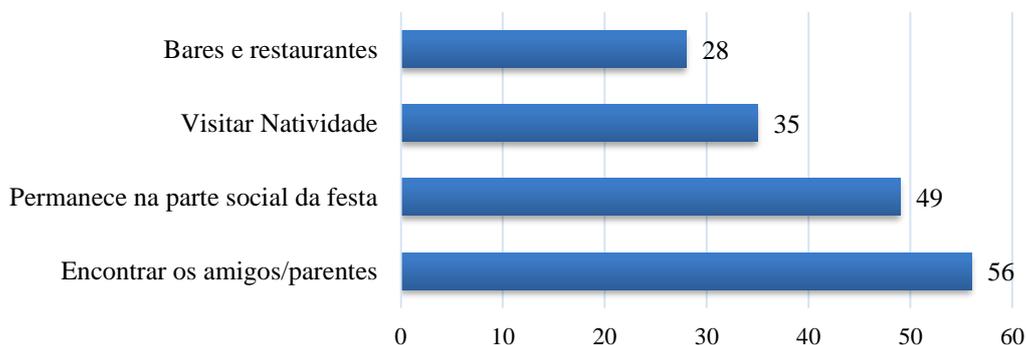
Na quinta sessão, o participante respondeu também sobre a percepção dos participantes sobre o turismo e se visitava outros locais de Natividade quando participava das festas, caso a resposta fosse positiva, quais locais seriam esses. Além de responder que, se uma empresa oferecesse passeios turísticos após as festividades religiosas ele iria, se comprava lembranças da viagem (qual e onde comprava), se benzia essas lembranças nas missas e se acreditava que Natividade possa ser um destino para o turismo religioso. Como também, outra pergunta aberta sobre o porquê dele acreditar na potencialidade do turismo religioso na cidade.

Gráfico 31 - Quando participa das festas, você visita outros locais turísticos de Natividade?



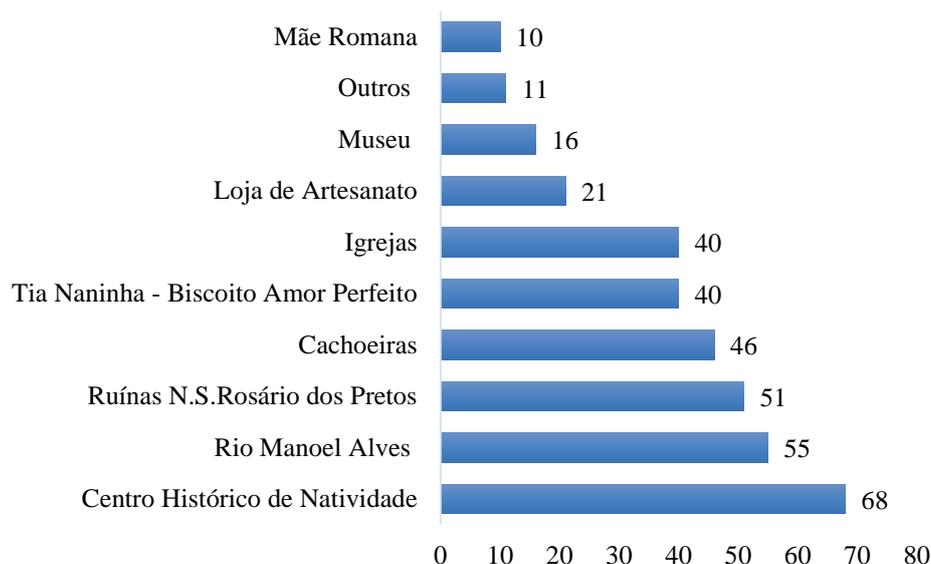
Com relação à programação após a parte religiosa da festa, o respondente fazia ou não outra programação, 56 pessoas responderam que encontravam parentes e amigos, 49 permanecia na parte social da festa, ou seja, na parte profana, 35 visitavam a cidade de Natividade e 28 ia para bares e restaurantes que estavam nas proximidades tanto da festa do Divino Espírito Santo como da Romaria do Senhor do Bonfim. É importante ressaltar que os respondentes poderiam escolher mais de uma resposta.

Gráfico 32 - Depois da parte religiosa da festa, o que costuma fazer?



Também foi questionado, caso visitassem algum lugar turístico na cidade, em quais locais esse visitante/romeiro/devoto iria, assim que finalizasse a sua participação nas festas religiosas de Natividade. Nessa questão também foi permitido que os respondentes marcassem mais de uma resposta, bem como inserissem mais locais. Com isso, 68 pessoas visitavam o Centro Histórico de Natividade, 55 vão para o rio Manoel Alves, 51 visitavam as Ruínas da Igreja Nossa Senhora Rosário dos Pretos, 46 frequenta as cachoeiras de Natividade e com 40 pessoas cada, passavam na Tia Naninha – Biscoito Amor-perfeito e nas Igrejas da cidade. Apenas 21 dos respondentes informaram que visitavam a loja de Artesanato e 16 visitam o Museu em Natividade. E, 10 pessoas frequentaram a Mãe Romana quando participaram de alguma festa religiosa da cidade.

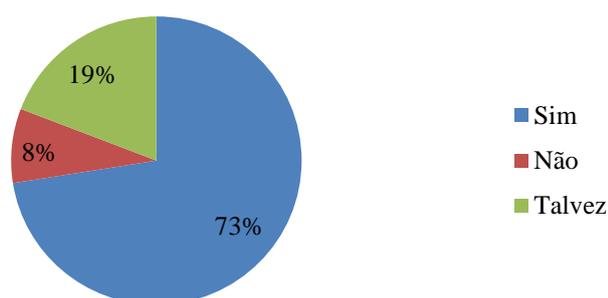
Gráfico 33 - Lugares turísticos que visita em Natividade após as festas.



Com relação a um possível hábito de consumir passeios turísticos, caso fossem oferecidos no período das festas religiosas, 73% dos respondentes responderam que fariam o passeio, 19% assinalaram que “Talvez” fizessem o passeio e 8% afirmaram que “Não” fariam passeio por meio de uma empresa turística.

Com isso, percebe-se que há interesse do público que frequenta as festas religiosas de conhecer outros locais turísticos em Natividade, inclusive de outros segmentos turísticos como o ecoturismo e o turismo cultural.

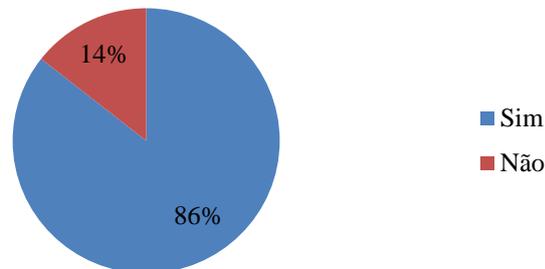
Gráfico 34 - Se alguma empresa oferecesse passeios turísticos pela região, você iria?



Sobre os hábitos de consumo durante as festas religiosas, objeto desta pesquisa, os respondentes foram questionados se compravam alguma lembrancinha (souvenir) para as pessoas (parentes ou amigos) que não puderam comparecer no evento. A partir das respostas, obteve-se que 86% dos respondentes compravam alguma lembrança e apenas 14% não possuíam esse

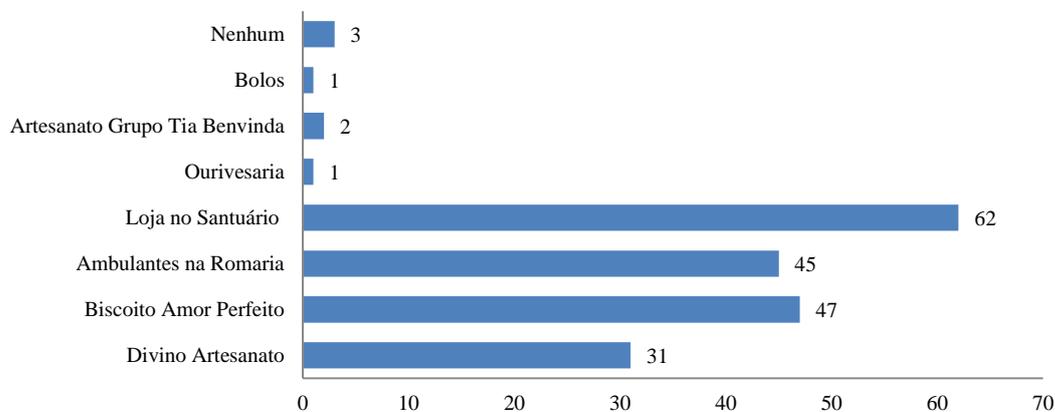
hábito. Há aqui uma possibilidade para reforço na produção de souvenir relacionados com a cidade e com as festas religiosas em si, seja a Festa do Divino Espírito Santo ou a Romaria do Senhor do Bonfim.

Gráfico 35 - Você comprava alguma lembrancinha para as pessoas que não puderam ir?



Sobre os locais nos quais adquiriam a lembrancinha, 62 deles mencionaram a loja do Santuário do Senhor do Bonfim, 47 pessoas compravam na Tia Naninha – Biscoito Amor-Perfeito, 45 dos respondentes adquiriam dos ambulantes na Romaria e 31 pessoas compraram na loja de artesanato de Natividade, a Divino Artesanato. Lembrando que nessa mesma questão, também os respondentes poderiam escolher mais de uma opção.

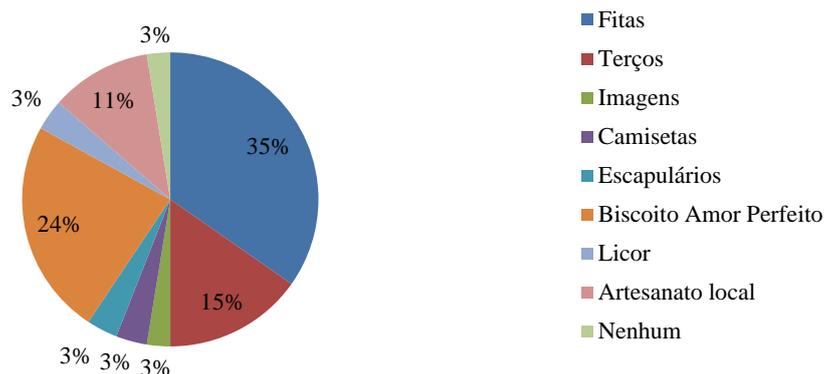
Gráfico 36 - Em que locais comprava essas lembranças de Natividade?



E com relação ao tipo de lembrança que era adquirida, 35% compravam fitas, 24% compravam biscoitos amor-perfeito, 15% terços e 11% artesanato local. Com a mesma porcentagem estão imagens, camisetas, licores e escapulários.

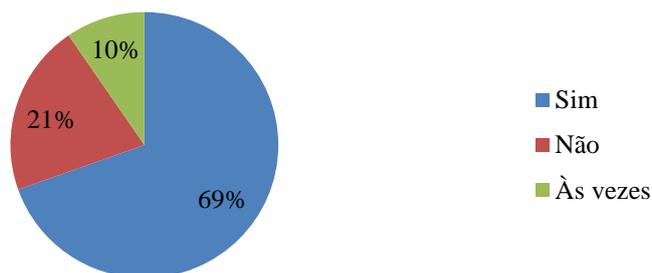
Nesse quesito pode-se perceber que a iniciativa do Grupo de Suça Tia Benvinda, com a produção de souvenir como porta canetas, ímãs de geladeira e chaveiros a partir da casca da árvore do fruto cajá, além de canecas personalizadas com a iconografia de Natividade, dão pistas de um ‘mercado’ dentro da cadeia do turismo a ser explorado e com potencial de crescimento.

Gráfico 37 - Qual lembrança costuma comprar quando vai às festas?



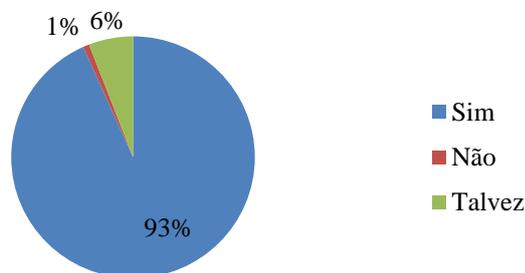
Outra questão relacionada ao hábito do devoto/romeiro é sobre o ato de abençoar/benzer¹¹¹ as lembranças que comprava para presentear algum parente ou amigo. E, 69% dos respondentes benziavam as lembranças, 21% não benziavam e 10% às vezes benziavam. Há aqui nesse quesito um reforço da tradição católica e todo o simbolismo do ato de benzer um objeto.

Gráfico 38 - Você benzia as lembranças quando as comprava para presentear?



E, por fim, nesta quinta sessão foi questionado se acreditavam que Natividade poderia ser um destino de turismo religioso no estado do Tocantins. Dos 120 respondentes, 93% confirmaram que “Sim”, 6% como “Talvez” e 1% como “Não” sendo um destino.

Gráfico 39 - Natividade pode ser um destino de turismo religioso?



¹¹¹ O ato de benzer coisa ou pessoa é de santificar ou consagrar ao culto de Deus.

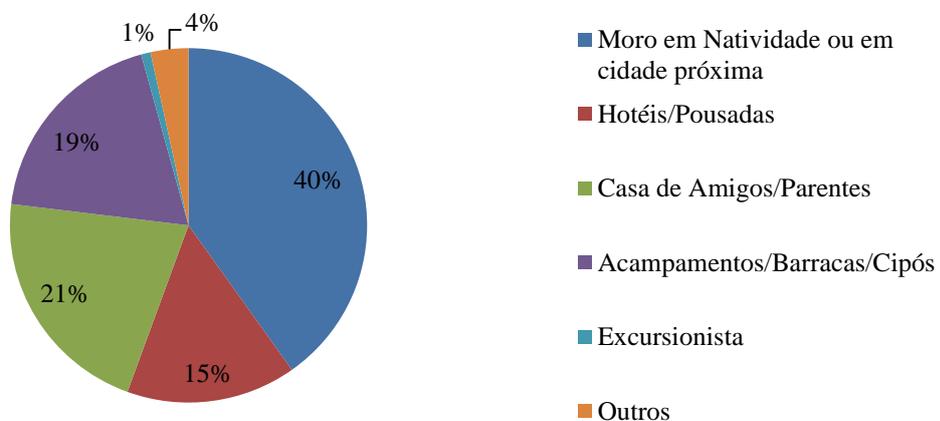
O turismo religioso, para os participantes desta pesquisa, já é uma realidade em Natividade e para 93% desses, a cidade possui potencial para crescer mais nesse segmento. Porém, como explanado nos capítulos anteriores, é necessário que haja mais investimentos dos agentes endógenos e exógenos na cidade e que, principalmente, haja uma concepção de que ‘tipo’ de cidade Natividade pretende ser, ou seja, qual o projeto de cidade?

5.3.6. Infraestrutura das festas religiosas de Natividade

Na sexta sessão, os respondentes avaliaram a infraestrutura das festas do Divino Espírito Santo e da Romaria do Bonfim, além da forma como se hospedam quando participam dessas festas, quais meios de transporte utilizam para chegar nas mesmas o que consideram que foi “melhor” nas últimas festividades e o que acreditam que “poderia melhorar” na infraestrutura das próximas festas.

Com base nesses questionamentos e sobre hospedagem, os participantes responderam que 40% moravam em Natividade ou em uma cidade circunvizinha, 21% pernoitavam na casa de amigos ou parentes, 19% ficava em acampamentos, barracas ou cipós (e aqui percebe-se um público mais direcionado para a Romaria do Senhor do Bonfim, mas não quer dizer que seja exclusivo), 15% hospedados em hotéis ou pousadas da cidade e 1% foi como excursionista. Ainda dentro desta análise, 4% dos participantes informaram outras formas de hospedagem, porém não foram mencionadas.

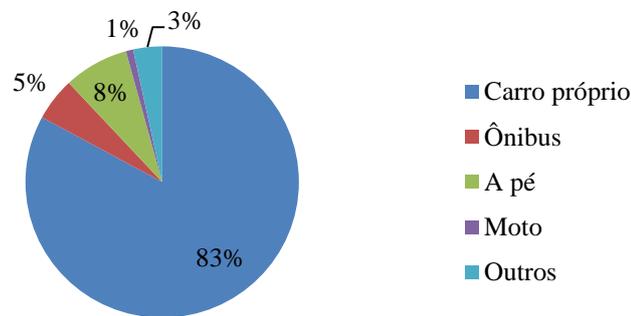
Gráfico 40 - Quando você vem participar das festas religiosas, onde você fica?



Como a maior parte dos entrevistados são da própria região de Natividade, esses dados traduzem e refletem essa característica no questionário, em que 61% das pessoas que responderam possuem relação familiar ou fraternal com a comunidade local, seja no período da Festa do Divino Espírito Santo ou na Romaria do Senhor do Bonfim.

Sobre o meio de transporte utilizado para chegar até as festas religiosas em Natividade, 83% dos participantes da pesquisa responderam que usam carro próprio, 8% vão a pé, 5% utilizam ônibus e 1% usam motocicletas. Na alternativa “Outros”, 3% dos participantes assinalaram-na, porém, sem especificar.

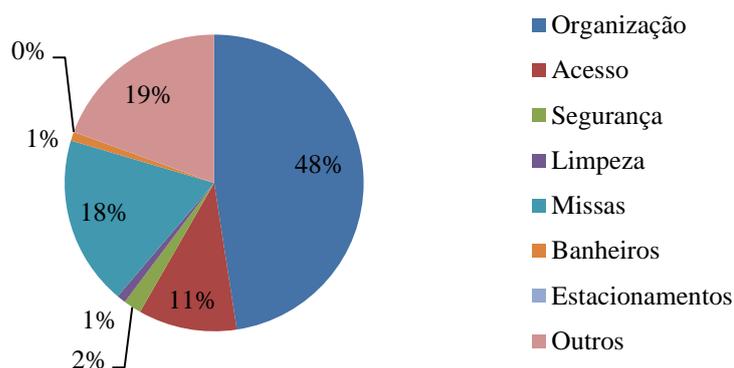
Gráfico 41 - Qual meio de transporte utiliza para chegar às festas?



Esse dado nos mostra um reflexo da própria infraestrutura da cidade (que será apresentada a seguir) no quesito transporte rodoviário, em que o mesmo não possui uma maior oferta de linhas operando das cidades maiores até Natividade. A exemplo do deslocamento dos romeiros que participam da Romaria do Senhor do Bonfim, em que para um deslocamento de Palmas (TO) até a comunidade do Bonfim, as pessoas se reúnem em grupos, fazendo o trajeto em carro próprio.

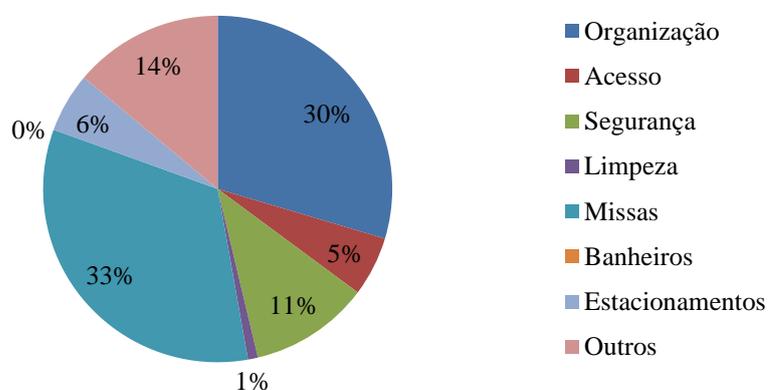
No questionário, perguntou-se também sobre a estrutura tanto da Festa do Divino Espírito Santo como da Romaria do Senhor do Bonfim. Sobre o que havia de melhor na estrutura do da Festa do Divino, com maiores percentuais estão: 48% a “Organização” da festa em si, 18% avaliam as “Missas” como o que há de melhor e 11% o “Acesso” à festa. Porém, 19% dos participantes elencaram “Outros” pontos como o melhor na estrutura da festividade, também sem especificar.

Gráfico 42 - Nos últimos anos, o que achou de melhor na estrutura da Festa do Divino?



Na avaliação individualizada das festas aqui analisadas, a organização da Festa do Divino Espírito Santo ganha destaque positivo (apresentada no tópico 5.3.4). Ainda avaliando o que havia de melhor na estrutura das festas, a questão seguinte perguntou sobre o que o participante achava de melhor na estrutura da Romaria do Senhor do Bonfim. Com isso, obteve-se o percentual de 33% as “Missas”, seguida por 30% a “Organização”, 14% “Outros”, 11% a “Segurança”, 6% “Estacionamento”, 5% “Acesso”, 1% a “Limpeza” e nenhuma marcação para “Banheiros”.

Gráfico 43 - Nos últimos anos, o que achou de melhor na estrutura da Romaria do Bonfim?

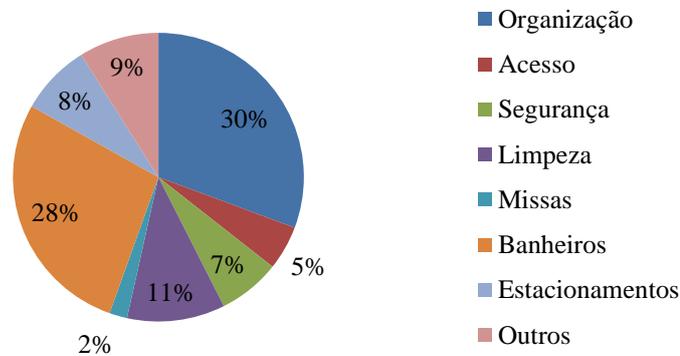


Ou seja, a parte religiosa da Romaria, descrita como “Missas” é o principal atrativo da Romaria do Senhor do Bonfim de Natividade, seguida pela “Organização” que nas próprias respostas dos participantes da pesquisa já trazem outros pontos que integram a organização da mesma, mas que precisam melhorar, como limpeza e banheiros, por exemplo, e que será apresentado a seguir.

Além do participante considerava como a melhor nas festas, também foi perguntado sobre o que deveria melhorar na estrutura das festas de Natividade. Sendo assim, com relação à Festa

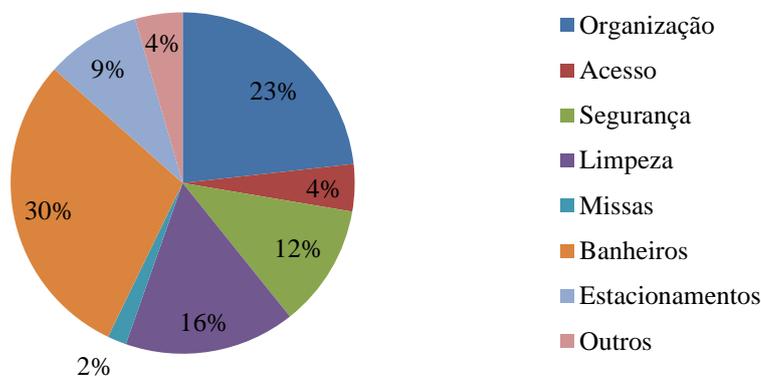
do Divino Espírito Santo obteve-se, que deve melhorar a organização (30%), os banheiros (28%), a limpeza (11%), estacionamentos (8%), segurança (7%) e as missas (2%). A resposta “Outros” recebeu 9% das avaliações, mas também não houve justificativa.

Gráfico 44 - O que deve melhorar na estrutura da Festa do Divino para os próximos anos?



Já com relação à Romaria do Senhor do Bonfim, os participantes da pesquisa consideram que se deve melhorar na estrutura dessa festividade: banheiros (30%), organização (23%), limpeza (16%), segurança (12%), estacionamentos (9%), acesso (4%) e missas (2%). A alternativa “Outros” recebeu 4%.

Gráfico 45 - O que deve melhorar na estrutura da Romaria do Bonfim para os próximos anos?



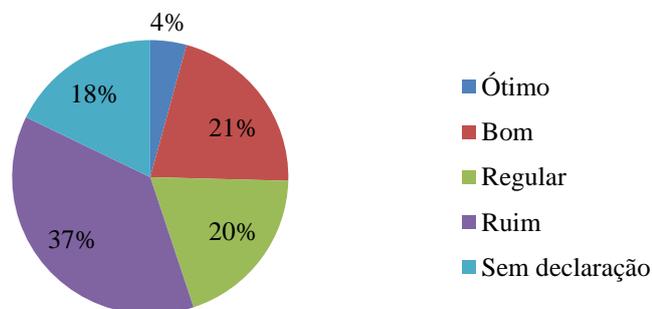
Logo, a partir disso, analisando-se os quatro gráficos sobre estrutura das festas, percebe-se que tanto na Festa do Divino Espírito Santo como na Romaria do Senhor do Bonfim, os participantes da pesquisa consideram como melhor a “Organização” e a parte religiosa representada pelas “Missas”. Banheiros, limpeza, segurança e estacionamentos, além da organização também figuram no questionamento sobre o que “deveria melhorar” na estrutura dessas festas.

Ressalta-se que, principalmente para a questão dos banheiros e da limpeza, que juntos aparecem com 46% no quesito “deve melhorar”. Relembrando e comparando que em 2014, durante o diagnóstico realizado na Romaria do Senhor do Bonfim pelo Sebrae em parceria com a Faet/Senar, a principal reclamação do público no perfil de turistas estava relacionada à infraestrutura da festa. Em que, 50% dos entrevistados consideraram os banheiros e a limpeza do evento como ruins. Ou seja, configurando-se como algo que há de se avaliar com urgência, pois a mesma reclamação voltou a aparecer na pesquisa atual, e 7 anos após, a situação permanece a mesma.

5.3.7. Infraestrutura Turística de Natividade

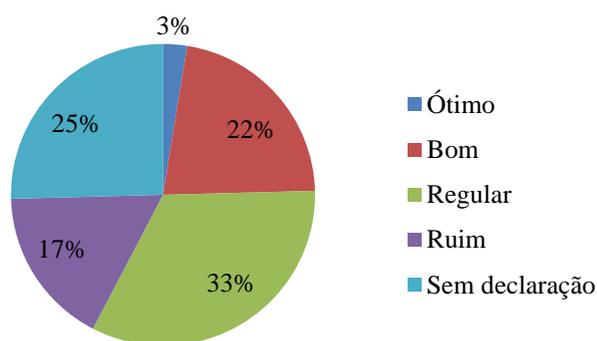
Na sétima e última sessão, o participante da pesquisa por meio de questionário online analisou a infraestrutura turística de Natividade aplicando quesitos entre “Ótimo” a “Sem declaração”, com relação aos seguintes instrumentos: rodoviária, transporte intermunicipal, hospedagem, restaurantes, posto médico, apoio aos visitantes e sinalização turística.

Gráfico 46 – Terminal Rodoviário



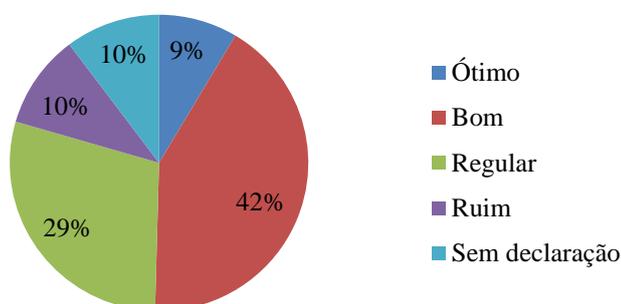
O Terminal Rodoviário de Natividade foi apontado por 37% dos participantes como “Ruim”, 20% avaliou como “Regular”, 21% como “Bom”, 18% não opinaram e 4% consideraram como “Ótimo”. O local não tem movimentação e os ônibus que passam na localidade com destino para Brasília (DF) ou Salvador (BA), por exemplo, chegam em Natividade à noite ou no início da tarde e quase não há movimentação no terminal.

Gráfico 47 - Transporte Intermunicipal



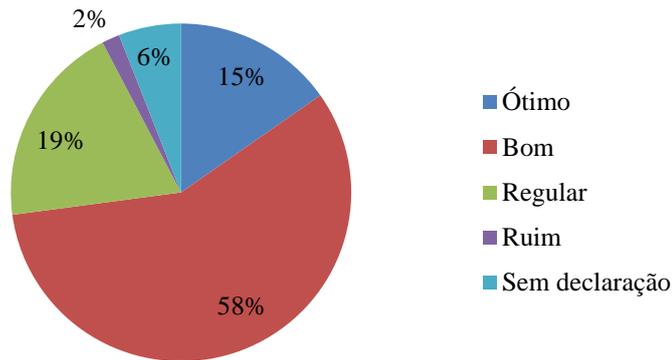
Com relação ao Transporte Intermunicipal em Natividade, as empresas que operam saindo de Palmas (TO) são: Entram, Real Expresso e Tocantins. Na pesquisa, 33% dos participantes consideram esse transporte “Regular”, 22% como “Bom”, 17% avaliam como “Ruim” e apenas 3% ponderam como “Ótimo”. Ainda, outros 25% não declaram, provavelmente por nunca terem utilizado. Porém, somados as respostas de “Regular” e “Ruim” tem-se um percentual significativo de 50% dos participantes que não considera a atual oferta de transporte intermunicipal satisfatória.

Gráfico 48 - Apoio ao Visitante



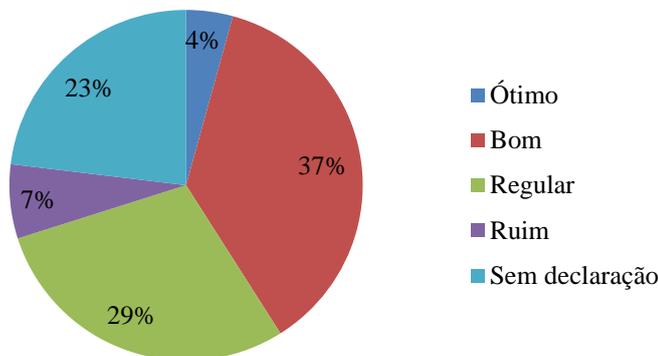
No que tange o “Apoio ao Visitante”, apesar da cidade não possuir um Centro de Atendimento ao Turista (CAT), os comerciantes e demais moradores cumprem seu papel com hospitalidade, por experiência desta pesquisadora, e ainda 42% consideram “Bom” o apoio ao visitante em Natividade, 29% avaliam como “Regular”, 9% como “Ótimo” e com 10% cada, marcaram nos quesitos “Ruim” e “Sem declaração”.

Gráfico 49 - Restaurantes



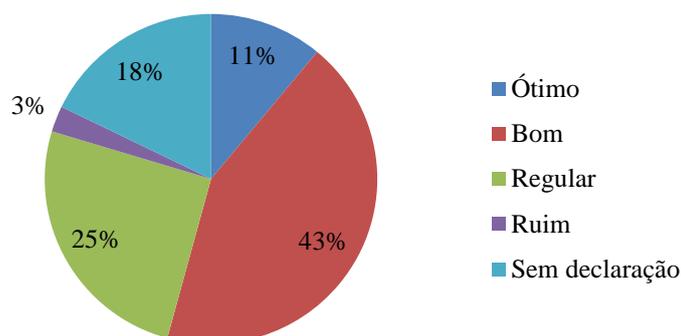
A pesquisa também avaliou os Restaurantes de Natividade, na visão das pessoas que participam das festas religiosas na cidade, 58% consideram os restaurantes da cidade como “Bom”, 19% avaliam como “Regular”, 15% como “Ótimo” e 2% acreditam que são “Ruins”. Não opinaram nessa questão um percentual de 6% dos participantes. Se somados os índices de “Bom” e “Ótimo”, obtêm-se um percentual de 73% de satisfação dos visitantes quanto ao acesso à restaurantes em Natividade. O que corrobora com a fala do presidente da Acinat, Manoel Salvador, sobre o aumento de restaurantes na cidade, de boa qualidade, tanto da alimentação como do espaço em si.

Gráfico 50 - Posto Médico



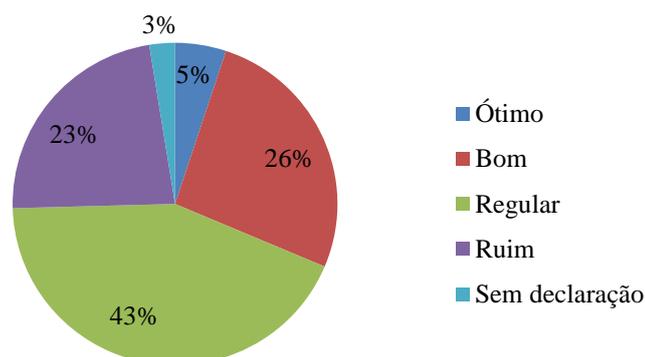
Também se questionou sobre a estrutura do município no que tange à saúde e oferta de Posto Médico. E, 37% dos participantes consideram “Bom”, 29% como “Regular”, 7% como “Ruim” e 4% sendo uma estrutura “Ótima” para a saúde em Natividade. Dos participantes que não declararam resposta, o índice foi 23%. Se somados os índices de “Regular” e “Ruim”, temos 36%, percentual que está próximo do conceito de “Bom”. Apesar da estrutura que existe, pode-se melhorar, na opinião dos participantes da pesquisa.

Gráfico 51 - Hospedagem



Já sobre Hospedagem, a cidade recebeu o conceito “Bom” para 43% dos participantes da pesquisa, outros 25% avaliaram como “Regular”, 11% consideram a hospedagem em Natividade como “Ótimo” e 3% como “Ruim”. Uma análise deste resultado, se dá devido ao aumento na oferta de hotéis e pousadas na cidade nos últimos dez anos.

Gráfico 52 - Sinalização turística



E, finalizando a análise das respostas do questionário aplicado de forma online sobre as festas religiosas de Natividade e toda a sua infraestrutura, perguntou-se sobre a Sinalização Turística da cidade. Logo, 43% avaliaram como “Regular” a sinalização turística da cidade, 26% como “Bom”, 23% consideram a sinalização “Ruim”, 5% como “Ótimo” e apenas 3% dos participantes não declararam opção. Das visitas em campo, percebe-se que a sinalização está deteriorada em alguns pontos turísticos da cidade, principalmente os blocos de identificação dos monumentos.

A terceira pergunta aberta do questionário foi se o participante tinha percebido alguma mudança nas festas ou em Natividade ao longo dos anos com relação ao turismo, as festas e a cidade em si. Das respostas, obteve-se um padrão com termos mais citados sendo: “melhorou”,

notou mudança na “organização”, “não percebeu mudança”, seguidos de menções acerca da “estrutura”, “mais turistas” e “suporte/recepção dos turistas”.

Com isso, e dentre as respostas dos participantes, que foram mantidas sob sigilo, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), identificando apenas a ocupação profissional e a cidade de origem, selecionou-se as que continham frases e períodos completos. Logo, os participantes responderam a seguinte questão: “Você percebeu alguma mudança na cidade e nas festas em si desde quando começou a participar delas? O que melhorou ou piorou?”. As respostas mais fundamentadas foram:

- “Melhorou na organização, aumentou o número de colaboradores e de pessoas para ajudar na organização dos festejos!” – Empresário, Natividade (TO);
- “Acredito que com a Internet, os festejos tornaram mais conhecidos, trazendo mais turistas pra cidade”. – Empregado do Setor Público, Dianópolis (TO);
- “Melhorou bastante porque mudaram o local da missa, antes era muito apertado. Mas sinto saudades da missa celebrada em frente à igreja, mas entendo que ali não caberia mais tantas pessoas”. – Estudante, outra cidade do Tocantins;
- “Sim, ocorreram várias mudanças, exemplo na Romaria do Senhor do Bonfim na parte de segurança melhorou muito com a identificação do policiamento o que diminuiu a ocorrências de roubos”. – Empregado do Setor Público, Natividade (TO);
- “Sempre cada um se esforça para dar mais conforto aos visitantes”. – Empregado do Setor Privado, outra cidade do Tocantins;
- “Penso que nenhuma mudança para melhor. A cidade continua sem atender bem ao turista, especialmente quanto aos serviços bancários e a rodoviária local”. – Empregado do Setor Público, outra cidade do Tocantins;
- “A distribuição dos bolos, doces licores. Com o aumento da população fica difícil atender bem os participantes dos festejos”. – Empregado do Setor Público, outro Estado;
- “Sim... Aumentou o número de devotos. A pior parte na minha opinião é o consumo altíssimo de bebidas”. – Empregado do Setor Público, Natividade (TO);
- “Sempre a mesma coisa tendenciando a piorar quando observamos a queda abrupta da comercialização nos eventos em virtude das altas taxas cobradas, sem retorno. Descontentamento dos comerciantes, falta de perspectiva da gestão municipal em ter visão inovadora. "Pensamento azeitona" impede o crescimento

dos eventos a fim de se tornar uma "máquina de girar dinheiro" de forma justa (sem exploração). Natividade precisa aprender com outras regiões do país que tem preços acessíveis, qualidade nos produtos e serviços". – Empregado do Setor Público, Natividade (TO);

- “Sim. A vida não para. O que se percebe que há uma evolução, crescimento de participantes. No entanto, muitas coisas mantem como pilares das festas”. – Empresário, Natividade (TO);
- “Sim... Diminuição dos participantes da Romaria falta de estruturas para os fiéis visitantes, preços elevados para os comerciantes em relação do aluguel de pontos e instalação de energia elétrica”. – Dona de Casa, Natividade (TO);
- “Sim... crescimento. Organização, número de pessoas voluntárias envolvidas. Precisa de mais recursos para execução”. – Aposentada, Natividade (TO);
- “Melhorou a questão dos serviços turísticos”. – Empregado do Setor Público, Palmas (TO);
- “Percebo que no período das festas a cidade fica mais organizada, dinâmica e viva”. – Autônomo, outra cidade do Tocantins;

Por fim, também em formato de questão aberta, foi perguntado aos participantes “Você acredita na potencialidade do turismo religioso na cidade?”. Também se selecionou as respostas mais fundamentas, não identificando os participantes e inserindo a ocupação e a localidade. Percebe-se nessa última questão, um empenho maior dos participantes em defender o turismo na cidade e uma forte crença na potencialidade de Natividade como destino para o turismo religioso.

- “Porque é uma manifestação que envolve toda a comunidade, movimentando não só a cidade, os municípios, mas toda a região”. – Empregado do Setor Público, outro estado;
- “Porque já é um grande destino religioso. E vendo a fragilidade em relação à pandemia, acredito que os fiéis voltarão mais fervorosos”. – Empregado do Setor Público, outro estado;
- “Porque é uma cidade histórica, tem riqueza na história e uma fé enorme do povo”. – Empregado do Setor Público, Natividade (TO);
- “Primeiramente por si só ela é uma cidade turística e em consequência possui a Padroeira do Estado, fora todas outras atividades religiosas que possui na região,

desde as atividades cristãs (católica e protestante), como também as atividades de matriz africana, entre outros”. – Empregado do Setor Privado, outro estado;

- “Além de ser um ponto de referência religioso, a formação natural e geológica causa admiração e instiga a reflexão, tendo o balanceamento perfeito para a estruturação da região como um polo de turismo religioso”. – Autônomo, outra cidade do Tocantins;
- “Por que é uma cidade que o turismo religioso não perdeu a essência. Há muitos devotos por aqui e se depender disso, o turismo religioso vai só crescer cada dia mais”. – Empregado do Setor Privado, Natividade (TO);
- “Porque tem tradição secular, marca a identidade local, atrai dividendos”. – Empregado do Setor Público, Dianópolis (TO);
- “As pessoas do povo acreditam na cidade, independente de incentivos das esferas de governos”. – Empregado do Setor Público, outra cidade do Tocantins;
- “Uma cidade que possui um dos maiores santuários religiosos do meio norte, que devota todo mês um santo, tenho certeza que tem grande potencial pra entrar em um grande circuito de turismo religioso. Além do que, a fé e a devoção estão na alma do nosso povo seja ele de qual classe social participar”. – Autônomo, Porto Nacional (TO);
- “Ela ainda existe pela devoção fervorosa... Pode-se identificar vários fatores para o declínio: super exploração da Igreja na cobrança do loteamento destinados aos ambulantes, falta de estrutura para comportar o fluxo de pessoa e serviços, falta de capacitação dos microempreendedores para que possam superar suas dificuldades, falta de capital para que os pequenos empreendedores possam ampliar seus comércios, dentre outros”. – Empregado do Setor Público, Natividade (TO);
- “Porque a cidade é praticamente um trevo que ligar várias cidades”. – Autônomo, Natividade (TO);
- “Pela própria história de cada festividade, pela força e envolvimento da comunidade, pela localização geográfica de Natividade (acesso), por ter outras características que podem somar aos produtos desenvolvidos entre outros”. – Empresário, Natividade (TO);

- “A cidade tem muitos pontos turísticos maravilhosos... Está faltando empenho dos responsáveis em privilegiar o turismo da cidade”. – Dona de Casa, Natividade (TO);
- “Possui um alto potencial turístico, mas infelizmente ainda há pouca divulgação e pouco investimento”. – Empregado do Setor Público, Palmas (TO);
- “Sim, Natividade é uma cidade riquíssima de histórias e um pouco de investimento faria com que mais pessoas as olhassem com outro olhar”. – Estudante, Natividade (TO);
- “A tradição é muito forte, tem potencial de se disseminar mais pela região, e pode trazer muitos benefícios à cidade, melhorando sua infraestrutura. – Estudante, Natividade (TO)”;
- “Pela força da fé, as pessoas da localidade gostam de manifestar e tem prontidão para colaborar nas festividades de uma maneira geral”. – Aposentada, Natividade (TO);

Com isso, percebe-se que as pessoas que visitam a cidade, seja na época das festas religiosas ou demais períodos, já consideram Natividade como lugar turístico, porém falta investimento e infraestrutura. Muitas respostas enfatizam o papel da comunidade e sua devoção, e que o turismo religioso possa gerar renda para o local. Alguns mencionam a localização da cidade como um “entroncamento” da região, como sendo um fator primordial para o desenvolvimento. Outro ponto muito apontado é a interferência ou presença “extrema” da Igreja, no que tange a Romaria do Senhor do Bonfim, dificultando alguns acessos e não oferecendo infraestrutura.

Portanto, as pessoas querem conhecer Natividade, sua cultura, sua história e sua religiosidade. Vale salientar que quem respondeu ao questionário são pessoas que vão à cidade e/ou que já foram na cidade, principalmente, nas suas festas religiosas.

5.4. Devoção, fé e comunidade: a Festa do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino Espírito Santo de Natividade é considerada uma festa tradicional no Tocantins, caracterizando-se pela sua singularidade, em que alguns personagens, ritos e

celebrações são distintos dos originários vindos com os colonizadores portugueses para o Brasil e, em consequência, para a região central do país.

Caracterizada como uma festa católica, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir os fiéis em torno da mensagem de Cristo, a festa de Pentecostes dá lugar às manifestações comunitárias de regozijo e alegria em que as pessoas do campo juntavam-se na cidade mais próxima, seguindo em procissão, cantando e dançando em louvor ao Divino Espírito Santo. Brandão (2010) retrata que todos os rituais presentes nessas festas, cumprem regras estabelecidas ao longo dos anos pela própria comunidade e também pela Igreja, sejam eles gestos coletivos ou individuais.

Natividade mostra a importância da festa para a comunidade, a partir do momento que “vende” essa identificação com o Divino Espírito Santo, como apresentado anteriormente, principalmente, por meio do artesanato. A Festa do Divino Espírito Santo segue o calendário cristão, com data móvel, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, precisamente no 7º domingo após a Ressurreição de Jesus. Quando da realização da festa, os símbolos como a pomba e a cor vermelha representam, respectivamente, o Divino e o fogo, estão presentes em toda parte da cidade: nas bandeiras, na decoração da Igreja e até mesmo na vestimenta dos devotos e foliões.

Na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, na região sudeste de Goiás, essa movimentação de devotos faz com que ganhe centralidade na vida dos atores envolvidos. “A regulação do espaço-tempo da Festa é feita como estratégia de “organizar” o espaço da festa, colocar limites de uso, cercear o desejo em nome do espetáculo que exige comportamentos e novos valores” (COSTA, 2008, p. 69).

Também em Natividade, na Festa do Divino Espírito Santo, observa-se um interesse em promovê-la como atração turística da cidade, enquadrando-a dentro da lógica capitalista. Essas estratégias são realizadas pela Asccuna, pelo poder público municipal, pela mídia e pelos próprios festeiros com será apresentado a seguir.

Com relação às impressões da última festa do Imperador do Divino realizada antes da pandemia e registrada em Diário de Campo, tem-se que logo pela manhã do dia 9 de junho de 2019, a cidade ainda estava movimentada pela festa do Capitão do Mastro que tinha durado até as 5h30 da manhã. A missa do Imperador ocorreria às 9h, na Igreja do Espírito Santo e na sequência seria o Sorteio dos próximos festeiros e a festa do Imperador. Algumas pessoas já chegavam para a missa, pois queria guardar lugar na igreja. Gente vinda de Santa Rosa (TO), Porto Nacional (TO), Palmas (TO), Chapada da Natividade (TO) e demais cidades circunvizinhas.

Na casa do Imperador foi realizada a sua Coroação e a conseqüente saída do cortejo para a Igreja. Apesar do difícil acesso, com rua de terra e quase no pé da Serra, o local possuía um quintal enorme com dezenas de árvores que forneciam valorosa sombra para a festa do Imperador. O cheiro do preparo do almoço já estava no ar e anunciando que o almoço seria churrasco. A família do Imperador presente e bem ornada, tudo muito bem decorado e respeitando as cores do Divino Espírito Santo: o vermelho do fogo do Divino e o branco da pomba.

As mulheres ornamentavam a mesa do bodo (doação simbólica de doces, bolos e bebidas) e os últimos ajustes eram feitos no altar do Imperador. No local, haviam ainda dois seguranças contratados.

Figura 30 - Festa do Imperador do Divino Espírito Santo em 2019.



Fonte: Autora, 2019.

No local da festa do Imperador, diversas pessoas chegavam com freezers para venda de bebidas, um outro ambulante instalava um pula-pula para as crianças, além de barraquinhas de bebidas quente que eram montadas, os churrasqueiros cuidando da carne no fundo do quintal e debaixo de um sombreado, quase no final do terreno e os técnicos passavam o som do palco montado para a festa do Imperador.

Em 2019, o espaço da festa do Imperador era uma chácara, praticamente dentro do perímetro urbano. As pessoas comentavam que aquele era o melhor espaço que já tinham visto e que “ia ser bom demais”. Enquanto a cerimônia de coroação acontecia no interior da casa, conduzida pelos devotos da festa e os Procuradores da Sorte, os demais devotos continuavam na

organização do bodo que ofereceu: bolos, licores, paçoca de carne de sol, almoço com churrasco e petas/biscoitos. Um detalhe dessa última edição da festa é que nenhum político “de renome” esteve presente e a festa só teve apoio dos comerciantes locais e comunidade. Apesar do Imperador ser vereador na cidade, nenhum “padrinho” político compareceu.

Em anos anteriores, governadores, candidatos e deputados sempre estiveram presentes na Festa do Imperador, inclusive participando do cortejo. A classe política agenda a Festa do Divino principalmente em ano eleitoral, como se pode perceber nas coberturas jornalísticas dos meios de comunicação e pela divulgação dos próprios políticos. Simone Camelo nos informou ainda que naquele ano (2019), quem tocou a festa foi a comunidade, os comerciantes da comunidade que ajudaram, o governo não mandou nem imprimir os cartazes para divulgar, como era de praxe em anos anteriores.

Em 2018, com as eleições suplementares¹¹² no Tocantins, os políticos estiveram na Festa do Divino, como exposto logo a seguir, neste post da rede social Twitter, pelo candidato e governador interino, Mauro Carlesse, acompanhado por dentre tantos parlamentares, inclusive até a presidente interina da Assembleia Legislativa, deputada Luana Ribeiro. Em matéria veiculada por sua assessoria na página da Assembleia Legislativa, a então presidente Luana Ribeiro disse que a “folia” é um marco histórico para a Natividade e para o Tocantins e que “já é uma tradição a festa do Divino, que celebra a fé, renova as esperanças dos fiéis, atrai turistas e movimenta a economia através do turismo. Este ano a festa foi ainda mais bonita, colorida e bem prestigiada” (ASSESSORIA, 2018).

Mauro Carlesse foi eleito na eleição suplementar e em 2019, nenhum deles sequer compareceu na festa do Divino em Natividade.

¹¹² A eleição suplementar para governador do Tocantins em 2018 foi convocada pelo Tribunal Superior Eleitoral mediante o veredicto que cassou a chapa vitoriosa ao governo estadual no pleito de 2014 sob a acusação de abuso de poder.

Figura 31 - Candidato e governador em 2018, Mauro Carlesse comparece à Festa do Divino.



Fonte: @maurocarlesse - Twitter (2018)

Antes disso e pegando como exemplos algumas participações de políticos no decorrer dos anos, leia-se agenciamentos nas festividades do Divino Espírito Santo, tem-se em 2006, o então Governador Marcelo Miranda que participou com toda sua comitiva da Missa e Coroação do Imperador Antônio Quintilhiano, o Tonio da Serra. Em sua fala, durante missa, o governador ressaltou:

A nossa presença aqui, hoje, é mais uma vez para dizer ao povo Nativitano e a todo o povo tocantinense que nosso coração está em paz, cheio de alegria porque entendemos que é dessa forma, estendendo as mãos às pessoas que merecem nosso respeito, para que possam conosco continuar o desenvolvimento em todos os setores da área pública. Aqui quero dizer das parcerias com os prefeitos, com prefeito Tiquinho (Albaney Nunes Cerqueira), onde temos procurado dar nossa contribuição para que Natividade continue sendo uma cidade berço cultural (GOUVEIA, 2006, online).

Em 2010, outra participação bastante publicizada foi do governador no mandato tampão, Carlos Henrique Gaguim, em que ressaltou: “Há mais de dez anos eu participo da Festa do Bonfim, da folia, uso a roupa vermelha em sinal de devoção. Nosso mandato é passageiro, mas as ações do Divino são eternas” (REDAÇÃO, 2010, online). Além de participar do cortejo, o governador discursou durante a missa do Imperador Julio Dias Rocha e dividiu o altar com o festeiro, de um lado os políticos e do outro, os festeiros do ano.

Figura 32 - Em 2010, governador tampão Carlos Gaguim discursou durante a missa do Imperador.



Fonte: Secom/TO, 2010.

E, em 2013, o governador Siqueira Campos recebeu a Folia de Cima do Divino Espírito Santo no Palácio Araguaia, e ressaltou que “de certa forma vocês foliões são capazes de levar a religiosidade e a esperança a quem precisa” (REDAÇÃO, 2013). Os políticos surgem com promessas e mais visibilidade na época de eleições, sejam elas municipais ou estaduais. Todos se lembram do santo quando é época de votação. A Folia de Cima é uma das três que saem em busca de donativos, da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade e frequentemente faz seu giro na Capital, pelos órgãos públicos e casas de devotos.

Retornando a análise para 2019, após a Coroação, inicia-se o reinado do Imperador do Divino Romeu Belém, saindo em cortejo até a Igreja Espírito Santo sob o sol quente e um pouco atrasados, os Alferes puxam o cortejo com suas bandeiras em vênias, seguidos pelo Imperador e sua família. Logo atrás, os festeiros de edições anteriores seguem e a banda da cidade fecha o cortejo.

O bispo da Diocese de Porto Nacional esteve presente, assim como a TV Anhanguera fazendo a cobertura do último dia de festa. Como era domingo, o comércio próximo à Igreja do Espírito Santo abriu por causa do movimento da missa do Imperador, geralmente não abre, mas como teria movimento na cidade, eles optaram por abrir por causa da festa, como informou a atendente da padaria.

Já no Centro Histórico, a cidade estava quieta e todos se dirigiam para a festa do Imperador e a Missa ainda perdurava após o meio-dia. No Restaurante Casarão, o proprietário do restaurante reclamou dos locais turísticos (museu e loja de artesanato) por estarem fechados o que “dificultava o negócio”. Ele disse ainda que a briga dos comerciantes com a prefeitura é fazer de Natividade uma cidade com horários de cidade turística, em que as atrações fecham às segundas-feiras e não aos sábados e domingos. Tanto no restaurante como na loja da Tia Naninha, eles vendem lembrancinhas produzidas pelo Grupo Tia Benvinda, uma forma de oferecer souvenirs da cidade e atender a alta demanda.

A imprensa aborda a Festa do Divino com menos ênfase se comparada com a Romaria do Bonfim. Analisando o agenciamento da imprensa acerca das festividades do Divino Espírito Santo, realizou-se uma pesquisa no arquivo do Jornal do Tocantins, avaliando as coberturas realizadas e as pautas abordadas nos últimos 21 anos. O jornal é um dos únicos que ainda circulam (atualmente online) e que possui um acervo das edições passadas, os demais jornais são online e reproduzem material de assessoria, principalmente quando um político vai até a festa. Geralmente, a imprensa aborda a Festa do Divino Espírito Santo em conjunto com o aniversário da cidade, dia 1º de junho.

Em alguns anos a festa teve destaque na cobertura do Jornal do Tocantins. Com relação ao período pesquisado (1998 até 2018), a Festa do Divino Espírito Santo não teve cobertura nos anos de 2004, 2007, 2008 e 2009, como em 2011, 2012 e 2015, provavelmente pela mudança do editor de cultura do jornal. Ao longo desses 21 anos, as editoras de cultura que deram mais espaço para as festas religiosas do Tocantins foram as jornalistas Elizangela Farias, Cinthia Abreu e Cejana Neiva.

Figura 33 - Cobertura da Festa do Divino nos anos de 2000 (A), 2003 (B) e 2010 (C).



Fonte: Acervo do Jornal do Tocantins/Organização Jaime Câmara

Nos anos de 2000, 2003 e 2010 a festa obteve mais destaque nas páginas do Jornal do Tocantins, inclusive com matéria de página inteira e jornalistas enviados especialmente para cobertura do evento. Um detalhe observado é que quando a festa caía em datas comemorativas do jornal, como aniversário de criação do mesmo e outros eventos maiores, não havia cobertura

da Festa do Divino Espírito Santo, como ocorreu nos anos de 1999 (aniversário de 20 anos do jornal), 2007 e 2008 em que o caderno de cultura foi voltado exclusivamente para o Salão do Livro do Tocantins: em 2011 e 2012 foi dado destaque para o aniversário do jornal e para o Festival de Cinema de Cannes.

Figura 34 - Cobertura no JTO nos anos de 1998 (A), 2005 (B), 2012 (C) e 2013 (D).



Fonte: Acervo do Jornal do Tocantins/Organização Jaime Câmara

Na figura acima, o espaço dado para a cobertura da Festa do Divino Espírito Santo no Jornal do Tocantins foi diminuindo conforme a “modernização” do periódico. Em 1998 (A), a festa foi citada em conjunto com o aniversário do município ganhando ¼ da página do caderno. Em 2005 (B) e 2012 (C), a festa recebeu a mesma proporção de espaço e em 2013 (D), apenas um filete. Em 2015 não houve cobertura da festa.

Com a mudança no formato do jornal em 2016, saindo do tamanho standard para tabloide, o Caderno de Cultura passou a ter uma página e reproduzir material dos grandes centros, as festas culturais e religiosas de todo o Tocantins, deixaram de ser mencionadas e não aparecem mais. Percebe-se um enxugamento dos assuntos culturais locais em provimento de assuntos relacionados à região sudeste e internacionais. Pode-se dizer que o jornal já não era mais “do Tocantins”.

Desse enciamento da mídia, a TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo de Televisão, quando não desloca equipe, recebe material da produtora cultural e presidente da Ascuna, Simone Camelo. Tanto a Festa do Divino Espírito Santo como a Romaria do Senhor do Bonfim (que será analisada no próximo tópico) são pautadas e divulgadas por essa emissora e há relatos que, por insistência dos repórteres que eram devotos. Nos anos que foi realizada a pesquisa de campo, analisando este fato desde 2005, as demais emissoras não fazem essa cobertura espontaneamente, apenas quando algum político oferece vaga na comitiva que irá participar, acontecendo em 2010 e 2018, nas festas em que houve o acompanhamento in loco para pesquisa de campo, além de relatos dos participantes.

Em 2020, a Festa do Divino não ocorreu. Diante do cenário pandêmico, as festas religiosas de Natal não foram realizadas em sua normalidade, ocorrendo apenas uma missa com os festeiros do ano, sem a participação dos fiéis e com transmissão online pela conta no Instagram de um dos devotos.

Dessa forma, a Festa foi suspensa e transferida para 2021. Porém em 2021, como a situação pandêmica não melhorou (muito pelo contrário), a Festa do Divino Espírito Santo foi transferida novamente para 2022, mantendo os mesmos festeiros de 2020. Essa decisão foi tomada após reunião dos festeiros com o pároco e representantes da Asccuna, em que divulgaram no dia 26 de janeiro de 2021, um comunicado via aplicativo de troca de mensagens (WhatsApp) para todos os envolvidos.

Os membros da Asccuna desempenham esse papel como Brandao (2010) já expôs, que todo o ritual deve seguir rigorosamente cumpridos em cada casa, em cada momento de chegar, de pedir, de comer, de agradecer, de abençoar, de partir, para que tudo seja a repetição de um culto coletivo que reforça e ratifica aquela tradição acreditada, se repetindo da mesma forma, com algumas pequenas alterações logísticas, no decorrer dos últimos anos.

As celebrações obedecem uma hierarquia coletivamente estabelecida e legitimada, em que há negociação constante entre os atores (eclesiais e leigos) que orientam todo o seguimento do evento.

Figura 35 - Em 2020, festeiros junto com a Asccuna e Igreja fizeram alguns ritos em homenagem ao Divino Espírito Santo.



Fonte: Simone Camelo, 2020

A não realização da festa por dois anos consecutivos mexeu com a comunidade. Para Romeu Belém dos Santos, que já foi festeiro e sempre se envolveu com as festividades do Divino, sendo o último Imperador do Divino antes da pandemia e nos últimos anos já foi Despachante de folias e que em 2020 seria Alferes. “Um sentimento de tristeza e angústia, pois isso nunca tinha ocorrido! 90% dos habitantes de nossa cidade são muito devotos ao Divino Espírito Santo! Que essa pandemia passa o mais rápido possível, e que ano que vem possamos realizar todos os eventos religiosos da nossa região, com muita fé!”¹¹³.

Foram realizados alguns ritos religiosos e sagrados e os devotos encaminharam fotos e depoimentos sobre a festa em 2020, como é o caso da devota Dirani Ribeiro de Oliveira Carvalho.

No Domingo de Páscoa que seria a Saída das Folias fizeram uma carreata com as três bandeiras do Divino Espírito Santo que saíria pro Giro (a dos Gerais, do Outro Lado do Rio e a de Cima), juntamente com os festeiros de 2020 e alguns membros da comunidade e das folias percorreram as ruas da cidade, levando a bênção do Divino Espírito Santo, para nossa cidade, passando nas ruas das casas dos devotos. Na Quinta-Feira da Hora (que seria a Chegada das Folias), alguns foliões, se disponibilizaram para cantar na igreja, simbolizando ali a Chegada das Folias, onde cantaram tão lindo que não deu para conter a emoção contida

¹¹³ Entrevista concedida por SANTOS, Romeu Belém dos. **Entrevista III**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta tese.

de lágrimas, daquele momento tão lindo e único. Estavam presente ali os festeiros, o Padre Marquinelio e alguns membros da comunidade. Todos com máscaras e com o distanciamento! Na semana que antecedeu a festa todos os dias tivemos tríduo celebrado pelo padre Marquinelio e os músicos da igreja, transmitido pelo o Facebook da Paróquia! No dia de Pentecostes foi celebrada a missa, tão linda, presidida pelo o Padre Marquinelio, também transmitida pelo o Facebook da Paróquia! Tive a honra de está presente nessa missa tão bela, mas foi muito estranho, estava faltando algo e com certeza o aconchego, carinho e aglomeração do povo todo reunido. Não segurei o choro, me emocionei em ver a igreja que nos outros anos estava tão cheia de devotos, ver ali poucas pessoas com máscaras com distanciamento assistindo a missa de Pentecostes. Igreja vazia me doeu muito ver aquela cena. Concluindo, essa missa de Domingo de Pentecostes foi feita outra carreata, mas dessa vez com a Bandeira da Misericórdia e as três bandeiras do giro, o Imperador, a Imperatriz, o Capitão do mastro e Rainha, juntamente com alguns devotos do Divino Espírito Santo. Assim como no Domingo de Páscoa percorreram as ruas da cidade, fazendo com os devotos recebessem a benção do Divino Espírito Santo. O Padre transmitia mensagens de ânimo, agradecimentos e cânticos lindos ao carro de som com muita Fé e Devoção (CARVALHO, 2020, informação verbal)¹¹⁴.

Para Adalho dos Santos Camelo Filho, na festa de 2020 estava ajudando os festeiros para definir o que seria feita. Na Festa do Divino, Adalho já foi Despachante e em 2019 foi Capitão do Mastro 2019.

Os fiéis, mesmo sabendo da dificuldade em fazer e realizar, muitos e muitos mandando mensagem perguntando: “ah e a missa vai ter? Como nós vamos fazer? Não pode deixar de ter”, mas com o entendimento de alguns, viu que o momento não era fácil, mas mesmo assim alguns fiéis que frequentam a igreja teve uma combinação junto com os festeiros, que foi designado para o ano seguinte, que tinha que fazer alguma coisa (CAMELO FILHO, 2020, informação verbal)¹¹⁵.

A relação da Heryka Simone Lopes Sales com a Festa do Divino em 2020 era mais especial, pois seria o seu primeiro ano como Imperatriz do Divino, ao lado do esposo Ademilson Ferreira Costa, Imperador do Divino.

Meu vínculo com outras edições: sou filha do Imperador do ano de 1995, Valcy de Sales Dias, na época tinha 15 anos de idade, foi minha primeira experiência com o festejo do Divino Espírito Santo de perto, desde então sempre estive envolvida indiretamente através do meu pai que é um grande devoto, e despachante de folias todos os anos. Fui duas vezes despachante de folias, no ano de 2012 e 2019, além de ter girado 15 dias junto com a Bandeira do Divino na folia dos Gerais como promessiante. Sim, moramos em uma cidade movida pela cultura e religiosidade e a festa do Divino Espírito Santo e bastante esperada pelos devotos da cidade e região. Sim, a Festa do Divino Espírito é

¹¹⁴ Entrevista concedida por CARVALHO, Dirani Ribeiro de Oliveira. **Entrevista VII**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta tese.

¹¹⁵ Entrevista concedida por CAMELO FILHO, Adalho dos Santos. **Entrevista XVIII**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (6 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice S desta tese.

uma festa religiosa, mas também cultural e todas essas manifestações faz parte de nossa cultura (SALES, 2020, informação verbal)¹¹⁶.

Sobre a realização dos ritos em homenagem ao Divino Espírito Santo, no ano em que as festas religiosas foram suspensas, Padre Marquínlio, pároco de Natividade, explicou que por gerações, nunca aconteceu de cancelar a Festa do Divino.

Mas foi cancelado pelo bem do nosso povo. A Igreja Católica defende a vida. Nós não poderíamos ser contra as medidas de saúde do Estado e do Município. Como você sabe essa festa atrai muitas pessoas para a nossa cidade. Pela cultura forte que se tem pela Festa do Divino. Outro ponto muito importante que é o giro das folias. As três folias que saem de Natividade no Domingo de Páscoa e fazem o giro conduzindo a Bandeira do Divino Espírito Santo levando a muitos lares e cidades vizinhas de Natividade. Como as pessoas iriam se aproximar e fazer reverência e beijar este símbolo que para nós é sagrado? Não poderíamos levar esse risco para as pessoas. O sentimento foi de tristeza. Mas nem tudo na nossa vida é como nós pensamos e organizamos. Aceitamos a realidade e enfrentamos com coragem e sem perder a fé e a esperança. Como falei, foi realizado esses momentos para nossa comunidade que é muito devota do Divino. Tenho certeza que esses devotos ficaram agradecidos por que nós levamos até eles a imagem do Divino Espírito Santo. Eles não puderam ir a Igreja mas nós formos até eles... Foi um momento muito emocionante para a comunidade em geral porque renovou a fé deles. A vontade da população local e aqueles que vem de fora era de está rezando juntos na Festa do Divino Espírito Santo. Os meios de comunicação nos ajuda muito na evangelização. Então pela internet as pessoas de suas casas puderam acompanhar a missa transmitida direto da Igreja do Espírito Santo (SILVA, 2020, informação verbal)¹¹⁷.

Com a realização da carreata, o Imperador do Divino de 2020, Ademilson Ferreira Costa, expôs que poderia levar um pouco da força do Divino para a comunidade e que quando soube que a festa seria cancelada, ele não queria nem sair de casa, com vergonha.

Recebi a notícia com muita tristeza, uma dor gigante um sentimento inexplicável, haja vista estarmos preparado pra realização da festa. Domingo de Páscoa, Saída das folias, já sabia que não iria ter o Giro das folia, mas na segunda caiu a ficha. Não consegui sair nem de casa. Mas o Divino sabe acalmar o coração da gente, depois fui percebendo que a gente deve respeitar a vontade de Deus, e em meio a tudo isso vi que o Divino ia permanecer na minha casa. [...] mas dentro do possível levamos o Divino a toda a comunidade, via carreatas respeitando o momento que passamos e abençoado a cidade, momento único de testemunho de fé e devoção pelas ruas, em ver seu povo chorando e se benzendo com o tocar das caixas bem como, as benças dada pelo nosso pároco em cima de um trio elétrico. Ou seja, fizemos de tudo, pelo menos para amenizar o

¹¹⁶ Entrevista concedida por SALES, Heryka Simone Lopes. **Entrevista IV**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta tese.

¹¹⁷ Entrevista concedida por SILVA, Marquínlio Rodrigues. **Entrevista V**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta tese.

sentimento de tristeza que pairava sobre os devotos em saber que nesse ano as folias não iria pro giro e nem tão pouco iria acontecer as festividades. [...] Pra mim foi um dos maiores testemunhos que já vivenciei em minha vida (por onde passávamos em carreatas, pessoas com as bandeiras estendidas em suas casas, outras querendo beijar a bandeira e às vezes querendo dar suas esmolas em dinheiro, mas essa última não era a nossa finalidade. Tínhamos o intuito de acender o fogo da fé que brota do Espírito Santo em seu corações. E a meu ver, isso foi muito importante, pois vivemos numa cidade movida pela fé e religiosidade, essas manifestações faz parte. Não deixando se esquecer que Natividade e a nossa festividade do Divino é um monumento cultural se assim posso dizer, ainda não reconhecido pelos órgãos competente, mas que logo será! (COSTA, 2020, informação verbal)¹¹⁸.

Para Ademilson, a orientação da produtora cultural Simone Camelo foi fundamental para que a comunidade mantivesse viva a fé no Divino Espírito Santo.

Nossa Senhora, com os movimentos que fizemos, volto a dizer respeitando o momento que passamos, foi crucial para a renovação de nossa fé, tanto no dia da saída, dia da chegada e principalmente no dia da missa de Pentecostes. Só tenho a agradecer a todas as pessoas que com gestos e palavras nos davam força. Quero aqui agradecer uma pessoa especial que é nossa amiga Simone que sabe a dimensão da nossa cultura e nos orienta sempre, ao grupo de despachante que permaneceram firme para 2021. [...] E essa vontade, até hoje, ela é creditada e nós, e nós temos o prazer e a honra, se assim o Divino nos conceder, de fazer ela, pois faremos ela com todo amor e todo carinho para o povo de Natividade merecer. Faremos ela dentro das nossas possibilidades, mas entendendo que, por se passar de um ano para o outro, devemos e assumimos um legado histórico de assim, melhorar cada dia mais, em relação aos festejos. Posso dizer que é uma alegria imensurável, é gratificante, é muito bom ser Imperador. Ainda não concluí minha missão, mas a todo momento procuro ser o Imperador atuante, comunicativo e um Imperador que dê acesso ao povo, porque a festa não é do Imperador, é do povo, e eu fui apenas um instrumento que conduz a festa e vai dar tudo certo (COSTA, 2020, informação verbal)¹¹⁹.

Sobre o uso da Festa do Divino como atrativo turístico, ela está sendo trabalhada como atrativo de turismo religioso para a região. E, mesmo com a pandemia, o agenciamento dos atores ainda permaneceu presente: a igreja, a Asccuna e os festeiros reforçando que a festa permanece, mesmo que nos ritos simbólicos e com poucas pessoas. Fazendo com que a comunidade estivesse representada, por meio dos festeiros e acompanhando pelas redes sociais.

Com relação aos aspectos sociais da festa, o crescimento da mesma e o apoio do poder público, para a devota, Arquiteta e Urbanista, Servidora pública (IPHAN/TO) e professora universitária, Cejane Pacini Leal Muniz, a festa relembra sua infância, pois a família sempre

¹¹⁸ Entrevista concedida por COSTA, Ademilson Ferreira. **Entrevista VI**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta tese.

¹¹⁹ Entrevista concedida por COSTA, Ademilson Ferreira. **Entrevista VI**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta tese.

participou das festividades. Para ela, a Festa do Divino passou por processo de higienização com retirada de distribuição de bebidas e ingressos para festa do Capitão do Mastro, fazendo uma separação do sagrado e do profano. Apesar da parte profana da festa ser um grande atrativo também. Muniz ressalta ainda que a falta de apoio do poder público impulsionou mais a própria comunidade, em se unir para realizar a mesma, inclusive com a inclusão de pessoas de todas as classes se dispondo em ser festeiros.

A festa foi crescendo e tendo apoio do Estado. No momento que o Estado passou a não contribuir significativamente do ponto de vista econômico, a comunidade abraçou e, na minha concepção, continuou transmitindo os saberes vinculados, realizando os rituais. Na verdade, mostrou o melhor lado, festa feita pela comunidade, para comunidade. A participação social é muito grande, seja com doações e nos auxílios. Aliás, ver na visão de quem trabalha com gestão do patrimônio, a autonomia da comunidade, foi bastante emocionante. [...] Na festa do divino vejo que ela passou por processos de melhoria, em momentos anteriores, via-se claro nos sorteios pessoas que tinha mais condições sendo imperadores, capitães do mastro. Hoje isto não fica tão evidenciado. Até porque quem não tem condições financeiras consegue realizar de forma bela a festa. Outro ponto interessante é a formação de grupos para poder soltar uma folia. Sabemos que o custo é alto. Já presenciamos formação de grupos de mulheres para soltar. A festa está em constante adaptação à realidade social (MUNIZ, 2021, informação verbal)¹²⁰.

Sobre a parte profana dos festejos do Divino Espírito Santo, o Imperador Ademilson diz que a festa como um todo não tem reconhecimento das autoridades e só quem participa e conhece sabe a dimensão que ela alcança.

Quem participa dessa festa e da dimensão que ela abrange sabe, falo do sertanejo que deixa sua propriedade pra prestigiar a festa do divino, dos visitantes, dos filhos da cidade que moram fora e vem, da voluntariedade das pessoas em ajudar, gratificante. Posso dizer que são essas manifestações, respeitando a religiosidade, que também nos move. Aproveito para agradecer a cada um que foram disponibilizar seu tempo para fazer parte das equipes, ornamentações, equipe encarregada do gado, equipe da paçoca, equipe dos bolos, equipe da cozinha, equipe que servem as mesas, equipe do foguete, equipe da música, conhecida como forrozeiro, equipe da confecção dos licores e muitas outras, enfim só agradecer e pedir proteção para que ano que vem possamos dar essa alegria para o nosso povo (COSTA, 2020, informação verbal)¹²¹.

¹²⁰ Entrevista concedida por MUNIZ, Cejane Pacini Leal. **Entrevista XXIII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2021. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice Z desta tese

¹²¹ Entrevista concedida por COSTA, Ademilson Ferreira. **Entrevista VI**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 mensagem eletrônica. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta tese.

Ainda sobre a parte profana da festa, o devoto e Procurador da Sorte, Ailton de Paiva Moreira, mais conhecido em Natividade pelo seu nome artístico, Darlei Paiva, é natural de Natividade/TO, compositor, folião do Divino desde os 12 anos de idade e já foi sorteado como Capitão do Mastro na festa de 2015.

Com relação a parte profana da festa, são as manifestações culturais, as danças, as cantigas de catira, de suça, a gente sente falta sim, porque mesmo a gente sabendo que é o momento de manter isolamento social, mas esses momentos fazem parte da nossa cultura também e move nosso povo. A gente sentia falta, nós foliões fizemos algumas composições, algumas letras, para simbolizar também essa data, colocando também nossa fé em ação, mas simbolizando também essas festividades, essas alegrias de estarmos reunidos e com certeza, a gente sente a falta desses momentos. O entretenimento das pessoas participando, dos encontros nos pousos, da preparação da festa que é uma grande alegria, a organização da festa: as pessoas fazendo bolo, fazendo licor, aquela arrumação, aquela presença do povo abraçando a Festa do Divino, do povo fazendo a festa acontecer, porque a Festa do Divino ela é do povo, ela é feita pelo povo. A participação popular é imensa e isso deixa em nós essa sensação de que foi tirado de nós algo muito especial que falta uma parte de nós, é como se tivesse ficado um vazio imenso dentro de cada um de nós nativitanos (MOREIRA, 2020, informação verbal)¹²².

Dos projetos para a Festa do Divino Espírito Santo, e outro atrativo para fomentar o turismo religioso, é a construção da Casa do Divino. A Igreja Católica em Natividade recebeu uma área na década de 1990, localizada no centro da cidade, próximo ao Centro Histórico e ao Cemitério antigo, para que fosse construída uma igreja. Atualmente, a Igreja em parceria com a Asccuna e ACINAT pretende construir um galpão naquela área, mas o mesmo não seria com ares de museu, mas sim, um espaço para armazenamento das tralhas usadas na festa e espaço para as próprias solenidades profanas.

Que a gente acha importante a Casa do Divino onde você guarda todo o material para a festa. E agora, a gente tá olhando o espaço para fazer um espaço para a festa. Só que todo espaço que a gente olha é pequeno. Então, esse espaço que tem, eu já pedi para o rapaz fazer o levantamento, eu acho pequeno. Fica aqui atrás, perto desse beco aqui. [...] Mas isso tem muitos anos, isso é antigo. É doação de 92, 90 e pouco, que era para fazer uma igreja. Entendeu? Esse espaço a gente tá olhando porque fica entre a área tombada e a área que não é tombada. Vê se vai dá. Eu acho que é pequeno, mas a gente não vai achar outro espaço, a não ser ali para o lado da Serra, ali descendo o beco da Tia Naninha, a gente já viu aquela área ali, que tinha uma cerâmica antigamente. [...] Aí a gente está fazendo essa parte de levantamento e eu espero que em um ano a gente já tenha decidido tudo isso: de fazer, o quê fazer. [...] A festa é grande né? E a gente tem que pensar na dimensão. Não adianta a gente fazer um negócio aqui, e não cabe

¹²² Entrevista concedida por MOREIRA, Ailton de Paiva. **Entrevista XIV**. [jun. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (30 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice O desta tese.

mais depois. Então nós temos que pensar em um projeto maior e fazer com que ele seja executado (ARAÚJO, 2020, informação verbal)¹²³.

Natividade, pelos registros desde 1904 da realização da Festa do Divino na cidade, já poderia ter um museu, como por exemplo, em Pirenópolis (GO) e Mogi das Cruzes (SP) que também realizam a Festa do Divino Espírito Santo e há museus com toda a história da festa. Em Pirenópolis, o museu foi inaugurado em 2007 e fica na antiga Casa de Câmara e cadeia que foi reformada e hoje recebe os visitantes que buscam conhecer mais sobre a Festa do Divino do local. Em Mogi das Cruzes, o museu está instalado no centro da cidade e é mantido pela Associação Pró-Festa do Divino desde 2015 e até o momento, o local conta com 190 obras no acervo (MUSEU, 2021; MUSEU DO DIVINO, 2021).

5.5. Fé, penitência e abandono: a Romaria do Senhor do Bonfim

A Romaria do Senhor do Bonfim acontece na comunidade rural do Bonfim, distante 23 km do município de Natividade. A festividade é realizada entre os dias 6 a 17 do mês de agosto, e é apontada como uma das festas religiosas mais expressivas do estado do Tocantins, atraindo pessoas de vários outros estados e que desenvolve um papel regional com relação ao cenário religioso.

É a mistura do sagrado e do profano, simbolizando um ambiente social e econômico de trocas e confirmação de identidade e cultura. Em 1998, a Diocese de Porto Nacional constituiu o local como Santuário Diocesano devido registros nos cânones 1230-1234, em que se cita a existência bicentenária da devoção dos fiéis ao Senhor do Bonfim, além do crescente número de romeiros da Diocese e de todo o estado do Tocantins.

A data determinada da origem da devoção ao Senhor do Bonfim no Tocantins, não é específica, porém, como relatado na Introdução deste trabalho, existem registros da existência e movimentação de milhares de pessoas para a Romaria que datavam antes de 1883, data na qual “o Bispo de Goiás, Dom Cláudio Ponce de Leão faz uma visita pastoral em toda a sua diocese, alcançando também já a Romaria do Senhor do Bonfim e Porto Nacional” (PEDREIRA, 2016,

¹²³ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

p. 29). Além das menções nos jornais como o Estado de Goyaz e o Norte de Goyaz¹²⁴, que publicaram textos referentes à Romaria do Bonfim de Natividade, em 1892 e 1908, respectivamente.

O Reitor do Santuário, Padre Leomar Sousa da Silva, é natural de Porto Nacional e participa da Romaria do Bonfim desde os 12 anos de idade, ou seja, há mais de 40 anos o Reitor conhece a realidade do local e acompanhou as mudanças que foram ocorrendo com o passar dos anos. No local, nos períodos que não são da Romaria, acontecem missas no 1º, 2º e 3º domingo de cada mês.

De vários lugares, de todos os lugares. E vem muito quem se identifica com o padre do dia que reza, entendeu? Por exemplo, tem gente que diz assim “eu vou para missa do padre Leomar”, tem gente que fala “eu vou para missa do padre Jakson”, outras “não, eu vou para do Monsenhor Jones”. Aí eu falo para eles, a gente não briga porque cada um tem seu povo. Agora vai vir mais um outro, para o segundo domingo. Porque é assim: eu no primeiro, monsenhor Jones no terceiro e o padre Jakson no quarto domingo e o segundo ficava sem ninguém (SILVA, 2020, informação verbal)¹²⁵.

A presença física nos espaços religiosos, bem como o compartilhamento coletivo para a vivência da fé é um dos aspectos primordiais da devoção católica brasileira. Advindo de um catolicismo ibérico em contato com as tradições religiosas indígenas e africanas, este tipo de religiosidade criou rotas de devoções em locais considerados sagrados, fazendo emergir o hábito das romarias e peregrinações.

Logo, a visita à casa do santo é sagrada e atua como elemento direto na ligação com o devoto. Invocados para resolver problemas cotidianos, curar os males do corpo e do espírito entre outras mazelas, os santos se fazem de advogados, médicos, enfermeiros, aumentando as promessas, muitas delas, através da prática da penitência e das ofertas materializadas nos ex-votos.

Steil (2003) já apontou essa divisão do clero,romeiros e moradores e os sentidos da romaria em seu trabalho sobre a Romaria de Bom Jesus da Lapa (BA) em que há um discurso metassocial que comporta duas formas de sociabilidade, que operam a partir de lógicas opostas: a da *communitas*, para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão, e a da *societas*, onde a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção.

¹²⁴ Os jornais estão disponíveis na Hemeroteca Nacional no endereço <http://hemerotecadigital.bn.com>

¹²⁵ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

Quando perguntamos aos romeiros-turistas quais as motivações que os levam a deslocar-se para a Lapa no período da romaria, percorrendo centenas ou mesmo milhares de quilômetros em seus carros particulares ou em ônibus confortáveis, as respostas mais recorrentes são as de que a romaria fornece-lhes uma ocasião ímpar para “admirar a fé do povo”. Ou seja, já não se trata de peregrinar em busca de uma experiência pessoal da *communitas*, mas de se colocar como um observador externo, na qualidade de turista, frente a uma experiência vivenciada por outros e que se torna objeto de admiração (STEIL, 2003, p. 254).

Assim como Sanchis (2006) expôs que pela característica de penitência, o caminhar, o dormir de forma improvisada, a alimentação comunitária e um calor extremo, não afastam as pessoas de cumprir sua promessa, ou de participar desse momento junto com os seus familiares e amigos, a Romaria nada mais é do que

Um caminhar, muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos – imersão numa natureza selvagem e encontros lúdicos no caminho – até a concretização da apresentação e presença do peregrino a um “Santo”: santuário próximo ou longínquo, Sagrado feito gente, com quem se conversa, se troca bens, energia e saúde (promessas), perto de quem se vive uma pequena porção de tempo, o tempo feito Festa: comida, bebida, encontros, dança; até a volta para um cotidiano transfigurado, já na espera de outra romaria. Um ritmo de vida – e na vida. Uma relação constituinte com o além-vida fonte da vida, o Sagrado. Mas uma relação tradicionalmente pouco regulada pela instituição (a Igreja) em princípio investida da missão de apresentar, representar, concretizar e distribuir este Sagrado à sociedade profana em que os homens instauram o cotidiano de suas vidas (SANCHIS, 2006, p. 86).

Assim como acontece na Romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema (TO) em que “os territórios dos romeiros são configurados em relações de confiança e intimidade com milhares de pessoas que peregrinam em busca de soluções para os problemas do cotidiano e da transcendência espiritual” (CARVALHO, 2014, p. 142).

Sobre a atratividade da Romaria do Senhor do Bonfim, assim como em outras cidades do interior do país, “as festas e as feiras tiveram, e ainda têm um importante papel na sociabilidade, proporcionando os momentos de encontro, de troca, superando o isolamento. Ainda hoje, a feira é um atrativo dentro da Festa e não necessariamente a troca comercial é o objetivo de todos os que circulam pela feira” (CASTRO, 2010, p. 175). Em Catalão (GO), na Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário também há espaço para o comércio, ‘uma ferinha’ com várias barracas e comercialização de vários produtos. No Bonfim de Natividade, os camelôs e vendedores ambulantes vêm de outros lugares e aproveitam o calendário das festas religiosas para vender seus produtos. É nessa divisão que se pode perceber as fissuras do lugar, em que há o lugar para o consumo, para as festas, para a reza.

Para chegar à Romaria do Senhor do Bonfim, principalmente no dia 15 de agosto, é preciso paciência, disposição e reserva muita água. Com a intenção de chegar ao Santuário, nas primeiras horas do dia, os romeiros já cumprem suas promessas, muitos deles saindo às 3h ou 4h da manhã. No dia 15, que é o feriado em Natividade como Dia do Senhor do Bonfim, há uma fila de carros na BR-010 para acesso ao Santuário, cerca de 3 km de fila para a Missa das 10h. Participantes no local relataram que a mesma fila chegou aos 10 km de congestionamento na madrugada, para participarem da missa das 8h da manhã.

A Polícia Militar faz o controle do trânsito, apenas no quesito de não ultrapassarem a faixa contínua, com o auxílio do Departamento de Trânsito do Estado (Detran). Porém, um dos pontos negativos percebidos foi o porquê de não fazerem uma fila dupla para acesso de quem ia para o Bonfim (facilitando e acelerando a fila) e outra com passagem livre para quem seguia destino na BR-010. A Polícia Rodoviária Federal (PRF) não estava presente, apesar de ser uma rodovia federal.

Pelo caminho, havia uma tenda como ponto de apoio para os romeiros, instalada pelo Governo do Estado, com distribuição de água e frutas, só no dia 15, uma vez que o Governador iria passar pelo local. A tenda foi organizada pela Secretaria de Estado do Trabalho e Desenvolvimento Social (Setas) oferecendo suporte para descanso, cuidados com a saúde, água e alimentação aos romeiros.

A Faet/Senar também estava com ponto de apoio para os romeiros com água e frutas. A instituição já monta essa estrutura as margens da BR-010 há alguns anos. A estrutura deles estava mais organizada, decorada e chamativa que a do Governo do Estado. Também desmontaram a estrutura logo após o meio-dia no dia 15 de agosto. Algumas outras tendas estavam montadas pelo caminho, mas sem identificação.

No povoado, há muitos ônibus de excursão, carros, caminhões, motos e todo tipo de transporte público, além de barracas de camping, barracas de lona improvisadas com toras de árvores. As missas principais são debaixo do sol forte e muita poeira, algumas tendas nas laterais do palco/altar, porém milhares de pessoas estão ali, concentradas e assistindo a missa com o Bispo Pedro. Logo na entrada do Santuário, um verdadeiro comércio é instalado no local, em um local onde não é local sagrado e definido pela Igreja como tal, tem uma barraca de comércio ambulante.

Um ponto interessante observado durante a pesquisa de campo é o “se colar, colou” que os ambulantes fazem ao vender terços e fitinhas com dizeres de outras romarias como a do “Divino Pai Eterno”, “Bom Jesus da Lapa”, “Senhor do Bonfim” e de várias outras romarias,

tanto que alguns deles nem a fita da Romaria do Senhor do Bonfim de Natividade possuem, apenas das outras localidades. Mesmo assim as conseguem vender.

A fila para subir a rampa para visitar a imagem do Senhor do Bonfim fica gigante após as missas, independentemente do sol forte que faz no local, as pessoas permanecem lá, aguardando sua vez seja com um guarda-sol, o folheto de cânticos da missa ou um pano para se proteger. Nos momentos de oração, nas missas e quando há a visita ao Santuário não há balburdia e som alto, tanto que o comércio não fica próximo dessas áreas, mas existem casas ao redor da igreja que servem como hospedagem.

Uma dificuldade encontrada no local é hospedagem, principalmente entre os dias 10 a 15 de agosto, quando se intensifica a quantidade de romeiros, com destaque para a pernoite do dia 14 para o dia 15. Os preços nos hotéis em Natividade saltam de R\$ 75,00 para R\$ 125,00 a diária e não há muita informação (ou quase nenhuma) na internet.

Muitos romeiros levam barracas de camping, alugam quartos na comunidade para passarem os dias e as famílias mais assíduas montam acampamentos ou até mesmo compram um lote na comunidade e constroem casas de temporada, ou como mencionam: casa da Romaria. Há ainda os cipós, que são espaços “limpos” dentro da mata com acampamentos feitos com troncos de árvores do cerrado e cobertos em sua maioria com lonas e palhas.

Sobre os cipós, a ministra e devota do Senhor do Bonfim, Maria do Bonfim, ou Tia Bonfim, como é mais conhecida na região, explica que eles eram os lugares que a própria natureza abria dentro do mato, como se fosse um salão, sustentado pelos cipós. Segundo os devotos tudo feito pelo Senhor do Bonfim.

Antigamente tinha os cipós, e eu já dancei muito nos cipós. No mato mesmo, o Senhor do Bonfim fazia um arco e o povo limpava embaixo e não caía. E ficava embaixo dele. Eu dancei muito forró debaixo desses cipós, aqui fazia casamentos comunitários e fazia muita festa nos cipós, então cada um já estava lá esperando no cipó para fazer a comemoração. O Bonfim foi desenvolvendo e o povo não entende. E é aquela história de dizer que o padre tá desmanchando, “não gente, paciência, nós temos que nos evoluir”. Já pensou se hoje tivesse cipó cheio de cauí¹²⁶, como tinha? (NUNES CASTRO, 2020, informação verbal)¹²⁷.

¹²⁶ Palmeira (*Euterpe edulis*) comum nas matas brasileiras tropicais e subtropicais e no Paraguai e Argentina, de estipe delgado e alto, cuja parte terminal, macia e branca, envolvida pelas bainhas das folhas adultas, é comestível e muito apreciada como verdura, sob a denominação de palmito; cauí, jçara, juçara, juçareira, palmito, palmito, palmito-juçara.

¹²⁷ Entrevista concedida por NUNES CASTRO, Maria do Bonfim P. **Entrevista XIX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (25 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice T desta tese.

Durante os dias do festejo, o local conta com a presença da Polícia Militar (PM), cerca de 150 policiais, 12 bombeiros do Corpo de Bombeiros Militar (CBM), equipes especializadas do BPChoque (Giro, GOC e Rotam), do Batalhão de Polícia Militar Rodoviário e de Divisas (BPMRED) e do Batalhão de Polícia Militar Ambiental (BPMA). E ainda, o Centro Integrado de Operações Aéreas (Ciopaer) que realiza patrulhamento aéreo com helicóptero na cidade de Natividade, no povoado do Bonfim e na via dos romeiros, onde a concentração de romeiros é a maior.

No dia a dia da cidade e do povoado, não há nenhum desses aparatos como relatado anteriormente, inclusive nem delegacia. E ainda, pela quantidade de efetivo, o Colégio Agropecuário não pode funcionar, pois cede seu espaço como abrigo para o pessoal da segurança durante todos os dias da Romaria.

Os bombeiros sempre estavam ao lado dos locais, no Santuário, em que os romeiros acendem as velas, monitorando o fogo que era gerado pela quantidade de velas no local. A PM faz o policiamento a pé, com bicicleta e motorizado e há ainda no Santuário, um posto fixo de atendimento, as bases móveis e um micro-ônibus com a central de vídeomonitoramento da Polícia Militar.

A parte profana da Romaria se mistura com a sagrada e tudo se torna uma coisa só, vira festa. Outro fato que chama a atenção no Bonfim é que além da “disputa por espaço” nas barracas dos comerciantes ou nos bares instalados, o rio Manoel Alves também é destino dos romeiros. Os ônibus que são usados nas excursões fazem um ‘extra’, cobrando cerca de R\$ 3,00 (três reais) para levar os interessados até o rio. A festa lá também é garantida, pois muitas famílias acampam no lugar e com música ao vivo.

Após a missa das 10h, que terminou por volta do meio-dia, as festas nos bares começam e não tem hora para terminar. À noite em Natividade, por ser feriado, a cidade fica vazia e sem movimento. Na programação no Santuário, haveria ainda uma missa às 20h na igreja e depois festas nas boates com shows ao vivo e nos bares montados para a temporada. Em Natividade, o único lugar aberto para comer era o Restaurante Casarão. Um dos garçons informou que os comércios que os donos eram católicos não estavam abertos, porque “tava todo mundo no Bonfim” e apenas os bares dos evangélicos. Seria essa a relação com a doutrina protestante em que o trabalho é uma forma de evolução espiritual? Ou porque preferem participar da festa?

Conversando com alguns vendedores ambulantes no local, os mesmos relataram que tinham vindo da Romaria de Bom Jesus da Lapa (BA) e que naquele ano tinha sido “fraca” de movimento. Em Natividade, os ambulantes deveriam R\$ 100,00 (cem reais) pelos 10 dias de

romaria para venderem seus produtos, mas esse valor variava conforme o local e o tamanho da “barraca” e que iam de romaria em romaria vendendo seus produtos. Ao questionar sobre Trindade (GO), se também vendiam por lá, os mesmos informaram que lá era difícil de vender, pois a organização os colocava em uma rua ruim de “venda” e para eles não compensava ir vender lá em Trindade.

Em 2019 ainda, um comerciante de Belo Horizonte (MG) que viera pela primeira vez até o Bonfim e explicou que fizeram promoção nas peças (valores variando de R\$ 10,00 a R\$ 20,00) para diminuir o estoque e voltarem para Minas Gerais “mais sossegados”.

Analisando a partir das respostas em nuvem apresentadas anteriormente, percebe-se que a Romaria do Senhor do Bonfim é uma oportunidade para as pessoas comprarem produtos que não tem ali na região, renovar sua fé por meio da peregrinação e no pagamento das promessas e momento de diversão e rever amigos e familiares. É um verdadeiro ambiente da interação do sagrado e do profano.

Ainda sobre a estrutura da Romaria do Senhor Bonfim em Natividade, cada público possui um comportamento. Groetelaars (1983) citado por Dias (2019) explica que, por exemplo, na Bahia, pode-se identificar os visitantes (que vão rezar), os que vão assistir às missas, os turistas e os vendedores que negociam objetos turísticos e religiosos.

E esse modelo não é diferente na Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade, acrescentando ainda, como afirma Dias (2019), os voluntários da Igreja, pedintes e profissionais da imprensa. Outra questão é o transporte para o povoado do Bonfim em que, só se vai de carro, moto, excursão, a pé ou táxi-lotação, e este último com valor médio de R\$ 10,00 por pessoa.

O mesmo acontece em Monte Santo (BA), na Romaria do Bonfim de lá, há uma disposição geral “favorável para converter o seu capital religioso em um recurso efetivo para atrair turistas, que não são os romeiros que já fazem parte da rotina e calendário da cidade, os quais, como já vimos, através de um modelo ideal primeiro, são pensados como cheios de fé, mas com poucos recursos e tempo livre para gastar” (REESINK; REESINK, 2007, p. 214). Diferentemente ainda do município baiano, no que tange na relação com pouco recurso e tempo livre para gastar, uma vez que os romeiros aproveitam a vinda até ao Bonfim para comprar no “shopping do Bonfim” e aproveitar as águas do Rio Manoel Alves, alguns desses, acampando por dias com seus familiares nos cipós ou nas casas já construídas na comunidade.

Assim como acontece com a Festa do Divino Espírito Santo, na Romaria do Senhor do Bonfim também há o agenciamento político da festa, em que, principalmente nos anos eleitorais,

seja municipal ou as majoritárias, os candidatos comparecem em peso nas festas religiosas de Natal e Natividade.

Se na Festa do Divino Espírito Santo o agenciamento político junto ao santo é notório, conforme a importância do ano, ou seja, se for ano eleitoral, os devotos e o santo voltam a existir, é na Romaria do Bonfim que o território é fértil.

Os discursos advindos dos políticos quase sempre dizem respeito à religião; ao desenvolvimento do Estado do Tocantins com o apoio de Deus e, em tempos de crise, com a crença de que “tudo vai dar certo”. Há ainda momentos em que o próprio governador se veste de povo, se coloca como romeiro e/ou como católico, para atrair o olhar dos fiéis e firmar sua fala como intelectual orgânico perante a sociedade (DIAS; RAMOS, 2017, p. 118).

Segundo Dias e Ramos (2017) que publicaram um trabalho sobre o uso político da cultura na Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade, é no meio do povo que os políticos deixam o pedestal e ficam mais próximos dos eleitores, se colocando como simples romeiro e devoto. De acordo com o estudo ainda, as visitas ocorrem nos anos próximos à campanha ou mesmo em períodos de crise institucional.

A partir das matérias jornalísticas e registros das assessorias, conseguiu-se fazer esse levantamento, em que a maior parte das matérias publicadas nos veículos de comunicação são oriundas das assessorias dos próprios políticos.

Figura 36 - Políticos durante a Romaria do Bonfim nas Eleições Suplementares (A, C, D, F), na Eleição 2014 (E) e Governo atual (B).

A Senador Ataídes Oliveira participa de missa campal no povoado de Bonfim, em Natividade

B Governador Mauro Carlesse junta-se aos romeiros no Fes do Senhor do Bonfim de Natividade

C Devoto e romeiro tradicional, Vicentinho Alves lembra que sempre ajudou Romaria do Bonfim

D Fé e tradição: Romaria do Bonfim será agenda comum dos candidatos no último dia para registro

E "Nestes quatro meses de gestão já conseguimos melhorar as condições das rodovias que dão acesso ao Bonfim com o Pró-Rodovia, mas é preciso melhorar mais, com locais adequados de alimentação, hospedagem e banheiros", afirmou Sandoval

F Devota, Kátia Abreu cumpre tradição e participa da Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade

Fonte: Conexão Tocantins (2018; 2019), Gazeta do Cerrado (2018) e Atitude Tocantins (2014).

Na matéria circulada no dia 14 de agosto de 2017, “Obras de saneamento melhoram infraestrutura do Bonfim”, no site da Agência Tocantinense de Saneamento (ATS), Eder Fernandes, presidente da agência, destacou que uma equipe de engenheiros civis, eletrotécnicos e operadores estava no povoado desde o mês de julho daquele ano, quando iniciaram as obras de extensão de mil metros na Rede de Distribuição de Água (RDA). Foram investidos mais de R\$ 200 mil em obras e equipamentos (MOREIRA, 2017). Tudo isso por “determinação” do Governador Marcelo Miranda. Já o Reitor do Santuário, reforçou que o investimento para canalizar água na comunidade foi da Igreja e que até hoje sofrem com o desabastecimento, sendo necessário ter que adquirir uma bomba d’água, que até então havia permanecido a conta da energia elétrica para a Prefeitura de Natividade.

Porque, por exemplo, teve a Romaria e quando eu assumi aqui, minha primeira preocupação foi para com os romeiros, levar rede de água porque o povo vinha buscar água em um chafariz que tinha aqui assim, já até desmantelaram o chafariz. Porque gente que tá lá longe, então nós levamos lá no cipó. Todo ano, nós contratamos uma empresa, ela vem na época da Romaria, um mês mais ou menos. Ela fica tirando água dos poços, temos poucos, mas temos. Então essa empresa vem mais ou menos em julho e puxa água. Tem uma rede velha de água do rio, nos botamos uma bomba, pagamos para a empresa, ela faz toda a purificação da água. E neste ano não foi diferente, mesmo sem a Romaria, a empresa veio, nós renegociamos os valores porque a bomba e o material não era o mesmo, mas quando terminou a Romaria, foi embora e desligou a bomba. E a água pro povo nos poços? Não tinha. Aí me liga: “o povo tá sem água”, aí eu “gente, eu não sou prefeito, nem governo não, gente!”. Mas daí eu vim! Uma calamidade. Eu voltei e falei para Celio que não tenho condições, falei com a prefeita e ela disse que “eu tô correndo para comprar material”. E eu disse: “Prefeita, eu conversei com o Erivaldo e não vai sair”. Erivaldo é a pessoa responsável pela aquisição do nosso material. E conversei com ele e não vai sair com menos de 4 a 6 meses porque tem a licitação. Aí falei para ela: “façamos o seguinte: eu já tomei a iniciativa, Erivaldo já vai montar pra mim a bomba, já vai comprar e em sete dias ele me disse que tá instalado, e a prefeitura fica com a responsabilidade de assumir a conta de luz, porque a conta de luz fica em torno de R\$ 1.500 por mês” (SILVA, 2020, informação verbal)¹²⁸.

A imprensa sempre divulga a Romaria do Senhor do Bonfim, com mais ênfase e destaque que a Festa do Divino Espírito Santo, a qual vem sendo trabalhada como produto turístico, como foi apresentado nos tópicos anteriores. No Jornal do Tocantins, as capas eram mais chamativas, com entrevistas e o deslocamento de equipes eram frequentes na época da Romaria.

¹²⁸ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

Figura 37 – Capas do Caderno de Cultura na cobertura jornalística da Romaria nos anos de 1998 (A), 1999 (B), 2015 (C) e 2011(D).

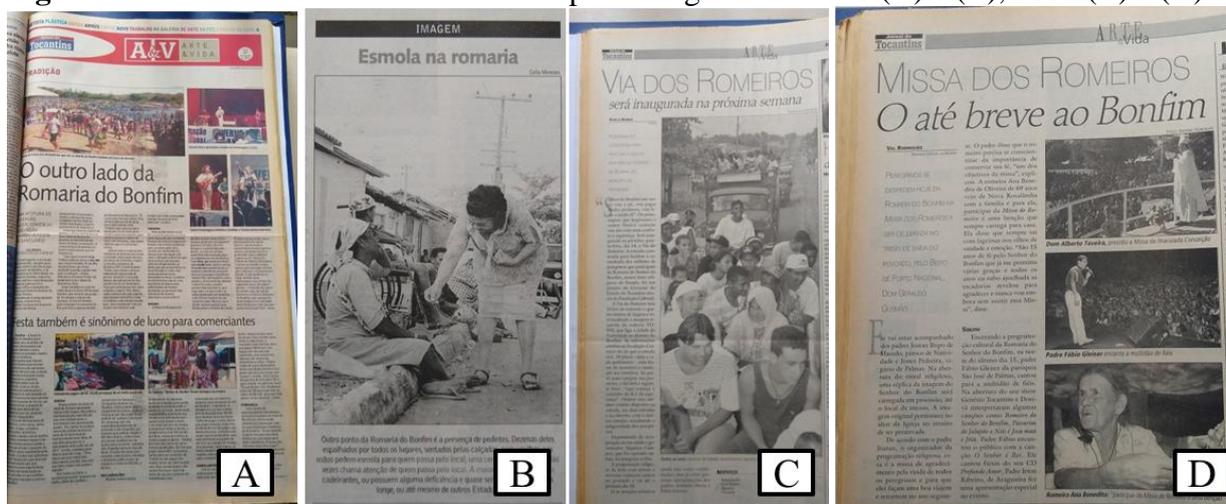


Fonte: Acervo do Jornal do Tocantins/Organização Jaime Câmara

O agenciamento da imprensa acerca da Romaria do Senhor do Bonfim foi analisado após a realização de pesquisa no acervo do Jornal do Tocantins, avaliando as coberturas realizadas e a pauta abordada. O jornal é um dos únicos que ainda circulam no estado que produz material próprio com equipe de jornalistas, agora de maneira online, e possui um acervo das edições passadas. Os demais periódicos são online e geralmente reproduzem material de assessoria, principalmente quando um político vai até a festa.

Essas coberturas também mostravam outras situações vivenciadas no período da Romaria, como as festas profanas, a atratividade do rio Manoel Alves, os comerciantes, a inauguração de uma Via dos Romeiros em 2002 (atualmente não há nem sinal da mesma) e as pessoas dando esmolas.

Figura 38 - Cobertura da Romaria além da parte religiosa em 2010 (A) e (B), 2002 (C) e (D).



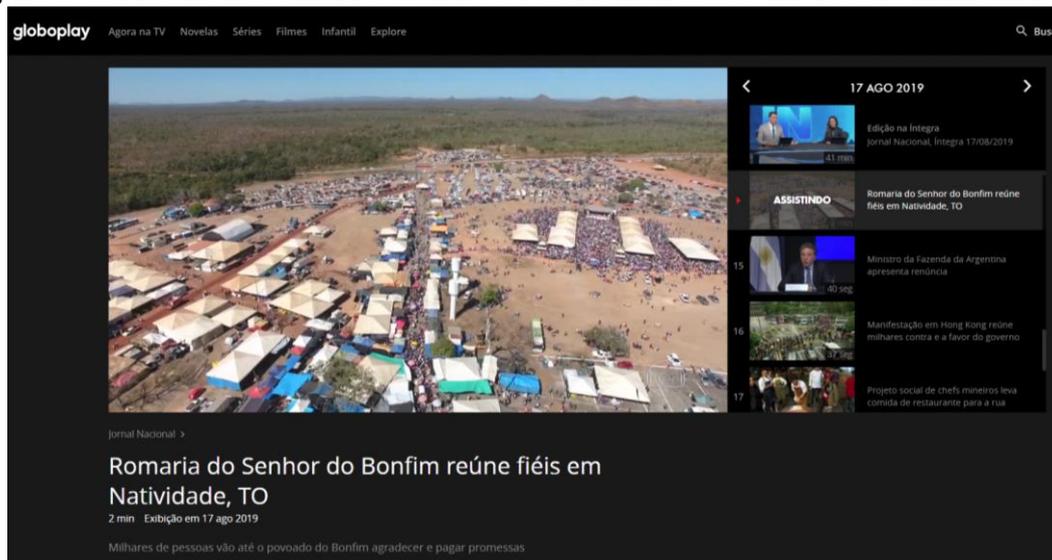
Fonte: Acervo do Jornal do Tocantins/Organização Jaime Câmara

Um destaque para a matéria sobre a Via dos Romeiros (Figura 38-C), em que a via teria 24 km de extensão e quatro metros de largura e estava localizada às margens da então rodovia TO-050¹²⁹, que liga Natividade ao Bonfim. A Via contava ainda com 24 placas com frases de incentivo e saudação aos romeiros.

Outro jornal que iniciou sua circulação em 2013, Jornal DAQUI, em formato tabloide e com linguagem mais popular, com oferta de prêmio por meio da aquisição do jornal e um selo que completam uma tabela, foi um cópia/cola do Jornal do Tocantins, em versão resumida. O jornal retratou a Romaria do Senhor do Bonfim nos anos de 2013 e 2014 e, a partir de 2015 não há mais menção à festividade.

Ainda desse agenciamento da mídia, a TV Anhanguera que é afiliada da Rede Globo de Televisão no Tocantins, sempre desloca equipe para cobertura da Romaria do Senhor do Bonfim. Em 2019, a cobertura da festa foi veiculada no Jornal Nacional, um dos programas jornalísticos com maior audiência no país estando há 52 anos no ar.

Figura 39 - Matéria no Jornal Nacional sobre a Romaria do Senhor do Bonfim em 2019.



Fonte: GloboPlay – Jornal Nacional (2019)

Ainda em 2019, último ano da Romaria de forma tradicional e presencial, o Bispo lançou uma campanha de doação ao Senhor do Bonfim, em que estavam cadastrando as pessoas interessadas. Houve distribuição de folheto durante as missas, porém o mesmo não continha dados bancários para uma possível ajuda dos devotos, apenas explicando o motivo da campanha.

Então, o Bonfim é velho. Tá caminhando para uma modernização, mas a passos lentos, porque quando se tem capital, se tem investimento. O pessoal pensa

¹²⁹ Desde 2016 um trecho da antiga TO-050 se tornou parte da BR-010.

assim: “Ai, o Bonfim...”, e chega aqui e eu presto conta, todo ano, para o pessoal saber o que é que entra. E a minha primeira Romaria, na nossa entrada aqui, foram R\$ 340 mil reais, mas o gasto aqui é alto. Eu tô indo para seis anos aqui. Comecei em 2014 a 2015, por aí assim. Então, o pessoal pensa assim, o Bonfim dá milhões e milhões, o padre enrica. A fama que tem é que o padre enricou, mas isso aqui não dá para enricar não (SILVA, 2020, informação verbal)¹³⁰.

O Reitor explica que foi difícil montar a associação pela burocracia, uma vez que a Igreja deve se cadastrar como associação e nem todos os bancos aceitavam abrir conta desse perfil. E, avaliando a situação que não há agências bancárias na região, a dificuldade era maior.

Para você vê como são as coisas, as coisas são tudo complicada porque a igreja entra no hall de associação e até hoje eu nunca consegui abrir uma conta da Caixa, porque a Caixa não abre conta para associação. Aí, eu deleguei o Padre Jakson e Célio para resolverem isso porque primeiro você tem que fundar uma associação e segue passos. Por fim, você tem que registrá-la no Cartório, então demorou e só agora que ela ficou pronta. Aí nós abrimos conta no Banco do Brasil, no Bradesco, e não sei se tem outro banco não. Quem cuida disso não sou eu. Eu até falei para o Padre Jakson, olha no regimento e estatuto da associação, eu quero clausula que garanta que amanhã, a associação não seja objeto de disputa fora da igreja, que ela não seja tomada do Santuário e usada para o proveito próprio. Aí eu falei para o advogado, que tava confeccionando, coloque uma clausula aí que, a Diretoria da associação, sobretudo a presidência, passaria aquiescência da Reitoria do Santuário, não necessariamente seria o Reitor, mas passaria por ele. Por exemplo, votaram em fulano de tal, leva para o Reitor, o Reitor disse “sim” ou disse “não”, faça nova eleição. Para que amanhã, não chegue pessoas fora da igreja e quer ser presidente da associação. Aí quando foi eu falei para o padre, quero o senhor assuma nesse primeiro momento a presidência, mas leve lá para o pessoal, convoque assembleia geral. Ele marcou a assembleia geral e por unanimidade o povo o indicou. Aí ele falou “e o tesoureiro?”, aí o povo foi indicando, eu não faço parte da diretoria, mas eu acompanho de perto. Todo mês eu quero prestação de contas, porque eu quero a prestação de contas, porque eu imprimo uma e a outra, mando para a Diocese. Entende? [...] E, na hora que investir os recursos que tiver, eu quero que o diretor, o presidente da associação, a diretoria da associação sente conosco para ver quais as necessidades para poder aplicar o dinheiro naquilo é de fato necessidade. Então, agora na pandemia, se viu a necessidade de comprar aparelhos para transmissão das nossas missas (SILVA, 2020, informação verbal)¹³¹.

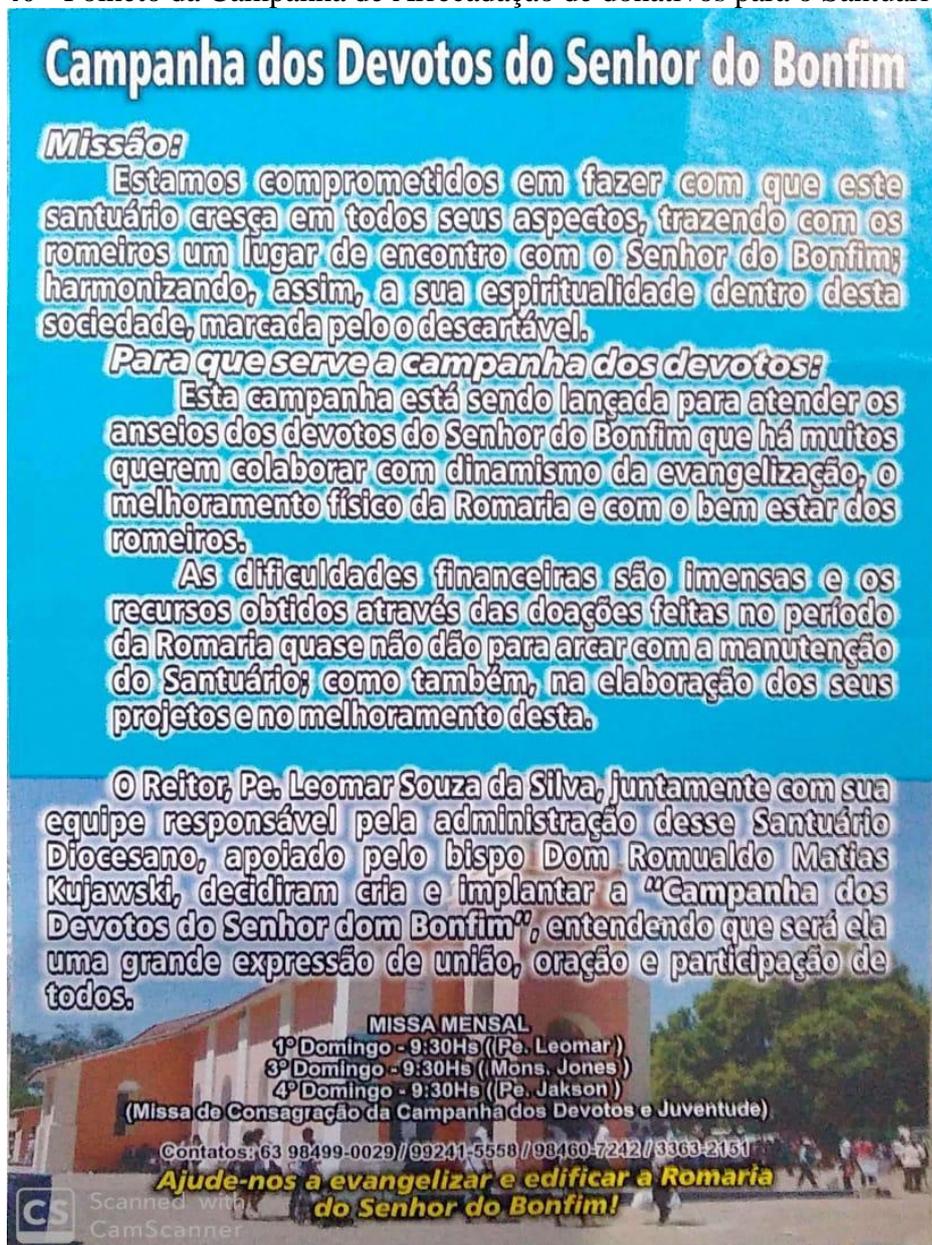
No folheto distribuído em 2019, ressaltava que a campanha tinha o comprometimento do Santuário no que tange o seu crescimento em todos os aspectos, fazendo com seja um lugar de encontro e de harmonia dentro da sociedade, que é “marcada pelo descartável”. Ainda no folheto informava que haviam dificuldades financeiras e que eram imensas, apesar das doações feitas o

¹³⁰ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

¹³¹ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

valor arrecadado não era suficiente para arcar com a manutenção do Santuário, seus projetos e a melhoria dele.

Figura 40 - Folheto da Campanha de Arrecadação de donativos para o Santuário.



Campanha dos Devotos do Senhor do Bonfim

Missão:
Estamos comprometidos em fazer com que este santuário cresça em todos seus aspectos, trazendo com os romeiros um lugar de encontro com o Senhor do Bonfim; harmonizando, assim, a sua espiritualidade dentro desta sociedade, marcada pelo o descartável.

Para que serve a campanha dos devotos:
Esta campanha está sendo lançada para atender os anseios dos devotos do Senhor do Bonfim que há muitos querem colaborar com dinamismo da evangelização, o melhoramento físico da Romaria e com o bem estar dos romeiros.

As dificuldades financeiras são imensas e os recursos obtidos através das doações feitas no período da Romaria quase não dão para arcar com a manutenção do Santuário; como também, na elaboração dos seus projetos e no melhoramento desta.

O Reitor, Pe. Leomar Souza da Silva, juntamente com sua equipe responsável pela administração desse Santuário Diocesano, apoiado pelo bispo Dom Romualdo Matias Kujawski, decidiram criar e implantar a "Campanha dos Devotos do Senhor do Bonfim", entendendo que será ela uma grande expressão de união, oração e participação de todos.

MISSA MENSAL
1º Domingo - 9:30Hs (Pe. Leomar)
3º Domingo - 9:30Hs (Mons. Jones)
4º Domingo - 9:30Hs (Pe. Jakson)
(Missa de Consagração da Campanha dos Devotos e Juventude)

Contatos: 63 98499-0029 / 99241-5558 / 98460-7242 / 3363-2151

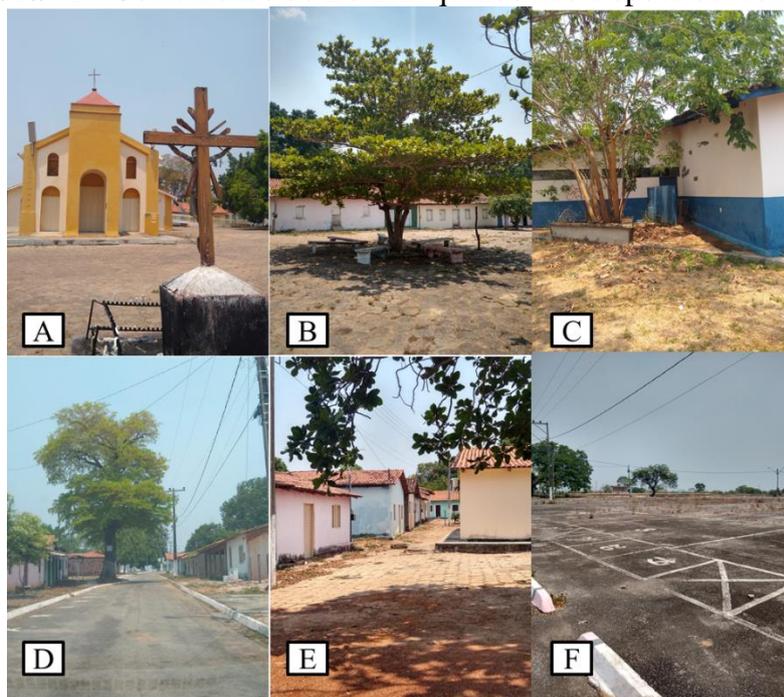
Ajude-nos a evangelizar e edificar a Romaria do Senhor do Bonfim!

Scanned with CamScanner

Fonte: Santuário do Senhor do Bonfim de Natividade (TO)

Percebe-se que quando não é tempo da Romaria, a comunidade fica abandonada, os fiéis têm três domingos no mês para ir às missas no Santuário. E, toda a estrutura que é montada para os dez dias, desaparece e há uma sensação de cidade fantasma.

Figura 41 - Comunidade do Bonfim quando não é época de Romaria.



Fonte: Autora, 2020.

Na pesquisa de campo realizada no dia 4 de outubro de 2020, primeiro domingo do mês e com missa no Santuário, as ruas são quietas, sem nenhum movimento aparente e ainda, o campo onde a missa campal é realizada fica quase irreconhecível devido à quantidade de mato no local, os palcos (antigo piramidal e o novo) somem em meio ao Cerrado. A Casa dos Milagres também fica fechada, o batistério (também é em forma piramidal) fechado e apenas a Igreja está aberta.

Após as missas de domingo, o local se torna uma grande representação de almoço em família com compartilhamento de alimentos e muito conversa na casa paroquial.

Nós temos um costume, que suspendeu por causa da pandemia, mas eu perguntava assim, “quem veio pela primeira vez na Romaria de mês?”. Aí levantava a mão e eu falava, olha, você que veio pela primeira vez, deixa eu lhe ensinar a norma, você que veio pela primeira vez, comerá de graça na casa do padre com todo mundo. Agora você que já veio a segunda vez já sabe da norma. Ao sair de casa, tem que trazer uma Maria Isabel ou se quiser traz um frango, traz um peixe, moço, o que quiser trazer. Então, o pessoal traz, nós partilhamos a mesa, ele faz e o pessoal chega e já entrega lá na cozinha e faz para umas 20 pessoas. Pessoal entrega e na hora dá uma panelada, pessoal come que sobra (SILVA, 2020, informação verbal)¹³².

A área onde são celebradas as missas campais na época da Romaria desde 1992, existem dois palcos: o antigo palco, em formato piramidal, foi construído pelo então Governador Moisés

¹³² Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

Avelino e o novo palco que foi construído pelo Senador Ataídes Oliveira em 2016. Esse local é limpo quando é a época da Romaria.

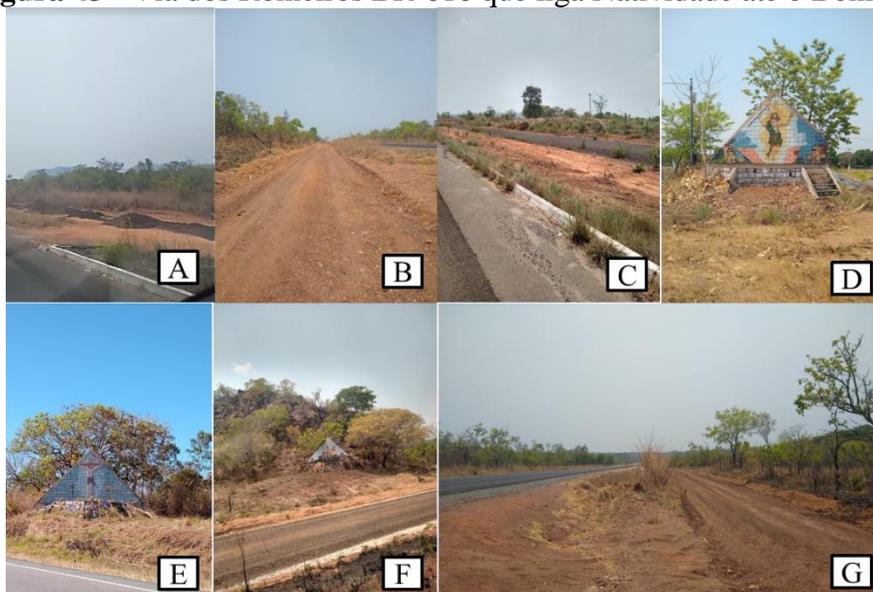
Figura 42 - Estrutura da comunidade do Bonfim quando não há Romaria.



Fonte: Autora, 2020.

Outro projeto que parece que não tem fim é a Via dos Romeiros. Em outubro de 2020, a situação era de restos de piche com brita descartados após a obra de recapeamento da BR-010, no meio do que seria a Via dos Romeiros. Os painéis de azulejo que representam a Via Sacra também estão abandonados e sem manutenção durante o percurso de 24 km.

Figura 43 - Via dos Romeiros BR-010 que liga Natividade até o Bonfim.



Fonte: Autora, 2020.

Com relação à estrutura do lugar, o Reitor Padre Leomar explicou que desde que assumiu o cargo vem implantando melhorias no lugar para receber os romeiros, mas o dinheiro arrecadado nunca dá, pois, os gastos são altos.

Por exemplo, nós fomos criar a estrutura porque tava tudo velho e comido. Nós fomos estender rede de água, fomos botar de luz, padrões. A Energisa exigiu que não ligaria para ninguém se não tivesse padrão. Aí o Santuário, sentou com a Energisa, negociou para três a quatro anos, e todo ano botando uma quantidade de padrão. E cada padrão nosso, por isso quando estoura um padrão, não é um padrão comum, cada padrão tem 15 ligações. Aí você pode olhar por aí, tá tudo cheio de padrão. Nós já concluímos o que assumimos com a Energisa. Iluminamos o estacionamento tudo, então isso é alto. Como nós fazemos? Fazemos na fé. Todo ano a gente deixa uma certa economia, no mês de julho, a gente começa os trabalhos e são 20 a 30 homens trabalhando aqui 30 dias, ganhando diária. Hoje deve tá uns R\$ 60,00 a diária e com a alimentação nossa. Aqui não tem esgoto, tem que ser fossa séptica. Então, todo ano era um sofrimento com limpa fossa. Antigamente, o Governo estadual participaria de igual para igual com a Romaria. Hoje, o Governo do estado não quer participar com nada. O que o Governo do estado tem ajudado conosco é com a força de segurança, que isso é obrigação. A lei diz que onde tem mais de 5 mil pessoas é dever do estado. Então nós tivemos que fazer fossa para todos os banheiros, fossas com sumidouros porque nós não aguentava mais o preço dos caminhões limpa-fossa. Aí, fizemos fossa de 6 metros de comprimento por 8 a 10 de 'fundura'. Tudo com parede de cimento, pedra canga para os sumidouros. Então, nos primeiros anos a gente fez isso. E a gente sempre fez o seguinte: paga o que pode antes, aí os demais a gente vai aguardar a Romaria. [...] O pessoal que vem trabalhar conosco, ela aqui sabe, chega em torno de umas 60 pessoas. Só a cozinha com a limpeza da Casa Paroquial são em torno de 12 a 15 pessoas. E os padres vêm, então, cada um que vem, diferente dela que é ministra da Eucaristia, e a pessoa que vem de fora, ela tem uma remuneração. Aí, quando você termina, como no primeiro ano, uma entrada de R\$ 340 e R\$ 200 mil foram de despesas. Aí, durante o ano, as entradinhas são de missa mensal, como essa. Às vezes o pessoal vem e deixa no pé no santo, então nós pega, temos funcionários aqui que a gente mantém (SILVA, 2020, informação verbal)¹³³.

Sobre o turismo religioso, o Reitor explica que apesar do turismo religioso estar em pauta na região, ele reforça que o Santuário está começando suas atividades nessa área, mas não avança muito na sua análise e compara com o turismo religioso da Europa.

Hoje o turismo religioso tá muito em voga, não digo moda, porque moda passa rápido, mas é algo que tem surgido e isso não é novidade em países mais velhos, como Europa que vivem do turismo, como França e Itália que tá desesperada com essa Covid, países que vivem do turismo, turismo de toda natureza. Então, nós aqui estamos principiando, mas é algo que vai acontecendo que a gente não pode também fechar os olhos. As fontes e recursos para nós, às vezes têm, mas

¹³³ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese

é tão difícil de acesso porque quando se fala que é para a Igreja ou para isso ou para aquilo (SILVA, 2020, informação verbal)¹³⁴.

Durante as entrevistas, questionou-se para as associações, poder público municipal e demais instituições como o Sebrae, sobre a Romaria ser um destino para o turismo religioso na região, pelo seu forte apelo junto à comunidade católica do Tocantins e estados circunvizinhos.

Como apresentado anteriormente, em agosto de 2014, uma iniciativa por parte Senar e do Sebrae no Tocantins resultou em um “Diagnóstico da Romaria do Senhor do Bonfim”, que tinha como objetivo fomentar o turismo religioso no município de Natividade, por meio de uma ação educativa voltada ao setor comercial da cidade. Na época, foram realizados cursos, oficinas, palestras e consultorias especificamente para sanar as necessidades encontradas nessa análise, visando aprimorar e impulsionar o setor turístico.

Segundo o analista e gestor do projeto de turismo nas Serras Gerais, Antônio Cursino, explica,

[...] em alguns anos para trás, a gente até tentou fazer um trabalho lá com relação a Romaria do Bonfim, porém é algo um pouco delicado lá porque quem faz a gestão lá, é a própria igreja, e de tudo lá. O trabalho que a gente via, acontecia e acontece ainda hoje, no turismo, porque para nós, ele acaba sendo um turismo de evento do que um turismo religioso. Que é aquele turismo que o pessoal só vai à época mesmo dos festejos. Na época dos festejos da cidade e do Bonfim, a cidade lota e não consegue ofertar um serviço de qualidade, e aí você não encontra hotel, comida você também dificuldade de encontrar, enfim. No resto do ano, a cidade fica meio que ociosa. E o trabalho que a gente tem tentado e já conseguiu desenvolver muita coisa lá, é de fazer com que esse turismo, ele seja permanente. É claro que vai ter os períodos de pico, de alta e baixa, mas que durante o ano, a gente consiga fazer com que o turista vá visitar a cidade em função desses atrativos que lá tem. Tanto na questão do histórico e cultural, quanto da questão religioso, né? E esse é o trabalho que a gente tentou entrar lá na Romaria era tentar fazer basicamente isso: o devoto, a pessoa que gosta de vivenciar aquilo ali, que ele pudesse fazer visitas em qualquer época do ano, e não somente no dia que eles fazem lá a Romaria. Tornar isso como algo histórico e não somente a questão da devoção em si (CURSINO, 2020, informação verbal)¹³⁵.

A Asccuna ressaltou que a partir do momento que a Romaria saiu da Paróquia de Natividade e ficou vinculada a Diocese de Porto Nacional, eles não tiveram mais projetos em conjunto.

A associação com relação à Romaria... a Romaria enquanto ela fazia parte da Paróquia de Natividade, a gente tava muito mais próxima, porque era o padre

¹³⁴ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

¹³⁵ Entrevista concedida por CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese.

de Natividade que tomava conta da Romaria. Aí, ela se tornou diocesana, foi nomeado um reitor que não mora aqui, certo? Então, o padre, eu me lembro que a gente sentou para conversar algumas questões do começo, o padre Leomar. Tem os auxiliares dele, que eu também sentei e a gente já teve algumas conversas. Porque eles queriam que eu participasse mais, mas foi momentos que assim, o braço não alcançava mais. Então assim, a Romaria por ter uma estrutura que poderia andar muito bem, a gente não. [...] Então assim, a Romaria com a saída dela da dimensão como entidade, a gente afastou mais, lá a questão mesmo é da gestão do padre que é o Reitor (ARAÚJO, 2020, informação verbal)¹³⁶.

Vitória Cerqueira, ex-assessora de Cultura da Prefeitura de Municipal da gestão da prefeita Martinha (2017-2020), ressaltou que enquanto devota e romeira, não concorda com a estrutura da Romaria.

A questão da Romaria aí, eu participei porque... e olha, eu tô em tudo! O Sebrae fez um, eu não recordo o ano, mas acho que foi em 2014 ou 2013, por aí, eu não recordo o ano. O Sebrae tentou entrar na Romaria e não teve sucesso, porque onde tem muito dinheiro, ninguém quer que o outro entra. E a nossa Romaria precisa de mudanças, muitas! Nós não temos estrutura, a missa, eu fico muito triste porque as nossas missas, é doído! Precisamos sim de fazer uma penitência, mas não, né? Sendo que a gente pode ter um espaço melhor. Mas aí ficam esperando que venham do Governo Federal, do Governo Estadual. [...] Quem tá perdendo? O município, a Romaria também tá. Da maneira que ela começar a se organizar, já vem 20 mil, vai vir 50! Porque muita gente chega, não temos hotel lá na Romaria, lá poderia se tornar uma cidade com tudo, com toda a infraestrutura e Romaria o ano inteiro. E eu acho triste essa nossa Romaria não ser durante o ano inteiro. [...] Então, o que precisa é isso, porque lá tem o presidente da Romaria, né? É um padre e o padre Jakson tá doído para pegar essa presidência porque ele quer fazer essa mudança (CERQUEIRA, 2021, informação verbal)¹³⁷.

Antônio Cursino ressaltou ainda que

No diálogo que a gente teve na época com eles, e por vezes é a visão do padre que está ali gerindo, o interesse deles era na época. Por quê? Porque eles preparam o povoado para o festejo e é isso que a gente acha triste, porque não sei se você já teve oportunidade de ir lá quando não é festejo: é jogado às traças, não tem nada, é cheio de mato. E como é a Igreja que faz a gestão daquilo ali, a Igreja que gere mesmo, não é a prefeitura não. Ele não tem interesse em gastar e manter limpo, aberto e funcionando. Meio que morreu ali. Porque o interesse nosso era que fosse aberto o tempo todo para o turista vim visitar, entender a história e vê como funciona. Hoje no Senhor do Bonfim não tem esse turismo

¹³⁶ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

¹³⁷ Entrevista concedida por CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice X desta tese.

periódico, na cidade já tem. Com muita luta, já tem (CURSINO, 2020, informação verbal)¹³⁸.

Com a pandemia, o ano de 2020 foi marcado pelas tecnologias, a partir da decisão da Igreja Católica, sob a liderança do Papa Francisco, que compactua com o isolamento social e incentiva a manutenção das atividades religiosas no espaço doméstico, houveram investimentos de cunho religioso, artístico e cultural, transmitidos nos meios de comunicação católicos.

Diante da gravidade da pandemia, quando as portas das igrejas e templos fecharam e as preces domésticas parecem não serem suficientes, as imagens dos santos foram colocadas em carros abertos e saíram pelas ruas vazias das cidades, como relatado na Festa do Divino Espírito Santo. Já na Romaria, foram realizados investimentos para que a internet chegasse até o povoado.

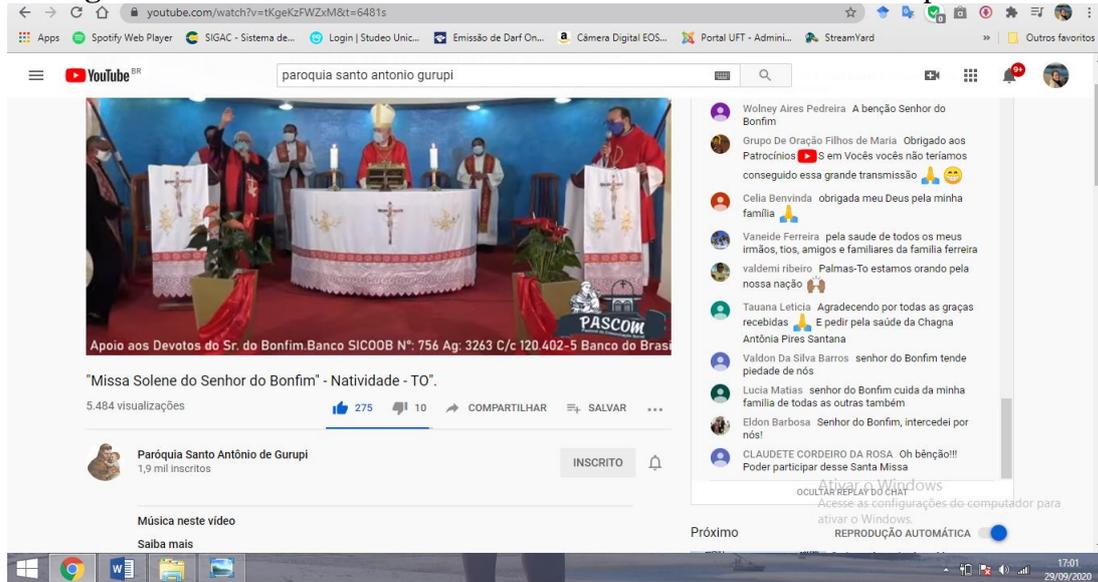
Então, na pandemia nós usamos toda a tecnologia que tivemos ao nosso alcance e nós trouxemos primeiro foi internet. Não tinha. É na dificuldade que a gente busca refrigero. Pagamos em torno de R\$ 8 mil reais para instalar internet aqui, nós temos aquela torre da OI ali, nós temos uma antena que ele pode usar, assinamos um contrato, ele comprou isso, que ele pode usar para botar internet para o povo do Bonfim. E o povo do Bonfim segue o ritmo da cidade. Então é um contrato dela (associação) com o provedor. Agora nós temos internet aqui no Santuário, e então nós já pudemos usar, na época da Romaria, o Instagram, Facebook, Youtube, tudo tava conectado, as rádios e tudo tava conectado. Então, na época da Romaria nós temos 100Gb para sustentar tudo isso. Ainda agora, nós não tínhamos aparelhos e nós tomamos emprestados de paróquias que já tinham. Agora nós vamos investir nesse campo, porque não dá mais para voltar atrás. Então nós vamos investir e vê quanto a gente tem, primeiro vê o que se tem e um orçamento. Agora esse pessoal que nos ajuda aqui, graças a Deus, no dia a dia, tirando nosso casal de zelador, no dia a dia são voluntários. Meus músicos são de Dianópolis, o Santuário dá só a gasolina (SILVA, 2020, informação verbal)¹³⁹.

Em agosto de 2020, as missas da Romaria do Senhor do Bonfim foram transmitidas pelas redes sociais como Instagram, Facebook, estações de rádio de Porto Nacional e canal no Youtube da Paróquia Santo Antônio de Gurupi, que já utilizava esses meios de comunicação no seu dia a dia e conta com uma equipe de comunicação.

¹³⁸ Entrevista concedida por CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese.

¹³⁹ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

Figura 44 - Transmissão da Missa do Senhor do Bonfim durante a pandemia.



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Toda essa estrutura para realização da transmissão foi apoiada pelo governo do Estado e com investimento do próprio Santuário do Bonfim para instalação de internet da empresa OI. Assim, entende-se o fato de toda essa estruturação na Romaria, por na época já ter passado cinco meses de pandemia, e seguindo as orientações dos órgãos de saúde da não aglomeração de pessoas, fizeram esse investimento para a transmissão e consequentemente receberem doações.

Figura 45 - Romaria do Bonfim em 2020 no período da pandemia.



Fonte: Autora, 2020.

Ainda em 2020, alguns devotos foram até o Santuário, apesar de ter circulado nas redes sociais um vídeo da Polícia Militar orientando que os romeiros não fossem para o local. Na transmissão pelo canal da Paróquia Santo Antônio de Gurupi (TO) no Youtube, o padre Monsenhor Jones orientou aos fiéis presentes que mantivessem o distanciamento social logo no início da missa. Na Igreja, apenas a equipe litúrgica, os padres e o bispo, além da equipe responsável pela transmissão da missa. Do lado de fora da igreja cerca de 200 pessoas em média, aglomeram-se debaixo das árvores, outras tantas tentando manter uma certa distância entre si.

O apelo pelas ofertas ao Santuário era notório, em que era transmitido no rodapé da tela de transmissão todas as contas bancárias do Santuário. No dia 15 de agosto de 2020 foram realizadas quatro missas: às 8h (transmitida), 10h, 15h e às 19h. As 20h30 houve uma *live* para adoração da imagem do Senhor do Bonfim.

Segundo a devota Alessandra Bacelar que foi ao Santuário junto com marido que cumpre promessa todos os anos, apesar dos pedidos das autoridades que não fossem até o local. Havia muitas pessoas chegando de carro e até em helicóptero.

Meu Marido que paga promessa, terceiro ano dele. Sandro sai sempre 3h30 da madrugada. A gente fica no hotel e por volta das 7 saímos. [...] Tinha gente, mas longe de ser como em tempos normais. A praça da Igreja era onde estavam as pessoas, mas não estava lotada. Longe de estar lotada, mas tinha gente. [...] Esse ano fiquei com vergonha de tirar foto, porque o povo tava me encarando. Acho que todos estavam ali meio que escondidos. A igreja estava com 180 pessoas e o restante do lado de fora espalhado na praça. A Polícia Militar filmou e vi o pessoal filmando a movimentação. A TV Anhanguera estava lá. Teve gente que chegou de avião e pousaram bem próximo. Vi carro de várias cidades e de outros estados. Só vi uma casa vendendo fitinhas, não tinha ambulantes, e um senhor e o neto que estavam distribuindo água. E pessoas de todas as idades (BACELAR, 2020, informação verbal)¹⁴⁰.

As redes sociais das entidades parceiras que transmitiram a missa das 8h da manhã, que foi transmitida nas redes sociais, contabilizaram ao vivo os seguintes dados:

- Facebook Paróquia Santo Antônio de Gurupi – 2.800 visualizações (ao vivo) / 3.900 visualizações (até 16 de agosto)
- Facebook Santuário – 465 visualizações (ao vivo) / 659 visualizações (até 16 de agosto)
- Instagram Paróquia Santo Antônio de Gurupi – 40 visualizações (ao vivo) / 46 visualizações (até 16 de agosto)
- Youtube Paróquia Santo Antônio de Gurupi - 1.138 visualizações (ao vivo) / 4.173 visualizações (até 16 de agosto)
- Youtube Padre Jakson Porto Nacional – 6.072 visualizações (até 16 de agosto)

¹⁴⁰ Entrevista concedida por BACELAR, Alessandra. Entrevista XII. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. Áudios. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice M desta tese.

Até o dia 16 de agosto, pelas redes sociais disponibilizadas para as transmissões, 14.850 visualizações foram feitas da Missa Solene do Dia do Senhor do Bonfim em Natividade. As missas também foram transmitidas pela Rádio Porto FM 87.9 – Porto Nacional, Rádio Mais FM 95.9 – Gurupi, SilTV Band (Canal 19) e TV Assembleia.

No pronunciamento do Reitor do Santuário, Padre Leomar Souza, ao final da Missa Solene da Romaria do Senhor do Bonfim transmitida pelas redes sociais ele enfatizou que montaram toda equipe técnica de transmissão, a internet, para que os romeiros tivessem a transmissão e que daquele momento em diante, além das missas presenciais, as transmissões pela internet aconteceriam no Santuário. E agradeceu ao governo do estado pelo apoio na transmissão da Romaria.

Meu irmão, minha irmã, romeiro e romeira do Senhor do Bonfim, todos os anos nós preparamos a Romaria para recebê-los e recebe-las, e a maior alegria nossa, minha e de toda a equipe é de preparar o Santuário para recebê-los. Ano passado eu dissera que ia arrumar a Romaria, nós já escutávamos os passos seus de romeiro. Essa era a nossa alegria. Neste ano, nós não fizemos como nos anos anteriores, mas nos preparamos, não para recebê-lo aqui, já que os senhores e senhoras não puderam vir, nós nos preparamos para ir até suas casas, suas famílias, através dos meios de comunicação e assim, nos encontramos novamente.[...] Agradecemos aos benfeitores e benfeitoras desse Santuário do Senhor do Bonfim, agradeço a você romeira e romeiro pelo seu zelo, pelo seu cuide para com esse Santuário, para com esta Romaria. Agradeço ao Governo do estado do Tocantins senhor Mauro Carlesse, pelo apoio que nos dá todos os anos, na organização e na efetivação da romaria. De modo especial este ano, de 2020, ano atípico, com as forças de segurança: as polícias civil e militar, ambas prestam relevantes serviços nessa Romaria, na segurança e na orientação aos nossos romeiros e romeiras. Agradeço ainda, ao Governo do estado pelo apoio técnico dado a esta romaria nas transmissões das missas de ontem e de hoje. Quero lembrar que este Santuário se organizou para isto, montou toda sua equipe técnica de transmissão para que os senhores tivessem: montamos internet, aparelhagem e de agora para frente nós vamos nos equipar porque todos os anos, além das missas presenciais, nós também estaremos transmitindo. Esse ano, as santas missas foram transmitidas pelo Instagram da Paróquia Santo Antônio de Gurupi, pelo Facebook deste Santuário, estamos nos modernizando, pelo Facebook da Paróquia Santo Antônio de Gurupi, Youtube do Padre Jakson, Youtube da Paróquia Santo Antônio, TV Assembleia, Rádio 95.9 FM, Rádio 87.9 FM de Porto Nacional. E como eu disse, com o apoio técnico do estado do Tocantins. [...] Investimos em todos os cuidados com a saúde dos senhores e senhoras, com álcool em gel em todo o espaço da Romaria, pia com água para que os senhores e senhoras pudessem lavar às mãos, máscaras a disposição caso os senhores precisassem e os cuidados com este Santuário no sentido da higienização, pulverização, pensando no seu bem-estar, na sua saúde (GURUPI, 2020).

Com todo esse cenário pós-pandemia, ficam os questionamentos com relação ao turismo e como funciona o Santuário. A presença de muitas pessoas que não são do lugar, como os romeiros, turistas e visitantes em outras épocas do ano, faz com que se pense em uma alternativa de renda para a comunidade, nota-se que os atores que trabalham o turismo em Natividade, não

querem comentar sobre a Romaria, e quando o fazem, é uníssono que por vezes tentaram, mas a Igreja não quer.

Sendo assim, por mais que o turismo seja sazonal, nem por isso não deixa de ter potencial, pois tem que ser entendido como outro turismo, por exemplo, turismo de experiência, que já é vivenciado e “vendido” em Natividade. Além disso, essa sazonalidade é quase que habitual quando se fala em turismo de uma maneira geral, por exemplo, cidades pequenas e litorâneas que recebem grande fluxo de turistas em um determinado tempo e passam o resto do ano desertas também passam por esse processo de tempos intensos e tempos extensos.

5.6. O turismo religioso é possível?

Os atores sociais “estabelecem estratégias e ativismos que buscam superar as normas totalizadoras, fundamentando-se no uso da cultura como recurso, o que gera possibilidades de interpretação de suas próprias necessidades” (LOPES, 2009, p. 335). E, será no interior desse campo de forças performáticas que os atores descontroem um modelo hegemônico e seguem agenciando sua autonomia e legitimidade, trazendo significação aos seus discursos e atos.

A teoria da gestão relacional de si (BAJOIT, 2006) que tem como ideia central o compromisso identitário do indivíduo consigo mesmo ou de identidade comprometida, na qual cada “eu” tenta agir sobre os outros para poder realizar os compromissos que ele tem consigo mesmo. Esse agir acontece nas relações de permuta, sendo elas solidárias ou de ações coletivas.

É o trabalho por meio do qual cada um transforma as identidades coletivas das quais participa em lógicas de ação. Como explica Simone Camelo quando há a realização das festas religiosas em Natividade, independente de apoio externo, a comunidade “toca a festa” e faz com que seja realizada.

Então, o quê que acontece, a gente com relação a essas ações, a gente tá sempre presente e tem todo esse sentimento de participação, entendeu? Todo esse sentimento de realização, de contribuição, e aí a pessoa se sente. Os festeiros, eu falo para todos os festeiros quando eles passam pela Festa do Divino, eles se tornam maiores colaboradores, porque ele vê o que é a grandiosidade da festa e ficam muito mais agradecidos à comunidade, porque quando você é festeiro, você sente que está na mão da comunidade. Porque se a comunidade não tiver junto, você não consegue realizar, não faz, você depende da comunidade. [...] Você pode até ficar longe do poder público, porque uma coisa em Natividade, que a gente percebe, é que a gente toca a nossa vida em comunidade, independente de poder público. Igual, às vezes, essa gestão tá com dificuldades

de relacionamento, de não ter ações, a gente toca. A gente faz do mesmo jeito, tem mais dificuldade porque poderia tá participando, a gente acaba se desgastando, cansa mais (ARAÚJO, 2020, informação verbal)¹⁴¹

Simone explica ainda que o turismo em Natividade é uma coisa que sempre foi debatida na comunidade e a Asccuna tenta mostrar que, se trabalhar o ambiente em que o indivíduo está, ele terá uma qualidade de vida melhor, as festividades também melhorarão, pois é local onde se tem uma confraternização, um grande encontro, uma participação da comunidade em si.

Para Fernanda Taiã, presidente da Assegtur, as prefeituras da região das Serras Gerais ainda estão tímidas com relação ao processo de tornar seus municípios destinos turísticos. Para ela, as Serras Gerais têm um potencial incrível e Natividade é a cereja do bolo em relação ao turismo histórico, cultural e religioso, além de possuir atrativos naturais. É que essa associação histórico/cultural/religioso/natural faz com que a cidade se torne mais única enquanto destino.

A gente precisa gerar renda, a gente precisa mostrar resultado para que eles comecem a efetivamente investir nisso [...] e deve ser fomentado, pode ser fomentado, e tem várias formas de enaltecer esse município e essa região que é tão carente e que precisa realmente desse desenvolvimento. Falta um olhar apurado para cá, porque vontade e ideias a gente já tem, só falta realmente incentivo do estado, nós precisamos, nós queremos e nós podemos. Divulgar, botar dinheiro, chamar os empresários, dar incentivo para indústrias que querem botar aqui perto, como uma fazer uma fábrica de polpa de frutas, nós temos potencial, temos como gerar renda. E, essa geração de renda e o olhar do empresário pra cá. Imagina você ter um projeto? O estado apresenta um projeto e diz “leve sua rede de hotel para lá”, isso ajuda demais e tem articulações que saem da nossa alçada, tem que ser realmente o governo. A prefeitura abraçar, o estado abraçar e os empresários que estão aí lutando para sobreviver, principalmente depois dessa pandemia, é uma coisa que a gente vai precisar mais que nunca (CASTRO, 2020, informação verbal)¹⁴².

Já para o presidente da ACINAT, Manoel Salvador, o poder público deveria participar mais, pois a cidade vive abandonada. Segundo ele, o comércio faz sua parte, mas sem incentivos não tem como conseguir. Ele equipara com o investimento que foi realizado no Jalapão e que as demais regiões não têm o mesmo investimento.

Tem que ter um conjunto, o poder público é o carro principal para o desenvolvimento, essas coisas aí, ia dar uma melhoria na cidade enorme, melhoria na saúde, na educação e na segurança para nós é fundamental. [...] O poder público é o puxador do carro, para poder trazer o desenvolvimento para a região, se o estado não faz a parte, fica difícil para uma região desenvolver. Por exemplo, o Jalapão, é uma atração turística importante do nosso, mas foi

¹⁴¹ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

¹⁴² Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

preciso que haja um investimento público para o turista chegar lá de forma confortável, né? E assim, outras coisas que o poder público pode trazer para a nossa região que resolvesse a carência de cada região e para que realmente a região desenvolva. Esse é o papel do estado e do poder público. Inclusive o Jalapão é mais conhecido que o próprio Tocantins. E as outras regiões ficam à mercê, é preciso ter uma diversidade de investimentos nas outras regiões (MOURA, 2020, informação verbal)¹⁴³.

Apesar de afirmar que sem o poder público, as festas religiosas em Natividade e até mesmo o trade turístico tem se movimentado sem essas políticas públicas, Simone Camelo entende que o poder público precisa e deve participar mais para que se tenha um projeto de cidade.

Agora, infelizmente, a gente tem que esperar aí por parte do poder público, algumas ações importantes, em termos como projeto de cidade, que é o que você tá querendo essa visão, como projeto de cidade, porque a vida da gente, nós procuramos ter uma qualidade de vida e isso a gente consegue ter, mas como projeto de cidade, onde muitas pessoas são mais contempladas, que participe a gente não consegue abarcar tudo isso se não há participação do poder público. Tem que ter isso para poder caminhar mais (ARAÚJO, 2020, informação verbal)¹⁴⁴.

Barbosa (2005, p. 108) explica que é por causa da presença dos turistas que o poder público terá que se adaptar às necessidades do lugar “Não são mais aceitas falhas no fornecimento de água, luz, rede de esgoto e o recolhimento do lixo. É necessário que a localidade tenha boa pavimentação e sinalização”.

Assim como reforça Verônica Albuquerque que sem a participação de todos nesse processo, não há como fazer o turismo ser um projeto de cidade.

O turismo é algo que não se faz sozinho, turismo é algo que se faz com união, com todo mundo junto. E, infelizmente, a gente estava passando por um período que não estava tendo o apoio dos órgãos públicos e se os governos não ajudam no processo, o setor privado sozinho ele segue, mas é mais lento. E era o que estava acontecendo aqui. O setor privado dessa área turística estava desenvolvendo as atividades, mas de forma mais lenta por ter esse atraso da união com os órgãos públicos e isso faz muita falta quando não tem essa ligação e união entre ambos. Assim, teve um tempo que estava bem melhor e deu uma decaída no ano de 2019, caiu bastante as apresentações do grupo, mas eu acredito que tende a melhorar depois dessa pandemia (ALBUQUERQUE, 2021, informação verbal)¹⁴⁵.

¹⁴³ Entrevista concedida por MOURA, Manoel Salvador. **Entrevista VIII**. [set. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (32 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta tese.

¹⁴⁴ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

¹⁴⁵ Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. **Entrevista XI**. [mar. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta tese.

Como desde a última gestão da prefeitura, os responsáveis pela pasta de cultura não são da cidade e não possuem um determinado vínculo com a história do lugar, como ressaltaram alguns entrevistados, não há essa relação com a cultura e com o local. E isso potencializa a escassez de incentivo para a comunidade. Sem incentivo, aumentam as dificuldades de desenvolver o potencial turístico que há no lugar.

Porém, por mais que o poder público se torne presente, uma das situações que mais chamam atenção nesta pesquisa é sobre a mentalidade da comunidade com relação ao turismo. Todos os entrevistados mencionaram o mesmo problema com relação aos hábitos, a forma de levar a vida do nativitano e com essa relação ao turismo.

Então, essa visão ainda não, porque não foi assumida como uma cidade turística, que tenha que partir, eu acho isso numa visão macro, maior com o poder público e um projeto de cidade. Porque aqui hoje, o costume no domingo à tarde, é deitar numa rede e ficar: “Imagina, no calor desse, um bafão desse, eu vou ficar abrindo meu comércio, esperando vir alguém passar e com a pandemia, é que não vai aparecer”. Não vai abrir. Lá na Tia Naninha já criou esse hábito, inclusive deram uma diminuída na quantidade de pessoas trabalhando (ARAÚJO, 2020, informação verbal)¹⁴⁶.

Flávio Cavalera resalta que os pacotes turísticos em Natividade ainda estão em processo de consolidação, porém também falta iniciativa na comunidade. “Ainda não é um produto turístico, tem muitos atrativos, muito foram formatados, muitos já estão sendo trabalhados e vendidos, mas ainda falta uma estrutura, falta engajamento maior, tanto da comunidade como dos empresários, das pessoas que tomam conta” (SOUSA, 2021, informação verbal)¹⁴⁷.

Para Marcelo Sanches, presidente da Aprotur, essa falta de engajamento da comunidade e o modo de ver a vida, para que possam melhorar os serviços e oferecer algo mais atrativo para os turistas também é um empecilho na cidade.

Nenhuma outra cidade na região ali tem isso, tem história, tem cultura, tem patrimônio cultural e isso aí valoriza muito. Mas tem que ajustar umas coisas, como abrir os comércios, trabalhar mais de forma profissional. A cidade já tá consolidada, a cidade é, como se diz a história, a cidade pacata e assim tá bom. E o camarada não tá preocupado se vai vender R\$ 200,00 ou R\$ 300,00 hoje ou R\$ 1,00, tá bom daquele jeito. A cidade tem outro ritmo (SANCHES, 2020, informação verbal)¹⁴⁸.

¹⁴⁶ Entrevista concedida por ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. [out. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo.mp3 (66 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice P desta tese.

¹⁴⁷ Entrevista concedida por SOUSA, Flávio Pereira de. **Entrevista IX**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2021. 1 arquivo .mp3 (18 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta tese.

¹⁴⁸ Entrevista concedida por SANCHES, João Marcelo. **Entrevista XVI**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 arquivo .mp3 (27 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice Q desta tese.

Bem como ressalta Fernando Torres, então presidente da ATTR, que levou seu último grupo de estudantes em setembro de 2019 por causa da confusão sobre o valor do voucher único na cidade, e que não leva passeios na época dos festejos, pois segundo ele, a cidade fecha. Apesar de afirmar ter feito o curso sobre Natividade, o presidente confunde a Festa do Divino Espírito Santo com a Romaria do Bonfim.

E durante os festejos não porque a cidade fecha tudo, Natividade transfere tudo de atividades dela econômica de loja para os festejos e a cidade fica deserta na época dos festejos do Divino. [...] Todo mundo que tem comércio vai para Festa do Divino para tocar o comércio lá, então não é um turismo religioso preparado para receber como origem de destino. Ah, vamos chegar em Natividade e vamos tocar para o festejo. Natividade não tem nada. Tudo é fechado durante a festa do Divino, você não encontra nada (TORRES, 2020, informação verbal)¹⁴⁹.

Uma das consequências desse pouco ou quase nenhum engajamento do poder público e principalmente da comunidade, pode ocasionar a implantação de projetos vindos de cima para baixo e fora da realidade da cidade. Se houve participação da comunidade quando do debate sobre as políticas públicas para o turismo religioso em Natividade, essa não foi ouvida, principalmente com relação ao turismo religioso, em que praticamente se riscou da agenda pública a existência da Romaria do Senhor do Bonfim. E, apesar da pandemia, as políticas públicas não deixaram de serem feitas e nem vão esperar a pandemia passar, está tudo sendo planejado e executado.

Verônica Albuquerque expõe que falta mais investimento público no que tange a divulgação em nível de estado, prefeitura e do Ministério do Turismo, além de capacitação e de informação.

As pessoas da cidade entendam que se elas se capacitarem, se elas tiverem o interesse em conhecer mais e de se formar na área, elas vão lucrar com isso. Eu acho que é um conjunto. [...] Eu sinceramente, eu não sei, estou em Natividade há quase 12 anos, e eu não sei por que até hoje Natividade não se tornou um destino mais procurado, como exemplo de Pirenópolis, Goiás. Porque Natividade é a cidade mais antiga do Tocantins, Natividade respira história e cultura colonial e tudo que você possa imaginar do Brasil colonial que precisa ser estudado, aqui tem para ser estudado, além disso, ainda temos um outro público que podemos alcançar que é do ecoturismo que é uma tendência que pegou bastante nos últimos anos e além do mais o turismo de experiência. Na minha visão, o que é que falta? Falta, sinceramente, investimento político para que Natividade seja a capital de fato, do turismo religioso, da história do

¹⁴⁹ Entrevista concedida por TORRES, Fernando. **Entrevista XXI**. [set. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 arquivo .mp3 (3 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice V desta tese.

Tocantins, porque ela já é, só falta essa visibilidade (ALBUQUERQUE, 2021, informação verbal)¹⁵⁰.

Cejane Pacini Leal Muniz acredita que as festas religiosas de Natividade, em especial a Festa do Divino Espírito Santo, precisam ser mais divulgadas.

Acredito que precisa ser divulgada sobre a riqueza desta festa. Que as pessoas façam turismo de experiência, desde um giro de folia. A riqueza que a festa tem lá no sertão. A participação popular. O espírito de comunidade, de partilha que há nesta festa, isto tudo vinculado à devoção. Acredito no turismo religioso e no caso de Natividade, onde estas festividades estão vinculadas à lugares de referência, tem um potencial enorme (MUNIZ, 2021, informação verbal)¹⁵¹.

Já na Romaria do Bonfim, a principal dificuldade é a barreira construída pela Igreja em torno do Santuário. Muitas pessoas relacionadas com o turismo reclamam do mesmo ponto. A sensação é que não quer que se mude ou que se melhore a infraestrutura, que o local seja sinônimo de penitência, dor e regozijo.

Da parte do Sebrae, a partir do questionamento sobre a Romaria, Antônio Cursino, explica que

[...] o trabalho que a gente tentou entrar lá na Romaria era tentar fazer basicamente isso: o devoto, a pessoa que gosta de vivenciar aquilo ali, que ele pudesse fazer visitas em qualquer época do ano, e não somente no dia que eles fazem lá a Romaria. Tornar isso como algo histórico e não somente a questão da devoção em si. [...] Nós fizemos o levantamento e alguns trabalhos lá também. Porém, quem faz a gestão de lá, o interesse deles é só na época do festejo. Aí queria o apoio da gente mais na época do festejo para organizar os barraqueiros, organizar ali quem fabrica e manipula alimentos. E o Sebrae chegou a atuar nisso. Porém, a gente meio que se esquivou um pouquinho desse tipo de atuação porque a gente entende que um turismo legal não é um turismo pontual, e sim, um turismo periódico. E como eu disse lá dentro da Romaria mesmo, quem comanda é a Igreja, não é a prefeitura, e o parceiro nosso era a prefeitura. E o Sebrae, hoje dentro da Romaria, pouco tem atuação. Agora, dentro da cidade de Natividade, aí lá a gente já conseguiu desenvolver muita coisa e lá hoje a gente tem parceria e vem desenvolvendo vários projetos lá (CURSINO, 2020, informação verbal)¹⁵².

Apesar das missas realizadas nos três domingos, que seria uma forma de manter aberto o Santuário, quem passa de viagem pela comunidade do Bonfim, em época que não seja a Romaria,

¹⁵⁰ Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. **Entrevista XI**. [mar. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta tese.

¹⁵¹ Entrevista concedida por MUNIZ, Cejane Pacini Leal. **Entrevista XXIII**. [abr. 2021]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2021. 1 mensagem. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice Z desta tese.

¹⁵² Entrevista concedida por CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice R desta tese.

não entende que local é aquele. Não há divulgação, não há placas, não se tem informação sobre a Romaria, a não ser matérias jornalísticas e artigos científicos. A infraestrutura da Romaria é notoriamente precária para quem vai visitar ou que já visitou outros santuários no Brasil e mundo afora. Não há estrutura, não há organização.

Lá no Bonfim mesmo, falta mesmo é estrutura, não tem onde você dormir, lá é pequeno. Você vai naquele momento e não tem nenhum lugar para ficar. Se você perguntar para o turista se ele vai, não vai, mas a maioria vai. Nem todo mundo quer levar poeira na cara, quer sol e a noite quer um frigobar, um ar-condicionado para descansar. Se o cara fez uma promessa, ele vai lá no Bonfim, ele não tá preocupado com isso, e o turismo religioso tem muito isso (SANCHES, 2020, informação verbal)¹⁵³.

Maria do Bonfim, ministra do Santuário do Senhor do Bonfim, explica que se tivesse alguém que tivesse condição de montar algo no Bonfim seria interessante para o lugar.

Olha, se tivesse uma pessoa que tivesse condição de fazer um restaurante aqui, porque aqui o problema maior é a comida. E tem que anunciar. Pode vir na Romaria e quiser descansar, abre as redes debaixo dos paus. Eu acho que se as pessoas entrar, interagir e montar uma estrutura para o povo que passa aí nessa BR, às vezes quer encostar e às vezes se tivesse uma estrutura como um hotel ou alguma coisa, eles encostava, né? Quer entrar e não sabe se tem, porque às vezes a gente vem com fome né? (NUNES CASTRO, 2020, informação verbal)¹⁵⁴.

Porém, o Reitor do Santuário afirma que sobre construir um restaurante ou hotel tem que conversar com a Igreja primeiro, senão, já querem “ser dono”. Contudo, que tipo de empresário investirá em um lugar que não pode ter lucro?

Então, se alguém quiser sentar conosco, a gente vai formular bem o contrato, um contrato de como é que isso vai se dá, sentar para a pessoa não achar que é dono! Entende? [...] Então, aí no caso, tem que ser alguma iniciativa privada que desejar, que venha, eu sento e converso. E vamos ver direitinho. [...] Eu acho que as pessoas que querem, elas tem que ter visão de futuro e não imediatista, porque quem é imediatista e não consegue resultado logo, ele se frustra e desiste. [...] E outra coisa, o poder público não tá muito aí pra isso não. Porque você sabe, grande parte da Europa velha vive do turismo e a pessoa que vem aqui, ela vai e pára ali em Natividade e faz suas compras porque quer acampar acolá. Muitas vezes o poder público não passa nem uma máquina naquele lugar ali (SILVA, 2020, informação verbal)¹⁵⁵.

¹⁵³ Entrevista concedida por SANCHES, João Marcelo. **Entrevista XVI**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 2020. 1 arquivo .mp3 (27 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice Q desta tese.

¹⁵⁴ Entrevista concedida por NUNES CASTRO, Maria do Bonfim P. **Entrevista XIX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (25 min). A entrevista na íntegra encontra-se no Apêndice Q desta tese.

¹⁵⁵ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

O Reitor considera o romeiro que vai até o Santuário como aquele que vai acampar com a família e ficam alguns dias, como se era do costume. Porém, a Romaria já recebe vários perfis de pessoas tanto de Natividade como de diversos lugares, como demonstrado no levantamento do Sebrae em 2014 e nos dados coletados nesta pesquisa e apresentados nos tópicos anteriores. Logo, o Reitor reconhece que falta infraestrutura no local e que quando não for época da Romaria podem se hospedar na casa dele. Percebe-se um protecionismo por parte do clero local, como se a Romaria fosse uma bolha impenetrável, que tenta passar uma sensação de familiaridade e intimidade e ao mesmo tempo de vigilância e clausura.

Aí eu digo assim: uma coisa ajuda a outra, porque o progresso é fruto de muita coisa. E eu digo, olha, de repente não temos um fluxo maior de pessoas devido a infraestrutura, faltar infraestrutura. “Ahh, mas eu quero ficar um dia no Bonfim, eu quero ir um dia no Bonfim, me falaram que é tão gostoso na época do verão”, às vezes o povo também sente isso. “Mas, eu vou pra lá ficar onde?” [...] Então, por exemplo, quem gosta um pouquinho mais de aventura, pode vir para o contemplar o religioso e ao mesmo tempo para o lazer, mas faltando infraestrutura, e que a pessoa quer um pouquinho de conforto também. Tem pessoas que falam: “Nam, não quero conforto. Conforto eu tenho na minha casa”. [...] Porque no período de festa não adianta ter pousada ou não ter pousada. E, muita gente vem e fica comigo. A pessoa vem com amigo meu, já se torna amigo e já no outro mês volta, sendo meu amigo. Entende? E eu digo, pode vir porque tem minha casa, tem outra casa ali, minha casa tem muito quarto, tem outra casa ali, se precisar, tem essa casa de acolhimento aqui. E eu falo para eles, tragam as coisas pessoais, por exemplo, lençol, toalhas, essas coisas e se vocês vão querer assar carne, vocês tragam a carne de vocês (SILVA, 2020, informação verbal)¹⁵⁶.

Sabe-se que para o crescimento do turismo religioso deve-se observar a questão da oferta e da procura. Na Romaria, tem-se a procura, mas quando se trata da oferta, ela é bloqueada pela própria igreja.

Em destinos onde agências de fomento ou empresários promovem iniciativas de turismo religioso, é necessário garantir que os templos estejam dispostos e preparados para se tornarem parte do produto turístico do destino e, portanto, é necessário identificar a capacidade de crescer e investir no visitante. Por outro lado, nas regiões onde os líderes da igreja estão promovendo iniciativas de turismo religioso, o setor de turismo e o setor público têm a responsabilidade de ajudar nesses esforços. Mas para determinar a viabilidade desse investimento, você precisa de informações de qualidade sobre templos ou locais religiosos e suas atividades relacionadas ao turismo. Em ambos os casos, os programas e atividades estratégicas realizados devem incorporar assistência às necessidades das autoridades da igreja no desenvolvimento e marketing de produtos (MILLÁN, PÉREZ E MARTÍNEZ, 2016, p. 94) (tradução nossa).

¹⁵⁶ Entrevista concedida por SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. [out. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice U desta tese.

A partir das análises dos dados apresentados e das entrevistas com atores sociais do município ou que interagem com Natividade a partir de suas atividades, a pergunta que fica suspensa: o turismo religioso em Natividade é possível?

Hoje, claro que o potencial existe e é gigantesco e sim, podemos fazer isso, mas nós precisamos de mais investimentos, precisamos de mais hotéis, mais banheiros, precisamos de estrutura e capacitação para as pessoas. Porque fomentando a demanda, os restaurantes não vão dar conta, quando você trabalha com o turista, não pode ser de qualquer forma, ainda mais agora depois da pandemia, o padrão de higiene, de qualidade, ele aumentou muito. Então, não tem condições de você gerar uma demanda, se você não tem como receber. [...] Daí um turismo religioso, que vem caravana, é complicado, a gente precisa de estrutura, a gente precisa de suporte, do estado, da prefeitura, de convênios, para poder fazer acontecer. É lógico que Trindade não começou daquele jeito, mas na hora que eles decidiram mudar, porque estava indo muita gente foi melhorando. Só que Natividade já tem uma tradição, já fica cheia por si só, para poder aumentar a demanda, tem que melhorar a infraestrutura. Porque senão a pessoa vem uma vez e diz nunca mais eu volto. E ao invés de promover o destino, vai é queimar o destino (CASTRO, 2020, informação verbal)¹⁵⁷.

A identificação desses agenciamentos em torno de um projeto de turismo, neste caso o religioso, para a cidade de Natividade é fundamental para entender os processos que estão ocorrendo no município, em que os agenciamentos acontecem sim, sejam eles individuais, em grupos ou por associações. A partir desse entendimento por parte dos atores sociais endógenos e exógenos de que projeto de cidade será estabelecido para Natividade, é que haverá possibilidade de se pensar em turismo religioso.

A noção de agenciamento aqui, conforme descrito por Yúdice (2006), trata-se de identificar os atores que fazem recursos identitários recuperados de uma “reserva disponível” nas trajetórias comuns de suas formações culturais específicas, em diálogo com os modelos culturais predominantes na sociedade globalizada. Essa predominância se expressa na configuração de um campo de forças performáticas para condicionar a ação dos atores que às vezes imprimem uma dinâmica de agenciamentos operantes nos intervalos desses modelos.

Logo, os atores estão organizados por meio de uma lógica de compromissos identitários que são os compromissos que eles assumem consigo mesmo e com a comunidade em si. Percebeu-se durante a construção dessa tese, ao longo dos quase quatro anos, que há um projeto em andamento voltado para o turismo cultural e de experiência, exclusivamente. Quando se pensou no turismo religioso, houve um bloqueio por parte da Igreja Católica, isso mais especificamente na Romaria do Senhor do Bonfim, em não querer “naquele momento”(leia-se

¹⁵⁷ Entrevista concedida por CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. [ago. 2020]. Entrevistador: Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 2020. 1 arquivo .mp3 (51 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

2014), o auxílio dos demais atores na organização da Romaria. Tanto que, quando questionados os atores que atuam à frente dos projetos analisados sobre a Romaria, a resposta foi uníssona: não há proximidade.

Por mais que alguns atores sociais como Asccuna, ACINAT, Assegtur, Sebrae, empresários específicos, se mobilizem para fazer com que a cidade evolua, sem um projeto de cidade, sem políticas públicas, não há como dar o próximo passo.

Com relação às hipóteses, pode-se dizer que foram confirmadas e que sim, para que Natividade seja reconhecida como destino turístico religioso, necessita-se que exista o compromisso de todos os atores envolvidos nesse processo, sendo eles: comunidade, poder público e classe empresarial. A segunda hipótese trabalhada e também confirmada é que não havendo elementos locais para impulsionar o desenvolvimento local, a inserção de Natividade em um circuito já estabelecido seria um elemento impulsionador, como é o caso do projeto de incentivo turístico para a região das Serras Gerais, porém com viés religioso e cultural e, por fim, a última hipótese confirmada é que a identidade religiosa atribuída à Natividade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas adquirem centralidade.

Identificar-se enquanto cidade turística e que possui um projeto para si é um dos desafios de Natividade, uma vez que a potencialidade das festas é algo notório, porém falta organizar a infraestrutura da cidade, como na comunidade do Bonfim e faltam ainda políticas públicas efetivas e um projeto de cidade (que cidade queremos?). Falta principalmente, vontade de toda a comunidade, pois só uns ou outros (ou os mesmos) à frente dos projetos não motiva a outra parcela de pessoas que poderiam “vestir a camisa” do turismo religioso.

Apesar de perceber que algumas pessoas se sentem donas dos projetos, em que há uma personificação com o “eu fiz”, porém, em sua maioria, as mesmas pessoas são as que puxam esses projetos, às vezes mais à frente, em outros momentos mais afastados, mas sempre dentro dos projetos, como é o caso da Asccuna que está há 25 anos à frente dos projetos culturais da cidade, independente do poder público.

O Sebrae tem incentivado as pessoas do local a mudar a mentalidade com relação ao turismo religioso, o qual não precisaria ser um ganho só sazonal e sim perene, porém tem sido um trabalho de ‘formiguinha’. Com a criação da Assegtur, percebe-se um ânimo maior dos envolvidos com o turismo de uma forma geral, pois caracteriza “alguém para ajudar a cobrar”. E, analisando os dados de 2014, não se alterou o cenário da Romaria do Senhor do Bonfim, por exemplo, em que as mesmas faltas e deficiências permanecem.

Alguns pesquisadores defendem que a Romaria é daquela forma e não tem o porquê de mudar. Mas não haverá mudança econômica na vida da comunidade, se não houver mudança de comportamento em sociedade. Em Natividade, enquanto a comunidade não internalizar que o turismo pode ser uma alternativa para a melhoria de vida, não há muito que ser feito. E é aqui que as políticas públicas deveriam atuar, incentivando, promovendo e chamando os indivíduos para participarem de um projeto de cidade. Que projeto de cidade tem Natividade? Que tipo de cidade Natividade quer ser?

A partir desse compromisso, essa rede de atores e com o protagonismo das cidades, tendo o local como do ponto de partida para o desenvolvimento das sociedades (SACHIS, 2005), é que Natividade poderá ter essa “virada de chave”.

Segundo Barreto (2007, p. 11), “o turismo não tem um tronco principal para se virar e se expandir. É um entrelaçamento em que circulam múltiplos atores, que se relacionam em diversos graus de dependência”. Alguns pontos no decorrer das entrevistas, da pesquisa de campo e da aplicação dos questionários chamaram atenção e acredita-se que devem ser reformulados, como é o caso da Lei do Voucher Único de Natividade que limita passeios só com guias locais e acaba por inibir a vinda de outras agências para fazerem turismo no local. Outra questão é que na cidade, não há empresas dispostas a se dedicar ao turismo e apenas duas empresas fazem o serviço e uma delas não tem atenção em tempo integral, se subdividindo em outras atividades.

Não se percebeu que a prefeitura apoie quem quer se inserir no ramo do turismo, porque não havia nenhuma capacitação. E ainda, não se percebeu o interesse de novas pessoas na gestão do Turismo em Natividade. Logo, os prestadores de serviço não se sentem preparados para receber os turistas, pois a maioria não tem capacitação adequada na área.

Outro ponto: os hotéis são poucos e chegam a extrapolar no valor das diárias quando é o período das festas religiosas, em que, por exemplo, no Hotel Serra Geral, o valor normal para uma pessoa é R\$ 125,00 e nos dias 14 e 15 de agosto (dia do senhor do Bonfim), a diária só é aceita se for dupla, com valor de quarto variando de R\$ 320 a R\$ 360 reais; caso a pessoa vá sozinha, paga o valor do quarto. O mesmo valor é praticado pelo Hotel July que possui infraestrutura extremamente inferior se comparado ao Hotel Serra Geral.

A maior parte dos hotéis e pousadas não estão com contatos atualizados na internet e no buscador Google. Museus, lojas de artesanatos e bibliotecas da cidade ficam fechadas nos feriados e finais de semana.

Em tempos pós-pandêmico, já se pode pensar que as relações sociais não serão mais as mesmas ou poderão se acentuar. A abstinência da presença do outro, do abraço, da comunhão,

do dar as mãos para rezar, são esses momentos que não se sabe se teremos no breve futuro. E, à medida que acontecer a flexibilização da política de isolamento e volta gradual de cultos presenciais, será necessário ter cuidado com a reaproximação social. Todo o conhecimento adquirido forçadamente por causa da pandemia obrigou a gestão do Santuário da Romaria do Senhor do Bonfim, por exemplo, instalar internet para poderem transmitir e arrecadar fundos.

Oliveira (2020, p. 263) explica que

[...] os conhecimentos e a expertise adquirida com o uso dos meios virtuais/online nesse período não podem ser desprezados quando a pandemia passar. Afinal de contas, o século XXI é digital e habitado por inúmeros indivíduos, portanto, esse espaço e meios digitais devem ser assumidos pela pastoral da igreja como forma de cuidado às pessoas nesses tempos da informação e comunicação. Uma rica oportunidade para a integração crítica, reflexiva e eficiente das novas tecnologias digitais à práxis pastoral da igreja, como forma de cooperar na missão de Deus.

Esse projeto das Serras Gerais permitiu que se fizesse a leitura das tensões e das intrigas, pois não é só um ator isolado ou setor da comunidade, as intrigas são mediadas por projetos. Houve quem entrasse no projeto capitaneado pelo Sebrae e houve quem esperou algo maior, vindo do poder público. Por enquanto, quem ingressou junto com o Sebrae continua atendendo e se reinventando em tempos de pandemia.

Documentos oficiais, como o PDITS, são importantes porque eles balizam os investimentos locais, inclusive a participação do poder público inclusive e as políticas públicas. E avaliando o que o Governo do estado tinha em mente para a região das Serras Gerais, há uma surpresa, pois, o maior evento religioso do Tocantins, sequer é mencionado no plano e quando é, aparece apenas o termo “Missa do Romeiro” como sendo parte da Festa do Divino Espírito Santo. Algo totalmente fora do contexto da história do lugar e quem redigiu o PDITS não conhece ou nunca conheceu a região e nem as festas com suas peculiaridades e ritos.

Diante do exposto e estabelecido em um documento oficial que será o guia das políticas públicas para a região, questiona-se: a quem interessa investir apenas no ecoturismo nas Serras Gerais? E indo além, a quem interessa **não** investir no turismo religioso?

Analisou-se a identidade em torno dos projetos, e neste caso, utilizando Stuart Hall (1997) e Guy Bajoit (2006), com recorte específico, explicitado nos capítulos anteriores. Em Hall (1997) entende-se que mudanças estão acontecendo nas festas e no turismo, em torno de um conjunto de práticas, e certas práticas têm uma finalidade em si e outras práticas são uma mediação para atingir finalidades, são as práticas meio. Esse conjunto de práticas faz com que o modo de vida de Natividade se torne um atrativo turístico por meio da dança da suça, do modo de fazer o biscoito, de jogar capoeira, de sentar na praça e observar o tempo passar.

Já com Bajoit (2006), conseguiu-se entender a identidade em torno dos projetos conforme se foi mapeando as práticas dos indivíduos, identificando que era quem, que tipo de compromissos eles possuíam com aquele projeto coletivo. E, a maior parte dos indivíduos envolvidos com esse projeto de turismo para a cidade possuem recursos, pois são empresários ou buscam editais de fomento para fazer com que os projetos sejam executados. Com isso, esse campo de possibilidades é aberto e ele não se torna algo problemático porque existe essa possibilidade de os recursos resultarem em ações efetivas.

Essa ausência de políticas públicas, reclamada pelos entrevistados, não é total, por mais que esses questionamentos sempre apareçam, e quando aparecem é porque querem falar de alguma ausência específica. Querendo ou não, o poder público tem feito algo como: limpeza, ajuda no fornecimento de água, pagamento de contas de energia e fornecimento de espaços que também são formas de contribuir. Percebe-se que a demanda efetiva da comunidade e levantada pelos atores sociais é a participação do poder público nos projetos da cidade, e principalmente, políticas de incentivo e um plano com o projeto de cidade, ou seja (reforçando aqui), que tipo de cidade Natividade pretende se tornar nos próximos anos.

E, a partir dessa participação, o próprio indivíduo avalia até que ponto o seu modo de vida deve ser mantido do jeito que está, de forma rígida? Ou até que ponto o seu modo de vida pode ser alterado? O modo de vida pode sofrer alterações em função de melhorias, de expectativas que as pessoas têm, por exemplo, melhoria de vida, qualidade de vida e melhoria coletiva do lugar.

Sendo assim, quando se fala de um modo de vida periférico, que é herdeiro de um modo de vida rural, de onde vieram as maiorias das famílias que se instalaram ali na região, há o desejo de modernização. Logo, quando a modernização chega, as pessoas não têm um modo de vida, um *habitus*, habilitado para essa mudança e daí criam-se as tensões. Por exemplo, como a proposta da fixação das festas do Divino Espírito Santo em um só espaço, no Centro Histórico, área próxima ao antigo cemitério.

E, tanto a Igreja em Natividade, a Asscuna e comunidade querem melhorar a infraestrutura, promover mais espaço e deixar a festividade mais próxima das pessoas. Com o projeto de se criar um Galpão do Divino ou Casa do Divino, haverá uma padronização na festa, com uma estrutura mínima que o festeiro poderá contar. Sem contar que a competição de qual festeiro promoveu a melhor festa tenderá a diminuir. O Galpão é uma potencialidade para impulsionar a Festa do Divino Espírito Santo, uma vez que se configura como um processo de organização e modernização, vindo até ser local de visitação.

Sabe-se que os locais da festa dependem da relação do festeiro com seus vínculos comunitários. E a construção de um local para realização da festa denota uma lógica de controle sobre a mesma, sem contar que a estrutura é impessoal e traz mudança. Quais seriam os benefícios?

Quando as pessoas começam a mudar sua ideia do que é segurança, mudar a ideia do que é diversão, mudar a ideia do que é rua e até mesmo do que é a festa. Tudo isso muda em função das pessoas, como veem aquele modo de vida. A comunidade quer melhorias, mas em muitas respostas dos questionários e também na fala do Reitor do Santuário do Senhor do Bonfim, percebe-se um receio dessa mudança. Porém, nas falas dos representantes de associações e atores-chave da cidade, a vontade para que a cidade “vire a chave” é grande.

E, o próprio posicionamento e forma de abertura para o novo, faz com que se perceba essa relutância pelo novo. Por exemplo, quando se chega em Natividade na época da Festa do Divino Espírito Santo, ou em qualquer outra época, a sensação é de acolhimento e compartilhamento. Já na Romaria do Senhor do Bonfim, a sensação é contrária: desconfiança e palavras previamente escolhidas, tanto que nas pesquisas de campo em tempos de Romaria, o acolhimento na comunidade do Bonfim veio das pessoas que atuam na Festa do Divino. Uma das possibilidades desse desconforto foi a convivência de curto prazo desta pesquisadora com as pessoas que gerem o local, até porque a pandemia influenciou bastante nesse processo de aproximação devido as restrições sanitárias e distanciamento social.

A pandemia impôs esse processo do moderno, do urbano e do contemporâneo em Natividade, principalmente com relação às festas religiosas, que foi ganhando os meios de comunicação, se adaptando para chegar aonde não chegava antes, assim foi-se criando o campo de forças performativas (Yúdice, 2004). Até mesmo antes, com o roteiro “Vida de Natividade”, em que o modo de vida da comunidade tornou-se uma performance. O que antes era visto como algo corriqueiro e sazonal (como é o caso da Suça que só era dançada nas festas religiosas), agora é constante. E essas mudanças estão entrando em Natividade de forma contínua, porém com a pandemia e a vacinação em massa, a comunidade acredita na explosão do destino turístico, assim como toda a região das Serras Gerais.

Analisando Natividade há 10 anos atrás quando chegava a hora do almoço, todo o comércio fechava e não se encontrava um lugar aberto para fazer refeição entre as 12h até às 14h. Hoje muita coisa mudou. As mudanças foram começando com a chegada dos projetos, principalmente com o Programa Monumenta do Governo Federal, por meio do Iphan, com o Sebrae e o projeto de turismo nas Serras Gerais e agora com o fortalecimento das associações e

retomada dos trabalhos, como é o caso da ACINAT, além da criação de uma nova associação, como aconteceu com a Assegtur, voltada exclusivamente para a governança em torno do turismo na região das Serras Gerais. A presença da mídia, de produtoras de TV, artistas nacionais, programas especiais de TV também fizeram com que Natividade fosse vista e despertasse a vontade de ser conhecida e reconhecida.

Porém, essa mudança chegou, mas a maior parte da comunidade não estava preparada para tal, alguns conseguiram acompanhar a “onda”, mas a maior parte não, inclusive o poder público municipal foi um dos que não acompanharam o momento que a cidade viveu com toda a divulgação que obteve. As pessoas não tiveram tempo de entender quem era esse sujeito de fora, o papel dele ali enquanto turista, enquanto fonte de renda. Não houve esse momento.

Yúdice (2006) já afirmou que a cultura é hoje vista como algo em que se deve investir e que está distribuída nas mais diversas formas. A atratividade do lugar vem fazendo com que os próprios comerciantes mudem por conta própria seus estabelecimentos, de forma que fiquem mais atrativos e se integrem a paisagem local, neste caso, por ser uma cidade tombada como patrimônio arquitetônico. Em Natividade, temos como exemplo: a sede dos Biscoitos Amor Perfeito, uma sorveteria e dois restaurantes (Casarão e Bistrô) no Centro Histórico da cidade.

Sabe-se que o modelo que vem sendo estabelecido em Natividade é ecoturismo, se analisarmos a partir da implantação do Programa de Desenvolvimento Regional, Integrado e Sustentável (PDITS), tem-se uma mera “cópia” do modelo que se trabalha na região do Jalapão, uma vez que o discurso é que

Consumidores que vivem em centros urbanos buscam o inusitado, o selvagem e a aventura na natureza, e este imaginário – em que o “amor à natureza” é enaltecido –, abre a possibilidade de commodificar lugares e paisagens longe das cidades. Prudham (2009) menciona como as representações simbólicas do “retorno do ser humano à natureza” são enfatizadas na venda do turismo de aventura. [...] o objetivo é criar objetos de desejo, proporcionando o surgimento de um novo nicho de mercado para a venda de pacotes de ecoturismo (BECK; CUNHA, 2017, p. 141).

Barbosa (2005, p. 109) explica que só recursos naturais não são suficientes para garantir a atratividade do local, pois é necessária toda uma cadeia de serviços e mais opções de atrativos. E, em Natividade, com os projetos orbitando em torno do turismo cultural, de experiência e potencialmente o religioso, pode ser que haja uma permanência desse turista no local por mais dias, por exemplo.

“O desenvolvimento sustentado dos destinos religiosos depende, em última instância, da vontade dos empresários e das autoridades envolvidas, tanto seculares quanto religiosas, de

avaliar constantemente o desenvolvimento do turismo e mudar suas políticas quando necessário” (MILLÁN; PÉREZ; MARTÍNEZ, 2016, p. 94) (tradução nossa).

Portanto, dentro do campo do turismo, o que se tem planejado para Natividade a partir do PDITS das Serras Gerais é que se tem a regulação da atividade, mapeamento dos atrativos, inclusive voltados para o turismo cultural e de experiência na cidade, bem como a organização do trade turístico. No que tange as festas religiosas da cidade, neste caso a Festa Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, há uma tradição estabelecida por meio do *habitus* (Bourdieu, 2009), em sua essência no campo religioso e culturalmente estabelecida dentro dos compromissos indentitários da comunidade (Bajoit, 2006) que promove ou se beneficia das festas.

Orbitando entre o turismo e as festas, temos os atores sociais, neste caso sendo representados pelas associações, governo, entidades paraestatais, igreja, indivíduos em ações isoladas, grupos sociais e políticos que agenciam esse movimento em torno do que poderia vir a ser o turismo religioso em Natividade.

A maioria das pessoas ainda não percebeu a abrangência da festa, sua influência e seu impacto econômico no município e na renda de quem se desloca até os locais das festividades. Só porque o turismo é sazonal, nem por isso não deixa de ter potencial, pois tem que ser entendido como outro turismo, por exemplo, um turismo de experiência, que até já existe na cidade, mas com conceito de viver a vida nativitana. Tomando como exemplo, mais uma vez, as cidades pequenas e litorâneas que recebem grande fluxo de turistas em um determinado tempo e passam o resto do ano desertas ou com fluxo reduzido de turistas, como também a exemplo de Pirenópolis com a Festa do Divino e seus atrativos culturais e naturais, além do Santuário Divino Pai Eterno, ambos em Goiás, guardadas suas devidas proporções e recursos.

Afirmar que grupos socialmente dominantes não sejam motivados à mudança econômica, mas se oponham a ela, para garantir sua posição, é um verdadeiro truismo histórico. A única exceção é que eles poderão adota-la se ela oferecer proteção contra pressões externas ou revoltas internas. Além disso, mudanças tecnológicas de vulto encontrarão forte resistência na sociedade tradicional, não só de grupos dominantes, mas de indivíduos de qualquer camada, já que envolve transformação social mais profunda (HAGEN, 1974 p. 30).

Exemplo recente dessa mudança tecnológica e provavelmente social, foram às festas religiosas de Natividade sendo transmitidas online, principalmente nas redes sociais, algo que não aconteceria nos idos de 2006 (período que se iniciou a relação desta pesquisadora com a comunidade de Natividade), quando apenas uma operadora de telefone estava disponível na cidade e poucos moradores detinham um aparelho celular.

Contudo, teve-se que viver uma pandemia e a obrigatoriedade do distanciamento social, para que os atores se organizassem para oferecer os ritos sagrados das festas, além das missas online, algo que já estava estabelecido e existia a possibilidade de realização, mas que não era “necessária” ou não era do costume do lugar.

Ainda sobre mudanças e a cultura como fator de desenvolvimento, a relação das pessoas do lugar com a tecnologia era de registrar os momentos, por fotos ou vídeos, um autotombamento/autopatrimonialização das festas. Além da cobertura da imprensa (imprensa e televisiva) na Festa do Divino Espírito Santo e na Romaria do Senhor do Bonfim, por exemplo, com deslocamento de equipes da capital até Natividade para fazer a cobertura desses grandes eventos em seus telejornais, sites e jornais.

A partir de 2020, com a pandemia, qualquer pessoa no mundo pôde acompanhar as festas de Natividade. E essa, é uma grande mudança dentro da organização dos atores envolvidos com a festa, em que a Igreja se viu “obrigada” a aprender a usar tecnologia para se aproximar dos seus fiéis.

A longa sequência de mudanças sociais radicais de que se compõe a transição certamente ocorrerá, não simplesmente pela ação de indivíduos desviantes, mas, somente, quando algum grupo de peso, no interior da sociedade, empenhar-se naquele alvo. Um contexto social nunca está perfeitamente integrado, no sentido de que as motivações e valores mantidos por todos os seus segmentos sejam consistentes e o papel de cada grupo satisfaça às suas próprias necessidades emocionais (HAGEN, 1974, p. 31).

Não obstante, para que o turismo religioso possa ser implantado em Natividade, não só ele, como garantir o sucesso do projeto que envolve o turismo cultural e o de experiência, alguns pontos precisam ser observados pelos atores sociais envolvidos, pelo poder público local e pela comunidade.

Antes de qualquer ação de marketing que divulgue a região das Serras Gerais, Natividade ou a Romaria do Bonfim, independentemente do nicho, é urgente: a organização das informações sobre a cidade; manutenção e fortalecimento do Conselho Municipal de Turismo; construção do inventário turístico (que é basilar para a definição de políticas públicas e direcionamento de investimentos estratégicos); sinalização turística (principalmente nas rodovias de acesso ao município e a comunidade do Bonfim); melhorias com relação à disponibilização de banheiros (principalmente nas festas religiosas); serviços de alimentação e hospedagem, segurança, apoio médico, entre outros nas festas religiosas pesquisadas; construção e implantação do Centro de Atendimento ao Turista (CAT) com profissional com formação adequada para receber os turistas; melhora nos sistemas de saneamento; oferta diversificada de serviços bancários; melhora no

acesso à internet e telefonia móvel, além da melhoria da formação dos agentes turísticos por meio da oferta de cursos técnicos e superiores em Natividade, uma vez que a cidade só possui cursos voltados para o agronegócio. E por fim, os agentes, públicos e privados precisam entender, compreender e absorver que o turismo é vetor para o desenvolvimento local e regional. Se houver divulgação de Natividade sem estruturação adequada, a cidade não comportará o fluxo de visitantes e em vez de promover o destino, os turistas não retornam e ainda saem “falando mal” do destino.

6. CONSIDERAÇÕES

Essa tese teve como objetivo compreender e identificar como o turismo religioso está sendo implantado em Natividade (ou será implantado), configurando-se como mais uma alternativa de renda e emprego para a comunidade e promovendo o desenvolvimento local. Com isso, abordou-se como os atores sociais estão envolvidos nos projetos para tal e que tipo de projeto seria esse: ecoturismo, turismo cultural ou turismo religioso?

“Quando amamos um lugar temos de lutar a todo custo para que não se degrade e nos faça crescer com ele” (YAZIGI, 2001, p. 24). Com isso e finalizando esta tese, não se desejou aqui, entregar um modelo de desenvolvimento local, uma “receita pronta”, uma vez que, se defende, que o desenvolvimento deve partir da comunidade, da iniciativa e do comprometimento dos atores do local para encontrarem o caminho ideal na promoção do turismo religioso, não deixando de lado o apoio e a efetiva participação dos agentes exógenos na construção desse modelo.

Natividade está no caminho certo, basta a rede de atores endógenos e exógenos continuarem se mobilizando, cobrando ações de quem se deve cobrar e definirem que projeto de cidade a comunidade quer para si e não a que o governo do Tocantins quer que seja.

Supõe-se que a identidade religiosa atribuída à cidade de Natividade demarca um conjunto de práticas e manifestações que podem orientar um modelo de desenvolvimento local, no qual as festas religiosas adquirem centralidade. E, essa afirmativa se torna factível, uma vez que foi com o apoio dos agentes exógenos que se iniciou um processo de organização do trade turístico na cidade, mesmo que voltado para o turismo de experiência e o turismo cultural.

A partir disso, esta tese apresentou ainda sobre os agenciamentos em torno das festas religiosas de Natividade, em que não se tratou de sujeitos ou instituições, mas sim, de reconhecimento dos projetos e dos atores que estão envolvidos nesses projetos. É necessário reforçar que neste trabalho, o turismo religioso foi considerado, em sentido amplo, como aquele motivado parcial ou exclusivamente por motivos religiosos.

E, quando se analisou sobre cultura e desenvolvimento, percebeu-se que no decorrer do trabalho que existem variações, da maneira como se relacionam a cultura e o desenvolvimento, em que podem deslocar o campo das tradições e dos circuitos existentes nas festas e que a tradição presente nessas nelas se renovam e se fortalecem a partir dos circuitos locais estabelecidos. Sendo assim, a exemplo da Festa do Divino Espírito Santo, quando se há a

proposta de construção de um local para “otimizar” o espaço de realização dos rituais da festa e a consequente recepção dos foliões e festeiros, têm-se uma mudança tendendo para a padronização e uma centralização das festividades. Até que ponto essa centralização seria benéfica para a festa em si? Se há uma centralização das festividades da Festa do Divino Espírito Santo perde-se o contexto da festividade que é preservar os diferentes ambientes, modos de fazer (cada ano é uma família que organiza a festa), sem contar com as trocas de experiência e vivência cultural.

Existe ainda uma lógica de organização dos atores da comunidade de Natividade, de modo que os agenciamentos em torno dessas festas religiosas, **não** pretendem afirmar a cidade como um destino para o turismo religioso dentro do Tocantins, mas sim, se autoafirmarem, ou seja, uma autopromoção em ações isolada de atores X, Y ou Z, como agrupados por afinidades familiares.

Logo, ainda não há uma consciência comunitária que o turismo religioso possa ser atrativo, mas sim, há uma consciência individualizada e falta, portanto, criar e colocar em prática a rede de atores com projetos e ações. Assim, percebe-se que há uma gama de interesses difusos e sazonais, além de disputas por “exclusividade” em determinadas atividades dentro do município. Sem contar na total dependência de outro ator social, no caso a Asccuna, para dar prosseguimento aos projetos que mantêm Natividade como uma cidade de arquitetura patrimonializada, com festas religiosas que atraem grande público (independentemente da religião), porém ainda são direcionadas a um público muito específico e local.

O turismo religioso pode ser visto como algo com grande potencial para a região, uma vez que há demanda, apesar de se expressar de maneira diferente nas duas festas estudadas: a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim.

Na Festa do Divino Espírito Santo, as pessoas que visitam a festividade participam desses momentos junto com a comunidade e se deslocam até o município e até mesmo nos pousos das folias que geralmente ocorrem na zona rural de Natividade. A comunidade recebe com hospitalidade as pessoas que visitam a cidade na época da festa, que além de ir às missas e os rituais solenes, ainda visitam outros lugares da cidade como a fábrica de biscoitos amor-perfeito, loja de artesanato, restaurantes locais, igrejas patrimonializadas e os atrativos naturais e místicos.

A partir das análises discorridas durante o trabalho, o turismo religioso a partir da Festa do Divino Espírito Santo tem mais potencial por ser a festa com maior agenciamento da comunidade de Natividade, com a participação de atores endógenos à frente de todo o processo. Já na Romaria do Senhor do Bonfim, esse fluxo **na** participação da comunidade na organização

da Romaria é infinitamente menor, tanto pelo fato da Reitoria do Santuário ter fechado essa organização apenas para a Diocese de Porto Nacional, porém a festa é regional, recebe pessoas de diversas regiões do estado do Tocantins, com predominância maior das regiões central e sudeste. E, principalmente, recebe grande parte da população de Natividade, não só pela parte religiosa, como pela profana.

Dentro dessa perspectiva do turismo religioso para Natividade, abre-se o questionamento de que: a Romaria do Senhor do Bonfim tem a necessidade de integrar os projetos de turismo religioso em Natividade? Ela é sazonal (transforma-se em outra cidade, outro lugar, outro território) e suas atividades irradiam do Bonfim para Natividade. As atividades funcionam de maneira sazonal, se amplia o campo de influência dos comerciantes de Natividade na festa do Bonfim, com a instituição de “filiais” dos comércios da cidade no ambiente da Romaria. Há esse circuito/movimento dentro da Romaria, como há um circuito fora, em que esses atores se movimentam. Logo, a Romaria é regional, não é só local, vai além de Natividade e por isso, ela tem potencial de se expandir.

Como a Romaria não entrou no projeto das Serras Gerais por empecilho da própria Igreja, leia-se da gestão do Reitoria do Santuário, algo que não se conseguiu identificar o motivo nesta pesquisa. Alguns dizem ser pelo dinheiro que é arrecado e não ficar no Santuário, mas sim para a Diocese de Porto Nacional, outros que esperam pelos políticos fazerem ou doarem alguma benfeitoria, ou mesmo que não sobra dinheiro para melhorar a infraestrutura, por isso da campanha de arrecadação de donativos. A sensação que se tem é que a Igreja não quer que a Romaria cresça ou melhore, pois pelo país, as romarias e os santuários estão se adaptando à modernização e em Natividade não há essa preocupação. Não é só o romeiro “raiz” que vai até o Santuário e nivela-se por baixo, quando o assunto é infraestrutura e recepção dos visitantes

É provável que as festas religiosas passarão por mudanças, principalmente após essa pandemia. E, assim como a Festa do Divino Espírito Santo e a Romaria do Senhor do Bonfim, estão vivenciando uma trajetória convergente e complementar de outras festividades, outros modelos devocionais estão surgindo, que também passam por transformações que impactam o contexto da comunidade, sendo que essas transformações estão chegando pelas agências de turismo, pela modernização, pelos meios de comunicação e pelas demandas das políticas públicas.

Por fim, e retornando com Hagen (1974, p. 24), que expõe de forma simples e direta que “mudança econômica implica mudança social”, para isso, a comunidade deve se questionar: até que ponto nosso modo de vida deve ser mantido do jeito que está, de forma rígida, ou até que

ponto nosso modo de vida pode ser alterado? Ele pode sofrer alterações em função de melhorias, de expectativas de melhoria de vida, de aumento da qualidade de vida com o aumento da renda e de melhoria coletiva do lugar? Deste modo, a partir desses movimentos e com as iniciativas em busca da modernização e adequações sociais é preciso pensar o turismo religioso no pós-pandemia, sendo assim uma sugestão para estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ABUMANSSUR, Edin Sued. Turismo religioso e identidade nacional. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 49, p. 88-106, 30 abr. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n49p88-106> . Acesso em: 25 Jun 2020. DOI – 10.5752/P.2175-5841.2018v16n49p88-106

ADETUC – AGÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO, CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DO TOCANTINS. **Desenvolvimento do Turismo**. Palmas: 2019. Disponível em: <https://adetuc.to.gov.br/desenvolvimento-do-turismo>. Acesso em: 19 out. 2019.

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS DO TOCANTINS – ASN/TO. **Programa Investe Turismo é lançado no Tocantins**. Disponível em: <http://www.to.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/TO/programa-investe-turismo-e-lancado-no-tocantins,0afe522660a8b610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 03 jul. 2019.

AGIER, Michel. DISTÚRBIOS IDENTITÁRIOS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, Out. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 fev. 2018.

ALBUQUERQUE, Verônica Tavares de. **Entrevista XI**. 2021. 1 arquivo .mp3 (12 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 30 mar. 2021.

ALVES, Maria Lúcia Bastos. PEREQUINOS E TURISTAS: diferentes modos de ser e viver o mundo. **Estudos de Sociologia** - ISSN: 2317-5427, [S.l.], v. 1, n. 14, p. 75-93, mar. 2014. ISSN 2317-5427. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235355>. Acesso em: 23 set. 2019.

ARAÚJO, Simone Camelo de. **Entrevista XV**. 2021. 1 arquivo.mp3 (66 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 04 out. 2021.

ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

ASSESSORIA. Luana Ribeiro participa da Festa do Divino Espírito Santo em Natividade. . **Assembleia Legislativa**, 2018. Disponível em: <https://al.to.leg.br/noticia/gabinete/luana-ribeiro/7606/luana-ribeiro-participa-da-festa-do-divino-espírito-santo-em-natividade> Acesso em: 15 set 2020.

BACELAR, Alessandra. **Entrevista XII**. 2020. Áudios. Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Palmas, 15 ago. 2020.

BAJOIT, Guy. **Tudo muda**: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí, RS: Editora Unijuí/Lisboa: CEOS, 2006.

BARBOSA, Fábila Fonseca. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ ou regional. **Caminhos da Geografia (UFU)**, v. 6 n. 14 (2005): Fevereiro de 2005, p. 107-114. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15380>. Acesso em: 08 mai. 2018.

BARBOSA, Yêda (org.). Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás. Brasília, DF: Iphan, 2017. 157 p. (**Dossiê Iphan; 17**). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_divino_pirenopolis_2018_web.pdf. Acesso em: 04 out. 2018.

BARRETTO, Margarita. **Turismo y Cultura – Relaciones, contradicciones y expectativas**. El Sauzal (Tenerife, España): ACA y PASOS, RTPC, 2007. 176 p.

BECK, Ceres Grehs, CUNHA, Luis Henrique Hermínio. As múltiplas faces da comodificação e a constituição da crítica acerca das práticas de consumo contemporâneas. **Ciências Sociais Unisinos**, Vol 53, n.1, p. 136-147, janeiro/abril, 2017. DOI: 10.4013/csu.2017.53.1.14

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985[1969].

BIANCHI, Mônica Rodrigues Lima Malakowsky. **Entrevista II**. Destinatário: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 29 mar. 2021. 1 mensagem eletrônica.

BOLL, Armindo; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. A Pesquisa de Campo em Folkcomunicação - Escolhas de métodos de coleta de dados – o caso da história oral na pesquisa com as figureiras de Taubaté. In: **Conferência Brasileira de Folkcomunicação**. 8, 2005, Teresina. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/GT1-007-Pesquisa_de_campo_-_Armindo_e_Marcelo.pdf. Acesso em: 02 jul. 2010.

BONFIM, Wátila Fernandes; BALSAN, Rosane. As relações entre os artesãos filigraneiros de Natividade, Tocantins e o turismo. **Revista Ambivalências**. V. 7, nº 17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v7n14p29-56>. Acesso em: 05 Jul 2020.

BONFIM, Wátila Mislá Fernandes. Os Filigraneiros De Natividade, Tocantins: Patrimônio Imaterial, Identidade E Turismo. 152 f. **Dissertação**. (Mestrado em Geografia) Instituição de Ensino: Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

BOTELHO, Nayara Lopes. Corpo, Comunicação e Performance em Romana de Natividade. 226f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Sociedade). Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo; Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Folia: festa e romaria**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto Legislativo 485** de 21 de dezembro de 2006. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2006/decretolegislativo-485-20-dezembro-2006-548645-norma-pl.html> . Acesso em: 18 mai. 2021.

BRASIL. **Decreto Lei 9215** de 30 de abril de 1946. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del9215.htm . Acesso em: 18 mai. 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei 25** de 30 de novembro de 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm . Acesso em: 15 mai. 2020.

BRASIL. **Lei 1806** de 6 de janeiro de 1953. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1806-6-janeiro-1953-367342-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 07 jul. 2020.

BRASIL. **Lei 6292** de 15 de dezembro de 1975. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16292.htm Acesso em: 15 mai. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Festas do Divino movimentam o turismo religioso**. 05 Maio 2015d. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/festas-do-divino-movimentam-o-turismo-religioso>. Acesso em: 15 Set 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Mapa do Turismo - Categorização**. Disponível em: <http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home> . Acesso em: 18 mar 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Municípios são agrupados em cinco categorias**. Brasília, 25 ago. 2015b. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5405-munic%C3%ADpios-tur%C3%ADsticos-brasileiros-s%C3%A3o-agrupados-em-cinco-categorias.html>. Acesso em: 15 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Categorização dos Municípios das Regiões Turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro**. Brasília: MTur, 2015a. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sem-categoria/5854-categoriza%C3%A7%C3%A3o-dos-munic%C3%ADpios-das-regi%C3%B5es-tur%C3%ADsticas-do-mapa-do-turismo-brasileiro.html>. Acesso em: 15 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo religioso continua em alta no Brasil**. Brasília, 12 jan. 2015c. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/712-turismo-religioso-continua-em-alta-no-brasil.html>. Acesso em: 15 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo religioso continua em alta no Brasil**. 12 Jan 2015e. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/turismo-religioso-continua-em-alta-no-brasil>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões. Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico. In: BRASILEIRO, Maria Dilma Simões, MEDINA, Júlio César Cabrera,

CORIOLOANO, Luiz Neide (Orgs.). **Turismo, Cultura e Desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BRIZOLLA, Tânia (org.). **Segmentação do Turismo: marcos conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf Acesso em: 26 Mar 2021.

BURITY, Joanildo. Cultura e Desenvolvimento. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.). **Teorias e Políticas da Cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2007.

CALABRE, Lia. Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas, BARBALHO, Alexandre. **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007 (Coleção Cult)

CAMELO FILHO, Adalho dos Santos. **Entrevista XVIII**. 2020. 1 arquivo .mp3 (6 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 12 jun. 2020.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed.– São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CARVALHO, André Luiz Piva de, NÓBREGA, Zulmira Silva. Um caminho possível: cultura como fator de desenvolvimento no alinhamento do turismo à economia da cultura. In: BRASILEIRO, Maria Dilma Simões, MEDINA, Júlio César Cabrera, CORIOLOANO, Luiz Neide (Orgs.). **Turismo, Cultura e Desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

CARVALHO, Dirani Ribeiro de Oliveira. **Entrevista VII**. Destinatário: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 17 jun. 2020. 1 mensagem eletrônica.

CARVALHO, José Rodrigues. Território da religiosidade: fé, mobilidade e símbolos na construção do espaço sagrado da Romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema, Tocantins. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2014.

CASTRO, Fernanda Tainã Alves de Lima. **Entrevista X**. 2020. 1 arquivo .mp3 (51 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 28 ago. 2020.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

CERQUEIRA, Vitória Pinto de. **Entrevista XXII**. 2021. 1 arquivo .mp3 (45 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 10 abr. 2021.

COMAROFF, Jean, COMAROFF, John. **Etnicidad S.A.** Madrid: Katz Editores, 2011.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO (CNC). **Breve História do Turismo e da Hotelaria**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio/Conselho de Turismo, 2005.

COSTA, Ademilson Ferreira. **Entrevista VI**. Destinatário: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 15 jun. 2020. 1 mensagem eletrônica

COSTA, Carmem Lúcia. AS FESTAS E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO TERRITÓRIO GOIANO. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 16, dec. 2008.

ISSN 2177-2738. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/12679>. Acesso em: 08 may 2021.

CRESWELL, Jhon W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Magali. Diante da crise do coronavírus, o que as igrejas podem fazer? **Carta Capital**, 24 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/diante-da-crise-do-coronavirus-o-que-as-igrejas-podem-fazer/>. Acesso em: 11 jul. 2020.

CURSINO, Antônio Louça. **Entrevista XVII**. 2020. 1 arquivo .mp3 (43 min) Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 28 ago. 2020.

DESSEIN, Joost, SOINI, Katriina, FAIRCLOUGH, Graham, HORLINGS, Lummina. (orgs). **Culture in, for and as Sustainable Development: conclusions from the COST Action IS1007 Investigating Cultural Sustainability**. University of Jyväskylä: Finland, 2015.

DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson José Sena da (orgs.). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

DIAS, Weberson Ferreira, RAMOS, Geovanna de Lourdes Alves. Poder, religião e comunicação: o uso político da cultura na Romaria do Bonfim em Natividade (TO). **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 117-140, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-0476.2017v7n1.32793>. Acesso em: 20 Jan 2021.

DIAS, Weberson Ferreira. O corpo a serviço da fé: representações religiosas na Romaria do Bonfim de Natividade (TO). 2019. 192f. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás-UEG, Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2019.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE; BARROS. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. 13ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano - A Essência das Religiões**. Coleção Vida e Cultura – Tradução de Rogério Fernandes. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1975.

FAET RURAL. **SENAR e SEBRAE apresentam diagnóstico sobre turismo religioso para o Bonfim**. Disponível em: <http://www.faetrural.com.br/noticias-659-senar-e-sebrae-apresentam-diagnostico-sobre-turismo-religioso-para-o-bonfim.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FARIAS, Edson. **Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras**. Soc. estado., Brasília, v. 20, n. 3, p. 647-688, Dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922005000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 ago. 2017.

FERREIRA, Victor Henrique Moreira. **Teoria Geral do Turismo**. 2. ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2007.

FONTES, Seleucia. Propostas para o desenvolvimento da região das Serras Gerais por meio do turismo são apresentadas durante Fórum. **Portal do Tocantins**. Palmas, 20 set 2019. Disponível em: <https://portal.to.gov.br/noticia/2019/9/20/propostas-para-o-desenvolvimento-turistico-da-regiao-das-serras-gerais-sao-apresentadas-durante-forum/>. Acesso em: 28 out. 2019.

FORGA, José Maria Prat, VALIENTE, Gemma Cànoves. Las romerías, oportunidad turística y relaciones sociales entre locales y visitantes. el caso de la Cerdanya en Cataluña. **Cuadernos de Turismo**, nº 41, (2018); pp. 575-589.

G1 TOCANTINS. **Mortes e casos de coronavírus nos municípios brasileiros**. São Paulo, 24 de setembro de 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/2021/mapa-cidades-brasil-mortes-covid/to/natividade> Acesso em: 24 set. 2021.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto – a fenomenologia de Husserl?. **Ideação**, n. 05, p.13-36, na/jun 2000. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/dante5-fenomenologia.pdf> . Acesso em: 08 jan. 2019.

GALVANESE, Carolina; FAVARETO, Arilson. Dilemas do planejamento regional e as Instituições do desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, Vol. 29, nº 84, fevereiro/2014.

GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**. - 1. ed., IS. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIUMBELLI, Emerson. Religious Tourism. **Religion and Society: Advances In Research**, v. 9, p. 24-38, 2018. doi:10.3167/arrs.2018.090103

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862015000100012>

GOUVEIA, Jorge. Governador percorre avenidas em cortejo do Divino. **Secom Tocantins**, 2006. Disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/governador-percorre-avenidas-em-cortejo-do-divino-10977/> . Acesso em: 15 set 2020.

GRABURN, Nelson. The antropology of tourism. **Annals of Tourism Research**, vol. 10, pp. 9-23, 1983.

GROETELAARS, Martien. M. **Quem é o Senhor do Bonfim?** Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

GURUPI, Paróquia Santo Antônio de. Missa Solene do Senhor do Bonfim - Natividade - TO. **Youtube**, 15 de agosto de 2020. 1 vídeo (120 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tKgeKzFWZxM&t=6595s>. Acesso em 16 ago. 2020.

HAGEN, Everett Einar. O Processo de Mudança. In: DURAND, José Carlos Garcia. **Sociologia do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schafter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C. R. As três versões do neo-institucionalismo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 58, p. 193-223, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452003000100010>. Acesso em: 11 jul 2018.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**. vol. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 08 jul. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. – 7ª ed. Editora DP&A: São Paulo, 2002.

HANDCOCK, Mark S., GILE, Krista. J. **On the Concept of Snowball Sampling**. Disponível em http://arxiv.org/PS_cache/arxiv/pdf/1108/1108.0301v1.pdf . Acesso em 27 de outubro de 2011.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. **Cad. CERU**, São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11857>. Acesso em: 18 jul. 2018.

HUSSERL, Edmund. **A idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

IMMERGUT, Ellen Margaretha. O Núcleo teórico do novo institucionalismo. In: HEIDEMANN, Francisco Gabriel; SALM, José Francisco (orgs.). **Políticas Públicas e Desenvolvimento: bases epistemológicas e modelos de análise**. Brasília: Editora da UnB, 2009.

IMPrensa CNBB. **Mensagem da CNBB pede observação irrestrita às orientações médico-sanitárias**. 15 de março 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-emite-mensagem-na-qual-pede-observacao-irrestrita-as-orientacoes-medico-sanitarias/> . Acesso em: 10 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 1980 a 2010**. 2010. Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas Regionais do Brasil**. 2012. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 25 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Natividade – Panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/natividade/panorama>. Acesso em: 25 out. 2019.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Iphan no Tocantins. **Portal do IPHAN**. Brasília, 2020. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/to/pagina/detalhes/1066>. Acesso em: 12 fev. 2021.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Jóias artesanais de Natividade**. Brasília: IPHAN/MONUMENTA, 2006.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Monumenta entrega obra em Natividade. **Portal do IPHAN**. Brasília, 29 de maio de 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2026/monumenta-entrega-obra-em-natividade>. Acesso em: 12 fev. 2021.

IPHAN/Ministério da Cultura. **Dossiê Festa do Bonfim: a maior manifestação religiosa popular da Bahia**, nº 1, 1ª ed. Brasília: IPHAN, 2010.

JALUSKA, Taciane; JUNQUEIRA, Sérgio. A utilização dos espaços sagrados pelo turismo religioso e suas possibilidades como ferramenta auxiliar para o estabelecimento do diálogo entre as nações. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, Vol. 14 - nº 3 - p. 337–348 / set-dez 2012. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/3142/2402>. Acesso: 15 de mai. 2018.

JESUS, Weverson Cardoso. Fé e devoção no culto à nossa Senhora do Rosário e ao Divino Espírito Santo na festa da Sucupira - TO. 2017. 167 f. **Dissertação** (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

JOUTARD, Philippe. Memória coletiva. In: BURGUIÈRE, Andre. (Org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.] – Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LEANDRO, Maria Engrácia, LEANDRO, Ana Sofia da Silva, NOGUEIRA, Fernanda. Peregrinações de ontem e de hoje. Entre crenças, turismo religioso e economia. **Misericórdia de Braga**, nº 15, Dezembro 2019, pp. 231-272.

LEITÃO, Claudia Sousa. Por um pensamento complexo acerca de Cultura e Desenvolvimento. **O Público e o Privado**, n. 9, jan/jul, 2007. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2357> Acesso em: 05 Dez. 2020.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Cidadania Patrimonial. **Revista Antropológicas**. Ano 19, Vol. 26 (2):134-155, 2015.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Da Matéria ao Sujeito: inquietação patrimonial brasileira. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52 Nº 2, p. 605-632, 2009.

LIMA, Samuel. Com foco no turismo, UFT Social é apresentado em Dianópolis. **Notícias – Universidade Federal do Tocantins**. Palmas, 18 jun 2019. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/25601-com-foco-no-turismo-uft-social-e-apresentado-em-dianopolis>. Acesso em: 28 out. 2019.

LOPES, Ana Paula. Biscoito regional atrai consumidores e ganha mercado. **ASN/TO**. Palmas 11 set 2009. Disponível em: <http://www.to.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/TO/biscoito-regional->

atrai-consumidores-e-ganha-mercado,5347b0f9d8a26410VgnVCM1000003b74010aRCRD
Acesso em: 28 out. 2020.

LOPES, Aurélio. **Devoção e poder nas Festas do Espírito Santo**. Lisboa: Edições Cosmos, 2004.

LOPES, José Rogério. A conveniência da Cultura: Usos da Cultura na Era Global. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n.31, p.331-335, Jan/Jun 2009.

LOPES, José Rogério. **Colecionismos, arquivos pessoais e memórias patrimoniais**. Porto Alegre: CirKula, 2017.

LOPES, José Rogério. Coleções de fé, fluxos materiais e hibridismos nas festas religiosas. **Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 16, n.20, p.134-153, jan-jun de 2014.

LOPES, José Rogério. Industrialização e Mudanças Culturais no Vale do Paraíba, SP. In: CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira, SOUSA, Cidival Morais de. **Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais**. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2005. p. 193-218.

LOPES, Jose Rogério. La concepción del desarrollo y las políticas culturales: del modelo de oferta a la elección de modelos. In: PIZZIO, Alex, ALMANZA, Adolfo Sánchez, RODRIGUES, Waldecy. **Desarrollo regional em perspectivas comparadas: los casos de Brasil y Mexico**. Brasília: Verbena Editora, 2020. p. 48-80.

LOPES, José Rogério. O divino retorno: uma abordagem fenomenológica de fluxos identitários entre a religião e a cultura. **Etnográfica** [Online], vol. 16 (2) | 2012, Online desde 26 Junho 2012, consultado em 01 Outubro 2016. URL: <http://etnografica.revues.org/1526>; DOI: 10.4000/etnografica.1526.

LOPES, José Rogério; PEREIRA, Ângelo Moreira. Patrimônio cultural, turismo e desenvolvimento local: Estudo de caso da Cidade Velha, ilha de Santiago, Cabo Verde. **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v.1, n.2, p. 45-60, julho de 2017.

MACCANNELL, Dean. Staged authenticity: Arrangements of social space in tourist settings. **American journal of Sociology**, v. 79, n. 3, p. 589-603, 1973.

MACEDO, Poliana. UFT colabora na criação de protocolos de segurança para retomada do turismo nas Serras Gerais. **Portal UFT**. Palmas, 06 de ago. 2020. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/27641-uft-colabora-na-criacao-de-protocolos-de-seguranca-para-retomada-do-turismo-nas-serras-gerais>. Acesso em: 11 ago. 2020.

MACHADO, Wladimir. Potencial turístico das Serras Gerais é tema de evento em Palmas. **Secretaria da Comunicação – Governo do Tocantins**. Palmas, 22 abr 2019. Disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/potencial-turistico-das-serras-gerais-e-tema-de-evento-em-palmas-437848/>. Acesso em: 28 out. 2019.

- MAIO, Carlos Alberto. TURISMO RELIGIOSO E DESENVOLVIMENTO LOCAL. **Publ. Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes**, 12 (1) 53-58, jun. 2004. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/503/505>. Acesso em: 15 mai 2018.
- MARQUES, João Francisco. Oração e devoções. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir). **História Religiosa de Portugal**. Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. p.650-658
- MARTINELLI, Dante Pinheiro, JOYAL, André. **Desenvolvimento local e o papel das pequenas e médias empresas**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- MATA, Luís Antonio Santos Nunes. **Ser, ter e poder: o hospital do Espírito Santo nos finais da Idade Média**. Coleção História e Arte. Número 5. Magno Edições & Câmara Municipal de Santarém: Leiria, 2000, p. 21- 33.
- MATOS, Juliana. De Natividade, dona Romana comenta inspiração para personagem televisiva. **Jornal do Tocantins**. Palmas, 25 out 2017. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/de-natividade-dona-romana-comenta-inspira%C3%A7%C3%A3o-para-personagem-televisiva-1.1378559>. Acesso em 28 out. 2019.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de, CASTRO, Paula Almeida de (orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MENESES, Verônica Dantas, TESKE, Wolfgang. **Comunicação, cultura e identidade: folkcomunicação no Tocantins**. Vol 1. – 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.
- MESSIAS, Noeci Carvalho. Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade – TO. 2010, 352 f. **Tese** (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: < http://portais.ufg.br/uploads/113/original_Tese_Noeci_Carvalho_Messias.pdf >. Acesso em 23 ago. 2011.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Os “Estudos Culturais” como perspectiva teórica segundo Raymond Williams: os alicerces de um movimento intelectual. **Anais do 40º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu – MG, Outubro 2016. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st33-3/10485-os-estudos-culturais-como-perspectiva-teorica-segundo-raymond-williams-os-alicerces-de-um-movimento-intelectual/file>. Acesso em 30 set. 2019.
- MILLÁN VÁZQUEZ DE LA TORRE, Genoveva; PÉREZ, Leonor M.; MARTÍNEZ CÁRDENAS, Rogelio. Factores que determinan el crecimiento del turismo en destinos religiosos. **Revista de Ciencias Sociales** (Ve), vol. XXII, núm. 1, enero-marzo, 2016, pp. 85-97
- MÓNICO, Lisete S. Mendes, MACHADO, José Barbosa, ALFERES, Valentim Rodrigues. Peregrinações ao Santuário de Fátima: considerações em torno da dimensão ritualística da religiosidade. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 194-222, jan./abr. 2018 – ISSN 2175-5841. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n49p194-222/13172> . Acesso em 25 jun 2020. DOI – 10.5752/P.2175-5841.2018v16n49p194-222

MOREIRA, Adriana. Conheça Natividade, cidade-cenário da série 'O Escolhido' da Netflix. **O Estado de São Paulo (Estadão)**. São Paulo, 29 jun 2019. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,conheca-natividade-cidade-cenario-para-a-nova-serie-da-netflix,70002894630>. Acesso em: 28 out. 2019.

MOREIRA, Ailton de Paiva. **Entrevista XIV**. 2020. 1 arquivo .mp3 (30 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 25 jun. 2020.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil, PORTA, Paula. Economia da Cultura. **Ministério da Cultura**, Brasília, 03 fev. 2008. Disponível em http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/economia-da-cultura-138635/10883. Acesso em: 15 ago. 2018.

MOREIRA, Lidiane. Obras de saneamento melhoram infraestrutura do Bonfim. **Agência Tocantinense de Abastecimento**. Disponível em: <https://www.to.gov.br/ats/noticias/obras-de-saneamento-melhoram-infraestrutura-do-bonfim/4lt4h1o5b2rz>. Acesso em: 06 jul 2019.

MOURA, Antonio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo, PINSKY, Jaime. **Turismo e patrimônio cultural**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MOURA, Manoel Salvador. **Entrevista VIII**. 2020. 1 arquivo .mp3 (32 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 16 set. 2020.

MUNIZ, Cejane Pacini Leal. **Entrevista XXIII**. 2021. 1 mensagem. Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Palmas, 12 abr. 2021.

MUSEU da Festa do Divino Espírito Santo. **Associação Pró-Divino**, 2021. Disponível em: <http://www.festadodivino.org.br/page8.html>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MUSEU DO DIVINO. **Pirenopolis.com**, 2021. Disponível em: <https://www.pirenopolis.com/lcl/museu-do-divino-em-pirenopolis-goias>. Acesso em: 19 jun. 2021.

NAKASHIMA, Sérgio Kaoru, CALVENTE, Maria del Carmen Matilde Huertas. A História do Turismo: epítome das mudanças. **Turismo & Sociedade** (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 9, n. 2, p. 1-20, maio-agosto de 2016. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/43151/30025> Acesso em: 20 mar 2021.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v9i2.43151>

NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. Natividade e Porto Nacional: cidades patrimonializadas no Tocantins. In: BALSAN, Rosane, NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. **Patrimônio cultural no Estado do Tocantins: materialidade e imaterialidade**. Palmas, TO: EDUFT, 2020.

NATIVIDADE. **Decreto-Lei nº 064** de 21 de dezembro de 2016. Dispõe sobre a regulamentação da atividade turística de Natividade/TO, cria a Lei do Voucher Único e dá outras providências. Diário Municipal de Natividade. Natividade, TO, 21 dez.2016. Disponível em: <https://www.natividade.to.gov.br/storage/Documentos/Decreto/2016/Decreto-64-2016.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2018

NEGREIROS NETO, João Vidal de. Caracterização para aproveitamento agrícola de resíduo de calcário. 67f. **Tese** (Doutorado em Produção Vegetal) - Universidade Federal do Tocantins, Gurupi, 2015.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. **Pesquisa de opinião**. In: DUARTE; BARROS. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NUNES CASTRO, Maria do Bonfim P. **Entrevista XIX**. 2020. 1 arquivo .mp3 (25 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 04 out. 2020.

NUNES, Osmar Manoel, KARNOPP, Erika. As potencialidades endógenas do desenvolvimento regional: estudo de caso do Município de Júlio de Castilhos/RS. **Desenvolvimento em Questão**, v. 13, n. 30, p. 203-229, 29 jan. 2015.

OLIVEIRA, Daniela. Plano de desenvolvimento de turismo sustentável de quatro regiões do Tocantins começa a ser elaborado. **Secretaria da Comunicação – Governo do Tocantins**. Palmas, 06 Out. 2017. Disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/plano-de-desenvolvimento-de-turismo-sustentavel-de-quatro-regioes-do-tocantins-comeca-a-ser-elaborado-372274/>. Acesso em: 18 Set 2020.

OLIVEIRA, Frederico Salomé de. O catolicismo rústico ganha uma cidade nova: a Festa do Divino da Comunidade Canela, Antes e Depois de Palmas/TO. **ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. 6, 2010, Salvador. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24418.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2011.

OLIVEIRA, Helder Canal de. Autenticidade e Modernidade: entre o individual e o coletivo. **Arquivos do CMD**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 138–165, 2017. DOI: 10.26512/cmd.v4i2.9067. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/9067>. Acesso em: 5 set. 2021.

OLIVEIRA, Marcio Divino de. Cuidado pastoral da Igreja em tempos de pandemia: Covid-19. **Revista Caminhando** v. 25, n. 1, p. 257-276, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/10336> Acesso em: 23 set 2020

OLIVEIRA, Marines Rute de. **Desenvolvimento econômico: análise espacial da Região Oeste de Paraná**. Curitiba: Appris, 2016.

OLIVEIRA, Nilton Marques de. **Desenvolvimento regional e territorial do Tocantins**. – Palmas/TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2019.

OLIVEIRA, Nilton Marques de; PIFFER, Moacir. Conjuntura do Desenvolvimento Regional dos Municípios do Estado do Tocantins. **DRd – Desenvolvimento Regional em debate**. v. 6, n. 3, p. 32-61, nov. 2016.

OLIVEIRA, Nilton Marques; PIFFER, Moacir; STRASSBURG, Udo. O Indicador de Desenvolvimento Regional no Território do Tocantins. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 20, n. 1, p. 3-20, Jan. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122019000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 Out. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT). **Introdução ao Turismo**. Trad. Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PAIVA, Carlos Águedo Nagel. **Como identificar e mobilizar o potencial de desenvolvimento endógeno de uma região?** Porto Alegre: FEE, 2004. 140p. (Documentos FEE; n. 59).

PARENTE, Temis Gomes. **Fundamentos históricos do estado do Tocantins colonial**. Goiânia: ed. UFG, 2003.

PARENTE, Temis Gomes. O papel da igreja nas formações das cidades. **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**. v. 17, n. 1 (1998). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24802>. Acesso em: 05 Maio 2020.

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. Retalhos de Sabença: ofícios, saberes e modos de fazer dos Mestres e Artífices da Construção Tradicional em Natividade. Tocantins. 2013. 196 f. **Dissertação** (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Iphan, Rio de Janeiro, 2013.

PEDREIRA, Pe. Jones Ronaldo. **Romaria do Senhor do Bonfim/Natividade – TO**. Porto Nacional: R&M Gráfica e Editora, 2016.

PERROUX, François. O Desenvolvimento. In: DURAND, José Carlos Garcia. **Sociologia do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; MELLO, Adilson da Silva. Entre doces, palhas e fibras: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais. **Estudos de Sociologia**, [S.l.], v. 1, n. 20, maio 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235507/284.94>. Acesso em: 19 set. 2020.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; PEREIRA, Samanta Borges (orgs). **Turismo e Desenvolvimento: outros caminhos**. Porto Alegre, RS: CirKula, 2017.

POHL, Joann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1976.

PR NEWSWIRE. Ministério da Cultura, Arábia Saudita: Líderes culturais mundiais prometem apoio de US\$ 2,3 trilhões para o avanço da economia cultural. **A Tarde**. Salvador, 05 nov 2020. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/economia/pr-newswire/noticias/2145049-ministerio-da-cultura-arabia-saudita-lideres-culturais-mundiais-prometem-apoio-de-us-23-trilhoes-para-o-avanco-da-economia-cultural> . Acesso em: 06 mar 2021.

PRAZERES, Joana; CARVALHO, Adão. Turismo Religioso: Fátima no Contexto dos Santuários Marianos Europeus. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Vol. 13 N.o 5, págs. 1145-1170, 2015.

PREFEITURA DE NATIVIDADE. **Decreto Lei 064** de 21 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.natividade.to.gov.br/storage/Documentos/Decreto/2016/Decreto-64-2016.pdf> Acesso em: 10 abr 2018.

PRIMEIRA PÁGINA. Justiça determina que Estado estructure delegacia de Natividade. **Primeira Página**, 2021. Disponível em: <https://www.primeirapagina.to/noticias/justica-determina-que-estado-estruure-delegacia-de-natividade/>. Acesso em: 25 jun 2021.

REDAÇÃO. Carlos Gaguim participa do encerramento da Folia do Divino em Natividade. **Conexão Tocantins**, 2010. Disponível em: <https://conexaotocantins.com.br/2010/05/24/carlos-gaguim-participa-do-encerramento-da-fofia-do-divino-em-natividade>. Acesso em: 15 set 2020.

REDAÇÃO. Governador recebe Folia do Divino Espírito Santo de Natividade. **Conexão Tocantins**, 2013. Disponível em: <https://conexaotocantins.com.br/2013/04/23/governador-recebe-fofia-do-divino-espírito-santo-de-natividade>. Acesso em: 15 set 2020.

REESINK, Mísia Lins, REESINK, Edwin. Entre Romeiros e Turistas: a busca do turismo religioso como alternativa econômica em um município do sertão baiano. **Estudos de Sociologia**, [S.l.], v. 1, n. 13, p. 195-217, abr. 2014. ISSN 2317-5427. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235386>. Acesso em: 19 set. 2020.

RINSCHÉDE, Gisbert. Forms of Religious Tourism. **Annals of Tourism Research**, Vol. 19, pp. 51-67, 1992.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo, PINSKY, Jaime. **Turismo e patrimônio cultural**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RODRIGUES, Sandra Regina. Políticas de Cultura no Tocantins: uma análise dos editais de premiação de 2011 e 2013. 2016. 113f. **Dissertação** (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2016.

ROSA, Eloisa Marques. A suça em Natividade: Festa, batuque e ancestralidade. **Dissertação**. 122f. (Mestrado em Performances Culturais). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SAARINEN, Jarkko. Editorial: Tourism and development. **Fennia: International Journal of Geography**, Volume 194, Number 1, 2016, pp. 1-2(2). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/293646278_Tourism_and_development. Acesso em: 14 out 2019. DOI: <https://doi.org/10.11143/50999>

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SACHS, Ignacy. Desenvolvimento e Cultura. Desenvolvimento da Cultura. Cultura do Desenvolvimento. **O&S - Organizações & Sociedade** - v.12 - n.33 - Abril/Junho – 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10782> Acesso em: 05 mar 2021.

SALES, Heryka Simone Lopes. **Entrevista IV**. Destinatário: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 12 jun. 2020. 1 mensagem eletrônica.

SANAR SAÚDE. Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. **SanarMed**, 19 mar 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil> Acesso em: 21 mar 2021.

SANCHES, João Marcelo. **Entrevista XVI**. 2020. 1 arquivo .mp3 (27 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Palmas, 28 ago. 2020.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Campinas, SP, v. 8, n. 8, p. 85–97, 2006. Disponível

em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/13240>. Acesso em: 15 set. 2020.

SANTANA JR, Jesuíno. Joias de Natividade são destaques nos acessórios de personagens da novela O Outro Lado do Paraíso. **Portal Tocantins**. Palmas 01 nov 2017. Disponível em: <https://portal.to.gov.br/noticia/2017/11/1/joias-de-natividade-sao-destaques-nos-acessorios-de-personagens-da-novela-o-outro-lado-do-paraiso/>. Acesso em: 28 out. 2019.

SANTOS, Antonio Miranda dos. Percursos da patrimonialização no Tocantins. In: BALSAN, Rosane, NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. **Patrimônio cultural no Estado do Tocantins: materialidade e imaterialidade**. Palmas, TO: EDUFT, 2020.

SANTOS, Marivan Tavares. **Fundamentos de Turismo e Hospitalidade**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010.

SANTOS, Romeu Belém dos. **Entrevista III**. Destinatário: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 16 jun. 2020. 1 mensagem eletrônica.

SEBRAE TOCANTINS – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Brasil). **Diagnóstico do segmento de Turismo Religioso na Romaria do Senhor do Bonfim – Natividade (TO)**. Palmas, 2013, 44 p.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 296-307, Aug. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 Fev. 2021.

SILVA, Carmenizia Cardoso da. **Entrevista XIII**. 2021. 1 arquivo .mp3 (6 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Dianópolis, 17 abr. 2021.

SILVA, Elias Manoel da, VIEIRA JÚNIOR, Wilson (orgs.). **GOYAZ - Guia de Cartografia Histórica**. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2018. 271p.

SILVA, Kaíse Canuto da, CAMPOS, Josilene Bárbara Ribeiro. TURISMO RELIGIOSO: FESTIVIDADES EM SANTA CRUZ DOS MILAGRES (PI). In: **Anais Seminário Nacional de Turismo e Cultura** – Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.

SILVA, Leomar Sousa da. **Entrevista XX**. 2020. 1 arquivo .mp3 (57 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 04 out. 2020.

SILVA, Marinalva do Rêgo Barros. Festas e sociabilidades nos sertões: a rainha Nossa Senhora do Rosário. 259 f. **Tese** (Doutorado Dinter em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes e Universidade Federal do Tocantins, São Paulo, 2019.

SILVA, Marquínlio Rodrigues. **Entrevista V**. Destinatário: Poliana Macedo de Sousa. Natividade, 15 jun. 2020. 1 mensagem eletrônica.

SOARES, Marcelle. Cultura e patrimônio. **Jornal do Tocantins**. Palmas, 9 dez 2017. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/magazine/cultura-e-patrim%C3%B4nio-1.1413357>

SOUSA COLANTUONO, Aline Correia de. O processo histórico da atividade turística mundial e nacional. **Cadernos da Fucamp**, v.14, n.21, p.30-41/2015. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/532/406>. Acesso em: 26 Mar 2021

SOUSA, Flávio Pereira de. **Entrevista IX**. 2021. 1 arquivo .mp3 (18 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Natividade, 15 abr. 2021.

SOUSA, Poliana Macedo de, LOPES, José Rogério. Políticas públicas de cultura: análise do Plano Estadual de Cultura do Tocantins à luz do modelo neoinstitucionalista. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. Especial-4, p. 16-28, 30 dez. 2020.

SOUSA, Poliana Macedo de. **A festa do Divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade (TO)**. Editora Fi: Porto Alegre, 2017.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a Romaria do Senhor do Bonfim em Natividade (TO). **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 219-238, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337127362013>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SOUZA, Maria Antônia de Valadares. **Entrevista I**. Destinatário: Poliana Macedo de Sousa. Palmas, 29 ago. 2020. 1 mensagem eletrônica.

SOUZA, Nali de Jesus de, STÜLP, Valter José. Valores religiosos e desenvolvimento econômico. *In: Teoria e Evidência Econômica - Brazilian Journal of Theoretic and Applied Economics* - Ano 14, n. 31, p. 86-100, jul./dez. 2008.

SOUZA, Régis de Toledo. O Catolicismo e suas faces: Apontamentos da questão no Brasil. *In: SILVA, André Luiz da (org.). Religião & Imagética: Caminhos da Devoção Popular no Brasil e no México*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SOUZA, Tatiana Roberta de. Lazer e Turismo: reflexões sobre suas interfaces. **SEMITUR**, 6. Universidade de Caxias do Sul. 2010. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplVSemintur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt11/arquivos/11/Lazer%20e%20Turismo%20Reflexoes%20Sobre%20Suas%20Interfaces.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 249-261, outubro de 2003.

TALAVERA, Agustín Santana. Turismo Cultural, Culturas Turísticas. **Horizontes Antropológicos**: Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 31-57, outubro de 2003.

TERZIDOUA, Martina, SCARLES, Caroline, SAUNDERS, Mark NK. The complexities of religious tourism motivations: Sacred places, vows and visions. **Annals of Tourism Research**. Volume 70, May 2018, Pages 54-65.

TOCANTINS. **Instrução Normativa** nº 001/2012. Palmas: Governo do Estado do Tocantins, 2011. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/276365/>. Acesso em: 06 jun. 2018.

TOCANTINS. **Lei 3252** de 31 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=347025> . Acesso em: 15 mai. 2020.

TOCANTINS. **Lei Decreto** nº 4.357, de 25 de julho de 2011. Palmas: Governo do Estado do Tocantins, 2011. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/276364/>. Acesso em: 06 jun. 2018.

TOCANTINS. **Lei Estadual** nº 1.525, de 17 de dezembro de 2004. Palmas: Governo do Estado do Tocantins, 2011. Disponível em: <http://www.al.to.leg.br/legislacaoEstadual?pagPaginaAtual=81>. Acesso em: 06 jun. 2018.

TOCANTINS. **Lei Estadual** nº 2.185, de 10 de novembro de 2009. Palmas: Governo do Estado do Tocantins, 2009. Disponível em: <https://www.al.to.leg.br/arquivos/23327.pdf> . Acesso em: 23fev. 2021.

TOCANTINS. **Lei n. 431, de 28 de julho de 1992**. Disponível em: <https://www.al.to.leg.br/arquivo/6689>. Acesso em: 18 de mar. 2020.

TOCANTINS. **Lei n. 577, de 24 de agosto de 1993**. Disponível em: <https://www.al.to.leg.br/arquivos/6834.pdf>. Acesso em: 18 de mar. 2020.

TOCANTINS. **Lei nº 3.780**, de 15 de fevereiro de 2021. Dispõe sobre o Plano Plurianual para o período 2020/2023. Suplemento I - Diário Oficial do Estado do Tocantins. Palmas, TO, 16 fev. 2021.

TOCANTINS. **Natividade - Perfil socioeconômico dos Municípios**. Secretaria do Planejamento e Orçamento (SEPLAN-TO): Palmas – TO, 2017.

TOCANTINS. **Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável (PDITS) – Serras Gerais**. Palmas: Consórcio SPI/THR/OIKOS/T4, 2019. 385 f.

TORRES, Fernando. **Entrevista XXI**. 2020. 1 arquivo .mp3 (3 min). Entrevista concedida a Poliana Macedo de Sousa, Palmas, 3 set. 2020.

TURISMO TOCANTINS. **Serras Gerais**. Palmas: 2019. Disponível em: <https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/serras-gerais/>. Acesso em: 19 out. 2019.

UN. **Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development**. Resolution adopted by the General Assembly. 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 7 nov. 2019.

UNESCO Office in Brasília. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais**: texto oficial ratificado pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006. Brasília : UNESCO, 2007

VÁZQUEZ BARQUERO, Antonio. Desarrollo endógeno. Teorías y políticas de desarrollo territorial. **Investigaciones Regionales – Journal of Regional Reseach [en linea]**, núm. 11,

2007, pp. 183-210 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28901109>. Acesso em: 16 Out. 2019.

VIEIRA, João Francisco Leite. Voucher único um modelo de gestão da atividade turística em Bonito – MS. 2013. 138f. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, 2013.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida - Revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2007.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, n. 66, p. 209-224, 1 ago. 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 7-72.

YAZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

YUDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ZANELA SACCOL, Amarolinda. Um retorno ao básico: Compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, vol. 2, núm. 2, maio-agosto, 2009, pp. 250-269.

APÊNDICES

Apêndice A - Entrevista I

Nome completo: Maria Antônia Valadares de Souza

Local de nascimento: Araguacema - TO

Data de nascimento: 20.02.1972

Formação: Geógrafa, Mestre e Doutoranda em Ciências do Ambiente

Trabalho atual: Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa

Cargo atual: Superintendente de Operações Turísticas e Projetos Estratégicos Perguntas

Data da entrevista: 29 de agosto de 2020

- 1. Neste ano foi finalizado o PDITS das Serras Gerais? Foi publicado? Qual o seu principal papel?** Sim. Não necessita de publicação. Oferecer subsídios sobre o potencial e as estratégias para o desenvolvimento do turismo da região.
- 2. Pelo que se tem observado, o foco das políticas públicas do governo do Tocantins (e isso se confirma se analisarmos gestões anteriores) é investir em turismo de aventura e ecoturismo?** Sim. O turismo de aventura e o ecoturismo são os dois segmentos de maior procura/demanda pelos turistas.
- 3. Enquanto uma das responsáveis do governo do Tocantins na área do turismo, você acredita que a partir do PDITS, podem-se programar políticas públicas para o turismo (de uma forma geral) na região das Serras Gerais?** Sim. O PDITS é um documento norteador para a partir dele tanto os municípios quanto o estado investirem na política pública da região serras gerais. É um documento que dá uma linha orientativa e por isso não é uma lei.
- 4. Como foi elaborado o PDITS?** A metodologia em si. Foi contratada uma empresa especializada através de recursos do Banco Mundial que financia alguns projetos do governo do Estado. A metodologia foi participativa com várias oficinas e reuniões tanto com os municípios da região com também com os conselhos de turismo e as empresas do setor.
- 5. Você acredita que o turismo em Natividade tem aumentado? O que tem contribuído para isso?** Sim. O governo do estado tem investido em divulgação em eventos nacionais e internacionais.
- 6. Conhece as festas religiosas de Natividade, neste caso, a Festa do Divino e a Romaria do Bonfim? Já esteve presente em alguma delas?** Nunca estive presente.
- 7. Pelo PDITS das Serras Gerais, o turismo religioso não se mostrou atrativo. Você acredita que seja pela metodologia utilizada, principalmente pelos locais em que foram coletados os dados?** Não. O segmento turístico ele é mais identificado pelas pesquisas de demanda turística, ou seja, quanto se pergunta para alguém que mora em São Paulo, por exemplo, porque ela viria para Tocantins? As respostas teria que aparecer de forma significativa que seria o turismo religioso.
- 8. Você acredita que Natividade possa ser destino de turismo religioso?** Sim. Tem potencial para isso.
- 9. O que falta em Natividade para que seja um destino de turismo religioso?** Maior divulgação focada no evento.
- 10. Você acredita que o ecoturismo possa incentivar o turismo religioso ou vice-versa? Ou são ramos muito diferentes?** São bem diferentes. Os públicos não buscam os mesmos objetivos, portanto não tem influência um no outro.
- 11. O que o governo do Tocantins tem investido para promoção do turismo em Natividade?** De uma forma geral e também em atividades específicas para o turismo

religioso. Sim. O governo faria isso esse ano se não fosse a Pandemia do Novo Coronavírus.

- 12. Maria Antônia, você respondeu que o Governo ia incentivar o turismo religioso nesse ano, mas por causa da Pandemia, não aconteceu. Que tipo de incentivo seria?** Seria a gente fazer material promocional, divulgação do evento, ajudar o povo lá a organizar o evento de forma melhor, esse tipo de coisa.

Apêndice B - Entrevista II

Nome: Mônica Rodrigues Lima Malakowsky Bianchi

Idade: 25 anos

Naturalidade: Macapá/AP

Profissão: Empresária e Diretora de Cultura e Turismo do Município de Natividade/TO

Data da Entrevista: 29 de março de 2021

- 13. Conhece as festas religiosas de Natividade, neste caso, a Festa do Divino e a Romaria do Bonfim? Já esteve presente em alguma delas?** Sim, conheço e já presenciei.
- 14. Como a gestão encontrou a pasta da cultura na cidade?** No momento em que assumi a Secretaria de Cultura e Turismo, não encontrei nada em relação a pasta, nada foi entregue. Não obtive quaisquer informações sobre tal pasta, não obtive informações necessárias para dar continuidade aos trabalhos, tampouco existia um computador com informações.
- 15. Como a gestão avalia o turismo em Natividade?** O turismo em Natividade estava totalmente parado, sem ações para a população local e turística.
- 16. Quais as principais dificuldades da área do turismo na cidade?** Nossa principal dificuldade é em relação ao cumprimento da Lei do Voucher. Tendo em vista a não aceitação por alguns empresários e guias/condutores.
- 17. Quais programas e projetos a Prefeitura tem pensado para essa área do turismo?**
- Enfatizar a Lei do Voucher, para que todos os empresários do ramo turístico cumpram com seu dever, para que o Município consiga angariar mais recursos e reinvestir no crescimento contínuo do Turismo;
 - Criar um site próprio para o Turismo, onde o turista encontrará todas as informações necessárias sobre os meios de hospedagens, restaurantes, bares, atrativos, entretenimento, meio de locomoção, entre outros;
 - Criar a Casa do Artesão, será uma loja onde o turista poderá comprar lembranças e artesanatos locais;
 - Incentivar os proprietários de atrativos que ainda não são utilizados para o Turismo, para que eles iniciem no ramo e ajudem a desenvolver o Município;
 - E, futuramente, buscar sempre a participação do SEBRAE, um importante aliado para o crescimento Turístico Nativitano.
- 18. Você acredita que Natividade possa ser destino de turismo religioso?** Não só acho, afirmo que Natividade já é um dos maiores Municípios do Tocantins com o turismo religioso. E acredito também, que após pandemia, Natividade tende a receber mais turistas para a Romaria do Senhor do Bonfim.

Apêndice C – Entrevista III

Nome: Romeu Belém dos Santos

Idade: Não informada

Naturalidade: Natividade/TO

Data da entrevista: 16 de junho de 2020

1 - Nome completo, idade, cidade de origem, cidade em que mora, vínculo com a festa do Divino em 2020 e quais vínculos já teve em outras edições da festa. Romeu Belém dos Santos, Natividade-TO, Natividade-TO, nos últimos anos: despachante de folias, em 2019 imperador e em 2020 eu seria Alfere.

2 - Como você define o sentimento que teve pela transferência da Festa do Divino para 2021? Um sentimento de tristeza e angústia, pois isso nunca tinha ocorrido!

3 - O que faltou? Foi por causa da pandemia e não poderia realizar o festejo do Divino!

4 - Considera que a realização de alguns ritos sagrados foram importantes para o fortalecimento da sua fé? Sim!

4 - Você considera que mesmo que apesar do distanciamento social, as pessoas/devotos queriam estar presentes no momento de celebração? Sim, porque 90% dos habitantes de nossa cidade, são muito devotos ao Divino Espírito Santo!

5 - Você sentiu falta da parte profana (festas e demais manifestações culturais) na festa? Sim!

6 - Qual a sua expectativa para as próximas festas? Que essa pandemia passa o mais rápido possível, e que ano que vem possamos realizar todos os eventos religiosos da nossa região, com muita fé!

Apêndice D – Entrevista IV

Entrevista IV

Nome: Heryka Simone Lopes Sales

Idade: não informada

Naturalidade: Dianópolis - TO

Data da entrevista: 12 de junho de 2020

1 - Nome completo, idade, cidade de origem, cidade em que mora, vínculo com a festa do Divino em 2020 e quais vínculos já teve em outras edições da festa. Heryka Simone Lopes Sales, natural de Dianópolis/TO, resido e fui criada em Natividade/TO. Meu vínculo com a festa do Divino Espírito Santo de 2020, sou a Imperatriz do ano de 2020, agora Imperatriz 2020/2021 devido a pandemia, não tivemos as comemorações esse ano e em reunião com todos envolvidos foi decidido passar para o próximo ano. Meu vínculo com outras edições: sou filha do Imperador do ano de 1995, Valcy de Sales Dias, na época tinha 15 anos de idade, foi minha primeira experiência com o festejo do Divino Espírito Santo de perto, desde então sempre estive envolvida indiretamente através do meu mais que é um grande devoto, e despachante de folias todos os anos. Fui duas vezes despachante de folias, no ano de 2012 e 2019, além de ter girado 15 dias junto com a Bandeira do Divino na folia dos Gerais como promessante.

2 - Como você define o sentimento que teve pela transferência da Festa do Divino para 2021? No primeiro momento o sentimento que tive devido a não realização da festa esse ano foi de tristeza, pois como imperatriz, já estava com muitas coisas já preparadas e a sensação de um sonho não se realizar, mas com o passar do tempo, percebi que fui agraciada pelo Espírito Santo, por me tornar imperatriz por dois anos, por está com o Divino Espírito Santo em minha casa e família por dois anos, isso é uma graça imensa.

3 - O que faltou? Por não ter tido condições da realização da festa esse ano, devido a pandemia, acredito que fizemos de tudo para levar as bênçãos do Divino a todos devotos de Natividade-TO, por esse motivo tenho a certeza de que faltou mesmo só a realização da festa e o giro das folias pelo sertão.

4 - Considera que a realização de alguns ritos sagrados em 2020 foi importante para o fortalecimento da sua fé? Com certeza os tiros sagrados realizados, na cidade desde a data da saída das folias, chegada das folias e dia da missa de pentecostes, me deram força para seguir e só aumentou minha fé.

5 - Você considera que mesmo que apesar do distanciamento social, as pessoas/devotos queriam estar presentes no momento de celebração? Sim, moramos em uma cidade movida pela cultura e religiosidade e a festa do Divino Espírito Santo e bastante esperada pelos devotos da cidade e região.

6 - Você sentiu falta da parte profana (festas e demais manifestações culturais) na festa? Sim, a Festa do Divino Espírito é uma festa religiosa, mas também cultural e todas essas manifestações faz parte de nossa cultura.

7 - Qual a sua expectativa para a festa de 2021? - Minha expectativa é das melhores, iremos ter uma festa linda em 2021, e com fé no Divino Espírito Santo, estaremos juntos comemorando a chegada da vacina para o Covid 19 e daremos graças a Deus.

Apêndice E – Entrevista V

Entrevista V

Nome: Padre Marquinélio Rodrigues Silva

Idade: 35 anos

Natural: Aurora/CE

Data da entrevista: 15 de junho de 2020

1 - Nome completo, idade, cidade de origem e desde quando está pároco em Natividade?

Padre Marquinélio Rodrigues Silva, 35 anos, natural de Aurora-CE. Há 9 anos no Estado do Tocantins e 1 ano e 5 meses como Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Natividade

2 - Como o senhor define o sentimento que teve pela transferência da Festa do Divino para 2021? Tudo já estava organizado para a tradicional festa do Divino Espírito Santo aqui em Natividade. De repente surge essa pandemia causada pelo novo coronavírus. Eu convoquei o concelho da festa do Divino juntamente com os festeiros de 2020 no dia 29 de fevereiro as 15:00 hs e decidimos de comum acordo cancelar a festa. Claro com o sentimento de tristeza para todos nós. Pois a gerações, nunca aconteceu de cancelar a festa do Divino. Mas foi cancelado pelo bem do nosso povo.

A Igreja Católica defende a vida. Nós não poderíamos ser contra as medidas de saúde do Estado e do Município. Como você sabe essa festa atrai muitas pessoas para a nossa cidade. Pela cultura forte que se tem pela festa do Divino.

Outro ponto muito importante que é o giro das folias. As três folias que saem de Natividade no Domingo de pascoa e fazem o giro conduzindo a Bandeira do Divino Espírito Santo levando a muitos lares e cidades vizinhas de Natividade.

Como as pessoas iriam se aproximar e fazer reverencia e beijar este símbolo que para nós é sagrado? Não poderíamos levar esse risco para as pessoas.

O sentimento foi de tristeza. Mas nem tudo na nossa vida é como nós pesamos e organizamos. Aceitamos a realidade e enfrentamos com coragem e sem perder a fé e a esperança.

3 - Houveram celebrações pontuais. Como o senhor avalia e o que faltou? A Nossa Paróquia esta realizando as celebrações litúrgicas de forma restrita. A festa do Divino Espírito Santo tem seu inicio no Sábado Santo (sábado de aleluia). Com a pretensa numerosas de fieis que participam da vigília Pascal. Mas esse ano apenas o sacerdote e alguns auxiliares. No dia seguinte que é o Domingo de Pascoa sairia as folias. Nós fizemos algo para registrar e recordar essa saída. Cantou-se um cântico do altar na Igreja Matriz Nossa Senhora da Natividade e logo em seguida saíram em carreta por algumas ruas da cidade as três Bandeiras do Divino. Recordamos também a chegada das folias no dia 21 de maio. Mais uma vez foi realizado um cântico na Igreja matriz cantado pelos foliões e junto as três bandeiras e os festeiros juntos. Tudo de forma reduzida. No dia do Divino que esse ano caiu no dia 31 de maio nós rezamos a missa na Igreja Espírito Santo as 9:00 da manha e logo em seguida saímos pelas ruas de Natividade com as três Bandeiras do Divino rezando e cantando pedindo as bênçãos para nossa vida e nosso município. Foi uma manifestação de fé.

4 - Considera que a realização de alguns ritos sagrados foram importantes para o fortalecimento da fé na comunidade? Como falei a cima, foi realizado esses momentos para nossa comunidade que é muito devota do Divino. Tenho certeza que esses devotos ficaram agradecidos por que nós levamos até eles a imagem do Divino Espírito Santo. Eles não puderam ir a Igreja mas nós formos até eles... Foi um momento muito emocionante para a comunidade em geral porque renovou a fé deles...

5 - Você considera que, mesmo que apesar do distanciamento social, imposto pela pandemia, as pessoas/devotos queriam estar presentes no momento de celebração? Como aproximou a comunidade dos ritos sagrados? A vontade da população local e aqueles que vem de fora era de esta rezando juntos na festa do Divino Espírito Santo.

Os meios de comunicação nos ajuda muito na evangelização. Então pela internet as pessoas de suas casas puderam acompanhar a missa transmitida direto da Igreja do Espírito Santo.

6 - Qual a sua expectativa para a festa em 2021? Nós estamos confiantes e cheios de esperança para que a belíssima Festa do Divino Espírito Santo de 2021. Será um momento renovador para todas as pessoas que vivem aqui em nossa cidade e para aqueles que vão passar por aqui naquele período. Estamos com uma ansiedade boa, saudável para a chegada desse momento.

Apêndice F – Entrevista VI

Entrevista VI

Nome: Ademilson Ferreira Costa

Idade: 46 anos

Natural: Natividade/TO

Data da entrevista: 15 de junho de 2020

1 - Nome completo, idade, cidade de origem, cidade em que mora, vínculo com a festa do divino em 2020 e quais vínculos já teve em outras edições da festa? Ademilson Ferreira Costa – Imperador 2020, 46 anos, de Natividade-Tocantins. Atualmente em natividade, em decorrência da festa que seria agora em abril 2020. Meu vínculo: sou o imperador do divino espírito santo, peça principal da festa. Aquele que responsável pela realização da festa, e ao mesmo tempo aquele por meio de quem a cidade presta as sua homenagens ao divino (doações recebidas às vezes em dinheiro, arroz, óleo, açúcar, polvilho, gado), ou seja, de um tudo a um pouco, e o imperador e o gestor desse entusiasmo e fé desse povo. Meu vinculo em outras edições: bem, sou devoto do divino desde que entendo por gente, nasci e cresci dentro da tradição, o meu maior exemplo a seguir foi o meus avós maternos (Mauricio Ferreria dos Santos in memoria - morreu ano passado, novembro - dizia que o sonho dele quando novo era ser imperador e não conseguiu, mas que tava realizado pelo fato de seu neto ser, morreu antes), meus pais que já foram festeiros (capitão do mastro), mas nenhum até então da família de primeiro grau tinha sido imperador, onde tive essa honra. Mas falando individualmente, passei a seguir mais de perto a tradição desde de 2007, quando pela primeira vez fui despachante de uma folia (o que na pratica significa você ser responsável por soltar uma das três folias onde a mesma percorrerá o sertão durante 40 dias), um sentimento que tomou meu coração e de lá pra cá nunca deixei de ajudar a nossa tradição.

2 - Como você define o sentimento que teve pela transferência da festa do divino para 2021? Recebi a noticia com muita tristeza, uma dor gigante um sentimento inexplicável, haja vista estarmos preparado pra realização da festa. Domingo de Páscoa, Saída das folias, já sabia que não iria ter o Giro das folia, mas na segunda caiu a ficha. Não conseguir sair nem de casa. Mas o divino sabe acalmar o coração da gente, depois fui percebendo que a gente deve respeitar a vontade de Deus, e em meio a tudo isso vi que o divino ia permanecer na minha casa, sendo imperador por mais um ano, sem ter aquele sentimento de culpa, isso é graça e benção, mas também histórico.

3 - O que faltou? Olha, entendo eu que o giro das folias e a festa, porque não tinha jeito mesmo devido essa pandemia, mas dentro do possível levamos o divino a toda a comunidade, via carreatas respeitando o momento que passamos e abençoado a cidade, momento único de testemunho de fé e devoção pelas ruas, em ver seu povo chorando e se benzendo com o tocar das caixas bem como, as benças dada pelo nosso pároco em cima de um trio elétrico. Ou seja, fizemos de tudo, pelo menos para amenizar o sentimento de tristeza que pairava sobre os devotos em saber que nesse ano as folias não iria pro giro e nem tão pouco iria acontecer as festividades.

4 - Considera que a realização de alguns ritos sagrados foi importante para o fortalecimento da sua fé? Nossa senhora, com os movimentos que fizemos, volto a dizer respeitando o momento que passamos, foi crucial para a renovação de nossa fé, tanto no dia da saída, dia da chegada e principalmente no dia da missa de pentecoste. Só tenho a agradecer a todas as pessoa que com gestos e palavras nos davam força. Quero aqui agradecer uma pessoa especial que é nossa amiga Simone que sabe a dimensão da nossa cultura e nos orienta sempre, ao grupo de despachante que permaneceram firme para 2021.

5 - Você considera que mesmo que apesar do distanciamento social, as pessoas/devotos queriam estar presentes no momento de celebração? Com certeza! Pra mim foi um dos

maiores testemunhos que já vivenciei em minha vida (por onde passávamos em carreatas, pessoas com as bandeiras estendidas em suas casas, outras querendo beijar a bandeira e às vezes querendo dar suas esmolas em dinheiro, mas essa última não era a nossa finalidade. Tínhamos o intuito de acender o fogo da fé que brota do Espírito Santo em seu corações. E a meu ver, isso foi muito importante, pois vivemos numa cidade movida pela fé e religiosidade, essas manifestações faz parte. Não deixando se esquecer que Natividade e a nossa festividade do Divino é um monumento cultural se assim posso dizer, ainda não reconhecido pelos órgãos competente, mas que logo logo será!

6 - Você sentiu falta da parte profana (festas e demais manifestações culturais) na festa?

Eita! Nem fala... Quem participa dessa festa e da dimensão que ela abrange sabe, falo do sertanejo que deixa sua propriedade pra prestigiar a festa do divino, dos visitantes, dos filhos da cidade que moram fora e vem, da voluntariedade das pessoas em ajudar, gratificante. Posso dizer que são essas manifestações, respeitando a religiosidade, que também nos move. Aproveito para agradecer a cada um que foram disponibilizar seu tempo para fazer parte das equipes, ornamentações, equipe encarregada do gado, equipe da paçoca, equipe dos bolos, equipe da cozinha, equipe que servem as mesas, equipe do foguete, equipe da musica, conhecida como forrozeiro, equipe da confecção dos licores e muitas outras, enfim só agradecer e pedir proteção para que ano que vem possamos dar essa alegria para o nosso povo.

7 - Qual a sua expectativa para a festa de 2021? Espero que minhas respostas estejam satisfatórias, a expectativa é muito boa, nós assumimos a responsabilidade, mas também essa responsabilidade vem com espontaneidade, a partir do momento que colocamos o nome é porque tínhamos a vontade de fazer a festa, E essa vontade, até hoje, ela é creditada e nós, e nós temos o prazer e a honra, se assim o Divino nos conceder, de fazer ela, pois faremos ela com todo amor e todo carinho para o povo de Natividade merece. Faremos ela dentro das nossas possibilidades, mas entendendo que, por se passar de um ano para o outro, devemos e assumimos um legado histórico de assim, melhorar cada dia mais, em relação aos festejos. Posso dizer que é uma alegria imensurável, é gratificante, é muito bom ser Imperador. Anda não concluí minha missão, mas a todo momento procuro ser o Imperador atuante, comunicativo e um Imperador que dê acesso ao povo, porque a festa não é do Imperador, é do povo, e eu fui apenas um instrumento que conduz a festa e vai dar tudo certo.

Apêndice G – Entrevista VII

Entrevista VII

Nome: Dirani Ribeiro de Oliveira Carvalho

Idade: 48 anos

Natural: Dianópolis /TO

Data da entrevista: 17 de junho de 2020

1 - Nome completo, idade, cidade de origem, cidade em que mora, vínculo com a festa do divino em 2020 e quais vínculos já teve em outras edições da festa? Dirani Ribeiro de Oliveira Carvalho, 48 anos, Dianópolis-TO, moro em Natividade- TO. O meu vínculo foi como devota, participando de algumas programações restritas. No ano de 2017, tive o privilégio de receber a festa em minha casa, há 10 anos o nome na sorte, como Imperatriz.

2 - Como você define o sentimento que teve pela transferência da festa do divino para 2021? Sentimento de tristeza, com um pouco de ansiedade, medo, e ao mesmo tempo esperança de dias melhores, foi totalmente estranho, faltava algo. Mas, com fé no Divino Espírito Santo estaremos todos juntos realizando essa festa tão grande e linda q é a Festa de Pentecostes.

3 - O que faltou? Você sentiu falta da parte profana (festas e demais manifestações culturais) na festa? Tudo, rsrs! Sentimos muita falta principalmente da aglomeração do povo, que é tão aconchegante, acolhedor, simples e humildes. Não sentir tanta falta da festa profana, mas da realização, com toda a comunidade reunida, por uma só causa que é a Festa do Divino Espírito Santo de Natividade-TO!

4 - Considera que a realização de alguns ritos sagrados foi importante para o fortalecimento da sua fé? Sim, mesmo ao distanciamento social imposto pelo o COVID-19, para manter a tradição nesse tempo tão diferente de pandemia. Foram realizados alguns ritos religiosos e sagrado, pelo o momento em que estamos passando. No domingo de páscoa que seria a saída das folias, fizeram uma carreata com as três bandeiras do Divino Espírito Santo que sairia pro giro (a dos Gerais , do Outro Lado do Rio e a de Cima), juntamente com os festeiros de 2020/2021 e alguns membros, da comunidade e das folias, percorreram as ruas da cidade, levando a benção do Divino Espírito Santo, para nossa cidade, passando nas ruas das casas dos devotos. Na Quinta Feira da Hora (Que seria a Chegada das folias), alguns foliões, se disponibilizaram, para cantar na igreja, simbolizando ali a Chegada das Folias, onde cantaram tão lindo que não deu para conter a emoção contida de lágrimas, daquele momento tão lindo e único. Estavam presente ali os festeiros, o Pe. Marquinelio e alguns membros da comunidade. Todos com máscaras e com o distanciamento! Na semana que antecedeu a festa todos os dias tivemos tríduo celebrado pelo padre Marquinelio e os músicos da igreja, transmitido pelo o Facebook da Paróquia! No dia de Pentecostes foi celebrada a missa, tão linda, presidida pelo o Pe. Marquinelio, também transmitida pelo o facebook da Paróquia! Tive a honra de está presente nessa missa tão bela, mas foi muito estranho, estava faltando algo e com certeza o aconchego, carinho e aglomeração do povo todo reunido. Não segurei o choro, me emocionei em ver a igreja que nos outros anos estava tão cheia de devotos, ver ali poucos pessoas com máscaras com distanciamento assistindo a missa de Pentecostes. Igreja vazia me doeu muito ver aquela cena. Concluindo, essa missa de Domingo de Pentecostes foi feita outra carreata, mas dessa vez com a Bandeira da Misericórdia e as três bandeiras do giro, o Imperador, Imperatriz, Capitão do mastro e Rainha, juntamente com alguns devotos do Divino Espírito Santo. Assim como no Domingo de Páscoa percorreram as ruas da cidade, fazendo com os devotos recebessem a benção do Divino Espírito Santo. O Padre transmitia mensagens de ânimo, agradecimentos e cânticos lindos ao carro de som com muita Fé e Devoção.

5 - Você considera que mesmo que apesar do distanciamento social, as pessoas/devotos queriam estar presentes no momento de celebração? Sim, senti falta de todos os detalhes que envolviam a festa cultural. Desde quermesses, organização das mesas, do envolvimento da comunidade reunida em prol do festejo. Desde a Saída das Folias, Chegada das Folias, Esmola Geral, Confeções dos bolos e dos licores, das paçocas, da Levantada do Mastro e do Reinado. Enfim, da comunidade toda reunida e vendo quão grande é o Divino e os seus devotos.

6 - Qual a sua expectativa para a festa de 2021? As melhores possíveis, pois sentimos muita falta de um ano sem essa tradição que vem desde 1904 e por causa da pandemia não foi possível realizar a Festa do Divino esse ano. Com certeza em 2021, se o Divino Espírito Santo, nos permitir essa graça, estaremos todos juntos com os festeiros, reunidos e unidos outra vez realizando essa Festa linda! "Depois da tempestade virá a bonança. Se não duvidares disso, teu e os da tua casa verão a salvação que vem de Deus por Cristo nosso Senhor que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos". Amém. (Mt. 10,16-23).

Apêndice H – Entrevista VIII

Entrevista VIII

Manoel Salvador Moura, 58 anos

Mora em Natividade desde 1983

Natural de Rio do Sono - TO

Presidente da ACINAT – Associação Comercial e Industrial de Natividade (2018-2020)

Entrevista dia 16 de setembro de 2019

1. Qual o objetivo da ACINAT e o trabalho que ela desenvolve?

Estou presidente ainda, meu mandato acabou, mas com a pandemia ainda não reunimos para decidir o próximo presidente. A ACINAT tá aqui para ajudar naquilo que for para o desenvolvimento da nossa cidade e na previsão de melhoria para nosso comércio. Nós temos essa preocupação. Quando somos chamados para participar de alguma coisa em prol da cidade, aí estamos sempre a disposição. Mas a ACINAT é uma instituição empresarial e está para defender os interesses comerciais. Além disso também passa pelo desenvolvimento da cidade, quanto mais a cidade se desenvolver, quanto mais cidades vierem para cá, o turismo. E o desenvolvimento traz dívidas e conseqüentemente melhora o comércio, né?

2. A ACINAT possui quantos anos?

A ACINAT já existiu no passado, estava parada, nós retornamos ela tem dois anos e meio. Vai fazer dois anos e 9 meses, já tem 9 meses que meu mandato venceu, mas devido a pandemia tá parado. Ficou um período aproximadamente de uns 10 anos sem representante. A associação tem um peso e ajuda muito nas questões, né?

3. Nos últimos anos, Natividade começou a ser bastante divulgada com produção de novelas, filmes e séries. O senhor vê isso como positivo essa divulgação?

Foi excelente a passagem da televisão aqui, da emissora e da Netflix. Foi muito bom para a cidade, melhorou o comércio, trouxe divisas. As pessoas alugaram muitos imóveis e o dinheiro girou na cidade. Sem contar que houve uma divulgação nacional e até internacional da nossa cidade e da nossa região. Então foi muito importante e são coisas assim que vai desenvolver o turismo aqui em Natividade, vai implementar e gerar emprego.

4. Nos últimos anos também surgiram novos empreendimentos na cidade como novos hotéis, restaurantes.

Sim surgiram, de uma certa época pra cá, digamos aí na última década, empreendimentos novos no ramo do turismo. Nós tivemos dois hotéis novos construídos, estão sempre lotados esses hotéis. E na gastronomia houve uma melhora em restaurantes, nós temos por exemplo os bistrôs que desempenham um papel importante para o turismo na questão da alimentação. Temos ainda o Casarão, o Frutos do Goiás e o Bistrô que tem atraído, é uma atração a mais para os turistas.

5. E com relação a manutenção do centro histórico por parte do poder público? Como o senhor avalia? Falta preparar Natividade para ser de fato uma cidade turística?

Sim, nós temos consciência disso e a Associação comercial sempre cobra do poder público e das autoridades essa questão. Uma cidade turística não pode pecar nesse aspecto: limpeza, iluminação e segurança. Na questão de segurança, nós estávamos para perder a delegacia, fizemos uma contribuição de todos os membros e conseguimos que funcionasse a delegacia, mudou de prédio, reformou o prédio. Foi uma ação da associação para que nós não perdêssemos a delegacia. E esses três pontos são fundamentais: a iluminação, a segurança e a limpeza. Não adianta o turista chegar aqui e ser assaltado. Não adianta o turista chegar aqui e achar a cidade cheia de lixo, não adianta o turista chegar aqui e achar a cidade escura. Então, nós temos bons atrativos, Natividade tem um povo acolhedor, nós precisamos desse turismo, nós temos uma cidade diferenciada das outras cidades que traz esse turista para cá e temos que

aproveitar esse potencial. E o poder público é o carro-chefe disso aí. A parte empresarial tem feito por onde, porque nós temos bons hotéis, bons restaurantes, boas farmácias, bons postos de gasolina. E outra coisa que atrai boa parte do comércio é que aqui é tranquilo, mas a questão do poder público tá um pouco a desejar para a melhoria da cidade. E isso a gente tem questionado e é assim, um trabalho de toda a sociedade, é a cobrança. E com certeza o turismo precisa passar por essas coisas aí: a segurança, uma iluminação boa, uma boa hotelaria e uma boa gastronomia.

6. Na época das festas, festa do Divino e Romaria, os comerciantes não estão muito presentes no Divino, mas no Bonfim os comércios abrem até filiais. Como o senhor avalia isso?

O Bonfim ele traz umas divisas para o comércio. E, a Romaria do Senhor do Bonfim isso é indiscutível e os comerciantes aqui da cidade, realmente levam seus comércios para lá, suas filiais, para poder vender mais, aproveita o momento. É uma divisa a mais para o município, essa questão do Senhor do Bonfim, pena que esse ano não houve, devido a pandemia, mas gera muito recurso para a cidade e é excelente para o comércio. E cada ano ela cresce mais e voltando a falar do poder público, precisava investir mais, precisa ter uma rodovia dos romeiros que até hoje não tem. É uma festa grande, que atrai muita gente, mas precisa investir mais para continuar crescendo e conseqüentemente, esse crescimento vai ajudar a nossa cidade, o nosso comércio e não só de Natividade, mas da região. E com relação a festa do Divino, é um turismo religioso bacana aqui, é uma festa religiosa que atrai muita gente, e não temos um local definido da Festa do Divino, o padre está tentando consolidar esse local, para ser em um local definitivo, e depois desse local definitivo, naturalmente vai ter comércio definitivo em volta desse lugar onde será a festa e que de certa forma, é uma festa que contribui pra o comércio, ajuda a cidade. Porque é uma festa que está bem divulgada e atrai muitas pessoas, o chamado turismo religioso.

7. Existe esse projeto de fixar a festa em algum local? Como a festa ela muda de local todo ano, fica mais difícil para o comércio se inserir na festa?

Ainda não. A festa do Divino é sempre improvisada, fica numa rua, numa casa, num quintal e é isso que a Paroquia tá querendo fazer esse local e vai ser feito. E no que depender aqui dos nativitanos, nós vamos ajudar a Igreja e vai ter o local sim. Porque não é só o dia da festa, é também guardar as tralhas, os utensílios da festa e ter um local para isso. E no dia da festa é muito utensílios, colher, panela, prato e ainda tem a parte das folias, coisas dos foliões. E isso precisa ser resolvido, criar esse lugar. E já tem o terreno, o lugar, fica no Centro Histórico e próximo ao cemitério velho. Não fica perto da Igreja do Divino não, mas fica bem no centro da cidade, um ótimo local. É uma área que foi doada pelo município para a Igreja, tem aproximadamente uns 4 mil metros quadrados, ela tá bem no centro da cidade, só que ela é uma área que tem pouca circulação de pessoas e carros. Vai ficar bem tranquilo, tem espaço bem amplo para a festa.

Já tem um projeto e provavelmente vai ter um prédio definitivo para guardar os utensílios dessa festa, espaço para ampliar com tendas e barracas no dia da festa e lugar para o pessoal circular. Quando se cria uma estrutura própria, a tendência é melhorar mais aquele local, algumas coisas vão acrescentar em volta para melhorar a festa, crescer mais a festa. Quando ela não tem um lugar definido, um ano ela cai num lugar bom, no outro ano pode ir para um lugar ruim, que não agrada os festeiros e o pessoal que vem, então assim, você tendo um lugar próprio, a tendência é você melhor mais.

8. O senhor é devoto?

Eu sou católico, mas nem to frequentando a católica, ultimamente eu frequento a igreja evangélica com minha esposa. Fui procurador da sorte por quase 10 anos. Tem uns cinco anos que eu não sou mais procurador da sorte.

9. Uma análise geral, enquanto presidente da ACINAT, o que falta em Natividade para impulsionar o turismo religioso?

A principal é a divulgação e quanto mais divulgar vai implementar e a outra questão são as melhorias, por exemplo, a Romaria do Senhor do Bonfim precisa urgentemente de ter uma via do pedestre fazer a caminhada e as pessoas correm riscos beirando a estrada e o asfalto e disputando o espaço com caminhões e carros pequenos. Como exemplo, Trindade, eu não conheço mas pelo que eu vejo na televisão, tem uma estrada do romeiro muito bonita e muito bacana e iluminada. E isso é uma das coisas que faltam! E a própria estrutura do Bonfim em si precisa melhorar mais, porque as pessoas venham para cá e saiam com vontade de voltar de novo, saiam falando melhor, vem e ver as coisas bonitas e convida outra pessoa. Assim que se divulga, né? Quando você tem uma atração boa, legal e bonita, o turista que vem ele indica para dois, três, quatro pessoas a mais e assim vai crescendo. Além de melhorar as rodovias que chegam até Natividade. Não adianta o turista quer, as vezes ele vem de outro estado ou outro país, aí desce no aeroporto de Palmas, pega uma van pra vir conhecer o turismo na Serra Geral, que inclui Natividade, Rio da Conceição, Arraias, Dianópolis e Taguatinga, mas ele pega uma estrada toda ‘esburacada’ e daí esse turista não recomenda outra pessoa vir, né? Igual tem o roteiro da Lagoa do Japonês, Azuis, então são locais muito bacanas que as pessoas vão vir, vão gostar, mas se não tiver um estrada boa, aí as pessoas não vão recomendando. E o que falta mais é a infraestrutura, melhorias na cidade na questão de saúde. E a parte comercial sempre anda na frente, temos hotéis bons, boas farmácias, bons restaurantes, tem bons supermercados, mas não vai deixar a desejar de nenhuma outra cidade grande, mas precisa do município, do poder público melhorar essa infraestrutura, e só assim vai implementar mais o turismo. Divulgação e melhorias na infraestrutura. Essas coisas é uma parceria, tudo junto, nós aqui o município não temos um Banco do Brasil, não temos uma Caixa Econômica, e tudo isso faz com que o turista chega e procura e não tem um Banco do Brasil ou uma Caixa, são coisas que dificulta. Só tem o Banco da Amazônia, o Basa e casa lotérica. E outra coisa, todas as cidades vizinhas não tem uma agência, se nós tivéssemos aqui em Natividade uma agência da Caixa, não serviria só para Natividade, mas para as cidades vizinhas do entorno seriam beneficiadas.

10. E quando vocês precisam de banco, vão para Porto?

Desloca até Porto Nacional ou até Dianópolis. Para Porto dá 350km ir e voltar, para Dianópolis 250km e para Gurupi 400km. É uma região que tá desprovida disso aí, e não só Natividade, você tem São Valério, Chapada, Rio da Conceição e Almas todas estão desprovidas disso aí e se você tivesse uma agência aqui, beneficiaria todos esses municípios.

11. Os empresários da cidade têm investido em Natividade?

Estamos preparados para essas demandas e as coisas estão melhorando. A infraestrutura, a BR que corta nossos municípios no sentido da capital está sendo toda recapada, excelente rodovia e outro fator que tem impulsionado muito a cidade é o minério, nós somos o principal produtor de calcário do estado hoje, a indústria do calcário emprega muita mão de obra e vai trazer divisa para o município. Se o poder público souber usar isso aí em benefício da cidade, vai ser uma benção. E nós temos esses dois fatores que podem impulsionar o nosso comércio e nós temos esperança disso e estamos preparados para vir esse desenvolvimento, tanto o turismo que pode deslanchar como tem a questão do minério que já é uma realidade no nosso município, que já está acontecendo e pode vir acontecer coisas melhores ainda. Nós somos hoje o maior produtor de calcário no estado. E o estado do Tocantins é um estado totalmente agrícola e nós somos o maior produtor desse minério. É a nossa saída para o desenvolvimento é esse apoio do poder público porque nós somos carentes de agências bancárias, mas também somos carentes na área de educação, da saúde. E isso a gente tem debatido, pois nós não temos um hospital estadual, o município não suporta atender a demanda, aí inclui os municípios vizinhos que precisam do hospital de Natividade e que naturalmente não suporta. E precisa de uma participação do Estado, urgentemente, a questão da saúde e como na questão também na segurança, melhorar mais a segurança, trazendo segurança para as pessoas investirem mais.

Outra questão que a gente vem batendo, uma faculdade para nosso município aqui. Falam que é o berço cultural, que tem uma história muito bonita, precisava pelo menos ter um curso universitário aqui porque as pessoas que não tem condição de sair, pudessem estudar aqui, né? E isso poderia ajudar os jovens aqui. Tudo longe. E aqui uma faculdade beneficiaria os jovens das cidades vizinhas, como São Valério, Chapada, Almas e Conceição.

Tem que ter um conjunto, o poder público é o carro principal para o desenvolvimento, essas coisas aí, ia dar uma melhoria na cidade enorme, melhoria na saúde, na educação e na segurança para nós é fundamental.

O poder público é o puxador do carro, para poder trazer o desenvolvimento para a região, se o estado não faz a parte, fica difícil para uma região desenvolver. Por exemplo, o Jalapão, é uma atração turística importante do nosso, mas foi preciso que haja um investimento público para o turista chegue lá de forma confortável, né? E assim, outras coisas que o poder público pode trazer para a nossa região que resolvesse a carência de cada região e para que realmente a região desenvolva. Esse é o papel do estado e do poder público. Inclusive o Jalapão é mais conhecido que o próprio Tocantins. E as outras regiões ficam à mercê, é preciso ter uma diversidade de investimentos nas outras regiões.

Apêndice I – Entrevista IX

Entrevista IX

Nome: Flávio Pereira de Sousa, Flávio Cavalera

Idade: 36 anos

Naturalidade: Natividade/TO

Entrevista: 15 de abril de 2021

1. Nome completo, idade, onde nasceu e atuação profissional?

Flávio Pereira de Sousa, mais conhecido como Flávio Cavalera, tenho 36 anos, sou natural de Natividade, TO, nascido e criado. Sou Guia de turismo regional, nacional e América do Sul com atuação em todo o Estado do Tocantins, Natividade e a região das Serras Gerais. Atualmente sou fotógrafo profissional e trabalho no Governo do Estado, como fotógrafo.

2. Como você avalia o turismo hoje em Natividade?

Natividade tem um grande potencial em vários aspectos de turismo, ela se destaca pelo seu patrimônio histórico e artístico nacional, seus casarões, que são preservados e cada vez mais estão sendo preservados, as pessoas estão tomando consciência. E, acredito que Natividade melhorou bastante, a respeito do turismo, mas ainda é mal aproveitado, o potencial é muito grande, mas tem muita coisa que falta para o turismo crescer, mas é uma cidade turística. Ainda não é um produto turístico, tem muitos atrativos, muito foram formatados, muitos já estão sendo trabalhados e vendidos, mas ainda falta uma estrutura, falta engajamento maior tanto da comunidade como dos empresários, das pessoas que tomam conta.

3. Como era o fluxo de turismo em Natividade (antes da pandemia)?

Natividade sempre teve um fluxo de turismo razoável, mas a maior parte de turistas são estudantes de universidade, escola particular e estadual que visita à cidade, as outras restantes são de agências de turismo que passam bastante por aqui para ir para o Jalapão, e acabam passando por Natividade, seja por causa de restaurante, hotel ou para fazer algum atrativo. Mas afetou bastante porque fechou alguns locais turísticos como as cachoeiras e fez com que diminuísse mais ainda o turismo de estudantes que são das universidades, e como a maioria é dessa área, afetou bastante.

4. Quais os roteiros e locais mais procurados pelos visitantes? Qual o valor médio dos passeios por pessoa?

Natividade ela tem um potencial turístico muito grande e um dos mais procurados ali é a parte do centro histórico, aonde tem seus casarões em estilo colonial da época dos bandeirantes, da pecuária, do ouro e isso chama muita atenção dos turistas. E além dos casarões, tem as praças que não são históricas, mas fazem parte do conjunto arquitetônico e chamam muita atenção as igrejas, com diferentes tipos de estruturas e fachadas. As ruínas da Igreja N. S. Rosário dos Pretos é o cartão postal de Natividade e do estado, assim como a Igreja São Benedito, a Matriz que faz parte do Centro Histórico, o Amor perfeito da Tia Naninha, que é o mais famoso, que os turistas procuram bastante. Além do Centro Histórico, os casarões, o detalhe interessante são as janelas e treliças diferentes e o detalhe das fachadas, detalhamentos das informações e umas casas coladas nas outras. A gente tem também a Dona Romana, que é uma parte mística que é bem procurada, uma das mais procuradas de Natividade, aonde os turistas visitam. As trilhas na cidade antiga de São Luiz e as cachoeiras do Paraíso, que também são bem procuradas, além das trilhas na Serra de Natividade, a caminho ali dos Poções e o Poço dos Moinho, esses locais os turistas procuram bastante porque é natureza, é lugar mais tranquilo. A cidade de São Luiz foi onde começou a primeira cidade, tem ruínas e a cidade é toda rodeada com águas, a Serra de Natividade e a Serra dos olhos D'água. Então, procuram bastante essas localidades. O valor médio é R\$ 150,00 a R\$ 200,00 por pessoa e depende do passeio na cidade e a variação de dias.

5. A questão do turismo em Natividade foi trabalhada com os guias e agências locais por algum órgão, como o Sebrae, Prefeitura ou Governo do Estado?

Foi trabalhada com os guias e agências locais e um dos parceiros foi o Sebrae. O Sebrae contribuiu muito para o desenvolvimento da capacitação dos condutores das agências, dos atrativos, do comércio em parceria com a prefeitura, com o governo do estado, eles trabalharam dessa forma, tiveram várias capacitações tanto para agências como para guias, restaurantes, bares, lanchonetes. Porém, alguns sobressaem melhor, outros ficam mais parados e não investem, mas foi trabalhado com essas empresas, essas pessoas, alguns guias que tem interesse e foi muito bom.

6. Em Natividade tem a lei do voucher único. Qual sua opinião sobre ele?

Foi a melhor coisa que aconteceu para a cidade porque isso assegurou tanto para agências, guias, atrativos na cidade com informações corretas, porque chegavam na cidade condutores e agências de fora e apresentavam Natividade de qualquer jeito e de qualquer forma, com outras histórias que não eram verdadeiras e não tinham fundamento. E, com o voucher, não só além de assegurar essas informações, ele dá um respaldo maior para quem mora na cidade, igual guia e agência, ali ele vai desenvolver uma renda maior para a cidade, porque a agência que vinha de fora não contratava guia e com a lei do voucher, minha opinião é que foi a melhor coisa que aconteceu porque obrigatoriamente agências, grupos de escolas, pesquisadores teriam que ter uma agência, um guia, formando um pacote, nesse pacote fechando com seguro obrigatório, com acesso aos atrativos e isso foi muito bom porque tava um turismo descontrolado e iam de qualquer jeito, eles falavam de Natividade de qualquer forma. E a utilização desse voucher foi uma proposta que foi desenvolvida com toda a sociedade local, donos de comércio, restaurantes, guias, agências para também controlar o acesso ao Centro Histórico e com a gente, guia, no Centro Histórico com até 20 pessoas, nas trilhas são até 10 pessoas e também desenvolver o seguro que a gente não fazia e os pacotes são fechados com as agências. Tem muitas coisas a melhorar, mas isso com a lei do voucher fortaleceu muito a economia local, a mão de obra, os serviços e fortaleceu também as informações turísticas porque a pessoa de Natividade, ela passa as informações certas e concretas e a lei do voucher também é uma parte que o poder público toma conta, esse dinheiro ele volta para a cidade para investir em placas, sinalização, acesso e também uma forma de organizar a atividade turística, capacidade de carga, estimativa de quantos turistas e frequência de turistas em cada atrativo. Então, isso foi muito bom.

7. Quais as principais dificuldades da área do turismo na cidade?

Observo que a gente tem uma dificuldade muito grande na prestação de serviço, de um modo geral, na cidade, porque falta mão de obra qualificada e as pessoas que estão na cidade não querem qualificar melhor, seja um garçom, um condutor, um guia ou dono de comércio que é na área de atendimento e ainda vejo essa dificuldade da cidade, onde as pessoas da cidade tem mais consciência em preservar a parte do Centro Histórico, as ruínas que é o cartão postal, os turistas sobem nas ruínas, e ainda é um turismo que as pessoas chegam lá e ficam sem informação nenhuma, alguns lugares tem placas, outros não e isso é uma dificuldade muito grande para os turistas, para a comunidade em geral e pra gente também porque a informação e a sinalização nos pontos turísticos seria algo melhor para a cidade e eu vejo essa dificuldade. Vejo dificuldade de encontrar pessoas para estar conduzindo os turistas, a parte de alimentação é até boa, mas precisa melhorar, a questão da hospedagem com café da manhã também, são alguns pontos que Natividade tem de emplacar e a comunidade ter mais consciência e mais cuidado com os turistas.

8. Você acredita na potencialidade do turismo religioso, se houvesse investimentos, acredita que que poderia crescer?

Eu acredito demais na potencialidade do turismo religioso de Natividade e se tivesse investimento, o turismo religioso de Natividade cresceria muito, a gente tem várias festas tradicionais, mas as principais que é a Festa do Divino Espírito Santo, a Romaria do Senhor do

Bonfim e a Padroeira da N.S. da Natividade, que é padroeira de Natividade e do Tocantins. Natividade tem potencial muito grande e isso ia gerar uma identidade do turismo religioso na cidade através de investimentos. O potencial é muito grande e é o foco em um turismo que gera etapas e pode ser trabalhado para ele ser movimentado o ano todo. Eu digo etapas porque a festa do Divino é em uma época da semana santa, a romaria em agosto por 11 dias e a padroeira é em setembro. Eu acredito que se tivesse mais investimento nessa área, mais pessoas buscariam Natividade, buscariam o turismo religioso, porque está crescendo muito e no Brasil são mais de 18 milhões de viagens feitas todos os anos, mais de 300 destinos religiosos, mais de 150 comemorações inscritas no calendário nacional de eventos do Brasil. Na Bahia por exemplo, são mais de 5 milhões de visitantes no turismo religioso, aí você pega Natividade e a Romaria do Senhor do Bonfim que movimenta mais de 80 a 100 mil pessoas por ano. E esse turismo religioso é um segmento que gera muito emprego, gera renda, consolida municípios, contribui com a qualidade de vida da população, ainda mais Natividade que é uma cidade que possui 10 mil habitantes e quando acontece essas festividades, a cidade se transforma, muda completamente e se tivesse investimento, mudaria muito.

9. No dia a dia da cidade, quando as festas do Divino e a Romaria acontecem, você acredita que elas influenciam o fluxo de pessoas que visitam a cidade?

Natividade é uma cidade tranquila e pacata no seu dia a dia, agora nas festividades do Divino e Romaria do Senhor do Bonfim, elas influenciam muito o fluxo de pessoas que visitam a cidade através do turismo religioso, seja para conhecer a festa, ou turista que vem para ficar na casa de um amigo ou algum parente, e há um movimento de mais de 100%, a capacidade dos hotéis lotam, restaurante, ai eles querem fazer passeios com agencias e guias, o fluxo aumenta bastante, principalmente na festa do Divino e na Romaria do Senhor do Bonfim.

10. Você como empresário do turismo e no setor de serviços, o que pensa que deveria mudar para que Natividade se tornasse de fato um destino turístico mais procurado?

Na minha opinião como guia, fotografo e agência eu vejo Natividade como um grande potencial, mas para ela se tornar um destino turístico, tem uma série de fatores que precisam mudar, por exemplo, o atendimento, o calor das pessoas com os visitantes, os turistas, mostrar que a cidade, além dos encantos e belezas ela tem esse calor humano de passar informações, de conversar com as pessoas, de ser bem atendido, de dar um bom dia, boa tarde e boa noite. A cidade ela precisa passar por um processo de melhorias, tanto na parte turística de sinalização como nos seus espaços turísticos que faltam muita estrutura na parte de ecoturismo, como na parte do turismo de patrimônio histórico, artístico e cultural, o que vai mudar isso são as vivencias e os costumes da cidade, os fazeres da cidade, que vão fazer o diferencial para que ela se torne um grande destino turístico do Tocantins, porque ela tem uma diversidade de segmentos turísticos, porém não é um destino ainda. Se torna atrativo, creio, na minha opinião, estruturando alguns locais, fazendo coisas mais rusticas, de hospedagem, a alimentação da cidade se tornar um carro chefe com produtos regionais típicos da cidade, não só o Amor Perfeito, a paçoca, os licores, mas tem uma grande variedade que ainda tá fora desse mercado de turismo e está mal aproveitado essa parte de gastronomia. As joias estão bem elaboradas, mas precisa melhorar a questão de estrutura do local, de atendimento, quantidade de objetos para venda, lembrancinhas da cidade em si, um centro de informações turísticas que aqui na cidade não tem, além de trilhas interpretativas na Serra que também é mal aproveitada porque a Serra também tem grande potencial, tem cachoeiras e trilhas, um turismo de natureza que ainda não é aproveitado. Então, eu acho que esse investimento nessa área, o turista gosta muito: estar em contato com o patrimônio histórico, com a vivencia de Natividade, que é viver Natividade, e esses atrativos naturais, que faz com que ele tenha essa liberdade com a natureza, com a paz e com a natureza.

11. E, por fim, você percebeu alguma mudança na cidade e nas festas em si desde quando começou a atuar no mercado do turismo?

Natividade ela teve muitas mudanças, na cidade como nas festas tradicionais, quando eu comecei a trabalhar com o turismo, porque eu comecei aos 16 anos e vi uma grande diferença de lá pra cá. Muita coisa mudou, muita coisa melhorou e se aperfeiçoou. Eu acredito que a cidade se desenvolveu mais tanto na área de gastronomia, bares e restaurante, como também a hospedagem. Os atrativos eles melhoraram mais e deram mais cara de atrativo turístico de Natividade, identidade de muitos locais, como o amor Perfeito, as joias, teve uma grande mudança para o mercado turístico da cidade. Quanto a preservação do patrimônio, as casas ali, houve bastante mudança na parte do Centro Histórico e da praça. Quando a gente começou, era eu e o outro colega, não tinha essa estrutura que Natividade já oferece, que é pouco mais mudou bastante, ainda não tem nosso centro de atendimento ao turista, mas já tem algumas informações do que a cidade oferece, os espaços turísticos urbanos, a vivência de Natividade que foi um grande potencial para alavancar o turismo, ajudei também a formatar esses produtos, a vivência é importante, as trilhas que tem na Serra, como a cachoeira do Paraíso e outras trilhas também foram interessantes e isso contribuiu muito com a mudança dos atrativos da cidade.

Apêndice J – Entrevista X

Entrevista X

Nome: Fernanda Tainã

Idade: 37 anos

Cargo: Presidente da Assegtur – Associação de Desenvolvimento do Turismo Sustentável e Produção Associada

Natural: Inhumas - GO

Entrevista dia 28 de agosto de 2020.

1 – Nome completo, naturalidade e formação profissional?

Fernanda Tainã Alves de Lima Castro, nasci em 16 de abril de 1983, na cidade de Inhumas, Goiás e fui criada em Brasília. Morei também 10 anos no Mato Grosso, na cidade de Barra do Garças, fiz faculdade em Anápolis, morei em Goiânia e morei 6 meses também na Europa, agora eu quietei. Hoje eu moro em Dianópolis, mas meu empreendimento é em Rio da Conceição, eu sou funcionária pública, sou formada em Engenharia Agrícola na UEG em Anápolis, faço algumas especializações em turismo e hotelaria, segurança do trabalho e também meio ambiente. Sou militante do turismo e da conservação do meio ambiente daqui nas Serras Gerais e também sou presidente da Associação de Desenvolvimento do Turismo Sustentável e Produção Associada – Assegtur, e também engloba nove cidades aqui no sudeste.

2 – Além do seu empreendimento, você atua em outras áreas?

Sim. Eu sou funcionária pública e também uma das sócias da Seriema Ecoturismo, além de presidente da associação e faço parte do conselho de turismo de Rio da Conceição. Também sou diretora de um grupo de teatro, um trabalho voluntário que faço lá em Rio da Conceição, Grupo Retalhos de Arte, e também dou cursos de oratória, motivacionais e esses cursos de como falar em público.

3 – Qual o principal objetivo da Assegtur?

Nosso principal objetivo é fomentar o turismo, o ecoturismo, de uma forma sustentável e produção associada nessa região. Nossa região é muito nova em relação ao turismo, nós estamos no mercado há 3 anos e nós entramos através do projeto do Sebrae, nos formatamos essa região e lançamos no mercado e agora nossa busca é pelo reconhecimento do estado, inclusive no ano passado, o governo do estado veio conhecer a região das Serras Gerais como um região turística e nós entramos aí no mapa do estado, e agora, é fomentar efetivamente o turismo em cada uma das cidades e ampliar para outras cidades do sudeste do Tocantins porque nesse momento, tem algumas cidades do sudeste que já tem atrativo turístico que não fazem parte do mapa do turismo brasileiro. Então, a gente precisa fazer com que eles entendam a importância, que eles saibam como garantir recursos para a região e que a gente se fortaleça como região realmente e é fazer com que as pessoas entendam a importância de ter um licenciamento dos atrativos, de seguir a regra da ABNT do turismo, de fazer um turismo com bastante responsabilidade e segurança, fazer os treinamentos certos com os agentes do turismo que trabalham essa área e principalmente proteger a região de agências que vem de fora e não deixam o dinheiro aqui. E a gente tem essa função também de proteção da região e fazer com que a renda gerada pelo turismo fique com a comunidade local. Acontece muito no Jalapão, muitas empresas vêm até de São Paulo, fazem o roteiro e o dinheiro vai para São Paulo e as cidades continuam subdesenvolvidas, pobres, sem acesso de estrada bom, sem acesso a saúde, e é isso que a gente precisa mudar essa mentalidade, que todos são bem-vindos, todos podem visitar os atrativos, mas que a comunidade local que tem que operar o turismo local.

Muitas pessoas vão embora da região porquê não tem renda extra, não tem oportunidade de emprego. A região sudeste é conhecida como corredor da miséria e o estado foi criado,

desenvolveu ali para o Norte, centro norte, e nós ficamos longe das rodovias, não temos indústrias, não temos grandes empreendimentos, e aí quem é empregado da prefeitura ou do estado ou tem um comércio vai sobrevivendo e quem não tem vai minguando. E aí, eu já vi várias famílias indo embora para poder conseguir oportunidade de estudar os filhos, de conseguir alimentar melhor suas famílias. A hora que a população local perceber que a conservação, entende, dá dinheiro, eles vão poder ganhar dinheiro aqui e não vão precisar ir embora. É vendendo artesanato, é vendendo a farinha de mandioca, é frango caipira, na visitação dos atrativos. O turista não vem lá de São Paulo para ouvir som automotivo, para ir em balneário, não é esse o objetivo. Quanto mais “pássaros” aqui, mais ele fica na região, quanto mais conservado o atrativo melhor, quanto mais peixes tiver pra ele mergulhar e vê esses peixes, é melhor. Então, a população vai se dando conta de que preservar dá dinheiro e aí a gente faz duas coisas ao mesmo tempo, a gente gera renda e promove a preservação do ambiente nas Serras Gerais.

4 – Com relação as políticas públicas serem mais voltadas para o nicho do turismo de aventura e ecoturismo, como você avalia isso?

As políticas públicas nas Serras Gerais elas não existem ainda, pode ter algum documento por aí perdido que fala alguma coisa bonita, mas especificamente não tem nada sendo aplicado pelo estado aqui. Nesse momento, nós fomos a primeira instância de governança, reconhecida no estado, nosso documento está lá no jurídico do estado para ser analisado e formatado para ser usado como modelo para outras instâncias que vão vir. E o que a gente percebe é que tudo foi voltado para o Jalapão e Ilha do Bananal, e é isso que a gente tá lutando, para que olhem para as Serras Gerais, que reconheçam o valor e que estendam essa política para cá. Nós precisamos de sinalização. Um turista chega o aeroporto, ele não sabe que existe Serras Gerais, não tem nenhuma foto das Serras Gerais lá para ele ver, tudo é voltado para o Jalapão. E, a gente se sente muito esquecido, deixado de lado aqui, mas quem não chora não mama. E é por isso que a gente tá correndo atrás desse reconhecimento para poder essas políticas chegarem aqui. Lá fora as pessoas não sabem o que é o Tocantins, elas sabem o que é Jalapão. Vou em feiras internacionais e a gente percebe que a visibilidade do atrativo e da região turística é maior do que a própria visibilidade do estado. E isso é muito importante, que o Estado continue a fomentar dessa forma, mas hoje o Jalapão são três cidades efetivamente que garantem quatro dias de atrativos, eles usam o quinto dia com Taquarussu. Hoje as agências do Jalapão vendem 5 dias, um dia Taquarussu e quatro dias ali efetivamente no Jalapão. É muito lindo e ninguém quer morrer sem ir no Jalapão. É um lugar maravilhoso. E Serras Gerais hoje tem 12 dias de atrativos formatados e hoje são 9 cidades. São 22 municípios no sudeste do Tocantins e nós ainda não exploramos cavernas, que são mais de 400 aqui, não exploramos as águas termais que também tem no sudeste e também não exploramos nenhum fervedouro que também temos. Hoje nós temos cânions, boiacross, trilha aquática e várias lagoas paradisíacas, incluindo o Rio Azuis, a Lagoa do Japonês e a Lagoa da Serra e muitos outros. A gente tem coisa demais aqui, então imagina o potencial dessa região que ainda tá começando e já tem 12 dias de atrativos, fora o turismo histórico cultural, pois o que Natividade oferece é surreal, não tem em outro lugar, é muito raiz, é a cidade mais antiga do Tocantins! E Arraias também tem atrativos desse porte, tem a cultura, as construções históricas. Então o que nós temos de potencial é gigantesco, quando a população e os prefeitos daqui se atentarem e quando o estado investirem um pouco aqui, nós vamos ter um crescimento assim gigantesco.

5 - Sobre o PDITS?

Tá só no papel. Teve uma reunião em Palmas, que eu questionei o que vai ser efetivamente seria feito nas Serras Gerais? Aí enrolaram, e não sei o que, e diziam “tá lá no plano, tá lá no plano”, mas não soubera dizer. E, muitas coisas que fazem para poderem cumprir metas, no papel, mas que efetivamente não chega. A nossa associação é nova e agora já virou uma instância

de governança e o nosso próximo objetivo é esse: nos aproximar mais do estado, conseguir com que chegue alguma coisa aqui efetivamente, pois a luta é muito grande. Porque há muito interesse político também no desenvolvimento do Jalapão, e agora em época de eleição é melhor até que a gente espere passar para continuar nossas negociações, porque nesse momento é tudo muito complicado, muitos quereres exclusivos, então é melhor a gente dá uma esperadinha, mas enquanto isso a gente não deixa de trabalhar. Estamos organizando nossos documentos, registrando em cartório, incentivando os municípios a continuarem, tem muitos empresários, pequenos empresários que já fecharam as portas, porque não conseguiram segurar a onda ainda nessa pandemia, e a gente também não sabe até quanto tempo isso vai durar.

6 - A Assegtur tem um ano?

Na verdade, nós começamos de um jeito atípico de outras regiões. Geralmente as regiões estouram e vem uma demanda muito grande e aí eles vão organizar para poder lidar com essa demanda. E a gente não, a gente organizou tudo com formações, formalizamos as empresas com CNPJ e tudo, fomos em outras regiões saber como era lá, fizemos missões técnicas, copiamos modelos, fizemos cursos de adequação da ABNT, temos capacidade de carga em cada atrativo, sabemos quanto pode comportar de pessoas naquele atrativo no máximo. Então tem tudo formatado, tudo certinho para começar a operar.

7 - Participação de atores como Sebrae, UFT, prefeituras e governo tem se mobilizado em ajudar na implantação do turismo nas Serras Gerais?

Olha, o Sebrae não existiria nada disso aqui que estamos falando se não fosse o Sebrae. O Sebrae foi o grande incentivador desde o começo e depois as pessoas abraçaram a causa. Aí essa corda ficou mais firme, mais resistente. A UFT recentemente tem feito um trabalho espetacular, a UFT de Arraias através da professora Valdirene que tem dado um apoio muito grande em relação a documentação, estruturação e até nessa parte de mediação entre as pessoas para fortalecimento do trade, porque nós somos 9 municípios, e aí é complicado de você manter esse dialogo nos 9 municípios, então a gente precisa de bastante ajuda. E, eu tava até conversando com alguns colegas que a gente tinha que ter jeito formal, um prêmio, um diploma para oferecer para a UFT, porque realmente tem sido essencial nesse papel. A universidade tem cumprido o seu papel na comunidade, de uma forma espetacular através desse projeto. E as prefeituras, eu ainda acho que elas são muito tímidas nesse processo, como é que você chega e fala: “olha o turismo é o futuro daqui” e aí muitos falam “mas aqui nem tem turismo”. Muitos não enxergam, muitos prefeitos não enxergam que aqui tem turismo, que é um potencial gigantesco. E esse trabalho é muito assim, de ver para crer. A gente precisa gerar renda, a gente precisa mostrar resultado para que eles comecem a efetivamente investir nisso. Alguns prefeitos já se deram conta, e muitos candidatos estão usando dessa fala para se promover, mas muitos prefeitos ainda dormem no ponto. Se vai gerar alguma renda para a prefeitura, eles estão dentro e se não vai gerar, eles não se atentam. Só que, o grande trunfo do turismo para a prefeitura é a geração de emprego. O prefeito não vai conseguir empregar todos os aliados dele dentro da prefeitura, não consegue comportar todo mundo, e o turismo vem para dividir isso aí e falar assim “olha, eu não consigo empregar essas 20 ou 30 pessoas aqui na prefeitura, mas eu consigo fazer com que eles tenham uma boa localização no turismo, então vamos investir no turismo para eles poderem ter a renda deles lá.

8 - Sobre Natividade e uma cultura de cidade turística, você acredita que o turismo em Natividade tenha aumentado?

Aumentou muito e posso te dizer até em números. O pessoal do amor perfeito me contratou para administrar a página deles, eles tinham uma página no Facebook, não tinha Instagram, eu criei o Instagram deles. Hoje eles têm uns 2.500 seguidores, mas assim, a gente faz vendas pelo Instagram, lojas viram revendedores pelo Instagram, que veem lá na propaganda. Antes não tinham essas apresentações culturais da suça e ela foi desenvolvida para esse projeto. Então, são

mais pessoas ganhando dinheiro. Tudo foi o Sebrae, esse projeto. E quando eu falo nós, é o Sebrae, a comunidade, são os comitês. Porque em cada cidade foi criado um comitê de turismo e aí nós trabalhávamos todos juntos. Daí os consultores do Sebrae vieram e falaram que “olha, isso aqui tem potencial”. Nós fomos aprendendo e tudo que acontecia na outra cidade, nós estávamos acompanhando de perto e participando de todo o processo, tanto é que hoje, nós temos a expertise de até formatar produtos. E já são 6 anos que o projeto existe (Vida de Natividade) e a gente tá aprendendo e fazendo formações e cursos, são muitas horas de trabalho. E aí formatou o grupo da suça, Tia Benvinda, que quem coordena é a professora Verônica, muito bom o trabalho deles, que já se desdobrou para o artesanato também, além do grupo de apresentação cultural, eles também fazem artesanato. E, por exemplo, o Amor Perfeito, eles tinham uma forma de receber o turista lá, mas depois que foi formatado o produto mesmo, as agências conseguem levar lá o turista e tem uma outra recepção, agora tem o café colonial, tem tudo o que o turista pode fazer, o que não pode, tem toda uma formatação. O ourives também, sempre recebeu visita, mas hoje eles foram capacitados para receber o turista e como fazer, tem toda essa questão. As cachoeiras do Paraíso, lá em Natividade também, ela era balneário e depois do advento desse projeto, o Juvenal ele mudou demais o atrativo, ele cercou e agora tem estacionamento, ele ganha com o estacionamento, ele ganha com a entrada, ele tem todas as regras do que pode ser feito e do que não pode ser feito, pois antes era muito livre, causando até degradação ambiental. Todos os turistas que entram lá, são assegurados, a gente usa o seguro para atividades de aventura, o seguro ecotrip e aí tem a lei do voucher que implementada no município. Embora a cidade já fosse turística e já tivesse essa pegada do turismo religioso, o ecoturismo e o turismo histórico ele foi fortalecido através de uma outra visão, que é específica para esse tipo de turismo.

9 – Você acredita que a partir desses projetos, a Assegtur ela se tornou necessária para poder ajudar nesse processo de desenvolvimento? Se tornando um processo natural, em que foi se criando a necessidade de ter a associação?

A gente começou com comitês, quando o Sebrae começou os projetos, ele criou comitês de turismo em cada cidade. Esses comitês evoluíram para conselho municipal e aí nós viramos Conselho Municipal de Turismo e daí, desses conselhos, é que surgiu a Assegtur. Então, foi uma coisa realmente muito bem embasada, foi algo que foi crescendo com alicerce muito bom, e diante dessas pessoas que já fazem parte desse processo nesses 5 a 6 anos, é que a gente criou a associação porque a gente já viu a necessidade de a gente já não tava mais conseguindo a visibilidade que a gente precisava, conseguindo o apoio que a gente precisava. E, antes, no começo, o Sebrae falava muito por nós, até porque nós não tínhamos muita experiência e não tínhamos essa unidade com as outras cidades. E aí com o crescimento do projeto, a gente já foi fazendo amizade com as outras cidades, vendo como acontecia, copiando modelos e vendo “olha aqui tá dando certo nisso e aqui não tá, vamos mudar isso” e fazendo dessa forma. E foi uma coisa muito natural, tanto é que nós estamos crescendo a passos largos porque muitas associações que existem há muito tempo não conseguiram conquistar o conhecimento que nós já temos hoje e fazer umas ações que já fizemos.

10 – Sobre as festas religiosas de Natividade. Você conhece a Festa do Divino e a Romaria? Qual a sua experiência?

Olha, ali é algo surreal. Fecha a cidade. Eu cheguei a dar umas aulas em umas oficinas um projeto de educação ambiental lá, e no mês de agosto ou setembro, fecha tudo. Você não tem direito de fazer nada, a escola fecha porque vai hospedar os policiais, hospedar as pessoas que vão para a festa e aí, as pessoas ficam esperando o ano inteiro para poder vender sua mercadoria durante a festa e fazer dinheiro. É um momento em que as famílias que moram longe, vem pra casa, movimentam tudo, mexe as estruturas, a cidade vive e respira isso. É diferente do turismo que a gente tá fomentando, esse turismo já existia, já é consolidado, já é conhecido, mas não é que o

turista, o nosso ecoturista ele não vem para passar o dia inteiro ali, ele não vem. Ele vem para água, ele quer tomar banho durante o dia, e a noite, se tiver tendo a festa, ele participa e tira foto e vai achar bom, e vai comprar sua bebida para levar para casa e só. Mas o turismo religioso, não só lá, mas em outras cidades também como aqui em Dianópolis, também tem duas festas muito importantes e grandes, em Taguatinga tem as Cavalhadas também que é muito importante, em Arraias também uma festa que eu não me recordo no momento, mas é isso, é um negócio sensacional, que pode ter mais visibilidade, por exemplo lá na cidade de Goiás, que tem o festival de cinema e vai gente do mundo inteiro, nacional e internacional. E porque não a gente explorar alguma coisa dessa forma aqui? Potencial a gente tem. A beleza de Natividade é indiscutível, a cidade a noite é charmosa, dá vontade de abraçar, a cidade é muito linda e a gente tem muita coisa para desenvolver ainda nas Serras Gerais. Nós já temos muita riqueza, temos que valorizar e temos que ter essa visibilidade junto ao governo, que é de onde as coisas vem, de onde acontece.

11 - Você acredita que natalidade possa ser um destino mais efetivo para o turismo religioso? As pessoas já vão para Natividade, algo que possa ser trabalhado para fomentar o turismo religioso?

Hoje, claro que o potencial existe e é gigantesco e sim, podemos fazer isso, mas nós precisamos de mais investimentos, precisamos de mais hotéis, mais banheiros, precisamos de estrutura e capacitação para as pessoas. Porque fomentando a demanda, os restaurantes não vão dar conta, quando você trabalha com o turista, não pode ser de qualquer forma, ainda mais agora depois da pandemia, o padrão de higiene, de qualidade, ele aumentou muito. Então, não tem condições de você gerar uma demanda, se você não tem como receber. Aqui para o ecoturismo a gente vai começando aos poucos e nós usamos muita hospedagem alternativa, por exemplo, não sei se você já ouviu falar do Seo Davi em Almas, o vale dos pássaros, ele fez para o turismo um alojamento de madeira, bem rústico, com o chão de piso batido, mas as pessoas fazem questão de se hospedar lá. É o perfil do turista. Tem ecoturista que vem que ele gosta de ficar no mato, mas a noite ele quer ficar no ar-condicionado, daí não hospeda lá, a gente hospeda em outro lugar. O ecoturismo ele não anda de ônibus, não é uma caravana que vem, são grupos pequenos, de 4 a 8 pessoas. É muito difícil ter um grupo de 16 pessoas e aí a gente consegue comportar isso. Daí um turismo religioso, que vem caravana, é complicado, a gente precisa de estrutura, a gente precisa de suporte, do estado, da prefeitura, de convênios, para poder fazer acontecer. É lógico que Trindade não começou daquele jeito, mas na hora que eles decidiram mudar, porque estava indo muita gente foi melhorando. Só que Natividade já tem uma tradição, já fica cheia por si só, para poder aumentar a demanda, tem que melhorar a infraestrutura. Porque senão a pessoa vem uma vez e diz nunca mais eu volto. E ao invés de promover o destino, vai é queimar o destino.

O turista precisa de uma farmácia, de ir no mercadinho, de internet. O turista movimenta tudo.

12 – Você acredita que pode haver um incentivo do turismo religioso no ecoturismo e vice-versa? Ou são perfis diferentes?

Tem como. Se vem uma família grande, vem a avó, a tia e vem os sobrinhos, esses vão querer água. Se eles souberem que tem alguém descendo de caiaque, ou fazendo um rapel ou tem uma cachoeira ali. A mãe vai ali rezar um terço e eles vão para esse passeio. Por exemplo, a minha agência nós vamos colocar os pacotes associados, quem vier em agosto, tem um plus de dormir uma noite em Taguatinga porque tem as Cavalhadas e aí, ele vai para o atrativo durante o dia e a noite vai para as Cavalhadas, vai ser um show. Tem como associar sim, e por mais que a pessoa não seja daquela religião, é muito bonito de tirar foto, de ver, de participar e tem como fazer essa associação sim, com certeza. Por exemplo, o festival gastronômico de Taquarussu, a pessoa já vai embora, ela vem para as Serras Gerais e na última noite nos vamos dormir em Taquarussu que tá tendo o festival gastronômico e depois você pega seu voo. É tudo questão de associar, abrir as agendas, tudo é negócio. E tudo que pra gente é comum, para eles não é. Então, eu recebi

umas pessoas de Palmas aqui, colegas mesmo de trabalho e disse que a janta seria um sirigado, e eles falaram “uai, o que é sirigado?”. Para o turista tudo é novidade, tudo é novidade, ele quer ver cada semente, cada árvore, ele quer ver cada pôr do sol alaranjado que a gente tem por aqui aos montes, ele quer conversar com a população local, que fala errado, que fala as gírias locais. O mesmo susto que eu tive quando cheguei aqui, da pessoa chamar o outro de murcho, e eu pensava que era porque a pessoa não tinha dente e ficava com a boca murcha, coisa assim.

13 - Como você faz uma última análise do turismo nas Serras Gerais, do turismo religioso e em Natividade, principalmente?

Serras Gerais tem um potencial incrível e Natividade é a cereja do bolo em relação ao turismo histórico e cultural, e religioso também, nós temos todos os atrativos naturais lindos, mas essa associação com o que Natividade tem a oferecer, torna mais único ainda o nosso destino. É um resgate cultural, é a história se perpetuando, e o valor disso, igual a propaganda do cartão de crédito, isso não tem valor, não tem como mensurar e deve ser fomentado, pode ser fomentado, e tem várias formas de enaltecer esse município e essa região que é tao carente e que precisa realmente desse desenvolvimento. Falta um olhar apurado para cá, porque vontade e ideias a gente já tem, só falta realmente incentivo do estado, nós precisamos, nós queremos e nós podemos. Divulgar, botar dinheiro, chamar os empresários, dar incentivo para industrias que querem botar aqui perto, como uma fazer uma fábrica de polpa de frutas, nós temos potencial, temos como gerar renda. E, essa geração de renda e o olhar do empresário pra cá, imagina você ter um projeto, o Estado apresenta um projeto e diz “leva sua rede de hotel para lá” , isso ajuda demais, e tem articulações que saem da nossa alçada, tem que ser realmente o governo. A prefeitura abraçar, o estado abraçar e os empresários que estão aí lutando para sobreviver, principalmente depois dessa pandemia, é uma coisa que a gente vai precisar mais que nunca.

Apêndice L – Entrevista XI

Entrevista XI

Nome: Verônica Tavares de Albuquerque

Idade: 40 anos

Natural: Nazaré da Mata - Pernambuco

Cargo: Professora da rede básica de Ensino Fundamental II, presidente do COMTUR e coordenadora do projeto Grupo de Suça - Tia Benvinda

Entrevista: 30 de março de 2021.

1 - Nome completo, idade, onde nasceu e atuação profissional?

Veronica Tavares de Albuquerque, 40 anos, sou natural de Nazaré da Mata – Pernambuco e professora da rede básica de ensino fundamental 2 na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima Opelicano em Natividade.

2 - Qual o objetivo do grupo?

Disseminar a cultura da suça para que mais pessoas conheçam e também para que as futuras gerações valorizem a sua identidade, o seu pertencimento, a identidade cultural deles. Então surgiu com essa necessidade, ele é formado por crianças e adolescentes aonde os que vão aprendendo, vão repassando para os que vão chegando, e há aquela interação e troca de conhecimento o tempo inteiro entre as crianças e os adolescentes. E, é isso. A princípio a ideia era justamente fazer com que eles se encantassem, se apaixonassem cada vez mais pela sua cultura, reconhecesse a suça como sua identidade cultural porque são as crianças que vão levar a frente, porque é uma cultura de quase 300 anos, né? Eles tinham que ter essa paixão e não é simplesmente dançar a suça, é saber porque que se dança a suça. O objetivo principal dessa formação é fazer com que as crianças saibam porque é que elas dançam a suça e é bem interessante esse reconhecimento.

Logo que o grupo foi criado lá em 2017, e a princípio, antes do grupo de suça Tia Benvinda existir, já existia um grupo de suça dentro da escola onde eu trabalhava, através das aulas de história e geografia que eu dava logo que eu cheguei aqui no Tocantins, um aluno me provocou me perguntando se eu conhecia sobre a suça e eu fiquei interessada porque eu sou da terra do maracatu rural e lá em Pernambuco. Eu sou do frevo e do maracatu, nunca tinha ouvido falar da suça, e esse menino me perguntou se eu conhecia sobre a suça, em uma das tantas aulas de história e geografia que eu estava dando aqui e o conteúdo era a história de Natividade. E assim, em Natividade a história é muito extensa, tem muita cultura, são os catireiros, os foliões, a suça enfim é muita cultura. Eu fiquei interessada em conhecer sobre isso e assim eu fiz a metodologia da sala de aula invertida, com que os alunos trouxessem para a sala de aula o que eles conheciam sobre a suça.

Nesse sentido, eu percebi que muitos na sala já tinham ouvido falar da suça, mas não conhecia e não sabia falar direito o que era suça. Pouquíssimos alunos sabiam e a gente fez um trabalho em cima disso. Esse menino que me instigou sobre a suça, ele é neto de uma grande mestra da suça, a Felizberta Pereira da Silva, e foi através dele que eu comecei a conhecer a suça e me encantei.

3 - Como vocês lidam com as apresentações para grupos de turistas?

Como lá na escola é só até o 9 ano, surgiu o interesse de se criar o grupo de suça Tia Benvinda, tanto para abranger mais crianças fora da escola, como também para envolver no turismo, a representante do COMTUR, que era a Cirene e também o Sebrae, nos convidou a fazer parte do atrativo turístico Vida de Natividade, que é o turismo de experiência. E é nesse turismo de experiência que a gente faz com que as pessoas que chegam na nossa cidade, vivam a cultura da suça, tem uma explanação nas ruínas da igreja N. S. Rosário dos Pretos e uma imersão das

peças nessa cultura da suça. Eles aprendem os instrumentos, eles se envolvem nos instrumentos da suça, eles colocam o chapéu, fazem o batuque, dançam a suça e a gente faz aquela interação entre a comunidade local e as pessoas que vem de fora.

4 - O grupo recebia algum valor ou incentivo nessas apresentações?

Nós somos contratados pelas agências de turismo da cidade para fazer as apresentações para os turistas, até porque aqui rege a lei do voucher único e a gente só pode ir se apresentar para turistas através de agenciamento. A gente é agenciado pelas agências da cidade e tem um valor que a gente recebe quando se apresenta, ainda é um valor pequeno, mas tem sim.

5 - Como você avalia o turismo em Natividade?

Avalio o turismo de Natividade excelente. Em Natividade, o turismo, os atrativos estão prontos para receber, infelizmente por causa da pandemia não tem conseguido desenvolver, mas para você ter ideia, esse turismo de experiência é uma coisa muito linda, é uma imersão, é a pessoa chegar e sentir a vida do povo simples daqui, conhecer a culinária, conhecer a cultura, colocar a mão na massa mesmo, sabe? Você vai ali no amor perfeito da Tia Naninha e você pega a massa e molda o biscoito, coloca no forno artesanal e em seguida você experimenta o que você mesmo fez, é viver para sentir na pele a experiência daquilo ali. Você vem para uma roda de capoeira, e vai lá fazer o gingado, da forma mais simples possível, mas você faz o gingado, você dança uma suça, você roda uma saia, você faz um batuque. Então é algo assim muito charmoso, uma coisa que chama, além do ecoturismo que aqui também tem, temos trilhas para chegar até as ruínas, temos cachoeiras, enfim é muita coisa que tem, que eu avalio o turismo de Natividade como excelente, tanto para a prática de estudos de história de arquitetura colonial, né? Natividade ela é tombada, é a cidade que tem no seu centro histórico quase 250 casas tombadas, com quase 300 anos, Natividade não tem 300 anos, mas beira os 300. Que os seus moradores cultivaram e preservaram ali e vem pessoas de fora para conhecer essa estrutura colonial maravilhosa. Os seus festejos então, nossa, se fosse falar passaria uma eternidade falando.

6 - Como estava o fluxo de turismo em Natividade (antes da pandemia) e as apresentações do grupo?

O turismo é algo que não se faz sozinho, turismo é algo que se faz com união, com todo mundo junto. E infelizmente, a gente estava passando por um período que não estava tendo o apoio dos órgãos públicos e se os governos não ajudam no processo, o setor privado sozinho ele segue, mas é mais lento. E era o que estava acontecendo aqui. O setor privado dessa área turística estava desenvolvendo as atividades, mas de forma mais lenta por ter esse atraso da união com os órgãos públicos e isso faz muita falta quando não tem essa ligação e união entre ambos. Assim, teve um tempo que estava bem melhor e deu uma decaída no ano de 2019, caiu bastante as apresentações do grupo, mas eu acredito que tende a melhorar depois dessa pandemia.

7 - A questão do turismo em Natividade foi trabalhada com vocês por algum órgão, como o Sebrae, Prefeitura ou Governo do Estado?

O Sebrae sempre esteve com a gente, mesmo nesses últimos anos que a prefeitura não fez a parceria com o Sebrae, mas o Sebrae sempre esteve ali com a gente presente. O COMTUR de Natividade sempre esteve presente.

8 - Em Natividade tem a lei do voucher único. Qual sua opinião sobre ele?

Pra mim o voucher único ele veio para somar, para dar oportunidade para as pessoas capacitadas na cidade, para valorizar as pessoas que buscam e precisam de oportunidade na cidade. A lei do voucher único não exclui ninguém de fora, mas ela valoriza as pessoas da cidade, o guia de turismo ele pode vir de fora, mas ele chega na cidade e precisa ter e contratar também o condutor local, que é estudado e capacitado, que teve formações para falar com propriedade sobre a cidade. As agências de turismo também são capacitadas, então é toda uma cadeia, eu acho muito importante isso, além de ter o seguro de vida para os turistas, além de ter o imposto arrecadado para a prefeitura que vai fazer a manutenção dos atrativos turísticos e tudo isso tá ali ó, pra somar,

né? Precisa se ter uma divulgação melhor da lei do voucher único, precisa ter uma explanação e um entendimento melhor sobre ela, para que ela de fato seja vista por tantas outras de fora como algo positivo. Tanto é que Natividade, foi uma das primeiras cidades a implantar o voucher único no estado do Tocantins e hoje já temos outras cidades implantando isso aqui, principalmente aqui nas Serras Gerais, eu já estou sabendo que tem outras cidades que também estão colocando o voucher único. E, em vários lugares do Brasil que tem essa lei, o turismo só cresceu, só favoreceu, só enriqueceu a cidade e a região.

9 - Na sua visão, quais as principais dificuldades da área do turismo na cidade?

Mais investimento público, divulgação, porque turismo é divulgação, divulgação aonde? Nos órgãos públicos, a nível de estado, a nível de prefeitura, a nível de ministério do Turismo tem que ter muita divulgação. Também eu sinto que precisa de muita capacitação e de informação para que as pessoas da cidade entendam que elas se capacitarem, se elas tiverem o interesse em conhecer mais e de se formar na área, elas vão lucrar com isso. Eu acho que é um conjunto.

10 - Você acredita na potencialidade do turismo religioso, se houvesse investimentos?

Aqui já é uma potência do turismo religioso, Natividade é exemplo no estado inteiro no turismo religioso, o maior festejo do Divino Espírito Santo está em Natividade, a maior Romaria do estado é a Romaria do Senhor do Bonfim está em Natividade. São festejos que atraem turistas de todos os lugares, é uma festa maravilhosa, que precisa de investimento. O povo faz a festa do Divino Espírito Santo é a coisa mais linda que eu nunca tinha visto na minha vida, mas precisa sim de investimento e de divulgação, e mais uma vez eu falo de divulgação porque é algo primordial, se tivesse mais investimento seria show!

11 - No dia a dia da cidade, quando as festas do Divino e a Romaria acontecem, você acredita que as festas influenciam o fluxo de pessoas que visitam a cidade?

Com certeza, a cidade lota. Os espaços da hotelaria ficam lotados e não tem espaço para mais ninguém. É algo muito intenso mesmo, o fluxo de pessoas consideravelmente aumenta e traz renda para a cidade toda.

21 - O que pensa que deveria mudar para que Natividade se tornasse de fato um destino turístico mais procurado?

Eu sinceramente eu não sei, estou em Natividade há quase 12 anos, e eu não sei porque que até hoje Natividade não se tornou um destino mais procurado, como exemplo de Pirenópolis, Goiás, porque Natividade é a cidade mais antiga do Tocantins, Natividade respira história e cultura colonial e tudo que você possa imaginar do Brasil colonial que precisa ser estudado, aqui tem para ser estudado, além disso ainda temos um outro público que podemos alcançar que é do ecoturismo que é uma tendência que pegou bastante nos últimos anos e além do mais o turismo de experiência. Na minha visão, o que é que falta? Falta, sinceramente, investimento político para que Natividade a capital de fato, do turismo religioso, da história do Tocantins, porque ela já é, só falta essa visibilidade.

13- E, por fim, você percebeu alguma mudança na cidade e nas festas em si desde quando começou a atuar nesse projeto da Suça?

Eu vejo um crescimento eficiente do turismo aqui na cidade, quando eu cheguei aqui aquele centro histórico sempre foi muito lindo, mas ele era pouco utilizado, hoje você chega naquele centro e você tem opções da culinária nativitana para você está participando, tem o aconchego dos espaços dos casarões, hoje você consegue entrar em um casarão e consegue conhecer a estrutura e fazer uma boa refeição nesses lugares. Então, começou a ser bastante utilizado esses espaços históricos para receber a população que vem de fora, as festas cada vez mais encantadoras e sim, eu não conhecia nada do tipo e pra mim a cada ano se renova e fica mais bonito, mais glamoroso, eu não sei me expressar em palavras a beleza que é esses festejos. Sou muito suspeita para falar sobre isso.

Apêndice M – Entrevista XII

Entrevista XI

Nome: Alessandra Bacelar

Idade: não informada

Cargo: Jornalista e servidora pública estadual

Data: 15 de agosto de 2020

1 - Essas fotos foram na missa das 10h? Você pode me dizer o que viu no Bonfim neste ano?

Das 8h. Esse ano fiquei com vergonha de tirar foto, porque o povo tava me encarando. Acho que todos estavam ali meio que escondidos. A igreja estava com 179 pessoas e o restante do lado de fora espalhado na praça. A Polícia Militar filmou e vi o pessoal filmando a movimentação. A TV Anhanguera estava lá. Teve gente que chegou de avião e pousaram bem próximo. Vi carro de várias cidades e de outros estados. Só vi uma casa vendendo fitinhas, não tinha ambulantes e um senhor e o neto estavam distribuindo água. Pessoas de todas as idades.

2 - Onde se hospedaram?

Ficamos no Hotel Veredas. Ano passado nós fomos exatamente como esse ano. Na sexta, véspera da missa de despedida do Romeiro. Ano passado e esse ano conseguimos vaga.

3 - Geralmente do dia 14 para 15 tá cheio.

Achei igual ao ano passado pelos carros estacionados no pátio do hotel. Ano passado e esse ano, liguei na quinta marcando pra sexta. Mas, pode ser pelo preço né? Diária de 140 reais.

4 - Quem caminhou?

Meu Marido que paga promessa, terceiro ano dele. Sandro sai sempre 3h30m, da madrugada. A gente fica no hotel e por volta das 7 saímos. Ela (filha Luíza) pede pra ir andando. Mas, eu acho perigoso esse horário, no escuro. Ano passado tinha queimada, esse ano graças a Deus não!

5 - Mas lá então foi tranquilo com relação a movimentação de gente?

Sim. Tinha gente, mas longe de ser como em tempos normais. A praça da igreja era onde estavam as pessoas, mas não estava lotada. Longe de estar lotada, mas tinha gente.

6 - E queria te perguntar uma coisa: o mais te chamou/chama até no Bonfim?

O que chama a atenção sempre é a fé das pessoas, aquela devoção que faz com que você enfrente aquela caminhada, seja de madrugada, de noite, durante o dia, no sol quente e tudo, que leva as pessoas até ali. Elas vão chegar ali e vão participar de uma missa, muitas pessoas nem tem a missa porque vão em outros dias também. Também tem aquela sensação que cumpriu seu trajeto, fo lá e fez suas orações, acho que isso sempre vai chamar a atenção: a emoção, a devoção das pessoas.

Eu fiz a caminhada durante dois anos seguidos e agora eu acompanho há dois anos o meu marido na caminhada e um das vezes que eu fui, quando trabalhava no Jornal do Tocantins, fiz uma matéria relatando o que eu senti e passei naquela caminhada dos 24km.

7 - E você acredita que Natividade possua potencial para o turismo religioso?

A minha referência sempre será, porque de lá é minha origem, vai para a Romaria de Bom Jesus da Lapa na Bahia, a cidade vive em torno do turismo religioso também, de fato. Acredito que sim, que tem esse potencial, mas tem que se fazer todo um trabalho mesmo na cidade, em todo o processo, porque quando você se coloca como uma cidade que potencialmente vá receber turistas, todos têm que estar preparados para isso. E isso é uma grande deficiência que aqui no Tocantins ainda existe, as coisas ocorrem e vão se desenvolvendo sem nenhum processo de estruturação. Então, carece desse olhar mais apurado e o investimento no turismo para que ele ocorra. Esse investimento bem grande nas pessoas, em todo o segmento que cerca essa religiosidade das pessoas.

Apêndice N – Entrevista XIII

Entrevista XII

Nome: Carmenizia Cardoso da Silva

Idade: Não informada

Cargo: Guia local

Natural: Natividade - TO

1. Nome completo, idade, onde nasceu e atuação profissional?

Carmenizia Cardoso da Silva, Nativitana e Guia local.

2. Como você avalia o turismo em Natividade?

Em crescimento falta muito incentivo do poder público.

3. Como era o fluxo de turismo em Natividade (antes da pandemia)?

Regular, fim de ano com um fluxo mais intenso.

4. Quais os roteiros e locais mais procurados pelos visitantes? Qual o valor médio dos passeios por pessoa?

Tour histórico e cultural, Cachoeiras do paraíso e a Dona Romana, geralmente trabalho com diárias 150 a diária.

5. A questão do turismo em Natividade foi trabalhada com os guias e agências locais por algum órgão, como o Sebrae, Prefeitura ou Governo do Estado?

O Sebrae é o maior parceiro se a prefeitura ou outro órgão participou de maneira efetiva eu não soube

6. Em Natividade tem a lei do voucher único. Qual sua opinião sobre ele?

Sim. Ela é essencial para a atividade ser exercida com sustentabilidade e geração de renda.

7. Quais as principais dificuldades da área do turismo na cidade?

Falta de apoio das gestões públicas. Não sei como será agora com o novo gestor.

8. Você acredita na potencialidade do turismo religioso, se houvesse investimentos, acredita que que poderia crescer?

Sim. Sem sombra de dúvida ainda mais com as pessoas da terceira idade que passaram a viajar bastante

9. No dia a dia da cidade, quando as festas do Divino e a Romaria acontecem, você acredita que elas influenciam o fluxo de pessoas que visitam a cidade?

Com certeza no fluxo de pessoas e também no fluxo de dinheiro

10. Você como empresário do turismo e no setor de serviços, o que pensa que deveria mudar para que Natividade se tornasse de fato um destino turístico mais procurado?

Temos uma boa estrutura em hospedagem e alimentação, precisamos de apoio do poder público e capacitação de mais profissionais da área.

11. E, por fim, você percebeu alguma mudança na cidade e nas festas em si desde quando começou a atuar no mercado do turismo?

Sim é o conhecer para pertencer e valorizar. Como eu sou nativitana, nasci e criei em Natividade, passei muito tempo fora e depois eu voltei para Natividade, e que comecei a trabalhar com o turismo, que de fato eu percebi que a importância que essas festas têm para a cultura e para a história de Natividade. Eu passei a conhecer melhor o que é uma folia, como que se organiza uma folia, qual que é o propósito que se faz a evangelização pelos sertões, vi o engajamento da população que trabalha de maneira voluntária para que o festejo aconteça. Então assim, conhecer para se pertencer e para valorizar de fato a cultura que nós temos. E o turismo religioso é sim um grande potencial.

O Santuário do Senhor do Bonfim, independente de época do festejo é um local muito bacana para visitação, as pessoas gostam de visitar, e principalmente esse público da terceira idade que passou a viajar. Então,   de fato um grande potencial.

12. Você pensa em fazer curso voltado para a área do Turismo?

Meu sonho estudar na UFT. Na verdade, eu não penso em fazer o curso de turismo, e que quero fazer Pedagogia, e já comecei duas vezes. Infelizmente eu são tentava nas particulares porque pra mim precisa ser um estudo EAD devido eu não ter como sair de Natividade, eu tenho dois filhos adolescentes, aqui eu tenho casa, então eu tenho uma estrutura, apesar de t  muito difícil, mas aqui tem uma estrutura. E aqui toda eleição municipal que tem é a mesma promessa, que vai trazer algo, inclusive nós já tivemos ao ponto de ter um polo da UFT, e esse polo que hoje está em Dianópolis, era para estar aqui em Natividade, mas infelizmente não veio. Pois o problema é sair daqui. Assim que a situação melhorar vou voltar pra ead.

13. E como você v  Natividade hoje?

Eu vejo Natividade como uma cidade ainda bastante oligarquista e carancuda, os filhos dos ricos quando terminam o fundamental ou metade do Médio já vão embora, já tem oportunidade de sair, de estudar. Agora, de uns 10 a 15 anos para cá, a gente observa que já tem voltado muita gente e nós já temos serviç os que antes não tínhamos, como especialista em odontologia, fisioterapeuta, várias áreas que nós não tínhamos e hoje nós temos, essa questão de serviç o, aquilo e aquilo outro. São que para população de baixa renda, ainda existe esse obstáculo, porque as pessoas que não tem condições, não tem como mandar seus filhos para fora para estudar. Hoje, eu me vejo nessa situação com uma filha de 15 anos dentro de casa e eu ainda não consegui fazer um curso superior e daqui cinco anos ela vai precisar ingressar no curso superior. Então a gente fica com todas essas questões. Hoje aqui nós temos um polo do IFTO, desde o ano passado já vinha acontecendo os cursos, mas agora vai ter esse polo para fazer EAD também.

Sempre quando há as campanhas eleitorais, eles pontuam coisas, por exemplo, nós temos aqui cursos profissionalizantes, mas temos técnico em agropecuária, inclusive eu fiz técnico em agropecuária e pensei: “poxa, é a oportunidade que eu tenho”, e técnico em agronegócios, são que é no IFTO. E no Colégio Agropecuário tem técnico em agropecuária e três ou quatro cursos que não me engano, mas veja, se você se forma em técnico em agropecuária,   necessário principalmente sair daqui da região, e tem muita gente que já conseguiu sim se estabilizar,   profissionalmente e financeiramente, fazendo esses cursos, mas saindo de Natividade.

E, a gente vê se certa forma a cidade evoluindo, mas eu percebo que ela vem evoluindo não pelo investimento dos gestores, percebo que ela evolui pelo espírito empreendedor que o nativitano tem, sabe?. A maioria das pessoas que eu vejo que se deram bem aqui, foram pessoas que conseguiram abrir um negócio e conseguiram prosperar. A gente tem muito desse espírito empreendedor em Natividade, você anda nas casas, antigamente a maioria das mulheres de baixa renda, elas sempre iam trabalhar de empregada doméstica, e hoje em dia não, a gente tem visto esse quadro mudar. Existem pessoas que dizem que é por causa de Bolsa Família ou isso aqui, mas não é, existem muitas pessoas que são empreendedoras. Tem muita mulher que tá fazendo salgado, fazendo doce, fazendo bolo, t  vendendo lingerie, que faz uma unha, que faz uma sobancelha, que faz um monte de coisa. Então assim, isso melhora a situação da pessoa tanto econômica como social. Sem falar que, essa mulher que consegue despertar esse espírito empreendedor, ela acaba tendo mais tempo para sua família, mais tempo para os filhos, melhora a vida como um todo.

Apêndice O – Entrevista XIV

Entrevista XIV

Nome: Ailton de Paiva Moreira (Darlei Paiva)

Idade: 36 anos

Natural: Natividade/TO

Entrevista: 25 de junho de 2020

1 - Nome completo, idade, cidade de origem, cidade em que mora, vínculo com a festa do Divino em 2020 e quais vínculos já teve em outras edições da festa? Ailton de Paiva Moreira, mais conhecido popularmente com Darlei, é um nome artístico, um apelido. Tenho 36 anos de idade, completo 37 anos no dia 25 de agosto. Sou natural de Natividade, Tocantins, nascido e criado aqui em Natividade, e morei praticamente todo esse tempo aqui. Tive uma infância na fazenda, aqui no município, mas toda minha vida, toda minha história é voltada realmente para Natividade. Então, eu cresci nessas ruas de Natividade, nessas ruas históricas, ruas tortuosas, nesses becos, nesses casarões e faço parte dessa histórica cidade. Atualmente moro em Palmas porque estou cursando Jornalismo na UFT, to no segundo período, e fui para Palmas em agosto de 2019. Trabalho no Banco da Amazônia, trabalhava na agência daqui de Natividade desde 2006 até agosto de 2019, transferido também pelo Banco da Amazônia, onde hoje trabalho na Central de Crédito do banco. Atualmente, esses últimos meses eu estou em Natividade trabalhando na agência de Natividade, prestando serviço para Palmas. Participo da festa do Divino desde criança, foi despertando em mim desde criança o interesse pelas folias, pelas festas, porque sou de família tradicional, meus avós, meus tios, meus pais, sempre participaram. Eu tenho tios que foram foliões, tenho primos que são foliões. Então, desde criança eu já despertei esse interesse de ser folião, de participar das folias e de participar da Festa do Divino. Em 1996 eu já participava de Folias de Reis na região, e na época com 12 ou 13 anos de idade, já participando das folias de Reis. E depois veio a participação nas folias do Divino e diretamente, desde essa época, já participava como ajudante nos pousos, nas folias que eu ia assistir, ficava todo empolgado, aquela criança que tinha nos olhos o brilho, realmente uma paixão pelo Divino Espírito Santo. Eu amo muito o Divino, pra mim é um espetáculo a festa religiosa em louvor ao Divino Espírito Santo. A partir de 2001, eu comecei a participar do Giro de 40 dias das folias, como folião, que canta realmente, que compõem, que canta e que vai para o sertão, amontado nos animais. Então, a partir de 2001, chegando ali nos 18 anos, eu comecei a participar e ir realmente para o Giro, como folião do Divino. E, em 2009, um dos meus cunhados foi Imperador, então dessa sequência, foi o primeiro que eu interrompi de não tá participando do Giro porque fiquei ajudando meu cunhado na organização da festa.

No ano de 2012, para honra e glória do Espírito Santo, eu fui Capitão do Mastro da festa do Divino, coloquei meu nome da sorte em 2011 e consegui no primeiro ano ser sorteado para ser Capitão do Mastro. Interessante nesse ponto, porque eu sou apaixonado pelas folias e a festa do Capitão do Mastro, geralmente não tem muito vínculo com as folias. E a festa do Imperador é que tem mais relação com as folias porque as folias são organizadas pelos despachantes e eles oferecem as folias para o Imperador. O Capitão do Mastro é meio que uma festa paralela, uma festa acessória para a festa do império. Então ele não tem muito elo, muito vínculo com as folias. E quando em 2011 eu coloquei meu nome da sorte, pra festa, para ser festeiro, o meu sonho e a minha vontade enorme era de ser Imperador do Divino, a festa principal, que é imperador, que é coroado, por causa das folias que era minha paixão de ter as folias, de participar das folias e querer ser Imperador para receber as folias, para receber a coroação do Divino. Então, eu coloquei o nome da sorte querendo ser Imperador, e olhe bem, o sorteio de 2011 foi o único ano da história da festa do Divino que foi realizado um sorteio único, de que forma? Colocaram todos

os nomes que estavam na sorte no mesmo pote e sortearam para ser capitão e Imperador no mesmo pote, ou seja, eu poderia ter sido Imperador poderia sair para Capitão, como de fato aconteceu. A época, quando eu fiquei sabendo que iam fazer dessa forma, em reunir os nomes que estavam na sorte conversamos com os procuradores, conversamos com o padre da época, que era o padre Pedro, para voltar a maneira que era antes porque os sorteios eram separados, com um pote com as pessoas que querem ser capitão do mastro e ter outro pote com os nomes das pessoas que querem ser imperador da festa. Então, dessa forma meu nome teria ido para o pote de quem queria ser imperador. Em 2011 foi o único ano que foi realizado dessa forma, mesmo com o nome que eu fiz, que eu programei, que eu levei as outras pessoas que estavam na sorte, para participar da reunião que a gente queria separado, porque tem gente que tem mais afinidade com a festa do mastro, que é uma festa bonita também, uma festa pomposa, de cores, de brilho, toda colorida, é bonita, é linda a festa do Capitão, mas as vezes tem gente que não tem tanto vínculo com as folias e quer ser Capitão, tem outras que tem mais vínculo com as folias e quer ser Imperador, e foi esse meu argumento, e a gente falou, mas daí ficou definido da seguinte forma, o padre falou: “bom, a gente já anunciou que seria dessa forma para a comunidade, então a gente vai continuar dessa forma, só esse ano, e nos anos seguintes a gente volta para a maneira que era antes, vamos separar os potes, nos anos seguintes”. E justamente nesse ano que eu fui sorteado, e no dia da missa, quando termina a missa do Divino, lê-se a sorte. Foi feita a leitura da sorte no dia 12 de junho de 2011, feita a leitura da sorte e o meu nome foi o quarto nome sorteado da lista, e sorteado para Capitão do Mastro. Mas, eu me apaixonei pela festa do Mastro, eu fui um Capitão do Mastro que participei muito das folias, como era de se esperar, porque eu sou folião, eu gosto e participo. Então eu participei muito das folias e gosto e fiz uma festa do Mastro que foi maravilhosa, Graças a Deus. A comunidade abraçou a nossa festa, o povo nativitano envolveu muito com a festa e o nativitano ajuda muito a festa do Divino, e da nossa festa, graças a Deus, eu tive muito esse apoio popular, os sertanejos vieram, as pessoas da cidade abraçaram a nossa festa e a minha mãe, Neuzina Viana, foi Rainha do Mastro, já idosa. Ela hoje tem 82 anos, na época, há oito anos atrás ela estava aí com seus 74 anos. Ela foi a Rainha do Mastro da nossa festa e foi uma festa maravilhosa, graças a Deus, foi linda e muita gente participou realmente, foi uma festa colorida, uma festa com muita gente! Graças a Deus, foi uma grande realização na minha vida, foi uma das melhores coisas que já aconteceu na minha vida, foi eu ter sido Capitão do Mastro, do Divino Espírito Santo, no dia 26 de maio de 2012. Uma grande realização. E a partir daí, nos anos seguintes, continuei participando, em 2013 fui folião, em 2014 eu fui Alferes da bandeira do Divino Espírito Santo aqui em Natividade pela primeira vez, eu já tinha sido Alferes da bandeira da Chapada da Natividade, mas aqui em Natividade em 2014 foi a primeira vez que eu fui Alferes.

E, voltando um pouquinho, em 2012 eu fui Capitão do Mastro e eu 2013, eu assumi a função de Procurador da Sorte. Foi alterado os procurados que estavam e eu fui convocado para essa função. Os Procuradores da Sorte são dois, duas pessoas da comunidade, dois devotos do Divino e são nomeados pelo pároco da cidade nomeia os procuradores, não tem tempo determinado para essa nomeação, é por tempo indeterminado, e pode ser trocado quando as pessoas desejarem ou quando o pároco também desejar, também pode convocar uma reunião e fazer essa troca. E, em 2013, eu fui convocado para ser Procurador da Sorte, que para mim é uma grande honra, é um dos títulos que eu tenho muito amor e muito carinho de exercer. O Procurador da Sorte é o que? É a pessoa responsável pela organização do sorteio. Então, são dois procuradores e atualmente sou eu e o Luciano Pereira, eu estou desde 2013 e o Luciano desde 2014, estamos à frente do sorteio do Divino. Esses dois procuradores, eles tem a missão de visitar as pessoas da comunidade, de analisar as pessoas que tem perfil para ser festeiro, pessoas devotas, pessoas que tenham uma família instituída, se for casado que esteja no matrimônio sagrado, realizado na igreja, um matrimônio seguindo as normas da igreja, se for solteiro, uma pessoa que tenha uma

família de grande vínculo que possa estar realmente abraçando a festa, com fé e com devoção. Então, esses procuradores analisam essas pessoas dentro da comunidade, vão lá e fazem o convite para essas pessoas, e de comum acordo desses devotos, eles colocam os nomes deles no sorteio. E, no dia de Pentecostes, dia da festa do Divino, dia da festa do império, depois da Missa, os procuradores fazem o sorteio. E como eu já expliquei, o sorteio é feito separadamente: um sorteio para Capitão do Mastro, os nomes vão para o pote do Capitão, e os outros nomes para o pote de Imperador. Então, são feitos dois sorteios separadamente: um sorteio para Capitão do Mastro e outro sorteio para Imperador.

Então desde 2013 até atualmente eu sou Procurador da Sorte do festejo do Divino Espírito Santo. Em 2014, eu fui Alferes da bandeira pela primeira vez, e em 2015, outro cunhado meu foi Imperador, participei como coordenador da festa, como ajudante. Em 2017, eu fui alferes da bandeira pela segunda vez aqui em Natividade, porque aqui a gente tem três giros: o Giro dos Gerais na região de Santa Rosa e às vezes vai até Palmas, nesse Giro dos Gerais; o Giro do Outro Lado do Rio que vai para região de São Valério; e o Giro de Cima que vai para a região de Almas. Esses são os giros das folias, são três folias que saem todo ano aqui em Natividade. Em 2014, eu fui Alferes da Folia dos Outro Lado do Rio e em 2017 eu fui Alferes da Folia dos Gerais, e nesse ano de 2020, eu seria Alferes novamente, pela terceira vez aqui em Natividade e novamente, o Giro estava programado para o Outro Lado do Rio. E, chegamos a esse momento tão difícil que nós estamos vivendo no mundo inteiro, passando por essa situação da pandemia do coronavírus, do Covid-19, o mundo inteiro, assistindo e presenciando isso. E, isso infelizmente veio afetar a nossa tradição religiosa secular da nossa querida Natividade e de toda região. E outras cidades também da região festejam o Divino Espírito Santo, como Conceição, Santa Rosa, Chapada, Monte do Carmo, Paranã, São Valério, Peixe, são cidades aqui próximas da gente que também festejam o Divino Espírito Santo e que festejam outras santidades nesse intermédio de tempo. E todas essas festividades foram afetadas por causa dessa onda do coronavírus, por causa dessa infecção que está assustando o mundo inteiro e até hoje, ainda não tem nada como certo de nosso futuro, como que vai ser os nossos dias nos próximos dias, próximos meses, e só esperar em Deus, confiar em Deus mesmo, porque Deus é que é misericórdia.

2 - Como você define o sentimento que teve pela transferência da Festa do Divino para 2021? O que faltou? No dia 20 de março, já próximo da saída das folias, e no sábado santo, 11 de abril seria a reunião, em que reuniria as três folias e a missa da ressurreição e no dia 12 de abril seria a Saída das Folias. Então já estava bem perto da saída das folias, muita coisa já organizada, eu, além de Alferes da bandeira, seria Despachante. Além de folião, de Capitão do Mastro, de Procurador da Sorte, também já fui Despachante de Folia, várias vezes eu já despachei e a primeira folia que despachei aqui em Natividade, do Divino, foi em 2005. Já despachei outras vezes e fui coordenador diversas vezes. E o coordenador é aquele que está ali ajudando os despachantes e faz ali meio, para organização da folia durante o Giro. Então, eu além de despachante da bandeira eu seria Alferes, cumprindo uma promessa que minha mãe fez pra mim. Então no dia 20 de março que foi feita a reunião, foi definido que realmente seria adiada a festa do Divino para o ano que vem, mantendo os mesmos festeiros, mantendo as mesmas folias, a mesma organização. O cronograma das folias vai ser o mesmo, só vai mudar as datas porque a Páscoa é uma data variável, é uma data que muda de acordo com o calendário cristão, é a primeira lua cheia depois do equinócio. O equinócio acontece dia 20 de março, a partir do equinócio é a primeira lua cheia, o primeiro domingo de lua cheia é o dia da Páscoa. A data da Páscoa muda, não é mais como seria esse ano, 12 de abril, e é 4 de abril no ano que vem. Então, quando nessa reunião, a notícia de que mudaria, foi muito triste. E eu nem pude estar participando da reunião, porque eu estava lá em Palmas, estava no trabalho. E meio que participei online, conversei com os festeiros e realmente, foi muita emoção. Eu confesso que chorei muito lá mesmo no ambiente

de trabalho, foi muito difícil receber essa notícia porque como eu disse, é uma festa secular, a festa do Divino atravessa gerações, tantos anos e quando eu nasci eu já conhecia essa festa. Em nenhum ano, a gente ouviu que a festa deixou de acontecer por esse ou por aquele motivo. Às vezes, tantos problemas que já atravessamos na nossa vida ou crise financeira, dificuldade de saúde, tantas coisas que já passamos, mas nada fez com que a festa do Divino parasse ou fosse transferida, nem de uma data para outra. E Natividade tem muito isso de preservar essas datas, de preservar essas tradições. Em algumas outras cidades não pode sair as três folias e saem duas, sai uma, em um ano não sai folia, no outro ano já organiza para sair. Mas Natividade é muito rígida com essa cultura, o povo nativitano abraçou essa cultura, essa tradição com muito amor, com muita paixão. Então, no ano que tem alguma dificuldade para organizar uma das folias, a comunidade reúne e faz grupos, e dá um jeito, e saem as três folias. Nunca Natividade deixou de sair as três folias e de repente, através dessa pandemia, através dessa doença maldita, a gente vê a nossa cultura interrompida. Ser silenciada a festa do Divino. Isso doeu muito, doeu muito, e ainda dói, dói muito. E em mim, que tenho essa devoção, que tenho esse carinho todo especial, e tenho certeza que em cada devoto do Divino isso foi terrível. E a gente recebeu muita mensagem de fiéis, de devotos, dos foliões, das pessoas que já estavam organizando para receber os pousos no sertão, as pessoas manifestando, dando apoio para a gente e que entendiam realmente a situação que era preocupante. E realmente foi acertado não ir contra às orientações da OMS, as orientações das autoridades locais e não fazer aglomeração nesse momento, porque a vida em primeiro lugar, a saúde em lugar, então a gente recebeu muitas mensagens de apoio, mas também as pessoas mostrando o quanto estavam sentidas com isso. E foi muito difícil.

3 - Considera que a realização de alguns ritos sagrados, nos dias que seriam as festividades, foram importantes para o fortalecimento da sua fé? Você considera que mesmo que apesar do distanciamento social, as pessoas/devotos queriam estar presentes no momento de celebração? A gente viveu nesse período que aconteceria a festa, a representação simbólica, que seriam os momentos, que foi feito uma representação no domingo de Páscoa, com o toque da caixa, com as bandeiras percorrendo as ruas principais da cidade, cada uma em um carro separado, mantendo todos os cuidados. Foi feita toda essa linda simbologia. Na quinta-feira da hora, a gente organizou novamente um momento de fé, eu e mais três companheiros, organizamos um canto de altar para simbolizar a chegada das folias, fizemos o canto, foi muito lindo. E a gente sentiu a manifestação de fé das pessoas, transmitindo online para as pessoas e ao vivo, o povo acompanhando pelas redes sociais essa manifestação. E, a gente sentindo esse calor da fé do povo, o povo acompanhando de casa, mandando uma manifestação, mandando um agradecimento, mandando orações. E isso mexe com a gente que está envolvido com a festa. A gente sentir esse calor do povo, essa devoção. E no dia do domingo de Pentecostes, teve a celebração da Santa Missa, mesmo com o número menor de pessoas, evidente, com os festeiros, os alferes, e depois novamente uma procissão pelas ruas com as bandeiras nos carros abertos, cada em um carro separadamente, e a gente sentiu a devoção das pessoas, os fiéis se ajoelhando nas portas das casas, fazendo as suas continências, as suas contrições, pedindo ao Divino Espírito Santo a benção, pedindo a paz, pedindo luz para nossa comunidade. E isso foi muito importante a gente ter realizado, e a gente sentir também no povo essa chama viva, que essa chama jamais vai se apagar.

4 - Você sentiu falta da parte profana (festas e demais manifestações culturais) na festa? Com relação a parte profana da festa, são as manifestações culturais, as danças, as cantigas de catira, de suça, a gente sente falta sim, porque mesmo a gente sabendo que é o momento de manter isolamento social, mas esses momentos fazem parte da nossa cultura também e move nosso povo. A gente sentia falta, nós foliões fizemos algumas composições, algumas letras, para simbolizar também essa data, colocando também nossa fé em ação, mas simbolizando também essas festividades, essas alegrias de estarmos reunidos e com certeza, a gente sente a falta desses

momentos. O entretenimento das pessoas participando, dos encontros nos pousos, da preparação da festa que é uma grande alegria, a organização da festa: as pessoas fazendo bolo, fazendo licor, aquela arrumação, aquela presença do povo abraçando a festa do Divino, do povo fazendo a festa acontecer, porque a festa do Divino ela é do povo, ela é feita pelo povo. A participação popular é imensa e isso deixa em nós essa sensação de que foi tirado de nós algo muito especial que falta uma parte de nós, é como se tivesse ficado um vazio imenso dentro de cada um de nós nativitanos.

6 - Qual a sua expectativa para a festa de 2021? A minha expectativa tem sido boa. Tem sido de que a festa vai acontecer, com um clamor muito grande da comunidade, que o povo está com muita saudade da festa, o povo sentiu falta da festividade. Então eu sinto que o povo vai abraçar mais ainda, o povo vai aproveitar cada instante, o povo vai aproveitar cada detalhe da festa do Divino do ano que vem e dos próximos anos. Que isso não vai ser em vão, vai mudar alguma coisa, e sinto que vai ser para melhor, que as pessoas vão estar mais apaixonadas pelo sagrado, que as pessoas vão estar mais envolvidas com a festa, que as pessoas vão estar sentindo a presença do Espírito Santo ali, consagrado. Que as pessoas virão participar em maior número, porque a festa já é grande, muita gente vem, muita gente participa, mas eu tenho certeza que no ano que vem, todo mundo que é devoto, vai arrumar um jeito, independente do que estiver fazendo, de onde estiver, vai arrumar um jeito de vir participar, de vir assistir a saída das folias, de vir assistir a saída das folias, de vim participar da festa do Capitão, a festa do Imperador, de vim participar da arrumação dessa festa, dessa tradição maravilhosa que é essa festa. Então, a minha expectativa para essa festa do Divino de 2021 é que ela vai ser esplendorosa, ela vai ser maravilhosa, ela vai ser com muita união, vai ser muito testemunho, as pessoas dando testemunho de como venceu esse momento, as pessoas se envolvendo mais por amor, mais pelo sagrado, mais pela devoção. E o sentimento de que essa situação toda, embora falando assim de um modo geral, o sentimento que eu tenho, é que essa situação toda não é por acaso, e eu Deus quer algo de nós. E através desse momento que estamos atravessando, Deus tem testado o seu povo, tem testado a sua fé, testado a fé de cada um, a fé do seu povo. E, quando o povo todo reconhecer que nós estamos precisando mais nesse momento, é da misericórdia de Deus, é do amor de Deus em nós, é da conversão de nossas vidas, é de estarmos mais na presença de Deus, é de não deixar que o dinheiro, o poder e que tantas outras coisas passageiras estejam em primeiro lugar em nossa vida. Mas que Deus, o Senhor do universo, o Senhor da humanidade, esteja em primeiro lugar em nossa vida. Eu acho que isso é que a humanidade está precisando sentir: que Deus é o pai, que Deus tem o poder, que Deus tem a glória, que Deus tem a cura para todos os males, para todas as enfermidades, que Deus tem a solução para todos os problemas. E, no momento que o povo reconhecer ele, nós vamos ser libertados, nós vamos ser restaurados, vamos ser renovados no amor de Cristo, no amor do Divino Espírito Santo. É isso que Deus está permitindo, que nós passemos por essa provação para ele nos restaurar, e fazer de nós, novos cristãos, novos servos, servos confiantes, servos perseverantes.

Apêndice P – Entrevista XV

Entrevista XV

Simone Camelo de Araújo, Simone de Natividade

Natural: Natividade/TO

Formação: Economista

Entrevista: 04 de outubro de 2020

1. Gostaria que você se apresentasse e falasse um pouco da tua relação com a Asccuna.

Meu nome é Simone Camelo de Araújo, mais conhecida como Simone de Natividade, aqui é a Simone filha do seu Dário e da dona Belinha, finado professora Belinha. E eu nasci aqui mesmo em Natividade, de famílias tradicionais. Eu sou Economista, estudei em Goiânia e fiz curso de especialização no Rio de Janeiro, mas eu retornei para Natividade. Eu retornei em 1990 e eu comecei a despertar o interesse por Natividade, por sua história, pela cultura de Natividade foi antes de eu sair. Eu saí de Natividade, eu tinha completado 13 anos, e é como diz: eu saí de Natividade, mas Natividade não saiu de mim. Então, eu levei comigo... E Goiânia era uma cidade bem familiar e bem família, eu tinha vários parentes lá. Então eu senti necessidade de estar pesquisando, de está participando de coisas que se relacionava ao antigo Norte de Goiás. Então despertou isso, eu conheci nativitanos que moravam lá que eram historiadores e pesquisavam sobre Natividade e falavam muito. Então eu vivi nesse meio e despertou mais o interesse. Então assim, eu sempre falo que tem aí mais de 40 anos que eu dedico a conhecer um pouco mais a história e cultura de Natividade. Por isso, todo esse amor. Porque quando a gente conhece, mais a gente se aproxima do que é a sua raiz. Então assim, a Simone se tornou uma referência, por todo esse trabalho e para as pessoas é muito mais cômodo “procure Simone”. Eu tenho ao longo dos anos, tentado transmitir conhecimento, procurar repassar para os mais jovens.

Então, eu fiz um curso de cooperativismo e quando eu voltei, era para eu fazer a minha monografia, era em cima de uma cooperativa antiga que tinha aqui, que era nessa casarão aqui da esquina que é relacionado a história da minha família, pois esse casarão vem do meu bisavó. Então, quando eu cheguei aqui foi uma decepção muito grande, que não tinha nada, poucas pessoas sobre a cooperativa, não tinha material, tinham queimado e acabou que eu desisti até de fazer. Aí falei: “ah, não vou mais mexer com isso não.” E depois aconteceu vários fatores que eu tive que assumir negócios da família, acidente com meu irmão, aí eu assumi e deixei de lado. Mas a proposta era em cima disso. Mas esse curso me trouxe uma bagagem muito grande, de despertar um espírito comunitário. Eu trabalhava em Goiás com programas prioridades do Governo, acompanhando projetos. E aí me deu uma visão muito grande, foi na área social, uma visão muito grande a importância desses projetos na comunidade. Então eu vim, retornando para Natividade, eu estava assim, como dizer... Tinha experiência, nova e experiente, e como o desejo de realizar algo para a comunidade. Então por isso a proposta de criar uma associação. Aqui, a gente sabe que na nossa região, as pessoas tem muita restrição, não é restrição, tinha assim um receio com o cooperativismo. Não tinha o costume igual é no sul com o cooperativismo, que é bem normal, do dia a dia das pessoas, se associam tudo é associação. Eu percebi que as pessoas faziam em conjunto, várias questões, mas não queriam compartilhar ou falar que era formal. Então eu falei assim, vamos criar uma entidade, cada um fica na sua casa, a gente junta, igual vocês junta para fazer a festa, para fazer algum evento, principalmente essas festividades religiosas que era a grande preocupação e foi um momento muito importante porque o Padre Johatan tinha voltado para Natividade, no começo de 90, só que ele tinha retornado antes, em 86 se não me engano. E aí tava assim aquele começou meio que tinha organizado a parte religiosa, mas existia essa parte, que eu vejo muito, essa questão econômica. Eu sempre enxergando

planilhas e tabelas e ele não queria ter essa preocupação porque ele achava que não era legal, para não assustar as pessoas. Pra mim já tinha que colocar tudo no papel até para a organização. Então eu comecei a fazer projetos e a associação a gente criou, nós éramos umas 20, 22 pessoas. Criamos a associação, e eu vi que tinha aquela que fazia o licor, aquela que fazia isso, e então juntamos essas pessoas, a maioria ligada a mim mesmo e aí criamos a associação e fomos com ações. Quem vai ser responsável pelos doces da festa? Aí fazia um esquema com os festeiros: “Olha, aqui você fornece 20 latas, porque as pessoas vão precisar de colocar o açúcar, outras não, você só entrega a lata e vão te entregar o doce de volta. Os licores você vai dar a pinga e algumas pessoas não precisam, vão te fornecer tantos litros de licor”.

Então foi assim, a gente entrando na festa. Não tinha mais licor na festa, não tinha e na época era cerveja, chopp. E aí nós falamos, vamos voltar o uso do licor, vamos voltar o uso do licor e através da associação nossa, a gente vai fazer o curso de licor. Porque não, só fulano sabe fazer o licor de não sei de que. Então eu peguei a minha avó e na época fazia o curso, fizemos o curso de licor, certo? Algumas pessoas lembraram, outros aprenderam e fizemos o curso de licor e aí as pessoas, sabe quando vai crescendo aquela rede e vai multiplicando. E aí passou algumas pessoas a fazer, e uma pessoa da associação era responsável pelos licores de tal sabor e tava fazendo e fazia muito licor. Então foi assim que a gente foi retomando algumas questões importantes. E aí a associação em 92 foi formalizada com a criação e já estamos aí há 28 anos. E nisso daí, eu sempre falo, em cidades pequenas tem pessoas que tem que assumir, puxar, ser o boi ou a vaca de carga. Então assim, eu assumi o compromisso de estar a frente. E nisso aí, a gente hoje tá sem renovar a Diretoria porque acabou acomodando. E aí tem uma tia minha que é a presidente e eu sou a presidente de honra. E tudo quanto for coisa, vai você, e eu represento. Então assim, tem levado ao longo do tempo, nós estamos com o material espalhado porque nós estamos sem sede

2. Antes tinha né? Lá perto das ruínas?

Nós tínhamos a sede aqui nessa rua que era junto com a sede do Iphan, não sei se você chegou a ir nessa.

3. Eu fui em uma que era perto das Ruínas.

É ali nos utilizamos lá também. Então a gente ia fazendo as parcerias e tem muita coisa espalhada. Aí nós temos que fazer esse projeto, de ter uma sede específica, de colocar a ourivesaria, porque a ourivesaria é um projeto que a gente quer executar dessa forma. Queremos ver se a gente compra um espaço, que tenha espaço para, uma casa que tenha espaço para fazer os projetos. Mas assim, na minha casa acaba um pouco disso tudo, né? Porque acaba sendo casa, sendo escritório. Aí em 2017, eu sempre trabalhando de forma voluntária, eu criei uma empresa na área cultural. Então me tornei microempresária cultural, Aí assim, eu vim para Natal, entrei no comércio assumindo por causa do meu irmão que teve um acidente e ficou no hospital, e eu assumi o comércio, fiquei tocando esse comércio um bocadinho de tempo. Aí teve o Monumenta, que eu fui convidada e insistiram muito porque seria importante a minha participação, então eu acabei entrando porque eu não queria trabalhar no governo. Eu vim do Goiás e para mim eu já tinha dado minha contribuição em termo disso. Mais aí, o Monumenta era um programa que eu vinha lutando a muito tempo de dar incentivo às pessoas, de trabalhar o ambiente que você vive, e eu acabei aceitando, participei do programa, coordenei o programa e trabalhei 9 anos no programa, que foi o período. Eu saí um pouquinho antes da finalização, assim, já tinha encerrado e tentaram dar continuidade para tentar fazer uma ligação entre o Monumenta e o PAC Cidades Históricas. E acabou o PAC não implantando. Mas eu fiquei na época do Monumenta e trabalhei muito tempo aqui em Natal e depois, uma amiga foi para o Meio Ambiente, trabalhar na Secretaria do Meio Ambiente, meu amigo era secretário e aí insistiu muito para que eu trabalhasse lá e eu acabei ficando em Palmas uns 3 anos, na Secretaria de Meio Ambiente. Então aí eu tive essa experiência no Meio Ambiente que eu acho fantástica e eu fui trabalhar com

unidades colegiadas: Conselhos e tive experiência com conselho de recursos hídricos, conselho do meio ambiente. Então é isso aí. É essa experiência que eu coloco a disposição de Natividade, trabalho de dia, de noite, de madrugada.

4. E atualmente você está na associação?

Aí é o seguinte, eu vim de Palmas porque meu pai teve um AVC, e aí eu tive que vim para assumir as coisas da fazenda e todo o cuidado. Então eu mexo com isso também. Virei fazendeira também. Tive grandes desafios, com essa área rural, porque na falta dele aí vem invasão, roubos de gado, eu lidei com isso nesses últimos anos, que eu retornei. Foi bem difícil. Então, tem 5 anos quase que eu tô de volta e a associação tá aí, ela é viva, participando de tudo, mas não uma sede, tá espalhada, tem a ourivesaria que é um projeto da associação e está espalhada nas ações como na casa da tia Naninha, no projeto da Tia Naninha, como em outros projetos que a gente tem a parceira, sempre eu estou representando em Conselhos e a gente tem buscado manter essas atividades. E quando é as festividades e tem sempre alguém participando da mesma forma, espalha “olha faz isso, faz aquilo” e a gente mantém fazendo projetos, participando.

5. Algo que eu acho bacana da associação é que vocês estão sempre vem próximo dos festeiros e repassando os ritos.

Sim, a orientação desde o começo. Pela nossa aproximação com a Igreja, que é importante isso, né? Você pode até ficar longe do poder público, porque uma coisa em Natividade, que a gente percebe, é que a gente toca a nossa vida em comunidade, independente de poder público. Igual, as vezes, essa gestão tá com dificuldades de relacionamento, de não ter ações, a gente toca. A gente faz do mesmo jeito, tem mais dificuldade porque poderia tá participando, a gente acaba se desgastando, cansa mais. Mas assim, é muito importante você está mais próximo da Igreja, porque a Igreja Católica ela é que comanda as grandes festividades. E essa relação a gente tem muito próxima, né?

6. E com relação ao turismo religioso, você percebeu que Natividade tem atraído mais pessoas?

O turismo em Natividade é uma coisa que a gente sempre fala, como Associação você trabalhando o ambiente em que você está, você tendo uma qualidade de vida melhor, você tendo festividades onde tem uma confraternização, um grande encontro, uma participação, aquela comunhão como são as nossas festividades, todas elas. As pessoas se destacam mais na Festa do Divino, mas nós temos uma festa de São João das crianças que é belíssima, é uma festa do Divino das crianças, parece com a festa do Divino. Porque o São João, não tem nada haver com ‘aquele São João’, é diferente, é bem diferente o São João aqui. Então, o que que acontece, a gente com relação a essas ações, a gente tá sempre presente e tem todo esse sentimento de participação, entendeu? Todo esse sentimento de realização, de contribuição, e aí a pessoa se sente. Os festeiros, eu falo para todos os festeiros quando eles passam pela Festa do Divino, eles se tornam maiores colaboradores, porque ele vê o que é a grandiosidade da festa e ficam muito mais agradecidos à comunidade, porque quando você é festeiro, você sente que está na mão da comunidade. Porque se a comunidade não tiver junto, você não consegue realizar, não faz, você depende da comunidade.

7. E você acha que esse apoio da Asccuna em ajudar os festeiros é meio que validar um “vamos juntos”?

Vamos juntos, sim, sim. A partir do momento que começa a festividade, você chega, a primeira reunião, por exemplo, chama lá o padre, chama os festeiros, algumas pessoas mais, chegam todo mundo assim “E aí? Sou eu, e agora?”. Certo? Porque tem pessoas que já teve dentro da festa, mas não teve aquela dimensão. Aí quando você vai explicar para as pessoas, olha é assim e assado, não se preocupa porque você é o representante, você vai guiar, mas você tem junto com você uma rede muito grande. Então quando a pessoa percebe isso, ela fica um pouco mais

tranquila, mas ela fica preocupada com a dimensão. Porque ela fala: “Nossa Senhora, é muita coisa”.

Então, o quê a gente faz? Primeiro, dá um respaldo e dá uma tranquilidade para a pessoa, de certa forma, “olha a orientação é assim”, aí ela “Simone, como é mesmo, a gente vai fazer assim?”. Então, essa experiência conta muito. Essa orientação e a confiança dos festeiros. Tem festeiros que ficam agradecidos assim: olha, realmente é muito bom participar porque é uma experiência de vida, de passar por esse processo, é uma experiência muito bacana.

E eu vejo assim, na festa, você acompanhar todo aquele processo, por aquela pessoa você vê que com fulano foi assim, com fulano foi assim. Você não fica só em uma história. Então eu venho participando dessa festa, acompanhando, tem muitos anos, desde 1991. Então as vezes, fico um pouco mais próximo, e agora nesses últimos anos, mais próximo ainda, porque estou em Natividade, dedicada aqui e me envolvo muito mais. Aí, procuro fazer o registro, por mais que contrate alguém, e eu fale “olhe não vou ter tempo, vou tá correndo com isso”. E tem uns que falam assim “você que tem que segurar e fazer foto”. Então, as vezes era isso e eu até brincava “Padre, espera um pouquinho aí, deixa eu fazer isso, agora vamos fazer a foto!”. Entendeu?

Porque você acaba assumindo algumas funções que você não pode deixar de fazer. Com o Padre Marquinélio, ele aproximou muito e assim, é interessante, porque ele sempre me chama para discutir algumas coisas. Hoje mesmo a gente conversou, ele fala assim “Simone, vem comigo aqui na Igreja”, sabe? Ai ele fala, tá acontecendo isso e isso, como é que a gente faz? Então a orientação é importante e ele confia muito no trabalho da Associação, como a minha pessoa, tem a liberdade. Por exemplo agora, o altar tá assim, assim, assado como é que a gente vai fazer? Ai eu digo, não padre a gente vai fazer uma carta para Iphan, registra e vamos fazer isso aí. Olha padre, tem a possibilidade da gente conseguir um recurso, assim e assim. Vamos escrever aqui. Então, eu transformo ali, ponho no papel, faz um projetinho, faz uma solicitação e aí esse apoio a gente tem dado. Inclusive, não sei se você acompanhou, alguma coisa da Lei Aldir Blanc. A Lei do Aldir Blanc, por exemplo, a festa da Padroeira de Natividade, a festa da Padroeira é uma festa de grande arrecadação, para a manutenção da paróquia. Então ali faz bingão, existe uma quantidade de recurso, a comunidade trabalha e o recurso vai para a manutenção da paróquia, da Igreja e do próprio Padre que não tem um salário, o Padre Marquinélio. Porque as vezes o Padre tem um salário, igual o Padre anterior, um salário. Então você, não tem tanta preocupação de manutenção daquela paróquia. Aí, eu conversei com o padre e vou ver se eu faço isso, a questão de escrever, de colocar, por exemplo, esse recurso que deixou de ser realizado. Então, por exemplo, foi feito cartelas do Bingão e não foi realizado. E vamos supor que vende uma faixa de 1.500 cartelas, vamos colocar a cartela a R\$ 20,00 (vinte reais), dá R\$ 30.000,00 (trinta mil reais). Então assim, pela Lei Aldir Blanc, você pode fazer com que sejam essas cartelas, elas podem ser adquiridas através da lei. Então deixou de ser realizado, para a manutenção do espaço você tem aí de R\$ 3 mil a R\$ 10 mil. Então era garantido de ter pelo menos esses R\$ 10 mil reais em cima desse valor que é constatado, que é todo ano que se vende nessa faixa, e aí teria pelo menos um pouco para ajudar aí nas despesas. Então, são essas questões que eu tô sempre atenta de orientando e isso entra como a instituição.

8. E do turismo?

Acabei fugindo. Natividade estava em um caminho, antes da pandemia, Natividade está dentro do projeto turístico Serras Gerais. Então, Natividade representa a cidade histórica, que tem o patrimônio arquitetônico para mostrar, nas demais, os atrativos são de ecoturismo. Natividade se viu um lugar onde a pessoa chega, vai ficar um final de tarde, caminhar, dormir por aqui, para ir para outros atrativos da região. Relaxa, vai fazer uma caminhada, vai comer um biscoito, vai tomar uma cerveja na praça, entendeu? Então, Natividade tem uma estrutura e isso estava decolando, crescendo. Quando veio a pandemia foi um susto porque a gente, nós fizemos um roteiro e aí entrou vários parceiros, entra o Sebrae e há todo um movimento de pessoas ligadas a

área de turismo, tem a questão do restaurante, a questão do hotel. A Cirene tomou a frente, que é do Hotel Serras Geral, que tomou a frente dessa questão, que é a possibilidade do seu estabelecimento crescer e de tá lá no roteiro. Nós em Natividade, nós percebemos um turismo muito vindo de Brasília – Alto Paraíso, Natividade – Jalapão, aqui tava servindo, as pessoas vinham e acabavam dormindo aqui. Chegava final de tarde Poliana, e um monte de carros, daqueles assim, carros traçados, jipes, motos. Então assim, Natividade tava no auge. Isso em 2019, no ano passado. Tava assim, crescendo. Com isso, foi criado dentro desse Serras Gerais, um roteiro chamado Vida de Natividade. Nesse roteiro, Vida de Natividade, tem a pessoa, por exemplo, quando começava aqui na Praça São Benedito, começava com uma roda de capoeira, aqui na frente da Igreja e entrava na Igreja e fazia depois a caminhada pelo Centro Histórico, passava nessa casa de cultura, em frente ao Iphan, chegava na praça e da praça ia no museu, ali pelo fundo da Matriz, na Matriz, na casa da Tia Naninha e finalizava nas Ruínas da Igreja com a suça. Certo? Então esse roteiro, Vida de Natividade, eu fiz a capacitação dos condutores, aí já contratada pelo Sebrae, para fazer. E eu já tenho até um roteiro descritivo. Então Natividade tava assim. E nós temos essa capacidade de ter mais um dia a mais aqui, de ficar para dormir em Natividade, para continuar o roteiro e e isso estava envolvendo os meninos, os jovens da capoeira, os jovens da suça, que foi criado um grupo de Sucia, que saiu de dentro da escola, foi criado que é o Grupo de Suça Tia Benvinda, que estava mais disponível que o outro grupo, que era um pessoal mais de idade, um trabalhando e outro morando na zona rural, tinha mais dificuldade. Então, com a criação desse grupo novo, que nós da Associação apadrinhamos também, incentivando essa questão do jovem tá repassando o saber. Então assim, foi muito importante isso, aí veio a pandemia e cortou e aí a gente ficou com esse sentimento do levantar do voo e ter que quietar.

9. Você acha que nesse roteiro, dava para entrar um dia, por exemplo, a festa do Divino ou o Bonfim?

Olha, eu acredito que o turismo religioso ele tem o seu espaço, independente, vem para a festa, entendeu? Agora é o seguinte, o que a gente percebe é que a economia criativa de Natividade, ela cresceu bastante, com as atividades com o turismo, o quê, por exemplo? Vamos pegar o exemplo das máscaras, a pessoa que faz a bandeira do Divino, que faz os bordados, bordados fazendo nas máscaras. Aqui na cidade, tava o povo usando a do Divino. Daí, eu tenho várias. As pessoas, o quê ela faz, vestindo a cidade. Então assim, a confecção de produtos mostrando essa devoção ao Senhor do Bonfim, isso tudo fez com que crescesse por exemplo, os meninos da suça, confeccionando tamborzinho e eles estavam vendendo isso. Aí, você tem que criar esses caminhos para criar renda. Certo? Você dá essa opção, o turismo faz isso, faz com que aquela pessoa que participe, ela faça algum produto que vai ser atrativo e as pessoas comprem. Você percebeu a variedade que tem de produtos: Camisetas, pano de prato.

10. E você entende que ainda falta um pouco da cultura de cidade turística em Natividade?

Tem a questão dos hábitos, né? Que é bem difícil você alterar hábitos, porque é o seguinte, o dia a dia você tem a vivência e não tá clara essa questão turística, então hoje a gente tem o restaurante que tem uma visão turística, que é o Casarão. Com a pandemia mudou, mas eles estavam abrindo direto, eles não tavam nem fechando. Eles estavam de segunda a segunda trabalhando direto. Aí teve alguns problemas com o decreto da pandemia, aí acabou brigando com o poder público, mas que eu acho super importante, não é só a classe empresarial, têm que ter políticas públicas. Então, é aí que faz falta do poder público aqui em Natividade, assumir a questão turística como primordial. Aí eu acho que tem que tá junto de poder, de discutir, de tá junto com a associação comercial, estabelecer normas. Porque a nossa vida não vai ser mais voltar ao normal, então eu acho que tá no momento de sentar e que já passou do momento, de pensar nisso, nesse novo

normal, para que se possa trabalhar de uma forma. E aqui, em determinado tempo da pandemia, se chegasse alguém aqui, “meu Deus, onde é que eu vou comer alguma coisa?”.

11. Quando eu trago alguém, as pessoas perguntam se tem loja de artesanato, mas a maior parte do tempo está fechada. Daí, eu levo na Tia Naninha.

Então, essa visão ainda não, porque não foi assumida como uma cidade turística, que tenha que partir, eu acho isso numa visão macro, maior com o poder público e um projeto de cidade. Porque aqui hoje, o costume no domingo a tarde, é deitar numa rede e ficar: “Imagina, no calor desse, um bafão desse, eu vou ficar abrindo meu comércio, esperando vir alguém passar e com a pandemia, é que não vai aparecer”. Não vai abrir.

Lá na Tia Naninha já criou esse hábito, inclusive deram uma diminuída na quantidade de pessoas trabalhando, inclusive. Eles chegaram a comentar da Sala de Memórias?

12. Sim, falaram que vão criar a Sala de Memórias e que terão mais opções de artesanatos e produtos para a pessoa levar, quem mora em outra cidade.

Então, é uma atividade do dia a dia deles. É importante ter essa visão econômica para não ficar perdendo porque já tem muitos anos lá.

13. E, com relação ao Voucher Único? Como você analisa a importância dele?

Olha, essa questão do Voucher na época, eu alertei algumas questões. Por exemplo, é importante que tenha pessoas, porque se tivesse com políticas públicas, como te falei, se tivessem todos participando, a cidade estava muito mais preparada para implantar a Lei do Voucher Único. Mas a gestão passada, no final da gestão passada, foi implantada a lei, mas a gestão seguinte não deu continuidade. Então o quê que acontece? Antes para o funcionamento do Voucher Único, precisa da participação efetiva do poder público junto com os empresários. Informação, de ter o museu abrindo, de ter instalando os outros espaços que estavam previstos, de ter o Centro de Apoio ao Turista. Então assim, isso não foi feito. Então, o quê que acontece, se você chega, tem o Voucher, aí tem que ter uma empresa local, aí a empresa local só tem uma, o poder público diz que não via abrir o museu e aí para você visitar tinha que ficar com a chave, entendeu? Para levar a pessoa no final de semana tinha que ficar com a chave para poder abrir. A empresa que tinha que tomar conta. Então, o poder público não assumiu. Aí, na área cultural, essa gestão foi um retrocesso enorme, não acompanhou a evolução que a gente tava. E eu sempre falo: o cavalo passou arreado um bocado de vez. Passou arreado, várias vezes e perdeu a oportunidade.

Então assim, é importante, se tivesse sido trabalhado, teria muito mais empresas trabalhando. Por exemplo, a minha empresa, ela pode trabalhar o turismo. Mas eu não vou entrar em mais essa, mais uma questão que não é o momento, não estou preparada para isso e tal. Então assim, teria que ter mais empresas, teria que ter mais pessoas treinadas, para poder funcionar direitinho. Para que vá o dinheiro para o Fundo, para que tenha aplicação no Fundo, para que tenha um Conselho atuante. O quê que aconteceu com o poder público? Eles paralisaram os Conselhos. Então, nós estamos em um briga danada. Tá inerte.

14. Isso é independente de pandemia?

Sim, já tava assim. Independente da pandemia. A pandemia justificou-se. Por exemplo, nós tentamos várias vezes fazer reunião virtual com o secretário, nenhuma ele participou.

15. Eu não consegui falar com ele.

Não consegue. Ele não dá retorno. A imprensa, nada. O pessoal quer que a gente dê uma cutucada com a Lei Aldir Blanc. Aí eu tava batendo, batendo. Porque o seguinte, acaba você, representante maior da comunidade, você tem seu compromisso e você fica o tempo inteiro cobrando, o tempo inteiro cobrando e o tempo inteiro cobrando. E eu coloquei nos grupos, nós temos os grupos de WhatsApp, do Conselho, “olha”. “Aí, não! Tá errado”. Tá errado, precisa colocar no eixo. Como é que a gente vai atualizar uma legislação se a gente não tá reunindo, aí não vai pra frente, vai ficar paralisado aí. Nós estamos na expectativa e tá correndo um sério risco de continuar a mesma gestão. Se continuar, uma década de atraso. Então assim, a gente tá muito preocupado com ação

do poder público. E o que que acontece Poliana, a gente tem um processo que independe, como eu falei e que depende muito da comunidade que vai levando e vai levando, mas numa dimensão macro, tem que tá os poderes todos juntos para poder caminhar. Então fica aí reclamações que Natividade tá tudo fechado, vem em Natividade e tem a história do Voucher Único, acaba que as empresas que estão acostumadas a chegar e ..

16. Chega se apropria e vai embora?

Justamente! Aí chega, conta uma história que você não sabe o que tá falando, fora do contexto que a gente tá trabalhando. Então acontece isso. Você trabalha com a informação, hoje em dia, a informação voa. Voa! Então assim, a gente fica com muita preocupação com isso porque chega, uma vez como te falei, eu escutei um grupo e a pessoa não sabia quem era eu, aí eu falei assim “deixa eu ouvir”. Aí a pessoa contou uma história e eu falei assim “meu Deus, esse trem vai replicando?”. Aí eu peguei e falei assim: “Olha, eu poderia falar um pouquinho?”. Aí eu peguei e falei. E quando me olharam e falaram assim “essa conhece”. Aí eu peguei e falei assim: “olha pessoal, a gente tem essa preocupação, vocês sabem que a história tem varias versões, essa versão que tá sendo contada tem algumas divergências que a gente fala aqui, do que a gente pesquisou, e que a gente usa normalmente aqui”. Então assim, eu me coloco a disposição, eu dou meu contato aí, é importante que vocês levem a informação correta. Aí cada vai e coloca e replica. Entendeu?

Nós temos a proposta de plano de governo e isso a Associação faz toda gestão, a gente atualiza, coloca em toda eleição que tem, quando a pessoa ganhar, a gente vai e conversa com a pessoa. Então, neste ano, até antecipando o debate em relação a isso, porque eu acho que com a pandemia, essa questão da arte, as pessoas precisam disso, ficou mais acentuada a necessidade de você tá em casa e ter alguma coisa para ti. A gente percebeu isso, por mais que você não tivesse o hábito de tá, mas você sente a necessidade espiritual desse apoio, de ter uma música. Eu acho que a comunidade, imagine Natividade, eu sempre converso assim, e onde que nós imaginamos de não ter nossas festividades? Como não ter uma festa do Divino?

17. Eu acredito que ano que vem, as pessoas vão vir muito mais.

Sim, como ela percebeu que o tanto que é importante para o bem pessoal e para o bem coletivo. Olha quando eu acompanhei aí, e até me arrepio, tava sempre acompanhando e fotografando em cima do carro, pendurada, na frente e o padre vinha logo no outro carro logo atrás, as bandeiras. Nossa!! O pessoal com sua bandeira saía de dentro de casa com a bandeira, para acenar, fazer vênias, trazer o quadro do Divino, mostrando sua devoção, trazer alguma coisa que mostrasse a sua devoção, foi uma coisa fantástica! Então assim, na festa de São João também foi feito isso com as crianças, né? De ir andando no carro e ir fazendo esse movimento. Então é muito bonito você vê isso, que a comunidade tá sentindo falta e que a comunidade quer mostrar a sua devoção. Então, provavelmente, nós esperamos que consiga realizar a festa porque a gente tá sentindo falta de aglomeração.

18. E com relação do trabalho da Associação com o Bonfim?

A associação com relação a Romaria, a Romaria enquanto ela fazia parte da Paróquia de Natividade, a gente tava muito mais próxima, porque era o padre de Natividade que tomava conta da Romaria. Aí, ela se tornou diocesana, foi nomeado um reitor que não mora aqui, certo? Então, o padre, eu me lembro que a gente sentou para conversar algumas questões do começo, o padre Leomar. Tem os auxiliares dele, que eu também sentei e a gente já teve algumas conversas. Porque eles queriam que eu participasse mais, mas foi momentos que assim, o braço não alcançava mais. Então assim, a Romaria por ter uma estrutura que poderia andar muito bem, a gente não...

O que eu fiz foi alguns registros, até deixando de ir porque eu convivo com o grupo de risco e eu não queria colocar em risco meus pais, e também tenho duas tias na Igreja que eram bem participativas e que neste ano manteve afastada por causa da pandemia. A tia Bonfim tava direto

e tem duas tias minhas que são freiras, uma é mulher padre e a outra é freira, minha tia Adília e minha tia Délia. A minha tia Adília participou da Romaria, mas esteve mais afastada neste ano, a minha tia Adélia não foi, só duas vezes que eu levei e ela ficou dentro do carro para escutar a missa no dia 15 que eu levei ela e meu pai. Mas assim, ficou dentro do carro, só eu que desci para fazer algumas fotos.

Então assim, a Romaria com a saída dela da dimensão como entidade, a gente afastou mais, lá a questão mesmo é da gestão do padre que é o Reitor.

19. Ele fica mais em Palmas?

Ele mora em Luzimangues, aí ele vem. Antes da pandemia tava assim: todo final de semana tinha missa, uma vinha monsenhor Jones, na outra vinha o padrea Jackson.. Então assim, eles dividiram para vir, daí monsenhor Jones com problema de risco aí deixou de vim por um período, não sei se ele tá vindo ainda. O Jackson é irmão dele. Perdeu-se essa questão, mas as pessoas vão. Então a gente deixou, mas assim, eu acho que 2020, esse ano pandêmico, e acho que vai estender para o começo do ano ainda, até sair essa vacina a gente vai tá nessa vivência aí, tentando fazer o melhor, mas também não podemos... Natividade saiu a três atrás na televisão com o maior número de casos, entrou com uma das cidades que cresceu bastante o número de casos. Era 6 passou para 19, entendeu? Crescimento muito grande.

20. E para finalizar, como você projeta Natividade para daqui alguns anos, como presidente da associação? Vê o copo mais vazio ou mais cheio?

Eu procuro enxergar sempre positivo. E uma coisa importante de você enxergar o positivo, porque você quer participar. Você quer contribuir, você quer que aquele copo vai ficando mais cheio. É importante ter essa visão otimista, ter essa visão de participação, é importante você acreditar na comunidade, que a comunidade vai junto, que a comunidade quer aquilo. Eu acho que a visão é positiva. Agora, infelizmente, a gente tem que esperar aí por parte do poder público, algumas ações importantes, em termos como projeto de cidade, que é o que você tá querendo essa visão, como projeto de cidade, porque a vida da gente, nós procuramos ter uma qualidade de vida e isso a gente consegue ter, mas como projeto de cidade, onde muitas pessoas são mais contempladas, que participe, a gente não consegue abarcar tudo isso se não há participação do poder público. Tem que ter isso para poder caminhar mais. Então a gente espera que, mesmo sendo a mesma gestão, que tenha uma visão, que entre novas pessoas, com essa visão.

21. E, agora um pouco fora da entrevista, esse projeto do galpão do Divino?

O padre me pediu, inclusive eu estive com o Salvador semana passada, acho que foi semana passada e eu fui lá no lugar porque ele é vizinho. E ele tava querendo vê um espaço para ele entrar no imóvel dele e utilizaria uma parte desse espaço. A gente tava conversando, eu nem conversei com o padre ainda, o padre é do grupo de risco e ele morre de medo do covid. Lá na igreja a gente ajuda nessa questão de distanciamento, por exemplo, se for celebrar uma missa e tiver mais gente, ele não aceita. Esse projeto é um projeto da Igreja e já tinha um projeto que eu tinha feito pela associação para usar, no espaço da Igreja, uma casa da Igreja, fazer a Casa do Divino. Que a gente acha importante a Casa do Divino onde você guarda todo o material para a festa. E agora, a gente tá olhando o espaço para fazer um espaço para a festa. Só que todo espaço que a gente olha é pequeno. Então, esse espaço que tem, eu já pedi para o rapaz fazer o levantamento, eu acho pequeno. Fica aqui atrás, perto desse beco aqui. Aí o Salvador, conversando com ele, ele falou que vai mandar limpar. “Oh Simone, eu vou mandar tirar essas pedras, dá uma limpada nesse espaço, aí a gente conversa aí com o padre”. Porque o padre me deu a liberdade de conversar com o Salvador e de ver quanto custa, e eu já conversei com rapaz que faz essa questão de medir a área, de organizar a documentação, para poder ver o projeto. E, arrumar uma pessoa que vai fazer o projeto. E tudo isso aí é através de mim. Aí eu tô negociando, olhar, primeiro eu falei com o Salvador, primeiro nós vamos ver a área, o quê que vai dar, ver o espaço que é para você ter entrada no seu imóvel aqui por trás, se isso a gente ganha um pouco

pra frente, como é que isso vai ser, para poder até custear essa parte que a gente vai ceder, custear e arrumar a documentação e se isso vai influenciar ou não no terreno que foi doado pela prefeitura. Mas isso tem muitos anos, isso é antigo. É doação de 92, 90 e pouco, que era para fazer uma igreja. Entendeu? Esse espaço a gente tá olhando porque fica entre a área tombada e a área que não é tombada. Vê se vai dá. Eu acho que é pequeno, mas a gente não vai achar outro espaço, a não ser ali para o lado da Serra, ali descendo o beco da Tia Naninha, a gente já viu aquela área ali, que tinha uma cerâmica antigamente. Uma área que seria ideal seria ali, porque você já desce da igreja, é perto e é uma área maior. Lá foi ocupado, mas tem área do município, mas a Igreja poderia negociar isso. Aí a gente está fazendo essa parte de levantamento e eu espero que em um ano a gente já tenha decidido tudo isso: de fazer, o quê fazer.

E Natividade podia ter um museu do Divino, assim como em Corumbá – GO?

Sim, eu cheguei até a fazer um projeto, a Casa do Divino que a gente tinha chamado nessa casa ter toda a parte da cozinha, toda a parte de bandeiras, de banners, porque as coisas do Divino ficam lá na casa paroquial, tem as casas, por exemplo, as selarias. E para você ter uma ideia, só de arreios completos, isso ajudou demais, foi um ano que a gente conseguiu colocar no projeto aquisição desses arreios. Então antigamente era uma dificuldade, imagina era tudo emprestado. Aí a gente tinha que tomar na faixa cerca de 60 arreios emprestados. Então hoje a gente tem aí, não sei se tem os 60, mas deve ter quase isso, e fica lá na igreja e a gente tem que ter espaço para pendurar isso. E com certeza seria utilizado para outras festividades. Tem o salão paroquial ali, mas se tornou pequeno, que é bem na praça mesmo perto do museu, mas é pequeno. É um salão que dá para uma reunião. A festa é grande né? E a gente tem que pensar na dimensão. Não adianta a gente fazer um negócio aqui, e não cabe mais depois. Então nós temos que pensar em um projeto maior e fazer com que ele seja executado.

22. Então, estão juntos nesse projeto a associação comercial, a cultural e a igreja?

Sim. Se tiver qualquer outra gestão, que não a atual, eu acredito que vai ser parceiro.

Apêndice Q – Entrevista XVI

Entrevista XVI

Nome: Joao Marcelo Sanches

Data de nascimento: 26 de abril de 1970

Formação: Técnico em Turismo, Guia regional e nacional, presidente da Associação dos Profissionais de Turismo (APROTUR)

Entrevista: 28 de agosto de 2020

1. Qual o principal objetivo da Aprotur?

Nasceu de uma necessidade de organizar o trade turístico do estado, aqui na capital. O turismo no estado começou e como nosso estado é novo, não existia uma entidade e nasceu para organizar o trade turístico, levando em consideração o grande potencial do na área do turismo, tanto turismo de negócio, religioso, aventura esses tipos. Hoje existe outra entidade, a ATTR, que agrega mais a gente e ajuda a defender a classe também. E o cara não precisa ser guia para atuar lá. A APROTUR é mais séria. A APROTUR nasceu nos anos 2000, já tem 20 anos e é uma entidade que já foi feito um trabalho. Fiz parte da criação da associação, mas nunca tinha assumido, e um amigo nosso teve que mudar, aí ficou sem presidente e me convidaram e eu aceitei. Mas não é fácil porque a gente tem que ir atrás de apoio do governo, tem coisa que não anda só, então complica.

2. Pelo que se têm observado, o foco das políticas públicas do governo do Tocantins (e isso se confirma se analisarmos gestões anteriores) é investir em turismo de aventura e ecoturismo?

Com certeza. Hoje os olhos estão voltados para o Jalapão, na região leste do estado. Pra você ter uma ideia, nos últimos três anos, foi para mais de cento e poucas agências, tudo trabalhando para o Jalapão. O camarada vem de São Paulo, vem da Bahia, vem do sul e vão para o Jalapão. A sede deles fica em Palmas, então cresceu muito. O povo tá vindo. E o ecoturismo tem crescido mais.

3. Você acredita, enquanto representante da Aprotur, que a partir da elaboração de políticas públicas para o turismo (de uma forma geral) será possível impulsionar o turismo na região das Serras Gerais?

Eu tive lá recentemente fazendo um levantamento dos atrativos locais lá para começar a operar lá e na realidade, as Serras Gerais hoje vai ser o novo destino do turismo de aventura, de natureza do estado do Tocantins. E olha só, os ambientalistas, os amantes da natureza, cada vez mais eles querem visitar lugares inexplorados. Ali em Goiás, na Chapada dos Veadeiros, já é um lugar bem (inaudível) e o Jalapão. O refúgio agora vai ser Serras Gerais. Hoje Serras Gerais tá mais caro que o Jalapão. Inclusive vários famosos estão vindo visitar a gente.

4. Alguns atores como Sebrae, universidade e instituições de ensino, governo e os municípios tem se mobilizado em torno da promoção do turismo nas Serras Gerais. Como você avalia isso?

Isso tudo é muito positivo. E mesmo que o Sebrae só vai quando tá pronto, mas o cabra olha e vê que a instituição tá lá, chama a atenção. La nas Serras Gerais, agora era para tá o boom, mais aí veio esse problema da pandemia.

5. Você acredita que o turismo em Natividade tem aumentado? O que tem contribuído para isso?

Na realidade, eu considero Natividade, que é o berço cultural do nosso estado, e o único destino de turismo religioso forte no nosso estado. Lá, não sei se você lembra no governo do Marcelo Miranda, ele gostava muito dessas festas, ele ia todo ano. Então, é uma festa que atrai muita gente. E eu levo em consideração isso. E antes até, eu falando com a minha esposa sobre esse assunto, e lá já era mesmo. Antes faltava estrutura de hotel, mas já deu uma melhorada. E eu acredito que tenha até outros projetos para melhorar mais. Temos hotel lá, a comida é boa, a história é boa, é do século passado, traz e muitos devoto. Então, Natividade é a cidade do turismo religioso no estado.

6. Conhece as festas religiosas de Natividade, neste caso, a Festa do Divino e a Romaria do Bonfim? Já esteve presente em alguma delas?

Já fui. Lá no Bonfim mesmo, falta mesmo é estrutura, não tem onde você dormir, lá é pequeno. Você vai naquele momento e não tem nenhum lugar para ficar. Se você perguntar para o turista se ele vai, não vai, mas a maioria vai. Nem todo mundo quer levar poeira na cara, quer sol e a noite quer um frigobar, um ar-condicionado para descansar. Se o cara fez uma promessa, ele vai lá no Bonfim, ele não tá preocupado com isso, e o turismo religioso tem muito isso.

7. Você acredita que Natividade possa ser destino de turismo religioso? O que falta em Natividade para que seja um destino de turismo religioso?

Nenhuma outra cidade na região ali tem isso, tem história, tem cultura, tem patrimônio cultural, e isso aí valoriza muito. Mas tem que ajustar umas coisas, como abrir os comércios, trabalhar mais de forma profissional. A cidade já tá consolidada, a cidade é, como se diz a história, a cidade pacata, assim tá bom, e o camarada não tá preocupado se vai vender R\$ 200,00 ou R\$ 300,00 hoje ou R\$ 1,00, tá bom daquele jeito. A cidade tem outro ritmo.

8. Você acredita que o ecoturismo possa incentivar o turismo religioso ou vice-versa? Ou são ramos muito diferentes?

Pode ser. Em grande parte, o turista de ecoturismo ele tá mais focado em curtir a natureza, mas tem gente que faz essa parte do religioso. Antigamente foi colocada umas placas, mas já estão desgastadas. O Jalapão hoje ele foi mais divulgado fora do Brasil do que no Brasil, na gestão mesmo do Marcelo Miranda.

Apêndice R – Entrevista XVII

Entrevista XVII

Nome: Antônio Louça Cursino

Cargo: Analista técnico do Sebrae – Dianópolis/ Gestor do Projeto de Turismo nas Serras Gerais desde o final do ano de 2016.

Entrevista: 28 de agosto de 2020.

1 – Gostaria que se apresentasse, sua formação, origem e atividade profissional.

Antônio Louça Cursino, estou no Sebrae há quase 13 anos, nesse ano agora completa 13 anos, agora em dezembro. E, entrei no Sebrae em Araguaína, atuei também no Sebrae em Palmas e alguns meses eu atuei em Colinas e já há quase quatro anos, aproximadamente quatro anos aqui na região Sudeste, e nesse período eu retornei para Palmas, fiquei lá quase 1 ano e retornei para cá de novo. Eu sou natural dessa região, sou natural de Paranã, e essa região aqui é onde minha família nasceu e fui criado, e onde eu gosto muito do Sebrae aqui, onde eu pedi até para retornar para cá. E, desse período que eu atuei aqui, sempre na gestão do desenvolvimento do turismo aqui da região. A gente compreende que o potencial aqui do Sudeste, aqui é muito seca essa região aqui, chove pouco, porém tem muita água que brota do solo, além do agronegócio também que é algo que mantém a economia nessa região. Então vamos dizer assim que o enfoque econômico aqui da região é o agro e a gente compreendeu que essa pegada do turismo também seria algo legal aqui. Eu sou Administrador de formação e nesse tempo no Sebrae, mais especificamente aqui na região, a gente tem atuado com o desenvolvimento do turismo. E Natividade é um dos municípios que a gente iniciou o desenvolvimento do turismo lá há mais tempo. Por si só a cidade já tinha um movimento turístico com relação à questão histórico e cultural, cultura e religioso também envolve aí nesse processo. E, em alguns anos para trás, a gente até tentou fazer um trabalho lá com relação a Romaria do Bonfim, porém é algo um pouco delicado lá porque quem faz a gestão lá, é a própria igreja, e de tudo lá. O trabalho que a gente via, acontecia e acontece ainda hoje, no turismo, porque para nós, ele acaba sendo um turismo de evento do que um turismo religioso. Que é aquele turismo que o pessoal só vai à época mesmo dos festejos. Na época dos festejos da cidade e do Bonfim, a cidade lota e não consegue ofertar um serviço de qualidade, e aí você não encontra hotel, comida você também dificuldade de encontrar, enfim. No resto ano, a cidade fica meio que ociosa. E o trabalho que a gente tem tentado e já conseguiu desenvolver muita coisa lá, é de fazer com que esse turismo, ele seja permanente. É claro que vai ter os períodos de pico, de alta e baixa, mas que durante o ano, a gente consiga fazer com que o turista vá visitar a cidade em função desses atrativos que lá tem. Tanto na questão do histórico e cultural, quanto da questão religioso, né? E esse é o trabalho que a gente tentou entrar lá na Romaria era tentar fazer basicamente isso: o devoto, a pessoa que gosta de vivenciar aquilo ali, que ele pudesse fazer visitas em qualquer época do ano, e não somente no dia que eles fazem lá a Romaria. Tornar isso como algo histórico e não somente a questão da devoção em si.

2 – Como foi essa experiência? Com relação a esse levantamento realizado na romaria?

Nós fizemos o levantamento e alguns trabalhos lá também. Porém, quem faz a gestão de lá, o interesse deles é só na época do festejo. Aí queria o apoio da gente mais na época do festejo para organizar os barraqueiros, organizar ali quem fabrica e manipula alimentos. E o Sebrae chegou a atuar nisso. Porém, a gente meio que se esquivou um pouquinho desse tipo de atuação porque a gente entende que um turismo legal não é um turismo pontual, e sim, um turismo periódico. E como eu disse lá dentro da Romaria mesmo, quem comanda é a Igreja, não é a prefeitura, e o

parceiro nosso era a prefeitura. E o Sebrae hoje dentro da Romaria pouco tem atuação. Agora, dentro da cidade de Natividade, aí lá a gente já conseguiu desenvolver muita coisa e lá hoje a gente tem parceria e vem desenvolvendo vários projetos lá.

3 – A festa do Divino é uma festa mais comunitária e muita gente vem de outras cidades para participar. Vocês chegaram a ver essa questão?

Fizemos um trabalho lá com o pessoal do artesanato, criou-se uma associação entre eles, e hoje eles têm essa associação, eles produzem o artesanato. E a gente levou designer, pessoas conhecidas aí para auxiliar eles no acabamento, na exposição e na divulgação desses artesanatos. Eles produziam pouco artesanato, era de forma muito tímida, uma senhora ali que aqui e acolá fazia na sua casa, e a gente incentivou eles a começar a produzir camisetas com a logo da igreja (N.S. Rosário dos Pretos) ou a logo do Divino, o símbolo do Divino, a pomba. Eles começaram a fazer pano, bordado, algum mimo, lembrancinha, para que a pessoa que quando fosse na época do festejo, tivesse alguma coisa para levar para um amigo, para um parente, para alguém. E a gente conseguiu com esse grupo, formar uma associação, e hoje a prefeitura abriu um espaço e hoje eles têm lá uma lojinha. Eles fazem um revezamento e a associação funciona lá. Aí, no ano retrasando (2018) nós começamos a fazer um outro curso com eles, começaram a fazer a réplica da igreja em madeira. E tudo isso aí foi o Sebrae que fez consultoria. Ministramos oficinas, cursos com eles, para aprenderem a fazer e a pessoa ter uma lembrança. O ano que o Sebrae começou com o trabalho do turismo lá foi em 2014 e de lá pra cá, até hoje, o Sebrae sempre faz trabalho lá para apoiar eles. Uns que estão entrando e querendo investir em Natividade, a gente atende, e o que já era atendido a gente continua dando atendimento e assessoria para eles. E essa pegada do artesanato foi onde a gente viu que poderia associar muito a esse turismo religioso, que tinha lá. A própria Tia Naninha foi um trabalho que o Sebrae fez, a gente fez uma consultoria para eles, mostrando que o produto deles poderia ser vendido não só como alimento, mas como um presente. Aí, a gente que produziu para eles a logomarca, a embalagem, e foi tudo consultoria do Sebrae. E hoje, a pessoa vai lá em Natividade, compra o amor-perfeito para presentear alguém, com uma caixinha bonitinha e tal. Então, todo esse tipo de trabalho foi desenvolvido em parceria com o Sebrae e fomos capacitando eles para aproveitar o período que dá um fluxo grande de pessoal lá, para eles terem o que ofertar. Além disso, foi produzido um produto turístico, cada serviço que é ofertado no turismo é chamado de produto, então foi desenvolvido com o Sebrae e com eles, o produto para o turismo de experiência, que é hoje um dos carros-chefes lá em Natividade é esse turismo de experiência.

4 – Além desses, o pessoal da suça, dos ourives, também tiveram consultoria?

Os ourives, a suça, a tia Naninha lá com a questão do Amor-perfeito, o pessoal do artesanato e algumas casas históricas. É tanto que o produto de vivência é chamado, Vida de Natividade. É o nome do produto. E tem também a capoeira! Aí o turista tem a oportunidade, ele começa a assistir a suça, mas ele não só assiste, ele participa um pouquinho, ele aprende a tocar o tambor, ele aprende ali dançar. Da mesma forma, a capoeira também, jogada a capoeira com ele no meio da rua ali e ele participa. Tem a visitação ao museu, que é a antiga cadeia, e tem a visitação de todo o Centro Histórico, mostrando a questão das casas coloniais e a visitação na Igreja, nas Ruínas. E na verdade, a suça, dentro do produto Vida de Natividade, ela é dançada dentro das Ruínas lá. E é bem legal todo esse procedimento. E, comidas típicas, e é feita lá uma vivência lá dentro da Tia Naninha, a gente também produziu com eles lá, uma oportunidade do turista vivenciar a manipulação do Amor-perfeito. Então, no turismo de experiência, o turista vai lá, ajuda a amassar o bolo, vê as fornalhas e como é feito tudo e depois ele vai tomar um café, o café colonial. E tem todo esse trabalho aí.

5 – Antigamente na Dona Naninha não existia esse tour. E hoje em dia já tem esse atendimento diferenciado. E abre todos os dias. Você como avaliar o que as vezes dificulta esse turismo em Natividade e aos finais de semana os atrativos estão geralmente fechados.

Essa é uma dificuldade que a gente sempre enfrenta lá. E qual a dificuldade que a gente enfrenta em relação ao turismo e a produção associada aqui para a região nossa, porque o empresário ali, o artesão, principalmente o artesão, porque é um dos segmentos que a gente tem mais dificuldade com eles, porque eles não se veem como empresários. Ele faz um negócio por hobbie, ele gosta de manipular alguma coisa, gosta de fazer o crochê, gosta de fazer o artesanato, mas ele faz porque ele gosta. São poucos deles que vê aquilo ali como uma fonte de geração de renda, e a maioria deles tem outras fontes de geração de renda, que é a principal geração de renda dele. E ele faz o artesanato por hobbie. Então, para ele, no dia do festejo, ele quer aproveitar o festejo na cidade em vez de aproveitar a oportunidade para gerar emprego e renda. E o Sebrae tem feito muito esforço para mostrar para eles, que eles podem viver só disso e mais além, eles podem enriquecer com isso. É tanto que nós fizemos várias missões com eles, e temos uma previsão e queremos fazer uma específica só de turismo religioso, mas já fizemos missão com eles para Pirenópolis (GO), para alguns conhecerem a realidade de Pirenópolis, como você vivencia o turismo lá, a questão da gastronomia, do artesanato, pra onde você vai, você compra. Em qualquer lugar que você passa, tem folder, tem informação, sabe quem vende, você pode comprar em qualquer horário, tudo aberto. E lá em Natividade, a gente tem tentado fazer isso, mas a comunidade em si, são poucos veem como um negócio mesmo. E mesmo assim, evoluiu muito. Hoje se você passar na conveniência do posto, lá em cima, você acha um artesanato, você vai no hotel da Cirene (Hotel Serra Geral) que é mãe do dono do Casarão, na tia Naninha, você consegue achar um artesanato. Nesses aí, eles compreenderam o que é o turismo, que podem viver disso e que podem gerar emprego e renda para o município em função disso. Para que isso se desponte mesmo, precisa de um número maior de pessoa da comunidade empresarial e da comunidade como um todo. Para fazer um turismo bacana, a comunidade tem que internalizar e o que a gente sofre muito, é que o próprio morador, ele acha ruim o turista porque dá movimento para a cidade, traz bagunça, mas ele esquece que o turismo faz gerar emprego e renda. E, por mais que seja difícil, tem sido muito bacana, porque a própria comunidade tem se começado a despertar, tem vários professores, historiadores que entenderam o projeto e dissemina isso dentro das escolas. E, a maioria que participa da suça e da capoeira, são jovens, são alunos, são crianças que entenderam a proposta do projeto e hoje praticam (essas danças). E normalmente é difícil você ver criança se interessar por suça, e em Natividade, as professoras das escolas que participam do projeto junto com a gente, e destaca muito aí a professora Verônica. Eles conseguiram introduzir isso nas crianças. E o Sebrae, o que a gente fez para valorizar eles? De vez em quando você pega esses meninos e levam lá para Palmas, já foram até lá na UFT, uma vez levamos eles em Pirenópolis, eles já foram em outros estados fazer apresentação. E eles ficam tudo empolgadinhos, pra manter a cultura aí. E quando o turista vai, esse produto, Vida de Natividade mesmo, cada apresentação que é feita, aquele valor que o turista paga é rateado entre eles. Eles não ganham muito dinheiro, mas o dinheirinho que entra, eles ficam alegres e felizes de tá gerando renda com uma atividade que eles gostam de fazer. E o que é a dificuldade nossa com relação ao turismo religioso, porque o turismo religioso ainda é internalizado ali como algo que pode ser feito só durante o período do festejo e não é. Não sei se está funcionando agora nesse período de pandemia, mas a gente tinha conseguido com que a Igreja São Benedito, porque ela é tombada também, ficasse aberta para que o turista pudesse visitar, o museu também era fechado o tempo todo, a gente conseguiu fazer com que pelo menos dia de semana, ele ficasse aberto, e parece-me, não sei se ainda tá, os guias cadastrados eles tem acesso ao museu nos finais de semana, não sei se ainda tá tendo ainda. Mas tudo isso a gente tinha incentivado. A prefeitura não tinha condição de manter um funcionário no museu, mas poderia liberar para um guia, todo capacitado, todo instruído porque tem toda uma questão dentro do museu que não pode tocar, não pode pegar. Aí, a gente tem feito tudo isso para que o turismo seja vivenciado lá o tempo todo e não só na época do festejo. Porque na época do festejo, a gente entende que é um período

curto, aonde eles deixam de ganhar muito dinheiro porque é só naquele período ali. E o que a gente incentiva é: aproveite o festejo para convencer o público que vem na época do festejo que ele pode vir em outra época, fazer outro tipo de turismo, inclusive o turismo religioso, visitar com calma o templo lá, a igreja, entender a história de como foi construída, em que época foi construída. Então, tudo isso é contado.

O Sebrae também fez um trabalho com os guias locais e a historiadora Simone Camelo formatou um curso e já demos esse curso para umas três turmas lá em Natividade para os guias e a gente estava em fase de estruturação para ministrar esses cursos para todos os professores de Natividade. Um curso da história verídica de Natividade, porque cada um acaba contando para o outro, aí tem muito caso, tem muita coisa que não existe. E a Simone fez esse trabalho, escreveu tudinho, fez a apostila e o material e já ministrou várias vezes esse curso, por ela mesmo, para que todos os guias, quando fossem guiar um turista contasse a mesma história, de fato verídica. E todos esses trabalhos a gente fez nesse longo desses anos e tem gerado.

E, em função desse trabalho aí, o pessoal da Netflix foi gravar em Natividade, gerou muito movimento, além daquela novela que teve que gravou um pouquinho lá na dona Romana e tudo isso ajudou.

6 – Então, lá no Bonfim a Igreja não está muito preocupada com a perenidade do acesso ao Santuário, no caso?

No diálogo que a gente teve na época com eles, e por vezes é a visão do padre que está ali gerindo, o interesse deles era na época. Por quê? Porque eles preparam o povoado para o festejo e é isso que a gente acha triste, porque não sei se você já teve oportunidade de ir lá quando não é festejo: é jogado às traças, não tem nada, é cheio de mato. E como é a igreja que faz a gestão daquilo ali, a Igreja que gere mesmo, não é a prefeitura não. Ele não tem interesse em gastar e manter limpo, aberto e funcionando. Meio que morreu ali. Porque o interesse nosso era que fosse aberto o tempo todo para o turista vim visitar, entender a história e vê como funciona. Hoje no Senhor do Bonfim não tem esse turismo periódico, na cidade, já tem. Com muita luta, já tem. Agora com essa pandemia que tá parado, mas no ano passado vendeu muito pacote para escolas mesmo, escolas de Palmas iam muitos alunos participar desse turismo aí de vivência, e no caso dos alunos de Palmas, era histórico mesmo para eles aprenderem a história do Tocantins, e Natividade é uma das que mais contam a história do estado.

7 – Na sua visão, Natividade tem potencial para o turismo religioso? E o que precisa melhorar?

Tem muito potencial e eu entendo que precisa de mudar um pouco a mentalidade, tanto da classe empresarial ou os potenciais empreendedores, aí entra o artesão, todos os empresários da cidade como um todo e também mudar um pouco a visão dos líderes e gestores de entidades. Como por exemplo, os gestores públicos, a prefeitura até que tenta, mas precisa muito investir nisso, e uma cidade para vivenciar o turismo, ela tem que está bem identificada, né? Deveria ter painéis de entrada, todos os monumentos deveriam ter uma placa muito bem explicada, as ruas deveriam ser identificadas, deveriam ter setas dentro da cidade indicando onde é isso, onde é aquilo. Entra a questão de mudar a mentalidade do empresário, de abrir fora de horário, e entre tudo isso, aproveitar as oportunidades para vender seu produto, além dos entes e aí entra, o ente municipal com a prefeitura e a secretaria de cultura e turismo, e a própria Igreja, a Igreja ter uma visão de que o turista pode ou até mesmo um fiel da Igreja vai poder ter acesso ali em toda época do ano. A própria Igreja poderia fazer, porque a Romaria não é só em agosto e incentivar a pessoa a visitar lá o monumento, o templo e até para a Igreja era mais fácil arrecadarem. E pode ser feito algum trabalho nesse sentido que o fiel vá lá em qualquer época do ano, visitar, deixar esmola para a própria Igreja e conhecer. E daí precisaria ter uma estrutura para receber ele mesmo: restaurante, artesanato e tudo ali para ter um rodízio, mas há toda uma questão ali do Senhor do Bonfim, pois eles não permitem construir, não pode fazer hotel, não pode um monte de coisa

porque é proibido pela Igreja. Aí fica difícil de investir lá e qualquer um empresário poderia querer investir lá, mas é proibido pela Igreja, não pode. Tem toda uma tradição lá. Pode até parecer uma certa visão míope, mas eu não vou dizer míope, porque para quem é religioso, a parte religiosa influencia muito e por vezes a própria Igreja pensa assim, “não, aqui não é comércio, aqui é só questão religiosa, é devoção, não é qualquer comércio”. Então, eu acho que por isso que eles bloqueiam toda essa questão do comércio.

8 – Mas cobram para os barraqueiros se instalarem lá. E caríssimo.

Justamente, e por isso, eles poderiam ter uma visão que ao invés da Igreja arrecadar só nesse período do ano, eles poderiam ter a possibilidade de ter outras arrecadações em épocas diferentes. Nos chegamos a projetar, mas não foi ainda com eles, mas no futuro possa ser que a gente leve, queremos levar eles em alguma cidade onde já vivencia isso, foi feito um trabalho em uma cidade em Goiás, em Trindade, onde eles viviam mais ou menos igual o Senhor do Bonfim e hoje eles já têm uma visão diferente. E aí é uma realidade próxima daqui, seria bom onde você já foi, em Portugal, talvez em Roma, mas levando ali em Trindade, já dá para eles ter uma visão diferente. E Trindade, eles já movimentam em todos os períodos do ano e não mais só na época do festejo. Esse projeto, parecido com esse, que a gente queria introduzir ali para os festejos que tem tanto em Natividade como no Bonfim. Mas daí tem uma barreira que é a Igreja. E lá hoje, a pessoa gosta da festa, porque a pessoa não vai só por causa do sagrado, aí a noite o pessoal extrapola em festa lá e daí tem que vir dormir em hotel em Natividade e tem um percurso ali de quase 30km de rodovia e é BR, aí a pessoa farreia a noite toda e vem dormir em Natividade, e vem no perigo danado, porque se ele quiser dormir no Bonfim, é uma dormida desagradável, tem que ser em uma barraca ou algo do tipo. Uma das coisas que é interessante a visão da Igreja tem lá, é porque assim, se liberar para todo mundo, deixa de ser um povoado e acaba crescendo demais e aí eles não têm interesse no crescimento e desenvolvimento de lá. Não sei se é medo do próprio povoado se emancipar, não sei não. Mas tem potencial sim, hoje Trindade recebe gente de todo mundo, em toda época do ano, e não só na época do festejo de lá. E também tirar a visão de que não é só questão religiosa, mas também a questão histórica e cultural, porque ele é centenário já. Hoje tem muitas barreiras lá, mas já evoluiu muito de quando a gente começou, evoluiu muito mesmo. O pessoal do Casarão mesmo, já oferece uma comida mais bacana, e já começam a ter uma visão já diferenciada mesmo do tratamento do turista. O foco nosso do Sebrae, a gente tem tentado disputar na comunidade o interesse deles investir e deles evoluírem nesse processo de transformar isso em negócio. Porque, querendo ou não, as grandes empresas vão engolindo e vão se infiltrando nesses lugares. No Jalapão foi assim, infelizmente hoje, quem ganha dinheiro no Jalapão é todo mundo de fora, a maioria das agências que operam lá, são agências renomadas a nível nacional e até internacional, souberam do Jalapão, vieram para Palmas, montaram base em Palmas e hoje opera no Jalapão. Aí, o nativo lá começou a ganhar dinheiro, mas aí ele ganha, por exemplo, enquanto uma agência consegue tirar quase R\$ 3 mil reais de um turista em uma ida lá, o dono de um atrativo ou de um restaurante, fica com R\$ 30,00. Mas eles estão feliz, porque não ganhava nada e agora tá ganhando alguma coisinha, mas eles teriam potencial para ganhar o que a agência tá ganhando e eles não ganham e aí fica nisso. E em Natividade, não só em Natividade, mas aqui na região das Serras Gerais como um todo, o trabalho que a gente tem feito, é justamente tentar mostrar para o empresário, para o empreendedor local, que tem um potencial enorme, que dá para ele investir nisso, e que se ele não fizer isso, vai vir um de fora e vai investir e vai tirar a possibilidade dele ganhar e ter que viver refém do outro. E já tá acontecendo. Hoje já tem alguns municípios que estão vindo empresas de fora fazer investimento. Do ano passado para cá, infelizmente, algumas pessoas que estavam mais motivadas, desmotivam, aí começam outras, mas agora mesmo esse ano eu recebi umas ligações de empresários de fora querendo investir lá em Natividade e quando isso normalmente acontece, e é o que normalmente a gente não quer. Isso é bom porque o empresariado local começa a perceber que estão vindo de fora

ganhar dinheiro aqui e a gente poderia tá ganhando. Por exemplo, o pessoal dos ourives, foi luta para eles abrirem a vida deles para o turista vivenciar ali porque eles queriam só produzir e vender. E a gente mostrou para eles que além de só produzir e vender, eles terem um ambiente ali que desse para receber o turista minimamente. Porque o ateliê deles era horrível, não tinha como receber ninguém porque era tudo bagunçado e é normal esse pessoal de ourivesaria ou o artesão que mexe com artesanato ali, normalmente o ateliê deles é bagunçado mesmo. Dá para ser organizado ou se não dá, monte um cenário organizado só para receber o turista. E foi uma luta nesse processo aí, justamente para que isso fosse feito, e aos poucos a gente tem tentado convencer eles.

Apêndice S – Entrevista XVIII

Entrevista XVIII

Nome: Adalho dos Santos Horta Camelo Filho

Idade: 39 anos

Naturalidade: Natividade/TO

Entrevista: 12 de junho de 2020

1 - Nome completo, idade, cidade de origem, cidade em que mora, vínculo com a festa do Divino em 2020 e quais vínculos já teve em outras edições da festa. Adalho dos Santos Horta Camelo Filho, 39 anos, Natividade -To, moro Natividade-To, festa 2020 ajudando os despachantes das 3 folias como fui festeiro como Capitão do Mastro 2019 fica mais como um compromisso anos seguinte e de formas e ajudas todas as folias e integração com todos os dois festeiros, em 2018 fui despachante de folia que teve Giro para Gerais e outras todas tive participação direta com as folias e ajudando internamente com os festeriros.

2 - Como você define o sentimento que teve pela transferência da Festa do Divino para 2021? O sentimento é de muita gratidão, muito amor, muita devoção, sentimento de missão cumprida e vê a fé que esse povo tem pelo Divino Espírito Santo, e a fé que eles depositam nos festeiros escolhidos por sorteio para desempenhar o cargo de capitão do Mastro do Divino. E assim, sendo mediador de uma festa que teve muito amor, muita devoção, e aquela gratidão de você tá compartilhando com o próximo festeiro do ano seguinte, e vê que foi uma festa que foi conduzida por todos os devotos porque os representantes do cargo é só mediador na festa né? O sentimento mesmo é de gratidão mesmo.

3 – O que faltou? Eu acredito que não faltou nada não. Foi tudo feito dentro da programação, dentro do que foi programado. O povo aceitou ajudar uma proposta de unidade, de compartilhamento, porque o foi permitido esteve ao alcance de todos, compartilhamos ideias e compartilhamos tudo, né? Eu acredito que não faltou nada.

4 - Considera que a realização de alguns ritos sagrados, nos dias que seriam as festividades, foram importante para o fortalecimento da sua fé? Ajuda muito, principalmente no domingo de Pentecostes, mas primeira fase, que os escolhidos passam por esse momento, né? Que é a realização dos sorteios quando é conduzido pelos procuradores da sorte, dando credibilidade a um acontecimento que já é hierárquico. Não sei de quanto tempo é que a leitura da sorte envolve todos os fieis no decorrer de uma missa, né? Porque é na celebração de Pentecostes que é escolhidos os dois festeiros do ano seguinte. E é um dos ritos principais da festa, onde todas as emoções afloram e envolve família de quem foi escolhido, amigo de quem foi escolhido como festeiro e também da comunidade que está presente, que vê ali na leitura, um dos principais ritos ai que mostra a, como eu vou falar, a democracia da festa né? Deixando bem claro a todos que é um sorteio, não é uma escolha aleatória. E depois dentre outras, tem várias né? Ai tem as saídas das folias, que é no Domingo de pascoa, que é o pontapé inicial para a festa e aí vêm os 40 dias de giros que são conduzidos pelos que levam a palavra aos sertões, aonde acontecem o Giro. Tem também a quinta-feira da hora, que é a chegada das folias, que é um marco, que a comunidade da região, todo mundo sabe, e vem receber com muita gratidão e muita fé receber os manifestadores da fé (foliões), receberem de volta com a missão cumprida e concluída. E ai a festa vai sendo conduzida até o reinado do mastro e o reinado do Divino.

5 - Você considera que mesmo que apesar do distanciamento social, as pessoas/devotos queriam estar presentes no momento de celebração? Os fieis, mesmo sabendo da dificuldade em fazer e realizar, muitos e muitos mandando mensagem perguntando: “ah e a missa vai ter? Como nós vamos fazer? Não pode deixar de ter”, mas com o entendimento de alguns, viu que o momento não era fácil, mas mesmo assim alguns fieis que frequentam a igreja teve uma

combinação junto com os festeiros, que foi designado para o ano seguinte, que tinha que fazer alguma coisa. Aí, conseguimos fazer alguma coisa na igreja, na saída das folias, com as chegadas das folias, e também até para a celebração da missa de Pentecostes com pouca gente, um grupo restritíssimo, mas todos se sentiu representados, mesmo não estando presente, aquele clamor no coração querendo estar presente, mas o evento foi feito e todos se sentiram representados em nome de poucos que tiveram a oportunidade de estar presente.

6 - Qual a sua expectativa para a festa de 2021? A expectativa é das melhores, ainda mais depois de um momento tão difícil que passamos, que estamos passando ainda. A devoção dos devotos do Divino, os percussores da fé, os que guiam a festa todos esperançosos na espera de um ano, que seja mais forte, que a festa vai voltar com tudo: com maior numero de devotos, com expectativa total. Todo mundo esperando e dizendo “ah, o ano que vem será um ano diferente”. Vai ser uma no de espera porque não tivemos esse ano, mas dobramos no ano que vem. Que seja um ano melhor, esperamos melhores condições, melhores momentos, mas agora é esperar. A expectativa é muito grande.

Apêndice T – Entrevista XIX

Entrevista XIX

Nome: Maria do Bonfim P. Nunes Castro, Tia Bonfim.

Idade: Não informada

Cargo: Professora e ministra da Eucaristia do Santuário do Senhor do Bonfim

1 - Como é o dia a dia aqui no Bonfim?

Essas casas aí ficam tudo habitada na época da festa, geralmente é do pessoal de Natividade e daí eles vem, mas agora fica só umas 30 famílias, não é? O pessoal tava passando calamidade aqui, tudo sem água e foi agora.

2 - E aquela parte da missa campal?

Lá no campo tem mais ou menos uns 15 a 20 anos lá. O Ataídes que deu essa nova.

3 - Como era vir para o Bonfim?

Antigamente tinha os cipós, e eu já dancei muito nos cipós. No mato mesmo, o Senhor do Bonfim fazia um arco e o povo limpava embaixo e não caía. E ficava embaixo dele. Eu dancei muito forró debaixo desses cipós, aqui fazia casamentos comunitários e fazia muita festa nos cipós, então cada um já estava lá esperando no cipó para fazer a comemoração. O Bonfim foi desenvolvendo e o povo não entende. E é aquela história de dizer que o padre tá desmanchando, “não gente, paciência, nós temos que nos evoluir”. Já pensou se hoje tivesse cipó cheio de cauí, como tinha?

4 - Como a senhora vê que pode evoluir o turismo religioso aqui no Santuário?

Olha, se tivesse uma pessoa que tivesse condição de fazer um restaurante aqui, porque aqui o problema maior é a comida. E tem que anunciar. Pode vir na Romaria e quiser descansar, abre as redes debaixo dos paus. Eu acho que se as pessoas entrar, interagir e montar uma estrutura para o povo que passa aí nessa BR, às vezes quer encostar e às vezes se tivesse uma estrutura como um hotel ou alguma coisa, eles encostava, né? Quer entrar e não sabe se tem, porque as vezes a gente vem com fome né?

Apêndice U – Entrevista XX

Entrevista XX

Nome: Padre Leomar Sousa da Silva

Idade: Não informada

Cargo: Reitor do Santuário do Bonfim

Entrevista: 4 de outubro de 2020

1 – Como o senhor avalia o cenário atual do turismo religioso?

Hoje o turismo religioso tá muito em voga, não digo moda, porque moda passa rápido, mas é algo que tem surgido e isso não é novidade em países mais velhos, como Europa e vivem do turismo, como França e Itália que tá desesperada com essa Covid, países que vivem do turismo, turismo de toda natureza. Então, nós aqui estamos principiando, mas é algo que vai acontecendo que a gente não pode também fechar os olhos. As fontes e recursos para nós, às vezes tem, mas é tão difícil de acesso porque quando se fala que é para a Igreja ou para isso ou para aquilo.

(Há problemas com a eletricidade na comunidade, transformador que explode e queima o mato seco, alguns eletrodomésticos das pessoas queimaram)

Eu não sonho em ir no rio quando é na festa do Bonfim porque eu não tenho tempo. Mas eu vou dizer para o povo não ir, no tempo seco desse? Agora ir para fazer coisa errada é outra coisa. Eu digo, vão lá tem água boa, sombra.

2 - Quantas famílias moram aqui?

Ontem aqui nós somos em torno de 28 a 25 famílias, têm mais casa do que família. Porque mesmo na vila de casas, tem casa de pessoas que moram fora. E ainda mais que o pessoal que mora aqui, é resquício de moradores antiquíssimos, que as famílias foram ficando, os mais velhos foram morrendo, tão todos ali plantados, tem um cemiteriozinho ali, né. Agora mesmo, no tempo desses, morreu a mãe de Manezinho, mas ele já tava idosa, e ela falava “olhe minha mãe tá plantada ali, meus avós estão plantados ali, eu quero ir para o mesmo lugarzinho”. E eu falava “não, vá para Natividade”. E ela: “Não, é ali”.

Bonfim, eu vi mais ou menos, como é que dá o nome do documento antiguíssimo, há mais de 200 anos que já cita Bonfim. Bonfim é muito mais velho que a Diocese de Porto, como um lugar assim para o povo rezar, não é esse Bonfim de hoje. É do povo rezar. Então, o Bonfim é antigo. Jornalista tem muito disso de perguntar porque isso e porque aquilo e perguntam porque aqui? Uai, mas pra Deus, não tem porque, Deus escolhe e pronto. Eu sempre digo assim, Deus escolhe, escolheu porque é distante, imagine Bonfim há 100 anos atrás, a dificuldade que tinha. Eu venho aqui, eu sou de Porto, desde que eu era menino, eu fiz 53 anos, tenho uns 40 e tanto de Bonfim. Aqui eu conheci aqui na frente, mangueiras, coqueiros, que aqui na frente tinha mangueiras e coqueiros, mas morreram. Ali antigamente, o pessoal utilizava água, embora a dificuldade da água tinha um córrego aqui salombrine, porque tem o Salombrão, água para beber o pessoal ia buscar nas tropas no rio. Então, tudo, lavar roupa, lavar louça tudo era mais ou menos aqui e era tudo manualmente.

3 - E o senhor conhece a Romaria desde quando?

A Romaria quando eu a conheci, ela era aqui na praça, aqui na frente da Igreja. Lá no campo já deve ter uns 20 anos. Mas eu acho que deve ter porque nós não demolimos o antigo, eu não sei

se no antigo tem alguma data, porque tem o antigo que também não reformei. Tem o antigo do lado de lá que eu não desmantelei, o piramidal. Aquilo ali não é nem católico não. O arquiteto, ele tinha aspirações místicas e com natureza. O próprio batistério aqui, que eu já falei: Monsenhor Johatan, muito culto, eu não sei como ele deixou construir uma obra dessa aqui, quase sem serventia pra nós, porque se tivesse construído nos moldes, mesmo que fosse um caixão, a gente usaria como auditório, usaria como isso, como aquilo, da forma que tá aí, a gente praticamente não utiliza. Deve ter sido muito caro para fazer, foi na época do governo Avelino, ele deu algumas obras para Bonfim e naquela época a lei era mais flexível, se podia. E ele deu algumas obras para o Bonfim. Mas aí quem faz o projeto, eram os arquitetos do estado, entende?

Então, o Bonfim é velho. Tá caminhando para uma modernização, mas a passos lentos, porque quando se tem capital, se tem investimento. O pessoal pensa assim: “ai, o Bonfim”, e chega aqui e eu presto conta, todo ano, para o pessoal saber o que é que entra. E a minha primeira Romaria, na nossa entrada aqui, foram R\$ 340 mil reais, mas o gasto aqui é alto. Eu tô indo para seis anos aqui. Comecei em 2014 a 2015, por aí assim. Então, o pessoal pensa assim, o Bonfim dá milhões e milhões, o padre enrica. A fama que tem é que o padre enricou, mas isso aqui não dá para enricar não. Porque, por exemplo, teve a Romaria e quando eu assumi aqui, minha primeira preocupação foi para com os romeiros, levar rede de água porque o povo vinha buscar água em um chafariz que tinha aqui assim, já até desmantelaram o chafariz. Porque gente que tá lá longe, então nós levamos lá no cipó.

4 - Mas tem a questão das áreas de mata e como fica?

Mas no fundo, a gente não destruiu não. Porque perto de gente, calor de gente é que nem galinha no mato, então, com o tempo aquelas árvores foram, por exemplo, hoje é proibido cortar uma árvore aqui dentro. Ontem mesmo eu falava para o pessoal, “olha, as áreas abertas, como estacionamento, essas áreas abertas, a máquina vai vim, vai gradear as áreas abertas, vocês plantem abóbora, aqui é bom disso, plantem abóbora, plantem quiabo, plantem maxixe, só não plante a cultura que quando chegar na época da Romaria vai precisar do terreno e vai ter que tirar. Eu falava para eles, crie as galinhas de vocês, é o prazer que a gente pode ter, pra quem tem. Eu tenho um projeto de ajudar eles nesses trabalhos, que é uma área social da Igreja. Porque aí fora no mundo, já tá difícil trabalho, imagina em um povoadinho desse que não tem assistência de nada? E nós temos outro porém, nossos poços artesianos estão secando. Todo ano, nós contratamos uma empresa, ela vem na época da Romaria, um mês mais ou menos. Ela fica tirando água dos poços, temos poucos, mas temos. Então essa empresa vem mais ou menos em julho e puxa água. Tem uma rede velha de água do rio, nos botamos uma bomba, pagamos para a empresa, ela faz toda a purificação da água. E neste ano não foi diferente, mesmo sem a Romaria, a empresa veio, nós renegociamos os valores porque a bomba e o material não era o mesmo, mas quando terminou a Romaria, foi embora e desligou a bomba. E a água pro povo nos poços? Não tinha. Aí me liga: “o povo tá sem água”, aí eu “gente, eu não sou prefeito, nem governo não, gente!”. Mas daí eu vim! Uma calamidade. Eu voltei e falei para Celio que não tenho condições, falei com a prefeita e ela disse que “eu tô correndo para comprar material”. E eu disse: “Prefeita, eu conversei com o Erivaldo e não vai sair”. Erivaldo é a pessoa responsável pela aquisição do nosso material. E conversei com ele e não vai sair com menos de 4 a 6 meses porque tem a licitação. Ai falei para ela: “façamos o seguinte: eu já tomei a iniciativa, Erivaldo já vai montar pra mim a bomba, já vai comprar e em sete dias ele me disse que tá instalado e a prefeitura fica com a responsabilidade de assumir a conta de luz, porque a conta de luz fica em torno de R\$ 1.500 por mês”. Da bomba da água, porque lá tem o transformador. E 20 dias de consumo, eu vou pagar uns R\$ 800,00, antes de transferir para a prefeitura.

(Rapaz entra e nos convida para almoçar)

Nós temos um costume, que suspendeu por causa da pandemia, mas eu perguntava assim, “quem veio pela primeira vez na Romaria de mês?”. Ai levantava a mão e eu falava, olha, você que veio pela primeira vez, deixa eu lhe ensinar a norma, você que veio pela primeira vez, comerá de graça na casa do padre com todo mundo. Agora você que já veio a segunda vez já sabe da norma. Ao sair de casa, tem que trazer uma Maria Isabel ou se quiser traz um frango, traz um peixe, moço, o que quiser trazer. Então, o pessoal traz, nos partilhamos a mesa, ele faz e o pessoal chega e já entrega lá na cozinha e faz para umas 20 pessoas. Pessoal entrega e na hora dá uma panelada, pessoal come que sobra. Agora nesse tempo de pandemia, eu dei uma suspensão.

5 - Como fica essa questão dos gastos?

Voltando no assunto, eu começo e não termino. Por exemplo, nós fomos criar a estrutura porque tava tudo velho e comido. Nós fomos estender rede de água, fomos botar de luz, padrões. A Energisa exigiu que não ligaria para ninguém se não tivesse padrão. Aí o Santuário, sentou com a Energisa, negociou para três a quatro anos, e todo ano botando uma quantidade de padrão. E cada padrão nosso, por isso quando estoura um padrão, não é um padrão comum, cada padrão tem 15 ligações. Aí você pode olhar por aí, tá tudo cheio de padrão. Nós já concluímos o que assumimos com a Energisa. Iluminamos o estacionamento tudo, então isso é alto. Como nós fazemos? Fazemos na fé. Todo ano a gente deixa uma certa economia, no mês de julho a gente começa os trabalhos, são 20 a 30 homens trabalhando aqui 30 dias, ganhando diária. Hoje deve tá uns R\$ 60,00 a diária e com a alimentação nossa.

Aqui não tem esgoto, tem que se fossa séptica. Então, todo ano era um sofrimento com limpa fossa. Antigamente, o Governo estadual participaria de igual para igual com a Romaria. Hoje, o Governo do estado não quer participar com nada. O que o Governo do estado tem ajudado conosco é com a força de segurança, que isso é obrigação. A lei diz que onde tem mais de 5 mil pessoas é dever do estado. Então nós tivemos que fazer fossa para todos os banheiros, fossas com sumidouros porque nós, não aguentava mais o preço dos caminhões limpa-fossa. Aí, fizemos fossa de 6 metros de comprimento por 8 a 10 de ‘fundura’. Tudo com parede de cimento, pedra canga para os sumidouros. Então, nos primeiros anos a gente fez isso. E a gente sempre fez o seguinte: paga o que pode antes, aí os demais a gente vai aguardar a Romaria. O Célio (auxilia na organização da Romaria) teve um ano que ficou desesperado, porque até certa altura o débito era tanto e ele falou “padre”, “meu fi, você não é homem de fé não? Quando tempo viu, que Deus fez provar?” E, no final deu tudo certo. O pessoal que vem trabalhar conosco, ela aqui sabe, chega em torno de umas 60 pessoas. Só a cozinha com a limpeza da Casa Paroquial são em torno de 12 a 15 pessoas. E os padres vêm, então cada um que vem, diferente dela que é ministra da Eucaristia, e a pessoa que vem de fora, ela tem uma remuneração. Aí, quando você termina, como no primeiro ano, uma entrada de R\$ 340 e R\$ 200 mil foram de despesas. Aí, durante o ano, as entradinhas são de missa mensal, como essa. As vezes o pessoal vem e deixa no pé no santo, então nós pega, temos funcionários aqui que a gente mantém.

6 - A igreja fica aberta todo dia?

Todo santo dia a Igreja fica aberta essa parte de visitação, das 6h da manhã às 20h. Na rampa, essa parte da porta, fica aberta das 6h até... E, nós temos um casal que toma conta, ele é muito bom, pessoal muito bom. Então deixa isso aqui aberto (a rampa lateral de acesso) das 6h às 8h da noite.

7 - E sobre a campanha que foi lançada no ano passado (2019) para ajudar o Santuário?

Para você vê como são as coisas, as coisas são tudo complicada porque a igreja entra no hall de associação e até hoje eu nunca consegui abrir uma conta da Caixa, porque a Caixa não abre conta para associação. Aí, eu deleguei o Padre Jackson e Célio para resolverem isso porque primeiro você tem que fundar uma associação e segue passos. Por fim, você tem que registra-la no Cartório, então demorou e só agora que ela ficou pronta. Aí nos abrimos conta no Banco do Brasil, no Bradesco, e não sei se tem outro banco não. Quem cuida disso não sou eu. Eu até falei para o Padre Jackson, olha no regimento e estatuto da associação, eu quero clausula que garanta que amanhã, a associação não seja objeto de disputa fora da igreja, que ela não seja tomada do Santuário e usada para o proveito próprio. Aí eu falei para o advogado, que tava confeccionando, coloque uma clausula ai que, a Diretoria da associação, sobretudo a presidência, passaria aquiescência da Reitoria do Santuário, não necessariamente seria o Reitor, mas passaria por ele. Por exemplo, votaram em fulano de tal, leva para o Reitor, o Reitor disse “sim” ou disse “não”, faça nova eleição. Para que amanhã, não chegue pessoas fora da igreja e quer ser presidente da associação. Aí quando foi eu falei para o padre, quero o senhor assuma nesse primeiro momento a presidência, mas leve lá para o pessoal, convoque assembleia geral. Ele marcou a assembleia geral e por unanimidade o povo o indicou. Aí ele falou “e o tesoureiro?”, aí o povo foi indicando, eu não faço parte da diretoria, mas eu acompanho de perto. Todo mês eu quero prestação de contas, porque eu quero a prestação de contas, porque eu imprimo uma e a outra mando para a Diocese. Entende?

E, na hora que investir os recursos que tiver, eu quero que o diretor, o presidente da associação, a diretoria da associação sente conosco para ver quais as necessidades para poder aplicar o dinheiro naquilo é de fato necessidade. Então, agora na pandemia, se viu a necessidade de comprar aparelhos para transmissão das nossas missas.

8 - Eu já ia perguntar para o senhor sobre esse assunto. Como foi?

Então, na pandemia nós usamos toda a tecnologia que tivemos ao nosso alcance e nós trouxemos primeiro foi internet. Não tinha. É na dificuldade que a gente busca refrigero. Pagamos em torno de R\$ 8 mil reais para instalar internet aqui, nós temos aquela torre da OI ali, nós temos uma antena que ele pode usar, assinamos um contrato, ele comprou isso, que ele pode usar para botar internet para o povo do Bonfim. E o povo do Bonfim segue o ritmo da cidade. Então é um contrato dela (associação) com o provedor. Agora nós temos internet aqui no Santuário, e então nós já pudemos usar, na época da Romaria, o Instagram, Facebook, Youtube, tudo tava conectado, as rádios e tudo tava conectado. Então, na época da Romaria nós temos 100Gb para sustentar tudo isso. Ainda agora, nós não tínhamos aparelhos e nós tomamos emprestados de paróquias que já tinham. Agora nós vamos investir nesse campo, porque não dá mais para voltar atrás. Então nós vamos investir e vê quanto a gente tem, primeiro vê o que se tem e um orçamento. Agora esse pessoal que nos ajuda aqui, graças a Deus, no dia a dia, tirando nosso casal de zelador, no dia a dia são voluntários. Meus músicos são de Dianópolis, o Santuário dá só a gasolina.

9 - Então, nós temos aqui nas missas, no tempo normal, sem se a Romaria, vem pessoas de vários lugares?

De vários lugares, de todos os lugares. E vem muito quem se identifica com o padre do dia que reza, entendeu? Por exemplo, tem gente que diz assim “eu vou para missa do padre Leomar”, tem gente que fala “eu vou para missa do padre Jackson”, outras “não, eu vou para do Monsenhor Jones”. Aí eu falo para eles, a gente não briga porque cada um tem seu povo. Agora vai vir mais um outro para o segundo domingo. Porque é assim: eu no primeiro, monsenhor Jones no terceiro e o padre Jackson no quarto domingo e o segundo ficava sem ninguém. Daí, agora vai vim, e

quando foi a pandemia, os padres deixaram de vir, mas eu continuei vindo, atendia três a quatro pessoas, mas nunca deixei de vir. Agora os padres estão pensando em retornarem. O padre Jackson já retornou no domingo passado, ao quarto domingo.

10 - Com relação às transmissões das missas, como o senhor avalia para as próximas Romarias?

A gente vai ter a presencial, o povo ali presente, mas a gente também o online para aqueles que por ventura não puderem vir ou para a gente chegar mais longe. Entende? Porque você sabe que hoje, a comunicação ela atravessa fronteiras. Este ano, por exemplo, dia 15 tinha multidão, e a gente falava no microfone [inaudível], mas aí quando terminou, aqui na frente da igreja a gente não passava de tanto aparelho para a gente chegar nisso. E tinha um menino que cuidava do medidor, de ver quantas pessoas, pegava, por exemplo, quantas pessoas estiveram assistindo a missa. No dia do Senhor do Bonfim ele chegou e disse assim “Padre, mais de 100 mil pessoas estavam assistindo a missa”, pelas redes sociais, pelas rádios, então muita gente. Pessoas as vezes que, para você ter uma ideia, no dia do Senhor do Bonfim a noite, depois da missa das 19h que eu rezei, a gente teve uma live, e hoje tá todo mundo fazendo live e nem precisa ser profissional. Você não precisa ser técnico naquela área porque a beleza da live é você mostrar a forma natural como você é em casa. Porque lá na televisão você tem que aparecer maquiadinho, não sei aquilo, aí entra e corta. E na live não tem isso. Nós conversando: era eu, monsenhor Jones, padre Jackson, mas olhe, quando a gente tava aqui eu via pessoas que residem hoje em Londres, assistindo e mandava alô. E tinha, por exemplo, casais de amigos que moram nos EUA, assistindo. Então, cada um de nós, então as pessoas de longe, olhe onde elas estão, e isso não diminui isso cresce. Nós não devemos ter medo do novo, devemos enfrenta-lo sem perder a identidade. Porque muitas vezes a gente acha que para e para. Ser jovem, você pode ser jovem em espírito. Se você tem o espírito jovial, que aceite a mudança, que aceite a evolução, eu não gosto muito da palavra mudança, gosto da evolução, da transformação, porque isso é natural do tempo. E isso é natural do tempo. A gente não tem que ter medo e nem ter medo do outro, de outro ocupar o seu lugar porque cada um de nós tem o seu lugar.

11 - Então o Santuário ter essa abertura mais para a comunicação e para a internet e chegar no mundo todo?

Agora, aqui a cidade mais próxima é Natividade e depois a mais próxima é Conceição, é o quê, uns 70 km? E devido ser longe, talvez dificulte mais o povo a vir. Mas o povo fala, “mas Trindade”. Trindade está em um centro urbano! 20 km de Goiânia (GO) e tanta cidadezinha ao redor, eu conheço Trindade, conheço ao redor de Trindade, eu morei em Goiânia muitos anos. Aí eu Trindade nasceu e cresceu dentro de cidade, aqui não cidade. Esses casarões ficam fechados o ano inteiro, aí chega alguém e fala assim “ah que quero”, lá de Palmas, de Porto. Esse dia uma mulher me ligou, não sei de onde e ela ficou meio chateada porque eu falei. “eu quero um terreno para construir uma casa aí”. Eu falei “pra que? Pra ficar abandonada o ano inteiro? Pra vir aqui, dois dias e três dias no dia do senhor do Bonfim.”

12 - E um hotel?

Aí temos outro problema, pois poderíamos ter um hotel aqui, uma pousada, mas ninguém vai querer investir em um lugar que só funciona em um período. E como nós estamos tratando de turismo religioso, eu vejo, por exemplo, ali na beira do rio, se o dono ou o proprietário fizesse chalés, daria para fazer uma pousada e é bem aqui. E a estrada não tá boa não, deu um chuva boa

e estragou a estrada. Mas, se houvesse esses chalés, olha aí você vai lá e tá separado com sua família e quando você vai lá tem muitas famílias acampadas.

Julho, julho e na época da Romaria aqui houve decreto municipal, e eu tive que falar para a polícia “olhe, vocês vão de lá debaixo até a ponte e vão mandando o povo pra casa”. Sejam educados, mas mande o povo pra cada porque tava alto o índice de covid. Eu soube depois que 3, 4 e 5 pessoas que vieram com Covid aqui e sem saber, mas não gerou a transmissão aqui. Você entendeu?

13 - E a última pergunta: o Bonfim está preparado para receber investimento de infraestrutura ou seria mais prudente ir devagar, um passo de cada vez? E também seria falta de interesse da iniciativa privada? Outras pessoas se interessarem em investir ao redor?

Eu vejo o Bonfim, e se a gente voltar lá na história uns 300 anos. Aqui era distante de tudo e de todos. Deus quis usar o deserto, passe por lá e chegue até [inaudível], o tempo de deserto é o tempo também de namoro, e eu sempre digo para os fiéis que Deus usou da distância para nos aproximar, aproximar Dele e nos aproximar dos outros. Porque na época da Romaria, se você vê o afeto. Nós aqui na Romaria, quando eu digo nós, eu tô me colocando na condição deromeiro, não de ser aquela pessoa que é responsável pela romaria. Como nós nos tornamos tão sensíveis, eu chego aqui no Santuário, eu me torno emotivo, eu não sou emotivo. Eu chego aqui e qualquer coisa do Santuário eu tô com emoção a flor da pele, aquilo me recorda isso, aquilo me recorda aquilo, um badalo de sino me recorda menino, lembro quando a barraca do meu povo ficava bem aqui perto do pé de manga. Então, assim é a história do nosso povo tocantinense com o Bonfim daqui. Então, para o povo tocantinense, de Porto, Gurupi, tipo assim, as circunvizinhanças, então tá muito entranhado. Ai eu digo assim: uma coisa ajuda a outra, porque o progresso é fruto de muita coisa. E eu digo, olha, de repente não temos um fluxo maior de pessoas devido a infraestrutura, faltar infraestrutura. “Ahh, mas eu quero ficar um dia no Bonfim, eu quero ir um dia no Bonfim, me falaram que é tão gostoso na época do verão”, às vezes o povo também sente isso. “Mas, eu vou pra lá ficar onde?”. [inaudível] Veio uma família para ficar naquela casa ali e ela disse “Padre foi maravilhoso, como passou rápido”. Então, por exemplo, quem gosta um pouquinho mais de aventura, pode vir para o contemplar o religioso e ao mesmo tempo para o lazer, mas faltando infraestrutura, e que a pessoa quer um pouquinho de conforto também. Tem pessoas que falam: “Nam, não quero conforto. Conforto eu tenho na minha casa”. Tem um desembargador aposentado que fala não padre, eu vou para o Bonfim, ele é muito religioso ele, é muito amigo, ele fala assim, eu não vou para o Bonfim pensando em comodidade não, se fosse por comodidade eu não saia da minha casa. Ele acampa lá debaixo do pé de manga. Ele fala assim: “essa época de Bonfim Padre, pra mim, é a melhor época. De eu voltar às origens, de eu me reencontrar com as origens, o tempo pra mim aqui, esse tempo pra mim aqui, é eu me reencontrar”. Então, tem gente que vem pra cá e quer isto, mas outras pessoas as vezes quer ter isso, mas também quer ter aquele outro lado. Entende? Talvez se tivesse uma pousada, um espaço, um restaurante. Aí fala eu vou ficar três dias, um exemplo, eu vou sexta e volto no domingo, mas lá tem um lugar onde eu me hospedo, onde eu como, durmo, vou a Igreja e rezo, vou ao rio e tomo banho, e isso fora de festa. Porque no período de festa não adianta ter pousada ou não ter pousada, e muita gente vem e fica comigo. A pessoa vem com amigo meu, já se torna amigo e já no outro mês volta, sendo meu amigo. Entende? E eu digo, pode vir porque tem minha casa, tem outra casa ali, minha casa tem muito quarto, tem outra casa ali, se precisar, tem essa casa de acolhimento aqui. E eu falo para eles, tragam as coisas pessoais, por exemplo, lençol, toalhas, essas coisas e se vocês vão querer assar carne, vocês tragam a carne de vocês. Então eles vêm e trazem essas coisas que vão usar, menos arroz e óleo, essas coisas, sabe? Aí vão assar

carne, isso não é responsabilidade minha. Querem macarronada, vocês trouxeram as coisas? Então vocês vão lá e façam. Então, eu não me preocupo com cozinha, só no dia de hoje porque o povo vem e vai embora. Querem comer? Fogão tá aí, a cozinha tá aí, a prataria tá aí, os talheres tão aí, então, eu não vou ficar preso no lugar de ninguém não. As vezes tem alguém que vem no Bonfim e achou maravilhoso e fala “padre posso vir no outro final de semana?”. Pode. Mas na época da Romaria não pode porque esses espaços são todos ocupados com força de trabalho. Tem dia que tá lotado aqui, ali. Agora com a covid que deu essa diminuída, e nem eu quero também. Antes da Covid, fantástico! Padre, posso tomar minha cervejinha? Pode desde que você não gere problema. Porque se gerar problema, vai ficar proibido de voltar. Então as pessoas vêm e eu não me importo não. Tranquilamente. Já teve dias de eu deixar aqui e avisar, se precisar tem lá onde a polícia fica que é grande, vai lá e abre, se precisar tem uma casinha ali, vai lá e abre.

(Falatório sobre abrir restaurante no Bonfim)

Então, se alguém quiser sentar conosco, a gente vai formular bem o contrato, um contrato de como é que isso vai se dá, sentar para a pessoa não achar que é dono! Entende? Aí, vou passar para doutor Paulo, que é um grande amigo que ajuda a Romaria, cozinha de mão de cheia, advogado cozinheiro de mão cheia e rápido. Então, aí no caso, tem que ser alguma iniciativa privada que desejar, que venha, eu sento e converso. E vamos ver direitinho. Eu lembro quando o Rio das Pedras começou, você lembra da casinha de palha, era um barracozinho de palha e com o tempo é que eles foram construindo aquela estrutura que hoje se tem, depois ampliaram. Eu acho que as pessoas que querem, elas tem que ter visão de futuro e não imediatista, porque quem é imediatista e não consegue resultado logo, ele se frustra e desiste. A decepção o faz fazer como os discípulos de Emaús, como o jovem rico que mesmo com a mão do Senhor, mas também o Senhor fez pra ele uma proposta muito severa de vende tudo que tens, dê aos pobres e me siga. Aí eu falei, oh Senhor, o senhor foi muito duro com ele, porque não foi devagar?

E outra coisa, o poder público não muito aí pra isso não. Porque você sabe, grande parte da Europa velha vive do turismo e a pessoa que vem aqui, ela vai e para ali em Natividade e faz suas compras porque quer acampar aculá. Muitas vezes o poder público não passa nem uma máquina naquele lugar ali.

14 - E o caminho dos Romeiros?

Existia um projeto do DNIT que eu ajudei a construir de uma estrada de romeiros muito bonita e decente. Aí no começo deste ano, um mês, dois meses antes da Romaria.

(Padre levantou-se dando por encerrada a entrevista e fomos almoçar)

Apêndice V – Entrevista XXI

Entrevista XXI

Nome: Fernando Torres

Natural: Goiânia - GO

Idade: Não informada

Formação: Guia de Turismo

Cargo atual: Guia

Entrevista: 03 de setembro de 2020

1. Qual o principal objetivo da ATTR?

Entidade classe sem fins lucrativos para representar as empresas de Turismo com objetivo de organizar, fortalecer e estabelecer uma identidade que representa as empresas associadas vinculadas ao trade turístico a fim de dar todo suporte as empresas associadas de turismo.

2. Pelo que se têm observado, o foco das políticas públicas do governo do Tocantins (e isso se confirma se analisarmos gestões anteriores) é investir em turismo de aventura e ecoturismo?

Bem o estado não tem investido em nenhum segmento por políticas públicas as ações em grande maioria e realizada pela iniciativa privada.

3. Você acredita, enquanto representante da ATTR, que a partir da elaboração de políticas públicas para o turismo (de uma forma geral) será possível impulsionar o turismo na região das Serras Gerais?

Sem dúvidas o potencial do estado é muito grande não apenas para serras gerais mas ilhas e lagos, o norte do estado são regiões lindas.

4. Alguns atores como Sebrae, universidade e instituições de ensino, governo e os municípios tem se mobilizado em torno da promoção do turismo nas Serras Gerais. Como você avalia isso?

Toda divulgação é importante para impulsionar uma região em desenvolvimento

5. Você acredita que o turismo em Natividade tem aumentado? O que tem contribuído para isso?

O turismo em Natividade tem em uma péssima gestão municipal sua maior dificuldade para o crescimento, comparado com outros atrativos na região Natividade recebe um número muito pequeno.

6. Conhece as festas religiosas de Natividade, neste caso, a Festa do Divino e a Romaria do Bonfim? Já esteve presente em alguma delas?

Conheço, já estive nas duas.

7. Você acredita que Natividade possa ser destino de turismo religioso?

Sim, o potencial desse destino para o turismo religioso é muito grande, tendo as maiores festas nesse segmento no estado

8. O que falta em Natividade para que seja um destino de turismo religioso?

Políticas públicas que atenda os agentes envolvidos dentro e fora do município o principal é fazer entender que o turismo é uma engrenagem onde todos trabalham juntos

9. Você acredita que o ecoturismo possa incentivar o turismo religioso ou vice-versa? Ou são ramos muito diferentes?

O destino pode ser promovido de várias formas e bem sim possível incentivar um com outro. Desculpa e que tentei falar pela associação!! Porque pessoalmente meu posicionamento é outro!!! Natividade não vai pra frente pelos zóio grande da Jocirene. Lá é difícil justamente por essa

pessoa dona do hotel serra geral, dona de um restaurante, ela quer monopolizar tudo. Eu mesmo deixei de ir com escola pra lá por isso. Ela retalhou a dona naninha do biscoito. Triste a situação. Era dona da única agência que tinha lá.

Eu mesmo, a gente faz turismo educacional nas escolas, para sair de Palmas, a gente faz o seguro de viagem, daí eu saía daqui com as crianças para passar um dia e ela me cobrava na faixa de 35 reais por aluno lá, que seria mais um seguro durante o dia lá e o guia, para você ter uma ideia. Então, se eu levasse uma turma geralmente de 30 a 40 alunos, ficava muito caro, você repassar isso para o aluno, porque era um pacotinho de 150 com almoço e com tudo, era um valor estratosférico, e bati muito nisso com ela, discuti muito isso e hoje Natividade tá morrendo, principalmente com as empresas de Palmas por causa desse posicionamento dela a frente dessa gestão municipal de querer monopolizar as coisas e quando eu fui com as crianças ela queria que eu tomasse café no restaurante dela, almoçasse com ela e fizesse tudo com ela. E eu bati o pé que não, que o café da manhã era a Tia Naninha, almoçava em outro restaurante e pizza no final do dia, bastando ficar com ela apenas a taxa de visitação porque era então a única empresa que tinha na cidade.

Ela é dona do hotel, montou uma agencia, então todo passeio que tinha na cidade tinha que passar por ela. Não sei como ela foi na diocese e pegou a chave da Matriz, da igreja dos pretos lá em cima (Igreja São Benedito) e tinha que pagar uma entrada e a diocese não recebia nada. Até hoje eu não entendi como funcionava isso, e o filho dela é dono de um restaurante. Então, ela tentou monopolizar o negócio todo.

10. Faz tempo esse monopólio todo? Na época das festas religiosas vocês faziam passeios?

Até o ano passado, o último grupo que a gente levou foi em setembro de escolas e aí a gente não fez mais, e aí veio a pandemia. E durante os festejos não porque a cidade fecha tudo, Natividade transfere tudo de atividades dela econômica de loja para os festejos e a cidade fica deserta na época dos festejos do Divino. Todo mundo que tem comercio vai para festa do Divino para tocar o comercio lá, então não é um turismo religioso preparado para receber como origem de destino. Ah, vamos chegar em Natividade e vamos tocar para o festejo. Natividade não tem nada. Tudo é fechado durante a festa do Divino, você não encontra nada. Agora você sabe quem atrapalha porque ela interferiu na política, ela foi atrás do prefeito para fazer essa lei do município de ter somente guia da cidade, de empresa. A gente tem um grande problema porque a gente é guia regional do estado, então quando a gente ia, ela queria cobrar que a gente contratasse um guia, um guia não, um condutor né? E foram as vezes que discutia com ela, pois tá errado, a gente é guia regional, é guia do estado e a gente fez o curso para Natividade também e não te lógica a gente chegar aqui e contratar um condutor. E ela falava que aqui se vocês quiserem entrar na igreja vão ter que me contratar porque senão ela vai ficar fechada e tá tudo bem, a gente visitava por fora. E acabou perdendo um monte de espaço por isso, a maioria das empresas acabou tirando Natividade do roteiro por causa dela, por causa dessa postura dela. E a gente já trabalha há uns 6 anos com escola, a gente teve escola que pediu para tirar do roteiro justamente por causa disso e aumentava o gasto, mas eu fico a disposição, para qualquer coisa que você precisar.

Apêndice X – Entrevista XXII

Entrevista XXII

Nome: Vitória Pinto de Cerqueira

Idade: 46 anos

Natural: Natividade/TO

Formação: Curso Técnico em Secretaria Escolar

Atua como assessoria e consultoria na área da cultura e agricultura em Chapada da Natividade/TO; Na festa do Divino organiza a Missa do Capitão do Mastro desde 2015.

Entrevista: 10 de abril de 2021

1. Você ficou na cultura na gestão passada? Foi só por um período ou a gestão toda?

Na cultura em Natividade, foi uma ideia que eu tinha há muito tempo, quando eu fui Conselheira Tutelar de 2011 a 2016. Então, como Conselheira Tutelar eu fiz um levantamento no município do que tínhamos para crianças e adolescentes e também eu coloquei os idosos. Porque a pessoa quando chega a uma certa idade, ela se torna uma criança também. Então eu fiz essa pesquisa, o quê que o município tinha, para criança, adolescentes e idoso na questão de cursos, estrutura e foi ai que eu descobri que na Biblioteca Municipal, como todos conhecem, lá tinha um Centro de inclusão e o centro funcionava muito bem e eu fui pesquisar um pouco sobre o prédio. E no decorrer, eu descobri que ali era a Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira, filha de Natividade e uma escritora. Que as pessoas de Natividade conhecem como Biblioteca Municipal. Então na gestão de 2009-2015, eu apresentei um projeto, mas ele não interessou muito. E eu guardei para mim, quando foi em 2019, eu conversei com a prefeita, porque ali ficou abandonado quase cinco anos, já estava abandonado o prédio e aí eu conversei com ela, se ela poderia me dar essa oportunidade de estar revitalizando, dando vida a essa casa, a esse prédio que estava abandonado. E foi onde ela me colocou lá, aceitou a ideia e me colocou como assessora de cultura, mas o meu objetivo era só fazer a revitalização da Casa Amália. E mediante isso foi que eu entrei para a pasta de cultura de Natividade.

2. Então, você entrou lá em 2018?

Em 2019. Fiquei um ano e dois meses.

3. E enquanto assessora de cultura, você conseguiu fazer essa revitalização? Tinha mais alguns pontos na cultura que você percebeu que tinha que mudar? Como você avalia essa tua passagem?

Muito pouco né? Na cultura de Natividade, precisa de muita coisa ainda. A cultura ficou aí uns 5 a 6 anos, 5 anos praticamente parado. Quatro anos ela estacionou mesmo. O Conselho Municipal não funcionou, o Conselho Municipal de Cultura e foram várias coisas que não deu andamento nesses últimos quatro anos. Em questão a Casa de Cultura, o qual eu fui para fazer a revitalização, até que consegui avançar, né? E criei uma parceria com o Sebrae também, porque eu também respondia pela Sala do Empreendedor, uma reestruturação para fazer a feirinha, que é uma feira cultural no Centro Histórico da cidade e também o festival de inverno, que o Sebrae apresentou um projeto e eu sugeri um festival de inverno para Natividade, na véspera do aniversário, que é dia 1º de junho. E durante esses cinco meses eu também tive que fazer, a limpeza do ambiente, que estava realmente muito deteriorado, com cupins e a gente. E assim, na Casa de Cultura era eu e eu mesma, não tinha auxiliar de serviços gerais e isso foi muito difícil. Aí eu consegui ajuda com uma parceria com os reeducandos da cadeia pública do município para fazer essa limpeza pesada. E durante esses cinco meses, nós fizemos isso. E com o Sebrae a gente criou esse projeto e quando foi em janeiro, que era para dar andamento, janeiro de 2020 foi quando começou a pandemia e logicamente todos os projetos foram parados, não deu para dar

continuidade. Mas a reestruturação da Casa avançou. Durante o 2020, a gente fez a restauração do prédio, pintura e tudo muito respeitando tudo junto com o Iphan, fizemos novamente a jardinagem, nós temos uma jardinagem no fundo, um jardim. E fizemos algumas reparações nos quadros que é do projeto de Simone Camelo, que é a Galeria de Gestores, como todo mundo conhece com a Galeria dos Prefeitos. Ele foi inaugurado em 2016, já bem no final de 2016, mas aí foi inaugurado em um prédio que é um prédio, uma escola que depois foi cedida para o Fórum, aí desocupou e todos achavam que seria para o município o prédio. Ai depois que inauguraram essa galeria lá, o prédio não era do município. Aí teve que voltar para o seu dono, que era uma associação e a galeria teve que ser desfeita. Então, armazenaram os quadros de mal jeito, que muitos quadros se deterioraram. Aí nos fizemos essa reparação de quadros, para levar essa galeria lá para a Casa de Cultura que vai ser composta pela Biblioteca Municipal, a Galeria de Gestores, a outra sala de documentários e a outra, vai ficar o Centro de inclusão digital pra pesquisa, alguém que queira ficar lá na Casa de Cultura fazendo pesquisa.

De 2017 até 2020, o que avançou foi a questão de turismo no município porque os próprios comerciantes tocavam só, mas há muito tempo, a gente tem dificuldade com os gestores municipais com apoio para a cultura, principalmente para os prédios municipal.

4. E é uma cidade histórica né? E como é sua relação com festa do Divino e a Romaria.

A festa do Divino é assim até emocionante, quando fala. É uma festa, um momento de muita fé, durante aí quase 50 dias. Eu desde sempre, estou envolvida na festa, antes eu participava na confecção dos bolos, porque minha mãe é boleira, né? Ela fazia, hoje não faz mais, minha irmã que herdou dela esse dom, ela fazia os bolos pra vender e na época aqui da festa, dependendo do festeiro, ou seja, o capitão do mastro ou o imperador, o que fosse mais próximo da nossa família, sempre confeccionava os bolos na nossa casa, na nossa residência, onde nós temos a oficina. Então assim, Todos os anos tinham ou era o imperador ou era o capitão, um desses confeccionava os bolos. E ali, o momento mais gratificante. Inclusive quando eu tive o meu segundo filho, eu tava de resguardo, na minha mãe, e são soltados muitos fogos quando tá ali, muitas mulheres, homens e são muito animadas. E cantam versos e contam histórias, e vão amassando os bolos ali. E os fogos são muitos! Eu tava com cinco dias que eu tinha ganhando neném e alguém sempre gritava “cuidado, tem mulher de resguardo! Vai quebrar o resguardo!”. Mas não é, eu poderia quebrar o resguardo por tá ansiosa e está no meio. Essa festa sempre está na nossa família, é uma festa muito bonita, uma festa de fé. Então é um trem que não tem explicação para quem participa sempre e está ali desde sempre.

E, em 2014, o meu sobrinho Douglas Tavares Pinto, colocou o nome dele na sorte, agradecendo uma graça, que a mãe dele teve câncer na mama e teve a cura. Foi um momento muito forte pra gente, porque a gente teve medo por ela, por ela ser uma pessoa muito assim, nervosa. E tivemos medo dela não conseguir reagir, né? Mas graças a Deus ela teve a cura. E ele colocou o nome dele em 2014, ele quis fazer essa festa para agradecer o Divino Espírito Santo, pela cura da mãe dele. E ele colocou no sábado. E em 2014 mesmo, que tinha pessoas que tinha lá mais de 5 anos, 6 anos na sorte, nunca eram sorteados. E quando foi na Missa de Pentecostes, no domingo na missa, ele foi sorteado. Então, foi menos de 24h. Deus deu essa benção para nós e deu essa resposta para ele mesmo, que realmente, a gente tava agradecendo e ele vocês estão no caminho certo. Então, a partir daí, eu comecei e organizei a missa dele, a solenidade no dia da festa dele, e através disso eu já assistia a missa do Capitão do Mastro e tinha vontade de dar algumas ideias, mas eu sempre falava, que quando chegar na minha família. Aí eu falo, porque dá palpite na festa dos outros... E Deus deu essa oportunidade pra gente, né? E aí ele foi festeiro e eu mudei algumas coisas. E desde 2015 pra cá, sempre eu organizo a missa do Capitão do Mastro.

5. E que mudanças foram essas?

Porque tinha um momento que o Capitão do Mastro faz aquela entrada, todos normal. Mas no segundo momento, que é o momento do ofertório, o Capitão do Mastro e Rainha saía novamente pra fora da Igreja para entrar com as cestas e a família com outros ofertórios que foi produzido para servir na festa. E eu achava um pouco errado, porque no momento que você entra pra dentro da igreja, você tem que ficar até terminar a missa, né? A primeira mudança foi na festa do meu sobrinho Douglas, aí eu entrei com essa cesta junto com meu filho, e eles desceram só o altar, porque o nosso altar tem três a cinco escadas. Ele só desceu até ali, ele recebeu junto com minha irmã e entregou para o padre. Então, daí pra cá, de 2015 até 2019, foi realizado dessa forma a Missa do Capitão do Mastro. E no momento do ofertório, a gente sempre coloca os sete dons: meninas representando os 7 dons com vinho, uva, pão. E cada ano muda a forma delas entrarem e fica uma coisa marcante. Então, todos os festejos de 2015 pra cá, me convidam para fazer essa parte e eu ajudo na ornamentação da igreja, ajudo a Dona Adília que é uma pessoa que tô aprendendo muito com ela, né? Ela tem um conhecimento muito grande e precisa ser transmitido, porque nós não sabemos o amanhã. Então eu tô aprendendo muito com ela e quero aprender muito mais com fé em Deus.

6. Têm poucas pessoas a frente da cultura em Natividade, você viu nisso uma forma de pensar mais na frente de quem vai repassar?

Sim. Inclusive eu tenho ideias, coloco no papel, esse momento tá difícil, dois anos assim. Mas eu tenho fé em Deus que vamos passar por isso, a gente tem a Simone, tem a Dona Adília, temos Dona Zeza, temos o padre Johatan que tem muito conhecimento, só que as escolas estão focando um pouco nisso também. Então, a gente precisa ter um momento assim, de simular uma festa com esses jovens, trazer esses jovens pra essa cultura, nós estamos precisando fazer isso. Então, inclusive essa Casa de Cultura, eu pensei muito em revitalizar ela, exatamente para isso. Porque lá nós temos um espaço maravilhoso, temos cantinas, temos um espaço todo climatizado, para que o jovem tenha esse espaço lá. Inclusive, em 2019, depois que eu fiz a limpeza geral, as escolas já estavam levando seus alunos para lá, os alunos já estavam indo para lá fazer pesquisa, ensaiavam peças de teatro da escola, já estavam buscando esse espaço. Essa Casa de Cultura é para deixar aberta para esses jovens, pra gente trabalhar neles a cultura de Natividade. Hoje nós temos pessoas que não estão mais fazendo parte do Giro, mas ele sente importante, se ele passar isso para o jovem com suas palestras e com seus conhecimentos. E isso já está sendo feito um pouco na escola. Nós do poder público do município, da cultura, temos que oferecer isso para os jovens. E a gente tem grandes parceiros aí, tem pessoas que querem se doar, sem cobrar nada. E cultura é isso. Cultura é na verdade, praticamente pessoas voluntárias.

7. Você acha que a Festa do Divino é atrativa para turismo?

Sim. Na época que se dá a festividade, a Semana Santa, a cidade totalmente muda o movimento, circulação de muitas pessoas. É muito gratificante na época da festa e na época da Romaria do Senhor do Bonfim, a gente andar pelas ruas da cidade e vê tantas pessoas na rua tirando fotografia dos casarões, das igrejas, e isso pra gente é muito gratificante. A cidade nossa não para, mesmo durante a pandemia, sempre tem gente na rua tirando fotos, registrando, outros até pesquisando. Então assim, tem potencial, muito potencial sim para o turismo religioso. Na época da festa do Divino que se dá na sexta-feira, sábado e domingo é encantador. A nossa festa aqui, nós temos a Comarca, tem promotores de fora, que vai fazendo a circulação e vem em um período e depois vai e vem outro período, a nossa juíza que chegou para Natividade em 2013 e está até hoje em Natividade, a primeira festa do Divino que ela participou foi de Douglas em 2015. Douglas foi lá e convidou ela. Hoje ela é participante, é romeira da festa, contribui, traz a família toda na época da festa, e fica na festa da Missa até 4h da tarde. A festa tem almoço, têm bolo e ela participa de tudo no meio do povão e isso pra gente é muito gratificante. E na última festa do Capitão, eu encontrei com o Promotor que estava aqui na época, ele veio só fazer uma audiência

porque o outro estava de férias, como o analista dele já morava aqui e participava, levou ele até lá no dia de socar a paçoca. Ele ficou encantado com aquilo, foi lá em Gurupi, buscou a esposa e voltou no outro dia, hospedou e ficou. Ele ficou encantado quando eu fiz a sacolinha de bolo, e coloquei todos os tipos de bolo pra ele. E ele “isso aqui é de graça?”. Eu disse: “É! O Divino Espírito Santo que tá te dando!”. Ele ficou encantado. Então, são muitas pessoas que vem e conhecem a festa, e em 2019 mesmo, teve quatro rapazes que a mãe deles mora em Natividade hoje e eles vinham pela primeira vez. Ficaram encantados em saber que aquilo tudo: o churrasco era tudo de graça. Uma festa imensa, mais de não sei quantas mil pessoas e ali recebendo tudo na mão.

Eu não aproveito tanto da festa do Capitão, eu sempre vou mais cedo porque minha prioridade é a missa do Imperador.

8. O que falta ainda para Natividade entrar nos roteiros de turismo religioso? Tanto para a Romaria do Bonfim como para a festa do Divino.

Tudo que se faz na cidade do interior, a comunidade é mais acomodada e tudo espera pelo prefeito. Espera muito pelo gestor municipal. Porque se fosse em outra cidade, as pessoas mesmos, a comunidade alavanca esse turismo. Já que nós vamos falar a realidade do nosso município: o gestor, o padre, o bispo tudo isso contribuiu e todos ganham. Então, o que falta é isso, falta as pessoas pensarem em rede, as pessoas se juntar. Aqui o turismo está bom, mas precisa melhorar muito ainda. Porque a cidade, nós temos praças, temos recursos para isso e não foi feito porque? Porque o gestor não teve esse olhar, não despertou para isso. Quando o turismo alavancar bastante, o gestor pode perceber o seguinte, que o fluxo de pessoas que vai depender do dinheiro municipal, vai ser menos. E o prefeito empreendedor, ele tem que despertar na comunidade, buscar a aptidão que ele tem para sustentar ele mesmo, sempre precisar de emprego público. É isso que nós estamos precisando! E nós temos o Sebrae no município, o Sebrae é muito parceiro e nossa, eles têm vontade de trabalhar a nossa cidade, a nossa região Sudeste e em Dianópolis. Eu estive com eles, estou e continuo com eles. Então, o que falta é isso. E também, a comunidade despertar pelo potencial que o município nosso tem e dar valor no que nós temos! Poucas pessoas são valor, se você chegar, poucas pessoas sabem muito sobre Natividade. Poucas!

A questão da Romaria aí, eu participei, porque e olha, eu tô em tudo! O Sebrae fez um, eu não recordo o ano, mas acho que foi em 2014 ou 2013, por aí, eu não recordo o ano. O Sebrae tentou entrar na Romaria e não teve sucesso, porque onde tem muito dinheiro, ninguém quer que o outro entra. E a nossa Romaria precisa de mudanças, muitas! Nós não temos estrutura, a missa, eu fico muito triste porque as nossas missas, é doído! Precisamos sim de fazer uma penitência, mas não, né? Sendo que a gente pode ter um espaço melhor. Mas aí ficam esperando que venham do Governo Federal, do Governo Estadual. E eu acho que essa questão aí, pesou um pouco quando foi fazer esse planejamento do Estado, porque o Sebrae também faz parte, né? Mas só que, eu acabei de dizer pra você, pra isso acontecer, precisa de tá envolvido o bispo, o padre e o gestor, se não fechar com essa rede, vão sempre perder. Quem tá perdendo? O município, a Romaria também tá. Da maneira que ela começar a se organizar, já vem 20 mil, vai vir 50! Porque muita gente chega, não temos hotel lá na Romaria, lá poderia se tornar uma cidade com tudo, com toda a infraestrutura e Romaria o ano inteiro. E eu acho triste essa nossa Romaria não ser durante o ano inteiro. Em 2019 foi falado e tá acontecendo aos pouquinhos, e um dos padres que está a frente mesmo, é o Padre Jackson, ele tem o espírito jovem, ele gosta muito desses momentos de grupo de oração, de acampamento, já teve acampamento lá. Inclusive um grupo de jovens de Natividade, foi eu que criei, com a benção de Deus. Começamos esse grupo de jovens e tivemos um acampamento na Romaria do Senhor do Bonfim, mas ai, o que que acontece, que durante o mês já temos três missas porque antes era só uma. Tá faltando completar as quatro porque ta

precisando de um padre. Já tendo essas missas, durante três domingos ao mês, já vem muitas pessoas, mas está faltando informações as redes sociais, mas tá vindo, pouco, mas tá vindo. Então, o que precisa é isso, porque lá tem o presidente da Romaria, né? É um padre e o padre Jackson tá doido para pegar essa presidência porque ele quer fazer essa mudança. Eu não me envolvo ainda muito. Minha mãe ainda é ministra, tá lá dentro, e a gente vai participante. Ela é ministra, ela vai todos os domingos, mesmo com a pandemia ela não deixou de ir. Ela tem 73 anos, mas todo domingo tem que ir cumprir, e os netos levando.

9. Para finalizar, quais as tuas perspectivas nessa pós-pandemia, porque agora as cidades terão que se mobilizar para levantar a economia. Esse seria o momento da cidade acordar?

Aqui em Natividade mudou muita coisa que essa pandemia, na questão de atendimento, eles estão mais dedicados aos clientes. Durante essa pandemia, em Natividade, foi criado mais um espaço no Centro Histórico, que é o Beco Gril, que é da Sabrina. E assim, agora ali no entorno do Centro Histórico estão muito bom os comércios, tem bares, restaurantes, estão bem arrumadinhos mesmo, bem organizadinho, e eles focaram no *delivery*. Então, os turistas estão gostando, quem chega e fica no hotel, visitante e viajante, tão gostando, a gente tá ouvindo. Eles pedem e chega no conforto com rapidez. Mas assim, eu to acreditando nessa nova gestão, até porque Simone tá dentro, dessa vez tá, porque durante quatro anos a Simone ficou fora, fora entre aspas, porque mesmo assim ela não importa, e o que importa pra ela não é a pessoa que tá ali, é o município, é a cultura. Tudo que precisa de informações, ela passa. Então, a Simone tá ali a frente. Então, eu acredito que vai mudar muita coisa, nessa gestão e eu já tive com o prefeito Tiago, e ele falou pra mim que pode ficar despreocupada que a cultura é Simone e é tudo com Simone. Tá bom. Só que assim, uma coisa que eu fico chateada, eu falei pra ele, falei para Simone e falo pra você, é que eu não concordo com o Secretário de Cultura ser de outra cidade, não concordo. Porque a cultura nossa tem uma raiz, e a raiz vem de muito tempo, não é só chegar, pesquisar, é sentir e ter amor. E na nossa cidade, tem muitas pessoas que podem estar a frente da cultura, né? Porque um secretário de cultura, ele precisa pelo menos conhecer as pessoas daqui e não conhece. Na gestão passada tive grande dificuldade com essa pessoa também, que veio para ser secretário de cultura, que veio de lá, e igual você falou, se vier de cima pra baixo, muda tudo. E eu tive grande dificuldade, por isso que não foi concluído a revitalização da Casa de Cultura, porque ele queria fazer de um jeito e eu sabia que aquilo não era assim. Até então, ele foi embora e até hoje poucas pessoas sabem que ele passou por lá. Então era eu que as pessoas sabem que estive lá. Mas ninguém sabia que eu estava lá só por um produto, né? E acham que era pelo todo.

10. E sobre esse Centro de Atendimento ao Turista? Que eu já fui inúmeras vezes em Natividade e nunca vi.

Então, tem o recurso para esse projeto. Temos esse recurso. Já foi direcionado, se não me engano, pela Katia Abreu, não vou confirmar, mas foi por ela mesmo que foi destinado. Já foi destinado esse local, o espaço fica ali próximo a Igreja do Espírito Santo. Então, o Centro não foi construído, tem o projeto, tem tudo e tem o recurso. Até dezembro de 2020 tinha! Daí pra cá eu não tenho informação. Mas esse recurso não vai voltar assim não, até porque, mediante a pandemia ele não tá sendo usado, mas não existe ainda. Tem no papel. No papel tem e a planta é muito bonita. É bem na entrada da cidade, né? Foi desapropriado um loteamento, e é pra ser ali. Agora não sei, depende também desse novo gestor, pode haver mudança. As informações que eu tenho é isso. Mas nós não temos esse Centro de Apoio ao Turista. Inclusive, na cidade não tem nem uma sala de Secretário de Cultura. Depois que organizou o ambiente lá, nessa gestão eu fui e conversei com a secretária de cultura, ela tava no Museu, e eu falei “não, vai lá para a Casa de

Cultura, porque lá o espaço muito bonito e você precisar ir pra lá, porque tem uma pessoa que tá lá, mas não é de lá e você vai”.

Eu coloquei a Casa de Cultura no roteiro turístico também, já tivemos várias visitas em 2019 de pessoas da comunidade, igreja, pessoas da escola e também estrangeiros. Tivemos a visita de um argentino e depois de um casal também de argentinos que passou por lá e, estavam vindo inclusive do Jalapão, e eles passaram lá, como estava com a reforma em andamento, eu peguei e expliquei que tava acontecendo e ficaram apaixonados e falaram que iam pesquisar sobre Amália. Porque lá leva o nome Amália Hermano Teixeira e a Biblioteca de Mestre Dr. Zacarias Nunes, porque esse mestre ensinava as pessoas de mais idade a ler e a escrever, aí a Biblioteca leva o nome dele.

Apêndice Z – Entrevista XXIII

Entrevista XXIII

Nome: Cejane Pacini Leal Muniz.

Formação: Arquiteta e Urbanista de Formação.

Cargo: Servidora pública (IPHAN/TO) e professora universitária.

1. Nome completo, idade, onde nasceu e atuação profissional?

Cejane Pacini Leal Muniz. Arquiteta e Urbanista de Formação. Servidora pública e professora.

2. Qual sua relação com as festas religiosas de Natividade?

Os festejos, principalmente do Divino Espírito Santo, fazem parte do processo de formação religiosa. A festa do divino para mim era a mais esperada do ano. Era a missa que eu mais gostava, momento de agradecer pela vida e também de pedir ao espírito santo sabedoria. Até hoje um canto da esmola me emociona.

Estas festas remetem a minha história e principalmente minha infância. Das brincadeiras no percurso do mastro, do medo da batida da caixa que já vinha folião. Até o processo de compreensão do que era a folia.

3. O que te marcou mais nessa (ou nas) participação (ções)?

Quando passava (passa) por um momento turbulento na vida, era (é) hora de invocar o espírito santo. As promessas, as promessas. Me fez recordar do meu primo que não está neste plano, mas que foi entregue ao Espírito santo durante todo o problema de saúde.

Um dos momentos que mais me marcou na festa: esmola geral pela saúde do meu primo. A esmola geral vi tanta gente pagando promessa, carregando bandeira, andando descalço. Mas o festejo que meu tio foi capitão do mastro foi bastante significativo. Momento de bastante envolvimento na festa de toda a família. Também pudemos reunir a família.

4. Você percebeu alguma mudança na cidade e nas festas em si desde quando começou a participar delas? O que melhorou ou piorou?

Estas festas passaram por processo de higienização. Separação do sagrado e profano. Na festa do divino foi retirada a distribuição gratuita das bebidas (caipirinha) e a entrada de shows principalmente na festa do capitão do mastro. A festa foi crescendo e tendo apoio do Estado. No momento que o Estado passou a não contribuir significativamente do ponto de vista econômico, a comunidade abraçou e, na minha concepção, continuou transmitindo os saberes vinculados, realizando os rituais. Na verdade, mostrou o melhor lado, festa feita pela comunidade, para comunidade. A participação social é muito grande, seja com doações e nos auxílios. Aliás, ver na visão de quem trabalha com gestão do patrimônio, a autonomia da comunidade, foi bastante emocionante.

Ainda sobre as festas o que melhorou e o que piorou: Na festa do divino vejo que ela passou por processos de melhoria, em momentos anteriores, via-se claro nos sorteios pessoas que tinha mais condições sendo imperadores, capitães do mastro. Hoje isto não fica tão evidenciado. Até porque quem não tem condições financeira consegue realizar de forma bela a festa. Outro ponto interessante é a formação de grupos para poder soltar uma folia. Sabemos que o custo é alto. Já presenciamos formação de grupos de mulheres para soltar. A festa está em constante adaptação à realidade social.

5. Você acredita na potencialidade do turismo religioso, se houvessem investimentos, acredita que poderia desenvolver mais a cidade?

Acredito que precisa ser divulgada sobre a riqueza desta festa. Que as pessoas façam turismo de experiência, desde um giro de folia. A riqueza que a festa tem lá no sertão.

A participação popular. O espírito de comunidade, de partilha que há nesta festa, isto tudo vinculado à devoção. Acredito no turismo religioso e no caso de Natividade, onde estas festividades estão vinculadas à lugares de referência, tem um potencial enorme.

6. Você como visitante e profissional da área do patrimônio, o que pensa que deveria melhorar para que Natividade se tornasse de fato um destino turístico no campo religioso?

Sobre a festa tornar um fato turístico: Investimento em um centro de interpretação desta festa. Investimento em divulgação nacional. Investimento em oficinas para transmissão de saberes. Criação de um documentário sobre a festa. Se você quiser que passo percepções sobre o Bomfim. Posso te encaminhar depois. Mas a festa do divino tem um significado pessoal maior.